

OSHO



Vislumbres de uma Infância Dourada

A Infância Rebelde de um Iluminado

OSHO

Vislumbres de uma Infância Dourada A Infância Rebelde de um Iluminado

Tradução: Rafael Blanco

Revisão: Albecy Cavalari
Lidiana Brasil

São Carlos, 2020

Título Original: ‘Glimpses of a Golden Childhood’

Introdução: Deva Abhinandan

Copyright da primeira publicação © 1985 Osho International Foundation

ISBN 81-7261-072-6

Capa: Albecy Cavalari; Rafael Blanco

Tradução: Rafael Blanco

Revisão: Albecy Cavalari

Lidiana Brasil

2020

São Carlos, Brasil

Sumário

Introdução	1	Sessão 26.....	195
Sessão 1	5	Sessão 27.....	205
Sessão 2	11	Sessão 28.....	213
Sessão 3	18	Sessão 29.....	219
Sessão 4	26	Sessão 30.....	227
Sessão 5	35	Sessão 31.....	237
Sessão 6	42	Sessão 32.....	245
Sessão 7	49	Sessão 33.....	255
Sessão 8	55	Sessão 34.....	261
Sessão 9	63	Sessão 35.....	271
Sessão 10	71	Sessão 36.....	281
Sessão 11	79	Sessão 37.....	290
Sessão 12	84	Sessão 38.....	299
Sessão 13	89	Sessão 39.....	310
Sessão 14	96	Sessão 40.....	317
Sessão 15	102	Sessão 41.....	322
Sessão 16	114	Sessão 42.....	328
Sessão 17	123	Sessão 43.....	335
Sessão 18	129	Sessão 44.....	340
Sessão 19	137	Sessão 45.....	347
Sessão 20	148	Sessão 46.....	355
Sessão 21	159	Sessão 47.....	362
Sessão 22	168	Sessão 48.....	369
Sessão 23	176	Sessão 49.....	379
Sessão 24	182	Sessão 50.....	389
Sessão 25	188	Apêndice	399

Introdução

Introdução à segunda edição revisada e expandida.

O livro que você segura em sua mão é uma história singularmente verdadeira. É uma história da verdade. Certa vez, na cidade de Rajneeshpuram, Óregon, naquela insanidade chamada América, o mestre vivo Osho foi a seu dentista.

Isso em si mesmo não é incomum. (Mesmo os iluminados têm dentes). O que é único é que o mestre fez dessa ocasião aparentemente normal um evento, outra chance de compartilhar o seu ser conosco. O trabalho dental era bastante rotineiro e, próximo do fim, Osho falava baixo algumas palavras, como se para si próprio. Devageet anotava-as.

Devageet, naquele momento, não tinha ideia do que estava fazendo. Ele não sabia que aquelas poucas palavras eram as primeiras faíscas que acenderiam um grande fogo. Mas o mestre sabia. Ele viu as palavras escritas e, no mesmo dia, convocou um encontro.

Quatro pessoas participaram do encontro misterioso: Devageet, o dentista; Devaraj, o médico pessoal do Osho; Ashu, a enfermeira dentista; e Vivek, o cuidador do Osho. Em vez do luxo muito publicado, o mestre deles estava sentado em uma sala quase vazia com piso de linóleo. Não havia mármore, nenhuma mobília de ouro, nenhum ornamento. A sala estava vazia, exceto pela sua cadeira e três baldes plásticos.

A chuva do Óregon, que a cada inverno reduz toda a terra a um grudento vale de lama, penetrara o telhado, e esses três baldes de supermercado foram estrategicamente colocados para pegar a água que pingava continuamente do teto do trailer.

Osho, é claro, estava totalmente relaxado e, ao ritmo dos pingos, gesticulou para que eles se sentassem. Ele disse-lhes que as palavras proferidas durante as sessões dentais deveriam ser anotadas e transformadas em livros. Devageet tomaria as notas. Devaraj editaria, Ashu o ajudaria a transcrever e Vivek tiraria algumas belas fotografias novas para os livros.

De todas as palavras registradas de Osho, essa pequena série de fofocas advindas da cadeira do dentista provar-se-iam as mais íntimas até o momento. Havia um tipo especial de comunhão. Por isso, essas palavras têm um sabor especial.

Diz-se que o estimado escriba teve, no início, um pouco de dificuldade em ouvir as palavras de Osho. Elas eram quase um sussurro. Um pequeno passo do silêncio. Elas pareciam vir de muito, muito longe, como se ele estivesse chamando, da grande altura que atingiu, a terra abaixo. Mesmo assim essas

palavras suaves têm toda a força, todo o poder de despertar, do belo rugido de liberdade de um leão.

Na primeira sessão, Osho simplesmente fala disso e daquilo, tecendo palavras de beleza e silêncio em uma encantadora tapeçaria de piadas e travessuras. Então ele começa a ir mais fundo na fonte do antigo mantra Tibetano *Om Mani Padme Hum*. Osho tira toda a seriedade desse tema comumente elevado e essas passagens são cheias de surpresas, energia, luminosidade e muito riso. Essas duas séries iniciais estão contidas em um único volume chamado *Notas de um Louco*.

Osho leu um número incrível de livros em sua vida e na terceira série ele fala sobre os mais estimados da sua biblioteca. A série é chamada, simplesmente, *Livros que Amei*. Essa série nos convida para também saborearmos esses livros, sermos inspirados e alimentados por suas poesias e belezas.

A quarta série ele chamou *Vislumbres de uma Infância Dourada*. De repente Osho começou a falar de seus primeiros anos, algo que até aquele momento ele não havia feito. Agora ele começava a desvelar um presente raro e maravilhoso para seus discípulos e para o mundo. Ele falou dos anos que a sua Budidade ainda era um botão.

Osho é o não-conformista extremo. Ele não se curva para nenhum credo, nenhuma doutrina. Ele é assim como um homem. Ele foi assim quando criança.

Ele não acreditava em nada com os olhos fechados: a chama da rebelião contra as tradições antiquadas, as religiões e valores ressecados, já estava reluzindo. Ele nunca teve medo das consequências. Ele seguiu o seu próprio caminho doce, sem temer o perigo, mergulhando nos rios mais profundos e perigosos, ficando só na noite mais escura.

Até mesmo os seus pais e professores começaram a respeitar essa malandragem ladina de uma criança. Enquanto as outras crianças estavam lá fora brincando, Osho foi para dentro – no sentido mais verdadeiro – para encontrar o seu parque de diversão.

Osho não teve nenhum mestre ao longo da sua vida, entretanto, encontrou muitos seres grandiosos que reconheciam, até mesmo naquela época, quem esse garoto era. Eles viram o seu potencial, a semente pronta para rebentar em flor. Este livro está recheado de histórias desses homens, o amor e o respeito deles por Osho e, em contrapartida, o seu amor e respeito por eles.

Embora essa série seja sobre o início da vida do mestre, ela não é uma autobiografia convencional de maneira alguma. Osho não só envelheceu, ele ascendeu. Quando fala da sua infância, ele não está nos dando uma lição histórica pessoal. Ele não tem máscaras, nenhuma *persona*; não há vanglória pelo que ele “fez”, nenhum arrependimento. As histórias nesse livro não estão em ordem cronológica; elas são um fluxo de consciência pura, espontânea, direto do oceano atemporal. Vocês não podem colocar a vida de um mestre na estrutura do tempo.

Quando Osho relata uma história não é nostalgia. Quando ele fala com tanto amor dos seus pais, seus avós, aqueles personagens loucos que ele encontrou no caminho, ele os traz à vida, cheios de riso, energia. Está vivo aqui e agora. Você pode senti-lo, compartilhá-lo.

Às vezes é difícil imaginar, mas tudo o que Osho faz é para nós. Ele há muito alcançou a sua realização. Ele há muito encontrou o mais profundo reino do silêncio. Não há razão para que ele fale, é *tudo* por nós.

Esse livro, esses vislumbres da sua infância verdadeiramente dourada, é apenas outro convite, um pouco mais de encorajamento para que nós também encontremos aquele espaço para florescer. O amor puro nessas páginas é simplesmente para nos dar um gosto, uma fragrância desse milagre, desse mistério da iluminação.

Essa é a segunda edição desse livro. A primeira edição foi alterada de forma sutil e não tão sutil pela editora. Mas o diamante original permaneceu impecável, as alterações feitas por ela foram retiradas, e agora ele está de volta à sua forma original.

Esta edição é mais rica. Desde a série original de discursos dados em 1981, Osho falou muitas vezes da sua infância. Essas histórias e anedotas foram agora adicionadas em um *Apêndice* ao livro – alguns condimentos extras para esse já esplêndido banquete.

Se o leitor detectar algumas alterações de estilo nesse apêndice é porque no texto original Osho estava simplesmente relatando uma narrativa da infância. Nessas passagens adicionais, principalmente de discursos, ele utiliza as histórias para ilustrar pontos específicos.

Muito aconteceu nos últimos anos com Osho e sua gente. Nem sempre foi fácil. Ele nunca disse que seria. Ele foi acorrentado, aprisionado, envenenado. Esse belo indivíduo foi tratado pelo mundo inconsciente como um criminoso, e sua saúde foi destruída. Por mais de quatro anos depois de ser envenenado e expulso da América, Osho conseguiu manter-se encarnado para continuar o trabalho com sua gente. Ele deixou o seu corpo em Janeiro de 1990, em Puna, Índia. Ali a comuna que cresceu ao seu redor continua a expandir e florescer.

Muito aconteceu, entretanto, nada aconteceu, porque ainda está acontecendo, a cada precioso momento.

Osho diz nesse livro: “Muitas vezes fiquei surpreso em como o corpo ficou velho. Mas em relação a mim, não sinto a velhice ou o processo de envelhecimento. Nem por um único momento senti-me diferente. Sou o mesmo; tantas coisas aconteceram, mas apenas na periferia.

“Então posso dizer-lhes o que aconteceu. Mas lembrem-se sempre, nada aconteceu comigo. Sou tão inocente e tão ignorante quanto era antes do meu nascimento.”

E alguns meses antes de deixar o seu corpo ele ditou essa inscrição para a cripta que contém as suas cinzas:

OSHO

NUNCA NASCEU – NUNCA MORREU

APENAS VISITOU ESSE

PLANETA TERRA ENTRE

DEZEMBRO 11, 1931 – JANEIRO 19, 1990

Se vocês aproximarem-se desse livro esperando lógica, vocês não a encontrarão. Os mestres não são lógicos. O que vocês encontrarão é vida, em toda a sua loucura, todo o seu amor, todo o seu riso!

Se vocês lerem esse livro com um coração aberto, se puderem pôr de lado o “adulto” sério, vocês também poderão ter alguns vislumbres de suas crianças interiores. Vocês também poderão começar a brincar por dentro.

Deva Abhinandan

Sessão 1

É uma linda manhã. Repetidas vezes o sol eleva-se e está sempre novo. Ele nunca envelhece. Os cientistas dizem que ele tem milhões de anos. Bobagem! Todo dia o vejo. Ele está sempre novo. Nada é velho. Mas os cientistas são coveiros, é por isso que digo que eles são tão graves, sérios. Esta manhã, de novo o milagre da existência. A cada momento isso está acontecendo, mas apenas muito poucos, muito poucos o encontram.

A palavra ‘encontro’ é realmente bela. Para encontrar o momento como ele é, para vê-lo como ele é, sem adicionar, sem apagar, sem qualquer trabalho editorial – apenas vê-lo como ele é, como um espelho... o espelho não edita, graças a Deus; do contrário nenhuma face no mundo seria capaz de adequar-se aos seus requerimentos, nem mesmo a face de Cleópatra. Nenhuma face seria capaz de adequar-se ao espelho, pela simples razão que se ele começar a cortá-lo, editá-lo, adicionar a você, ele começará a destruí-lo. Mas nenhum espelho é destrutivo. Mesmo o espelho mais feio é muito belo em sua indestrutibilidade. Ele simplesmente reflete.

Antes de adentrar a sua Arca de Noé, eu estava apreciando o nascer do sol... tão belo, pelo menos hoje – e quem liga para o amanhã? O amanhã nunca vem. Jesus disse, “Não pense no dia seguinte...”

Hoje está tão belo que por um momento lembrei-me da tremenda beleza do nascer do sol nos Himalaias. Ali, quando a neve está a seu redor e as árvores parecem noivas, como se tivessem desabrochado flores brancas de neve, uma pessoa não se importa nem um pouco com os mandachuvas, os primeiros-ministros e os presidentes do mundo, os reis e as rainhas. De fato, os reis e as rainhas existirão apenas nas cartas do baralho, de onde eles pertencem. E os presidentes e os primeiros-ministros tomarão o lugar dos curingas. Eles não merecem nada melhor.

Aquelas árvores de montanha com suas flores brancas de neve... e sempre que vejo a neve caindo de suas folhas lembro-me de uma árvore da minha infância. Aquele tipo de árvore só é possível na Índia; ela se chama *madhumalti* – *madhu* significa doce, *malti* significa a rainha. Nunca cruzei com nenhuma fragrância que é mais bela e mais penetrante – e vocês sabem que sou alérgico a perfumes, então imediatamente sei. Sou muito sensível a perfumes.

Madhumalti é a árvore mais bela que alguém pode imaginar. Deus deve tê-la criado no sétimo dia. Aliviado de todas as preocupações e pressas do mundo, com tudo concluído, até mesmo o homem e a mulher, ele deve ter criado madhumalti nesse dia de folga, um feriado, um domingo... apenas o seu velho hábito de criar. É difícil abandonar velhos hábitos.

As flores da madhumalti com milhares de flores juntas. Não uma flor aqui e outra ali, não, esse não é o modo da madhumalti, nem o meu modo. As flores da madhumalti com uma riqueza, com luxúria, com afluência – milhares de flores,

tantas que você não consegue ver as folhas. Toda a árvore fica coberta de flores brancas.

As árvores cobertas de neve sempre lembraram-me da madhumalti. É claro que não há perfume, e é bom para mim que a neve não tenha perfume. Infelizmente não posso segurar as flores da madhumalti mais uma vez. O perfume é tão forte que se espalha por quilômetros, e lembrem-se, não estou exagerando. Apenas uma única árvore de madhumalti é suficiente para preencher toda a vizinhança com um imenso perfume.

Amo os Himalaias. Quero morrer lá. É o lugar mais belo para morrer – claro que para viver também, mas em relação à morte, os Himalaias é o local supremo. É onde Lao Tsé morreu. Nos vales dos Himalaias Buda morreu, Jesus morreu, Moisés morreu. Nenhuma outra montanha pode reivindicar Moisés, Jesus, Lao Tsé, Buda, Bodidarma, Milarepa, Marpa, Tilopa, Naropa e milhares de outros.

A Suíça é bela mas não é nada comparada com os Himalaias. É conveniente estar na Suíça com todas as suas instalações modernas. É muito inconveniente nos Himalaias. Ainda não existe nenhuma tecnologia – nenhuma estrada, eletricidade, aviões, trilhos de trem, nada. Mas então, a inocência vem. Uma pessoa é transportada para outro tempo, para outro ser, para outro espaço.

Quero morrer lá; e nessa manhã, apreciando o nascer do sol, senti-me aliviado, sabendo que se eu morrer aqui, particularmente em um dia tão lindo quanto esse, tudo estará bem. E escolherei morrer em um dia que eu sentir-me ser parte dos Himalaias. A morte para mim não é apenas um fim, uma parada final. Não, a morte para mim é uma celebração.

Lembrando da neve caindo das árvores, assim como as flores caindo da madhumalti, um haiku passou como um raio...

O ganso selvagem
Não tem a intenção de lançar o seu reflexo.
A água não tem mente
Para receber as suas imagens.

Ahhh, tão belo. O ganso selvagem não tendo a intenção de criar reflexo, e a água não tendo a intenção de recebê-lo também, e, no entanto, o reflexo está lá. Esta é a beleza. Ninguém teve a intenção, entretanto está lá – é isso o que chamo de comunhão. Sempre odiei a comunicação. Para mim a comunicação é feia. Você pode vê-la acontecendo entre uma esposa e um marido, o chefe e o empregado, e assim por diante. Comunhão é a minha palavra.

Vejo a Sala Buda com todo o meu povo... apenas por um momento, como um *flash*, tantos momentos de comunhão. Não é apenas uma reunião; não é uma igreja. As pessoas não vêm até ela formalmente. As pessoas vêm até mim, não até ela. Sempre que houver um mestre e um discípulo, isso não importa – a comunhão ocorre. Está acontecendo agora, e existem apenas quatro de vocês. Talvez com os meus olhos fechados eu não possa nem contar, e está tudo bem;

somente assim é possível permanecer no mundo do incontável... e isento de impostos também! Se vocês puderem contar, então a tributação vem. Sou incontável, ninguém nunca me taxou.

Eu era professor em uma universidade. Quando eles queriam aumentar o meu salário eu dizia não. O vice-reitor não podia acreditar; ele disse, “Por que não?”

Eu disse, “Para além do que estou ganhando agora terei que pagar taxas, e odeio taxações. Prefiro continuar com o pagamento que tenho agora do que ganhar mais e ser perturbado pelo departamento de imposto de renda.” Nunca passei do limite permitido para permanecer livre das taxas.

Nunca paguei nenhum imposto de renda; de fato, não há renda. Dei para o mundo, não tirei nada do mundo. É um saldo, não uma renda. Dei meu coração e meu ser.

É ótimo que se permita que as flores não paguem impostos, caso contrário elas parariam de florescer. É ótimo que se permita que a neve não pague impostos, caso contrário ela não cairia, podem acreditar em mim!

Devo dizer para vocês que depois da Revolução Russa algo aconteceu com o gênio Russo. Liev Tolstói, Fiódor Dostoiévski, Turguêniev, Máximo Gorki – todos eles desapareceram. Entretanto, na Rússia de hoje, o escritor, o romancista, o artista são as pessoas mais bem pagas e honradas. Então o que ocorreu? Por que eles não criam mais livros como *Os Irmãos Karamazov*, *Anna Karenina*, *Pais e Filhos*, *A Mãe*, ou *Notas do Subterrâneo*? Por quê? Quero perguntar mil vezes, por quê? O que aconteceu com o gênio romancista russo?

Não acho que nenhum outro país pode competir com a Rússia. Se vocês contarem apenas dez romances do mundo, apenas por necessidade vocês terão que incluir cinco romances Russos, deixando apenas cinco para todo o restante do mundo. O que aconteceu com esse grande gênio? Ele morreu! – porque as flores não podem ser ordenadas, não existem dez mandamentos para elas. As flores florescem, vocês não podem ordenar que elas floresçam. A neve cai – vocês não podem emitir um mandamento, não podem marcar um encontro com ela. Isso é impossível. E esse é o caso com os budas. Eles dizem o que querem dizer, quando querem dizê-lo. Eles dirão, até mesmo para uma única pessoa, algo que todo o mundo gostaria de ouvir.

Agora vocês estão aqui, talvez apenas quatro. Digo “talvez” porque a minha matemática é pobre, e com os olhos fechados... vocês podem entender... e com lágrimas nos meus olhos, não porque apenas quatro estão presentes, mas por essa linda manhã, por causa do nascer do sol.

Obrigado Deus. Ele pensa em mim – embora ele não exista, ainda assim ele pensa em mim. Eu o rejeito, e, entretanto, ele pensa em mim. Grande Deus. A existência parece cuidar. Mas vocês não conhecem os modos da existência; eles são imprevisíveis. Sempre amei o imprevisível.

As minhas lágrimas são pelo nascer do sol. A existência tem cuidado de mim.

Não perguntei.
Nem ela respondeu.
Mas mesmo assim houve o cuidado.
O ganso selvagem não tem a intenção de refletir.
A água não tem intenção de refletir as suas imagens...

É assim que estou falando. Não sei como será a próxima sentença ou se ela existirá. O suspense é belo.

Lembro-me novamente da pequena vila onde nasci. Por que a existência escolheu aquela pequena vila em primeiro lugar é inexplicável. É como deveria ser. A vila era bela. Viajei por toda parte, mas nunca encontrei a mesma beleza. Ninguém nunca volta para o mesmo. As coisas vêm e vão, porém elas nunca são as mesmas.

Posso ver aquela calma e pequena vila. Apenas algumas poucas cabanas próximas de um lago, e algumas árvores altas onde eu costumava brincar. Não havia escola. Isso é de grande importância porque permaneci sem instrução por quase nove anos, e esses são os anos mais formativos. Depois disso, mesmo se você tentar, você não pode ser educado. Então, de certa forma ainda sou sem instrução, embora eu tenha muitos diplomas. Qualquer pessoa sem instrução poderia consegui-los. E não qualquer diploma, mas um diploma de mestrado de primeiro da classe – isso também pode ser feito por qualquer tolo. Muitos tolos o fazem todo ano e não tem nenhuma significância. O que é significativo é que nos meus primeiros anos permaneci sem educação. Não havia escola, estrada, linhas férreas, correios. Que bênção! Aquela pequena vila era um mundo por si só. Mesmo quando estou longe daquela vila permaneço naquele mundo, sem instrução.

Li o famoso livro de Ruskin, *Até Este Último*, e quando estava lendo-o eu pensava naquela vila. *Até Este Último...* aquela vila ainda está inalterada. Nenhuma estrada a conecta, nenhuma linha férrea passa por ela, até mesmo agora depois de quase cinquenta anos; nenhum correio, delegacia de polícia, nenhum doutor – de fato, ninguém fica doente naquela vila, ela é tão pura e tão impoluta. Conheço pessoas daquela vila que nunca viram um trem, que se perguntam como os trens se parecem, que não viram nem um ônibus ou um carro. Elas nunca deixaram a vila. Elas vivem tão bem-aventuradas e silenciosas.

Meu local de nascimento, Kuchwada, era uma vila sem linha férrea e correios. Ela tinha pequenas colinas, outeiros, um belo lago e algumas cabanas, cabanas de palha. A única casa de tijolos era a que eu nasci, e mesmo esta não era perfeitamente uma casa de tijolos. Era apenas uma casa pequena.

Eu posso vê-la agora e posso descrevê-la com todos os detalhes... porém mais que a casa ou a vila, lembro-me das pessoas. Encontrei-me com milhões de pessoas, mas as pessoas daquela vila eram mais inocentes que qualquer uma, porque elas eram muito primitivas. Elas não conheciam nada do mundo. Nem mesmo um simples jornal nunca entrou naquela vila. Agora vocês podem

entender porque não havia escola, nem mesmo uma escola primária... que bênção! Nenhuma criança moderna pode dar-se a esse luxo.

Sim, devo confessar que tive um tutor privado. Aquele primeiro tutor era ele próprio sem instrução. Ele não estava me ensinando, mas tentando aprender ao ensinar-me. Talvez ele tinha ouvido o grande ditado, “A melhor maneira de aprender é ensinar,” mas ele era um homem bom, simpático, não como um professor de escola maldoso. Para ser um professor de escola é preciso ser maldoso. Isso é parte de todo o mundo dos negócios. Ele era simpático – como manteiga, muito suave. Permita-me confessar, eu costumava bater nele – mas ele não me batia de volta, ele apenas ria e dizia, “Você é uma criança, você pode me bater. Sou um homem velho, não posso te bater de volta. Quando você ficar velho você entenderá.” Era isso o que ele dizia para mim, e sim, entendo.

Ele era um aldeão simpático com um grande discernimento. Às vezes os aldeões têm um discernimento que falta às pessoas civilizadas. Acabo de lembrar-me...

Uma bela mulher vai à praia. Não vendo ninguém ao redor ela se despe. Um pouco antes de entrar no oceano um sujeito a interrompe e diz, “Senhora, sou o policial da vila. É proibido nadar no oceano nessa praia.” A mulher fica intrigada e diz, “Então por que você não me preveniu antes de eu me despir?” O velho homem ri, com lágrimas em seus olhos. Ele diz, “Despir-se não é proibido, então esperei atrás de uma árvore!”

Um belo aldeão... esse tipo de pessoa vivia na vila – pessoas simples. Eu estava cercado por pequenas colinas e havia um pequeno lago. Ninguém pode descrever aquele lago exceto Basho. Nem mesmo ele descreve o lago, ele simplesmente diz:

O lago antigo
O sapo salta para dentro
Plop!

É uma descrição? O lago é apenas mencionado, o sapo também. Nenhuma descrição do lago ou do sapo... e *plop!*

A vila tinha um lago antigo, muito antigo, e árvores muito antigas ao seu redor – elas talvez tinham centenas de anos – e belas rochas ao redor... e certamente os sapos saltavam. Entra dia sai dia vocês podem ouvir o “plop” repetidas vezes. O som dos sapos saltando realmente ajudava o silêncio predominante. Aquele som tornava o silêncio mais rico, mais significativo.

Esta é a beleza de Basho: ele pode descrever algo sem realmente descrevê-lo. Ele pode dizer algo sem nem mesmo mencionar uma palavra. “Plop!” Ora, isso é uma palavra? Nenhuma palavra pode fazer justiça ao som de um sapo saltando em um lago antigo, mas Basho lhe fez justiça.

Não sou um Basho, e aquela vila precisava de um Basho. Talvez ele teria feito belos esboços, pinturas e haikus... não fiz nada em relação àquela vila – vocês perguntarão o porquê – nem mesmo a visitei novamente. Uma vez é suficiente. Nunca vou para um lugar duas vezes. Para mim o número dois não

existe. Deixei muitas vilas, muitas cidades, para nunca mais retornar. Uma vez passado, passado para sempre, esse é o meu modo; então nunca voltei àquela vila. Os aldeões mandaram-me mensagem para que eu voltasse pelo menos mais uma vez. Falei para eles através de um mensageiro, “Já estive aí uma vez, duas vezes não é o meu modo.”

Mas o silêncio daquele lago antigo continua comigo. Novamente lembro-me dos Himalaias – a neve... tão bela, tão pura, tão inocente. Vocês só podem vê-la através dos olhos de um Bodidarma, um Jesus, um Basho. Não há outra maneira de descrever a neve; apenas os olhos dos budas a refletem. Os idiotas podem pisoteá-la, podem fazer bolas de neve, mas apenas os olhos dos budas podem refleti-la, embora...

O ganso selvagem
Não tem a intenção de lançar os seus reflexos.
A água não tem mente
Para receber as suas imagens.

E ainda assim a imagem ocorre.

Os budas não querem refletir a beleza do mundo, nem o mundo de qualquer forma intenciona ser refletido pelos budas, mas é refletido. Ninguém quer, mas ocorre, e quando ocorre é belo. Quando é feito, é ordinário; quando é feito, vocês são técnicos. Quando *ocorre* você é um mestre.

A comunicação é parte do mundo do técnico; a comunhão é a fragrância do mundo do mestre.

Isso é comunhão.

Não estou falando sobre algo em particular...

O ganso selvagem e a água...

Sessão 2

Acabo de ter uma experiência dourada, o sentimento de um discípulo trabalhando tão amorosamente no corpo do seu mestre. Ainda estou sem fôlego por causa disso. E também me fez lembrar da minha infância dourada.

Todos falam de suas infâncias douradas, mas isso é raramente, muito raramente, verdade. Na maior parte é uma mentira. Mas tantas pessoas estão contando a mesma mentira que ninguém a detecta. Até mesmo os poetas seguem cantando canções de sua infância dourada – Wordsworth por exemplo, um sujeito de maneira alguma sem valor* [NdT. trocadilho de worth (valor) com worthless (imprestável, inútil)] – mas uma infância dourada é extremamente rara, pela simples razão: onde vocês podem encontrá-la?

Primeiro, é preciso escolher o próprio nascimento. Isso é quase impossível. A não ser que você tenha morrido em um estado de meditação você não pode escolher o seu nascimento; esta escolha apenas se abre para o meditador. Ele morre conscientemente, por isso ganha o direito de nascer conscientemente.

Morri conscientemente. Não morri de fato, mas fui morto. Eu teria morrido três dias depois, mas eles não puderam esperar, nem mesmo por três dias. As pessoas estão com tanta pressa. Vocês ficarão surpresos em saber que o homem que me matou é agora meu sannyasin. Ele veio para me matar novamente, não para tomar sannyas... porém se ele continua com seu jogo eu continuo com o meu. Ele próprio confessou depois, depois de sete anos sendo um sannyasin. Ele disse, “Amado Mestre, agora posso confessar para você sem medo: fui até Ahmedabad para matá-lo.”

Eu disse, “Meu Deus, de novo!”

Ele disse, “O que você quer dizer com ‘de novo’?”

Eu disse, “Isso é outro assunto, continue...”

Ele disse, “Em Ahmedabad, sete anos atrás, fui ao seu encontro com um revólver. A sala estava tão lotada que os organizadores permitiram que as pessoas sentassem no palco.”

Então esse homem, com um revólver para matar-me, teve permissão de sentar do meu lado. Que chance! Eu disse, “Por que você perdeu a chance?”

Ele disse, “Eu nunca tinha ouvido você falar antes, tinha ouvido apenas comentários. Quando o ouvi pensei: prefiro cometer suicídio em vez de matá-lo. É por isso que tornei-me um sannyasin – este é meu suicídio.”

Setecentos anos atrás esse homem realmente me matou; ele me envenenou. Ele também era meu discípulo... mas sem um Judas é muito difícil encontrar um Jesus. Morri conscientemente, por isso tive a grande oportunidade de nascer conscientemente. Escolhi minha mãe e meu pai.

Milhares de tolos estão fazendo amor ao redor da Terra, continuamente. Milhões de almas por nascer estão prontas para entrar em qualquer útero possível. Esperei setecentos anos pelo momento certo, e agradeço a existência por tê-lo encontrado. Setecentos anos não são nada comparados com os milhões e milhões de anos à frente. Apenas setecentos anos – sim, estou dizendo apenas – e escolhi um casal muito pobre, mas muito íntimo.

Não penso que meu pai um dia olhou para outra mulher com o mesmo amor que teve pela minha mãe. É também impossível de imaginar – mesmo para mim, que posso imaginar todos os tipos de coisas – que a minha mãe, até mesmo em seus sonhos, tinha outro homem... impossível! Conheci ambos; eles eram tão próximos, tão íntimos, tão realizados embora tão pobres... pobres embora ricos. Eles eram ricos em sua pobreza por causa da sua intimidade, ricos por causa do seu amor um pelo outro.

Felizmente nunca vi minha mãe e meu pai brigando. Digo “felizmente” porque é muito difícil encontrar um marido e uma esposa que não brigam. Quando eles têm tempo para amar apenas Deus sabe, ou talvez ele também não saiba. Afinal, ele tem que cuidar da sua própria esposa... particularmente o Deus hindu. Pelo menos o Deus Cristão está em uma situação melhor: ele não tem esposa, nenhuma mulher, o que dizer de uma esposa! Porque uma mulher é mais perigosa que uma esposa. Uma esposa você pode tolerar, mas uma mulher... você vira um tolo novamente! Você não pode tolerar uma mulher, ela te “atrai”; uma esposa te “distrain”.

Vejam o meu inglês! Coloquem-no em aspas para que ninguém me entenda mal - embora, não importa o quanto vocês façam, todos entender-me-ão mal. Mas tentem, coloque-no em aspas: a esposa “distrain”, a mulher “atrai.”

Nunca vi meu pai e minha mãe brigarem, nem mesmo resmungarem. As pessoas falam de milagres – eu vi um milagre: a minha mãe não irritava meu pai. É um milagre porque por séculos a mulher foi chefiada pelos homens que ela aprendeu práticas dissimuladas – ela resmunga. Resmungar é violência disfarçada, violência mascarada. Nunca vi a minha mãe e meu pai em nenhuma situação de conflito.

Fiquei preocupado com a minha mãe quando o meu pai morreu. Eu não podia acreditar que ela seria capaz de sobreviver. Eles amaram-se muito, eles quase tornaram-se um. Ela sobreviveu apenas porque ela também me amava.

Sempre preocupei-me com ela. Eu queria que ela estivesse próxima de mim apenas para que ela pudesse morrer em total realização. Agora eu sei. Eu a vi, vi nela, e posso dizer para vocês – e através de vocês isso um dia alcançará o mundo – ela iluminou-se. Eu era o seu último apego. Agora não existe nada para ela apegar-se. Ela é uma mulher iluminada – sem instrução, simples, nem mesmo sabendo o que é a iluminação. Esta é a beleza! É possível ser iluminado sem saber o que é a iluminação, e vice-versa: é possível saber tudo sobre a iluminação e permanecer não iluminado.

Escolhi esse casal, apenas simples aldeões. Eu poderia ter escolhido reis e rainhas. Estava em minhas mãos. Todos os tipos de úteros estavam disponíveis, mas sou um homem de gostos muito simples: estou sempre satisfeito com o melhor. O casal era pobre, muito pobre. Vocês não serão capazes de entender que o meu pai tinha apenas setecentas rúpias – isso significa trinta dólares. Isso era tudo o que ele possuía, entretanto o escolhi para ser meu pai. Ele tinha uma riqueza que os olhos não podiam ver, uma realeza invisível.

Muitos de vocês o viram e devem ter sentido a beleza do homem. Ele era simples, muito simples, vocês poderiam chamá-lo de aldeão, mas imensuravelmente rico – não da forma mundana, mas como se houvesse uma forma de outro-mundo...

Trinta dólares, essa era a sua única posse. Eu não sabia. Eu soube apenas depois quando o seu negócio veio à falência... e ele estava muito feliz! Eu o perguntei, “Dada” – eu costumava chamá-lo assim; *dada* significa pai – “Dada, em breve você irá à falência, e você ainda está feliz. O que se passa? Os rumores são falsos?”

Ele disse, “Não, os rumores são absolutamente verdadeiros. A falência acontecerá – mas estou feliz porque guardei setecentas rúpias. Foi com isso que comecei. E vou te mostrar o lugar...”

Então ele mostrou-me o lugar em que escondeu as setecentas rúpias e falou, “Não se preocupe. Comecei com apenas setecentos. Nada mais pertence a nós – que vá para o inferno. O que pertence a nós está escondido aqui, nesse lugar, e mostrei-o para você. Você é o meu filho mais velho, lembre-se desse lugar.”

Isso eu sei... não falei nada para ninguém sobre o lugar, e não irei, porque embora ele fosse generoso em mostrar-me o seu segredo, nem eu sou seu filho, nem ele é meu pai. Ele é ele mesmo, e eu sou eu mesmo. “Pai e filho” é apenas uma formalidade. Aquelas setecentas rúpias ainda estão escondidas em algum lugar debaixo da terra e permanecerão lá, a não ser que sejam encontradas acidentalmente por alguém. Eu lhe disse, “Embora você tenha me mostrado o lugar, eu não o vi.”

Ele disse, “O que você quer dizer?”

Eu disse, “É simples. Eu não o vi, e não quero o ver. Não pertencço a nenhuma herança, pequena ou grande, rica ou pobre.”

Mas, da sua parte, ele foi um pai amoroso. No que diz respeito à minha parte, não sou um filho amoroso, desculpem-me.

Ele era um pai amoroso. Quando deixei o meu cargo na universidade só ele ficou preocupado, ninguém mais. Nenhum dos meus amigos ficou preocupado. Quem liga? – de fato, muitos dos meus amigos estavam felizes que eu tinha deixado a cadeira; agora eles podiam conquistá-la. Eles se apressaram. Somente o meu pai ficou preocupado. Eu lhe disse, “Não precisa se preocupar.”

Mas a minha fala não adiantou muito. Ele comprou uma grande propriedade sem me dizer, porque sabia perfeitamente bem que, se tivesse me contado, eu teria batido em sua cabeça. Ele fez uma bela casa pequena para mim, exatamente como eu gostaria que ela fosse. Vocês ficarão surpresos: ela tinha até ar condicionado, com todas as instalações modernas.

A casa ficava próxima da minha vila, com um jardim às margens do rio, com degraus levando para baixo, para que eu pudesse nadar... com árvores antigas e um silêncio absoluto no entorno, não havia mais ninguém por quilômetros. Mas ele nunca me contou.

É bom que o meu pobre pai esteja morto; caso contrário eu traria problemas para ele. Mas ele tinha muito amor e muita compaixão por um filho vagabundo.

Sou um vagabundo. Nunca fiz nada pela família. Eles não são gratos a mim de maneira alguma. Eles fizeram tudo por mim. Escolhi esse casal não sem uma boa razão... pelo seu amor, sua intimidade, sua quase unidade. Foi assim que, depois de setecentos anos, entrei no corpo novamente.

A minha infância foi dourada. Novamente, não estou utilizando um clichê. Todo mundo diz que sua infância foi dourada, mas não é assim. As pessoas somente pensam que sua infância foi dourada porque a sua juventude foi podre; então a sua velhice é ainda mais podre. Naturalmente a infância se torna dourada. A minha infância não foi dourada nesse sentido. A juventude foi um diamante, e se eu tornar-me um homem velho então essa fase será de platina. Mas a minha infância foi certamente dourada – não um símbolo, absolutamente dourada; não poeticamente, mas literalmente, factualmente.

Na maior parte dos meus primeiros anos vivi com os pais da minha mãe. Aqueles anos são inesquecíveis. Até mesmo se eu chegar no paraíso de Dante ainda lembrarei daqueles anos. Uma pequena vila, pessoas pobres, mas meu avô – ou seja, o pai da minha mãe – era um homem generoso. Ele era pobre, mas rico em generosidade. Ele doava para tudo e para todos qualquer coisa que tivesse. Aprendi a arte de doar com ele; tenho que aceitar isso. Nunca vi ele dizer não para qualquer mendigo ou para qualquer pessoa.

Eu chamava o pai da minha mãe de “Nana”; esta é a forma que o pai da mãe é chamado na Índia. A mãe da minha mãe eu chamava de “Nani.” Eu costumava perguntar a meu avô, “Nana, onde você encontrou uma esposa tão bela?”

A minha avó parecia mais grega do que indiana. Quando vejo Mukta sorrindo, lembro-me dela. Talvez seja por isso que tenho um coração mole para com Mukta. Não consigo dizer não para ela. Mesmo quando o que ela pede não está certo, ainda digo “tudo bem.” No momento em que a vi imediatamente lembrei-me da minha Nani. Talvez havia sangue grego nela. Nenhuma raça pode clamar pureza. Os indianos particularmente não devem clamar qualquer pureza de sangue – os Hunas, Mughals, os Gregos e muitos outros atacaram, conquistaram e governaram a Índia. Eles misturaram-se no sangue indiano e isso era muito aparente na minha avó. As suas feições não eram indianas, ela parecia

grega, e ela era uma mulher forte, muito forte. O meu Nana morreu quando tinha cerca de cinquenta anos. A minha avó viveu até os oitenta e ela estava completamente saudável. Mesmo assim ninguém pensava que ela morreria. Prometi para ela uma coisa, que quando ela morresse eu viria, e esta seria a minha última visita à família. Ela morreu em 1970. Tive que cumprir a minha promessa.

Nos primeiros anos a minha Nani era a minha mãe; esses são os anos em que uma pessoa cresce. Este círculo foi da minha Nani. A minha própria mãe veio depois disso; eu já estava crescendo, já tinha um certo estilo. E a minha avó me ajudou imensamente. O meu avô me amava, mas não pôde me ajudar muito. Ele era tão amoroso, mas para ajudar algo a mais é necessário – um certo tipo de força. Ele sempre teve medo da minha avó. Ele era, de certa maneira, um marido dominado. Quando se trata da verdade estou sempre certo. Ele me amava, ele me ajudou... o que posso fazer se ele era um marido dominado? Noventa e nove vírgula nove por cento dos maridos o são, então está tudo bem.

Lembro-me de um incidente que nunca contei antes. Era uma noite escura; estava chovendo e um ladrão entrou em nossa casa. Naturalmente o meu avô estava com medo. Todo mundo podia ver que ele tinha medo, mas ele fingia não ter, ele tentou dar o seu melhor. O ladrão estava escondido no canto de nossa pequena casa, atrás de alguns sacos de açúcar.

Meu avô mastigava bétete* [NdT. uma pimenteira] continuamente. Assim como um fumante compulsivo, ele mascava bétete compulsivamente. Ele sempre fazia o *pan* de folha de bétete, e ele o mascava durante todo o dia. Ele começou a mascar o *pan* e cuspi-lo no pobre ladrão que estava escondido no canto. Vi essa cena feia e disse a meu avô, com quem eu costumava dormir, “Isso não está certo. Mesmo que ele seja um ladrão nós devemos nos comportar gentilmente. Cuspir? Ou lute ou pare de cuspir!”

A minha avó falou, “O que você gostaria de fazer?”

Eu disse, “Eu vou lá dar um tapa no ladrão e colocá-lo para fora.” Eu não tinha mais de nove anos.

A minha avó riu e disse, “Certo, vou com você – você pode precisar da minha ajuda.” Ela era uma mulher grande. A minha mãe não se assemelha com ela de maneira alguma, nem em beleza física, nem em sua ousadia espiritual. A minha mãe é simples; a minha avó era aventureira. Ela foi comigo.

Eu fiquei chocado! Eu não podia acreditar no que vi: o ladrão era um homem que costumava vir e me ensinar, meu professor! Eu realmente bati nele forte, mais ainda porque ele era meu professor. Eu lhe disse, “Se você fosse apenas um ladrão eu o teria perdoado, mas você me ensinou grandes coisas, e à noite você faz *essas* coisas! Agora corra o mais rápido que puder antes que a minha avó te alcance, caso contrário ela vai te esmagar.”

Ela era uma mulher grande, alta, forte e bela. Meu avô era pequeno e comum, mas eles se davam bem juntos. Ele nunca brigou com ela – ele não poderia – então não havia nenhum problema.

Lembro-me daquele professor, o pândita da vila, que também costumava vir e me instruir. Ele era o sacerdote do templo da vila. Ele disse, “E as minhas roupas? O seu avô cuspiu em mim por toda parte. Ele estragou as minhas roupas.”

A minha avó riu e disse, “Venha amanhã, lhe darei novas roupas.” E ela realmente deu-lhe roupas novas. Ele não veio, ele não ousaria, mas ela foi até a casa do ladrão e me levou com ela, e deu-lhe roupas novas, dizendo “Sim, meu marido foi terrível ao estragar as suas roupas. Não é bom. Sempre que você precisar de roupas novas você pode vir até mim.”

Aquele professor nunca voltou para me ensinar novamente... ninguém lhe disse nada, ele não ousaria. Ele não apenas parou de me ensinar, ele parou de vir até a rua onde nós morávamos; ele parou de passar por aquele caminho. Mas eu fazia questão de visitá-lo todo dia apenas para cuspir em frente à sua casa, para lembrá-lo. Eu gritava com ele, “Você esqueceu aquela noite? E você sempre costumava me dizer para ser verdadeiro, sincero e honesto e toda aquela bobagem.”

Até mesmo agora posso vê-lo com os olhos baixos, incapaz de responder-me.

O meu avô queria que os maiores astrólogos da Índia fizessem o meu mapa astral. Embora ele não fosse muito rico – de fato nem mesmo rico, o que dizer de muito rico, mas naquela vila ele era a pessoa mais rica – ele estava pronto para pagar qualquer preço pelo mapa astral. Ele fez a longa jornada até Varanasi e viu os homens famosos. Olhando para as notas e datas que meu avô trouxe, o maior astrólogo entre eles disse, “Desculpe-me, eu só poderei fazer esse mapa astral depois de sete anos. Se a criança sobreviver então eu farei o seu mapa sem cobrar nada, mas não acho que ela sobreviverá. Se ela sobreviver será um milagre, porque então haverá uma possibilidade dela tornar-se um buda.”

O meu avô voltou para casa chorando. Eu nunca tinha visto lágrimas em seus olhos. Eu perguntei, “O que aconteceu?”

Ele disse, “Tenho que esperar até você ter sete anos. Quem sabe se sobreviverei a esses sete anos ou não? Quem sabe se o próprio astrólogo sobreviverá, porque ele está muito velho. E estou um pouco preocupado com você.”

Eu disse, “Qual a preocupação?”

Ele disse, “A preocupação não é que você possa morrer, minha preocupação é que você pode tornar-se um buda.”

Eu ri, e entre as suas lágrimas ele também começou a rir. Então ele próprio disse, “É estranho que eu esteja preocupado. Sim, o que há de errado em ser um buda?”

Quando o meu pai ouviu o que os astrólogos disseram para meu avô ele próprio me levou para Varanasi – mas depois continuo com isso.

Quando eu tinha sete anos um astrólogo veio até a vila do meu avô procurando por mim. Quando um belo cavalo parou em frente da nossa casa, todos nós corremos. O cavalo parecia tão majestoso e o cavaleiro não era ninguém mais do que um dos famosos astrólogos que eu tinha encontrado. Ele disse para mim, “Então você ainda está vivo? Fiz o seu mapa astral. Eu estava preocupado, porque as pessoas como você não sobrevivem muito tempo.”

O meu avô vendeu todos os ornamentos da casa apenas para dar um banquete para todas as vilas vizinhas, para celebrar que eu me tornaria um buda, entretanto, acho que ele nem entendia o significado da palavra ‘buda’.

Ele era um jaina e poderia nunca tê-la ouvido antes. Mas ele estava feliz, imensamente feliz... dançando, porque eu me tornaria um buda. Naquele momento eu não acreditava que ele estava tão feliz apenas por causa dessa palavra ‘buda’. Quando todo mundo foi embora eu perguntei para ele, “Qual o significado de ‘buda’?”

Ele disse, “Não sei, ela simplesmente soa bem. Ademais, sou um jaina. Nós descobriremos de algum budista.”

Naquela vila não havia budistas, mas ele disse, “Algum dia, quando um *bhikku** [NdT. monge] budista passar por aqui, nós saberemos o significado.”

Mas ele estava tão feliz apenas porque o astrólogo disse que eu me tornaria um buda. Ele então disse a mim, “Acho que ‘buda’ deve significar alguém que é muito inteligente.” Em hindi *buddhi* significa inteligência, então ele pensou que ‘buda’ significava alguém inteligente.

Ele chegou muito próximo, ele quase adivinhou. Infelizmente ele não está vivo, caso contrário ele veria o que um buda significa – não o significado do dicionário, mas um encontro com um acordado vivo. E posso vê-lo dançando, vendo que seu neto tornou-se um buda. Isso seria o suficiente para iluminá-lo. Mas ele morreu. A sua morte foi uma das minhas mais significantes experiências. Sobre isso tratarei depois.

Ainda há tempo?

“É oito e trinta, Osho.”

Bom, apenas cinco minutos para mim...

É hora de parar, mas está sendo belo, e sou grato.

Obrigado.

Sessão 3

Repetidas vezes o milagre da manhã... o sol e as árvores. O mundo é como um floco de neve: pegue-o em sua mão e ele derrete. Nada resta, apenas uma mão molhada. Mas se você ver, apenas ver, então um floco de neve é tão belo quanto qualquer flor do mundo. E esse milagre acontece toda manhã, toda madrugada, toda noite, vinte e quatro horas, entra dia, sai dia... o milagre. E as pessoas vão venerar Deus nos templos, igrejas, mesquitas e sinagogas. O mundo deve estar cheio de tolos – desculpem-me, não tolos, mas idiotas – incuráveis, sofrendo de um grande retardamento. É preciso ir ao templo em busca de Deus? Ele não está aqui e agora?

A própria ideia da busca é idiota. Busca-se algo que está longe, e Deus está tão próximo, mais próximo que as batidas do seu coração. Quando vejo a todo momento o milagre impressiono-me, como é possível? Que criatividade tremenda! É possível apenas porque não há criador. Se houvesse um criador você teria a mesma segunda-feira toda segunda-feira, porque o criador criou o mundo em seis dias, então terminou o trabalho. Não há criador, apenas energia criativa – energia em milhões de formas, derretendo, encontrando-se, aparecendo, desaparecendo, unindo-se e partindo.

É por isso que digo que o sacerdote está o mais longe possível da verdade, e o poeta o mais próximo. É claro que o poeta também não a atingiu. Apenas o místico a alcança... ‘Alcança’ não é a palavra certa: ele se torna ela, ou melhor, entende que ele próprio sempre foi a verdade.

As pessoas perguntam-me, “Você acredita em astrologia, em religião... nisso, naquilo?” Não acredito em nada de maneira alguma, porque *sei*. Isso me faz lembrar de uma história que estava contando para vocês no outro dia...

O velho astrólogo veio. O meu avô não podia acreditar em seus olhos. O astrólogo era tão famoso que até mesmo os reis ficariam surpresos se ele visitasse os seus palácios; e ele veio até a casa do meu avô. Ela tem que ser chamada de casa, mas não era nada de mais, feita somente de paredes de barro, nem mesmo um banheiro separado. Ele nos visitou e eu imediatamente tornei-me amigo do velho homem.

Olhando para seus olhos – embora eu tivesse apenas sete anos e não pudesse ler uma palavra, eu pude ler os seus olhos: eles não precisam dos seus três erres* [NdT. Leitura, escrita e aritmética] – eu disse ao astrólogo, “É estranho que você tenha viajado tanto apenas para fazer o meu mapa astral.”

Varanasi naqueles dias, e mesmo hoje, era muito longe daquela pequena vila.

O velho homem disse, “Eu prometi, e uma promessa deve ser cumprida.” A maneira que ele disse “uma promessa deve ser cumprida” me emocionou. Ali estava um homem vivo!

Eu lhe disse, “Se você veio para cumprir a sua promessa, então posso predizer o seu futuro.”

Ele disse, “O quê! Você pode predizer o meu futuro?”

Eu disse, “Sim. Certamente você não vai se tornar um buda, mas você se tornará um bhikkhu, um sannyasin.” Bhikkhu é o nome do sannyasin budista.

Ele riu e disse, “Impossível!”

Eu disse, “Você pode apostar.”

Ele me perguntou, “Certo, quanto?”

Eu disse, “Não importa. Você pode apostar qualquer quantia que quiser, porque se eu ganhar, eu ganho; se eu perder, não perco nada, porque não tenho nada. Você está apostando com uma criança de sete anos. Você não pode ver? Não tenho nada.”

Vocês ficarão surpresos em saber que eu estava ali nu. Naquela pobre vila não era proibido, pelo menos para as crianças de sete anos, correr por toda parte nuas. Não era uma vila inglesa!

Eu ainda posso ver a mim mesmo nu em frente ao astrólogo. Toda a vila reuniu-se em torno, e todos ouviam o que planejávamos.

O velho homem disse, “Certo, se eu me tornar um sannyasin, um bhikkhu” – e ele mostrou o seu relógio de bolso de ouro, cravejado de diamantes – “Eu te darei isso. E se você perder?”

Eu disse, “Eu simplesmente perderei. Não tenho nada – nenhum relógio de pulso de ouro para te dar. Eu vou simplesmente lhe agradecer.”

Ele riu e partiu.

Eu não acredito em astrologia. Noventa e nove vírgula nove por cento é besteira, apenas zero vírgula um por cento é pura verdade. Um homem de discernimento, intuição e pureza pode certamente olhar para o futuro, porque o futuro não é existencial, ele está apenas escondido dos seus olhos. Talvez somente uma fina cortina de pensamentos seja tudo o que divide o presente e o futuro.

Na Índia, a noiva cobre a sua face com um *ghoonghat*. Ora, é difícil traduzir essa palavra; é apenas uma máscara. Ela retira o seu sari* [NdT. traje tradicional] da sua face. É assim que o futuro está escondido de nós, apenas por um *ghoonghat*, um fino véu. Não acredito em astrologia, refiro-me a noventa e nove vírgula nove por cento dela. O restante zero vírgula um por cento não preciso acreditar; é verdade. Eu a vi funcionar.

Aquele velho homem foi a primeira prova. Mas é estranho: ele podia ver o meu futuro, claramente vago, com todos os tipos de possibilidades, mas ele não podia ver o seu próprio. Não apenas isso, ele estava pronto para apostar contra mim quando eu disse que ele se tornaria um bhikkhu.

Eu tinha catorze anos e viajava por Varanasi com o pai do meu pai. Ele foi a negócios e eu insisti obstinadamente para ir com ele. Parei um velho bhikkhu na estrada entre Varanasi e Sarnath e disse, “Ei velho, você se lembra de mim?”

Ele disse, “Nunca te vi antes – por que eu me lembraria de você?”

Eu disse, “Talvez você não se lembre, mas tenho que relembrar-*te*. Onde está o relógio, o relógio de ouro cravejado com diamantes? Eu sou a criança que você apostou. Agora chegou o momento de eu perguntar. Eu declarei que você se tornaria um bhikkhu, e agora você o é. Dê-me o relógio.”

Ele riu e tirou do seu bolso o belo relógio antigo, deu para mim com lágrimas em seus olhos, e – vocês podem acreditar – ele tocou os meus pés. Eu disse, “Não, não. Você é um bhikkhu, um sannyasin, você não pode tocar os meus pés.”

Ele disse, “Esqueça tudo isso. Você provou ser um astrólogo melhor do que eu; deixe-me tocar os seus pés.”

Eu dei aquele relógio para a minha primeira sannyasin. O nome da minha primeira sannyasin é Ma Anand Madhu – uma mulher é claro, porque isso é o que eu gostaria. Ninguém iniciou as mulheres em sannyas como eu. Não apenas isso, eu gostaria de iniciar uma mulher como minha primeira sannyasin, apenas para colocar as coisas em harmonia e ordem.

Buda hesitou antes de dar sannyas para as mulheres... até mesmo Buda! Apenas isto em sua vida me machuca como um espinho, e nada mais. Buda hesitando... por quê? Ele tinha medo que as mulheres sannyasins distrairiam os seus seguidores. Que besteira! Um buda e com medo do negócio! Deixe esses tolos serem distraídos se eles quiserem ser!

Mahavira disse que ninguém no corpo de uma mulher pode alcançar o nirvana, a liberação última. Tenho que sentir arrependimento por todos esses homens. Maomé nunca permitiu qualquer mulher em uma mesquita. Até hoje as mulheres não são permitidas em uma mesquita; até mesmo nas sinagogas as mulheres sentam-se nas galerias, não com os homens.

Indira Gandhi me disse que quando visitou Israel e foi para Jerusalém, ela não podia acreditar que a primeira-ministra de Israel e ela própria estavam ambas sentadas no terraço, e todos os homens estavam sentados no andar de baixo, no andar principal. Ela não percebeu que mesmo a primeira-ministra de Israel, sendo mulher, não podia ser adequadamente recebida em uma sinagoga; elas podiam somente ser observadoras do terraço. Isso não é respeitável, é um insulto.

Tenho que pedir desculpas por Maomé, por Moisés, por Mahavira, por Buda e por Jesus também, porque ele não escolheu nenhuma única mulher como um dos seus doze apóstolos. Entretanto, quando ele morreu na cruz os doze tolos não estavam lá de maneira alguma. Apenas três mulheres ficaram – Madalena, Maria e a irmã de Madalena. Mas mesmo essas três mulheres não foram escolhidas por Jesus; elas não estavam entre os poucos escolhidos. Os poucos

escolhidos escaparam. Ótimo! Eles estavam tentando salvar as suas vidas. Na hora do perigo, apenas as mulheres vieram.

Eu tenho que pedir desculpas ao futuro por todas essas pessoas; e minha primeira desculpa foi dar sannyas para uma mulher. Vocês ficarão entretidos em conhecer toda a história...

O marido de Anand Madhu, é claro, queria ser iniciado primeiro. Aconteceu nos Himalaias; eu tinha um campo em Manali. Recusei o marido dizendo, “Você pode ser apenas o segundo, não o primeiro.” Ele ficou tão bravo que deixou o campo naquele mesmo momento. Não apenas isso, ele se tornou meu inimigo e juntou-se a Morarji Desai.

Posteriormente, quando Morarji Desai tornou-se primeiro-ministro, esse homem tentou de todas as formas persuadi-lo a prender-me. É claro que Morarji Desai não tem esse tipo de coragem; não é possível a ter se você bebe a própria urina. Ele é um tolo total – novamente, desculpe, um total idiota. Reservo ‘tolo’ apenas para Devageet; esse é o seu privilégio.

Anand Madhu ainda é uma sannyasin. Ela vive nos Himalaias, silenciosamente, sem falar. Desde então o meu esforço sempre foi o de trazer o máximo de mulheres à frente. Às vezes posso parecer até um pouco injusto com os homens. Não sou, estou apenas colocando as coisas em ordem. Depois de séculos de exploração das mulheres pelos homens não é uma tarefa fácil.

A primeira mulher que amei foi a minha sogra. Vocês ficarão surpresos: eu sou casado? Não, não sou casado. Esta mulher é a mãe de Gudia, mas costumo chamá-la de minha sogra, apenas como uma piada. Lembrei-me novamente depois de muitos anos. Eu costumava chamá-la de sogra porque eu amava a sua filha, na vida anterior de Gudia. Novamente, aquela mulher era tremendamente poderosa, assim como a minha avó.

Minha “sogra” era uma mulher rara, especialmente na Índia. Ela deixou o seu marido, foi até o Paquistão e casou-se com um Islâmico, mesmo ela sendo brâmane. Ela sabia como ousar. Eu sempre gostei da qualidade da ousadia, porque quanto mais você ousa, mais próximo você está de casa. Apenas os intrépidos tornam-se budas, lembrem-se! Os que calculam podem ter um bom saldo bancário, mas não podem se tornar budas.

Sou grato ao homem que declarou o meu futuro quando eu tinha apenas sete anos. Que homem! Ter esperado até eu ter sete anos apenas para fazer o meu mapa astral – que paciência! E não apenas isso, ele viajou todo o caminho de Varanasi até a minha vila. Não havia estradas, não existia trem, ele teve que viajar no lombo de um cavalo.

E quando o encontrei na estrada para Sarnath e disse a ele que tinha ganho a aposta, ele imediatamente me deu o seu relógio e disse, “Dar-te-ia todo o mundo mas não tenho nada a mais. De fato, eu nem deveria ter esse relógio, mas somente por sua causa tive que mantê-lo todos esses anos, sabendo que qualquer dia você viria. E quando eu me tornei um bhikkhu, Buda não estava em minha mente, mas

você – uma criança de sete anos nua declarando o futuro de um dos maiores astrólogos do país. Como você fez aquilo?”

Eu disse, “Isso eu não sei. Eu olhei para os seus olhos e pude ver que você não poderia ficar contente com nada que esse mundo poderia te dar. Eu vi o descontentamento divino. Um homem só se torna um sannyasin quando ele sente o descontentamento divino.”

Não sei se o velho homem ainda está vivo ou não. Ele não pode estar, caso contrário ele teria me procurado e encontrado.

Mas aquele momento, na vida da vila, foi o maior. Eles ainda falam sobre aquele banquete. Há pouco tempo uma pessoa daquela vila veio até aqui, e ela disse, “Nós ainda falamos sobre o banquete que seu avô deu para a vila. Nunca antes e nunca depois aconteceu algo como aquilo.”

Gostei de ver tantas pessoas apreciando. Gostei do cavalo branco. Gudia teria amado aquele cavalo. Ela costumava mostrar-me os cavalos conforme nós passávamos por eles na estrada. “Olhe,” ela diria, “que cavalos belos.”

Eu vi muitos cavalos, mas nada como o cavalo que aquele velho astrólogo tinha. Eu vi os mais belos cavalos, mas ainda lembro-me do seu cavalo como sendo o mais belo. Talvez a minha infância foi a causa disso, talvez eu não tinha como o comparar. Mas acreditem-me, sendo eu uma criança ou não, aquele cavalo era belo. Ele era imensamente poderoso, devia ter oito cavalos-vapor!

Aqueles dias foram dourados. Tudo o que ocorreu naqueles anos eu posso ver novamente como um filme passando na minha frente. É incrível que um dia eu me interessasse...

Não... Ashu está olhando para o seu relógio. É muito cedo para olhar para o seu relógio. Não seja como a *Canada Dry* – relaxe. Não seja tão seca. Você olhou para o seu relógio em um momento tal, e você não sabe o que perturbou. Não é apenas um *plop!*

O que eu estava falando...? Aqueles dias foram dourados. Tudo o que ocorreu naqueles nove anos, posso ver novamente como um filme passando na minha frente.

Bom, o filme está de volta, apesar de Ashu e seu relógio.

Sim, foi um tempo dourado. De fato mais que dourado, porque meu avô não somente me amava, mas amava tudo o que eu fazia. E eu fazia tudo o que vocês poderiam chamar de inconveniência.

Eu era uma inconveniência contínua. O dia todo ele tinha que ouvir as queixas sobre mim, e ele sempre alegrava-se com elas. É isso o que é maravilhoso e belo sobre este homem. Ele nunca me puniu. Ele nunca nem mesmo disse uma palavra como “Faça isso,” ou “Não faça aquilo.” Ele simplesmente permitia, absolutamente permitia que eu fosse eu mesmo. Foi assim, sem saber de nada, que vim a ter o gosto do Tao.

Lao Tsé diz, “O Tao é o curso da água. A água simplesmente flui para baixo sempre que a terra a permitir.” Esses primeiros anos foram assim. Eu tinha permissão. Penso que toda criança precisa desses anos. Se nós pudermos permitir esses anos para todas as crianças do mundo nós poderíamos criar um mundo dourado.

Aqueles dias foram plenos, superplenos! Tantos eventos, tantos incidentes que nunca contei a ninguém...

Eu costumava nadar no lago. Naturalmente o meu avô tinha medo. Ele colocou um homem estranho em um bote para guardar-me. Naquela vila primitiva vocês não podem conceber o que um “bote” quer dizer. Ele é chamado de *dongi*. Não é nada mais do que um tronco de madeira oco. Não é um bote ordinário. Ele é redondo, e este é o perigo: a menos que você seja um especialista você não o pode conduzir. Ele pode virar a qualquer momento. Apenas um pouco de desequilíbrio e você se foi para sempre. É muito perigoso.

Aprendi a equilibrar-me conduzindo um *dongi*. Nada pode ser de mais ajuda. Aprendi o “caminho do meio” porque você tem que ir exatamente no meio: se você for para um lado, você cai; se for para o outro, você cai. Você não pode nem mesmo respirar, e é necessário ficar absolutamente em silêncio; somente então você pode conduzir o *dongi*.

O homem que foi colocado em guarda para salvar-me, eu o chamava de estranho. Por quê? Porque o seu nome era Bhoora, e isso significa “homem branco.” Ele era o único homem branco da nossa vila. Ele não era europeu; era por pura sorte que ele não se parecia um indiano. Ele parecia mais com um europeu, mas não era. A sua mãe muito provavelmente trabalhou no acampamento do exército britânico e ficou grávida ali. É por isso que ninguém sabia o seu nome, todos chamavam-no de Bhoora. Bhoora significa “o branco.” Não é um nome mas se tornou o seu nome. Sua aparência era muito impressionante. Ele veio trabalhar para meu avô desde a mais tenra infância, e mesmo sendo um servo ele era tratado como alguém da família.

Eu também o chamava de estranho porque embora eu tenha vindo a conhecer muitas pessoas no mundo, é muito raro cruzar com um homem como Bhoora. Ele era um homem que você poderia confiar. Você poderia dizer qualquer coisa para ele e ele guardaria o segredo para sempre. Esse fato só se tornou conhecido pela minha família apenas quando meu avô faleceu. O meu avô confiou a Bhoora todas as chaves e todos os negócios da casa e da propriedade. Pouco depois que chegamos em Gadarwara a minha família perguntou ao mais devoto servo do meu avô, “Onde estão as chaves?”

Ele disse, “Meu mestre me disse, ‘Nunca mostre as chaves para ninguém mais exceto eu.’ Desculpem-me, mas a menos que ele peça para mim eu não poderei dar a chave para vocês.” E ele nunca deu as chaves, então nós não sabemos onde essas chaves estão escondidas.

Muitos anos depois quando eu estava novamente vivendo em Mumbai, o filho de Bhoora veio até mim e meu deu as chaves e falou, “Esperamos muito

“você vir, mas ninguém veio. Nós cuidamos da terra e das colheitas e guardamos todo o dinheiro.”

Dei-lhe as chaves de volta e lhe disse, “Tudo agora pertence a você. A casa, as colheitas e o dinheiro pertencem a você, eles são seus. Desculpe-me não saber disso antes, mas nenhum de nós gostaria de voltar e sentir a dor.”

Que homem! Mas esses homens existem na Terra. Eles estão desaparecendo aos poucos, e em vez dessas pessoas vocês verão todos os tipos de pessoas espertas tomando os seus lugares. Essas pessoas são o próprio sal da Terra. Eu chamo Bhoora de um homem estranho porque em um mundo de espertos, ser simples é estranho. É ser um estranho que não é desse mundo.

O meu avô tinha tanta terra quanto alguém poderia desejar, porque naqueles dias, naquela parte da Índia, a terra era absolutamente gratuita. Você apenas tinha que ir até o escritório do governo na capital e pedir a terra. Isso era o suficiente – ela era dada a você. Nós tínhamos quatorze acres de lavouras que Bhoora cultivava.

Quando o meu avô adoeceu, Bhoora falou que nunca seria capaz de viver sem ele, eles se tornaram tão próximos. Quando o meu avô estava morrendo nós o levamos de Kuchwada para Gadarwara, porque não havia instalações hospitalares em Kuchwada para cuidar dos doentes. A casa do meu avô era a única casa da vila.

Quando deixamos Kuchwada Bhoora deixou as chaves para os seus filhos. No caminho para Gadarwara o meu avô morreu, e, por causa do choque, na manhã seguinte Bhoora não acordou de seu sono; ele morreu à noite. A minha avó, o meu pai e mãe não quiseram mais voltar para Kuchwada por causa da dor que iria nos causar, porque o meu avô tinha sido um homem muito belo.

O filho de Bhoora tem quase a minha idade. Faz apenas alguns anos que meu irmão Niklanka e Chaitanya Bharti voltaram para tirar fotos da casa e do lago.

A casa em que nasci, eles agora pedem dez lakhs rúpias por ela, sabendo que um dos meus discípulos pode interessar-se em comprá-la. Dez lakhs! Isso é cem mil dólares. E, vocês sabiam? – ela valia trinta rúpias quando o meu avô faleceu. Até mesmo isso era muito. Nós ficaríamos surpresos se alguém estivesse disposto a dar-nos até mesmo isso.

Era uma parte muito primitiva do país. Justamente porque era primitiva ela tinha algo que agora falta nos seres humanos em todos os outros lugares. O ser humano também precisa ser um pouco primitivo, pelo menos de vez em quando. Uma floresta, uma selva – um oceano, um céu cheio de estrelas.

O ser humano não deve se preocupar apenas com a sua conta bancária. Essa é a coisa mais feia possível. Isso quer dizer que o ser humano está morto! Enterre-o! Celebre! Queime-o! Dance em seu funeral! A conta bancária não é o ser humano. O ser humano, para ser humano, deve ser tão natural quanto as colinas, os rios, as rochas, as flores...

O meu avô não me ajudou a saber apenas o que é a inocência – isto é, o que é a vida – mas ele também me ajudou a saber o que é a morte. Ele morreu no meu colo. Disso, falaremos em outro momento.

Sessão 4

Eu estava falando para vocês do momento em que encontrei o astrólogo que havia se tornado um sannyasin...

Eu tinha em torno de catorze anos naquele momento e estava com o meu outro avô, ou seja, o pai do meu pai. O meu avô real já faleceu; ele faleceu quando eu tinha apenas sete anos. O velho bhikkhu, o ex-astrólogo, perguntou-me, “Sou por profissão um astrólogo e por hobby sou um leitor de muitas coisas – linhas das mãos, da cabeça, dos pés, e assim por diante. Como você pôde dizer-me que eu iria tornar-me um sannyasin? Eu nunca tinha pensando nisso antes. Foi você que colocou a semente em mim e desde então tenho pensado apenas em sannyas, e nada mais. Como você conseguiu?”

Dei de ombros. Até hoje se alguém pergunta como consegui, tudo que posso fazer é dar de ombros – porque não consigo, eu simplesmente permito que as coisas sejam. É preciso apenas aprender a arte de antecipar-se às coisas para que todos pensem que existe algum controle sobre essas coisas; por outro lado, não há nenhum controle, particularmente no mundo que concerne a mim.

Eu disse ao velho homem, “Apenas olhei para os seus olhos e vi tamanha pureza que não pude acreditar que você ainda não era um sannyasin. Você já deveria ser; já era muito tarde.”

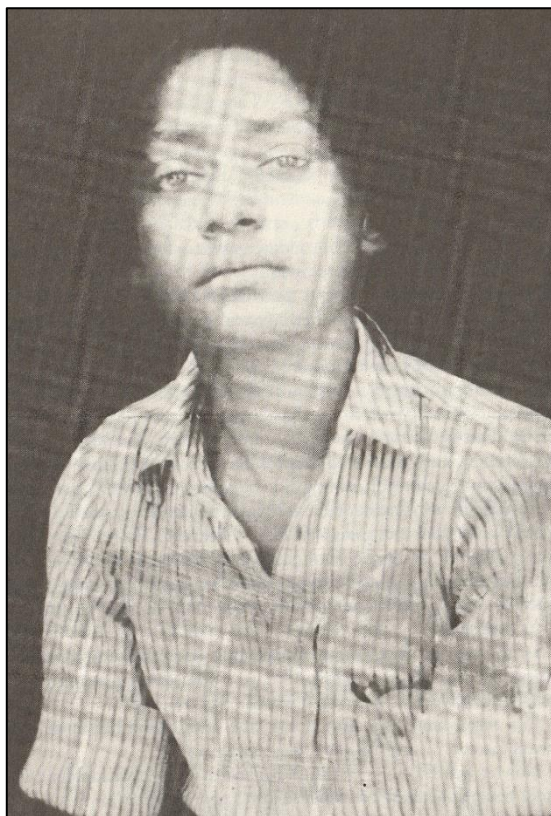
Em um certo sentido sannyas é sempre muito tarde, e em outro sentido é sempre muito cedo... e ambas são verdades simultâneas.

Agora era a vez do velho homem dar de ombros. Ele disse, “Você me intrigou. Como os meus olhos puderam revelar?”

Eu disse, “Se os olhos não puderem revelar então não há outra possibilidade para qualquer astrologia.”

A palavra ‘astrologia’ certamente não se relaciona com os olhos, ela se relaciona com as estrelas. Mas um ser humano cego pode ver as estrelas? Você precisa de olhos para ver as estrelas.

Eu disse para aquele velho homem, “A astrologia não é a ciência das estrelas, mas a ciência do ver – ver as estrelas mesmo durante o dia, em plena luz do dia.”



OSHO AOS 14 ANOS.

De vez em quando acontece... quando o mestre atinge o discípulo na cabeça. Na manhã de hoje, Ashu, você lembra quando você estava olhando em seu relógio e atingi a sua cabeça com uma garrafa de soda *Canada Dry*? Lembra agora? Aquele momento você perdeu. É isso o que significa conhecer astrologia. Ela teve uma pequena amostra na manhã de hoje – não acho que ela vai olhar para seu relógio outra vez.

Mas, por favor, olhe outras vezes novamente, para que eu possa te atingir novamente. Foi apenas o início. De outra maneira, como você vai surtar para dentro? Perdoem-me, mas sempre permitam-me atingi-los. Estou sempre pronto para pedir o seu perdão, mas nunca estarei pronto para dizer que não os atingirei novamente. De fato, o primeiro é apenas uma preparação para o segundo, um golpe mais profundo.

Aqui há uma companhia estranha. Sou um velho judeu. Há um provérbio que diz: Uma vez judeu sempre judeu. E fui certa vez um judeu, e sei a verdade desse provérbio. Ainda sou um judeu, e, sentado do meu lado há alguém cem por cento judeu, Devageet; e ali, próximo ao meu pé, Devaraj está sentado, parcialmente judeu. Vocês podem ver o seu nariz... caso contrário, de onde alguém poderia ter um nariz tão belo?

E Gudia, se ela ainda estiver aqui, também não é inglesa. Ela também já foi judia. Pela primeira vez quero revelar a vocês que ela não é ninguém menos que Madalena! Ela amou Jesus, mas o perdeu. Ele foi crucificado tão cedo, e uma mulher precisa de tempo e paciência – e ele tinha apenas trinta e três anos. Esse

é o momento de jogar futebol, ou, se você já está crescendo aos trinta e três, ir ver uma partida de futebol.

Jesus morreu muito cedo. As pessoas foram muito não-cruéis com ele... quero dizer, cruéis. Eu queria que elas fossem não-cruéis, é por isso que a palavra veio. Gudia, agora você não pode perder – não importa o que você faça ou como tente escapar. Não sou Jesus, que pode ser facilmente crucificado aos trinta e três. E posso ser muito paciente, mesmo com uma mulher, o que é difícil... isso eu sei, difícil, muito muito difícil às vezes. Uma mulher pode ser realmente irritante* [NdT. “pain in the neck” = “dor no pescoço”]!

Nunca sofri de dor no pescoço, graças a Deus, mas conheci a dor nas costas. Se é tão terrível nas costas, deve ser muito mais no pescoço! O pescoço é o próprio pináculo das costas. Mas comigo, se você é uma dor no pescoço ou nas costas, não importa: dessa vez você não pode perder. Se você perder dessa vez, será impossível encontrar um homem como eu novamente.

Jesus pode ser encontrado novamente muito facilmente – as pessoas estão atingindo à iluminação toda a hora. Mas encontrar um homem como eu é difícil, que viajou por milhares de caminhos, em milhares de vidas, e acumulou a fragrância de milhões de flores como uma abelha.

Se alguém não me entender, essa pessoa talvez nunca entenda. Mas não vou permitir que isso aconteça com o meu povo. Conheço todos os caminhos para cortar as suas sagacidades, rigidez, astúcias. Não me preocupo com o mundo todo; preocupo-me apenas com a minha gente, aqueles que estão em busca de si próprios.

Hoje recebi uma tradução de um novo livro que estão publicando na Alemanha. Não sei alemão, então alguém teve que traduzir a parte que dizia respeito a mim. Eu nunca ri tanto de qualquer piada – embora não seja uma piada, é um livro muito sério.

O autor devotou cinquenta e cinco páginas para provar que sou apenas iluminante e não iluminado* [NdT. *illuminated/enlightened*]. Ótimo! Simplesmente ótimo! – apenas iluminante, não iluminado. E vocês ficarão surpresos em saber que há alguns dias atrás recebi outro livro da mesma categoria de idiota, um professor holandês. Os holandeses não são muito diferentes do que os alemães, eles pertencem à mesma categoria.

A propósito, devo dizer a vocês que Gurdjieff costumava dividir toda pessoa de acordo com um certo plano. Ele tinha algumas categorias de idiotas. Ora, esse alemão e esse holandês, cujos nomes felizmente esqueci, ambos pertencem à primeira categoria de tolos... não, não tolos – esse termo é reservado para meu discípulo judeu, Devageet – idiotas. O idiota holandês provou, ou tentou provar, em uma longa dissertação, que sou apenas iluminado, não iluminante. Ora, esses dois idiotas devem se encontrar e lutar um contra o outro com seus argumentos e livros.

No que diz respeito a mim, uma vez por todas, permitam-me declarar ao mundo: Não sou nem iluminante nem iluminado. Sou apenas um homem ordinário, um homem muito simples, sem adjetivos nem diplomas. Queimei todos os meus certificados.

Os idiotas sempre fazem a mesma questão – não faz diferença. Isso é um milagre. Tudo é diferente entre a Índia, Inglaterra, Canadá, Estados Unidos da América, Alemanha, menos o idiota. O idiota é universal, o mesmo em todo lugar. Você prova-o em todo lugar e ele é o mesmo. Talvez Buda concordaria comigo; afinal das contas ele disse: Prove o Buda em todos os lugares, e ele é como o oceano: em qualquer lugar que você prová-lo, ele sempre é salgado. Talvez assim como os budas têm o mesmo sabor, os *buddhus* – que é o nome indiano para os idiotas – também têm o mesmo sabor. É bom, mas apenas nas linguagens indianas, que ‘buda’ e ‘budu’ são feitas da mesma raiz, são quase a mesma palavra.

Não me preocupo se vocês acreditam que eu seja iluminado ou não. Mas esse homem está tão preocupado que, em seu pequeno livro, cinquenta páginas são devotadas à essa questão, se sou iluminado ou não. Elas certamente provam uma coisa, que ele era um idiota de primeira classe.

Sou apenas eu mesmo. Por que eu deveria ser iluminado ou iluminante? E que grande pesquisa! Iluminante é diferente de iluminado? Talvez você é iluminado quando há eletricidade, e você é apenas iluminante quando há apenas a luz de uma vela? Não sei qual a diferença.

Não sou nem um, nem outro. Sou luz, nem iluminada, nem iluminante. Deixei essas palavras para trás. Posso vê-las como poeira, ainda estimulantes, longe no caminho que eu nunca mais vou viajar novamente, apenas pegadas na areia.

Esses supostos professores, filósofos, psicólogos – por que eles estão tão preocupados com um pobre homem como eu, que não se preocupa com eles de maneira alguma? Estou vivendo a minha vida, e é minha liberdade vivê-la como eu quiser. Por que eles perdem tempo comigo? Por favor, seria melhor ter vivido aquelas cinquenta e cinco páginas. Quantas horas e noites esse pobre professor deve ter perdido! Ele podia ter se tornado iluminado nesse ínterim, ou pelo menos iluminante. E o holandês tornar-se-ia iluminante nesse ínterim, ou senão iluminado. Ambos teriam entendido: quem sou eu?

*Então há só o silêncio
Nada para dizer
Talvez uma canção para cantar
Ou uma dança
Ou apenas preparar uma xícara de chá
E silenciosamente dar um gole...*

O sabor do chá é muito mais importante do que toda filosofia.

Lembre-se Ashu, é por isso que digo que apenas uma coisa que saiu do Canadá vale a pena ser mencionada: isto é, *Canada Dry*, a soda. É realmente bela – eu a amo. Entre todas as sodas do mundo, essa é a melhor. Agora você está rindo. Você tem permissão de olhar para o relógio. Não é preciso escondê-lo debaixo da manga, ou deixá-lo para trás caso você o veja por acidente. Não me preocupo de forma nenhuma que horas são. Mesmo quando pergunto, não quero realmente saber; é apenas para consolar vocês. Caso contrário continuo do meu próprio modo. Não sou um homem do tempo. Veja quanto tempo levo para voltar para o fio condutor.

O pai do meu pai ficou doente de repente. Não era o momento dele morrer; ele não tinha mais que cinquenta anos, ou até menos, talvez era mais jovem do que eu agora. A minha avó tinha apenas cinquenta anos, no pico da sua juventude e beleza. Vocês ficarão surpresos em saber que ela nasceu em Khajuraho, a fortaleza, a mais antiga fortaleza dos Tantrikas. Ela sempre me falou, “Quando você for um pouco mais velho, nunca se esqueça de visitar Khajuraho.” Não acho que nenhum pai ou mãe daria aquele conselho para uma criança, mas a minha avó era rara, persuadindo-me a visitar Khajuraho.

Khajuraho consiste de milhares de belas esculturas, todas nuas e copulando. Há centenas de templos: muitos deles são apenas ruínas, mas alguns poucos sobreviveram, talvez porque eles foram esquecidos. Mahatma Gandhi queria que esses poucos templos fossem enterrados porque as estátuas, as esculturas, eram muito tentadoras. Entretanto, minha avó estava me tentando a ir para Khajuraho. Que avó para se ter! Ela própria era tão bela, como uma estátua, muito grega de todas as formas.

Quando a filha de Mukta, Seema, veio ver-me, por um momento não pude acreditar, porque a minha avó tinha exatamente a mesma face, com a mesma coloração. Seema não parece europeia, ela é mais escura, e a sua face e feição são exatamente como as da minha avó.

Infelizmente, pensei, a minha avó está morta, caso contrário eu gostaria que Seema a visse. E, vocês sabem, mesmo com a idade de oitenta anos ela ainda era bela, o que é totalmente impossível.

Quando a minha avó faleceu corri até Mumbai para vê-la. Até mesmo em sua morte ela era bela. Eu não podia acreditar que ela estava morta. E, de repente, todas as estátuas de Khajuraho tornaram-se vivas para mim. Em seu corpo morto eu vi toda a filosofia de Khajuraho. A primeira coisa que fiz depois de vê-la foi ir novamente para Khajuraho. Era a única forma de homenageá-la. Agora Khajuraho era ainda mais bela do que antes, porque eu poderia vê-la em todos os locais, em cada estátua.

Khajuraho é incomparável. Há milhares de templos no mundo, mas nada como Khajuraho. Estou tentando criar um Khajuraho vivo neste ashram. Não estátuas de pedra, mas pessoas reais que são capazes de amar, que estão realmente vivas, tão vivas que são contagiantes, que apenas ao tocá-las vocês sentem uma corrente, um choque elétrico!

A minha avó me deu muitas coisas; uma das mais importantes foi a sua insistência para que eu fosse para Khajuraho. Naqueles dias Khajuraho era absolutamente desconhecida. Mas ela insistiu tanto que tive que ir. Ela era

teimosa. Talvez recebi essa qualidade dela, ou vocês podem chamar de uma *desqualidade*.

Durante os últimos vinte anos da sua vida estive viajando por toda a Índia. Toda vez que eu passava pela vila ela me falava, “Ouça: nunca entre em um trem que já começou a andar, e não saia do trem antes dele parar. Em segundo lugar, nunca discuta com ninguém do compartimento enquanto você viaja. Terceiro, lembre-se sempre que estou viva e esperando você vir para casa. Por que você está andando por todo o país quando estou esperando aqui para cuidar de você? Você precisa de cuidado, e ninguém pode te dar o mesmo cuidado que eu.”

Por vinte anos continuamente tive que ouvir esse conselho. Agora posso dizer para ela, “Não se preocupe, pelo menos aí no outro mundo. Primeiro, não viajo mais de trem; de fato, não viajo mais, então não é possível sair do trem que ainda não parou. Em segundo lugar, Gudia está cuidando de mim tão lindamente quanto você teria desejado. Terceiro, lembre-se que assim como você se lembrava de mim quando estava viva, permaneça esperando por mim. Logo chegarei, chegarei em casa.”

A primeira vez que estive em Khajuraho fui apenas porque a minha avó estava persistindo para que eu fosse, mas desde então fui para lá centenas de vezes. Não existe nenhum outro lugar no mundo que fui tantas vezes. A razão é simples: você não pode esgotar a experiência. Ela é inexaurível. Quanto mais você sabe, mais quer saber. Cada detalhe dos templos de Khajuraho é um mistério. Centenas de anos devem ter sido necessários, e milhares de artistas, para criar cada templo. E nunca cruzei com nada além de Khajuraho que se possa dizer ser perfeito, nem mesmo o Taj Mahal. O Taj Mahal tem as suas falhas, mas Khajuraho não tem nenhuma. Ademais, o Taj Mahal é apenas uma bela arquitetura; Khajuraho é toda a filosofia e psicologia do Novo Ser Humano.

Quando vi aquelas estátuas nuas* [NdT. ‘naked’]... não posso dizer “despidas”* [NdT. ‘nude’] – perdoem-me. O despido é pornográfico; o estar nu é um fenômeno totalmente diferente. No dicionário eles querem dizer a mesma coisa, mas o dicionário não é tudo; há muito mais para a existência. As estátuas estão nuas, mas não despidas. Mas aquelas belezas nuas... talvez um dia o ser humano seja capaz de realizá-las. É um sonho, Khajuraho é um sonho. E Mahatma Gandhi queria enterrá-lo para que ninguém fosse tentado pelas belas estátuas! Somos gratos a Rabindranath Tagore que preveniu Gandhi de fazer tal coisa. Ele disse, “Deixe os templos como eles são...” Ele foi um poeta e podia entender o mistério.

Fui a Khajuraho tantas vezes que perdi a conta. Sempre que tenho tempo vou correndo para Khajuraho. Se eu não fosse encontrado em lugar algum, a minha família automaticamente diria que eu deveria estar em Khajuraho, procure por ele lá. E eles estavam sempre certos. Tive que subornar os guardas daqueles templos para dizer às pessoas que eu não estava lá quando eu estava. É uma confissão, porque esta foi a única vez que subornei alguém. Mas valeu a pena e não me arrependo, não me sinto desolado por isso.

De fato, vocês ficarão surpresos, vocês sabem quão perigoso eu sou... O guarda que subornei tornou-se meu sannyasin. Ora, quem subornou quem? Primeiro o subornei para dizer que eu não estava lá dentro; então, aos poucos ele

se tornou cada vez mais interessado por mim. Ele devolveu todo o suborno que eu havia lhe dado. Ele é talvez o único homem que devolveu todos os subornos que lhe foram dados. Ele não poderia mantê-los depois que se tornou um sannyasin.

Khajuraho – o próprio nome soa sinos de alegria em mim, como se tivesse descido do céu à Terra. Em uma noite de lua cheia, ver Khajuraho é ver tudo o que vale a pena ver. A minha avó nasceu ali; não admira ela ser uma mulher bela, corajosa e perigosa também. A beleza é sempre assim, corajosa e perigosa. Ela ousava. A minha mãe não se parece com ela, e sinto muito por isso. Vocês não podem encontrar nenhuma evidência da minha avó em minha mãe. Nani era uma mulher muito corajosa, e ela me ajudou a ousar tudo – quero dizer *tudo*.

Se eu queria beber vinho, ela arranjava. Ela diria, “Se você não puder beber totalmente não pode se livrar disso.” E sei que essa é a forma de livrar-se de qualquer coisa. Qualquer coisa que eu quisesse ela arranjava. O meu avô, o marido dela, sempre tinha medo – assim como todo outro marido no mundo, um rato; um belo rato, um sujeito legal, amável, mas nada comparado com ela. Quando ele morreu no meu colo ela nem mesmo chorou.

Perguntei-lhe, “Ele está morto. Você o amava. Por que você não está chorando?”

Ela disse, “Por causa de você. Não quero chorar na frente de uma criança” – ela era uma mulher extraordinária! – “e não quero consolá-lo. Se eu começar a chorar, então naturalmente você chorará; então quem vai consolar quem?”

Preciso descrever aquela situação... Estávamos em um carro de boi indo da vila do meu avô para a do meu pai, porque o único hospital ficava ali. O meu avô estava gravemente doente; não apenas doente, mas inconsciente também, quase em coma. Ela e eu éramos as únicas pessoas no carro. Posso entender a compaixão dela por mim. Ela nem mesmo chorou na morte do seu amado marido, somente por causa de mim; porque eu era o único ali, e não havia mais ninguém para me consolar.

Eu disse, “Não se preocupe. Se você pode permanecer sem lágrimas, também posso permanecer sem lágrimas.” E, acredite ou não, uma criança de sete anos permaneceu sem lágrimas.

Até mesmo ela ficou intrigada. Ela disse, “Você não está chorando?”

Eu disse, “Não quero a consolar.”

Era um grupo estranho de pessoas naquele carro de boi. Bhoora, de quem eu falei hoje pela manhã, estava dirigindo. Ele sabia que o seu mestre estava morto, mas não olharia para dentro do carro de boi, nem mesmo isso, porque era apenas um servo e não lhe cabia interferir nos assuntos privados. Foi isso o que ele me falou: “A morte é um assunto privado; como posso olhar? Eu ouvi tudo do assento do motorista. Eu queria chorar, eu o amava muito. Sinto-me um órfão – mas não pude olhar para trás, para dentro do carro, caso contrário ele nunca me perdoaria.”

Uma companhia estranha... e Nana estava no meu colo. Eu era uma criança de sete anos com a morte, não por alguns segundos, mas continuamente por vinte e quatro horas. Não havia estradas e era difícil chegar na cidade do meu pai. O progresso era muito lento. Permanecemos com o corpo por vinte e quatro horas. Eu não podia chorar porque não queria perturbar a minha avó. Ela não podia chorar porque não queria perturbar a pequena criança de sete anos que eu era. Ela realmente era uma mulher de aço.

Quando chegamos na cidade, o meu pai chamou um doutor e vocês podem imaginar: a minha avó deu uma gargalhada! Ela disse, “Vocês pessoas educadas são todas estúpidas. Ele está morto! Não é necessário chamar qualquer doutor. Por favor queime-o, e o mais rápido possível.”

Todos ficaram chocados com essas palavras, menos eu, porque a conhecia. Ela queria que o corpo evaporasse nos elementos. Já era hora... já estava tarde; vocês podem entender. Ela disse, “E eu não vou voltar para a vila.”

Quando ela disse que não voltaria a viver na vila, isso obviamente queria dizer que eu não poderia voltar lá para a ver novamente. Mas ela nunca ficou com a família do meu pai; ela era diferente. Quando comecei a viver na vila do meu pai, vivi muito matematicamente naquela vila, gastando quase o dia inteiro com a família do meu pai e toda a noite com a minha avó. Ela costumava viver a sós em seu belo bangalô. Era uma casa pequena, mas realmente bela.

A minha mãe costumava perguntar-me, “Por que você não fica em casa à noite?” Eu disse, “É impossível. Eu tenho que ir até a minha avó, particularmente à noite quando ela se sente sozinha sem o meu *nana*, o meu avô. Durante o dia ela fica bem, ela está ocupada e há muitas pessoas em volta – mas à noite em seu quarto ela pode começar a chorar se eu não estiver lá. Eu tenho que estar lá!”. Eu sempre permanecia ali, todas as noites, sem exceção.

Durante o dia eu estava na escola. Apenas de manhã e à tarde eu gastava poucas horas com a minha família – minha mãe, meu pai, meus tios. Era uma família grande, e ela permaneceu estranha para mim; ela nunca tornou-se parte de mim.

A minha avó era a minha família, e ela me entendia porque desde a minha infância ela me viu crescer. Ela sabia mais de mim que qualquer um, porque ela me permitia tudo... tudo.

Na Índia, quando chega o Festival das Luzes, as pessoas podem apostar. É um ritual estranho: por três dias as apostas são legais; depois disso você pode ser pego e punido.

Eu disse para a minha avó, “Quero apostar.”

Ela me perguntou, “Quanto dinheiro você quer?”

Até eu mesmo não pude acreditar em meus ouvidos. Eu pensei que ela diria, “Apostas não.” Em vez disso ela disse, “Então você quer apostar?” Então

ela deu-me uma nota de cem rúpias e disse-me para ir e apostar onde eu quisesse, porque alguém só aprende pela experiência.

Dessa forma ela me ajudou imensamente. Uma vez eu queria visitar uma prostituta. Eu tinha apenas quinze anos e ouvi que uma prostituta estaria na vila. A minha avó me perguntou, “Você sabe o que uma prostituta significa?”

Eu disse, “Não sei exatamente.”

Então ela disse, “Você deve ir e ver, mas primeiro vai vê-la cantar e dançar.”

Na Índia as prostitutas cantam e dançam primeiro, mas o cantar e a dançar foram tão de terceira classe e a mulher era tão feia que vomitei! Retornei para casa no meio, antes da dança e do canto terminarem, e antes da prostituição começar. A minha Nani perguntou, “Por que você chegou em casa tão cedo?”

Eu respondi, “Foi repugnante.”

Apenas depois quando li o livro de Jean-Paul Sartre, *A Náusea*, entendi o que aconteceu comigo naquela noite. Mas a minha avó até me deixou ir a uma prostituta. Não me lembro de nem mesmo uma vez que ela disse não para mim. Eu queria fumar; ela disse, “Lembre-se de uma coisa: tudo bem com fumar, mas sempre fume em casa.”

Eu disse, “Por quê?”

Ela disse, “Os outros podem oporem-se – então você pode fumar em casa. Arranjarei cigarros para você.” Ela continuou a arranjar cigarros para mim até eu falar, “Pare! Não preciso mais.”

A minha Nani estava pronta para fazer qualquer coisa apenas para me ajudar a experienciar por mim mesmo. A forma de conhecer é experienciar por si próprio; não é através do que os outros falam. É aí que os pais tornam-se nauseantes: eles estão continuamente te dizendo o que fazer. Uma criança é um renascimento de Deus. Ela deve ser respeitada e deve lhe ser dada todas as oportunidades de crescimento e de ser – não de acordo com você, mas de acordo com o próprio potencial dela.

Se o meu tempo acabou, tudo bem. Se o meu tempo não acabou é ainda melhor. Agora você decide quanto tempo prolongar. Você não é o único judeu, lembre-se. Você é apenas um judeu por nascimento, sou judeu no espírito. Tudo depende de você.

Sessão 5

Eu estava falando sobre a morte do meu Nana, meu avô. Lembrei-me agora que ele nunca teve que ir ao dentista. Que homem afortunado! Ele morreu com todos os dentes intactos. E olhe para mim. Quando você estava examinando os meus dentes ouvi você dizendo que falta um. Deve ser por isso que sou tão duro: trinta e um dentes em vez de trinta e dois. Talvez seja por isso que golpeio implacavelmente. Naturalmente, quando até mesmo falta um dente, o que mais posso fazer além de golpear implacavelmente dessa forma ou de outras, em quaisquer coisas que eu coloque as minhas mãos?

Este era o meu modo durante aqueles primeiros anos quando eu vivia com o meu avô, e ainda assim eu era absolutamente protegido de punições. Ele nunca disse “Faça isso,” ou “Não faça isso.” Pelo contrário, ele colocava o seu servo obediente, Bhoora, ao meu serviço, para proteger-me. Bhoora costumava carregar uma arma muito primitiva com ele. Ele costumava me seguir a distância, mas isso era suficiente para assustar os aldeões. Isso era o suficiente para que eu fizesse qualquer coisa que quisesse.

Qualquer coisa que se possa imaginar... como montar em um búfalo de costas com Bhoora me seguindo. Foi apenas depois, no museu da universidade, que vi uma estátua de Lao Tsé sentado de costas em um búfalo. Ri tão alto que o diretor do museu veio correndo até mim dizendo, “Há algo errado?” Porque eu estava segurando meu estômago e sentado no chão, ele disse, “Você está sofrendo de algo?”

Eu disse, “Não, e não me aborreça, e não me faça rir ainda mais; senão vou começar a chorar. Apenas deixe-me a sós. Nada está errado comigo. Apenas lembrei-me da minha juventude. Essa era a forma que eu costumava cavalgar em um búfalo.”

Na minha vila particularmente, e em toda a Índia, ninguém cavalga em um búfalo. Os chineses são pessoas estranhas, e Lao Tsé foi o mais estranho de todos. Mas Deus sabe, e apenas Deus sabe, como descobri a ideia – eu mesmo não sei – de sentar-se em um búfalo no mercado, de costas. Assumo que foi porque sempre gostei de qualquer coisa absurda.

Aqueles primeiros anos – se eles me fossem dados novamente, eu estaria pronto para nascer novamente. Mas vocês sabem, e eu sei, nada pode ser repetido. É por isso que estou dizendo que eu estaria pronto para nascer novamente; caso contrário quem iria querer? Mesmo que aqueles dias tenham sido cheios de beleza.

Nasci sob uma estrela errada. Arrependo-me de ter esquecido de perguntar para o grande astrólogo porque eu era tão arteiro. Não sei viver sem isso; é meu alimento. Eu posso entender o velho homem, meu avô, e o problema que as minhas artes causaram a ele. Todo dia ele ficava sentado em seu *gaddi* – é assim que o assento de um homem rico é chamado na Índia – ouvindo menos de seus

clientes, e mais dos reclamantes. Mas ele costumava dizer-lhes, “Estou pronto para pagar por qualquer dano que ele tenha feito, mas lembre-se, eu não o punirei.”

Talvez a sua própria paciência comigo, uma criança arteira... até eu não a poderia tolerar. Se uma criança como aquela fosse dada a mim e por anos... meu Deus! Até mesmo por minutos e eu jogaria a criança para fora da porta para sempre. Talvez aqueles anos fizeram um milagre para meu avô; aquela imensa paciência pagou-se. Ele se tornou cada vez mais silencioso. Eu via o silêncio crescendo a cada dia. De vez em quando eu dizia, “Nana, você pode punir-me. Você não precisa ser tão tolerante.” E, vocês acreditam, ele poderia chorar! As lágrimas chegavam aos seus olhos, e ele diria, “Punir você? Não posso fazer isso. Eu posso punir a mim mesmo, mas não você.”

Nunca, nem por um momento, eu vi a sombra da raiva em relação a mim em seus olhos – e, acreditem em mim, fiz tudo o que mil crianças poderiam fazer. De manhã, até mesmo antes do café da manhã, eu já estava fazendo arte, até tarde da noite. Às vezes eu chegava em casa tão tarde – três da manhã. Mas que homem que ele era! Ele nunca disse, “Você está chegando tarde. Esta não é a hora de uma criança chegar em casa.” Não, nem mesmo uma vez. De fato, na minha frente ele evitaria olhar para o relógio de parede.

Foi assim que aprendi a religiosidade. Ele nunca me levou ao templo onde costumava ir. Eu também costumava ir àquele templo, apenas quando ele estava fechado, apenas para roubar prismas, porque naquele templo havia muitos lustres com belos prismas. Acho que com o tempo eu roubei quase todos. Quando contaram isso para o meu avô ele disse, “E daí! Eu doei os lustres, então posso doar outros. Ele não está roubando; é propriedade de seu Nana. Eu fiz aquele templo.” O sacerdote parou de queixar-se. Qual era o ponto? Ele era apenas um servo do meu Nana.

Nana costumava ir ao templo todas as manhãs, entretanto, nunca disse, “Venha comigo.” Ele nunca me doutrinou. É isso o que é maravilhoso... não doutrinar. É tão humano forçar uma criança indefesa a seguir as suas crenças. Mas ele permaneceu sem ser tentado – sim, chamo-a de grande tentação. No momento que você vê alguém dependente de você de qualquer forma, você começa a doutrinar. Ele nunca nem me disse, “Você é um jaina.”

Lembro-me perfeitamente – foi no momento em que o censo estava sendo feito. O oficial veio até a nossa casa. Ele fez várias perguntas sobre muitas coisas. Eles perguntaram sobre a religião do meu avô; ele disse, “Jainismo.” Eles então perguntaram a religião da minha avó. O meu Nana disse, “Você pode perguntar para ela. A religião é um assunto privado. Eu mesmo nunca a perguntei.” Que homem!

A minha avó respondeu, “Não acredito em nenhuma religião. Todas as religiões parecem infantis para mim.” O oficial ficou chocado. Até mesmo eu fiquei surpreso. Ela não acreditava em nenhuma religião! Encontrar uma mulher na Índia que não acredita em nenhuma religião é impossível. Mas ela nasceu em

Khajuraho, talvez em uma família de Tantrikas que nunca acreditou em qualquer religião. Eles praticaram meditação, mas nunca acreditaram em nenhuma religião.

Soa muito ilógico para a mente Ocidental: meditação sem religião? Sim... de fato, se você acreditar em qualquer religião você não pode meditar. A religião é uma interferência em sua meditação. A meditação não necessita de nenhum Deus, nenhum paraíso, nenhum inferno, nenhum medo de punição e nenhuma atração pelo prazer. A meditação não tem nada a ver com a mente; a meditação está além da mente, enquanto a religião é apenas mente, está dentro da mente.

Eu sabia que Nani nunca havia ido a um templo, mas ela me ensinou um mantra que revelarei pela primeira vez. É um mantra jaina, mas ele não tem nada a ver propriamente com os jainas. É puramente acidental ele ser relacionado com o jainismo...

*Namo arihantanam namo namo
Namo siddhanam namo namo
Namo uvajjhayanam namo namo
Namo loye savva sahunam namo namo
Aeso panch nammukaro
Om, shantih, shantih, shantih...*

O mantra é tão belo. Será difícil traduzi-lo, mas farei o meu melhor... ou meu pior. Primeiro ouçam o mantra em sua beleza original:

*Namo arihantanam namo namo
Namo siddhanam namo namo
Namo uvajjhayanam namo namo
Namo loye savva sahunam namo namo
Aeso panch nammukaro
Savva pavappanasano
Mangalam cha savvesam padhamam havai mangalam
Arihante saranam pavajjhami
Siddhe saranam pavajjhami
Sahu arihantanam namo namo
Namo siddhanam namo namo
Namo uvajjhayanam namo namo
Om, shantih, shantih, shantih...*

Agora o meu esforço na tradução: “Vou aos pés, curvo-me aos *arihantas*...” Arihanta é o nome, no jainismo, assim como *arhat* no budismo, para alguém que atingiu o supremo, mas não se preocupa com mais ninguém. Ele foi para casa e virou as suas costas para o mundo. Ele não cria uma religião, ele nem mesmo prega, ele nem mesmo declara. É claro que ele tem que ser lembrado em primeiro lugar. A primeira lembrança é para todos aqueles que conheceram e permaneceram em silêncio. O primeiro respeito não é pelas palavras, mas pelo silêncio. Não para servir os outros, mas pela completa realização do próprio sujeito. Não importa se alguém serve os outros ou não; isso é secundário, não

primário. O primário é a necessidade de atingir o próprio eu, e isso é tão difícil nesse mundo, conhecer o próprio eu.

Hoje de manhã dei para Gudia um adesivo de carro da Califórnia que diz: Cuidado! Eu breco para as alucinações. Isso deveria estar em todo carro – não apenas carros, mas nas nádegas de todos também. As pessoas estão vivendo em alucinações; é isso o que a sua vida é: uma alucinação; Elas brecam para espíritos que não estão lá – talvez um Espírito Santo? Mas o que importa se o espírito é sagrado ou profano? Tudo o que importa é que ele não existe.

E que estupidez! Que clímax da estupidez colocar um espírito santo na trindade Cristã: Deus, o Filho e o Espírito Santo! Apenas para evitar a mulher eles colocaram um espírito santo ali. Que profano! Vocês veem o truque? Eles não podiam colocar a mãe; eles apagaram a mãe e inscreveram o Espírito Santo. Este Espírito Santo destruiu toda a Cristandade, porque desde o início, desde a sua fundação ele depende de mentiras, alucinações.

Os californianos podem ser perdoados – eles são *californíacos* – mas os cristãos não podem ser perdoados por trazer esse sujeito feio, o Espírito Santo, para a trindade. E este Espírito Santo fez o ato profano de engravidar a pobre Maria! Quem vocês acham que engravidou a mulher do pobre carpinteiro, Maria? Ora, o Espírito Santo! Ótimo! Grande Santidade! Então o que é profanidade?

Uma coisa é certa, que o cristianismo tentou evitar completamente a mulher, apagá-la completamente. Eles até criaram uma família. Se uma criança desenhar uma gravura da família – do Pai, Filho e Espírito Santo – vocês diriam, “O que é essa bobagem? Onde está a mãe?”

Sem a mãe como o pai pode existir? Sem a mãe como pode existir um filho? Até mesmo uma criança entenderia a sua lógica, mas não um teólogo cristão. Ele não é uma criança, ele é uma criança retardada. Algo está errado com seu cérebro. Particularmente o lado esquerdo do seu cérebro está ou vazio ou cheio de lixo – talvez lixo teológico, a Bíblia – em suma, o Espírito Santo.

Sou contra esse sujeito. Permitam-me dizer o mais claro possível: se eu encontrasse com ele... quero que vocês saibam que, embora eu seja um homem pacífico, se eu encontrasse esse sujeito, o Espírito Santo, eu o mataria. Eu diria para mim mesmo, “Para o inferno com o pacifismo, pelo menos nesse momento, mate esse sujeito! Depois veremos isso. Podemos ser pacíficos novamente.” Eu colocaria uma mulher em seu lugar. Imediatamente o cristianismo tomaria consciência.

Outro adesivo californiano que dei para Gudia guardar diz: O melhor homem para o posto é provavelmente uma mulher. Não provavelmente, mas certamente... uma mulher poderia trabalhar como o terceiro membro da companhia sagrada. Sem uma mulher é um deserto absoluto: Pai, Filho e Espírito Santo!

Os jainas chamam de arihanta uma pessoa que atingiu a si mesma e está tão mergulhada, tão embriagada na beatitude da sua realização que esqueceu todo o mundo. A palavra ‘arihanta’ literalmente significa “aquele que matou o inimigo” – e o inimigo é o ego. A primeira parte do mantra diz, “Toco o pé daquele que atingiu a si mesmo.”

A segunda parte é: *Namo siddhanam namo namo*. Este mantra está em prakriti, não em sânscrito. Prakriti é a linguagem dos jainas; ela é mais antiga que o sânscrito. A própria palavra “sânscrito” significa refinado. Vocês podem entender pela palavra ‘refinado’ que deve haver algo antes dela, caso contrário o que vocês iriam refinar? ‘Prakriti’ significa não-refinado, natural, cru, e os jainas estão corretos quando dizem que a sua linguagem é a mais antiga do mundo. A sua religião também é a mais antiga.

A escritura hindu *Rigveda* menciona o primeiro mestre dos jainas, Adinatha. Isso certamente quer dizer que este é muito mais antigo do que o *Rigveda*. O *Rigveda* é o livro mais antigo do mundo e ele fala sobre o *tirthankara* jaina, Adinatha, com tamanho respeito que uma coisa é certa, que ele não podia ser contemporâneo das pessoas que escreveram o *Rigveda*.

É muito difícil reconhecer um mestre contemporâneo. O seu destino é ser condenado, condenado por todos os lados, de todas as maneiras possíveis. Ele não é respeitado – ele não é uma pessoa respeitável. Leva tempo, milhares de anos, para as pessoas perdoá-lo; apenas então elas começam a respeitá-lo. Quando elas estão livres da culpa de tê-lo condenado uma vez, elas começam a respeitá-lo, adorá-lo.

O mantra está em prakriti, cru e não-refinado. A segunda linha é: *Namo siddhanam namo namo* - “Toco os pés daquele que tornou-se o seu ser.” Então, qual a diferença entra a primeira linha e a segunda?

O arihanta nunca olha para trás, nunca se preocupa com nenhum tipo de serviço, cristão ou de outro tipo. O siddha, de vez em quando, dá a sua mão para a humanidade que se afoga, mas apenas de vez em quando, não sempre. Não é uma necessidade, não é compulsório, a escolha é sua; ele pode ou não.

Assim sendo a terceira: *Namo uvajjhayanam namo namo...* “Toco os pés dos mestres, os *uvajjhaya*.” Eles atingiram o mesmo, mas eles encaram o mundo, eles servem o mundo. Eles estão no mundo, não são do mundo... mas mesmo assim dentro do mundo.

O quarto: *Namo loye savva sahanam namo namo...* “Toco os pés dos professores.” Vocês sabem a sutil diferença entre um mestre e um professor? O mestre conheceu, e transmite o que conheceu. O professor recebeu de alguém que conheceu, e entrega-o intacto ao mundo, mas ele próprio não conheceu.

Os compositores desse mantra são realmente belos; eles tocam os pés até mesmo daqueles que não conheceram a si mesmos, mas que estão pelo menos carregando a mensagem dos mestres para as massas.

A número cinco é uma das sentenças mais significantes que já cruzei em toda a minha vida. É estranho que ela tenha sido dada a mim pela minha avó quando eu era uma criança pequena. Quando eu explicá-la, vocês também verão a sua beleza. Apenas a minha avó foi capaz de dá-la a mim. Eu não conheço mais ninguém que teria a fibra para realmente proclamá-la, embora todos os jainas repitam-na em seus templos. Mas repetir é uma coisa; transmiti-la para alguém que você ama é outra totalmente diferente.

“Toco os pés de todos aqueles que conheceram a si próprios”... sem nenhuma distinção, sejam eles hindus, jainas, budistas, cristãos, islâmicos. O

mantra diz, “Toco os pés de todos aqueles que conheceram a si próprios.” Este é o único mantra, até onde sei, que é absolutamente não-sectário.

As outras quatro linhas não são diferentes da quinta, elas estão todas contidas nesta, mas a quinta tem uma vastidão que as outras não têm. A quinta linha deve ser escrita em todos os templos, em todas as igrejas, independentemente de quais sejam, porque ela diz, “Toco os pés de todos aqueles que conheceram-se.” Ela não diz “que conheceram Deus.” Mesmo o “se” pode ser abandonado: estou apenas colocando “se” na tradução. O original simplesmente significa “tocando os pés daqueles que conheceram” – sem “se.” Estou colocando o “se” apenas para preencher às demandas da sua linguagem; caso contrário alguém perguntará, “Conhecer? Conhecer o que? Qual é o objeto do conhecimento?” Não há objeto para o conhecimento; não há nada para conhecer, apenas o conhecedor.

Este mantra foi a única coisa religiosa, se vocês puderem chamá-la de religiosa, dada a mim pela minha avó, não pelo meu avô, mas pela minha avó... porque uma noite eu perguntei para ela. Uma noite ela disse, “Você parece acordado. Não consegue dormir? Você está planejando as travessuras de amanhã?”

Eu disse, “Não, mas de alguma forma surgiu uma questão em mim. Todo mundo tem uma religião, e quando as pessoas me perguntam, ‘A qual religião você pertence?’ dou de ombros. Ora, certamente dar de ombros não é uma religião, então quero perguntar para você, o que eu devo dizer?”

Ela disse, “Eu mesmo não pertenço a nenhuma religião, mas amo esse mantra, e isso é tudo o que posso lhe dar – não porque ele seja tradicionalmente jaina, mas apenas porque conheci a sua beleza. Repeti-o milhões de vezes e sempre encontrei uma tremenda paz... apenas o sentimento de tocar os pés de todos aqueles que conheceram. Posso dar-te esse mantra; mais do que isso não me é possível.”

Agora posso dizer que aquela mulher era realmente grandiosa, porque no que concerne à religião, todo mundo está mentindo: cristãos, judeus, jainas, islâmicos – todo mundo está mentindo. Todos falam de Deus, céu e inferno, anjos e todos os tipos de disparates, sem saber de nada. Ela era grandiosa, não porque sabia, mas porque foi incapaz de mentir para uma criança. Ninguém deveria mentir – para uma criança pelo menos é imperdoável.

As crianças foram exploradas por séculos apenas porque elas estão dispostas a confiar. Vocês podem mentir para elas muito facilmente e elas confiarão em vocês. Se você é um pai, uma mãe, elas pensarão que deve ser verdade. É assim que toda a humanidade vive na corrupção, em uma lama grossa, muito escorregadia, uma lama grossa de mentiras contadas para as crianças por séculos.

Se pudermos fazer uma coisa, uma coisa simples: não mentir para as crianças, e confessar para elas a nossa ignorância, então nós seremos religiosos, e vamos colocá-las no caminho da religião. As crianças são pura inocência; não deixe para elas o seu suposto conhecimento. Mas vocês próprios primeiro devem ser inocentes, sem mentiras, verdadeiros, mesmo se isso acabar com o ego – e isso irá. Necessariamente isso acabará com o ego.

O meu avô nunca me disse para ir ao templo, para segui-lo. Eu costumava segui-lo muitas vezes, mas ele diria, “Vai embora. Se você quiser ir ao templo vá sozinho. Não me siga.”

Ele não era um homem duro, mas nesse ponto ele era absolutamente duro. Perguntei-lhe várias vezes, “Você pode me dar algo da sua experiência?” E ele sempre negava.

Quando ele estava morrendo no meu colo, no carro de boi, ele abriu o seus olhos e perguntou, “Que horas são?”

Eu disse, “Deve ser quase nove horas.”

Por um momento ele permaneceu em silêncio, e então ele falou,

*“Namo arihantanam namo namo
Namo siddhanam namo namo
Namo uvajjhayanam namo namo
Namo loye savva sahanam namo namo
Om, shantih, shantih, shantih...”*

O que isso significa? Significa “Om” – o som supremo do silêncio. E ele desapareceu como uma gota de orvalho nos primeiros raios do sol.

Existe apenas a paz, paz, paz... Eu estou entrando nela agora...

*Namo arihantanam namo namo...
Vou aos pés daqueles que conheceram.
Vou aos pés daqueles que alcançaram.
Vou aos pés de todos que são mestres.
Vou aos pés de todos os professores.
Vou aos pés de todos que conheceram,
Incondicionalmente.
Om, shantih, shantih, shantih.*

Sessão 6

OK. O meu OK é um pouco triste porque Ashu está triste, e são tão poucos os membros da Arca de Noé que apenas uma pessoa estando triste é suficiente para mudar toda a atmosfera. Ela está triste porque o seu amor se foi e pode não voltar.

Vocês se lembram quando há alguns dias perguntei para ela, “Onde está o seu amor, Ashu?” E quão feliz ela disse, “Em breve ele estará aqui.”

Ela pode não ter pensado naquele momento porque eu perguntava. Não pergunto algo para alguém sem um propósito. Pode não ser aparente para você no momento, mas sempre há um propósito. Em todas as minhas absurdidades existem razões. Em toda a minha insanidade há uma subcorrente de total sanidade.

Perguntei-lhe porque sabia que em breve ela estaria triste. Anime-se, não se preocupe. Eu conheço o seu amor mais do que você o conhece.

Ele vai conseguir. Eu vou conseguir. Mas nessa pequena Arca de Noé, não fique triste. Ó. Você está rindo; isso é bom. E é sempre bom ter uma pequena separação do amor; isso torna você e sua saudade mais profundas. Isso faz com que você esqueça das estupidezes que estão ocorrendo, dos conflitos. De repente toda a beleza é lembrada. As pequenas separações trazem novas luas de mel. Então espere pela lua de mel. Os meus discípulos sempre encontrarão um caminho até mim, para estarem ao meu lado. Eles querem o caminho. Ele encontrará o caminho até mim.

Mas, infelizmente, a palavra ‘triste’ faz-me lembrar daquele alemão, Achim Seidl. Meu Deus, eu não ia falar sobre ele nunca mais na minha vida, e ele está aqui, apenas por causa da sua tristeza... Olhe o que você fez! Então nunca fique triste, caso contrário essas pessoas podem entrar.

Eu estava tentando encontrar em seu livro o que ele acha de errado em mim que o faz dizer que não sou iluminado. Não que eu seja – apenas porque ele sente que não sou iluminado, e porque ele sente que sou apenas iluminante. Por curiosidade eu queria ver porque ele concluiu dessa forma. O que encontrei é algo que realmente vale a pena rir. A sua razão para eu ser iluminante é: certamente o que estou falando é de imensa importância para toda a humanidade, mas não sou iluminado por causa “da forma que digo.”

Isso realmente me fez rir. Raramente rio, e mesmo assim apenas no meu banheiro. Apenas o espelho o sabe. A beleza do espelho é que ele não carrega memórias. Rio porque parece que esse homem encontrou e conheceu muitas pessoas iluminadas, e não acha que a minha forma de dizer as coisas é a mesma da deles. Eu gostaria de usar uma palavra americana para ele: o ‘filho da mãe’ está simplesmente intelectualmente constipado. Ele precisa começar um movimento; quero dizer que ele tem que comer ameixas!

Digo com autoridade – com a minha própria autoridade, é claro – que Bodidarma, se ele tivesse conhecido a expressão, ele teria dito ao imperador Wu da China, “Seu filho da mãe! Vá para o inferno e deixe-me a sós!” mas naqueles dias a expressão americana não existia. Não que a América não existisse, isso novamente é um mito europeu. A América foi descoberta por Colombo? Disparate! Ela foi descobertas muitas vezes, mas isso foi sempre abafado.

Permita-me lembrá-los que México vem de uma palavra em sânscrito *makshika* e que no México existem milhares de provas que o hinduísmo existia ali muito antes de Jesus Cristo – o que dizer de Colombo! De fato a América, particularmente a América do Sul, era parte de um vasto continente em conjunção com a África. A Índia ficava exatamente no meio, a África abaixo, a América acima. Elas eram divididas apenas por um oceano muito raso; vocês poderiam andar sobre ele! Existem referências a ele nas escrituras indianas antigas; elas dizem que as pessoas costumavam passar entre a Ásia e América a pé. Até mesmo casamentos aconteciam. Arjuna, o famoso guerreiro do épico Indiano *Mahabharata* e famoso discípulo de Krishna, era casado com uma garota mexicana. É claro que eles chamavam o México de Makshika, mas a descrição é exatamente a do México.

No México existem estátuas de Ganesh, o deus elefante hindu. Seria impossível encontrar uma estátua do deus elefante na Inglaterra! Seria impossível encontrá-la em qualquer lugar a menos que esse país tivesse tido contato com o hinduísmo. Em Bali, sim, ou em Sumatra e México – mas não em outros locais, a menos que o hinduísmo estivesse lá. Em alguns templos Mexicanos existe até inscrições em sânscrito antigo. Estou dizendo isso circunstancialmente... se vocês quiserem saber mais vocês terão que olhar para a obra da vida do monge Bhikkhu Chamanlal, em seu livro *Hindu América*. É estranho que ninguém preste atenção para sua obra. Os cristãos, é claro, não podem prestar atenção nele, mas a pesquisa deveria ser sem preconceitos.

Esse alemão e seu colega psicólogo holandês que escreveu que sou iluminado, mas não iluminante, e que sou iluminante mas não iluminado, devem encontrar-se ambos para discutir a questão e chegar a uma conclusão, e então me comunicarem – porque não sou nem um nem outro. Eles estão muito preocupados com as palavras: ‘iluminante’ ou ‘iluminado’? Ademais, as mesmas razões são utilizadas por ambos para alcançar conclusões totalmente opostas. O holandês escreveu o seu livro antes do alemão, que parece que roubou o tema do holandês. Mas é assim que os professores se comportam – eles seguem roubando os mesmos argumentos um do outro, exatamente o mesmo argumento... que não falo como um homem iluminado ou como um homem iluminante.

Mas quem são eles para decidirem como uma pessoa iluminada ou iluminante deve falar? Eles conheceram Bodidarma? Eles viram a sua imagem? Eles imediatamente concluirão que uma pessoa iluminada ou iluminante não pode se parecer com aquilo. Ele parece feroz! Os seus olhos são os de um leão na floresta, e a forma que ele olha para você é tal que parece que vai saltar da imagem

e te matar instantaneamente. Era assim que ele era! Mas esqueçam Bodidarma, porque agora catorze séculos se passaram...

Conheço Bodidarma pessoalmente. Viajei com o homem por pelo menos três meses. Ele me ama assim como eu o amo. Vocês ficarão curiosos em saber porque ele me amou. Ele me amou porque nunca fiz nenhuma questão para ele. Ele disse para mim, “Você é a primeira pessoa que encontrei que não fez uma questão – e fico entediado com todas as questões. Você é a única pessoa que não me entendia.”

Eu disse, “Há uma razão.”

Ele disse, “Qual?”

Eu disse, “Somente respondo. Nunca questiono. Se você tiver alguma questão você pode perguntar-me. Se você não tem uma questão então mantenha a sua boca fechada.”

Nós dois rimos, porque nós dois pertencemos à mesma categoria de insanidade. Ele me pediu para continuar a jornada com ele, mas eu disse, “Desculpe-me, tenho que seguir o meu caminho, e a partir desse ponto ele se separa do seu.”

Ele não podia acreditar. Ele nunca tinha convidado alguém antes. Esse era o homem que recusou até mesmo o imperador Wu – o maior imperador daqueles dias, com o maior império – como se fosse um mendigo. Bodidarma não podia acreditar que o recusei.

Eu disse, “Agora você sabe como é o sentimento de ser recusado. Eu queria te dar um gostinho disso. Adeus.” Mas isso foi há catorze séculos.

Posso lembrar o alemão de fazer algumas edições posteriores... de Gurdjieff, que ainda estava vivo há alguns poucos anos. Ele deveria ter visto Gurdjieff e então ele entenderia como uma pessoa iluminada ou iluminante se comporta e fala. Não há nenhuma única palavra que Gurdjieff não falaria – e é claro que essas palavras não estão escritas em seus livros, porque ninguém os publicaria.

Ou, se ele se preocupa apenas com a iluminação indiana, que parece dominar esses idiotas... caso contrário, o que a Índia tem a ver com isso? A iluminação aconteceu em todos os lugares. Se ele se preocupa apenas com a iluminação indiana, então Ramakrishna está muito próximo de nós. As suas palavras não foram reportadas corretamente, porque ele era um aldeão e utilizava a linguagem de um aldeão. Todas aquelas palavras que as pessoas pensam que não deveriam ser utilizadas por um ser iluminado foram editadas. Andei por Bengala, perguntando para as pessoas que ainda estavam vivas quando Ramakrishna falava. Todas elas disseram que ele era terrível. Ele costumava falar como um homem deve falar – forte, sem medo, sem nenhuma sofisticação.

Eu sempre falei como quis. Não sou escravo de ninguém, e não ligo para o que esses idiotas pensam de mim. Isso depende deles: eles podem pensar que sou

iluminado; eles podem pensar que sou iluminante; eles podem pensar que sou ignorante. Eles podem pensar o que quiserem – a mente é deles. Eles podem escrever; o papel está aí, a tinta está aí. Por que eu me preocuparia?

Por falar nisso, Ashu, porque você está triste você trouxe esse idiota para dentro. Nunca fique triste novamente – porque se você estiver, trarei esse idiota, e você sabe que posso trazer qualquer coisa de qualquer lugar, mesmo de lugar algum.

Agora terminamos com esse alemão e a tristeza, certo? Pelo menos dê um risinho... bom! Sim, posso entender. Mesmo se você ri na tristeza a cor é diferente, mas é natural. Os meus sannyasins têm que aprender como estar um pouco acima da natureza. Eles têm que aprender coisas que, no mundo ordinário, ninguém se importa. A separação tem a sua própria beleza, assim como o encontro. Não vejo que há algo errado na separação. A separação tem a sua própria poesia; é preciso apenas aprender a sua linguagem, e é preciso viver em sua profundidade. Então, da própria tristeza vem um novo tipo de alegria... que parece quase impossível, mas ela ocorre. Conheci-a. Era disso que eu estava falando de manhã. Eu estava falando da morte do meu Nana.

Foi uma separação total. Nós não nos veríamos de novo, entretanto, havia uma beleza nisso, e ele tornou ainda mais belo ao repetir o mantra. Ele fez daquilo uma plena oração... tornou-se perfumado. Ele estava velho e morrendo, talvez de um ataque cardíaco severo. Nós não sabíamos porque na vila não tinha doutor, nem mesmo um farmacêutico, nenhum remédio. Então nós não sabíamos a causa da sua morte, mas penso que foi um ataque cardíaco severo.

Perguntei-lhe em seu ouvido, “Nana, você tem algo a dizer para mim antes de você partir? Quaisquer últimas palavras? Ou você quer me dar algo para que eu me lembre de você para sempre?”

Ele retirou o seu anel e o colocou em minha mão. Aquele anel está com algum sannyasin agora; dei-o para alguém. Mas aquele anel foi sempre um mistério. Por toda a sua vida ele não permitiu que ninguém visse o que havia nele, embora sempre olhasse para o anel. Aquele anel tinha uma janela de vidro de ambos os lados que você podia olhar dentro. No topo havia um diamante; em cada um dos seus lados havia uma janela de vidro.

Ele nunca deixou ninguém ver o que era aquilo que costumava olhar através da janela. Dentro havia uma estátua de Mahavira, o tirthankara jaina; uma imagem realmente bela e muito pequena. Devia haver uma pequena imagem de Mahavira dentro e aquelas duas janelas eram lupas. Elas aumentavam-na e a imagem parecia realmente grande. Não tinha uso para mim porque, sinto muito dizer, mesmo tentando o meu melhor, nunca fui capaz de amar Mahavira tanto quanto amo Buda, embora eles fossem contemporâneos.

Algo falta a Mahavira e sem isso o meu coração não pode bater por ele. Ele parece exatamente como uma estátua de pedra. Buda parece mais vivo, mas não de acordo com o meu padrão de vivacidade – é por isso que quero que ele se torne um Zorba também. Se ele encontrar comigo em algum lugar do outro mundo

haverá problemas. Ele gritará para mim, “Você queria que eu me tornasse um Zorba!”

Mas você sabe que sei gritar muito melhor. Ele não pode me calar; Terei o meu próprio caminho. Se ele não quiser se tornar um Zorba, isso é problema dele, mas então o seu mundo está acabado; ele não terá futuro. Se quiser um futuro então ele terá que me ouvir. Ele tem que tornar-se um Zorba. O Zorba não pode existir a sós – ele terminará em Hiroshima – nem um Buda pode existir a sós. No futuro não haverá possibilidade de eles ficarem separados.

A psicologia futura do ser humano precisa ser uma ponte entre o materialismo e o espiritualismo; entre Oriente e Ocidente. Algum dia alguém ficará grato que a minha mensagem está alcançando o Ocidente; caso contrário os buscadores estariam vindo para o Oriente. Dessa vez a mensagem de um buda vivo foi até o Ocidente.

O Ocidente não sabe como reconhecer um Buda. Ele nunca conheceu um Buda. Ele conheceu apenas Budas parciais – um Jesus, um Pitágoras, um Diógenes – ele nunca conheceu um buda total. Não é surpresa que eles estejam discutindo sobre mim.

Vocês sabem o que eles estão publicando nos jornais indianos? Eles estão publicando uma estória que posso ser sequestrado por alguns inimigos, e que a minha vida está em perigo. Estou aqui agora e eles não estão realmente preocupados comigo. A Índia é um país podre. A Índia tem sido podre por quase dois mil anos – ela fede! Nada fede mais do que a espiritualidade indiana. É um cadáver, um cadáver muito antigo, dois mil anos!

Que estórias as pessoas inventam! Eu posso ser “sequestrado por alguns inimigos” e agora a minha vida está em perigo. É um milagre que sobrevivi. E agora eles querem me proteger! Existem pessoas estranhas no mundo inteiro; mas o futuro do ser humano não pertence a essas pessoas estranhas, mas a um tipo muito novo, e esse novo tipo nomeei Zorba o Buda.

Eu estava dizendo a vocês que meu avô, antes de morrer, deu-me a sua coisa mais estimada – uma estátua de Mahavira escondida atrás de um diamante em um anel. Com lágrimas em seus olhos ele disse, “Não tenho mais nada para te dar, porque tudo o que tenho será tirado de você também, assim como foi tirado de mim. Posso apenas dar-te o meu amor por aqueles que conheceram a si próprios.”

Embora eu não tenha mantido o seu anel, cumpri o seu desejo. Conheci o uno, e o conheci em mim mesmo. Em um anel o que importa? Mas o pobre velho homem, ele amava o seu mestre, Mahavira, e ele deu o seu amor para mim. Respeito o seu amor por seu mestre, e por mim. As últimas palavras em seus lábios foram, “Não se preocupe, porque não estou morrendo.”

Todos nós esperamos para ver se ele diria algo a mais, mas aquilo era tudo. Os seus olhos fecharam-se e ele faleceu.

Ainda lembro-me daquele silêncio. O carro de boi estava passando pelo leito de um rio. Lembro-me exatamente de cada detalhe. Eu não disse nada porque não queria perturbar a minha avó. Ela não disse nada. Alguns momentos passaram-se, então fiquei um pouco preocupado com ela e disse, “Diga algo; não fique tão quieta, é insuportável.”

Vocês acreditam nisso, ela cantou uma música! Foi assim que aprendi que a morte tem que ser celebrada. Ela cantou a mesma música que cantara quando estava apaixonada pelo meu avô pela primeira vez. Isso também deve ser notado: que noventa anos atrás, na Índia, ela teve a coragem de apaixonar-se. Ela permaneceu solteira até a idade de vinte e quatro. Isso era muito raro. Ela era uma mulher tão bonita... eu disse para ela brincando que mesmo o rei de Chhatarpur, o estado onde Khajuraho está, deveria ter se apaixonado por ela.

Ela disse, “É estranho você mencionar isso, porque isso ocorreu. Eu o recusei, e não apenas ele, mas muitos outros também.” Naqueles dias na Índia as meninas casavam-se quando tinham sete anos, ou no máximo nove anos. O medo do amor... se elas fossem mais velhas elas poderiam apaixonar-se. Mas o pai da minha avó era um poeta; as suas músicas ainda são cantadas em Khajuraho e nas vilas próximas. Ele insistiu que a não ser que ela aceitasse, ele não a casaria com ninguém. Pelo bem ou pelo mal, ela apaixonou-se pelo meu avô.

Perguntei-lhe, “Isso é ainda mais estranho: você recusou o rei de Chhatarpur, e, entretanto, você se apaixonou por esse pobre homem. Para quê? Ele certamente não era um homem belo, nem extraordinário de outra maneira; por que você se apaixonou por ele?”

Ela disse, “Você está fazendo a questão errada. Apaixonar-se não tem nenhum ‘porque’ associado. Somente o vi, e foi isso. Vi os seus olhos e uma confiança que nunca titubeou surgiu em mim.

Também perguntei ao meu avô, “Nani disse que ela se apaixonou por você. Tudo bem da parte dela, mas por que você permitiu que o casamento ocorresse?”

Ele disse, “Não sou um poeta ou um pensador, mas posso reconhecer a beleza quando a vejo.”

Nunca vi uma mulher mais bonita que a minha Nani. Eu mesmo me apaixonei por ela, e a amei por toda a sua vida. Quando ela morreu com oitenta anos, corri para casa e a encontrei deitada ali, morta. Todos estavam esperando por mim porque ela tinha lhes dito para não colocarem o seu corpo na pilha funerária até que eu chegasse. Entrei, descobri a sua face... e ela ainda estava bela! De fato, mais bela do que nunca, porque tudo estava quieto: até mesmo o turbilhão da sua respiração, o turbilhão da vida não estava ali. Ela era apenas uma presença.

Colocar o fogo em seu corpo foi a coisa mais difícil que já fiz em minha vida. Foi como se eu tivesse colocando fogo nas obras mais belas de Da Vinci ou Vincent Van Gogh. É claro que para mim ela tinha mais valor do que a Mona Lisa, mais beleza do que Cleópatra. Não é um exagero.

Tudo o que é belo na minha visão de alguma maneira vem dela. Ela me ajudou de todas as formas a ser quem sou. Sem ela eu poderia ser o dono de uma loja ou talvez um doutor ou engenheiro, porque quando fui admitido o meu pai era tão pobre, era difícil para ele enviar-me para a universidade. Mas ele estava pronto até mesmo para emprestar dinheiro para fazê-lo. Ele foi totalmente insistente que eu fosse para a universidade. Eu estava disposto, mas não para ir para a universidade de medicina, e eu não estava disposto a ir para a universidade de engenharia também. Recusei totalmente ser doutor ou engenheiro. Falei para ele, “Se você quer saber a verdade, quero ser um sannyasin, um vagabundo.”

Ele disse, “O quê! Um vagabundo?”

Eu disse, “Sim. Quero ir para a universidade estudar filosofia para que eu possa ser um vagabundo filosófico.”

Ele recusou, dizendo, “Nesse caso não vou emprestar dinheiro para isso.”

A minha avó disse, “Não se preocupe, filho; vai e faça qualquer coisa que você quiser. Estou viva e venderei qualquer coisa que tiver apenas para ajudá-lo a ser você mesmo. Não vou perguntar para onde você quer ir e o que você quer estudar.”

Ela nunca perguntou, e ela me enviava dinheiro continuamente, até mesmo quando me tornei professor. Tive que dizê-la que estava agora ganhando dinheiro e que eu deveria enviar dinheiro para ela.

Ela disse, “Não se preocupe, não utilizo esse dinheiro, e você deve estar utilizando-o bem.”

As pessoas costumavam perguntar de onde eu tirava dinheiro para comprar os meus livros, porque eu tinha milhares de livros. Até mesmo quando era um colegial eu tinha milhares de livros na minha casa. Toda a minha casa era cheia de livros e todos perguntavam-se de onde eu retirava o dinheiro. A minha avó me disse, “Nunca diga a ninguém que você ganha o dinheiro de mim, porque se o seu pai e sua mãe ficarem sabendo eles vão começar a me pedir dinheiro, e será difícil para mim recusar.”

Ela seguiu me dando dinheiro. Vocês ficarão surpresos em saber que até mesmo no mês que ela morreu ela tinha enviado o dinheiro costumeiro para mim. Na manhã do dia que ela morreu ela tinha assinado o cheque. Vocês também ficarão impressionados em saber que aquele era o último dinheiro que ela tinha no banco. Talvez de alguma forma ela sabia que não haveria um amanhã.

Sou afortunado de muitas formas, mas sou mais afortunado por ter tido os meus avós maternos... e aqueles primeiros anos dourados.

Sessão 7

Devageet, quando você às vezes diz “Ok” para Ashu, entendo errado: Penso que é ok para mim. É por isso que ela ri. Mas ainda assim digo que lá profundamente dentro de mim não há nada exceto o riso. Você pode anestésiar o meu corpo, tudo, mas não eu. Isso está além de você.

Isso acontece com vocês também. O seu núcleo mais profundo está além de todos os químicos e químicas. Agora posso ouvir Devageet sorrindo. É bom ouvir um homem sorrindo. Os homens quase nunca sorriem. O sorrir tornou-se um domínio único das mulheres. Os homens ou dão risadas ou não, mas eles não sorriem. Sorrir está justamente no meio. É o Meio Dourado. É o Tao. A risada pode ser violenta; não rir é estúpido. Mas sorrir é bom.

Vejam como posso dizer algo significativo até sobre o sorriso: “Sorrir é bom.” Não se preocupem se eu disser algo correto, é apenas um velho hábito. Posso até falar dormindo, então não é problema falar assim.

Gudia sabe que falo enquanto durmo mas ela não sabe de quem. Apenas eu sei isso. Pobre Gudia! Estou falando para ela e ela pensa e preocupa-se sobre o que estou falando, e para quem. Infelizmente ela não está consciente que estou falando com ela dessa forma. O sono é um anestésico natural. A vida é tão dura que é preciso um colapso toda noite por algumas horas pelo menos. E ela se pergunta se estou realmente dormindo ou não. Posso entender o seu questionamento.

Não dormi por mais de um quarto de século. Devaraj, não se preocupe. O sono ordinário... dormi mais do que qualquer um no mundo inteiro: três horas durante o dia, e sete, oito, nove horas à noite – tanto quanto alguém pode aguentar. Ao todo, *in toto*, durmo doze horas por dia, mas por baixo estou acordado. Vejo-me dormindo e, às vezes, a noite é tão solitária que começo a falar com Gudia. Mas as dificuldades dela são muitas. Primeiro, quando falo em meu sono falo em hindi. Não posso falar inglês enquanto estou dormindo. Nunca o farei, embora pudesse se quisesse. Às vezes tentei e consegui, mas faltava a alegria.

Vocês devem saber que todos os dias estou ouvindo uma música de Noorjahan, a famosa cantora urdu. Todos os dias antes de entrar ouço-a várias vezes. Pode até te levar à loucura. O que vocês sabem sobre perfuração? Sei o que perfuração significa. Perfuro aquela música em Gudia todos os dias. Ela tem que ouvi-la, não há como a evitar. Depois que termino o meu trabalho, novamente coloco a mesma música. Amo a minha língua... não porque é a minha língua, mas ela é tão bela que mesmo se não fosse minha eu a teria aprendido.

A música que ela ouve todos os dias, e terá que ouvir muitas vezes, diz: “Você se lembrando ou não, certa vez houve uma confiança entre nós. Certa vez você costumava dizer-me, ‘Você é a mulher mais bela do mundo.’ Agora não sei se você me reconhecerá ou não. Talvez você não se lembre, mas ainda me lembro. Não posso esquecer a confiança e as palavras que você disse para mim. Você

costumava dizer que o seu amor era impecável. Você ainda se lembra? Talvez não, mas eu me lembro – não em sua totalidade, é claro. O tempo causou muito dano.

“Sou um palácio dilapidado, mas se você olhar, olhar minuciosamente: Ainda sou o mesmo. Ainda lembro-me da confiança e das suas palavras. Aquela confiança que existiu uma vez entre nós, ainda está em sua memória ou não? Não sei você, mas ainda me lembro.”

Por que sigo tocando a música de Noorjahan? É um tipo de perfuração. Não perfurar o seu dente, embora se você continuar perfurando o suficiente chegará ao seu dente também, mas perfurar nela a beleza de uma língua. Sei que será difícil para ela entender ou apreciar.

Em meu sono, quando falo com Gudia, falo repetidamente em hindi porque sei que o inconsciente dela ainda não é inglês. Ela esteve na Inglaterra apenas por alguns anos. Antes disso ela estava na Índia, e agora ela está novamente na Índia. Tenho tentado eclipsar tudo entre essas duas vezes. Mais disso quando o momento chegar...

Hoje vou falar algo sobre o jainismo. Olhe a loucura desse homem! Sim, posso pular de um pico para outro sem nenhuma ponte no meio. Mas vocês têm que tolerar um louco. Vocês se apaixonaram: é sua responsabilidade, não sou responsável por isso.

O jainismo é a religião mais ascética do mundo, ou, em outras palavras, a mais masoquista e sadista. Os monges jainas torturam a si próprios tanto que todos perguntam se eles estão insanos. Eles não estão. Eles são mercadores, e os seguidores dos monges jainas são todos mercadores. É estranho, toda a comunidade jaina consiste apenas de mercadores – mas não é realmente estranho porque a própria religião é basicamente motivada pelo lucro no outro mundo. Os jainas torturam a si próprios para ganharem algo no outro mundo que eles sabem não poderem alcançar nesse.

Eu devia ter quatro ou cinco anos quando vi pela primeira vez um monge jaina ser convidado para a casa da minha avó. Não pude resistir ao riso. O meu avô me disse, “Fique quieto! Sei que você é uma perturbação. Posso perdoar-te quando você perturba os vizinhos, mas não posso perdoar-te se tentar ser travesso com o meu guru. Ele é o meu mestre; ele me iniciou nos segredos íntimos da religião.”

Eu disse, “Não tenho nada a ver com esses segredos íntimos, tenho a ver com os segredos externos que ele está mostrando tão claramente. Por que ele está nu? Ele não pode pelo menos usar um shorts?”

Até mesmo o meu avô riu. Ele disse, “Você não entende.”

Eu disse, “Ok, eu mesmo vou perguntar para ele.” Então pedi para a minha avó, “Posso fazer algumas questões para esse homem completamente insano que chega nu na frente das damas e dos cavalheiros?”

A minha avó riu e disse, “Vai em frente, e não ligue para nada do que seu avô disser. Dou-lhe permissão. Se ele disser alguma coisa apenas aponte na minha direção que vou colocá-lo na linha.”

Ela era realmente uma mulher bela, corajosa, pronta para dar liberdade sem quaisquer limites. Ela nem me perguntou o que eu iria perguntar. Ela simplesmente disse, “Vai em frente...”

Todos os aldeões se reuniram para o *darshan* do monge jaina. No meio do suposto sermão levantei-me. Isso faz em torno de quarenta anos, e desde então tenho lutado com esses idiotas continuamente. Naquele dia começou uma guerra que só terminará quando eu morrer. Talvez não termine nem com a minha morte; a minha gente pode continuá-la.

Fiz questões simples que ele não pôde responder. Fiquei perplexo. O meu avô ficou envergonhado. A minha avó deu um tapinha nas minhas costas e disse, “Excelente! Você conseguiu. Eu sabia que você era capaz.”

O que perguntei? – apenas questões simples. Perguntei, “Por que você não quer nascer de novo?” Esta é uma questão muito simples no jainismo, porque o jainismo não é nada além de um esforço para não nascer novamente. É toda a ciência da prevenção do renascimento. Então fiz-lhe uma questão básica, “Você não quer nunca mais nascer de novo?”

Ele disse, “Não, nunca.”

Então perguntei, “Por que você não comete suicídio? Por que você ainda está respirando? Para que comer? Para que tomar água? Apenas desapareça, cometa suicídio. Porque fazer tanto barulho sobre uma coisa simples?” Ele não tinha mais que quarenta anos de idade... eu lhe disse, “Se você continuar nesse caminho, talvez tenha que continuar por outros quarenta anos, ou até mesmo mais.”

É um fato científico que as pessoas que comem menos vivem mais. Devaraj certamente concordará comigo. Foi provado repetidas vezes que se você alimentar qualquer espécie mais do que ela necessita ela tornar-se-á gorda, confortável e bela certamente, mas morrerá cedo. Se você a alimentar com apenas metade do que ela necessita, é estranho: ela não será bela, não estará confortável, mas viverá pelo menos o dobro da idade média. Metade do alimento e o dobro da idade – dobre o alimento e você reduzirá pela metade a idade.

Então eu disse ao monge – eu não sabia desses fatos naquela época – “Se você não quer nascer de novo, por que você está vivendo? Apenas para morrer? Então por que não cometer suicídio?” Não acho que ninguém nunca lhe fez tal questão. Em uma sociedade educada ninguém nunca faz uma questão real, e a questão do suicídio é a mais real de todas.

Albert Camus dizia: O suicídio é a única questão filosófica real. Eu não tinha ideia de Camus naquele momento. Talvez naquele momento não existisse nenhum Camus, e seu livro ainda não havia sido escrito. Mas foi isso o que falei para o monge jaina: “Se você não quer nascer de novo, o que você diz ser seu

desejo, então por que você vive? Para quê? Cometa suicídio! Posso te mostrar uma forma. Embora eu não saiba muito sobre os caminhos do mundo, no que diz respeito ao suicídio, posso dar-te alguns conselhos. Você pode pular do morro do lado da vila, ou você pode pular em um rio.”

O rio ficava há três milhas da vila e era tão profundo e vasto que cruzá-lo nadando era uma felicidade para mim. Muitas vezes enquanto eu nadava cruzando o rio eu pensava que era o fim e que não seria capaz de alcançar a outra margem. Ele era tão largo, particularmente na estação chuvosa, milhas de largura. Ele parecia um oceano. Na estação chuvosa não era possível ver a outra margem. Quando ele estava cheio, era nesse momento que eu pulava nele, para morrer ou para atingir a outra margem. A probabilidade maior era que eu nunca atingisse a outra margem.

Eu disse ao monge jaina, “Na estação chuvosa você pode pular no rio comigo. Podemos ir juntos por um tempo, então você pode morrer, e eu vou alcançar a outra margem. Posso nadar suficientemente bem.”

Ele olhou para mim tão ferozmente, tão cheio de raiva, que tive que lhe dizer, “Lembre-se, você vai ter que nascer novamente porque ainda está cheio de raiva. Essa não é a forma de abandonar o mundo das preocupações. Por que você está olhando para mim com tanta raiva? Responda a minha questão de uma forma silenciosa e pacífica. Responda alegremente! Se você não pode responder, simplesmente diga, ‘Não sei.’ Mas não fique com raiva.”

O homem disse, “O suicídio é um pecado. Não posso cometer suicídio. Mas não quero nunca nascer novamente. Alcançarei o estado ao renunciar vagarosamente tudo o que possuo.”

Eu disse, “Por favor mostre-me algo que você possui porque, até onde posso ver você está nu e não possui nada. Quais posses você tem?”

O meu avô tentou parar-me. Apontei para a minha avó e então falei, “Lembre-se, pedi permissão da Nani e agora ninguém pode impedir-me, nem mesmo você. Falei com ela sobre você porque fiquei preocupado que se eu interrompesse o seu guru e sua bobagem, seu suposto sermão, você ficaria bravo comigo. Ela disse, “Apenas aponte para mim, isso é tudo. Não se preocupe: apenas um olhar meu e ele ficará em silêncio.” E estranho... é verdade! Ele ficou em silêncio, sem nem mesmo o olhar da minha Nani.

Posteriormente eu e minha Nani rimos juntos. Eu lhe disse, “Ele nem olhou para você.”

Ela disse, “Ele não poderia, porque ele deve ter ficado com medo que eu dissesse ‘Cale-se! Não interfira na criança.’ Então ele evitou-me. A única forma de evitar-me era não interferir em você.”

De fato ele fechou os seus olhos como se meditasse. Eu disse para ele, “Nana, ótimo! Você está bravo, fervendo, existe um fogo dentro de você, entretanto você se senta com os olhos fechados como se estivesse meditando. O seu guru está bravo porque as minhas questões estão perturbando-o. Você está

bravo porque o seu guru não é capaz de responder. Mas digo, esse homem que está dando o sermão aqui é apenas um imbecil.”! E eu não tinha mais do que quatro ou cinco anos.

A partir daquele momento aquela permaneceu a minha linguagem. Imediatamente reconheço o idiota, não importa onde ele esteja, não importa quem ele seja. Ninguém pode escapar dos meus olhos de raios X. Posso imediatamente ver qualquer retardamento, ou qualquer outra coisa.

Outro dia eu estava dando para um dos meus sannyasins a caneta que escrevi o seu nome, apenas para que ele lembrasse que aquela era a caneta que eu tinha utilizado no início de sua nova vida, o seu sannyas. Mas a sua esposa estava lá. Até convidei a sua esposa para tornar-se uma sannyasin. Ela queria e não queria – vocês sabem como as mulheres são: desse modo e daquele modo; vocês nunca sabem exatamente. Mesmo quando mostram a sua mão direita para fora do carro, vocês nunca sabem se elas realmente vão virar à direita. Elas podem estar sentindo o vento ou, ninguém sabe – elas podem estar fazendo qualquer coisa. Aquela mulher era aleatória, aguada... uma mulher perfeita até certo ponto. Ela queria dizer sim e, entretanto, não pôde. Ela queria dizer não e, entretanto, não pôde – esse tipo de mulher. E lembre-se que isso é noventa e nove vírgula nove por cento de todas as mulheres da Terra; apenas zero vírgula um por cento é deixado de fora. Caso contrário aquela mulher é muito representativa.

Ainda assim tentei seduzi-la – em sannyas, quero dizer! Joguei um pouco do meu jogo e ela estava chegando muito próximo de dizer sim quando parei. Também não sou tão simples quanto pode parecer externamente. Não quero dizer que sou complexo, quero dizer que posso ver as coisas tão claramente que às vezes tenho que retirar a minha simplicidade e o seu convite.

Quando ela estava quase para dizer sim, ela agarrou a mão do seu marido, que era agora um sannyasin. Olhei para ele e pude ver que ele queria abandonar essa mulher. Ela o torturou o suficiente. De fato, ele estava esperando que ao tornar-se um sannyasin essa mulher teria misericórdia dele e o deixasse por sua própria vontade. Pude ver a sua perplexidade quando tentei persuadir a sua esposa a tornar-se uma sannyasin. Em seu coração ele estava dizendo, “Meu Deus. Se ela tornar-se uma sannyasin então mesmo em Rajneeshpuram não poderei ficar tranquilo.”

Ele quer tornar-se parte dessa comuna. Ele é um homem rico e detém um negócio multimilionário e quer doar tudo para a comuna. Ele estava com medo... eu pude ver completamente esse sannyasin e sua esposa.

Não havia ponte entre eles e nunca houve. Eles eram apenas um casal inglês, vocês sabem... Deus sabe porque eles casaram-se – e Deus não existe. Repito muitas vezes porque sempre sinto que vocês podem pensar que Deus realmente sabe! Deus não sabe porque ele não existe.

Deus é uma palavra como ‘Jesus’. Ela não significa nada, é apenas uma exclamação. É assim que a história segue, dizendo como Jesus ganhou o seu nome...

José e Maria estavam trazendo as suas crianças de Belém para casa. Maria está sentada na mula com a criança. José está andando à frente segurando a corda, guiando a mula. De repente ele tropeça, batendo os dedos do pé em uma rocha. “Jesus!” ele gritou. E vocês sabem como as mulheres são...

Maria disse, “José! Eu estava pensando que nome dar para a nossa nova criança, e justamente agora você pronunciou o nome certo – Jesus!”

Foi assim que a pobre criança ganhou o seu nome. Não é uma coincidência que quando você bate a sua mão com um martelo por engano você exclama, “Jesus!” Não pense que você está lembrando de Jesus; lembre-se apenas do pobre José batendo os seus dedos na rocha.

Quando eu parar de respirar Devaraj saberá o que fazer. Embora ele seja um judeu parcial... mas ainda assim ele é um homem que vocês podem confiar. Sei que ele não acredita que é parcialmente judeu. Ele pensa que uma parte da sua família pode ter sido judia, mas ele não é! É assim que os judeus são, mesmo os parcialmente judeus. Ele parece ser perfeito. Um judeu sempre é um perfeito judeu, para dizer a verdade. Apenas uma única gota de judaísmo em você é suficiente para torná-lo um judeu perfeito.

Mas amo os judeus e confio nos judeus. Apenas olhem para essa Arca de Noé: dois terços são judeus. Sou um judeu perfeito sem qualquer hesitação. Devageet não é um judeu perfeito, apenas um judeu. Devaraj é parcialmente judeu, fazendo todos os esforços para esconder isso – mas isso o torna ainda mais judeu. Você não pode esconder o seu judaísmo. Onde você vai esconder o seu nariz? Esta é a única coisa que permanece descoberta em todo o corpo. Vocês podem esconder tudo exceto o nariz, porque vocês terão que respirar.

Eu estava dizendo que Jesus, até Jesus, não é um nome mas apenas uma exclamação de José quando ele bateu os seus dedos em uma rocha. Da mesma forma Deus. Quando alguém diz, “Meu Deus!” isso não significa que ele acredita em Deus. Ele está simplesmente dizendo que está reclamando, se houver alguém no céu para ouvir. Quando diz “Deus!” ele simplesmente quer dizer o que está escrito em muitos documentos do governo – “A Quem Possa Interessar.” “Meu Deus!” simplesmente significa “A quem possa interessar,” ou, se não houver ninguém, então “Desculpe, não tem a ver com ninguém. É apenas uma exclamação e não pude a conter.”

Que horas são?... porque estou meia hora atrasado e não quero atrasar vocês também. De vez em quando também posso ser legal. Apenas para lembrá-los... Este é o melhor de vocês até agora. Muito bom. Mesmo quando é muito bom sei como dizer “Chega”...

Isso é tremendamente belo...

Tão belo.

Pare.

Sessão 8

Eu estava falando sobre um incidente que é absolutamente importante para entender a minha vida e seu mecanismo... e isso ainda está vivo em mim.

A propósito, falei que ainda posso lembrar-me, mas a palavra ‘lembrar’ não está correta. Ainda posso ver todo o incidente ocorrendo. É claro que eu era apenas uma criança pequena, mas isso não significa que o que eu disse não era para ser levado a sério. De fato, é a única coisa séria que já falei: suicídio.

Para um Ocidental pode parecer um pouco rude perguntar a um monge – que é quase como um papa para os jainas – essa questão: “Por que você não comete suicídio?” Mas sejam gentis comigo. Permitam-me explicar antes de vocês concluírem, ou pararem de me ouvir.

O jainismo é a única religião do mundo que respeita o suicídio. Agora é a vez de vocês ficarem surpresos. É claro que eles não chamam de suicídio; eles dão um belo nome metafísico, *santhara*. Sou contra isso, particularmente da forma como é feito. É muito violento e cruel. É estranho que uma religião que acredita na não-violência pregue o *santhara*, o suicídio. Vocês podem chamá-lo de suicídio metafísico, mas, afinal, suicídio é suicídio; o nome não importa. O que importa é que o ser não está mais vivo.

Por que sou contra isso? Não sou contra o direito de um ser humano cometer suicídio. Não, isso deve ser um dos direitos humanos básicos. Se não quero viver, quem tem o direito de forçar-me a viver? Se eu mesmo quero desaparecer, então tudo o que os outros podem fazer é tornar isso o mais confortável possível. Note: um dia quero desaparecer. Não posso viver para sempre.

Há alguns dias alguém mostrou-me um adesivo de carro. Ele diz, “Tenho orgulho de ser americano.” Olhei para aquilo e, posteriormente, chorei. Não sou americano e tenho orgulho de não ser americano. Nem sou indiano. Então quem sou? Tenho orgulho de ser um ninguém. Foi aqui que toda a minha longa jornada me trouxe – sou um ninguém, sem casa, um nada. Renunciei à iluminação, o que ninguém fez antes de mim. Também renunciei ao posto de iluminante, pela iluminação daquele idiota alemão! Não tenho religião, país ou lar. Todo o mundo é meu.

Sou o primeiro cidadão do universo. Vocês sabem que sou louco. Posso começar a emitir passaportes para a cidadania universal. Estive pensando nisso. Estou pensando em um cartão laranja, que pode ser emitido por mim para os meus sannyasins como um passaporte para a irmandade universal, como oposto das nações, raças e religiões.

Não sou contra a atitude jaina de suicídio, mas o método... o método deles é não comer nada. Leva quase noventa dias para o pobre ser humano morrer. É tortura. Você não a pode melhorar. Nem mesmo Adolf Hitler poderia ter

concebido uma ideia tão boa. Para o conhecimento de Devageet, Adolf Hitler concebeu a ideia de perfurar os dentes das pessoas – sem anestesia é claro. Ainda existem muitos judeus pelo mundo que os dentes foram perfurados sem nenhuma razão além de criar angústia. Mas Adolf Hitler pode não ter ouvido falar dos monges jainas e suas práticas masoquistas. Eles são soberbos! Eles nunca cortam seus cabelos, eles os retiram com as suas mãos. Vejam que grande ideia!

Todo ano o monge jaina retira o seu cabelo, barba e bigode, e todos os pelos de seu corpo, apenas com as suas mãos! Eles são contra qualquer tecnologia – e eles a chamam lógica, indo até o fim lógico de uma coisa. Se vocês utilizam uma lâmina, isso é tecnologia; vocês sabiam disso? Vocês já consideraram uma lâmina uma coisa tecnológica? Até mesmo os supostos ecologistas seguem fazendo as suas barbas sem saber que estão cometendo um crime contra a natureza.

Os monges jainas arrancam os seus cabelos – e não privadamente, porque eles não têm nenhuma privacidade. Parte do seu masoquismo é não ter nenhuma privacidade, ser totalmente público. Eles arrancam os seus cabelos enquanto estão nus no mercado. A multidão, é claro, encoraja e aplaude. E os jainas, embora sintam uma grande simpatia - vocês podem ver até lágrimas em seus olhos – inconscientemente eles também desfrutam disso, e sem necessidade de um ingresso. Abomino. Sou averso a todas essas práticas.

A ideia de cometer santhara, suicídio, não comer ou beber, não é nada além de um longo processo de autotortura. Não o posso apoiar. Mas apoio absolutamente a ideia da liberdade de morrer. Considero-a um direito de nascença, e mais cedo ou mais tarde toda constituição no mundo irá contê-la, terá que contê-la como o direito de nascença mais básico – o direito de morrer. Não é um crime.

Mas torturar qualquer pessoa é um crime, incluindo você mesmo. Com isso vocês serão capazes de entender que eu não estava sendo rude, estava fazendo uma questão muito relevante. Naquele dia comecei uma luta de uma vida contra todos os tipos de estupidezes, disparates, superstições – em suma, bobagem religiosa. Bobagem é uma palavra bela. Ela diz muito em tão pouco.

Naquele dia comecei a minha vida como um rebelde e continuarei a ser um rebelde até a minha última respiração – ou até mesmo depois disso, quem sabe. Mesmo se eu não tiver um corpo, eu terei milhares de corpos dos meus discípulos. Posso provocá-los – e vocês sabem que sou um sedutor, posso colocar ideias em suas cabeças pelos próximos séculos. Isso é exatamente o que farei. Com a morte desse corpo a minha rebelião não pode morrer. A minha revolução continuará ainda mais intensamente, porque então ela terá muitos outros corpos, muitas outras vozes, muitas outras mãos para continuá-la.

Aquele dia foi significativo, historicamente significativo. Sempre lembro-me daquele dia juntamente com o dia que Jesus discutiu com os rabinos no templo. Ele era um pouco mais velho do que eu, talvez oito ou nove anos. A forma que ele argumentou determinou todo o curso da sua vida.

Não me lembro o nome do monge jaina; talvez o seu nome era Shanti Sagar, significando “oceano de bem-aventurança.” Ele certamente não era isso. Foi por isso que esqueci até o seu nome. Ele era apenas uma poça suja, não um oceano de bem-aventurança, paz ou silêncio. E ele certamente não era um homem de silêncio, porque ele ficou muito bravo.

Shanti pode significar muitas coisas. Pode significar paz, pode significar silêncio; esses são os dois significados básicos. Paz e silêncio faltavam nele. Ele não era nem pacífico nem silencioso, de maneira alguma. Nem vocês poderiam dizer que ele não tinha nenhuma agitação, porque ele ficou tão bravo que gritou comigo para que me sentasse.

Eu disse, “Ninguém pode mandar-me sentar em minha própria casa. Eu posso mandá-lo sair, mas você não pode me mandar sentar. Mas não vou mandá-lo sair porque tenho algumas outras questões. Por favor não fique bravo. Lembre-se do seu nome, Shanti Sagar – oceano de paz e silêncio. Você poderia ser pelo menos uma pequena piscina. E não fique desequilibrado por uma criança pequena.”

Sem me preocupar se ele estava em silêncio ou não, perguntei para a minha avó, que ria profusamente nesse momento, “O que você diz, Nani? Devo fazer mais questões, ou mandá-lo sair da nossa casa?”

Não perguntei para meu avô, é claro, porque esse homem era seu guru. A minha Nani disse, “Você pode perguntar o que quiser, e se ele não puder responder, a porta está aberta, ele pode sair.”

Aquela era a mulher que eu amava. Aquela era a mulher que me fez um rebelde. Até mesmo o meu avô ficou chocado que ela me apoiou daquela maneira. Aquele suposto Shanti Sagar imediatamente ficou em silêncio no momento em que viu a minha avó me apoiando. Não apenas ela, os aldeões ficaram imediatamente do meu lado. O pobre monge jaina foi deixado absolutamente a sós.

Fiz algumas outras questões para ele. Perguntei, “Você disse, ‘Não acredite em nada a menos que você tenha experienciado por si próprio.’ Vejo a verdade nisso, por isso a questão...”

Os jainas acreditam que existem sete infernos. Até o sexto há uma possibilidade de voltar, mas o sétimo é eterno. Talvez o sétimo seja o inferno cristão, porque ali também, uma vez que você entrou você estará para sempre. Continuei, “Você se referiu aos sete infernos, então a questão surge, você visitou o sétimo? Se sim, então você não poderia estar aqui. Se não o visitou, com qual autoridade você diz que ele existe? Você deveria dizer que existem apenas seis infernos, não sete. Agora, por favor, seja correto: diga que existem apenas seis infernos, ou se você quer insistir nos sete, então prove-me que pelo menos um homem, Shanti Sagar, voltou do sétimo inferno.”

Ele ficou embasbacado. Ele não podia acreditar que uma criança podia fazer tal questão. Hoje, eu também não posso acreditar! Como eu pude fazer uma

questão como essa? A única resposta que posso dar é que eu não era educado, e totalmente sem qualquer conhecimento. O conhecimento torna você muito astuto. Eu não era astuto. Simplesmente fiz a questão que qualquer criança poderia ter feito se não fosse educada. A educação é o maior crime que o ser humano cometeu contra as pobres crianças. Talvez a última liberação no mundo será a liberação das crianças.

Eu era inocente, totalmente sem conhecimento. Eu não podia ler ou escrever, nem mesmo contar para além dos meus dedos. Até mesmo hoje, quando tenho que contar algo, começo com os meus dedos, e se erro um dedo fico perdido.

Ele não podia responder. A minha avó levantou-se e disse, “Você tem que responder à questão. Não pense que apenas uma criança está perguntando: também pergunto e sou sua anfitriã.”

Agora novamente tenho que apresentá-los a uma convenção jaina. Quando um monge jaina vai até uma família para receber o seu alimento, depois de comer, como uma bênção para a família, ele dá um sermão. O sermão é direcionado aos anfitriões. A minha avó falou, “Sou sua anfitriã hoje, e também estou fazendo a mesma questão. Você visitou o sétimo inferno? Se não, diga verdadeiramente que não o visitou, mas então você não poderá falar que existem sete infernos.”

O monge ficou tão perplexo e confuso – ainda mais ao ser confrontado por uma mulher bela – que ele começou a sair. A minha avó gritou, “Pare! Não saia! Quem responderá à questão da minha criança? E ele ainda tem mais algumas para fazer. Que tipo de homem você é, escapando das questões de uma criança!”

O homem parou. Eu lhe disse, “Abandono a segunda questão, porque o monge não pôde respondê-la. Ele também não respondeu à primeira questão, então farei uma terceira; talvez ele seja capaz de respondê-la.”

Ele olhou para mim. Eu disse, “Se você quer olhar para mim, olhe nos meus olhos.” Houve um grande silêncio, assim como aqui. Ninguém disse uma palavra. O monge abaixou os seus olhos, então falei, “Então não quero perguntar. As minhas duas primeiras questões ficaram sem respostas, e a terceira não a fiz porque não quero que um convidado da casa fique envergonhado. Retiro a questão.” E realmente retirei-me da reunião e fiquei muito feliz quando a minha avó me seguiu.

Meu avô deu seu adeus ao monge, mas assim que este partiu o meu avô correu de volta para a casa e perguntou a minha avó, “Você está louca? Primeiro você apoia esse garoto que é um encenqueiro de nascença, então você sai com ele sem nem falar adeus para o meu mestre.”

A minha avó disse, “Ele não é o meu mestre, então não ligo nem um pouco. Ademais, este que você pensa ser encenqueiro é a semente. Ninguém sabe o que sairá dela.”

Agora sei o que saiu dela. A menos que um ser nasça encenqueiro é impossível ele se tornar um buda. E não sou apenas um buda, como Gautama o

Buda; isso é muito tradicional. Sou Zorba o Buda. Sou o encontro entre o Ocidente e o Oriente. De fato, não divido o Ocidente e o Oriente, acima ou abaixo, homem e mulher, bom ou mau, Deus e o diabo. Não! Mil vezes não! Não divido. Uno tudo o que estava dividido até agora. Este é o meu trabalho.

Aquele dia foi imensamente significativo para entender o que aconteceu durante toda a minha vida, porque a menos que você entenda a semente, você perderá a árvore e a floração, e talvez a lua através dos galhos.

Daquele dia em diante sempre fui contra qualquer coisa masoquista. É claro que fui conhecer a palavra muito depois, mas a palavra não importa. Fui contra tudo o que é ascético; nem mesmo essa palavra eu conhecia naqueles dias, mas podia farejar algo sórdido. Vocês sabem que sou alérgico a todos os tipos de autotortura. Quero que todo ser humano viva no seu máximo; o mínimo não é a minha forma. Viva no máximo, ou, se você pode ir além do máximo, então fantástico. Vá! Não espere! Não gaste tempo esperando por Godot.

É por isso que digo várias vezes para Ashu, “Siga em frente, siga em frente e enlouqueça o Devageet!” É claro que não posso enlouquecer Ashu; uma mulher não pode enlouquecer, isso não é possível. Elas enlouquecem os homens. Esta é a habilidade delas, e elas são eficientes. Elas guiarão o condutor, mesmo sentadas no banco de trás. Vocês conhecem os condutores do banco de trás: eles são os piores! E quando não há ninguém para conduzir o condutor, que liberdade! As mulheres não podem enlouquecer – nem eu posso enlouquecer uma mulher.

Então é difícil. Embora eu continue dizendo, “Siga em frente, siga em frente,” ela não ouve. As mulheres nascem surdas; elas seguem fazendo qualquer coisa que quiserem fazer. Mas Devageet ouve. Não estou dizendo nada para ele, mas mesmo assim ele ouve, e surta para fora. Esta é a forma do covarde. Chamo-na forma do mínimo, do limite de velocidade. Se você for mais rápido do que aquilo, você é multado.

O mínimo é o caminho do covarde. Se eu fosse decidir, então o mais alto limite seria o limite mínimo; qualquer pessoa que fosse abaixo disso seria imediatamente multada. Estamos tentando alcançar às estrelas, e eles estão presos nos carros de boi. Estamos tentando, e esse é todo o esforço da física, alcançar, finalmente, a mesma velocidade da luz. A menos que alcancemos essa velocidade estamos condenados. Se pudermos alcançar a velocidade da luz, podemos escapar de qualquer Terra e planetas que estiverem morrendo. Toda Terra, todo planeta, toda estrela morrerá um dia. Como vamos escapar disso? Vocês precisarão de uma tecnologia muito veloz. Esta Terra em apenas quatro mil anos estará morta. Qualquer coisa que vocês fizerem, nada pode salvá-la. Todo dia ela fica mais próxima da sua morte... e vocês estão tentando mover-se a trinta milhas por hora! Tente cento e oitenta e seis mil milhas por segundo. Esta é a velocidade da luz.

O místico a alcança e, de repente, em seu ser interior há apenas luz e nada mais. Isso é o despertar. Sou em prol do máximo. Viva no máximo de todas as maneiras possíveis. Mesmo se você decidir morrer, morra com a velocidade máxima. Não morra como um covarde – salte no desconhecido.

Não sou contra a ideia de terminar com a vida. Se alguém decidir terminá-la, então é claro que isso é direito seu. Mas sou certamente contra torná-la uma longa tortura. Quando esse Shanti Sagar morreu, ele levou cento e dez dias sem comer. Um ser humano é capaz, se está com a saúde normal, de sobreviver facilmente noventa dias sem alimento. Se é extraordinariamente saudável então pode sobreviver mais tempo.

Então lembrem-se, não fui rude com o homem. Naquele contexto a minha questão era absolutamente correta, talvez mais ainda porque ele não pôde a responder. E, é estranho dizê-lo hoje, este foi o início não apenas do meu questionamento, mas também o início das não respostas das pessoas. Ninguém respondeu qualquer uma das minhas questões nesses últimos quarenta e cinco anos. Encontrei muitas pessoas supostamente espirituais, mas ninguém nunca respondeu a qualquer uma das minhas questões. De uma maneira aquele dia determinou todo o meu aroma, toda a minha vida.

Shanti Sagar saiu muito irritado, mas eu estava imensamente feliz, e não o escondi do meu avô. Eu lhe disse, “Nana, ele pode ter saído irritado, mas estou me sentindo absolutamente correto. O seu guru é apenas medíocre. Você deveria escolher alguém com um pouco mais de valor.”

Até ele riu e falou, “Talvez você esteja certo, mas agora na minha idade mudar de guru não seria muito prático.” Ele perguntou para a minha Nani, “O que você acha?”

A minha Nani, sempre verdadeira a seu espírito, disse, “Nunca é tarde para mudar. Se você vê que o que você escolheu não está certo, mude. De fato, seja rápido, porque você está ficando velho. Não diga, ‘Estou velho, então não posso mudar.’ Um homem novo pode dar-se ao luxo de não mudar, mas não um homem velho, e você está suficientemente velho.”

E apenas alguns poucos anos depois ele morreu, mas não pôde reunir a coragem de mudar o seu guru. Ele continuou no mesmo velho padrão. A minha avó costumava cutucá-lo dizendo, “Quando você vai mudar o seu guru e seus métodos?”

Ele diria, “Sim, irei, irei.”

Um dia a minha avó disse, “Pare com toda essa bobagem! Ninguém nunca muda a não ser que seja agora. Não diga, ‘Irei, irei.’ Ou mude ou não mude, mas seja claro.”

Aquela mulher podia tornar-se uma força tremendamente poderosa. Ela não foi feita para ser apenas uma esposa. Ela não foi feita para viver naquela pequena vila. Todo o mundo devia conhecê-la. Talvez eu seja o seu veículo; talvez ela verteu a si própria em mim. Ela me amava tão profundamente que nunca considerei a minha mãe real como minha mãe real. Sempre considerei a minha Nani a minha mãe real.

Sempre que eu tinha que confessar algo, algum mal que eu tinha feito para alguém, eu só podia confessar para ela, ninguém mais. Ela era a minha confiança.

Pude segredar qualquer coisa para ela porque entendi uma coisa: ela era capaz de compreender. Devo ter feito todos os tipos de coisas que uma pessoa é capaz de fazer, e eu contaria para ela à noite. Isso enquanto estive com ela, antes de ir para a universidade.

Nunca dormi na casa da minha mãe. Embora a minha avó tivesse se mudado para a mesma vila do restante da família, depois da morte do meu avô, eu dormia com ela pela simples razão que eu podia contar-lhe as várias travessuras que tinha feito durante o dia. Ela ria e dizia, “Muito bem! Ótimo! Bom! Aquele homem merecia. Ele realmente caiu no poço como você disse?”

Eu diria, “Sim, mas não morreu.”

Ela disse, “Está certo, mas você conseguiu empurrá-lo no poço?”

Havia um poço na nossa vizinhança sem nenhum muro de proteção. À noite qualquer um podia cair nele. Eu costumava levar pessoas até lá, e o homem que havia caído não era ninguém mais que o confeitiro. A minha mãe – minha *avó*... Sempre esqueço porque considero-a como minha mãe. Melhor chamá-la de Nani, para que não haja desentendimentos. Eu disse para minha Nani, “Hoje consegui fazer com que o confeitiro caísse no poço.” Eu ainda posso ouvir o riso dela. Ela riu até chorar.

Ela disse, “Isso é muito bom, mas ele está vivo ou não?”

Eu disse, “Ele está perfeitamente bem.”

“Então,” ela disse, “não há problema. Não se preocupe; aquele homem merecia isso. Ele mistura tantas porcarias em seus doces, alguém tinha que fazer algo em relação a isso.” Posteriormente ela lhe disse, “A menos que você mude os seus modos, lembre-se, você cairá no poço muitas vezes.” Mas ela nunca me disse uma palavra sobre isso.

Eu perguntei para ela, “Você não quer dizer nada a respeito disso?”

Ela disse, “Não, porque o vejo desde a sua infância. Mesmo se você faz algo errado, você o faz de maneira tão correta, e no momento exato, que até mesmo um erro torna-se um acerto.” Foi ela que me disse, pela primeira vez, que o certo nas mãos de um homem errado torna-se errado, e o errado nas mãos de um homem certo torna-se certo.

Então não se preocupe com o que você está fazendo; lembre-se apenas de uma coisa: o que você está *sendo*. Isso é uma grande questão, sobre fazer e ser. Todas as religiões estão preocupadas com o fazer; estou preocupado com o ser. Se o seu ser está correto, e por correto quero dizer bem-aventurado, silencioso, amável, carinhoso, então, qualquer coisa que você fizer estará certa. Então não existirão outros mandamentos para você, apenas um: apenas seja. Seja tão totalmente que na própria totalidade nenhuma sombra é possível. Então você não pode fazer nada errado. Todo o mundo pode dizer que está errado, isso não importa; o que importa é o seu próprio ser.

Não estou preocupado com Cristo sendo crucificado, porque sei que mesmo na cruz ele estava totalmente tranquilo consigo mesmo. Ele estava tão cheio de tranquilidade que pôde orar, “Pai” – esta era a sua palavra para Deus. Para ser exato ele não disse “Pai,” e sim “Abba,” que é muito mais belo. “Abba, perdoe essas pessoas porque elas não sabem o que fazem.” Novamente enfatizando a palavra ‘fazer’ – “o que elas estão *fazendo*.” Infelizmente, elas não puderam ver o ser do homem na cruz. É o ser que importa, a única coisa que importa.

Naquele momento da minha vida, fazendo questões estranhas e irritantes para o monge jaina, não considero que fiz nada de errado. Talvez eu o tenha ajudado. Talvez um dia ele entenderá. Se tivesse coragem ele teria entendido até mesmo naquele dia, mas era um covarde – ele escapou. E desde então esta tem sido a minha experiência: os supostos mahatmas e santos são todos covardes. Nunca encontrei com um único mahatma – hindu, islâmico, cristão, budista – que realmente é um espírito rebelde. A não ser que um ser humano seja rebelde ele não pode ser religioso. A rebelião é a própria fundação da religião.

Sessão 9

O tempo não pode ir para trás, mas a mente pode. Que desperdício – dar uma mente tal, que não pode esquecer de nada, para um homem que não apenas tornou-se uma não-mente, mas que também prega para que os outros abandonem a mente. Em relação à minha mente – lembrem-se, a minha mente, não eu – é um mecanismo parecido com o que está sendo utilizado aqui. Minha ‘mente’ simplesmente significa a maquinaria, mas uma máquina perfeita dada a um homem que vai descartá-la! Por isso falei que era um desperdício.

Mas sei a razão: a menos que você tenha uma mente perfeita você não pode ter a inteligência para descartá-la. A vida é cheia de contradições. Nada é ruim em relação a isso; isso torna a vida mais saborosa.

Não há razão para o homem e a mulher serem dois; eles poderiam ter sido como a ameba. Vocês podem perguntar para o Devaraj: a ameba não é nem masculina nem feminina, ela é uma. Ela é também como Muktananda e todos os outros idiotanandas – celibatária, mas tem a sua própria forma de reprodução. Que problema ela causa para todos os médicos do mundo! Ela simplesmente segue comendo, tornando-se cada vez mais gorda, e, em um certo momento, divide-se em duas. Esta é a sua forma de reprodução. É realmente *brahmacharya*, celibato.

Os homens e as mulheres poderiam ser um, como a ameba, mas não haveria poesia, apenas reprodução – é claro, nenhum conflito também, nenhum resmungo, nenhuma briga – mas a poesia que surgiu é tão valiosa que todos os conflitos, os resmungos e disputas valem a pena.

Agora há pouco eu estava novamente ouvindo Noorjahan... “Aquele confiança que havia entre nós, você deve tê-la esquecido, mas eu não. Lembro-me ainda, pelo menos um pouco. Aquelas palavras que você falou para mim, talvez você não se lembre de todas, mas apenas a memória delas é suficiente para me fazer esperar. Aquele amor que existiu entre nós...”

Wo karar, “aquele amor”... a palavra *karar* é muito mais intensa que a palavra ‘amor’ pode traduzir; é muito mais apaixonada. Ela seria melhor traduzida como “aquela paixão,” ou “aquele amor apaixonado.” E *wo rah mujh mein our tujh mein thee* – “e o caminho que existia entre você e eu...”

“O caminho...” De vez em quando, quando os corações estão abertos, existe um caminho; caso contrário as pessoas se comunicam, elas não comungam. Falam, mas ninguém ouve. Fazem negócios, mas há apenas um vácuo entre si, não há uma alegria transbordante. *Wo rah* – “Aquele caminho,” e *wo karar* – “aquele amor apaixonado.”

“Talvez você tenha esquecido, mas lembro-me. Não posso esquecer que uma vez você disse, ‘Você é a rainha do mundo, a mulher mais bela.’ Talvez você não possa nem me reconhecer agora...”

As coisas mudam, os amores mudam, os corpos mudam; é da própria natureza da existência ser mutável, estar em fluxo. Ouço aquela música logo antes de entrar em sua cabine, porque a amei desde a minha infância. Penso que talvez ela provoque algumas memórias em mim... e ela certamente o faz.

Ontem eu estava contando para vocês o incidente que aconteceu entre mim e o monge jaina. Não foi o final daquela história, porque no dia seguinte ele teria que vir de novo pedir comida na casa do meu avô.

Será difícil para vocês entenderem porque ele teria que vir novamente quando deixou a nossa casa com tanta raiva. Tenho que explicar o contexto para vocês. Um monge jaina não pode receber alimento de qualquer pessoa exceto de outro jaina, e, infelizmente para ele, nós éramos a única família jaina naquela pequena vila. Ele não poderia pedir comida em outro lugar, embora quisesse, mas seria contra a sua disciplina. Então, apesar de si próprio, ele voltou.

Eu e minha avó estávamos esperando no andar de cima, olhando da janela, porque sabíamos que ele teria que vir. A minha Nani disse-me, “Olhe, ele está vindo. Ora, o que você vai perguntar hoje?”

Eu disse, “Não sei. Primeiro deixe-o pelo menos comer, e, então, convencionalmente ele fará um discurso para a família e as pessoas que se reuniram.” Depois de cada alimentação, um monge jaina discursa um sermão de agradecimento. “Então não se preocupe.” Eu lhe disse, “Encontrarei alguma coisa para perguntar. Primeiro deixe-o falar.”

Ele estava muito cauteloso ao falar, e muito breve, o que era estranho. Mas, quer você fale ou não, se uma pessoa quiser questioná-lo, ela pode. Ela pode questionar o seu silêncio. O monge estava falando sobre a beleza da existência, pensando talvez que aquilo não criaria qualquer problema, mas criou.

Levantei-me. A minha Nani estava rindo no fundo da sala – ainda posso ouvir o seu riso. Perguntei-lhe, “Quem criou este belo universo?”

Os jainas não acreditam em Deus. É difícil para a mente cristã Ocidental até mesmo compreender uma religião que não acredita em Deus. O jainismo é muito superior ao cristianismo; pelo menos o jainismo não acredita em Deus e no Espírito Santo, e toda a bobagem que se segue daí. O jainismo é, acreditem em mim ou não, uma religião ateísta – porque ser ateísta e religioso parece ser contraditório, uma contradição em termos. O jainismo é pura ética, pura moralidade, sem um Deus. Então quando perguntei ao monge jaina, “Quem criou essa beleza?” obviamente, como eu sabia que ele responderia, ele respondeu, “Ninguém.”

Esta era a resposta que eu esperava. Então eu disse, “Beleza tal pode ser criada por ninguém?”

Ele disse, “Por favor não me entenda mal...” Dessa vez ele veio preparado; ele parecia mais íntegro. “Por favor não me entenda mal,” ele disse, “Não estou dizendo que ninguém é alguém.”

Vocês se lembram da história de *Alice Através do Espelho*? A Rainha pergunta a Alice, “No caminho até aqui, você encontrou alguém vindo ver-me?”

Alice disse, “Eu vi ninguém.”

A Rainha pareceu intrigada, e então falou, “É estranho; então ninguém deveria ter chegado aqui antes de você e ele não está aqui.”

Alice, como uma dama inglesa, é claro, deu risinhos, apenas espirituosamente. A sua face permaneceu grave. Ela disse, “Madame, ninguém é ninguém.”

A Rainha disse, “É claro, sei que ninguém deve ser ninguém, mas por que ele está tão atrasado? Parece que ninguém anda mais devagar que você.”

Alice esqueceu-se por um momento e disse, “Ninguém anda mais rápido do que eu.”

A Rainha então disse, “Isso é ainda mais estranho. Se ninguém anda mais rápido que você, por que ele não chegou ainda?”

Alice então percebe o seu erro, mas era muito tarde. Ela novamente repete, “Por favor, Madame, lembre-se que ninguém é ninguém.”

A Rainha falou “Já sei disso, ninguém é ninguém. Mas a questão é, por que ele não está aqui ainda?”

Eu disse para o monge jaina, “Sei que ninguém é ninguém, mas você falou tão lindamente, exaltando tanto a existência que isso chocou-me, porque os jainas supostamente não fazem isso. Parece que por causa da experiência de ontem você alterou a sua tática. Você pode alterar a sua tática, mas você não pode me alterar. Ainda pergunto, se ninguém criou o universo, como ele veio a ser?”

Ele olhou para um lado e para o outro; todos estavam em silêncio exceto a minha Nani, que ria alto. O monge perguntou-me, “Você sabe como o universo veio a ser?”

Eu disse, “Ele sempre existiu; não é necessário que ele venha a ser.” Posso confirmar esta sentença depois de quarenta e cinco anos, depois da iluminação e da não-iluminação, depois de conhecer o que é e, coloque em letras maiúsculas – **IGNORÁ-LO**. Ainda posso dizer o mesmo que aquela jovem criança: o universo sempre existiu; não há necessidade dele ser criado ou vir de algum lugar – ele simplesmente existe.

O monge jaina não veio no terceiro dia. Ele escapou da nossa vila para a próxima onde havia outra família jaina. Mas devo homenageá-lo: sem saber ele iniciou uma pequena criança na jornada em direção à verdade.

Desde então fiz essa questão para muitas pessoas e encontrei a mesma ignorância encarando-me – grandes pânditas, pessoas instruídas, grandes mahatmas adorados por milhares, e, entretanto, incapazes de responder à uma questão simples levantada por uma criança.

De fato, nenhuma questão real já foi respondida, e prevejo que nenhuma questão real será algum dia respondida, porque quando você chega a uma questão real, a única resposta é o silêncio. Não o silêncio estúpido de um pândita, um monge ou um mahatma, mas o seu próprio silêncio. Não o silêncio de outro, mas o silêncio que nasce dentro de você. Exceto isso, não há resposta. E aquele silêncio que cresce dentro é uma resposta para você, e para aqueles que fundem-se com o seu silêncio no amor; caso contrário não é resposta para ninguém, exceto você.

Existiram muitas pessoas silenciosas no mundo que não ajudaram os outros de maneira alguma. Os jainas os chamaram *arihantas*, os budistas os chamaram *arhatas*; ambas as palavras significam o mesmo. É que as linguagens são um pouco diferentes. Uma é prakriti, a outra é pali. Elas são linguagens vizinhas ou, melhor, irmãs. Arihanta, arhata – vocês podem ver que ambas as palavras são as mesmas.

Existiram arihantas e arhatas, que, apesar de terem encontrado a resposta, não foram capazes de proclamá-la, e, a menos que você seja capaz de proclamá-la, proclamá-la dos telhados das casas, a sua resposta não tem muito valor. É apenas a resposta de uma pessoa em uma multidão em que todos estão cheios de questões. Em breve o arihanta morre, e com ele o seu silêncio. Ele desaparece como se estivesse escrevendo na água. Você pode escrever e assinar na água, mas no momento em que você terminar de escrever a sua assinatura não estará mais ali.

O mestre real não sabe apenas, ele ajuda milhões a saberem. O seu conhecimento não é privado, está aberto para todos aqueles que estão prontos para receber. Conheci a resposta. A questão carreguei-a por milhares de anos, em um corpo, em outro corpo, de um corpo para o outro corpo, mas a resposta aconteceu pela primeira vez. Aconteceu apenas porque questionei persistentemente sem nenhum medo das consequências.

Estou relembando desses incidentes para torná-los conscientes de que a menos que alguém pergunte, e pergunte a todos totalmente, é difícil perguntar para si próprio. Quando alguém é jogado para fora de todas as portas – quando todas as portas estão trancadas ou são batidas na sua cara – então, finalmente, esta pessoa se volta para dentro... e ali está a resposta. Ela não está escrita; vocês não vão encontrar uma Bíblia, uma Torá, ou um Alcorão, uma Gita, um Tao Te Ching ou um Dhammapada... Não, vocês não vão encontrar nada escrito ali.

Vocês também não encontrarão ninguém ali – nenhum Deus, nenhuma figura paterna, sorrindo e batendo em suas costas, dizendo, “E aí! Bom, meu filho, você chegou em casa. Perdoo todos os seus pecados.” Não, vocês não encontrarão ninguém ali. O que vocês encontrarão é um silêncio tremendo, irresistível, tão denso que alguém sente poder tocá-lo... como uma bela mulher. É possível senti-lo como uma bela mulher, e ele é apenas silêncio, mas muito tangível.

Quando o monge desapareceu daquela vila nós rimos continuamente por dias, particularmente minha Nani e eu. Eu não podia acreditar como ela era

infantil! Naquele momento ela deveria ter em torno de cinquenta anos, mas seu espírito era como se nunca tivesse deixado de ser uma criança. Ela riu comigo e disse, “Você fez bem.”

Até hoje posso ver as costas do monge em fuga. Os monges jainas não são pessoas bonitas; eles não podem ser, toda a sua abordagem é feia, simplesmente feia. Até as suas costas eram feias. Sempre amei a beleza onde quer que ela fosse encontrada – nas estrelas, em um corpo humano, nas flores ou no voo de um pássaro... em qualquer lugar. Sou um adorador desavergonhado da beleza, porque não posso ver como alguém pode conhecer a verdade se essa pessoa não ama a beleza. A beleza é o caminho da verdade. E o caminho e a meta não são diferentes: o próprio caminho, no fim das contas, torna-se a meta. O primeiro passo é também o último.

Aquele encontro – sim, esta é a palavra certa – aquele encontro com o místico jaina iniciou milhares de outros encontros; jainas, hindus, islâmicos, cristãos, e eu estava pronto para fazer qualquer coisa apenas para ter um bom argumento.

Vocês não acreditarão em mim, mas fui circuncidado na idade de vinte e sete anos, depois de já estar iluminado, apenas para entrar em uma ordem islâmica sufi que não permitia ninguém que não havia sido circuncidado. Eu disse, “Certo, então faça! Este corpo será destruído de qualquer forma, e vocês estão cortando apenas um pequeno pedaço de pele. Corte-a, mas quero entrar na escola.”

Até eles foram incapazes de acreditar em mim. Eu disse, “Acreditem em mim, estou pronto.” E quando comecei a argumentar eles disseram, “Você estava tão disposto a ser circuncidado e, entretanto, você está tão indisposto a aceitar qualquer coisa que nós dizemos!”

Eu disse, “Este é o meu jeito. Sobre o não-essencial estou sempre pronto para dizer sim. Sobre o essencial sou absolutamente inflexível, ninguém pode forçar-me a dizer sim.”

É claro que eles tiveram que me expulsar da sua suposta ordem sufi, mas eu lhes disse, “Expulsando-me, vocês estão simplesmente declarando ao mundo que vocês são pseudo-sufis. O único sufi real está sendo expulso. De fato, expulso todos vocês.”

Desnorteados eles entreolharam-se. Mas esta é a verdade. Fui até a ordem deles não para conhecer a verdade; eu já a conhecia. Então por que entrei? Apenas para ter uma boa companhia para argumentar.

Argumentar foi a minha alegria desde a infância. Farei qualquer coisa apenas para ter um bom argumento. Mas quão raro é achar um meio realmente bom para o argumento! Entrei para a ordem sufi – isso estou confessando pela primeira vez – e até permiti que esses tolos me circuncidassem. Eles o fizeram com métodos tão primitivos que tive que sofrer por pelo menos seis meses. Mas não me preocupava com aquilo; minha única preocupação era conhecer o sufismo de dentro. Infelizmente não pude encontrar um sufi real em minha vida. Mas isso

é verdade não apenas sobre os sufis; não encontrei um cristão real também, ou um hassida real.

J. Krishnamurti convidou-me para encontrá-lo em Mumbai. O homem que trouxe a mensagem era um amigo em comum, Parmananda. Eu lhe disse, “Parmananda, volte e diga a Krishnamurti que, se ele quiser vir ver-me, ele deve vir – isso é o apropriado – em vez de pedir-me para ir até ele.”

Parmananda disse, “Mas ele é mais velho que você.”

Eu disse, “Vá até ele. Não responda em nome dele. Se ele disser que é mais velho que eu, então não valerá a pena ir, porque o despertar não pode ser mais velho ou mais novo; é sempre o mesmo – simplesmente fresco, eternamente fresco.”

Ele foi e nunca voltou, por que como Krishnamurti poderia, um homem velho, vir ver-me? Entretanto ele queria ver-me. Isso é interessante, não é? Eu nunca o quis ver, caso contrário teria ido vê-lo. Ele queria me ver e, ainda assim queria que eu fosse até ele. Vocês devem conceder que isso é um pouco demais. Parmananda nunca retornou com uma resposta. No próximo dia que ele veio perguntei, “O que aconteceu?”

Ele disse, “Krishnamurti ficou muito bravo, tão bravo que não o questionei novamente.”

Ora, ele queria ver-me; eu amaria vê-lo, mas eu nunca quis, pela simples razão que não gosto de ir até as pessoas, mesmo que essa pessoa seja J. Krishnamurti. Amo o que ele diz, amo o que ele é, mas nunca desejei – pelo menos nunca falei para alguém – vê-lo, porque então seria simples: eu deveria ir até ele. Ele desejou, ele queria ver-me, e, entretanto, queria que eu fosse até ele. Não gosto disso, nunca vou gostar.

Isso criou, pelo menos da parte dele, um antagonismo em relação a mim. Desde então ele tem falado contra mim. No momento que ele vê um dos meus sannyasins ele se comporta como um touro. Se você acenar uma bandeira vermelha para um touro vocês sabem o que acontece. É isso o que ocorre quando ele vê alguns dos meus sannyasins vestidos de vermelho: de repente ele fica enraivecido. Digo que ele deve ter sido um touro em sua vida passada; ele não esqueceu do seu antagonismo contra a cor vermelha.

Isso só começou quando recusei ir vê-lo. Antes disso ele nunca tinha falado contra mim. Em relação a mim, sou um homem livre. Posso falar a favor de uma pessoa e, na mesma respiração contra a mesma pessoa, sem qualquer dificuldade da minha parte. Amo todos os tipos de contradições e inconsistências.

J. Krishnamurti está contra mim, mas não estou contra ele. Ainda o amo. Ele é um dos homens mais belos do Século XX. Não penso existir nenhuma outra pessoa viva que posso comparar com ele. Mas ele tem uma limitação, e essa limitação tem sido sua ruína. A limitação é que ele tenta ser totalmente intelectual, e isso não é possível se você quer elevar-se, se você quiser ir além das palavras e dos números.

Krishnamurti deveria estar além, mas está amarrado na intelectualidade vitoriana. A sua intelectualidade não é nem moderna, mas vitoriana, com quase um século de idade. Ele diz que é afortunado por não ter lido os Upanishads, o Gita ou o Alcorão. Então o que ele tem feito? Eu falo para vocês: ele lê romances policiais de terceira categoria! Por favor não contem para ninguém, caso contrário ele vai bater sua cabeça contra a parede. Não estou preocupado com sua cabeça, estou preocupado com a parede. Em relação a sua cabeça, ele tem sofrido de enxaqueca nos últimos cinquenta anos – isso é mais que toda a minha vida – tanto que em seu diário ele diz muitas vezes que queria bater a cabeça contra a parede. Sim, estou preocupado com a parede.

Por que ele sofre de enxaqueca? – por causa de muita intelectualidade e nada mais. Não é o mesmo caso do pobre Asheesh, meu marceneiro. Ele também sofre de enxaqueca, mas isso é físico. A enxaqueca de J. Krishnamurti é espiritual. Ele é muito intelectual; apenas ouvi-lo é o suficiente para lhe dar uma enxaqueca. Se você não sofrer de enxaqueca depois de uma palestra de J. Krishnamurti isso significa que você já está iluminado – ou que você não tem uma cabeça. O segundo é mais provável. O primeiro é um pouco difícil.

A enxaqueca de Asheesh pode ser curada, mas a de Krishnamurti não é terminável. Ela é incurável. Mas agora não é mais necessário também, ele está tão velho e acostumado a viver com a sua enxaqueca. Ela tornou-se quase uma esposa. Se vocês levarem essa enxaqueca embora ele vai ficar sozinho, viúvo. Não façam isso. Ele e sua enxaqueca são casados, e eles vão morrer juntos.

Eu estava dizendo que o meu primeiro encontro com o monge jaina nu começou uma longa série de encontros com muitos supostos monges – embusteiros. Todos eles sofrem de intelectualidade e nasci para trazê-los para a terra. Mas é quase impossível os trazer aos seus sentidos. Talvez eles não querem porque têm medo. Talvez não ter sensibilidade ou inteligência é muito vantajoso para eles.

Eles são respeitados como seres humanos sagrados; para mim eles são apenas estrume de vaca sagrado. Uma coisa sobre estrume de vaca é boa: ele não cheira. Lembro vocês disso porque sou alérgico a cheiros. Estrume de vaca tem essa única boa qualidade, não é alérgico. Qual é a palavra certa, Devaraj?

“Não alergênico, Osho”

Certo, não alergênico.

A minha Nani não era realmente uma mulher indiana; até mesmo o Ocidente teria sido um pouco menos estranho para ela. E lembrem-se, ela era absolutamente não instruída – talvez por causa disso ela era tão perceptiva. Talvez ela podia ver algo em mim que eu não estava consciente naqueles dias. Talvez essa seja a razão dela ter me amado tanto... não sei dizer. Ela não está mais viva. Uma coisa sei: quando o seu marido morreu ela nunca mais voltou àquela vila, ela permaneceu na vila do meu pai. Tive que deixá-la ali, mas quando retornava, muitas vezes a perguntava, “Nani, podemos voltar para a vila?”

Ela sempre dizia, “Para quê? Você está aqui.” Aquelas três palavras simples ressoam em mim como música reverberando: “Você está aqui.” Digo o mesmo para vocês. Ela me amava – e vocês sabem que ninguém pode amá-los mais do que os amo.

É belo.

Vocês nunca estiveram aqui.

Infelizmente, se eu pudesse também convidá-los para esse espaço nos Himalaias! O “agora” é um espaço belo. E pobre Devageet – ainda posso ouvir o seu risinho. Meu Deus! Nenhuma química pode pelo menos prevenir-me de ouvir os risinhos?

Não pensem que fiquei louco, já estou louco. Vocês veem? – a insanidade de vocês e a minha insanidade, elas são totalmente diferentes. Anote isso. Até mesmo Rasputin, se estivesse vivo, seria um sannyasin... quero dizer, ele teria sido um sannyasin. Ninguém, sem exceção, pode me enganar.

Sou o tipo de pessoa que mesmo no momento da morte dirá, “Basta, basta por hoje...”

Sessão 10

Eu estava olhando algumas fotos da comitiva de casamento da princesa Diana e, estranhamente, a única coisa que me impressionou em todo o disparate foram os belos cavalos, suas danças alegres. Olhando para aqueles cavalos lembrei-me do meu próprio cavalo. Não falei para ninguém dele, nem mesmo para Gudia, que ama cavalos. Mas agora que não estou mantendo nada secreto, até isso pode ser contado.

Eu não tive apenas um cavalo, de fato, tive quatro cavalos. Um era só meu – e vocês sabem como sou fresco... até mesmo hoje ninguém mais pode dirigir os Rolls Royces. É apenas frescura. Eu era o mesmo naquele tempo também. Ninguém, nem mesmo o meu avô, tinha permissão de andar no meu cavalo. É claro que eu tinha permissão de andar no cavalo de qualquer um. Tanto o meu avô quanto minha avó tinham um. Era estranho em uma vila indiana uma mulher andar a cavalo – mas ela era uma mulher estranha, fazer o quê? O quarto cavalo era o de Bhoora, o servo que sempre me seguia com a sua arma, a uma certa distância é claro.

O destino é estranho. Nunca prejudiquei ninguém na minha vida, nem mesmo nos meus sonhos. Sou absolutamente vegetariano. Mas, por um bom ou mau destino, desde a minha infância sempre fui seguido por um guarda. Não sei o porquê, mas desde Bhoora sempre tive um guarda. Até mesmo hoje os meus guardas estão ou à frente ou atrás, mas estão sempre presentes. Bhoora começou todo o jogo.

Eu já disse para vocês que ele parecia um Europeu, por isso era chamado de Bhoora. Não era o seu nome real. *Bhoora* simplesmente significa “o branco.” Nem eu sei o seu nome de maneira alguma. Ele parecia europeu, muito europeu, e ele parecia realmente estranho, especialmente naquela vila onde, acho, nenhum europeu já entrou. E ainda existem guardas...

Mesmo quando criança eu podia entender por que Bhoora me seguia a uma certa distância em seu cavalo, porque por duas vezes tentaram sequestrar-me. Eu não sabia por que alguém teria interesse em mim. Agora pelo menos posso entender. O meu avô, apesar de não ser muito rico de acordo com os padrões ocidentais, era certamente muito rico naquela vila. *Dakait* – agora Devageet terá uma dificuldade real em soletrar a palavra ‘dakait’...

Não é uma palavra inglesa; ela vem palavra hindi *daku*. Mas nesse sentido o inglês é uma das línguas mais generosas do mundo. Todo ano o inglês segue absorvendo oito mil palavras de outras línguas; é por isso que o inglês fica cada vez maior. Necessariamente tornar-se-á o idioma mundial – ninguém pode impedir isso. Todas as outras línguas do mundo, por outro lado, são muito tímidas; elas seguem encolhendo. Elas acreditam na pureza, que nenhuma outra língua deve ter permissão para entrar. Naturalmente elas permanecerão pequenas e primitivas. *Dakait* é uma transliteração de *daku*; significa ladrão – não apenas

um ladrão ordinário, mas quando um grupo de pessoas, armadas e organizadas, planejam o ato do roubo, então isso é “dakaidade”.

Quando eu era jovem, na Índia, era uma prática comum roubar os filhos dos ricos, para então ameaçar os pais que se eles não pagassem, as mãos da criança seriam cortadas. Se eles pagassem, então podiam salvar as mãos da criança. Às vezes a ameaça seria cegar à criança, ou se os pais fossem realmente ricos então a ameaça era direta – que a criança seria morta. Para salvar à criança, os pobres pais estavam prontos para fazer qualquer coisa.

Duas vezes tentaram me roubar. Duas coisas me salvaram: a primeira foi o meu cavalo, que era um árabe realmente forte; a segunda foi Bhoora, o servo. Ele tinha ordens do meu avô para atirar para cima – não nas pessoas tentando sequestrar-me, porque isso é contra o jainismo, mas você pode atirar para cima para assustá-las. É claro que a minha avó tinha sussurrado no ouvido de Bhoora, “Não se preocupe com o que meu marido fala. Primeiro você pode atirar no ar, mas se isso não funcionar lembre-se: se você não atirar nas pessoas eu vou atirar em você.” E ela era boa de tiro. Eu a vi atirar e ela sempre foi precisa até ao menor ponto. Ela era como Gudia – ela não perdia muito.

Nani era de muitas formas parecida com Gudia, muito exata em relação aos detalhes. Ela sempre ia direto ao ponto, nunca em torno dele. Existem pessoas que andam em torno, em torno, em torno: você tem que descobrir o que elas realmente querem. Este não era o jeito dela; ela era exata, matematicamente exata. Ela disse a Bhoora, “Lembre-se, se você chegar sem ele apenas para reportar que ele foi roubado, vou atirar em você imediatamente.” Eu sabia, Bhoora sabia, meu avô sabia, porque embora ela falasse no ouvido de Bhoora, não era um sussurro; era alto o suficiente para ser ouvido por toda a vila. Ela estava falando sério. Ela sempre falava sério.

O meu avô olhou para o outro lado. Não pude resistir; ri alto e falei, “Por que você está olhando para o outro lado? Você a ouviu. Se você é um jaina real, fale para Bhoora não atirar em ninguém.”

Mas antes de meu avô dizer alguma coisa, a minha Nani disse, “Falei para o Bhoora em seu nome também, então fique quieto.” Ela era uma mulher tal que até no meu avô ela atiraria. Eu a conhecia – não digo literalmente, mas metaforicamente, e isso é mais perigoso que literalmente. Então ele permaneceu quieto.

Duas vezes fui quase sequestrado. Uma vez o meu cavalo me trouxe de volta para casa, e na outra Bhoora teve que atirar, é claro que para o alto. Talvez se houvesse alguma necessidade ele teria atirado na pessoa que tentava sequestrar-me. Mas não foi necessário, assim ele salvou-se e, também, a religião do meu avô.

Desde então é estranho... parece muito, muito estranho para mim porque fui absolutamente inofensivo para todos, entretanto estive em perigo muitas vezes. Tentaram matar-me várias vezes. Sempre me perguntei, uma vez que a vida vai acabar mais cedo ou mais tarde, por que alguém teria interesse em

terminá-la no meio. Isso serviria a qual propósito? Se eu pudesse ser convencido desse propósito poderia parar de respirar nesse exato momento.

Certa vez perguntei a um homem que tentou matar-me. Tive a chance de perguntá-lo porque, finalmente, ele tornou-se um sannyasin. Perguntei, “Agora estamos ambos a sós, diga-me por que você tentou matar-me?”

Naqueles dias, em Woodlands Mumbai, eu dava sannyas às pessoas a sós em meu quarto. Eu disse, “Estamos a sós. Posso te dar sannyas, não há problema nisso. Primeiro torne-se um sannyasin, então me diga o propósito, por que você queria matar-me? Se você convencer-me pararei de respirar aqui e agora na sua frente.”

Ele começou a chorar e segurou os meus pés. Eu disse, “Isso não é o suficiente, você tem que convencer-me do propósito.”

Ele disse, “Fui apenas um idiota. Não tenho nada a falar para você. Eu estava apenas tendo um ataque de raiva.” Talvez esta seja a razão para um homem absolutamente inofensivo como eu ser atacado de toda maneira possível. Deram-me veneno...

Gudia tem alguns ataques de raiva de vez em quando, mas mesmo assim ela nunca me prejudicou. Ela não pode, é impossível para ela. De vez em quando todo mundo pode ter ataques de raiva, particularmente uma mulher; e mais ainda se ela tem que viver vinte e quatro horas por dia, ou talvez mais, com um homem como eu, que não é simpático de maneira alguma; que é sempre duro, sempre tentando te empurrar até a borda, e que não permite que você volte. Ele segue te empurrando e dizendo para você “Pule antes de pensar!”

A minha Nani era certamente similar a Gudia, particularmente quando estava em um ataque de raiva. Eu a vi em um ataque de raiva, mas nunca me preocupei. Eu a vi puxar a sua arma e correr até o quarto do meu avô – mas continuei o que eu estava fazendo. Ela me perguntou, “Você não está com medo?”

Eu disse, “Continue e faça o seu trabalho e deixe-me fazer o meu.”

Ela riu, dizendo, “Você é um garoto estranho. Eu vou matar o seu avô e você está tentando fazer uma casa de cartas. Você está louco ou o quê?”

Eu disse, “Vá até lá e mate aquele velho. Sempre sonhei em fazer isso eu próprio, então por que me preocuparia? Não me perturbe.”

Ela sentou-se do meu lado e começou a me ajudar a fazer o palácio que eu estava criando com as cartas do baralho. Mas quando ela falou para Bhoora, “Se alguém tocar na minha criança, você não deve atirar para o alto porque acreditamos no jainismo... Esta crença é boa, mas apenas no templo. No mercado temos que nos comportar da maneira do mundo, e o mundo não é jaina. Como podemos nos comportar de acordo com nossa filosofia?”

Posso ver a sua lógica absolutamente cristalina. Se você está falando com alguém que não sabe inglês, você não pode falar com essa pessoa em inglês. Se você falar com ela em sua própria língua, então existe uma possibilidade maior

de comunicação. As filosofias são idiomas; que isso fique absolutamente claro. As filosofias não significam nada de forma alguma – elas são linguagens. E no momento em que vi minha avó dizer a Bhoora, “Quando um dakait tentar roubar a minha criança, fale a língua que ele entende, esqueça completamente o jainismo” – naquele momento entendi. Embora não tenha ficado tão claro para mim como ficaria depois, deve ter sido claro a Bhoora. O meu avô certamente entendeu a situação porque ele fechou os seus olhos e começou a repetir o seu mantra: “*Namo arihantanam namo... namo siddhanam namo...*”

Eu ri, a minha avó deu uma risadinha; Bhoora, é claro, apenas sorriu. Mas todo mundo entendeu a situação – e ela estava certa, como sempre.

Vou contar a vocês outra semelhança entre Gudia e minha avó: ela está quase sempre certa, mesmo comigo. Se ela diz algo, posso não concordar, mas sei que finalmente ela estará certa. Não vou concordar, isso também é verdade. Sou um homem teimoso, falei para vocês muitas vezes. Prendo-me a tudo que sou, certo ou errado. O meu erro é meu erro, e o amo porque é meu. Mas em relação à questão se ela está certa ou errada... sempre que há um conflito sei que Gudia estará certa no final. No momento decidirei – e sou um homem teimoso.

A minha avó tinha a mesma qualidade de estar sempre certa. Ela disse a Bhoora, “Você acha que esses dakaits acreditam no jainismo? E aquele velho tolo...” ela indicava o meu avô que estava repetindo o seu mantra. Ela então falou, “Aquele velho tolo só falou para você atirar para o alto porque nós não devemos matar. Deixe-o repetir o seu mantra. Quem está falando para ele matar? Você não é um jaina, não é?”

Eu sabia instintivamente naquele momento que se Bhoora fosse um jaina ele poderia perder o seu emprego. Eu nunca me preocupei antes se Bhoora era um jaina ou não. Pela primeira vez preocupei-me pelo pobre homem, e comecei a rezar. Eu não sabia para quem, porque os jainas não acreditam em qualquer Deus. Nunca fui doutrinado em qualquer crença, mas ainda assim comecei a falar dentro de mim mesmo, “Deus, se você estiver aí, salve o emprego desse pobre homem.” Você vê o ponto? Mesmo naquele momento eu disse, “Se você estiver aí...” Eu não podia mentir mesmo nessa situação.

Mas, misericordiosamente, Bhoora não era um jaina. Ele disse, “Não sou um jaina, então não ligo.”

A minha Nani disse, “Então lembre-se do que te falei, e não do que aquele velho tolo falou.”

De fato ela sempre costumava utilizar aquele termo para meu avô: “aquele velho tolo” – e reservei-o para Devageet. Mas “aquele velho tolo” está morto. A minha mãe... a minha avó está morta. Desculpem-me, novamente eu disse “minha mãe.” Realmente não acredito que ela não era a minha mãe, mas apenas a minha avó.

A propósito, vocês ficarão surpresos que todos os meus irmãos e irmãs – e existem quase uma dúzia deles – todos chamam a minha mãe de “Ma,” mãe,

exceto eu; chamo-a “Bhabhi.” Todo mundo na Índia sempre costumava perguntar-se por que eu chamava minha mãe Bhabhi, porque significa “esposa do irmão mais velho.” Em hindi, a palavra para irmão mais velho é *bhaiya*; a palavra para sua esposa é *bhabhi*. Os meus tios chamam a minha mãe de Bhabhi, e isso é perfeitamente correto. Por que continuo a chamá-la de Bhabhi até mesmo hoje? A razão é, conheci outra mulher como minha mãe – a mãe da minha mãe.

Depois daqueles primeiros anos conhecendo Nani como minha mãe, era impossível chamar qualquer outra mulher de Ma – mãe. Sempre a chamei de minha Nani, sabia que ela não era a minha mãe real, mas ela serviu de mãe para mim. A minha mãe real permaneceu um pouco longe, um pouco estranha. Embora Nani esteja morta, ela está mais próxima de mim. Embora minha mãe esteja agora iluminada ainda vou chamá-la de Bhabhi, não posso chamá-la de Ma. Utilizá-lo seria quase uma traição com alguém que está morto. Não, não posso o fazer.

A minha própria avó disse-me várias vezes, “Por que você segue chamando a sua mãe de Bhabhi? Chame-a de mãe.” Eu simplesmente evitava a questão. Esta é a primeira vez que falo e discuto sobre isso – com vocês.

A minha Nani tornou-se de alguma forma parte do meu ser. Ela amou-me imensamente. Uma vez, quando um ladrão entrou na nossa casa ela lutou contra ele de mãos limpas, e vi quão feroz uma mulher poderia ser... realmente perigosa! Se eu não tivesse interferido ela teria matado o pobre homem. Eu disse, “Nani! O que você está fazendo? Apenas por mim, solte-o. Deixe-o ir!” Porque eu estava chorando e dizendo para ela parar por mim, ela permitiu que o homem fosse embora. O pobre homem não podia acreditar que ela estava sentada em seu peito segurando seu pescoço com suas duas mãos. Ela certamente o teria matado. Apenas um pouco mais de pressão em sua garganta e o homem morreria.

Quando ela falou com Bhoora eu sabia que ela falava a sério. Bhoora também sabia. Quando o meu avô começou o mantra, eu sabia que ele também entendia que ela falava a sério.

Fui atacado duas vezes – e para mim era uma alegria, uma aventura. De fato, no fundo eu queria saber o que era ser raptado. Essa sempre foi a minha característica, vocês podem chamar de meu caráter. É uma qualidade que enche-me de contentamento. Eu costumava ir a cavalo até a floresta que nos pertencia. O meu avô prometeu que tudo o que era seu pertenceria a mim por testamento, e ele foi verdadeiro com a sua palavra. Ele nunca deu um único *pai* para nenhuma outra pessoa.

Ele tinha milhares de acres de terra. É claro que naqueles tempos eles não tinham valor nenhum. Mas não me preocupo com o valor – essas terras eram tão belas: aquelas árvores imensas, um grande lago e, no verão, quando as mangas amadureciam era tão perfumado. Eu costumava ir tanto até lá que meu cavalo acostumou-se com o meu caminho.

Ainda sou o mesmo... e se eu não gostar de um lugar nunca retorno.

Fui para Madras apenas uma vez, uma única vez, porque nunca gostei do lugar, particularmente da língua. Parecia que todos lutavam contra todos. Odiei aquilo e odeio aquele tipo de língua. Então eu disse para o meu anfitrião, “Essa é a primeira e a última visita a você.”

Ele disse, “Por que a última?”

Eu disse, “Odeio esse tipo de língua. Todo mundo parece estar lutando. Sei que não estão – é apenas a forma que eles falam.” Odeio Madras, não gosto de maneira alguma.

Krishnamurti gosta de Madras, mas isso é problema dele. Ele vai para lá todo ano. Ele é um tamil. De fato, ele nasceu perto de Madras. Ele é um madrasi, então, para ele, ir até lá é perfeitamente lógico. Por que eu deveria ir até lá?

Eu costumava ir a vários locais. Por quê? Não há porque. Eu simplesmente gostava de ir. Gosto de estar de passagem. Vocês entenderam?... de passagem. Sou um homem que não tenho negócios aqui, ou ali, ou em qualquer lugar. Estou apenas de passagem. Deixe-me dizer em outras palavras: estou no touro mecânico. Agora acho que vocês entenderam.

Eu costumava ir no meu cavalo, e vendo aqueles cavalos na comitiva de casamento da princesa Diana não pude acreditar que a Inglaterra pudesse ter cavalos tão belos. A rainha é apenas simples – não quero dizer feia, somente por pura polidez. E o príncipe Charles certamente não é um príncipe: olhe para a sua face! Vocês falam que sua face é principesca? Talvez na Inglaterra... E os convidados! As grandes perucas! Em particular, o sumo sacerdote – como vocês o chamam na Inglaterra?

“O Arcebispo de Canterbury, Osho.”

Excelente! Arcebispo! Um grande nome para um traço-traço-traço; caso contrário eles falarão que porque utilizei essas palavras não posso ser iluminado! Mas acho que todos no mundo entenderão o que quero dizer por traço-traço-traço – até mesmo o arcebispo!

Todas aquelas pessoas, e pude amar somente os cavalos! Eles eram as pessoas reais. Que alegria! Que trote! Que dança! Somente pura celebração. Imediatamente lembrei-me do meu próprio cavalo, daqueles dias... a fragrância ainda está aqui. Posso ver o lago e a mim mesmo como uma criança no cavalo na floresta. É estranho – embora meu nariz esteja debaixo dessa ratoeira posso sentir o cheiro das mangueiras, das árvores *neem*, dos pinheiros, e eu também posso sentir o cheiro do meu cavalo.

Era bom que eu não era alérgico aos cheiros naqueles dias, ou, quem sabe, eu poderia ser alérgico, mas era inconsciente disso. É uma estranha coincidência que o ano da minha iluminação foi também o ano que tornei-me alérgico. Talvez eu fosse alérgico antes e apenas não tinha consciência disso, e, quando tornei-me iluminado, essa consciência veio. Abandonei a iluminação agora.

“Por favor,” estou falando para a existência, “abandone essa alergia para que eu possa novamente montar a cavalo.” Esse seria um grande dia, não apenas para mim mas para todos os meus sannyasins.

Há apenas uma foto, que eles seguem publicando no mundo todo, na qual estou cavalgando em um cavalo da Caxemira. É apenas uma foto. Eu não estava realmente cavalgando. Mas porque o fotógrafo queria me fotografar em um cavalo, e eu amava o homem – o fotógrafo, quero dizer – eu não podia falar não para ele. Ele trouxe o cavalo e todos os seus equipamentos, então eu disse tudo bem. Apenas sentei-me no cavalo, e vocês podem ver pela foto que o meu sorriso não era verdadeiro. É o sorriso de quando um fotógrafo diz, “Sorria por favor!” Mas se posso transcender a iluminação, quem sabe, talvez eu possa transcender a alergia aos cavalos, pelo menos. Então posso ter o mesmo tipo de mundo ao meu redor:

O lago...
As montanhas,
O rio...

Eu apenas teria saudades da minha avó.

Devageet, você não é o único judeu aqui. Lembre-se, você não está com pressa; eu estou com pressa. Minha bexiga está doendo! Então, por favor... Sempre quero ter a última palavra. Devageet, você seria uma ótima esposa resmungona. Realmente, falo sério! Encontre um rapaz legal e vá para a lua de mel. Veja, você já está pensando que estou dispensando você. Não fique com tanta pressa. A sua bexiga não está explodindo! Agora...

Isso é bom.

Isso é *fabuloso!* Acabei de utilizar essa palavra pela primeira vez na minha vida... *fabuloso!* Não sei o que ela significa, mas quando a sua bexiga está estourando, quem liga?



OSHO NO CAVALO DA CAXEMIRA

Sessão 11

Devageet... realmente ótimo, e depois de ser golpeado, você viu as estrelas. Também posso ver as estrelas com você.

Certo.

A vila que nasci não era parte do Império Britânico. Era um estado pequeno governado por uma rainha islâmica. Posso vê-la agora. Estranho... ela também era tão bela quanto a rainha da Inglaterra, exatamente tão bela quanto. Mas havia uma coisa boa: ela era islâmica, enquanto que a rainha da Inglaterra não é. Tais mulheres deveriam ser sempre islâmicas, porque elas têm que permanecer escondidas atrás de um véu, chamado *burqa*. Ela costumava visitar a nossa vila de vez em quando; e, é claro, naquela vila, a minha casa era a única onde ela podia ficar, e, ademais, ela amava a minha avó.

A minha Nani e ela estavam conversando quando vi pela primeira vez a rainha sem o seu véu. Eu não podia acreditar: uma rainha, e tão sem graça! Então entendi o propósito da burqa, o véu – que os hindus chamam *parda*. É para as mulheres feias; em um mundo melhor ela serviria para os homens feios também. Pelo menos você não poderia atacar ninguém com a sua feiura. É uma agressão. Se a beleza é uma atração, então o que é a feiura? É uma agressão, um ataque, e ninguém está protegido dele. Nenhuma lei protege alguém.

Ri na própria cara da rainha. Ela disse, “Por que você está rindo?”

Eu disse, “Estou rindo porque sempre perguntei-me qual era o propósito da parda e da burqa. Hoje sei.”

Não acho que ela entendeu, porque ela sorriu. Embora fosse uma mulher feia devo conceder que seu sorriso era belo.

O mundo está cheio de coisas estranhas. Cruzei com muitas pessoas que eram belas, mas quando sorriam as suas faces pareciam destorcidas, feias. Vi o Mahatma Gandhi apenas quando eu era criança. Ele era feio até o âmago. De fato eu diria que ele era unicamente feio, mas a sua beleza estava em seu sorriso. Ele sabia como sorrir; sobre isso não posso ser contra ele. Sobre todo o restante sou contra ele, porque exceto pelo seu sorriso tudo era apenas bobagem, podre! Ele foi realmente um grande *Bodigarbage** [NdT. garbage = lixo.]. O nosso próprio ‘Bodilixo’ não é nada comparado com ele.

Ouvi falar que as pessoas chamam o Swami Bodigarbha de Bodigarbage. Gostei disso! Elas adicionaram algo ao nome. De fato colocaram-no exatamente onde ele deveria estar. Eu lhe dei o nome de Bodigarbha, o que poderia ser o seu futuro. Mas as pessoas só podem ver o que está muito próximo; elas o chamam de Bodigarbage. Talvez esse nome seria bom para o Mahatma Gandhi.

A rainha... (*Devageet reprime um espirro.*) Agora, isso realmente me distrai. Você sabia, Devageet, que na Índia as pessoas acreditam que quando você

espirra, o demônio entra em você? Então quando elas espirram, para prevenir que o demônio entre nelas, elas falam com um clique (*Osho estala os dedos*) “*Om shantih, shantih, shantih... Om shantih, shantih, shantih... Om shantih, shantih, shantih...*” Três vezes você tem que estalar os seus dedos. Eu não sei como você chama esse estalar com os dedos; de qualquer forma, os indianos realmente o fazem.

Não sei se o demônio é impedido de entrar ou não, mas qualquer coisa que você estiver fazendo não é perturbada. Ora, você é judeu, não um hindu, então, pelo menos você espirra e não faz todo o procedimento hindu; caso contrário tornei-me são, e tenho muito medo da sanidade. Mas não estou falando algo errado – eu *quis dizer* sanidade: tenho muito medo da sanidade.

Posso sentir a sua confusão. Não é necessário você ficar confuso. Sou um homem insano com medo de ficar são novamente – e aquele procedimento levaria qualquer pessoa à sanidade. Mas você é judeu, graças a Deus! Como um inglês, você tentou muito prevenir o espirro; até isso posso entender. Um inglês previne tudo o que é possível, até mesmo um espirro, particularmente quando está na presença de alguém que finge ser mais sagrado que você.

Mas relaxe, não finjo ser mais sagrado que você. Você pode espirrar alegremente, então o espirro não me distrairá. Ele pode até me dar algumas dicas para a história que estou contando. De volta ao trabalho. Chega de distrações por causa desse espirro.

Como eu estava falando, a minha vila pertencia a um estado pequeno, muito pequeno, Bhopal. Ele não era parte do *Raj* inglês. É claro que a rainha de Bhopal costumava nos visitar de vez em quando. Eu estava falando que certa vez eu estava presente, e ri da feiura da mulher e da beleza da sua máscara. A sua burqa era realmente bela; era cravejada de safiras. Ela ficou tão impressionada pela minha avó que a convidou para a celebração anual na capital. A minha avó disse, “Para mim é impossível ir porque não posso deixar a minha criança sem cuidados por tantos dias.”

Em hindi “minha criança” é uma frase tremendamente bela, *mera beta*; ela significa “minha criança, meu menino.”

A rainha disse, “Não há problema: você pode trazê-lo também. Também o amo.”

Eu não podia entender por que ela me amaria. Eu não fiz nada de errado. Por que eu deveria ser punido? A própria ideia de ser amado por essa mulher era como se um monstro rastejasse sobre você. Naquele momento ela parecia exatamente como um monstro, cheio de coisas grudadas. Talvez ela gostasse de mascar chiclete – tudo nela era um chiclete. Na minha vida nunca tive medo, exceto daquela mulher. Mas a aventura de ir à capital como um convidado da rainha, e hospedar-se em seu belo palácio que eu tinha ouvido mil e uma histórias, era demais. Embora eu não quisesse nunca mais ver aquela mulher, fui com a minha avó para a celebração anual.

Lembro-me do palácio. Era um dos mais belos da Índia. Ele tinha quinhentos acres de matas e um lago de quinhentos acres – mil acres no total. A rainha foi boa conosco como convidados, mas confesso, evitei olhar para a sua face o máximo que pude. Talvez ela ainda esteja viva, porque naquela época ela não era tão velha.

Um incidente estranho aconteceu com relação àquele palácio – devo chamá-lo de uma coincidência. No dia em que eu disse, “Certo, estou pronto para mudar-me para os Himalaias,” naquele mesmo dia o filho da rainha de Bhopal me ligou dizendo que se tivéssemos interessados eles gostariam de ceder o palácio deles – o mesmo palácio que estou falando para vocês. Aquele palácio... por um momento não pude acreditar que eles o ofereceriam. Eles perderam tudo; todo o estado se foi, fundindo-se na Índia. Tudo o que sobrou foi apenas os mil acres e aquele palácio. Mas ainda assim é um reino belo – quinhentos acres de árvores antigas, e quinhentos acres de um lago que era apenas parte do grande lago de Bhopal.

Na Índia o lago de Bhopal é o maior. Não acho que exista no mundo algum outro lago que possa competir com ele, é tão vasto. Não posso me lembrar quantas milhas de largura são, mas não é possível ver a outra margem de lugar algum. Aqueles quinhentos acres do lago do castelo são parte do mesmo lago, mas pertencem ao castelo.

Eu disse, “É muito tarde. Diga ao príncipe e à sua mãe, se ela ainda estiver viva, que somos gratos pela oferta mas decidi ir para os Himalaias.” Por sete anos tenho tentado encontrar apenas alguns poucos milhares de acres de terra, mas os políticos sempre interferem. Diga-lhe, “Lembro-me de visitar o seu palácio e a sua mãe – talvez ela ainda esteja viva, não sei.” Mas diga-lhe, “Eu amei o castelo, e ainda o amo, ainda mais agora que você o ofereceu a mim. Mas decidi ir para os Himalaias.”

A minha secretária ficou chocada e falou, “Ele está oferecendo o palácio para você e não está pedindo nenhum dinheiro. Ele deve valer pelo menos dois milhões de dólares.”

Eu disse, “Dois milhões ou vinte milhões de dólares, não importa de maneira alguma. Meu obrigado tem muito mais valor. Quantos milhões de dólares você acha que ele vale? Apenas diga para ele, ‘Ele envia o seu obrigado, mas a sua oferta chegou apenas algumas horas atrasada. Se você tivesse oferecido o palácio há apenas algumas horas antes ele o teria aceitado. Agora nada pode ser feito de maneira alguma.’”

Quando ouviu, o príncipe ficou chocado. Ele não podia acreditar que alguém poderia oferecer um palácio tal sem pedir nada em troca e receber a resposta, “Desculpe, não, obrigado.”

Conheço o palácio. Fui um hóspede dele uma vez em minha infância, e mais uma vez posteriormente. Vi-o pelos olhos de uma criança e também pelos olhos de um jovem homem. Não, não fui enganado quando vi-o quando criança, mas ele era muito mais bonito do que eu havia entendido naquele momento. Uma

criança, embora inocente, tem limitações; a sua visão não pode implicar tudo o que é possível. Ela apenas vê o que é aparente. Eu também visitei o palácio como um jovem homem, novamente como um convidado, e sabia que ele devia ser uma das estruturas mais belas do mundo, particularmente a sua localização. Mas tive que recusá-lo.

Às vezes é tão bom recusar, porque eu já sabia que se eu aceitasse haveriam problemas *ad infinitum*. Aquele palácio não podia ser meu palácio. Os políticos, que tornaram-se todo-poderosos – ignorantes, corruptos, sem talento e imorais – iriam “cair em cima”. Apesar de eu ter recusado, eles ainda assim caíram em cima, pensando que o príncipe estava mentindo, pois como alguém poderia recusar tal oferta?

Fiquei sabendo que eles estavam torturando-no de todas as formas possíveis para saber por que ele me ofereceu o palácio. Não o aceitei. Nada aconteceu na realidade, apenas uma ligação – mas isso foi o suficiente.

Os políticos indianos devem ser os piores do mundo. Políticos existem em todo o lugar, mas eles não são nada perto dos políticos indianos.

A razão é clara: por dois mil anos a Índia esteve na escravidão. Em 1947, somente por sorte, a Índia libertou-se. Digo por sorte porque a Índia ainda não merece isso; todo o crédito vai para a Attlee, o primeiro-ministro inglês daquele momento. Ele era um socialista, um tipo de sonhador. Ele pensava sobre igualdade e liberdade e todos os tipos de grandes coisas. Foi ele o verdadeiro pai da liberdade indiana. Não é que a Índia conseguiu ou mesmo mereceu à libertação. Foi apenas sorte ter Attlee como primeiro-ministro da Inglaterra.

Depois de dois mil anos de escravidão os indianos tornaram-se realmente espertos. Apenas para sobreviver, o escravo tornou-se esperto. A escravidão terminou, mas a esperteza continua. Nenhum Attlee pode destruí-la. Ela não está nas mãos de ninguém; ela espalhou-se por toda a Índia. Ao final desse século a Índia será o país mais populoso do mundo. Apenas pensar nisso é suficiente para que eu não durma.

Sempre que não quero dormir penso na Índia no final desse século. Isso é suficiente! Então, mesmo se você me der pílulas para dormir elas não me afetarão. A própria ideia de que a Índia será o país mais densamente povoado do mundo, com todos aqueles políticos pigmeus, é o suficiente! Vocês podem pensar em um pesadelo maior?

Recusei aquele belo palácio. Ainda sinto muito por ter que recusar o único homem que veio com uma oferta, sem nem pedir por dinheiro. Certamente sinto muito por ele... tive que recusar porque havia me decidido, e uma vez que decido, de maneira certa ou errada, não posso voltar atrás. Não posso cancelar a decisão; não está no meu sangue. É apenas um tipo de teimosia.

Que horas são, Devageet?

“Dez e trinta e um, Osho.”

Bom! Deem-me apenas dez minutos. Lembrem-se disso, não dormi a noite toda.

Sem a minha insistência onde vocês estariam? Vocês teriam parado há muito tempo. Continuem – não sejam uma esposa judia. Judia e esposa, ambos juntos! Até mesmo Deus não pode lidar com isso, então ele administra com um Espírito Santo.

Pobre Devageet, não importa o quão forte eu lhe bata, ele nunca se vingará. Tudo bem. Qualquer um – e quando digo qualquer um quero dizer, Moisés, Jesus, Buda – teria inveja de mim. Gautama o Buda tinha o seu próprio médico particular, mas nenhum buda já teve o seu próprio dentista. Eles certamente não foram tão afortunados. Pelo menos ninguém teve um Devageet como companhia, isso é absolutamente certo.

Bom, agora pare.

Sessão 12

Trabalhei à noite toda por causa de um pequeno comentário que fiz que talvez tenha sido ofensivo com Devaraj. Ele pode não o ter percebido, mas o comentário pesou sobre mim a noite inteira. Eu disse, “Nenhum buda já teve um dentista pessoal, mas Gautama o Buda teve um médico pessoal.” Isso não está totalmente correto, então consultei os registros, os registros Akáshicos.

Terei que falar algumas coisas a mais, que ninguém se preocupa, particularmente os historiadores tolos. Eu não estava consultando a história. Eu tive que entrar no que H.G. Wells chamou *A Máquina do Tempo*, voltar no tempo. É o trabalho mais difícil, e vocês sabem que sou um homem preguiçoso. Ainda estou arquejando.

O médico de Buda, Jivaka, foi dado a Buda por um rei, Bimbisara. Ademais, Bimbisara não era um sannyasin de Buda; ele era apenas um simpaticante. Por que Bimbisara deu Jivaka para Buda? – Jivaka era o médico particular de Bimbisara, o mais famoso daqueles dias – porque ele estava competindo com outro rei cujo nome era Prasenjita. Prasenjita ofereceu para Buda o seu médico particular. Ele havia acabado de mencionar que, “Sempre que você precisar, o meu médico particular estará ao seu serviço.”

Isso foi demais para Bimbisara. Se Prasenjita podia fazê-lo, então Bimbisara mostraria para ele que podia oferecer o seu médico querido para Buda como um presente. Então, embora Jivaka seguisse Buda para qualquer lugar que este fosse, ele não era um discípulo, lembrem-se. Ele permaneceu um hindu, um brâmane.

Isso era estranho – um médico para Buda, continuamente consigo, mesmo em seus momentos mais íntimos, e ainda assim um brâmane? Isso mostra a verdade. Jivaka ainda recebia um salário do rei. Ele estava a serviço do rei. Se o rei queria que ele ficasse com Buda, tudo bem; um servo tem que seguir a ordem do seu mestre. Mesmo assim ele raramente ficava com Buda porque Bimbisara era velho e sempre precisava do seu médico, então ele o chamava de volta para a capital.

Devaraj, talvez você não tenha pensado nisso, mas fiquei triste por ter sido um pouco cruel. Eu não deveria ter dito aquilo. Você é tão único como alguém pode ser. Em relação a ter sido o médico de um Buda, ninguém se compara com você, tanto no passado quanto no futuro... porque nunca haverá um homem tão simples, tão insano a ponto de chamar a si próprio de Zorba o Buda.

Isso faz-me lembrar da história que estava contando para vocês. Um grande fardo foi retirado do meu coração. Vocês podem até vê-lo na minha respiração. Estou realmente aliviado. Foi apenas um comentário simples, mas sou tão sensível, talvez mais do que um buda deveria ser. Mas o que posso fazer? Não posso ser um buda de acordo com outrem; só posso ser eu mesmo. Estou aliviado de um grande fardo que vocês podem não ter sentido de maneira alguma, ou,

talvez, no fundo vocês estavam conscientes dele e deram risinhos apenas para escondê-lo. Vocês não podem esconder nada de mim.

Mas, estranhamente, a consciência se torna ainda mais clara e desanuviada por qualquer coisa que ajuda o corpo a desaparecer. Estou segurando nessa cadeira apenas para lembrar-me que o corpo ainda está aqui. Não que eu o queira aqui, mas apenas para que vocês não surtem. Não há espaço aqui para quatro pessoas surtarem. Sim, se vocês surtarem para dentro há espaço em qualquer lugar.

Agora chegamos à história. Chamo-a uma história – não que ela seja, mas tanto da vida se parece com uma história que se você souber como lê-la, você não precisaria de um romance. Pergunto-me porque J. Krishnamurti lê romances, e, ainda mais romances policiais. Algo lhe falta. Infelizmente ele não o pode ver, um homem de tanta inteligência, ou, talvez, ao vê-lo ele esteja tentando enganar-se através dos romances policiais.

Ele diz que é afortunado por não ter lido o Bhagavad Gita, nem o Alcorão, nem o Rigveda... entretanto ele lê romances policiais. Ele deveria dizer também que é infeliz por ler romances policiais; ele nunca disse isso. Mas sei disso porque eu também era um convidado na mesma casa onde ele costumava ficar em Mumbai. A dama que era nossa anfitriã perguntou-me, “Quero perguntá-lo apenas uma coisa: não o vejo lendo romances policiais – o que acontece? Ela disse, “Eu pensava que toda pessoa iluminada lia romances policiais.”

Eu disse, “De onde você tirou essa ideia sem sentido?”

Ela disse, “De Krishnamurti. Ele também fica aqui; o meu marido é seu seguidor. Também amo e sou simpatizante. Eu o vi lendo romances policiais de terceira classe e pensei que deveria haver algo nisso. Por favor me desculpe por ser curiosa sobre algo tão pessoal, mas eu estava olhando em sua mala de viagem. Pensei que talvez você estivesse escondendo romances policiais nela.”

Eu costumava carregar não apenas uma mala, mas três grandes. Ela deve ter pensado que eu carregava quase uma biblioteca de romances policiais comigo, mas ela não pôde encontrar nem mesmo um único livro. Ela ficou intrigada.

Outros amigos de Varanasi, onde J. Krishnamurti fica, perguntaram a mesma coisa. Ainda outros amigos de Nova Delhi fizeram a mesma questão. Não pode estar errado – tantas pessoas de muitos locais diferentes fazendo a mesma questão várias vezes. Muitas pessoas o viram ler romances policiais enquanto viajava em aviões. De fato, falando a verdade para vocês, eu próprio o vi por sorte, em um avião viajando de Mumbai para Delhi. Ele estava lendo um romance policial naquele momento. Por um inevitável destino nós viajamos no mesmo avião, para que eu pudesse falar com certeza que ele lê romances policiais. Não preciso de testemunhas; eu próprio sou uma testemunha.

Mas posso criar uma história sobre qualquer coisa pequena que acontece; ela apenas tem que ser trazida para um contexto adequado. Hoje de manhã eu estava falando para vocês sobre a época em que a rainha de Bhopal visitava a

nossa vila, que era parte do seu estado, e ela nos convidou para sermos seus convidados em sua celebração anual. Quando ela estava na nossa vila ela perguntou para a minha Nani, “Por que você chama o garoto de Raja?”

‘Raja’ significa “rei,” e, naquele estado, o título de Raja era obviamente reservado para o dono do estado. Até mesmo o marido da rainha não era chamado de “Raja,” mas apenas “Príncipe” – *Rajkumar* – assim como o pobre Philip da Inglaterra é chamado de “príncipe” Philip – nem mesmo “rei.” Entretanto, estranhamente, ele é o único homem ali que se parece com um rei. Nem a rainha da Inglaterra se parece com uma rainha, nem mesmo o pobre príncipe Charles se parece com o proverbial príncipe charmoso. O único homem que se parece com um rei não é chamado de rei, ele é chamado apenas de “príncipe” Philip.

Sinto muito por ele. A razão é que ele não pertence à mesma linhagem de sangue, e é o sangue que determina tudo, pelo menos no mundo idiota deles. Caso contrário sangue é sangue. No laboratório o sangue de um rei ou rainha não mostrará nada de diferente.

Vocês dois são médicos, você é enfermeira, e a quarta pessoa aqui é um misto de enfermeira e doutora, sem um certificado é claro. Todos vocês podem entender que o sangue não pode ser um fator determinante. A rainha Elizabeth tem o sangue certo – certo, não de acordo com o cientista, mas de acordo com os idiotas. Charles é seu filho, pelo menos cinquenta por cento; ele tem a herança. Philip é um estranho, e apenas para consolá-lo eles o chamam de “príncipe.”

Da mesma maneira, naquele pequeno estado, naquela época, a mulher era a cabeça e era chamada de rainha, rani, mas não havia raja. O seu marido era apenas um príncipe – rajkumar. Naturalmente ela perguntou para a minha avó, “Por que você chama esse seu garoto de Raja?” Vocês ficarão surpresos em saber que era realmente ilegal naquele estado dar o nome de Raja para alguém. A minha avó riu e disse, “Ele é o rei do meu coração, e, no que diz respeito às leis, em breve deixaremos esse estado, mas não posso mudar o seu nome.”

Até eu fiquei surpreso quando ela disse que nós em breve deixaríamos o estado... apenas para salvar o meu nome? Naquela noite eu lhe disse, “Nani, você está louca? Apenas para salvar esse nome estúpido...? Pode ser qualquer nome e no privado você pode chamar-me de Raja. Não é necessário deixarmos o estado.”

Ela disse, “Sinto nas entranhas que em breve teremos que deixar esse estado. Por isso arrisquei.”

E foi isso o que aconteceu. Esse incidente aconteceu quando eu tinha oito anos, e depois de um ano tivemos que deixar aquele estado para sempre... mas ela nunca deixou de me chamar de Raja. Mudei meu nome, apenas porque Raja – “o rei” – parecia muito esnobe, e eu não gostava que todos rissem na escola, e, ademais, não queria que ninguém mais me chamasse de Raja, exceto a minha avó. Era uma questão privada entre nós.

Mas a rainha ficou ofendida pelo nome. Quão pobres essas pessoas são, os presidentes, os primeiros-ministros... muito pobres! Entretanto eles são

poderosos. Eles são idiotas ao máximo, entretanto, poderosos ao máximo também. É um mundo estranho.

Eu disse para a minha avó, “Até onde entendo, ela não ficou apenas ofendida com o meu nome, ela tem ciúmes de você.” Eu podia vê-lo tão claramente que não havia nenhuma dúvida. “E”, disse-lhe, “Não estou lhe perguntando se estou certo ou errado.” De fato, isso determinou o meu jeito por toda a minha vida.

Nunca perguntei para ninguém se estou certo ou errado. Errado ou certo, se quero fazê-lo, quero fazê-lo e o farei certo. Se é errado então o farei certo, mas nunca permiti que ninguém interferisse. Isso me deu o que tenho – nada desse mundo, nenhuma conta bancária, mas o que realmente importa: o sabor da beleza, do amor, da verdade, da eternidade... em resumo, de si próprio.

Que horas são, Devageet?

“Três minutos para as oito, Osho.”

Ótimo. Também fui duro contigo na manhã de hoje. Não direi nada em relação àquilo, apenas isso: com qualquer pessoa que amo esqueço-me que tenho que comportar-me. Então farei ou direi coisas que são normais quando estou sozinho, isso é amor – estar com alguém como se estivéssemos sozinhos. Mas às vezes pode ser duro para a outra pessoa.

Sempre posso dizer “desculpe-me,” mas é muito formal. E quando bato, e bato com frequência, é tão amoroso que um “desculpe-me” formal não funcionaria. Mas vocês podem ver as minhas lágrimas, elas dizem mais do que posso... muitas vezes mais. Relembro-os, no futuro também serei duro, talvez mais duro com vocês. Essa é a minha forma de ser amoroso. Espero que vocês entendam – se não hoje então amanhã, ou talvez no dia depois de amanhã. Mais que isso não posso dizer, porque pelo menos por esses dois dias estou confirmado. Estarei aqui. Permanece em aberto, mas pelos próximos dois dias certamente estarei aqui.

Eu estava falando que depois de um ano nós tivemos que deixar aquele estado e aquela vila. Disse anteriormente que no caminho o meu avô morreu. Aquele foi o meu primeiro encontro com a morte, e foi um belo encontro. Não foi feio de maneira alguma, como acontece mais ou menos com quase todas as crianças do mundo. Felizmente fiquei ao lado do meu avô moribundo por horas, e ele morreu vagarosamente. Aos poucos eu podia sentir a morte acontecendo nele, e eu podia ver o seu grande silêncio.

Também tive sorte que a minha Nani estava presente. Talvez sem ela eu teria perdido a beleza da morte, porque o amor e a morte são tão similares, talvez a mesma coisa. Ela me amava. Ela derramou o seu amor em mim, e a morte estava lá, acontecendo vagarosamente. Um carro de boi... ainda posso ouvir o seu som... o ruído das suas rodas nas pedras... Bhoora continuamente gritando com os bois... o som do seu chicote estalando... Ainda posso ouvir tudo. Está tão profundamente enraizado na minha experiência que acho que nem mesmo a minha morte o

apagará. Talvez até mesmo morrendo eu poderei ouvir o som daquele carro de boi.

A minha Nani segurava a minha mão, e eu estava completamente atordoado, não sabendo o que estava ocorrendo, totalmente no momento. A cabeça do meu avô estava no meu colo. Segurei as minhas mãos no seu peito, e, vagorosamente, a respiração desapareceu. Quando senti aquilo disse para a minha avó, “Sinto muito, Nani, mas parece que ele não está mais respirando.”

Ela disse, “Está perfeitamente bem. Você não precisa se preocupar. Ele viveu o bastante, não há porque pedir por mais.” Ela também me disse, “Lembre-se, porque esses são os momentos que não devem ser esquecidos: nunca peça por mais. O que é, é suficiente.”

É suficiente? Apenas dez minutos para mim; falarei para vocês quando parar. Tenho mais pressa que vocês. Por fim os seduzi.

Agora posso dizer, com grande alegria, pare.

Sessão 13

Ok, remova a toalha. Ashu, perdoe-me, porque agora tenho que começar o meu negócio, e você pode entender que duas camisas juntas em um único tórax é muito difícil para o pobre tórax, particularmente para o pobre coração escondido por detrás do tórax. O coração não pode comportar-se de uma forma política ou diplomática. Ele não é um diplomata; ele é simples e infantil.

Não consigo esquecer Jesus. Relembro-o mais do que qualquer cristão do mundo. Jesus diz, “Abençoados são aqueles que se parecem com as crianças pequenas, pois deles é o reino de Deus.” A coisa mais importante para lembrar-se aqui é a palavra ‘pois’. Em todas as falas de Jesus que começam com “Abençoados são aqueles...” e terminam com “...o reino de Deus” essa passagem é única porque todas as outras declaram, “Abençoados são os humildes *porque* eles herdarão o reino de Deus.” Elas são lógicas e promessas para o futuro – o futuro que não existe. Essa é a única que diz, “...*pois* deles é o reino de Deus.” Nenhum futuro, nenhuma racionalidade, nenhuma razão, nenhuma promessa de lucro; apenas uma pura declaração de fato, ou antes, uma simples declaração de fato.

Sempre fiquei impressionado com essa declaração, sempre maravilhado. Não acredito que alguém pode ficar impressionado pela mesma declaração repetidas vezes por trinta anos... Sim, por trinta anos essa declaração esteve comigo, e ela sempre trouxe um tiritar da alegria em meu coração: “Pois deles é o reino de Deus”...tão ilógico embora tão verdadeiro.

Ashu, tenho que dizer para você remover a toalha porque dois negócios não podem acontecer juntos, particularmente no coração de alguém. E você tem sido tão boa comigo todos os dias desde que a conheci, e quando tento lembrar quando começou parece que a conheço desde sempre. Não estou brincando. Realmente quando penso em Ashu não posso me lembrar quando ela entrou no meu mundo de pessoas íntimas. Parece que ela sempre esteve ali, sentada do meu lado, como uma enfermeira dentista ou não. Agora ela tornou-se uma editora associada com Devaraj – esta é uma grande promoção. Agora você pode ter dois médicos abaixo de você. Isso não é ótimo? – você pode fazê-los brigar um contra o outro, e curtir!

Agora cheguei à minha história... Antes da história é sempre bom ter uma pequena nota introdutória, a mais irracional possível, porque essa é exatamente a introdução certa para um homem como eu. Às vezes rio de mim mesmo, sem razão alguma... porque quando há razão, o riso para.

Só é possível rir sem razão. O riso não tem relacionamento com a racionalidade, então, de vez em quando, coloco a minha racionalidade de lado, e a irracionalidade também – lembre-se que elas são os dois lados da mesma coisa – e então dou uma risada verdadeiramente do coração.

É claro que ninguém pode ouvi-la. Não é física, senão Devaraj ou Devageet a teriam detectado com os seus instrumentos. Eles não a podem detectar. É transcendental à toda instrumentalidade. Vejam que palavra bela eu criei: instrumentalidade. Escreva-a exatamente dessa forma, instru-mental-idade. Então vocês entenderão o que estou dizendo – pelos menos as palavras, e talvez, um dia, o sem palavras também. Essa é a minha esperança, o meu sonho para todos vocês.

Vocês ficarão preocupados, porque hoje estou demorando muito para começar. Vocês me conhecem, eu conheço vocês. Seguirei o mais vagorosamente possível. Isso ajudará a esvaziá-los. Esse é todo o meu negócio, esvaziar: vocês podem chamá-lo “Esvaziar Ilimitado.”

No outro dia eu estava contando para vocês que a morte do meu avô foi o meu primeiro encontro com a morte. Sim, um encontro e algo a mais; não apenas um encontro, caso contrário eu perderia o seu significado real. Eu vi a morte e algo a mais que não estava morrendo, que estava flutuando acima dela, escapando do corpo... os elementos. Aquele encontro determinou todo o curso da minha vida. Ele me deu uma direção, ou melhor, uma dimensão, que eu não conhecia antes.

Eu tinha ouvido falar da morte das outras pessoas, mas apenas ouvido. Eu não tinha visto, e mesmo se tivesse, não tinha significado nada para mim.

A menos que alguém que você ama morra, você não pode realmente encontrar a morte. Que isso seja enfatizado:

A morte só pode ser encontrada na morte de um amado.

Quando o amor mais a morte estão ao seu redor, existe uma transformação, uma imensa mutação, como se um novo ser nascesse. Você nunca mais é o mesmo. Mas as pessoas não amam, e porque não amam não podem experimentar a morte da forma que a experienciei. Sem amor, a morte não lhe dá as chaves da existência. Com amor, a morte lhe entrega as chaves para tudo o que existe.

A minha primeira experiência de morte não foi um simples encontro. Ela foi complexa de muitas formas. O homem que eu amava estava morrendo. Eu o conhecia como meu pai. Ele me criou com absoluta liberdade, nenhuma inibição, nenhuma supressão e nenhum mandamento. Ele nunca me disse, “Não faça isso,” ou “Faça aquilo.” Somente agora posso compreender a beleza do homem. É muito difícil para um homem velho não dizer para uma criança, “Não faça isso, ou aquilo,” ou “Apenas sente-se aqui, não faça nada,” Mas ele nunca o fez. Não me lembro de uma única vez que ele tentou interferir no meu ser. Ele simplesmente retirava-se. Se ele achava que o que eu estava fazendo era errado, ele retirava-se e fechava os seus olhos.

Uma vez lhe perguntei, “Nana, por que você fecha os olhos às vezes quando estou somente sentado do seu lado?”

Ele disse, “Você não entende hoje, mas talvez algum dia. Fecho os meus olhos para não impedi-lo de fazer qualquer coisa que estiver fazendo, seja certa

ou errada. Não tenho que impedi-lo. Tirei-o da sua mãe e do seu pai. Se eu não puder te dar liberdade, então por que eu lhe tiraria dos seus pais? Tirei-o para que eles não interferissem em você. Como posso interferir?

“Mas saiba,” ele continuou, “é uma grande tentação às vezes. Você é uma tentação. Eu não sabia, caso contrário eu não teria me arriscado. De alguma forma você é genial ao encontrar as coisas erradas para fazer. “Pergunto-me,” ele disse, “como você continua encontrando tantas coisas erradas para fazer. Ou eu estou completamente insano, ou você.”

Eu disse, “Nana, não se preocupe. Se alguém está insano, então sou eu.” E a partir daquele dia tenho falado para as pessoas, “Não se preocupe comigo, sou um louco.”

Eu disse isso para consolá-lo, e ainda falo para consolar as pessoas que são realmente loucas. Mas quando você está em um hospício e você é o único que não é louco, o que você pode fazer a não ser falar para todos, “Relaxem, sou um louco, não me levem a sério.” Foi isso o que fiz a minha vida inteira.

Ele costumava fechar os seus olhos, mas, às vezes, era uma tentação muito grande... Por exemplo, um dia eu estava montado em Bhoora, nosso servo. Ordenei que ele se comportasse como um cavalo. Primeiro ele ficou desorientado, mas a minha avó disse, “O que tem de errado nisso? Você não pode atuar um pouco? Bhoora, comporte-se como um cavalo.” Então ele começou a fazer tudo o que um cavalo faria, e eu estava montado nele.

Isso foi demais para o meu avô. Ele fechou os seus olhos e começou a cantar o seu mantra: “*Namo arihantanam namo... namo siddhanam namo.*”

É claro que parei, porque quando ele começava a cantar o seu mantra isso significava que aquilo tinha sido demais para ele. Era hora de parar. Balancei-o e disse, “Nana, volte, não é necessário cantar o seu mantra. Parei com o jogo. Você não viu que era apenas um jogo?”

Ele olhou em meus olhos. Olhei nos seus olhos. Por um momento houve apenas o silêncio. Ele esperou eu falar. Ele teve que ceder; ele disse, “Certo, falarei primeiro.”

Eu disse, “Está certo, porque se você permanecesse em silêncio, eu permaneceria em silêncio por toda a minha vida. É bom que você tenha falado, porque agora posso respondê-lo. O que você quer perguntar?”

Ele disse, “Sempre quis perguntá-lo, por que você é tão travesso?”

Eu disse, “Esta é uma questão que você deve reservar para Deus. Quando você encontrá-lo, pergunte, ‘Por que você criou esta criança tão travessa?’ Você não pode me perguntar isso. É quase como perguntar ‘Por que você é você?’ Ora, como responder a isso? No que me diz respeito, não estou nem um pouco preocupado. Estou apenas sendo eu mesmo. Isso é permitido ou não, nessa casa?” Nós estávamos sentados do lado de fora, no jardim.

Ele olhou para mim novamente e perguntou, “O que você quer dizer?”

Eu disse, “Você entendeu perfeitamente bem o que quero dizer. Se não me permitirem ser eu mesmo então não entrarei novamente nessa casa. Então, por favor, seja claro comigo: ou entro nessa casa com a licença para ser eu mesmo, ou esqueço-me dessa casa e serei apenas um andarilho, um vagabundo. Diga-me claramente e não hesite, vamos lá!”

Ele riu e disse, “Você pode entrar na casa. É a sua casa. Se não posso resistir em interferir em você então eu deixarei a casa. Você não precisa.”

Foi exatamente isso o que ele fez. Apenas dois meses depois desse diálogo ele não estava mais nesse mundo. Ele não deixou apenas a casa, ele deixou todas as casas, até o corpo, que era a sua casa real.

Eu amava o homem porque ele amava a minha liberdade. Posso amar apenas se a minha liberdade é respeitada. Se eu tiver que barganhar por amor, pagando com a minha liberdade, então esse amor não é para mim. Então é para os meros mortais, não para aqueles que conheceram.

Nesse mundo quase todos pensam que amam, mas se você olhar em volta para os amantes, eles são prisioneiros uns dos outros. Que tipo estranho de amor é o amor que cria escravidão! O amor pode alguma vez tornar-se escravidão? Mas em noventa e nove vírgula nove por cento dos casos isso acontece, porque desde o começo não existia amor.

É fato que as pessoas ordinárias somente pensam que amam. Elas não amam – porque quando o amor chega, onde está o ‘eu’ e o ‘tu’? Quando o amor chega ele traz imediatamente um tremendo sentido de liberdade, não-possessividade. Mas esse amor acontece, infelizmente, muito raramente.

Amor com liberdade – se vocês os têm, vocês são reis ou rainhas. Este é o reino real de Deus – amor com liberdade. O amor dá raízes com a terra e a liberdade dá asas.

O meu avô deu-me ambos. Ele me deu o seu amor, mais do que deu para minha mãe e até mesmo minha avó; e ele me deu liberdade, que é o maior presente. Quando estava morrendo ele me deu o seu anel, e com uma lágrima em seu olho me disse, “Não tenho mais nada para te dar.”

Eu disse, “Nana, você já me deu o presente mais precioso.”

Ele abriu os seus olhos e disse, “O quê?”

Eu ri e disse, “Você esqueceu? Você me deu o seu amor e você me deu liberdade. Acho que nenhuma criança teve tanta liberdade como a que você me deu. O que mais preciso? O que mais você pode me dar? Sou grato. Você pode morrer em paz.” Desde então vi muitas pessoas morrerem, mas morrer em paz é realmente difícil. Eu só vi cinco pessoas morrerem em paz: a primeira foi meu avô; a segunda foi o meu servo Bhoora; a terceira foi minha Nani; a quarta, meu pai, e a quinta foi Vimalkirti.

Bhoora morreu porque não podia conceber viver em um mundo sem o seu mestre. Ele simplesmente morreu. Ele relaxou na morte. Ele veio conosco para a

vila do meu pai porque ele dirigia o carro de boi. Quando não ouviu nada, nenhuma palavra de dentro do carro coberto, ele perguntou-me, “Beta” – que significa filho – “está tudo bem?”

Repetidas vezes Bhoora perguntava, “Por que esse silêncio? Por que ninguém está falando?” Mas ele era o tipo de homem que não olharia dentro da cortina que separava-o de nós. Como ele poderia olhar para dentro quando a minha avó estava ali? Este era o problema, ele não podia olhar. Mas repetidas vezes ele perguntava, “O que está acontecendo – por que todos estão em silêncio?”

Eu disse, “Não há nada errado. Estamos aproveitando o silêncio. Nana quer que fiquemos em silêncio.” Isso era mentira, porque Nana estava morto – mas, de uma maneira era verdade. Ele estava em silêncio; aquela era uma mensagem para nós ficarmos em silêncio.

Eu finalmente disse, “Bhoora, tudo está bem; Nana se foi.”

Ele não podia acreditar. Ele disse, “Então como tudo pode estar bem? Sem ele não posso viver.” E dentro de vinte e quatro horas ele morreu. Assim como uma flor que se fecha... recusando-se a permanecer aberta no sol e na lua, por sua própria vontade. Nós tentamos de tudo para salvá-lo, porque agora nós estávamos em uma cidade maior, a cidade do meu pai.

A cidade do meu pai era, para a Índia é claro, apenas uma cidade pequena. A população era de apenas vinte mil. Ela tinha um hospital e uma escola. Nós tentamos tudo o que foi possível para salvar Bhoora. O doutor no hospital ficou admirado porque não podia acreditar que esse homem era Indiano; ele parecia tão Europeu. Ele deve ter sido uma aberração da biologia, quem sabe. Algo deve ter dado certo. Assim como eles dizem, “Algo deve ter dado errado,” cunhei a frase, “Algo deve ter dado certo” – por que sempre errado?

Bhoora estava em choque por causa da morte do seu mestre. Tivemos que mentir para ele até chegarmos na cidade. Apenas quando chegamos na cidade e o corpo foi retirado do carro de boi que Bhoora viu o que tinha ocorrido. Ele então fechou os seus olhos e nunca os abriu novamente. Ele disse, “Não posso ver meu mestre morto.” E aquela era apenas uma relação mestre-servo. Mas havia entre eles uma certa intimidade, uma certa proximidade que é indefinível. Ele nunca abriu os seus olhos novamente, isso posso garantir. Ele viveu apenas mais algumas horas, e ele entrou em coma antes de morrer.

Antes de meu avô morrer ele falou para minha avó, “Cuide de Bhoora. Sei que você vai cuidar do Raja – não tenho que falar isso – mas cuide de Bhoora. Ele serviu a mim como ninguém.”

Eu disse ao doutor, “Você pode entender o tipo de devoção que existia entre esses dois homens?”

O doutor perguntou-me, “Ele é europeu?”

Eu disse, “Ele parece com um.”

O doutor disse, “Não seja traiçoeiro. Você é uma criança, apenas sete ou oito anos de idade, mas muito traiçoeira. Quando te perguntei se o seu avô estava morto você disse não, e isso não era verdade.”

Eu disse, “Não, era verdade: ele não está morto. Um homem com um amor tão grande não pode estar morto. Se o amor puder morrer então não há esperança para o mundo. Não acredito que um homem que respeitava tanto a minha liberdade, a liberdade de uma criança pequena, está morto apenas porque não pode respirar. Não posso equacionar os dois, não respirar e morte.”

O doutor europeu olhou para mim com suspeitas e disse a meu tio, “Este garoto ou será um filósofo ou ficará louco.” Ele estava errado: sou ambos juntos. Não há questão de ou/ou. Não sou Soren Kierkegaard; não há questão de ou/ou. Mas pergunto-me porque ele não acreditou em mim... uma questão tão simples.

Mas as coisas simples são as mais difíceis de acreditar; as coisas difíceis são as mais fáceis de acreditar. Por que você acreditaria? A sua mente diz, “É tão simples, não há nenhuma complexidade. Não há razão para acreditar.” A menos que você seja um Tertuliano, cuja declaração é uma das que mais amo...

Se eu tivesse que escolher apenas uma declaração de toda a literatura em qualquer língua do mundo, sinto muito, mas eu não escolheria Jesus Cristo; eu não escolheria Gautama o Buda também; eu não escolheria nem Moisés ou Maomé, ou mesmo Lao Tsé ou Chuang Tzu.

Eu escolheria esse sujeito estranho que não é muito conhecido – Tertuliano. Não sei exatamente como o seu nome é pronunciado, então é melhor soletrá-lo: T-e-r-t-u-l-i-a-n-o. A citação que eu escolheria entre todas é, “*Credo quia absurdum*” – apenas três palavras – “Acredito porque é absurdo.”

Parece que alguém o perguntou em que ele acreditava e por que, e Tertuliano respondeu, “*Credo quia absurdum* – é absurdo, por isso acredito.” A razão para acreditar dada por Tertuliano é *absurdum* – “porque é absurdo.”

Esqueçam por um momento Tertuliano. Desçam a cortina sobre ele. Olhe para as rosas. Por que vocês as amam? Não é absurdo? Não há razão para amá-las. Se alguém persistir perguntando por que vocês amam rosas, vocês finalmente darão de ombros. Isso é “*Credo quia absurdum*,” este dar de ombros. Este é todo o significado da filosofia de Tertuliano.

Não posso entender porque o doutor não pôde acreditar que meu avô não estava morto. Eu sabia e ele sabia que, no que diz respeito ao corpo, ele estava morto; não havia disputa sobre isso. Mas há algo mais do que o corpo – no corpo e, entretanto, sem fazer parte do corpo. Permitam-me repeti-lo para enfatizá-lo: no corpo e, entretanto, sem ser do corpo. O amor o revela; a liberdade lhe dá asas para elevar-se ao céu.

Há mais tempo?

“Sim, Osho.”

Quanto? Estamos indo muito devagar, assim como a celebração de um homem pobre. Vá ao extremo. Não dessa forma, não devagar – este não é o meu jeito. Queime ou não queime de maneira alguma. Ou queime as duas pontas juntas ou deixe a escuridão ter a sua própria beleza.

Sessão 14

Vejam que cavalheiro inglês eu sou! Embora quisesse interferir, não o fiz. Eu já tinha aberto a minha boca para falar mas parei. Isso chama-se autocontrole. Até eu posso rir. Quando vocês sussurram é algo tão bom. Embora eu saiba que vocês não sussurram bobagens, ainda assim soa bem – embora seja técnico e o que vocês estão falando seja perfeitamente científico. Mas entre vocês dois, vocês sabem, o velhaco está sentado na cadeira.

Eu ainda não falei ok. Primeiro vá ao ponto que posso dizer ok. Quando o “ok” está longe de mim ele significa algo. Um ok de mim vem de muito longe... sou um lunático! Não conheço ninguém tão passado. Agora, à obra...

Tvadiyam vastu Govinda, tubhyam eva samarpayet: “Meu Deus, esta vida que você me deu, submeto-a novamente para você com o meu obrigado.” Essas foram as últimas palavras do meu avô, apesar dele não ser hindu e nunca ter acreditado em Deus. Esta sentença, este sutra, é um sutra hindu – mas na Índia as coisas são misturadas, particularmente as coisas boas. Antes de morrer, entre outras coisas, ele disse uma coisa repetidas vezes: “Pare a roda.”

Naquele momento eu não podia entender. Se parássemos as rodas do carro, e aquelas eram as únicas rodas, então, como poderíamos chegar até o hospital? Quando ele repetia, “Pare a roda, o *chakra*,” eu perguntei para a minha avó, “Ele ficou louco?”

Ela riu.

Aquilo era o que eu gostava naquela mulher. Mesmo ela sabendo, como eu sabia, que a morte estava muito próxima... se até mesmo eu sabia, como seria possível que ela não soubesse? Era tão aparente que a qualquer momento ele pararia de respirar, entretanto ele insistia em parar a roda. Ainda assim ela riu. Posso vê-la rindo agora.

Ela não tinha nem cinquenta anos. Mas sempre observei uma coisa estranha sobre as mulheres: as afetadas, que fingem ser belas, na idade de quarenta e cinco anos é o momento em que estão mais feias. Você pode cruzar o mundo e ver o que eu estou falando. Com todos os seus batons e maquiagem, sobrancelhas falsas e não sei o que mais... meu Deus!

Até mesmo Deus não pensou nessas coisas quando criou o mundo. Pelo menos não é mencionado na Bíblia que no quinto dia ele criou o batom, e no sexto dia ele criou sobrancelhas postiças etc. Na idade de quarenta e cinco anos, se uma mulher é realmente bela ela chega ao ápice. A minha observação é: o homem chega ao seu ápice na idade de trinta e cinco, e a mulher na idade de quarenta e cinco. A mulher é capaz de viver dez anos a mais do que o homem – e isso não é injusto. Ela sofre tanto dando à luz às crianças que um pouco de vida extra, apenas para compensar, está perfeitamente certo.

A minha avó tinha cinquenta anos, ainda no pico da sua beleza e juventude. Nunca esqueci aquele momento – foi um tremendo momento! O meu avô estava morrendo e pedindo para que nós parássemos as rodas. Que disparate! Como eu poderia parar as rodas? Nós tínhamos que chegar até o hospital, e sem as rodas nós nos perderíamos na floresta. E a minha avó estava rindo tão alto que até mesmo Bhoora, o servo, nosso motorista, perguntou, é claro que do lado de fora, “O que está acontecendo? Por que você ri?” Porque eu costumava chamá-la de Nani, Bhoora também costumava chamá-la de Nani, apenas por respeito a mim. Ele então falou, “Nani, meu mestre está doente e você está rindo tão alto; o que está acontecendo? E por que Raja está tão silencioso?”

A morte e a minha avó rindo, ambas tornaram-me totalmente silencioso, porque eu queria entender o que estava ocorrendo. Algo estava ocorrendo que eu nunca tinha visto antes e eu não perderia um único momento com qualquer distração.

O meu avô disse, “Pare a roda. Raja, você não pode me ouvir? Se posso ouvir a sua avó rindo você deve ser capaz de ouvir-me. Eu sei que ela é uma mulher estranha; nunca fui capaz de compreendê-la.”

Eu disse a ele, “Nana, pelo que sei ela é a mulher mais simples que já vi, embora eu não tenha visto muito ainda.”

Mas agora posso falar, não acho que exista nenhum homem na Terra, vivo ou morto, que viu tantas mulheres como eu. Mas apenas para consolar meu avô moribundo eu lhe disse, “Não se preocupe com seu riso. Eu a conheço. Ela não está rindo do que você está dizendo, é outra coisa entre nós, uma piada que contei a ela.”

Ele disse, “Tudo bem. Se é uma piada que você lhe contou então está perfeitamente certo ela rir. Mas e o chakra, a roda?”

Agora sei, mas naquele tempo eu desconhecia totalmente esta terminologia. A roda representa toda a obsessão indiana com a roda da vida e morte. Por milhares de anos, milhões de pessoas fizeram apenas uma coisa: tentaram parar a roda. Ele não estava falando das rodas do carro de boi – estas eram muito fáceis de parar; de fato era difícil mantê-las se movendo.

Não havia estrada – não somente naquele tempo, até mesmo agora! No ano passado um dos meus primos distantes visitou o ashram, e ele disse, “Quero trazer toda a minha vida aos seus pés, mas a dificuldade real é a estrada.”

Eu disse, “Ainda?”

Quase cinquenta anos se passaram, mas a Índia é um país tal que o tempo está paralisado. Quem sabe quando o relógio parou? Mas parou exatamente às doze horas, com ambas as mãos postas. Isso é belo: o relógio decidiu o tempo correto. Em qualquer momento que ocorreu – e deve ter ocorrido a milhares de anos atrás – o relógio, ou aleatoriamente, ou por alguma inteligência computadorizada, parou às doze horas, com ambas as mãos postas. Você não

pode vê-las como duas, você pode ver apenas uma. Talvez era doze horas de uma noite... porque o país é tão escuro, e a escuridão é tão densa.

“Meu Deus,” o homem disse para mim, “Não posso trazer a família inteira para vê-lo por causa da estrada.”

Talvez eles nunca me verão, apenas por causa da estrada. Naquela época não existia estrada, e ainda hoje nenhuma linha férrea passa por aquela vila. É uma vila realmente pobre, e quando eu era criança era ainda mais pobre.

Eu não podia entender naquele momento por que o meu Nana insistia tanto. Talvez o carro de boi – porque não havia estrada – estava fazendo muito barulho. Tudo estava rangendo, e ele estava agonizando, então naturalmente ele queria parar a roda. Mas a minha avó ria. Agora eu sei porque ela riu. Ele estava falando sobre a obsessão indiana com a vida e a morte, simbolicamente chamada de roda da vida e morte – e, concisamente, de roda – que continua a girar.

No mundo Ocidental apenas Friedrich Nietzsche teve a coragem e a loucura suficientes para propor a ideia do eterno retorno. Ele o emprestou da obsessão oriental. Ele ficou muito impressionado com dois livros. O primeiro foi o *Manu Smriti*. Chama-se *A Coleção dos Versos de Manu*; é a mais importante escritura hindu. Odeio-a! Vocês podem entender a sua importância. Não posso odiar nada ordinário. Ela é extraordinariamente feia. Manu é um dos homens que eu esqueceria tudo sobre não-violência se o visse; eu atiraria nele! Ele merece.

Manu Samhita, *Manu Smriti* – por que o chamo de livro mais feio do mundo? Porque ele divide homens e mulheres – e não apenas homens e mulheres, mas ele divide a humanidade em quatro classes, e ninguém pode cruzar de uma classe para a outra. Ele cria hierarquia.

Vocês ficarão surpresos em saber que Adolf Hitler sempre tinha uma cópia do *Manu Samhita* em sua mesa, do lado da sua cama. Ele respeitava mais este livro do que a Bíblia. Agora vocês podem entender porque o odeio. Não tenho uma cópia do *Manu Samhita* nem mesmo na minha biblioteca, embora eu tenha sido presenteado com no mínimo uma dúzia de cópias, mas sempre as queimei. Esta é a única maneira de comportar-se com esse livro. Respeitosamente, é claro, queimei-as.

Nietzsche amou dois livros e emprestou imensamente deles. O primeiro foi o *Manu Samhita* e o outro foi o *Mahabharata*. Este livro é, talvez, o maior no que diz respeito ao volume; é gigante! Não acho que a *Bíblia*, o *Alcorão*, o *Dhammapada*, o *Tao Te Ching* podem ser comparados com ele em relação ao volume. Vocês entender-me-ão apenas se o colocarem do lado da *Enciclopédia Britânica*. Comparado com o *Mahabharata* a *Enciclopédia Britânica* é somente um livro pequeno. É certamente uma grande obra, mas feia.

Os cientistas sabem perfeitamente bem que existiram vários animais muito grandes na Terra no passado – quase do tamanho de uma montanha, mas muito feios. O *Mahabharata* está entre esses animais. Não que vocês não possam

encontrar nada belo nele; ele é tão grande que se irem fundo vocês poderão certamente encontrar um rato aqui e ali na montanha.

Esses dois livros influenciaram Nietzsche imensamente. Talvez nada foi mais responsável pela obra de Nietzsche do que esses dois livros. Um é de Manu, e o *Mahabharata* foi escrito por Vyasa. Devo admitir que esses dois livros fizeram um tremendo trabalho, um trabalho sujo! Seria melhor que esses dois livros não tivessem sido escritos de maneira alguma.

Friedrich Nietzsche lembra-se desses dois livros com tanto respeito que vocês ficariam impressionados – impressionados porque esse era o homem que se autodenominava “anti-Cristo.” Mas não fiquem impressionados. Esses dois livros são anti-Cristo, de fato eles são contra qualquer coisa que é bela: anti-verdade, anti-amor. Não é coincidência que Nietzsche se apaixonou por eles. Embora ele nunca tenha gostado de Lao Tsé ou Buda, ele gostava de Manu e Krishna. Por quê?

A questão é muito significativa. Ele gostava de Manu porque amava a ideia de hierarquia. Ele era contra a democracia, liberdade, igualdade; em resumo, era contra todos os verdadeiros valores. Ele também amava o livro de Vyasa, o *Mahabharata*, porque este contém o conceito que apenas a guerra é bela. Uma vez ele escreveu em uma carta para sua irmã, “Nesse momento estou cercado de uma imensa beleza. Nunca vi tanta beleza.” Alguém pensaria que ele havia entrado no Jardim do Éden, mas não, ele estava assistindo a um desfile militar. O sol estava brilhando em suas espadas desembainhadas, e o som que ele chama de “o mais belo som que já ouvi” não era Beethoven ou Mozart, nem mesmo Wagner, mas o som das botas dos soldados alemães marchando.

Wagner era amigo de Nietzsche, e não apenas isso, mas algo a mais: Nietzsche apaixonou-se pela esposa do seu amigo. Pelo menos ele poderia ter pensado no pobre homem... mas não, ele pensou que nem Beethoven, nem Mozart, nem Wagner, ninguém podia comparar-se com a bela música das botas dos soldados alemães. Para ele as espadas ao sol e o som do exército desfilando eram o máximo da beleza.

Grande estética! E lembrem-se, não sou um homem que está contra Friedrich Nietzsche. Aprecio-o sempre que ele se aproxima da verdade, mas a verdade é meu valor e meu critério. “Espadas ao sol” e “o som das botas marchando” – quando ele se afasta da verdade, não importa quem seja, vou atingir a sua cabeça com uma espada desembainhada. E é tão belo: a espada desembainhada, e o som da cabeça de Friedrich Nietzsche sendo cortada, e o belo sangue por todo lado... Isso foi o que seu discípulo, Adolf Hitler, fez.

Hitler adotou as ideias de Manu a partir de Nietzsche. Hitler não era um homem que poderia ter encontrado Manu sozinho; ele era um pigmeu. Nietzsche certamente era um gênio, mas um gênio que se perdeu. Ele era um homem que poderia ter se tornado um buda, mas infelizmente morreu apenas como um louco.

Eu estava falando para vocês da obsessão indiana, e, naquela referência lembrei-me de Nietzsche. Ele foi o primeiro no Ocidente a reconhecer a ideia de

“eterno retorno.” Mas não foi honesto; ele não disse que a ideia foi emprestada. Ele fingiu ser original. É muito fácil fingir ser original, muito fácil; não precisa de muita inteligência. E, entretanto, ele era um homem de gênio. Ele nunca utilizou o seu gênio para descobrir algo; ele utilizou-o para emprestar das fontes que não eram ordinariamente conhecidas pelo mundo em geral. Quem conhece o *Samhita* de Manu? – e quem liga? Manu escreveu-o há cinco mil anos atrás. E quem se preocupa com o *Mahabharata*? É um livro tão grande que a menos que uma pessoa queira ficar louca ela não o lerá.

Mas há pessoas que leem até a *Enciclopédia Britânica*. Eu conheço um homem; era meu amigo pessoal. Este é o momento que eu deveria pelo menos lembrar-se do seu nome. Ele ainda pode estar vivo – este é o meu único medo – mas então também, não há razão para temer, simplesmente porque ele lê a *Enciclopédia Britânica*. Ele nunca vai ler o que estou falando – nunca, nunca; ele não tem tempo. Ele não apenas lê a *Enciclopédia Britânica*, ele a decora – e esta é a sua loucura. Caso contrário ele parece muito normal. Quando você menciona algo que é parte da enciclopédia ele imediatamente torna-se anormal, e começa a citar muitas páginas. Ele não liga se você quer ouvir ou não.

Apenas essas pessoas leem o *Mahabharata*. É a enciclopédia hindu; vamos chamá-la de “Enciclopédia Indiana.” Naturalmente ela deve ser maior que a *Enciclopédia Britânica*. A Inglaterra é apenas a Inglaterra – não é maior que um pequeno estado da Índia. A Índia tem pelo menos três dúzias de estados daquele tamanho – e isso não seria toda a Índia, porque metade da Índia é agora o Paquistão. Se vocês realmente quiserem uma imagem inteira da Índia, então vocês terão que fazer mais algumas adições.

Burma certa vez foi parte da Índia. Foi apenas no início desse século que Burma foi desconectada da Índia. O Afeganistão foi parte da Índia; é quase um continente. Então o *Mahabharata*, a “Enciclopédia Indiana,” necessariamente deve ser mil vezes maior do que a *Enciclopédia Britânica*, que contém apenas trinta e dois volumes. Isso não é nada. Se vocês coletarem tudo o que falei vai dar mais do que isso.

Alguém contou. Não sei com certeza porque nunca faço tais tolices, mas eles estimaram que escrevi trezentos e trinta e três livros até agora. Excelente! – não os livros, mas o homem que os contou. Ele deve esperar, porque muitos ainda estão em manuscrito e muitos outros ainda não foram traduzidos dos originais em hindi. Quando tudo aquilo for coletado será a verdadeira “Enciclopédia Rajneeshica.” Mas o *Mahabharata* é maior, e sempre permanecerá como o maior livro do mundo – quero dizer em volume, em peso.

Menciono-o porque eu estava falando da obsessão indiana. Todo o *Mahabharata* não é nada mais que a obsessão indiana escrita detalhadamente, volumosamente, dizendo que o ser humano nasce novamente, eternamente.

Era por isso que meu avô estava dizendo, “Pare a roda.” Se eu pudesse parar a roda eu a pararia, não apenas para ele mas para todas as outras pessoas do

mundo. Não apenas a pararia, eu a destruiria para sempre, para que ninguém pudesse retornar novamente. Mas não está em minhas mãos.

Mas por que essa obsessão?

Fiquei consciente de muitas coisas no momento da sua morte. Falarei sobre tudo o que fiquei consciente naquele momento, porque aquilo determinou toda a minha vida.

Sessão 15

Sempre amei a história contada por Henry Ford. Ele fez o seu carro mais belo e estava mostrando-o para um cliente muito próspero e promissor. Era o seu último modelo, e ele levou o cliente para dar uma volta. Depois de quarenta e cinco quilômetros o carro parou de repente.

O cliente disse, “O quê? Um carro novo e ele para depois de quarenta e cinco quilômetros?”

Ford disse, “Desculpe-me, senhor. Esqueci de colocar petróleo.”

Naqueles dias, até na América, o combustível era chamado petróleo, não gasolina.

O cliente ficou impressionado. Ele disse, “O que você quer dizer? Você está falando que esse carro estava andando sem petróleo por quarenta e cinco quilômetros?”

Ford disse, “Sim, senhor. Por trinta ou quarenta quilômetros apenas o meu nome é necessário: nenhum petróleo é necessário.”

Se estou na área sou suficiente – nada mais é necessário. Posso não dormir à noite toda. Não é problema para mim – de certa maneira era uma noite bela. A lua estava tão brilhante... talvez a beleza e o brilho da lua não me deixaram dormir. Mas não, essas não podem ser as causas. Acho que a causa é que fui um pouco duro com Devageet. Sim, posso ser muito duro. Não sou duro, mas posso ser muito duro, particularmente em certos momentos quando vejo uma possibilidade de alguma abertura em vocês. Então realmente bato! – não com um martelo pequeno, mas com uma marreta. Quando é preciso bater, por que escolher um martelo pequeno? Termine com um golpe único! Às vezes sou muito duro, é por isso que às vezes tenho que ser muito suave – apenas para compensar, para trazer equilíbrio.

Quando deixei a sala, embora você estivesse sorrindo, foi um pouco triste. Não pude esquecer-lo. É muito fácil para mim esquecer de algo; mas se fui duro, então não é fácil. Posso perdoar qualquer pessoa no mundo, exceto eu próprio. De qualquer forma o meu sono é apenas uma camada fina. Abaixo estou sempre acordado. A camada fina pode ser muito facilmente perturbada, mas apenas por mim, não por outrem.

No momento em que saí da sala e o vi um pouco triste... talvez por muitas razões, não apenas o meu golpe. Mas, quaisquer que sejam as razões da sua tristeza, de alguma forma aprofundei a escuridão em você. E estou aqui para iluminá-lo, não para o escurecer – se esta palavra for permitida. De fato devemos torná-la uma palavra, ‘endarken’, porque muitas pessoas seguem escurecendo umas às outras. É estranho que a palavra não exista embora a realidade exista. A iluminação raramente ocorre e, entretanto, temos uma palavra para ela. Ainda não temos uma palavra para aquilo que vai além da iluminação, mas talvez haja um

limite para tudo. Algo sempre estará além, muito longe, fora do escopo das palavras, transcendental.

Mas escurecer deve tornar-se uma palavra comumente utilizada. Todo mundo está escurecendo todo mundo. O marido está escurecendo a esposa; caso contrário, o que ele está fazendo no escuro? Apenas escurecendo a sua esposa. E o que a esposa está fazendo? O marido é um tolo se pensa que apenas ele escurece ela. No escuro ela está escurecendo ele mais do que ele poderia lidar. De qualquer maneira ele precisa de óculos – ela ainda não necessita. Ele é apenas um pobre supervisor, então é claro que precisa de óculos. O que ela é? Ela é uma mãe, uma esposa. Ela não precisa de óculos.

No escuro, tenha consciência da mulher que você ama – particularmente no escuro. Talvez seja por isso que o homem utiliza a luz. Os homens amam a luz quando fazem amor; eles mantêm os seus olhos abertos quando fazem amor. As mulheres mantêm os olhos fechados. Elas não podem olhar sem rir da feiura de tudo o que está acontecendo – o babuíno sentado sobre elas, e tudo aquilo... etc, etc, etc.

Fiquei com um pouco de dó. Digo um pouco porque para mim ficar apenas um pouco com dó é muito. Somente uma das minhas lágrimas é necessária. Não preciso chorar por horas, e arrancar o meu cabelo... que não existe mais. Ninguém nunca pensou em arrancar a própria barba. Não acho que em nenhuma língua, nem mesmo em hebraico, exista uma expressão: “arrancar a própria barba,” E vocês conhecem os hebreus e seus profetas bíblicos – todos eles tinham barba. É uma lei natural que se você tem barba você ficará calvo, porque a natureza sempre mantém o equilíbrio.

Agora lembro-me da minha avó novamente...

Embora eu fosse bem pequeno, ela costumava dizer-me, “Ouça, Raja, nunca deixe a barba.”

Eu diria, “Por que você menciona isso? Tenho apenas dez anos, a minha barba nem nasceu. Por que você menciona isso?”

Ela disse, “É preciso cavar um poço antes da casa incendiar-se.”

Meu Deus! Ela estava realmente cavando um poço antes da casa incendiar-se. Ela era uma mulher realmente bela. Nunca entendi a sua resposta e disse, “Tudo bem, continue, fale o que você tem para falar.”

Ela disse, “Nunca, nunca deixe a barba crescer... embora eu saiba que você a deixará.”

Eu disse, “Isso é estranho. Se você já sabe, então por que você está tentando impedir-me?”

Ela disse, “Estou tentando o meu melhor, mas sei que você vai deixar a barba crescer. As pessoas como você sempre deixam a barba crescer. Eu te conheço há onze anos; deve haver alguma razão para isso.” E ela começou a ponderar sobre mim.

Não há muito nisso; é que ninguém quer gastar seu tempo olhando para um espelho como um tolo, fazendo a barba. Pense em uma mulher com barba, olhando para um espelho – como ela pareceria? Um homem sem barba é exatamente igual a isso. É simples: salva tempo, e salva você de parecer um tolo, pelo menos em seu próprio espelho.

Mas uma coisa é certa: no momento em que você começa a deixar a barba crescer você começa a ficar calvo. A natureza sempre se lembra de manter o equilíbrio. Ela pode te dar muito cabelo. Se você começa a deixar a barba crescer, então, é claro, a verba tem que ser cortada de algum local. É simples economia, pergunte a qualquer contador.

Eu estava apenas um pouco preocupado com Devageet, sentindo como se tivesse lhe machucado. Talvez eu o tenha machucado... talvez era necessário. Então não se preocupe com meu sono. Se algo é necessário, estou sempre pronto para perder a minha vida a qualquer momento – não por nenhuma causa nacional, não por nenhum estado, não por nenhuma raça, mas pelo indivíduo, por qualquer um que o coração ainda bata, que ainda sinta e seja capaz de todas as coisas infantis. Lembrem-se, estou dizendo “coisas infantis.” Significa uma pessoa que ainda é uma criança. Estou pronto para dar a minha vida se ela puder crescer, maturar e tornar-se integral. Sempre que utilizo a palavra ‘integração’, sempre quero dizer inteligência mais amor; isso é igual a integração.

Ora, isso tem sido uma longa nota de rodapé. Se George Bernard Shaw pôde ser perdoado, e não apenas perdoado, mas laureado com um prêmio Nobel, então vocês podem perdoar-me também. E não clamo por um Prêmio Nobel. Mesmo se eles tivessem me dado um prêmio Nobel, eu o teria recusado. Não é para mim – está cheio de sangue.

O dinheiro dado com o Prêmio Nobel está ensopado de sangue, porque o homem, Nobel, era um fabricante de bombas. Ele ganhou seu imensurável dinheiro na Primeira Guerra Mundial vendendo armas para ambos os lados. Eu nunca gostaria de tocar em seu dinheiro. De fato, não toco em dinheiro há muitos anos, porque não tenho que. Alguém sempre cuida do dinheiro para mim – e o dinheiro é sempre sujo, não apenas o dinheiro do Prêmio Nobel.

O homem que fundou o Prêmio Nobel estava sentindo-se realmente culpado, e apenas para livrar-se da sua culpa ele fundou o Prêmio Nobel. Foi um belo gesto, mas similar a matar um homem e então falar para ele, “Desculpe, senhor, por favor me desculpe.” Eu não aceitaria aquele dinheiro de sangue.

George Bernard Shaw não era apenas respeitado, mas também foi laureado com um Prêmio Nobel, e seus pequenos livros tinham introduções tão longas que você se pergunta se o livro foi escrito pela introdução, ou a introdução para o livro. Até onde consigo ver o livro foi escrito para a introdução, e é isso o que aprecio.

Essa foi uma longa nota introdutória. Não se preocupe com o meu sono, mas lembre-se de não se perturbar se sou duro. Embora você saiba, e todos saibam, que nada pode me alterar, muitas coisas podem certamente alterar em

meu corpo e mesmo na minha mente. É claro que não sou nem meu corpo nem a minha mente, mas tenho que funcionar a partir do meu corpo e minha mente.

Agora posso ver que os meus lábios estão secos. Ora, isso pode ser feito por qualquer coisa do lado externo. Estou falando, mas os meus lábios secos estão criando problemas. Vou conseguir, mas eles são um obstáculo. Devageet, você pode ajudar – faça o seu truque. Isso será uma boa interrupção dessas notas introdutórias e então posso começar. Obrigado...

Agora à história.

A morte não é o fim, mas apenas a culminação da vida de alguém, um clímax. Não é que você acabou, mas você é transportado para outro corpo. É isso o que os Orientais chamam de “a roda.” Ela segue girando e girando. Sim, ela pode ser parada, mas o modo de pará-la não está no momento em que você está morrendo.

Esta é uma das lições, a maior lição que aprendi na morte do meu avô. Ele estava chorando, com lágrimas em seus olhos, e pediu para que parássemos a roda. Nós não sabíamos o que fazer: como parar a roda?

A sua roda era a sua roda; ela não era nem visível para nós. Era a sua própria consciência, e apenas ele poderia fazê-lo. Porque ele pedia para nós a pararmos, era óbvio que ele não a poderia parar ele próprio; daí as lágrimas e sua constante insistência, pedindo várias vezes para nós, como se fôssemos surdos. Nós dissemos a ele, “Nós o ouvimos, Nana, e entendemos. Por favor fique em silêncio.”

Naquele momento algo grande ocorreu. Nunca revelei para ninguém; talvez antes desse momento não era a hora certa. Eu estava dizendo para ele, “Por favor fique em silêncio” – o carro de boi estava rangendo na estrada feia, ríspida. Não era nem uma estrada, somente um rastro, e ele insistia, “Pare a roda, Raja, ouviu? Pare a roda.”

Muitas vezes eu lhe disse, “Sim, ouvi. Entendo o que você quer dizer. Você sabe que ninguém exceto você pode parar a roda, então, por favor, fique em silêncio. Tentarei lhe ajudar.”

A minha avó estava admirada. Ela me olhava com olhos grandes, maravilhados: o que eu estava falando? Como eu poderia ajudar?

Eu disse, “Sim. Não fique tão admirada. De repente lembrei-me de uma das minhas vidas passadas. Vendo a morte dele lembrei-me de uma dentre as minhas próprias mortes.” Essa vida e morte aconteceu no Tibete. Este é o único país que sabe, muito cientificamente, como parar a roda. Então comecei a cantar algo.

Nem a minha avó pôde entender, nem o meu moribundo avô, nem o meu servo Bhoora, que estava ouvindo atentamente do lado de fora. Ademais, nem eu podia entender uma única palavra do que estava cantando. Apenas depois de doze

ou treze anos entendi o que era. Demorou todo esse tempo para que eu descobrisse. Era o *Bardo Thodol*, um ritual Tibetano.

Quando um ser humano morre no Tibete, eles repetem um certo mantra. Este mantra é chamado *bardo*. O mantra diz, “Relaxe, fique em silêncio. Vá para o seu centro, esteja somente ali; não o deixe, não importa o que aconteça ao corpo. Seja apenas uma testemunha. Deixe acontecer, não interfira. Lembre-se, lembre-se, lembre-se que você é apenas uma testemunha; esta é a sua verdadeira natureza. Se você conseguir morrer lembrando-se, a roda para.”

Repeti o *Bardo Thodol* para meu avô moribundo sem nem saber o que estava fazendo. Foi estranho – não apenas o repeti, mas também ele ficou totalmente silencioso ouvindo-o. Talvez o tibetano seja uma coisa estranha de se ouvir. Ele pode nunca ter ouvido uma palavra de tibetano antes; ele pode nunca nem ter ouvido falar que havia um país chamado Tibete. Até mesmo em sua morte ele ficou totalmente atento e em silêncio. O *bardo* funcionou embora ele não pudesse entendê-lo. Às vezes as coisas que você não entende funcionam; elas funcionam somente porque você não as entende.

Nenhum grande cirurgião pode operar o seu próprio filho. Por quê? Nenhum grande cirurgião pode operar um ente querido. Não falo da sua esposa – qualquer um poderia operar a sua própria esposa – falo de um ente querido, que certamente não é a sua esposa e nunca poderia ser. Reduzir os seus entes queridos à sua esposa é um crime. É claramente impune pela lei, mas a própria natureza pune, então não é necessária nenhuma lei.

Nenhum amante pode ser reduzido a um marido. É tão feio ter um marido. A própria palavra é feia. Ela vem da mesma raiz de ‘husbandry’* [NdT. pecuária; agricultura]; o marido é aquele que usa a mulher como um campo, um sítio, para plantar a sua semente. A palavra ‘marido’ tem que ser totalmente apagada de todas as línguas do mundo. É inumana. Um amante é entendível, mas não um marido!

Eu estava repetindo o *bardo*, embora não entendesse o seu significado, nem sabia de onde ele estava vindo, porque não o tinha lido ainda. Mas quando o repeti, somente o choque daquelas palavras estranhas fez o meu avô ficar em silêncio. Ele morreu naquele silêncio.

Viver no silêncio é belo, mas morrer no silêncio é ainda mais belo, porque a morte é como um Everest, o maior pico dos Himalaias. Embora ninguém tivesse me ensinando, aprendi muito naquele momento de silêncio. Vi a mim mesmo repetindo algo absolutamente estranho. Aquilo chocou-me a um novo plano de ser e empurrou-me para uma nova dimensão. Comecei uma nova busca, uma peregrinação.

Nessa peregrinação encontrei mais homens notáveis do que Gurdjieff narra em seu livro *Encontro com Homens Notáveis*. Aos poucos falarei sobre eles, como e quando aconteceu. Hoje posso falar sobre um desses homens notáveis.

O seu nome real não é conhecido, nem a sua idade real, mas ele era chamado de “Magga Baba.” *Magga* simplesmente significa “grande caneca.” Ele sempre segurava a sua caneca. Ele a utilizava para tudo – para seu chá, seu leite, sua comida, para o dinheiro que as pessoas davam-no, ou para qualquer coisa que o momento demandava. Tudo o que ele possuía era a sua magga e é por isso que era conhecido como Magga Baba. *Baba* é uma palavra respeitosa. Ela simplesmente quer dizer avô, o pai de seu pai. Em hindi o pai da sua mãe é *nana*, o pai de seu pai é *baba*.

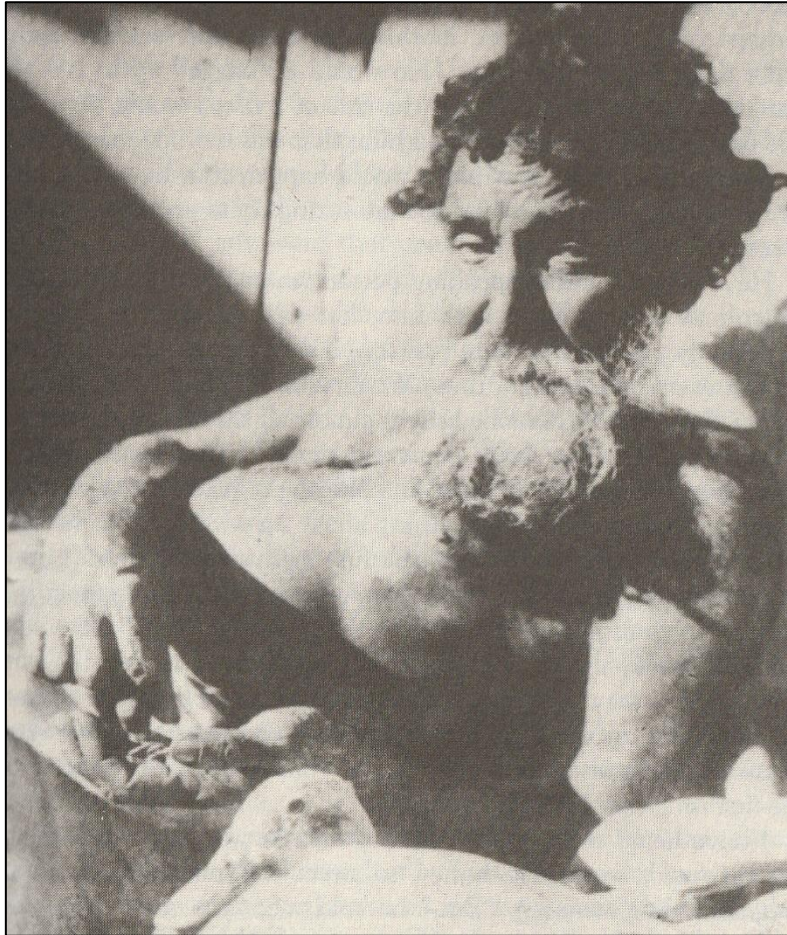
Magga Baba foi certamente um dos homens mais notáveis que já viveram nesse planeta. Ele foi realmente um dos escolhidos. Vocês podem contá-lo com Jesus, Buda, Lao Tsé. Não sei nada sobre sua infância ou seus pais. Ninguém sabe de onde ele veio – um dia, de repente, ele apareceu na vila.

Ele não falava. As pessoas persistiam em fazer questões de todos os tipos. Ele ou permanecia em silêncio, ou, se elas incomodassem muito, começava a gritar besteiras, absurdos, apenas sons sem sentidos. Aquelas pobres pessoas pensavam que ele estava falando em uma língua que talvez elas não entendiam. Ele não estava utilizando nenhuma língua. Ele estava apenas fazendo sons. Por exemplo, “Higgalal hoo hoo hoo guloo higgsa hee hee.” Então ele esperava e perguntava novamente, “Hee hee hee?” Parecia que ele perguntava, “Você entendeu?”

E as pobres pessoas diziam, “Sim, Baba, sim.”

Então ele mostrava a sua caneca e fazia um sinal. Este sinal na Índia significa dinheiro. Ele vem dos velhos dias em que existiam moedas reais de ouro e prata. As pessoas costumavam checar se era ouro real ou não ao jogar a moeda no chão e ouvir a seu som. O ouro real tem o seu próprio som, e ninguém pode forjá-lo. Então Magga Baba mostraria a sua *magga* com uma mão e com a outra faria o sinal do dinheiro, significando, “Se você entendeu então me dê algo.” E as pessoas davam.

Eu ria até as lágrimas porque ele não havia dito nada. Mas ele não era ávido por dinheiro. Ele tirava de uma pessoa e dava para outra. A sua *magga* estava sempre vazia. De vez em quando haveria algo nela. Ela era uma passagem: o dinheiro chegava e saía; o alimento chegava e saía; e a *magga* sempre estava vazia. Ele estava sempre limpando-a. Vi-o limpando-a de manhã, de noite e de tarde, sempre limpando-a.



MAGGA BABA

Quero confessar a vocês – ‘vocês’ quer dizer o mundo – que eu era a única pessoa que ele costumava falar, mas apenas em privado, quando ninguém mais estava presente. Eu ia até ele tarde da noite, talvez duas da manhã, porque aquela era a hora mais provável para encontrá-lo a sós. Ele estaria abraçado a seu velho cobertor, na noite de inverno, do lado de um fogo. Eu sentava-me do seu lado por um tempo. Eu nunca o perturbava; esta era a única razão por que ele me amava. De vez em quando acontecia de ele virar de lado, abrir seus olhos, me ver sentado ali e começar a falar por sua própria vontade.

Ele não falava hindi, então as pessoas achavam difícil se comunicar com ele, mas isso não era verdade. Ele certamente não era familiarizado com o hindi, mas sabia não apenas hindi mas muitas outras línguas também. É claro que ele conhecia mais a língua do silêncio; ele permaneceu em silêncio quase toda a sua vida. De dia ele não falava com ninguém, mas de noite ele falava comigo, apenas quando eu estava sozinho. Era uma bênção ouvir às suas poucas palavras.

Magga Baba nunca disse nada sobre sua própria vida, mas ele disse muitas coisas sobre a vida. Ele foi o primeiro homem a me dizer, “A vida é mais do que aparenta ser. Não julgue pelo que a vida aparenta, mas vá fundo nos vales onde as raízes da vida estão.” De repente ele falava, de repente ele ficava em silêncio. Esta era a sua maneira. Não havia forma de persuadi-lo a falar: ou ele falava ou

não. Ele não responderia a qualquer questão, e a conversa entre nós dois era um segredo absoluto. Ninguém sabia sobre isso. Essa é a primeira vez que conto.

Ouvi muitos grandes oradores, e ele era apenas um homem pobre, mas as suas palavras eram puro mel, tão doces e nutritivas, tão prenes de significado. “Mas,” ele me disse, “você não deve contar a ninguém que tem falado comigo até eu morrer, porque muitas pessoas pensam que sou surdo. É bom para mim que elas pensem assim. Muitos pensam que sou louco – isso é ainda melhor no que me diz respeito. Muitos intelectuais tentam compreender o que estou dizendo, e são apenas palavras sem sentido. Questiono-me quando ouço o significado que eles derivam delas. Digo para mim mesmo, ‘Meu Deus! Se essas pessoas são intelectuais, professoras, pânditas e eruditas, então o que dizer sobre a pobre multidão? Eu não disse nada, entretanto elas criaram tantas coisas a partir do nada, assim como bolhas de sabão.’”

Por alguma razão, ou talvez sem razão nenhuma, ele me amava.

Tive a sorte de ser amado por muitas pessoas estranhas, Magga Baba é o primeiro da minha lista.

Todo o dia ele ficava cercado de pessoas. Ele era realmente um homem livre, entretanto, não era livre para se mover porque as pessoas seguravam-no. Elas colocavam-no em um riquixá e levavam-no para onde quisessem. É claro que ele não dizia não, porque estava fingindo que era ou surdo, ou burro, ou louco. E ele nunca pronunciou uma palavra que podia ser encontrada em qualquer dicionário. Obviamente ele não poderia dizer sim ou não; ele simplesmente ia.

Uma ou duas vezes ele foi roubado. Ele desapareceu por meses porque as pessoas de outra cidade o roubaram. Quando a polícia o encontrou e perguntou se ele queria retornar, é claro que ele fez a sua coisa novamente. Ele disse algum disparate, “Yuddle fuddle shuddle...”

A polícia disse, “Este homem está louco. O que escreveremos em nossos relatórios: ‘Yuddle fuddle shuddle’? O que isso quer dizer? Alguém pode entender isso?” Então ele permaneceu ali até que foi roubado de volta pelas pessoas da cidade original. Esta era a minha cidade, onde eu estava vivendo logo após a morte do meu avô.

Eu o visitava quase todas as noites sem falta, debaixo da sua árvore *neem*, onde ele costumava dormir e viver. Mesmo quando eu estava doente e minha avó não me deixava sair, mesmo assim, durante a noite quando ela estava dormindo eu escapava. Mas eu tinha que ir; Magga Baba tinha que ser visitado pelo menos uma vez por dia. Ele era um tipo de alimento espiritual.

Ele me ajudou tremendamente embora nunca tenha dado qualquer direção exceto pelo seu próprio ser. Apenas pela sua presença ele acionava forças desconhecidas em mim, desconhecidas para mim. Sou muitíssimo grato a este homem, Magga Baba, e a maior bênção de todas foi que eu, uma criança pequena, era o único que ele costumava falar. Aqueles momentos de privacidade, sabendo

que ele não falava com mais ninguém em todo o mundo, foram tremendamente fortalecedores, vitalizantes.

Se, às vezes, eu fosse até ele e alguma outra pessoa estivesse presente, ele faria algo tão terrível que a outra pessoa escaparia. Por exemplo, ele jogaria coisas, ou pularia, ou dançaria como um louco, no meio da noite. Qualquer um ficaria com medo – afinal, todo mundo tem esposa, crianças e um emprego, e esse homem parece estar louco; ele poderia fazer qualquer coisa. Então, quando a pessoa ia embora, nós dois ríamos juntos.

Eu nunca ria daquela forma com mais ninguém, e não acho que acontecerá novamente nessa vida... e não tenho nenhuma outra vida. A roda parou. Sim, está rodando um pouco, mas é somente um *momentum* do passado; nenhuma energia nova está sendo introduzida nela.

Magga Baba era tão belo que não vi nenhum outro homem que pode ser colocado do seu lado. Ele era como uma escultura Romana, simplesmente perfeita – ainda mais perfeita do que qualquer escultura, porque ele estava vivo, tão cheio de vida eu quero dizer. Não sei se é possível encontrar um homem como Magga Baba novamente, e não quero, também, porque um Magga Baba é o suficiente, mais que suficiente. Ele foi tão satisfatório – e quem se preocupa com repetições? E, sei perfeitamente, não é possível ser mais alto do que aquilo.

Eu próprio cheguei ao ponto onde você não pode subir mais. Não importa quão alto você for, você ainda estará na mesma altura. Em outras palavras, chega um momento no crescimento espiritual que é intransponível. Este momento é chamado, paradoxalmente, de transcendental.

No dia em que ele partiu para os Himalaias pela primeira vez ele chamou-me. Durante a noite alguém foi até a minha casa e bateu na porta. O meu pai abriu e o homem disse que Magga Baba queria ver-me.

Meu pai disse, “Magga Baba? O que ele quer com meu filho? Ademais ele nunca fala, então como ele poderia chamá-lo?”

O homem disse, “Não sei de mais nada. Isso era tudo o que eu tinha para transmitir. Por favor, fale para a pessoa referida. Se esta pessoa é o seu filho, isso não é da minha conta.” E o homem desapareceu.

O meu pai me acordou no meio da noite e disse, “Ouça, isso é significativo: Magga Baba quer te ver. Em primeiro lugar ele não fala...”

Eu ri porque sabia que ele falava comigo, mas não falei para meu pai.

Ele prosseguiu, “Ele quer vê-lo agora, no meio da noite. O que você vai fazer? Você vai até esse louco?”

Eu disse, “Tenho que ir.”

Ele disse, “Às vezes acho que você é um pouco louco também. Tudo bem, vá, e feche a porta do lado de fora para não me perturbar novamente quando você chegar.”

Apressei-me, corri. Esta era a primeira vez que ele me chamava. Quando cheguei até ele eu disse, “O que está acontecendo?”

Ele disse, “Esta é a minha última noite aqui. Estou partindo, talvez para sempre. Você é a única pessoa que converso aqui. Perdoe-me, tive que falar com aquele homem que enviei até você, mas ele não sabe de nada. Ele não me conhece como um homem espiritual. Ele era um estranho e o subornei dando-lhe uma rúpia, e disse a ele para entregar a mensagem na sua casa.”

Naqueles dias, uma rúpia de ouro era muito. Há quarenta anos atrás na Índia uma rúpia de ouro era quase o suficiente para viver, em perfeito conforto, por um mês. Vocês sabem que a palavra inglesa ‘rupee’ vem da palavra hindi *rupaiya* que significa “o dourado”? De fato, a nota de papel não deveria chamar-se rúpia; não é dourada. Pelo menos os tolos poderiam tê-la pintado de dourado, mas não fizeram nem isso. Uma rúpia naqueles dias seria quase setecentas rúpias hoje. Muito mudou em apenas quarenta anos. As coisas tornaram-se setecentas vezes mais caras.

Ele disse, “Eu apenas lhe dei uma rúpia e lhe disse para entregar a mensagem. Ele ficou tão desnortado pela rúpia que nem olhou para mim. Ele era um estranho – nunca o vi antes.”

Eu disse, “Posso dizer o mesmo. Nunca vi aquele homem nessa cidade; talvez ele esteja de passagem. Mas você não precisa se preocupar com isso. Por que você me chamou?”

Magga Baba disse, “Estou partindo e não há ninguém que eu pudesse chamar para dizer adeus. Você era o único.” Ele me abraçou, beijou a minha testa, disse adeus e foi embora, exatamente dessa forma.

Magga Baba desapareceu muitas vezes em sua vida – as pessoas o levavam e o traziam novamente – então quando ele desapareceu pela última vez, as pessoas não ligaram tanto. Apenas depois de alguns meses as pessoas ficaram conscientes que ele tinha desaparecido, que ele não voltava por vários meses. Elas começaram a procurar nos locais que ele estava anteriormente, mas ninguém sabia sobre ele.

Naquela noite, antes de desaparecer ele me disse, “Talvez eu não seja capaz de o ver desabrochar em flor, mas as minhas bênçãos estarão com você. Talvez eu não consiga retornar. Estou indo para os Himalaias. Não diga nada a ninguém em relação ao meu paradeiro.” Ele estava tão feliz quando estava dizendo isso para mim, tão bem-aventurado por estar indo para os Himalaias. Os Himalaias sempre foram a casa de todos aqueles que buscaram e encontraram.

Eu não sabia para onde ele tinha ido porque os Himalaias é a maior extensão de montanhas do mundo, mas, certa vez, enquanto eu viajava nos Himalaias fui até um local que parecia ser o seu túmulo. Estranho dizer que ele estava do lado de Moisés e Jesus. Estas duas pessoas também estão enterradas no fundo dos Himalaias. Fui até lá para ver o túmulo de Jesus; foi apenas uma coincidência eu ter encontrado Moisés e Magga Baba também. Foi uma surpresa é claro.

Nunca imaginei que Magga Baba pudesse ter algo a ver com Moisés e Jesus, mas vendo o seu túmulo ali entendi imediatamente porque a sua face era tão bela; porque ele parecia mais com Moisés do que qualquer outro hindu. Talvez ele pertencesse à tribo perdida. Moisés perdeu uma tribo quando estava a caminho de Israel. Esta tribo estabeleceu-se na Caxemira, nos Himalaias. Digo com autoridade que esta tribo foi mais certa em encontrar Israel do que o próprio Moisés. O que Moisés encontrou em Israel era apenas um deserto, totalmente inútil. O que eles encontraram na Caxemira foi realmente o jardim de Deus.

Moisés foi até lá em busca da sua tribo perdida. Jesus também foi para lá depois da sua suposta crucificação. Estou chamando-a de suposta porque ela não ocorreu, ele permaneceu vivo. Depois de seis horas na cruz Jesus não estava morto. A forma que os judeus crucificavam as pessoas era um método tão cruel que levava quase trinta e seis horas para uma pessoa morrer.

Foi arranjado por um discípulo muito rico de Jesus que a crucificação deveria ocorrer em uma sexta-feira. Foi tudo combinado... porque no sábado os judeus não permitem que nenhum trabalho continue; é o dia sagrado deles. Jesus tinha que ser retirado da cruz e colocado em uma caverna temporariamente, até a próxima segunda-feira. Nesse ínterim ele foi roubado da caverna.

Esta é a história que os cristãos contam. O fato real é que na noite em que ele estava na caverna, depois de ser retirado da cruz, ele foi levado para fora de Israel. Ele estava vivo embora tivesse perdido muito sangue. Levou alguns dias para curá-lo, mas ele foi curado e viveu até a idade de cento e doze anos em uma pequena vila chamada Pahalgam nos Himalaias da Caxemira.

Ele escolheu o lugar, Pahalgam, porque ele encontrou o túmulo de Moisés ali. Moisés havia ido antes para procurar a sua tribo perdida. Ele a encontrou, mas descobriu também que Israel não era nada comparado com a Caxemira. Nenhum outro lugar pode ser comparado com a Caxemira. Ele viveu e morreu ali – refiro-me a Moisés. E quando Jesus foi até a Caxemira com Tomás, o seu amado discípulo, ele enviou Tomás para mostrar para a Índia o seu caminho. Ele próprio morou na Caxemira, perto do túmulo de Moisés, pelo resto de sua vida.

Magga Baba está enterrado na mesma pequena vila de Pahalgam. Quando estive em Pahalgam descobri um estranho relacionamento que parte de Moisés, passa por Jesus e Magga Baba e chega até mim.

Antes de Magga Baba deixar a minha vila ele me deu a sua cobertura dizendo, “Essa é a única coisa que possuo e você é a única pessoa que eu gostaria de dá-la.”

Eu disse, “Tudo bem, mas meu pai não me deixará entrar com essa cobertura em casa.”

Ele riu, eu ri... ambos desfrutamos. Ele sabia perfeitamente bem que o meu pai não permitiria uma cobertura tão suja como aquela em casa. Mas sinto muito e fico triste por não ter preservado aquela cobertura. Não era muito – um trapo sujo e velho – mas pertencia a um homem da categoria de Buda e Jesus. Eu não poderia

a levar para minha casa porque meu pai era vendedor de roupas e muito cuidadoso com as vestes. Eu sabia perfeitamente bem que ele não permitiria. Eu também não poderia a levar para a casa da minha avó. Ela não a permitiria porque era muito exigente em relação à limpeza.

Adquiri minha frescura em relação à limpeza dela. É sua culpa, não é da minha responsabilidade de maneira alguma. Não posso tolerar qualquer coisa usada ou suja – impossível. Eu costumava falar para ela, rindo é claro, “Você está me mimando.”

Mas é verdade. Ela sempre me mimou, mas sou grato a ela. Ela me mimou em favor da pureza, da limpeza e da beleza.

Para mim Magga Baba era importante, mas se tivesse que escolher entre minha Nani e ele eu ainda escolheria minha Nani. Embora ela não fosse iluminada naquele momento e Magga Baba sim, às vezes uma pessoa não-iluminada é tão bela que alguém a escolherá, mesmo se uma pessoa iluminada está disponível como uma alternativa.

É claro que se eu pudesse escolher ambos eu o faria. Ou, se eu tivesse que escolher duas entre milhões de pessoas, então eu os escolheria a ambos. Magga Baba do lado de fora... ele não poderia entrar na casa da minha avó; ele permaneceria do lado de fora debaixo da sua árvore *neem*. E é claro a minha Nani poderia sentar-se do lado de Magga Baba. “Aquele sujeito!” ela costumava chamá-lo. “Aquele sujeito! Esqueça-o e nunca chegue próximo dele. Até mesmo quando você somente passar por ele, sempre tome um banho.” Ela sempre temeu que ele tivesse piolhos, porque ninguém nunca o viu tomando um banho.

Talvez ela estivesse certa: ele nunca tomou um banho no intervalo que o conheci. Eles não podem existir juntos, isso também é verdade. A coexistência não seria possível nesse caso – mas sempre podemos tomar certas providências. Magga Baba poderia sempre ficar debaixo da árvore neem no jardim ao lado, e Nani poderia ser a rainha da casa. E eu sempre teria o amor de ambos, sem ter que escolher isso ou aquilo. Odeio “ou isso/ou aquilo.”

Que horas são?

“Dez e dezesseis, Osho.”

Cinco minutos para mim. Sejam gentis com um pobre homem, e depois de cinco minutos vocês podem parar.

Sessão 16

Existem seis grandes religiões no mundo. Elas podem ser divididas em duas categorias: a primeira consiste do judaísmo, cristianismo e islamismo. Elas creem em uma única vida. Você existe apenas entre o nascimento e a morte, não há nada além do nascimento e da morte – a vida é tudo. Embora elas acreditem em céu, inferno e Deus, estes são os ganhos de uma vida, uma única vida. A outra categoria consiste do hinduísmo, jainismo e budismo. Estas acreditam na teoria da reencarnação. Um ser nasce novamente, eternamente – a menos que esse ser se torne iluminado, então a roda para.

Era isso o que meu avô pedia enquanto estava morrendo, mas eu não tinha consciência de todo o seu significado... embora eu tenha repetido o *bardo* como uma máquina, sem nem entender o que estava dizendo ou fazendo. Agora posso entender a preocupação do pobre homem. Vocês podem chamá-la de “a preocupação última.” Se ela se torna uma doença, como ocorreu no Oriente, então é uma obsessão, então a condeno. Então é mais que uma doença; não é uma coisa a ser elogiada, mas realmente uma coisa a ser condenada.

A obsessão é uma forma psicológica de condenar algo; por isso utilizei a palavra. Em relação às massas do Oriente, a obsessão tem sido uma doença por milhares de anos. Ela impediu que elas ficassem ricas, prósperas e afluentes, porque toda a preocupação foi como parar a roda. Quem então vai lubrificá-la e girá-la suavemente?

É claro que preciso que os meus sannyasins mantenham as rodas dos Rolls girando. Um pequeno barulho e eles estão em apuros... mesmo um doce barulho. Por dois dias um dos Rolls Royces estava fazendo um pequeno barulho – acontece de vez em quando – muito doce, como um pequeno pássaro cantando nas árvores. Mas não deve ser assim; um Rolls não deve ser um pássaro. E de onde vinha o barulho? Da direção. Não posso o tolerar. Como vocês sabem, não sou um homem intolerante – mas um Rolls Royce novo começando a cantar, e ainda por cima na direção?

De fato, não sei nada sobre o que está debaixo do capô. Nunca olhei e nunca quis olhar. Isso não me interessa. Mas devo dizer que o barulho é doce, assim como o assobio de um pássaro pequenino. Mas ele deve parar. Um Rolls Royce não deveria assoviar, docemente ou não. E o que os rapazes estão fazendo? Toda a função deles – e sua meditação também – é apenas manter os Rolls Royces em perfeitas condições de trabalho. Até mesmo se os dois outros sujeitos, Rolls e Royce nascessem novamente eles teriam inveja porque estamos tentando melhorar o que eles fizeram. É claro que o Rolls é o melhor carro do mundo, mas é aperfeiçoável. Ele pode e deve ser melhorado... e não quero que as suas rodas parem.

Os indianos são obcecados. Tornou-se uma doença da alma parar a roda da vida e da morte. É claro que para eles a roda sempre os fez lembrar das rodas

do carro de boi. Se eles quiserem pará-las estou perfeitamente de acordo. Mas há rodas melhores; não é necessário pará-las todas. De fato, a própria ideia de não nascer novamente simplesmente mostra que você não viveu. Pode parecer contraditório para vocês, mas permitam-me dizê-lo: apenas aquele que viveu totalmente para a roda da vida e da morte. Embora aqueles que querem pará-la sejam aqueles que não viveram de maneira alguma. Eles morrerão pessimamente* [NdT. “They will die a dog’s death.”].

Não sou contra os cães – notem, por favor – estou apenas usando uma metáfora. E deve ser significativa, porque em hindi também existe a mesma metáfora. É a única metáfora similar em ambos hindi e inglês. De fato, não similar, mas a mesma: *kutte ki maut* – “a morte de um cão.” Exatamente a mesma. Deve haver algo nela. Para descobrir o que é devo lhes contar uma história.

Diz-se que quando Deus fez o mundo – lembre-se que é apenas uma história – quando Deus fez o mundo, homem e mulher, animais e árvores e tudo, ele deu para todos o mesmo limite de idade: vinte anos.

Pergunto-me, por que vinte anos? Talvez Deus também contava em seus dedos, e não apenas de suas mãos, mas de seus pés também: isso formaria vinte.

Fiz minha própria pesquisa. De vez em quando em sua banheira, enquanto limpa os dedos dos pés e das mãos, vocês devem tê-los contado. Talvez um dia ele contou os seus e uma ideia deve ter vindo: dar a todos vinte anos de vida. Ele parece ser um poeta. Ele também parece ser um comunista. Agora os americanos ficarão muito ofendidos. Deixe-os ficarem – não ligo. Se não liguei para ninguém mais no mundo, por que eu ligaria para os *yankees*? E nessa fase da minha vida quero permanecer tão chocante, ou ainda mais, do que eu era antes.

Sei com certeza que se Jesus tivesse permissão de ensinar um pouco mais, ele não teria sido tão chocante, ele teria se tornado mais razoável. Afinal, ele era um judeu. Ele teria entendido, e então ele não teria falado tanto disparate – “o reino de Deus” – e aqueles doze tolos que ele ou eles próprios pensavam ser apóstolos! Ele deve ter dado a eles alguma dica; caso contrário, sendo tão tolos, eles não poderiam pensar nisso eles próprios.

Jesus era tão chocante que mesmo o maior revolucionário daqueles dias, João Batista, que era também o mestre de Jesus e que foi aprisionado – na prisão, até mesmo da sua cela ele enviou uma mensagem para Jesus. Ele disse, “Ouvindo às suas declarações eu me pergunto, você realmente é o messias que temos esperado? – porque as suas declarações são tão chocantes.”

Ora, chamo isso de um certificado. João Batista foi um dos maiores revolucionários do mundo; Jesus foi apenas um dos seus discípulos. É um acidente da história que João Batista esteja esquecido e Jesus seja lembrado.

João Batista era puro fogo. A sua cabeça foi cortada. A rainha ordenou que sua cabeça fosse presenteada a ela em um prato; apenas então ela sentiria que o país permaneceria tranquilo. E isso foi feito. A cabeça de João Batista foi cortada, colocada em um belo prato de ouro e presenteada para a rainha. Esse homem,

João Batista, também ficou um pouco preocupado quando ouviu os comentários escandalosos de Jesus. E digo que de vez em quando eles têm que ser editados – sim, até eu digo isso – não porque sejam escandalosos, mas porque eles começam a soar como insensatos. Escandalosos tudo bem, mas insensatos? Não.

Pense somente em Jesus amaldiçoando a figueira porque ele e seus discípulos tinham fome e não havia frutos na árvore. Não era a estação. A culpa não era da árvore, entretanto ele ficou tão bravo que amaldiçoou a árvore, ela permaneceria feia para sempre.

Ora, isso é o que chamo de tolice. Não ligo se foi dito por Jesus ou por qualquer outro. Ser escandaloso é parte da religiosidade, mas a tolice não. Talvez se Jesus tivesse ensinado um pouco mais – ele tinha apenas trinta e três anos quando foi crucificado – penso, sendo realmente um judeu, ele ficaria pacífico na idade de setenta anos. Não haveria necessidade de o crucificar de maneira alguma. Os judeus estavam com pressa.

Acho que não era apenas os judeus que estavam com pressa – porque os judeus sabem mais – talvez a crucificação de Jesus veio dos romanos, que sempre foram infantis e estúpidos. Não conheço ninguém como um Jesus, ou um Buda, ou um Lao Tsé, que aconteceu à raça romana e à sua história.

Apenas um homem me ocorre; o imperador Aurélio. Ele escreveu o famoso livro *Meditações*. É claro que não é o que chamo de meditação, apenas meditações. A minha meditação é sempre no singular; não pode haver plural nela. As suas meditações são realmente contemplações; não pode haver singular nelas. Marco Aurélio é o único nome que posso lembrar em toda a história Romana que vale a pena mencionar – mas mesmo assim não muito. Qualquer pobre Basho pode derrotar Marco Aurélio. Qualquer Kabir pode golpear o imperador e levá-lo para além dos seus sentidos.

Não sei se isso é permitido em qualquer linguagem ou não, “levar alguém para além dos seus sentidos.” Trazer alguém para os seus sentidos é certamente permitido – mas esse não é o meu trabalho, qualquer um pode fazer isso. Até mesmo um bom golpe pode fazê-lo, uma pedra na estrada pode fazê-lo. Um buda não é necessário para isso; um buda é necessário para levá-lo além dos seus sentidos. Basho, Kabir, ou uma mulher como Lalla ou Rabiya poderiam realmente ter levado esse pobre imperador para esse além.

Mas isso é tudo o que chegou dos romanos – nada de mais – mas ainda assim é alguma coisa. Não se deve rejeitar alguém totalmente. Apenas por cortesia aceito Marco Aurélio, não como um homem iluminado, mas como um homem bom. Ele poderia ter sido iluminado se, por acaso, tivesse cruzado com um homem como Bodidarma. Apenas um olhar de Bodidarma nos olhos de Marco Aurélio seria o suficiente. Então ele teria conhecido, pela primeira vez, o que é a meditação.

Ele teria voltado para casa e queimado tudo o que havia escrito até o momento. Talvez, então, ele deixaria uma coleção de esboços – uma *Polygaloides paucifolia*, uma rosa murchando, ou apenas uma nuvem flutuando no céu – umas

poucas sentenças aqui e ali, sem dizer muito, mas o suficiente para provocar, o suficiente para desencadear um processo na pessoa que cruzar com eles. Isso seria um bloco de notas real sobre meditação, mas não sobre meditações... Não há plural possível.

O Oriente, particularmente a Índia, pode ser chamada pelos psicólogos não apenas de obsessiva em relação à morte, mas realmente possuída pela ideia de suicídio. De uma forma o psicólogo estaria errado. É preciso viver enquanto se está vivo; não há necessidade de pensar na morte. E quando a morte chega é necessário morrer, e morrer totalmente; então não há nenhuma necessidade de olhar para trás. E a todo momento ser total na vida, no amor, na morte – é assim que alguém conhece. Conhece o quê? Não há o quê. Uma pessoa simplesmente conhece – não o quê, mas isso: o conhecedor. “O quê” é o objeto, “isso” é a própria subjetividade.

No momento em que meu Nana morreu a minha avó ainda ria o último lampejo do seu riso. Então ela se controlou. Ela era certamente uma mulher que podia controlar a si mesma. Mas não fiquei impressionado com o seu controle, fiquei impressionado pelo seu riso na própria face da morte.

Repetidas vezes lhe perguntava, “Nani, você pode me dizer por que você riu tão alto quando a morte era tão iminente? Se mesmo uma criança como eu estava consciente da morte, não é possível que você não estivesse.”

Ela disse, “Eu estava consciente, por isso ri. Ri do pobre homem tentando parar a roda desnecessariamente, porque nem o nascimento nem a morte significam algo no final das contas.”

Eu tive que esperar pelo momento quando pude perguntar e argumentar com ela. Quando eu mesmo tornei-me iluminado, pensei, então vou perguntá-la. E foi isso o que fiz.

A primeira coisa que fiz depois da minha iluminação, na idade de vinte e um anos, foi correr para a vila onde a minha avó estava, a vila do meu pai. Ela nunca deixou aquele lugar onde o seu marido havia sido cremado. Aquele lugar tornou-se a sua casa. Ela se esqueceu de todas as luxúrias que estava acostumada. Ela se esqueceu de todos os jardins, dos campos, e do lago que possuía. Ela simplesmente nunca voltou, nem mesmo para resolver as coisas.

Ela disse, “Qual é o ponto? Tudo está resolvido. O meu marido está morto, e a criança que amo não está lá; tudo está resolvido.”

Imediatamente depois da minha iluminação corri até a vila para encontrar duas pessoas: a primeira, Magga Baba, o homem que eu estava falando anteriormente. Vocês certamente se perguntarão por que... Porque eu queria que alguém me dissesse, “Você está iluminado.” Eu sabia, mas queria ouvir de fora também. Magga Baba era o único homem que eu poderia perguntar naquele momento. Eu tinha ouvido que ele recentemente havia voltado à vila.

Eu corri até ele. A vila era duas milhas da estação. Vocês não acreditam como eu corri até ele. Alcancei a árvore *neem*...

A palavra ‘neem’ não pode ser traduzida porque não acho que nada como a árvore neem existe no Ocidente de maneira alguma. A árvore neem é algo estranho: se você provar as folhas elas são muito amargas; impossível acreditar que um veneno poderia ter um gosto mais venenoso. De fato é o oposto, ela não é venenosa. Se vocês comerem algumas poucas folhas da árvore *neem* todos os dias... o que é uma coisa difícil. Fiz isso por anos; cinquenta folhas de manhã e cinquenta de novo à noite. Ora, uma pessoa realmente determinada a se matar é necessária para comer cinquenta folhas da árvore *neem*!

Ela é tão amarga, mas purifica o sangue e lhe mantém totalmente livre de qualquer infecção – mesmo na Índia, o que é um milagre! Diz-se que até o vento que passa através das folhas da árvore *neem* é mais puro que qualquer outro. As pessoas plantam a árvore neem em torno das suas casas apenas para manter o ar puro e sem poluição. É um fato cientificamente provado que a árvore *neem* mantém longe todos os tipos de infecções ao criar uma barreira de proteção.

Corri até a árvore *neem* onde Magga Baba sentava-se, e, no momento em que ele me viu, vocês sabem o que ele fez? Eu mesmo não podia acreditar – ele tocou os meus pés e chorou. Senti-me muito envergonhado porque uma multidão se reuniu e todos pensavam que Magga Baba tinha ficado realmente louco agora. Até aquele momento ele era um pouco louco, mas agora ele havia desaparecido, desaparecido para sempre... *gate, gate* – desaparecido, e desaparecido para sempre. Mas Magga Baba riu e pela primeira vez, ele me disse na frente das pessoas, “Meu garoto, você conseguiu! Mas eu sabia que um dia você conseguiria.”

Toquei os seus pés. Pela primeira vez ele tentou me impedir de o fazer, dizendo, “Não, não, não toque os meus pés novamente.”

Mas eu ainda os tocava, apesar dele insistir. Eu não ligava e dizia, “Quieto! Faça o seu trabalho e deixe-me fazer o meu. Se sou iluminado como você diz, por favor não impeça um homem iluminado de tocar o seu pé.”

Ele começou a rir de novo e disse, “Seu patife! Você está iluminado, mas ainda é um patife.”

Então corri até a minha casa – isto é, a casa da minha Nani, não a do meu pai – porque ela era a mulher que eu queria contar o que aconteceu. Mas estranhas são as formas da existência: ela estava na porta, olhando para mim, um pouco maravilhada. Ela disse, “O que aconteceu com você? Você não é mais o mesmo.” Ela não era iluminada, mas era suficientemente inteligente para ver a diferença em mim.

Eu disse, “Sim, não sou mais o mesmo, e eu vim para compartilhar a experiência que aconteceu comigo.”

Ela disse, “Por favor, no que me diz respeito, sempre permaneça o meu Raja, a minha pequena criança.”

Então eu não disse nada para ela. Um dia passou-se, então no meio da noite ela me acordou. Com lágrimas nos olhos ela disse, “Desculpe-me. Você não é

mais o mesmo. Você pode fingir, mas posso ver através do seu fingimento. Não é necessário fingir. Você pode me contar o que aconteceu com você. A criança que eu conhecia está morta, mas alguém muito melhor e luminoso tomou o seu lugar. Não posso te chamar mais de meu, mas isso não importa. Agora você será capaz de ser chamado de “meu” por milhões, e todo mundo será capaz de sentir você como “meu”. Eu retiro a minha reivindicação – mas ensine-me também o caminho.”

Essa foi a primeira vez que conto para alguém. A minha Nani foi meu primeiro discípulo. Ensinei o caminho para ela. O meu caminho é simples: estar em silêncio, experienciar em si próprio aquilo que é sempre o observador, e nunca o observado; conhecer o conhecedor, e esquecer o conhecido.

O meu caminho é simples, tão simples como o de Lao Tsé, Chuang Tzu, Krishna, Cristo, Maomé, Zaratustra... porque apenas os nomes diferem, o caminho é o mesmo. Apenas os peregrinos são diferentes; a peregrinação é a mesma. E a verdade, o processo, é muito simples.

Tive sorte de ter a minha avó como a minha primeira discípula, porque nunca encontrei alguém tão simples. Encontrei muitas pessoas simples, muito próximas da simplicidade dela, mas a profundidade da simplicidade dela era tal que ninguém nunca foi capaz de a transcender, nem mesmo o meu pai. Ele era simples, totalmente simples, e muito profundo, mas não em comparação a ela. Sinto muito dizer que ele está longe, e minha mãe está muito longe; ela não está nem próxima da simplicidade do meu pai.

Vocês ficarão surpresos em saber – e estou declarando-o pela primeira vez – que minha Nani não foi apenas o meu primeiro discípulo, ela foi meu primeiro discípulo iluminado também, e ela tornou-se iluminada muito antes de eu começar a iniciar as pessoas em sannyas. Ela nunca foi uma sannyasin.



NANI DE OSHO IDOSA

Ela morreu em 1970, o ano em que comecei a iniciar as pessoas em sannyas. Ela estava em seu leito de morte quando ouviu falar do meu movimento. Embora eu próprio não tenha ouvido, um dos meus irmãos me disse que essas foram as suas últimas palavras... “Era como se ela estivesse falando com você,” meu irmão me disse. “Ela disse, ‘Raja, agora você começou um movimento de sannyas, mas é muito tarde. Não posso ser sua sannyasin porque no momento em que você chegar aqui eu não estarei mais nesse corpo, mas que fique registrado para você que quero ser sua sannyasin.’”

Ela morreu antes de eu alcançá-la, exatamente doze horas antes. Foi uma longa jornada de Mumbai até aquela pequena vila, mas ela insistiu que ninguém deveria tocar o seu corpo até eu chegar; então qualquer coisa que eu decidisse deveria ser feita. Se eu decidisse que o seu corpo seria enterrado, então tudo bem. Se eu decidisse que seu corpo seria cremado, então tudo bem também. Se eu decidisse outra coisa, tudo estaria certo também.

Quando cheguei em casa não pude acreditar em meus olhos: ela tinha oitenta anos de idade e, entretanto, parecia tão jovem. Ela havia morrido há doze horas atrás, mas ainda não havia nenhum sinal de deterioração. Eu lhe disse, “Nani, cheguei. Sei que você não será capaz de me responder dessa vez. Estou dizendo apenas para que você saiba. Não é preciso responder.” De repente, quase um milagre! Outras pessoas estavam presentes, o meu pai, e toda a família estavam ali. De fato toda a vizinhança reuniu-se. Todas as pessoas viram uma coisa: uma lágrima rolou do seu olho esquerdo – depois de doze horas!

Os doutores – por favor note isso, Devaraj – haviam declarado que ela estava morta. Ora, pessoas mortas não choram; até mesmo as pessoas reais raramente o fazem, o que dizer das pessoas mortas! Mas havia uma lágrima rolando do seu olho. Eu a recebi como uma resposta, e esperar o que mais? Ateei fogo à sua pira funerária, conforme o seu desejo. Não fiz isso nem no corpo do meu pai.

Na Índia é quase uma lei absoluta que o filho mais velho deve atear o fogo na pira funerária de seu pai. Não fiz isso. No que diz respeito ao corpo do meu pai, eu nem mesmo fui ao seu funeral. O último funeral que participei foi o da minha Nani.

Naquele dia eu disse para meu pai, “Ouça, Dada, não será possível eu ir ao seu funeral.”

Ele disse, “Que bobagem você está falando? Eu ainda estou vivo.”

Eu disse, “Eu sei que você ainda está vivo, mas por quanto tempo? Há alguns dias Nani estava viva; amanhã talvez você não esteja. Não quero assumir nenhum risco. Quero dizer agora que decidi não comparecer a nenhum outro funeral depois do da minha Nani. Então, por favor, desculpe-me, não irei ao seu funeral. É claro que você não estará lá, por isso estou pedindo o seu perdão hoje.”

Ele entendeu e ficou um pouco em choque, é claro, mas disse, “Certo, se essa é a sua decisão, mas quem ateará o fogo no meu funeral então?”

Esta é uma questão muito significante na Índia. Naquele contexto normalmente seria o filho mais velho. Eu lhe disse, “Você já sabe que sou um hobo, não possuo nada.”

Magga Baba, embora completamente pobre, tinha dois pertences: a sua coberta e a sua magga – a caneca. Não tenho nenhum pertence. Embora eu viva como um rei, não possuo nada. Nada é meu. Se um dia alguém vier até mim e disser, “Saia desse local agora,” eu sairei imediatamente. Nem terei que empacotar nada. Nada é meu. Foi assim que um dia deixei Mumbai. Ninguém podia acreditar que eu partiria tão fácil sem olhar para trás nem mesmo uma vez.

Não pude ir ao funeral do meu pai, mas pedi a sua permissão de antemão, muito tempo antes, no funeral da minha Nani. A minha Nani não era uma sannyasin, mas ela foi uma sannyasin de outras formas, de todas as outras formas exceto que não lhe dei um nome. Ela morreu de laranja. Embora eu não tenha

pedido que ela usasse laranja, porém no dia em que ela se tornou iluminada ela parou de usar vestidos brancos.

Na Índia uma viúva tem que usar branco. E por que apenas uma viúva? Para que ela não pareça bela – uma lógica natural. E ela tem que raspar a sua cabeça! Olhe... como chamar esses bastardos? Apenas para deixar uma mulher feia eles cortam o seu cabelo e não permitem que ela use qualquer outra cor exceto o branco. Eles tiram todas as cores da vida dela. Ela não pode comparecer a nenhuma celebração, nem mesmo o casamento do seu próprio filho ou filha! A própria celebração é proibida para ela.

No dia em que a minha Nani iluminou-se, lembro-me – eu anotei, deve estar em algum lugar – foi no dia dezesseis de Janeiro de 1967. Falo sem hesitação que ela foi a minha primeira sannyasin; e não apenas isso, ela foi meu primeiro sannyasin iluminado.

Vocês dois são doutores e vocês conhecem o Doutor Ajit Saraswati bem. Ele está comigo por quase vinte anos, e não conheço ninguém que tenha sido tão sincero para comigo. Vocês ficarão surpresos em saber que ele está esperando do lado de fora... e todas as possibilidades existem dele estar quase pronto para iluminar-se. Ele veio morar aqui na comuna; deve ter sido difícil para ele, particularmente como indiano, deixar a sua esposa, seus filhos e sua profissão. Mas ele não pode viver sem mim. Ele está pronto para renunciar a tudo. Ele está esperando lá fora. Esta será a sua primeira entrevista, e posso sentir que essa será a sua iluminação também. Ele a mereceu, e a mereceu com muita dificuldade. Ser um indiano e estar totalmente comigo não é uma tarefa fácil.

Que horas são?

“Falta quinze para as nove, Osho.”

Cinco minutos para mim. É tão imensamente belo... Não, isso é só ótimo. Não, não é preciso ser ambicioso. Não, sou um homem consistente... consistentemente, não... e lembrem-se que não estou dizendo “não” como uma negativa. Para mim o ‘não’ é a palavra mais bela da língua de vocês. Amo-a. Não sei se mais alguém a ama, mas eu a amo.

Vocês dois são pacientes... e eu sou o doutor. É a hora. Tudo tem que parar.

Sessão 17

Ok. As primeiras palavras que Ajit Saraswati declarou na noite de ontem foram, “Osho, nunca pensei que conseguiria.” É claro que aqueles que estavam presentes pensaram que ele estava falando sobre viver na comuna. E isso é, de certa maneira, verdadeiro, relevante, porque lembro-me o primeiro dia que ele veio ver-me há vinte anos atrás. Ele teve que pedir permissão para a sua esposa apenas para ver-me por alguns minutos. Então aqueles que estavam presentes devem ter entendido, naturalmente, que ele nunca tinha pensado em vir, deixando sua esposa e filhos e um negócio muito bom. Renunciando tudo, apenas para estar aqui comigo... em um verdadeiro sentido de renúncia. Mas isso não foi o que ele quis dizer, e eu entendi.

Eu lhe disse, “Ajit, também estou surpreso. Não que nunca esperei por isso; sempre esperei por isso, esperei e desejei esse momento, e estou feliz que você veio.”

Novamente, os outros devem ter pensado que eu estava falando dele ter vindo para morar. Eu estava falando de outra coisa – mas ele entendeu. Pude ver em seus olhos, que se tornaram cada vez mais parecidos com os de uma criança. Vi que ele entendeu o que vir até um mestre realmente significa. Significa vir até si próprio. Não pode significar outra coisa além da autorrealização. O seu sorriso era absolutamente novo.

Eu estava preocupado com ele: ele estava ficando mais sério a cada dia. Eu estava realmente preocupado, porque para mim seriedade sempre foi uma palavra suja, uma doença, algo muito mais cancerígeno do que o câncer pode ser e certamente muito mais infeccioso do que qualquer doença. Mas respirei um grande suspiro de alívio; uma carga desapareceu do meu coração.

Ele é uma das poucas pessoas que se eu morresse antes dele tornar-se iluminado, então eu teria que girar a roda novamente, eu teria que nascer de novo. Embora seja impossível girar a roda... e eu não sei nada da mecânica por trás do giro de uma roda, particularmente da roda do tempo. Não sou um mecânico, não sou um técnico, então seria muito difícil para mim girar a roda novamente... e ela não se moveu desde quando eu tinha vinte e um anos.

Há trinta e um anos atrás a roda parou. Agora tudo deve estar enferrujado. Mesmo se vocês jogarem óleo nela – não é a roda de um Rolls Royce. É a roda do karma, da ação, e da consciência implicada em toda ação. Eu terminei com isso. Mas para um homem como Ajit, eu tentaria voltar novamente qualquer que fosse o custo.

Estou determinado a deixar este corpo apenas quando pelo menos mil e um dos meus discípulos estiverem iluminados, não antes disso. Devaraj, lembre-se disso! Não será difícil – o trabalho básico foi feito – é apenas uma questão de um pouco de paciência.

Gudia disse há pouco quando eu estava chegando, ao ouvir que Ajit tornou-se iluminado, “É estranho, a iluminação está rebentando em todos os lugares.” Ela tem que rebentar em todos os lugares, este é o meu trabalho. E essas mil e uma pessoas estão quase prontas para rebentar a qualquer momento. Apenas uma pequena brisa e a flor se abre... ou o primeiro raio de sol e o botão abre seu coração para ele – qualquer coisa.

Ora, o que foi que ajudou Ajit? Nesses vinte anos que o conheço eu sempre fui amável em relação a ele. Nunca o golpeei – nunca foi necessário. Até mesmo antes de eu lhe dizer algo, ele já o recebia. Antes de dizer ele ouvia. Nesses vinte anos ele tem me seguido o mais próximo possível. Ele é o meu Mahakashyapa.

O que causou a coisa de ontem à noite? Foi apenas porque ele ficou pensando em mim em todos os momentos. No momento em que ele me viu, todo aquele pensamento desapareceu – e esse era o único pensamento ao seu redor, como uma nuvem. E não acho que ele entendeu o significado exato de suas palavras! Leva tempo, e as palavras surgem tão de repente. Ele só disse, como se a despeito de si mesmo, “Nunca pensei que conseguiria.”

Eu disse, “Não se preocupe. Sempre tive certeza que aconteceria mais cedo ou mais tarde, em algum momento aconteceria.”

Ele olhou um pouco intrigado. Ele estava falando sobre vir e eu estava falando sobre acontecer. Então, como se uma janela se abrisse e você visse – simplesmente assim – uma janela abriu-se e ele viu. Ele tocou os meus pés com lágrimas em seus olhos e um sorriso em sua face. Ver lágrimas e sorrisos misturando-se e fundindo-se é belo. É uma experiência por si só.

Por causa de Ajit Saraswati não pude completar a história que comecei. Ele esteve na esquina por tanto tempo que me acostumei com ele. Vocês se lembram do dia que eu estava falando de Ajit Mukherjee, o famoso escritor do tantra, o autor de *Tantra Arte e Pinturas do Tantra*? Eu disse, e vocês podem checar as suas notas... quando eu disse “Ajit” eu não pude dizer “Mukherjee.” Para mim “Ajit” sempre quis dizer “Ajit Saraswati.” Então quando falei de Ajit Mukherjee, primeiro eu disse “Ajit Sarasw...,” então corrija-me. Comecei a falar “Saraswati” e fui até “Sarasw...,” então disse, “Mukherjee.”

Ele esteve presente, sem interferir de maneira alguma, na esquina, esperando, apenas esperando. Tal confiança é rara, embora comigo existam milhares de sannyasin com o mesmo tipo de reverência. Sabendo-o ou não, isso não importa; o que importa é a presença da reverência.

Ajit Saraswati tem um pano de fundo hindu, então naturalmente é mais fácil para ele ter esse tipo de reverência, de confiança. Mas ele foi educado no Ocidente; talvez seja por isso que ele pôde aproximar-se de mim. Um pano de fundo hindu e uma mente ocidental científica – ter essas duas coisas juntas é um fenômeno raro, e ele é um homem único.

E, Gudia, outros seguirão. Sim, eles rebentarão! Aqui, ali e em todos os lugares. Eles têm que rebentar rapidamente porque não tenho muito tempo. Mas

o som de um homem rebentando na existência não é o som da música *pop** [NdT. trocadilho com *pop* no sentido de rebentar], não é nem mesmo o som da música clássica; é música pura, incapaz de ser classificada... nem mesmo para ser ouvida, mas apenas para ser sentida.

Ora, vocês veem que absurdo? Estou falando de uma música que tem que ser sentida e não ouvida. Sim, é disso que estou falando; É isso o que a iluminação é. Tudo se torna silencioso, como se o sapo de Basho nunca tivesse saltado no lago antigo... nunca, nunca... como se o lago permanecesse sem ondulações, sempre refletindo o céu, imperturbável.

Esse haiku de Basho é belo. Sempre o repito muitas vezes porque ele é sempre tão novo e sempre preenche de um novo significado. É a primeira vez que falo que o sapo não saltou, e não houve *plop*. O lago antigo não é nem antigo nem novo; ele não sabe nada do tempo. Não há ondulações em sua superfície. Nele vocês podem ver todas as estrelas mais glorificadas, mais magníficas, do que elas são no céu acima. A profundidade do lago contribui imensamente para a riqueza delas. Elas se tornam da mesma substância que os sonhos são feitos.

Quando uma pessoa rebenta na iluminação, então essa pessoa sabe que o sapo não saltou... o lago antigo não era antigo. Então a pessoa sabe o que existe.

Tudo isso em seu momento certo. Novamente esqueci... a pobre história que comecei ontem. Vocês talvez pensaram que eu não a lembraria, mas posso esquecer tudo, exceto uma bela história. Mesmo quando eu estiver morto, se vocês quiserem conversar, perguntem-me algo sobre uma história – talvez apenas uma fábula de Esopo, *Panchtantra*, *As Estórias de Jataka*, ou apenas as parábolas de Jesus.

Eu estava falando ontem... tudo começou com a metáfora da “morte de cão.” Eu disse que um pobre cão não tem nada a ver com ela. Mas há uma história por trás da metáfora, e porque milhões de pessoas morrerão uma morte de cão é valoroso entender. Talvez vocês já ouviram a história. Penso que todas as crianças já ouviram-na; é tão simples.

Deus criou o mundo: homem, mulher, animais, árvores, pássaros, montanhas – tudo. Talvez ele era um comunista. Ora, isso não é bom; pelo menos Deus não deveria ser um comunista. Não seria bom o chamar de “Camarada Deus”: “Camarada Deus, como você está?” Simplesmente não soa bem. Mas a história diz que ele deu a todos vinte anos de vida. Todos tiveram o mesmo tempo. Como era de esperar-se, o homem imediatamente levantou-se e disse, “Apenas vinte anos? Não é o suficiente.”

Isso mostra algo sobre o homem: nada é suficiente. Nunca é suficiente. A mulher não se levantou. Isso também mostra algo sobre a mulher. Ela está satisfeita com as coisas pequenas. Os seus desejos são muito humanos; ela não está pedindo as estrelas. De fato, ela dá risinhos do homem por todos os seus esforços para alcançar o Everest, ou a Lua, ou Marte. Ela não entende para que essa bobagem. Por que não vamos ver o que está passando na televisão agora? Até onde sei, ver televisão...

Ashu está olhando para baixo. Não fique envergonhada. Não estou falando nada contra as mulheres assistindo televisão. Estou falando sobre eu mesmo. Acho que as mulheres só assistem televisão pelos comerciais, não para algo a mais; um novo sabonete, ou xampu, ou um novo carro... o novo, qualquer coisa nova.

No comercial tudo é sempre novo. Realmente são as coisas velhas empacotadas novamente. Sim, o pacote é novo, o rótulo é novo, o nome é novo. Mas uma mulher está interessada em uma nova máquina de lavar, um refrigerador ou uma bicicleta. O interesse da mulher é imediato.

Nessa história ela não se levanta e diz para Deus, “O quê? Apenas vinte anos?” De fato, quando o homem se levantou, a mulher deve tê-lo puxado para baixo dizendo, “Sente-se, homem. Por que você está resmungando? Seu velho resmungão, sente-se.”

Mas o homem bateu o pé e disse, “Resisto de todas as formas possíveis a essa imposição de apenas vinte anos. Mais anos são necessários.”

Deus estava perdido. Sendo um Deus comunista, o que ele poderia fazer? Ele havia distribuído os anos igualmente. Mas os animais entendiam mais que esse sujeito comunista.

O elefante riu e disse, “Não se preocupe. Você pode tirar dez anos da minha vida, porque vinte anos é muito tempo. O que farei com vinte anos? – dez anos são suficientes.” Então o homem ganhou dez anos da vida do elefante. Esses são os anos entre os vinte e os trinta, quando um homem se comporta como um elefante. Esses são os anos em que os hippies e os yippies e as outras tribos nascem. Em todo o lugar do mundo eles deveriam chamar-se “os elefantes”... pensando muito de si próprios.

Então o leão levantou e disse, “Por favor aceite dez anos da minha vida. Para mim dez anos são mais que suficientes.” Entre os trinta e os quarenta o homem ruge como o leão, como se fosse Alexandre o Grande. Até mesmo Alexandre não era um leão real, o que dizer dos outros? Entre os trinta e os quarenta, todo homem comporta-se como um leão da sua própria maneira.

Então o tigre levantou-se e disse, “Quando todos estão contribuindo com o pobre homem, então a minha contribuição é, também, de dez anos da minha vida.” Entre os quarenta e os cinquenta o homem comporta-se como um tigre – muito reduzido em comparação ao leão, muito mais depilado, não mais que um gato grande, mas o velho hábito de gabar-se continua.

Então o cavalo levantou-se e também contribuiu com dez anos. Entre os cinquenta e os sessenta o homem carrega todos os tipos de cargas. Ele é apenas um cavalo. Não um cavalo ordinário, um cavalo muito extraordinário, carregado com uma montanha de preocupações, mas, de alguma forma, a sua vontade é tanta que ele sobrevive e segue em frente.

Aos sessenta o cão contribuiu com dez anos e é por isso que chama-se uma “morte de cão.” Esta história é uma das parábolas mais belas. Entre os sessenta e

os setenta o homem vive como um cão, latindo em tudo o que se move. Ele encontra todas as desculpas para latir.

A história não vai além dos setenta porque ela foi originalmente contada antes do homem poder viver mais de setenta anos. Setenta é a idade convencional. Se você é um homem convencional, então consulte um calendário e morra exatamente aos setenta. Qualquer coisa a mais que isso já é um pouco moderna. Viver até os oitenta, noventa ou mesmo cem anos, isso é ultra-moderno, isso é rebeldia. Isso é extraviar-se.

Vocês sabem que na América existem pessoas congeladas em tanques porque elas estavam sofrendo de doenças incuráveis? Incuráveis hoje – talvez em vinte anos podemos encontrar a cura. Então, mesmo podendo viver mais alguns anos com a doença, elas escolheram ficar congeladas – às suas próprias custas, lembrem-se. Na América tudo é às suas próprias custas. Mesmo estando congeladas, quase mortas, elas estão pagando. Elas têm que pagar de antemão, com antecedência, pelos próximos vinte anos, para que seus corpos possam ser mantidos continuamente congelados. É um negócio caro, obviamente. Apenas os muito ricos podem pagá-lo. Penso que a manutenção de um corpo congelado custe quase mil dólares por dia. Elas têm esperança, ou melhor, tinham a esperança, que quando uma cura fosse encontrada elas poderiam ser descongeladas e trazidas de volta à vida, curadas.

Elas estão esperando – pobres ricos; existem pelo menos algumas centenas de pessoas por toda a América, esperando. Isso dá a ‘esperar’ um novo significado. Esse é um tipo novo de espera – sem respirar, e, entretanto, esperando. Isso é realmente esperar por Godot, e pagando também.

A história é antiga, por isso o proverbial setenta anos. “Uma morte de cão” simplesmente significa a morte de um homem que viveu como um cão. Novamente, não fique ofendido se você ama os cães. Não tem nada a ver com os cães. Os cães são pessoas legais. Mas “viver como um cão” significa viver apenas para latir, desfrutando o latido, bradando a toda e qualquer oportunidade. Viver como um cão simplesmente significa não viver uma vida humana, mas algo sub-humano, algo menor do que o humano. E alguém que vive como um cão necessariamente morrerá como um cão.

Obviamente você não pode ter uma morte que não mereceu. Repito: você não pode ter uma morte que não mereceu, que você não tenha trabalhado por toda a vida. A morte é ou uma punição ou uma recompensa; tudo depende de você. Se você viver superficialmente, então a sua morte será apenas a morte de cão. Os cães são pessoas excitadas, muito intelectuais. Se você vive intensamente, intuitivamente, a partir do coração, inteligentemente, não intelectualmente; se você permitir que todo o seu ser envolva-se em tudo que você faz, então você pode morrer a morte de um deus.

Permitam-me cunhar outra frase, oposta à “morte de cão”: “a morte de um deus.”* [NdT. Trocadilho *dog/god*.] Como vocês podem ver ‘dog’ e ‘god’ são feitas das mesmas letras, apenas escritas diferentemente. A mesma coisa colocada

de maneira inversa torna-se ‘cão’; colocada no sentido correto torna-se ‘deus’. A substância da existência, o seu ser, é o mesmo; quer vocês estejam de ponta cabeça ou de pé, não importa. De uma maneira importa: se vocês estiverem de ponta cabeça vocês sofrerão. E se vocês começarem a andar de ponta cabeça, então poderão visualizar a si próprios no sétimo inferno. Mas vocês podem saltar e ficar de pé – não há ninguém impedindo!

Esse tem sido todo o meu ensinamento: Saltem! Não fiquem de ponta cabeça, fiquem de pé. Sejam naturais! Então vocês viverão como um deus. E, é claro, um deus morre como um deus. Ele vive como um deus e morre como um deus. E por deus simplesmente quero dizer um mestre de si próprio.

Sessão 18

Sigmund Freud estava entrevistando um de seus pacientes. Ele perguntou ao homem deitado no divã, “Olhe pela janela – você pode ver o mastro sobre o edifício de escritórios do outro lado da rua?”

O velho homem disse, “É claro. Você acha que sou cego? Posso ser velho, mas posso ver o mastro, a bandeira e tudo. Que tipo de questão é essa? Estou pagando para você fazer essas questões estúpidas?”

Freud disse, “Espere, é assim que a psicanálise funciona. Diga-me o que o mastro o faz lembrar.”

O velho começou a dar risadinhas. Freud ficou imensamente feliz. Com muita vergonha o velho homem disse, “Ele me faz lembrar de sexo.”

Freud queria que todos provassem a sua nova teoria, e essa era uma confirmação. Ele disse, “Entendo. O mastro não é nada além de um símbolo fálico. Você não precisa se preocupar, é totalmente verdade.”

O velho ainda estava rindo e disse, “Que psicanálise! Eu vim até aqui por isso? Paguei adiantado por isso?” Lembre-se, Freud costumava cobrar adiantado, porque quando você está lidando com todos os tipos de pessoas loucas você não pode depender de elas pagarem depois. O pagamento tinha que ser feito antes do tratamento começar.

De fato, ninguém em todo o mundo, incluindo o próprio Sigmund Freud, foi totalmente psicanalisado, pela simples razão que isso não pode ser feito. Vocês podem seguir e seguir, *ad nauseam*. Por quê? – porque são apenas pensamentos, insubstanciais. Um pensamento leva a outro, e assim por diante; não há fim nisso. Nunca nenhum psicanalista reivindicou estar totalmente psicanalisado. Algo sempre permanece, e este algo é muito maior do que os pequenos fragmentos que você esteve brincando em nome da psicanálise.

O velho estava ficando um pouco irritado também. Freud disse, “Somente essa última questão, então não fique irritado. É claro que o divã o faz lembrar de sexo; ele faz todos se lembrarem de sexo, então não há problema nisso – não fique irritado. Apenas essa última questão: o que você pensa quando vê um camelo?”

Agora o velho estava realmente alvoroçado, rindo tão alto que teve que segurar o seu estômago com suas mãos. Ele disse, “Meu Deus! Nunca pensei que a psicanálise tivesse algo a ver com camelos. Porém, por uma estranha coincidência, fui ao zoológico há alguns dias e pela primeira vez na vida vi um camelo, e aqui está esse velhote me perguntando o que lembro quando vejo camelos! O camelo me faz lembrar de sexo, é claro, seu filho da mãe.”

Agora era a vez de Freud ficar surpreso. Um camelo? – ele não podia entender como um camelo poderia fazer qualquer pessoa lembrar-se de sexo! Um camelo? Mesmo ele, Sigmund Freud, nunca pensou em um camelo. Era apenas

uma questão. Ele esperava que o homem diria, “Ele não me lembra de nada em particular. É simplesmente um camelo. Ele deveria fazer-me lembrar de algo?”

Freud disse, “Você aniquilou toda a minha alegria. Eu pensava que você estava confirmando minha amada teoria – mas não posso imaginar como um camelo o faria lembrar-se de sexo.”

O homem riu ainda mais alto e disse, “Tolo! Você não entende nada? Não se preocupe com aquele camelo estúpido. Tudo me faz lembrar de sexo, até você! Então o que posso fazer? Esse é meu problema. É por isso que estou aqui. É minha obsessão.”

Contei a vocês a história para explicar o que eu quis dizer com a palavra ‘obsessão’. E todo o mundo pode ser dividido em duas categorias: as pessoas que são obcecadas por sexo, e as pessoas que são obcecadas pela morte. Essa é a linha real de demarcação entre Oriente e Ocidente. Não é uma divisão geográfica, mas muito mais importante do que a geografia.

Falei que a língua inglesa segue agregando palavras de outras línguas. ‘Geografia’ é uma palavra, como muitas outras, emprestada do árabe. Em árabe é belo, é *jugafria*, não ‘geografia’. Mas quer seja geografia ou jugrafia ela não pode ser uma linha divisória. Algo psicológico tem que ser entendido.

O Oriente é obcecado pela morte, o Ocidente pelo sexo. Um materialista necessariamente será obcecado pelo sexo e o espiritualista obcecado pela morte – e ambas são obsessões. E viver uma vida com qualquer obsessão, seja ela ocidental ou oriental, é viver quase sem viver... é perder toda a oportunidade. O Oriente e o Ocidente são dois lados da mesma moeda, e assim o são também a morte e o sexo. O sexo é a energia, o início da vida; e a morte é a culminação da vida.

Não é coincidência que milhões de pessoas nunca conheceram o que é o orgasmo real. É pela simples razão que, a menos que você esteja pronto para uma espécie de morte, você não saberá o que é o orgasmo. E ninguém quer morrer, todo mundo quer viver, renovar a vida repetidas vezes.

No Oriente a ciência não pôde ter nenhum ponto de partida, pois quando as pessoas estão tentando parar a roda, quem está pronto para estudar ciência? Ou pronto para ouvir? Quem se preocupa? A roda deve parar. Entretanto isso pode ser feito por qualquer tolo, apenas colocando uma pedra em seu caminho. Você não precisa de muita tecnologia para parar uma roda, mas para movê-la, você precisa de ciência.

A investigação mais constante da ciência é encontrar a causa do próprio movimento da existência, ou, em outras palavras, encontrar algum mecanismo que se move perpetuamente por si só, sem precisar de qualquer combustível, sem qualquer gás – um movimento perpétuo, constante, sem o suporte de qualquer energia, porque toda fonte de energia mais cedo ou mais tarde secará, e então a roda parará. A ciência está em busca de uma forma de manter a roda movendo-se

para sempre, para encontrar um movimento que é independente de qualquer fonte de energia.

A ciência nunca teria começado no Oriente; o carro nunca começou. Ninguém estava interessado em iniciá-lo também; eles estavam muito preocupados em como pará-lo, porque ele estava descendo em um desfiladeiro. No Oriente uma coisa totalmente diferente ocorreu, que certamente nunca ocorreu no Ocidente – o tantra. O Oriente pôde explorar o núcleo mais profundo da energia sexual sem qualquer inibição, sem qualquer medo. O Oriente não estava de forma alguma preocupado com o sexo. De fato, não acho que a história que contei a vocês é verídica.

Sinto que Sigmund Freud devia estar em seu banheiro olhando no espelho, falando consigo mesmo. Aquele velho no divã não é ninguém além de Sigmund Freud ele mesmo. Se olharem em seu livro vocês se convencerão do que estou dizendo. Toda a preocupação de Freud era com o sexo; tudo tinha que ser reduzido ao sexo. Ele foi a pessoa mais obcecada por sexo da história humana, e, infelizmente, dominou a suposta psicologia, a psicanálise e muitos outros tipos de terapias. Ele tornou-se uma figura paterna.

Estranho que um homem como Sigmund Freud, que sofria todos os tipos de medos e fobias, pôde tornar-se a figura chave de todo esse século. Ele tinha muito medo. Naturalmente, lembrem-se, se vocês estão obcecados com algo, quer seja o sexo ou a morte – essas são as duas categorias principais... Há milhares de coisas no mundo, mas elas vão estar contidas nessas categorias. Se você está obcecado com qualquer uma delas, você é totalmente ignorante, e permanecerá com medo – de fato, com medo da luz, porque na sua escuridão você criou o seu próprio mundo imaginário de teorias, dogmas e tudo aquilo. Você terá medo da luz, de um homem segurando uma lâmpada... um homem como Diógenes entrando nu com uma lâmpada mesmo com o sol a pino.

Às vezes penso que seria bom, bom para Sigmund Freud, se Diógenes tivesse entrado em seu suposto escritório de psicanalista, com a sua lâmpada ainda acesa – obviamente nu, porque ele sempre estava nu. O encontro teria produzido algo de imenso valor. As pessoas como Sigmund Freud têm medo da luz; é por isso que Diógenes costumava carregar a sua lâmpada. Sempre que alguém perguntava por que ele carregava a lâmpada em plena luz do dia, ele respondia, “Estou procurando por um homem, e ainda não o encontrei.”

Momentos antes de sua morte alguém o perguntou, “Diógenes, antes de você deixar o corpo, por favor nos diga: Você já encontrou o homem?”

Diógenes riu e disse, “Sinto muito dizer que não pude o encontrar. Mas devo dizer uma coisa: Ainda tenho a minha lâmpada comigo, ninguém a roubou – e isso é ótimo.”

Sigmund Freud era obcecado, mas continua a representar toda a atitude ocidental. É por isso que Carl Gustav Jung não pôde ficar com ele por muito tempo. A razão é simples: a obsessão de Jung não era o sexo, mas a morte. Ele precisava de um mestre no Oriente, não no Ocidente. Entretanto, tamanha é a

complexidade das coisas que ele ainda era muito orgulhoso do Ocidente, tanto que quando visitou a Índia alguém sugeriu que ele fosse ver Maharshi Raman, que ainda estava vivo, mas Jung não foi. Era um voo de apenas uma hora... e ele foi para todos os outros lugares. Ele ficou na Índia por meses, mas não teve tempo de ir ver Maharshi Raman. De novo, a razão é simples: é preciso ter coragem para encarar um homem como Raman. Ele é um espelho. Ele vai mostrar a sua face real. Ele retirará todas as suas máscaras.

Realmente odeio esse homem Jung. Posso condenar Sigmund Freud, mas não o odeio. Ele estava errado, mas era um gênio. Era um gênio, apesar de fazer algo que não posso dar suporte porque sei que não está certo. Mas esse homem Jung era apenas um pigmeu; comparado com Freud ele não está em lugar nenhum. Ademais, ele também foi um Judas: ele traiu seu mestre.

O próprio mestre estava errado, mas isso é outra coisa. Certo ou errado, Freud escolheu Jung para ser seu principal discípulo, e ele ainda assim provou ser apenas um Judas. Ele não era do mesmo calibre de Freud. A razão real do rompimento – e nunca vi isso ser mencionado por nenhum freudiano ou junguiano, estou dizendo pela primeira vez – foi que a obsessão de Jung era pela morte, e a de Freud pelo sexo. Eles não podiam ficar juntos por muito tempo, eles tinham que separar-se.

O Oriente, por milhares de anos, esteve morbidamente engajado em, de alguma forma, livrar-se da vida. Sim, chamo-o de mórbido. Amo chamar uma coisa do que ela é. Uma pá é apenas uma pá, nem mais nem menos. Quero simplesmente declarar o fato. O Oriente sofreu muito apenas por causa dessa morbidez, continuamente pensando em como livrar-se da vida desde o momento do nascimento. Penso que essa é a obsessão mais antiga do mundo. Milhares de pessoas do mesmo calibre de Freud viveram sob ela, e fortaleceram-na e alimentaram-na.

Não me lembro de um único ser humano que foi contra ela. Todos concordaram, apesar de discordarem em tudo o mais: Mahavira, Manu, Kanad, Gautama, Shankara, Nagarjuna – a lista é quase infinita. E eles são todos muito superiores a Sigmund Freud, C. G. Jung ou Adler, e os muitos bastardos que eles deixaram para trás.

Mas apenas ser um gênio, mesmo um grande gênio, não significa necessariamente que você está certo. Às vezes um simples lavrador pode estar mais certo do que um grande erudito. Um jardineiro pode estar mais certo do que um professor. A vida é realmente estranha; ela sempre visita os mais simples, os que amam. O Oriente errou e o Ocidente está errando também. Ambos estão desequilibrados.

Tive que falar sobre isso porque esta é uma das minhas mais básicas contribuições, que o ser humano não deve se preocupar nem com o sexo, nem com a morte. Ele deve ser livre de ambas as obsessões; somente então ele conhece, e sabe que, estranhamente, elas não são diferentes. Todo momento de amor profundo é, também, um momento de morte profunda. Todo orgasmo é

também um fim, um final total. Algo atinge um pico, toca uma estrela, e não será novamente o mesmo, não importa o que você faça. De fato, quanto mais você faz, mais longe ele fica.

Mas o ser humano vive quase como um rato, escondido em sua toca. Você pode chamá-lo de ocidental, oriental, cristão, hindu; há milhares de tocas disponíveis para todos os tipos de ratos. Mas estar em uma toca, não importa quão decorada, pintada, quase como uma catedral, um belo templo ou uma mesquita, ainda assim é uma toca. E viver nela é seguir cometendo um suicídio lento – porque você não é feito para ser um rato. Seja um homem. Seja uma mulher.

Até agora tudo estava acontecendo inconscientemente, pela natureza, mas agora a natureza não pode fazer mais nada. Vocês não podem ver claramente? Darwin diz que o homem nasceu do macaco. Talvez ele esteja certo. Não penso assim, é por isso que digo que *talvez* ele esteja certo. Mas o que aconteceu então? Os macacos não estão virando homens... vocês não veem, de repente, um macaco tornando-se um homem e provando a teoria de Darwin.

Nenhum macaco está interessado em Charles Darwin. Não acho que eles já leram seus livros muito não-poéticos. De fato eles estão – eles devem estar, assumo – bravos, porque Darwin pensa que o ser humano evoluiu. Nenhum macaco pode acreditar que o ser humano é mais evoluído que ele. Todos os macacos – acreditem em mim, estive em contato com todos os tipos de pessoas, incluindo os macacos – acreditam que o ser humano é um macaco decaído... decaído das árvores. Eles não podem pensar que é uma evolução. Talvez Darwin estava certo – mas então o que aconteceu? Esqueça os macacos, nós não temos nada com eles.

O que aconteceu com o ser humano? Milhões de anos se passaram e o ser humano ainda é o mesmo. A evolução parou? Por que razão? Não acho que nenhum darwiniano é capaz de responder e saibam que estudei Darwin e seus seguidores o mais fundo possível. Digo “possível” porque não há muita profundidade. O que posso fazer? Mas nenhum darwiniano responde a questão básica: se a evolução é a regra da existência, então por que o ser humano não evoluiu para um super-humano? Ou pelo menos algo melhor? Não chame de super; isso soa como uma palavra muito grandiosa para ser vinculada ao ser humano. Por que o ser humano não é apenas um pouco melhor?

Mas não houve nenhuma mudança por séculos. Até onde os historiadores sabem, o ser humano sempre foi o mesmo, tão feio quanto hoje. De fato, se algo pode ser dito sobre a mudança, é que ele tornou-se ainda mais feio. Sim, estou falando o que ninguém diz. Os políticos não podem dizê-lo porque os votos pertencem aos macacos. Os supostos filósofos não podem dizer porque estão esperando pelo Prêmio Nobel e seu comitê consiste de macacos. Se vocês disserem a verdade vocês teriam os mesmos problemas que eu. Não conheci um único dia sem problemas desde que tornei-me consciente. Dentro não há nenhum problema; todo problema cessou. Mas fora os problemas existem a todo momento. Até mesmo se vocês se associarem a mim vocês terão problemas.

Há alguns dias recebi a mensagem que um dos meus centros foi atacado. Todas as janelas foram quebradas em um ataque de um grupo. As pessoas levaram quaisquer coisas que conseguiram. E logo depois disso um centro inteiro foi incendiado.

Ora, a minha gente não prejudicou ninguém; as pessoas estavam apenas se encontrando lá, meditando. Até mesmo os policiais declararam, “É estranho, porque por dois anos nós observamos essas pessoas, e elas são totalmente inocentes. Elas não são políticas nem ideológicas – elas apenas divertem-se. Por que as suas casas devem ser queimadas é inexplicável.” A polícia pode não encontrar a explicação, porque a explicação está aqui, sentada nessa cadeira de dentista.

Não conheci um único dia em que não houve um problema ou outro; e é a coisa mais estranha de compreender, porque não prejudicamos ninguém. Não fiz mal a ninguém; a minha gente não fez mal a ninguém... mas talvez esse seja o crime. A máfia tudo bem; eu não, vocês não. Este mundo obcecado ou com o sexo ou com a morte permanecerá mórbido, doente. Se quisermos ter uma humanidade íntegra, saudável, então teremos que pensar em termos totalmente diferentes.

A primeira coisa que quero falar é: aceite aquilo que já está aí. O sexo não é criação sua, graças a Deus; caso contrário todo mundo estaria utilizando um tipo diferente de mecanismo, e haveria uma frustração tremenda porque esses mecanismos não se adequariam uns aos outros de maneira alguma. Eles não se adequam nem quando são exatamente iguais, quando são feitos para estarem em harmonia, eles não se harmonizam. Se todo mundo inventasse a sua própria sexualidade então haveria um caos real. Vocês não poderiam concebê-lo. É bom que vocês já vieram prontos, já são hoje aquilo que potencialmente serão amanhã.

E a morte também é uma coisa natural. Pensem por um momento: se vocês fossem viver para sempre, o que fariam? Lembrem-se, vocês não seriam capazes de cometer suicídio. Sempre amei a busca de Alexandre pelo segredo da vida eterna... Ele finalmente a encontrou em um deserto na Arábia. Que alegria! Que êxtase! Ele deve ter dançado. Mas naquele momento o corvo disse, “Espere, espere um momento antes de beber a água. Esta água não é uma água ordinária. Eu bebi dela, infelizmente! Agora não posso morrer. Tentei todos os métodos, mas nada funcionou. O veneno não pode me matar. Bati minha cabeça contra uma rocha, mas a rocha quebrou e saí ileso. Antes de você decidir beber a água, pense duas vezes.” A história continua dizendo que Alexandre correu da caverna para que não fosse tentado a beber da água.

O professor de Alexandre não era ninguém menos do que Aristóteles, o pai da filosofia e da lógica europeia. De fato, Aristóteles foi o pai de todo o pensamento ocidental. Um grande pai! Sem ele não haveria ciência, e é claro que não haveria Hiroshima e Nagasaki. Sem Aristóteles vocês não poderiam conceber o Ocidente. Aristóteles foi o professor de Alexandre e sempre pensei que os professores são muito pobres.

Na minha infância lembro-me de ver um livro – não me lembro qual, ou talvez era um filme – no qual Aristóteles estava ensinando Alexandre, e o garoto disse, “Agora não quero aprender nada; quero cavalgar. Torne-se um cavalo para mim.” Então o pobre Aristóteles tornou-se um cavalo. Ele ajoelhou-se enquanto Alexandre sentava em suas costas e o cavalgava. E esse foi o homem que tornou-se o pai da filosofia ocidental! Que tipo de pai...?

Sócrates nunca é chamado de pai da filosofia ocidental. Sócrates, é claro, foi o mestre de Platão, e Platão foi o mestre de Aristóteles. Mas Sócrates foi envenenado porque não era palatável – não era fácil de digerir. O Ocidente quis esquecer tudo sobre ele. Ele poderia ter criado a síntese que estou falando. Se não tivesse sido envenenado e fosse ouvido; se a sua investigação da verdade tivesse se tornado a própria base, nós viveríamos em um mundo totalmente diferente. Platão também não é pensado como o pai porque é muito proximamente associado com o perigoso Sócrates. De fato não sabemos nada de Sócrates, exceto o que Platão escreveu sobre ele.

Assim como Devageet está tomando notas, da mesma maneira Platão deve ter continuamente tomado notas de seu mestre. Platão não é aceito porque é apenas uma sombra de Sócrates. Aristóteles é discípulo de Platão, mas um Judas. Ele era um discípulo no começo, e aprendeu o que o seu mestre tinha para ensinar, e então tornou-se um mestre por seu próprio mérito. Mas que pobre mestre ele era, assalariado de um rei como tutor de seu filho. É tão feio saber que ele estava pronto para tornar-se um cavalo para Alexandre! Quem estava ensinando quem? Quem é realmente o mestre?

Eu era professor na universidade. Sei que Alexandre cavalgando em Aristóteles refuta o fato deste ser o pai da filosofia ocidental. Se ele é o pai então toda a filosofia do Ocidente é apenas uma órfã, uma criança adotada pelos missionários cristãos, talvez pela Madre Teresa de Calcutá. Esta grande dama pode fazer qualquer coisa! Tenho pena de Aristóteles. Não consigo encontrar nenhuma outra palavra para ele. Sinto-me envergonhado porque também fui professor.

A primeira coisa que eu costumava falar para a minha classe todos os dias era, “Lembrem-se, aqui sou o mestre. Se vocês não quiserem me ouvir, simplesmente saiam. Se quiserem me ouvir, então apenas ouçam. Estou pronto para responder todas as suas questões, mas não vou tolerar qualquer barulho, nem mesmo um sussurro. Se vocês têm uma namorada aqui, então saiam imediatamente e permitirei que vocês saiam com suas namoradas. Quando estou falando, apenas eu estou falando, e vocês estão ouvindo. Se quiserem falar alguma coisa então levantem a mão e mantenham-na levantada, porque não significa que quando vocês querem perguntar eu necessariamente tenho que responder naquele momento. Não estou aqui como servo de vocês. Não sou Aristóteles. Até mesmo Alexandre não poderia fazer de mim um cavalo.”

Essa era a minha introdução todos os dias, e sou feliz porque eles entendiam. Eles tinham que entender. É por isso que às vezes golpeio-lhe forte, Devageet, sabendo perfeitamente bem que você terá que utilizar os seus botões,

e o barulho deles necessariamente estará aqui. O que você pode fazer? Sei perfeitamente bem. É apenas um velho hábito meu.

Nunca falei exceto no silêncio total. Vocês sabem, por anos vocês me ouviram. Vocês conhecem o silêncio da Sala Buda. Apenas naquele silêncio... a frase do seu inglês é muito significativa: que o silêncio é tão profundo que vocês podem ouvir até uma agulha caindo no chão. Também conheço, mas sou simplesmente acostumado com o silêncio.

No outro dia, quando deixei a sala, vocês não pareciam muito felizes. Naquele mesmo dia, posteriormente, senti-me mal, aquilo realmente me machucou. Eu nunca quis de maneira alguma machucá-los, é apenas meu velho hábito, e vocês não podem mais me ensinar novos truques. Fui para além da possibilidade de ser ensinado.

Quando vim para a América comecei a dirigir novamente e ao sentarem-se comigo no carro as pessoas sentem-se irritadas de vez em quando. Não sou um motorista, muito menos um bom motorista – então naturalmente eu fazia tudo que era errado. Embora elas tentassem não interferir, eu podia entender a dificuldade delas. Elas mantinham-se controladas. Eu estava dirigindo e elas controlavam-se – era uma grande cena. Mas ainda assim, de vez em quando, elas esqueciam-se e começavam a falar para mim algo que estava quase sempre certo. Sobre isso não tenho nada a dizer. Mas certo ou errado não importa – quando estou dirigindo, estou dirigindo. Se vou errado então vou errado. Quanto tempo elas podiam controlar-se? Era perigoso, e elas não se preocupavam com as suas próprias vidas. Elas se preocupavam com a minha vida, mas o que posso fazer? Eu podia simplesmente declarar o fato que, se estou dirigindo errado, eu continuaria fazendo-o. Particularmente naquele momento eu não queria ser ensinado. Não era nenhum egoísmo.

Sou simples assim. Vocês podem sempre me falar onde estou errando, e estou aberto para ouvir. Mas quando estou fazendo algo, odeio interferências. Mesmo que a intenção seja boa, não a quero nem que seja para o meu próprio bem. Prefiro morrer dirigindo errado do que ser salvo pelo conselho de alguém. É assim que sou e é muito tarde para mudar.

Vocês ficarão surpresos em saber que sempre foi muito tarde. Mesmo quando eu era apenas uma criança já era muito tarde. Só posso fazer algo da forma que eu quiser fazê-la; certo e errado são irrelevantes. Se dá certo, bom; se não dá certo, excelente.

Às vezes posso ser duro com vocês, mas não quero ser. É apenas um velho hábito de mais de trinta anos de ensinamento no total silêncio. Não posso esquecê-lo.

Eu estava apenas fazendo uma observação, e vou discuti-la amanhã. A observação é que não sou contra abandonar a roda, mas sou contra ser obcecado por pará-la. Ela para por si só, mas você não pode pará-la. Ela pode parar apenas quando você faz outra coisa. Esta outra coisa, chamo-a de meditação.

Sessão 19

Ok. Eu disse “ok” um pouco antes, somente porque eu estava ficando afetado por sua preocupação. Pelo menos no início não fique preocupado; no início deixe-me falar. Se você está preocupado, obviamente eu direi “ok”, mas isso não será um ok de maneira alguma.

Depois da morte do meu avô fiquei novamente longe da minha Nani, mas logo retornei para a vila do meu pai. Não que eu quisesse – foi apenas como esse “ok” que eu disse no início... não que eu quisesse dizer “ok”, mas até mesmo eu não posso ignorar a preocupação dos outros, e os meus pais não me deixariam ir para a casa do meu falecido avô. A minha avó ela própria não queria ir comigo, e sendo uma criança de apenas sete anos, eu não podia ver nenhum futuro nisso.

Repetidas vezes eu me imaginava voltando para a velha casa, sozinho no carro de boi... Bhoora falando com os bois. Ele pelo menos teria algum tipo de companhia. Eu estaria a sós dentro do carro de boi, apenas pensando no futuro. O que eu faria lá? Sim, os meus cavalos estariam lá, mas quem iria alimentá-los? De fato, quem iria me alimentar? Nunca aprendi nem mesmo a arte de fazer uma simples xícara de chá.

Um dia Gudia saiu para um feriado e Chetana estava fazendo o seu dever aqui, servindo-me. De manhã, quando acordei, apertei o botão para o meu chá. Chetana o trouxe e colocou a xícara do lado da cama, então foi ao banheiro preparar a minha toalha e escova de dentes, e tudo o que eu precisava. Enquanto isso, pela primeira vez em dez anos – é preciso aprender pequenas coisas – tentei pegar a xícara do chão, e ela caiu!

Chetana veio correndo, naturalmente, com medo. Eu disse, “Não se preocupe – foi minha responsabilidade. Eu não deveria ter feito isso. Nunca precisei pegar a minha xícara do chão. Gudia tem me mimado por anos. Agora você não pode me desamimar em apenas um dia.”

Tive muitos anos de mimo. Sim, chamo-o de mimo porque eles nunca me permitiram fazer algo eu mesmo. A minha avó era maior do que Gudia pode conceber: ela até escovava os meus dentes! Eu falava para ela, “Nani, posso escovar os meus próprios dentes.”

Ela diria, “Fique quieto, Raja! Fique quieto. Não me perturbe quando estou fazendo algo.”

Eu balançava minha cabeça e falava, “Essa é boa! Você está fazendo algo comigo; não posso nem dizer a você que posso fazê-lo eu mesmo.”

Não posso me lembrar de uma única coisa que eu precisava fazer, exceto ser eu mesmo – e isso significava a fonte de todas as travessuras. Porque quando você não exige que uma criança faça nada ela tem tanta energia, ela tem que investi-la em algum lugar – certo ou errado, não importa. O que importa é o

investimento, e a travessura é o investimento mais agradável possível. Então eu fazia todos os tipos de travessuras com todo mundo do entorno.

Eu costumava carregar uma pequena maleta igual a dos doutores. Uma vez vi um doutor passando pela vila e disse para minha Nani, “A menos que eu consiga aquela maleta não comerei!” De onde eu tirei a ideia de não comer? Eu tinha visto o meu avô não comer por dias, particularmente na estação chuvosa quando os jainas têm o seu festival; os mais ortodoxos não comem nada por dez dias. Foi por isso que disse, “Não comerei a menos que eu consiga aquela maleta.”

Vocês sabem o que ela fez? É por isso que ainda a amo. Ela disse a Bhoora, “Pegue a sua arma e corra atrás daquele doutor e roube a sua maleta. Mesmo se você tiver que atirar no homem, pegue a sua maleta. Não se preocupe, vamos cuidar de você no tribunal.”

Bhoora correu com a sua arma; eu corri atrás para ver o que aconteceria. Vendo Bhoora com sua arma – um europeu com uma arma na Índia daqueles dias era a última coisa que alguém queria ver – o doutor começou a tremer como uma folha em um vento forte. Bhoora disse-lhe, “Não é preciso tremer; apenas passe a sua maleta e vá para o inferno, ou qualquer lugar que queira ir.” O doutor, ainda tremendo, passou a sua maleta. Não sei como você chama essa maleta de doutor, Devaraj. É uma maleta ou algo do tipo? A maleta de um doutor? Devageet, como você a chama?

“Uma mala de visita, talvez?”

Uma mala de visita? Ela não parece com uma mala. Devaraj, você pode sugerir um nome? Uma mala de visita? Ok... você pode encontrar uma palavra melhor?

“A maleta original era chamada de maleta Gladstone. Esta era a maleta preta original.”

O que é isso? Uma maleta Gladstone? Sim, era isso o que eu estava pensando e não podia me lembrar – é claro, uma maleta Gladstone. Bom, mas ainda não gosto desse nome para a maleta. Continuarei a chamá-la de maleta de doutor, embora eu saiba que não é uma maleta. Não importa; a esta altura todo mundo entendeu o que eu quis dizer.

Observando o doutor tremer vi, pela primeira vez, que toda educação era inútil. Se ela não pode torná-lo destemido então para que serve? Apenas para ganhar o pão de cada dia você tremerá? Você será uma maleta cheia de pão e manteiga, tremendo. Isso é maravilhoso. Isso de repente me faz lembrar do Doutor Eichling.

Ouvi dizer – é apenas uma fofoca e amo fofocas mais do que os evangelhos*... [NdT. Trocadilho entre gossips/gospels] De qualquer forma esses evangelhos não são nada mais que fofocas contadas erroneamente, sem picância. Ouvi dizer – é assim que os evangelhos de Buda começam, quero dizer, as fofocas de Buda começam. Ouvi dizer – que bela frase! – que a amada do Doutor

Eichling, que, a propósito, eu chamaria Inkling, mas ouvi que seu nome não é Inkling mas Eichling...

Não conheço este homem. Pensei que ele tinha morrido, porque lhe dei sannyas e o chamei de Shunyo. Não sei o que aconteceu com Shunyo ou como o Doutor Eichling ressuscitou, mas se Jesus pôde fazê-lo, por que não o Eichling? De qualquer forma, ele ainda está aqui – ou sobreviveu, ou ressuscitou, não é muito significativo qual das opções. A fofoca é que sua amada fugiu com outro sannyasin e se apaixonou por esse novo homem.

Quando eles voltaram o Doutor Eichling teve um “ataque de amor.” Estou surpreso que ele conseguiu, porque para ter um ataque de amor você precisa ter, primeiro, um coração. Um ataque cardíaco não é necessariamente um ataque de amor. Um ataque cardíaco é fisiológico, um ataque de amor é psicológico, da parte mais profunda do coração. Mas antes você tem que ter um coração.

Ora, é impossível o Doutor Eichling ter um ataque cardíaco, ou um ataque de amor. Eles deveriam ter me consultado. É claro que não sou um doutor, mas certamente sou um médico no mesmo sentido que Buda era. Buda costumava chamar a si mesmo de médico, não um filósofo.

Pobre Doutor Eichling... não há nada errado. Quando não há nada ali, como algo pode estar errado? Fisiologicamente ele estava absolutamente em ordem. Psicologicamente o problema ainda existe: a sua amada é agora a amada de outrem. Isso dói – mas onde?

Ninguém sabe onde dói. Nos pulmões? No peito? Era aqui que o Doutor Eichling mostrava a sua dor, no peito. Doutor Eichling, não é no seu peito, é na sua mente, no seu ciúme. E o centro do ciúme certamente não é no peito; de fato, tudo tem o seu centro na mente.

Se vocês forem seguidores de B. F. Skinner, ou Pavlov, o avô ou talvez o bisavô de Skinner e contemporâneo de Freud, seu maior oponente também – então ‘mente’ não é a palavra correta; vocês podem ler ‘cérebro’ em seu lugar. Mas o cérebro é apenas o corpo da mente, o mecanismo através do qual a mente funciona. Quer você chame-o de mente ou cérebro não importa; o que importa é que tudo tem o seu centro ali.

Doutor Eichling – não posso chamá-lo de Shunyo porque na frente do seu escritório em Madras, em sua placa ele escreveu “Escritório do Doutor Eichling.” Se você lhe telefonar, a sua assistente diz, “O Doutor Eichling? Ele não está disponível. Ele está em uma reunião.” Vou chamá-lo novamente de Shunyo quando aquela placa desaparecer, e sua estúpida assistente perguntar, “Quem é esse sujeito Eichling? Nós nunca ouvimos falar dele. Sim, certa vez ele esteve aqui, então foi para a Índia e morreu lá. Um sujeito chamado Shunyo retornou em seu lugar.” Chamarei-o de Shunyo apenas quando ele enterrar a sua placa, pular sobre ela e desaparecer.

Mas a história, ou melhor a fofoca, foi apenas para contar a vocês que tudo existe primeiro na mente; somente então no corpo. O corpo é uma extensão da

mente na matéria. O cérebro é o início desta extensão, e o corpo a sua manifestação plena, mas a semente está na mente. A mente carrega não apenas a semente do corpo, mas ela também tem a possibilidade de tornar-se quase qualquer coisa. O seu potencial é infinito. Todo o passado da humanidade está contido em si – e não apenas o passado da humanidade, mas até mesmo o passado pré-humano.

Durante os nove meses no útero materno a criança passa por quase três milhões de anos de evolução... muito rapidamente é claro, como se vocês vissem um filme tão rápido que é difícil vê-lo – apenas vislumbres. Mas em nove meses a criança certamente passa por toda a vida desde o seu início. No início – e não estou citando a Bíblia, estou apenas declarando os fatos da vida de qualquer criança – no início toda criança é um peixe, assim como certa vez toda a vida iniciou-se no oceano. O ser humano ainda carrega a mesma quantidade de sal em seu corpo que a água do mar. A mente do ser humano interpreta o drama repetidamente: todo o drama do nascimento, do peixe ao idoso arquejando o seu último suspiro.

Eu queria voltar à vila, mas era quase impossível reganhar o que havia se perdido. Foi aqui que entendi que é melhor nunca voltar a nada. Desde então estive em muitos locais, mas nunca voltei a nenhum. Uma vez que deixo um local deixo-o para sempre. Aquele episódio da minha infância determinou para sempre um certo padrão, uma estrutura, um sistema. Embora eu quisesse ir, não havia suporte. A minha avó simplesmente disse, “Não, não posso voltar para a vila. Se o meu marido não está lá então por que eu voltaria? Fui para lá apenas por causa dele, não pela vila. Se eu tiver que ir para algum lugar, gostaria de ir para Khajuraho.”

Mas isso também era impossível porque os pais dela estavam mortos. Posteriormente visitei a casa dela, onde ela nasceu. Era apenas uma ruína. Não havia possibilidade de voltar para lá. E Bhoora, que era a única pessoa que estava pronta para voltar, morreu logo depois da morte do seu mestre, apenas vinte e quatro horas depois.

Ninguém estava preparado para ver duas mortes acontecer tão rapidamente, especialmente eu, a quem ambos significavam muito. Bhoora pode ter sido apenas um servo obediente para meu avô, mas para mim ele era um amigo. Na maior parte do tempo estávamos juntos – nos campos, na floresta, no lago, em todos os lugares. Bhoora me seguia como uma sombra, sem interferir, sempre pronto para ajudar, e com um coração tremendo... tão pobre e, entretanto, tão rico, juntos.

Ele nunca me convidou para sua casa. Uma vez perguntei, “Bhoora, por que você nunca me convida para sua casa?”

Ele disse, “Sou tão pobre que embora eu queira convidá-lo, a minha pobreza impede-me. Não quero que você veja aquela casa feia em toda sua sujeira. Nessa vida não serei capaz de convidá-lo. Realmente abandonei a própria ideia.”

Ele era muito pobre. Naquela vila havia duas partes: uma para as castas altas e outra para as pobres, do outro lado do lago. Era lá que Bhoora vivia. Embora eu tenha tentado muitas vezes chegar na sua casa, eu não conseguia, porque ele sempre me seguia como uma sombra. Ele me impedia antes mesmo de eu dar um passo naquela direção.

Até mesmo o meu cavalo costumava ouvi-lo. Quando acontecia deste ir na direção da sua casa, Bhoora dizia, “Não! Não vá.” É claro que ele havia criado o cavalo desde a sua infância; eles entendiam um ao outro, e o cavalo parava. Não havia como fazer com que o cavalo se movesse na direção da casa de Bhoora, ou mesmo na parte mais pobre da vila. Eu sempre a via do outro lado, do lado mais rico, onde os brâmanes e os jainas viviam, e todos aqueles que eram puros por nascimento. Bhoora era um sudra. A palavra ‘sudra’ significa “impuro por nascimento,” e não há como um sudra purificar-se.

Esta é a obra de Manu. É por isso que o condeno e odeio. Denuncio-no e quero que o mundo conheça este homem, Manu, porque a menos que conheçamos essas pessoas nunca seremos capazes de livrarmo-nos delas. Elas continuarão a nos influenciar de alguma forma ou de outra. Qualquer que seja a raça – até mesmo na América, se você é um negro, você é um sudra, um “nigger,” intocável.

Seja você um negro ou um branco, ambos precisam estar familiarizados com a filosofia insana de Manu. Foi Manu que influenciou as duas Guerras Mundiais de uma maneira muito sutil. E talvez ele será a causa da terceira, e última... um homem realmente influente!

Mesmo antes de Dale Carnegie escrever o seu livro, *Como Ganhar Amigos e Influenciar Pessoas*, Manu sabia de todos os segredos. De fato, surge a pergunta de quantos amigos Dale Carnegie teve, e quantas pessoas ele influenciou. Ele certamente não é como Karl Marx, Sigmund Freud, Mahatma Gandhi. E todas essas pessoas não estavam familiarizadas de maneira alguma com a ciência do influenciar pessoas. Elas não precisaram a conhecer, elas a tinham em suas entranhas.

Não acho que nenhum homem influenciou mais a humanidade do que Manu. Até mesmo hoje, você conhecendo o seu nome ou não, ele o influencia. Se você se acha superior apenas porque é branco ou negro, ou apenas porque é um homem ou uma mulher, de alguma forma Manu está puxando as suas cordas. Manu tem que ser absolutamente descartado.

Eu queria dizer outra coisa, mas comecei com um passo errado. A minha Nani era muito insistente: “Sempre desça da cama com o pé direito.” E vocês ficarão surpresos em saber, hoje não segui o conselho dela, e tudo está dando errado. Comecei com um “ok” errado; ora, quando no próprio começo você não está ok, naturalmente, tudo o que se segue torna-se frenético.

Ainda há algum tempo para eu dizer algo certo? Bom. Vamos recomeçar.

Eu queria ir à vila, mas ninguém estava pronto para me apoiar. Eu não concebia como poderia viver lá sozinho, sem o meu avô, a minha avó, ou Bhoora.

Não, não era possível, então eu relutantemente disse, “Ok, ficarei na vila do meu pai.” Mas minha mãe naturalmente queria que eu ficasse com ela e não com a minha avó, que desde o início deixou claro que ficaria na mesma vila, mas separada. Uma pequena casa foi encontrada para ela em um lugar muito bonito próximo ao rio.

A minha mãe insistiu para que eu ficasse com ela. Por mais de sete anos eu não vivia com a minha família. Mas a minha família não era uma coisa pequena, ela se parecia mais com um jumbo – tantas pessoas, todos os tipos de pessoas: meus tios, tias, os seus filhos e os parentes dos tios, e assim por diante.

Na Índia a família não é o mesmo que no Ocidente. No Ocidente a família é somente singular: o marido, a esposa, um, dois ou três filhos. No máximo haverão cinco pessoas na família. Na Índia as pessoas ririam – cinco? Apenas cinco? Na Índia a família é incontável. Há centenas de pessoas. Os convidados vêm para visitar e nunca vão embora, e ninguém diz para eles, “Por favor, está na hora de ir,” porque de fato ninguém sabe quem os convidou.

O pai pensa, “Talvez eles são parentes da minha esposa então é melhor ficar quieto.” A mãe pensa, “talvez eles são parentes do meu marido...” Na Índia é possível entrar em uma casa que você não tem nenhuma relação e se você se mantiver calado, você poderá morar ali para sempre. Ninguém vai pedir para você sair; todos pensarão que alguém o convidou. Você só tem que permanecer quieto e sorrindo.

Era uma família grande. O meu avô – o pai do meu pai – era um homem que nunca gostei muito, para dizer o mínimo. Ele era tão diferente do meu outro avô, o oposto; muito agitado, pronto para pular em alguém a qualquer hora, pronto para aceitar qualquer desculpa para brigar. Ele era um lutador real, com ou sem causa. A própria luta era o seu exercício, e ele estava continuamente lutando. Era raro vê-lo quando não estava brigando com alguém, e, estranhamente, havia pessoas que o amavam também.

O meu pai tinha uma pequena loja de roupas. De vez em quando eu costumava sentar-me ali só para observar as pessoas e ver o que estava acontecendo, e, às vezes era realmente interessante. A coisa mais interessante era quando algumas pessoas perguntavam a meu pai, “Onde está o Baba?” – este era o meu avô. “Queremos negociar com ele, e não com mais ninguém.”

Fiquei intrigado porque o meu pai era tão simples, tão verdadeiro e honesto. Ele diria simplesmente para as pessoas o preço de um item dessa forma: “Este é o meu preço de custo. Agora você decide quanto lucro você quer nos dar. Deixarei para você. Não posso reduzir o preço de custo é claro, mas você pode decidir quanto quer pagar.” Ele diria aos seus clientes, “Vinte rúpias é o preço de custo; você pode me dar uma ou duas rúpias a mais. Duas rúpias significa dez por cento de lucro, e isso é o suficiente para mim.”

Mas as pessoas perguntavam, “Onde está o Baba? – porque a menos que ele esteja aqui não há alegria no negócio.” Não pude acreditar no início, mas posteriormente entendi o ponto de vista delas. A alegria da barganha, da compra,

ou – como vocês a chamam – pechincha?*[NdT. ‘*higgling*’. A pronúncia correta é ‘*hagglings*’.]

“Pechincha, Osho.”

Pechincha? Bom. Devia ser uma grande alegria para os clientes, porque se o item era vinte rúpias, meu Baba começaria em cinquenta rúpias e depois de uma longa sessão de pechincha, que ambos haviam desfrutado, eles fechariam em algum lugar próximo a trinta rúpias.

Eu costumava rir; e quando o cliente ia embora o meu Baba costumava dizer-me, “Você não deve rir nesses momentos. Você deve ficar sério, como se fôssemos perder dinheiro. Não podemos perder, é claro,” ele costumava me dizer. “Se a melancia cai na faca, ou a faca cai na melancia, em qualquer caso a melancia é cortada, e não a faca. Então não ria quando você vê que estou cobrando trinta rúpias por uma coisa que poderia ser comprada por apenas vinte rúpias do seu pai. O seu pai é um tolo.”

E é claro que parecia que meu pai era um tolo – o mesmo tipo de tolo de Devageet. Agora cabe a ele alcançar a mesma tolice última que meu pai alcançou. Para os tolos tudo é possível, até mesmo a iluminação. Sim, meu pai era um tolo, e meu Baba era um homem muito esperto, um velho sagaz. No momento que lembro-me dele, ele é como uma raposa. Ele deve ter nascido alguma vez como uma raposa; ele *era* uma raposa.

Tudo que Baba fazia era muito calculado. Ele seria um bom jogador de xadrez porque podia conceber pelo menos cinco passos à frente. Ele é realmente o homem mais esperto que já cruzei. Já vi muitos homens espertos, mas ninguém se compara com o meu Baba. Eu sempre perguntava de onde meu pai retirou a sua simplicidade. Talvez seja a natureza que não permite que as coisas saiam do equilíbrio, então ela deu uma criança muito simples para um homem muito complexo.

Baba era um gênio da esperteza. Toda a vila tremia. Ninguém era capaz de conceber quais eram os seus planos. De fato, ele era um homem tal – e eu próprio observei isso – que quando íamos para um rio, o meu Baba e eu, e alguém perguntava, “Onde você está indo, Baba?” Toda a vila costumava chamá-lo de Baba; Baba significa apenas avô. Nós estávamos indo ao rio, e estava claro para todos onde estávamos indo, mas esse homem, com a sua qualidade diria, “À estação.” Eu olhava para ele, e ele olhava para mim e piscava.

Eu ficava intrigado. Qual era o ponto? Nenhum negócio estava sendo feito e supostamente você não deve mentir sem razão alguma. Quando o homem passava eu perguntava a ele, “Por que você piscou, Baba? E por que você mentiu para aquele homem sem razão? Por que você não pôde dizer ‘Ao rio,’ quando estamos indo ao rio? Ele sabe, todo mundo sabe que essa estrada leva ao rio e não à estação. Você sabe e ainda assim disse, ‘À estação.’”

Ele disse, “Você não entende – é preciso praticar continuamente.”

“Praticar o quê?” perguntei.

Ele disse, “É preciso praticar continuamente o seu negócio. Não posso dizer a verdade porque então, um dia, fazendo negócio, posso simplesmente dizer o preço certo. E isso não é da sua conta; foi por isso que pisquei para você, para que você ficasse quieto. Em relação a mim, estamos indo à estação; se essa estrada leva até lá ou não, não é da conta de ninguém. Mesmo se aquele homem tivesse falado que esta estrada não leva a estação, eu teria dito apenas que irei à estação pelo rio. Cabe a mim. É possível ir a qualquer lugar por qualquer lugar. Pode demorar um pouco mais, isso é tudo.”

Baba era esse tipo de homem. Ele vivia ali com todos os seus filhos, meu pai, seus irmãos e irmãs e seus cônjuges... e não era possível conhecer todas as pessoas que reuniam-se ali. Eu via pessoas chegando e nunca partindo. Não éramos ricos, entretanto havia o suficiente para todos comerem.

Eu não queria entrar nessa família, eu disse a minha mãe, “Ou volto para a vila sozinho – o carro de boi está pronto e sei o caminho; vou chegar lá de alguma maneira. E conheço os aldeões: eles ajudarão a sustentar uma criança. E é apenas uma questão de alguns anos, então repararei-os o máximo que puder. Mas não posso viver nessa família. Isso não é uma família, é um bazar.”

E era um bazar, continuamente zunindo com tantas pessoas, sem espaço algum, nenhum silêncio. Até mesmo se um elefante tivesse saltado naquele lago antigo, ninguém ouviria o *plop*; havia muita coisa acontecendo. Simplesmente recusei, dizendo, “Se eu tiver que ficar, então a única alternativa é viver com a minha Nani.”

A minha mãe ficou ferida, é claro. Sinto muito, porque desde então a tenho ferido repetidas vezes. Não pude evitar. De fato, não fui responsável; a situação era tal que eu não podia viver naquela família depois de muitos anos de liberdade absoluta, silêncio, espaço. De fato, na casa do meu Nana eu era o único que era ouvido. O meu Nana era quase silencioso, cantando o seu mantra, e é claro que a minha avó não tinha ninguém para conversar.

Eu era o único que era sempre ouvido; caso contrário havia silêncio. Depois de anos em tal beatitude, então viver naquela suposta família, cheia de faces não-familiares, tios e seus sogros, primos – era demais! Era impossível distinguir quem era quem! Posteriormente eu costumava pensar que alguém deveria publicar um pequeno folheto sobre a minha família, um *Quem é Quem*.

Quando eu era professor as pessoas costumavam vir até mim e dizer algo como, “Você não me conhece? Sou o irmão da sua mãe.”

Eu olhava para a face do homem, então dizia, “Por favor seja outra pessoa, porque a minha mãe não tem irmãos – isso eu sei sobre a minha família.”

Este homem em particular então falou, “Sim, você está certo. Eu quis dizer que sou realmente um primo.”

Eu disse, “Assim sendo, tudo bem. E então, o que você quer? Quero dizer, quanto você quer? Você deve ter vindo para pegar dinheiro emprestado.”

Ele disse, “Ótimo! Mas é estranho, como você pôde ler a minha mente?”

Eu disse, “É muito fácil. Apenas me diga quanto você quer.”

Ele levou vinte rúpias e eu disse, “Obrigado Deus. Pelo menos perdi um parente. Agora ele nunca mais aparecerá novamente.”

E foi isso o que aconteceu: nunca mais vi a sua cara novamente, em lugar algum. Centenas de pessoas emprestaram dinheiro de mim e ninguém nunca devolveu. Eu ficava feliz que ninguém devolvesse, porque se o fizesse seria apenas para pedir mais.

Eu queria retornar à vila mas não pude. Tive que fazer um acordo apenas para não machucar a minha mãe. Mas sei que a tenho machucado e ferido. Qualquer coisa que ela queria eu nunca fiz; de fato, fiz apenas o oposto. Naturalmente, aos poucos ela me aceitou como alguém que estava perdido para ela.

Acontecia de eu estar sentado justamente na sua frente e ela perguntava, “Você viu alguém por aqui? – porque quero enviar alguém para buscar vegetais no mercado.” O mercado não era longe – a vila era pequena, apenas dois minutos – e ela estava perguntando, “Você viu alguém?”

Eu diria, “Não, não vi ninguém. A casa parece completamente vazia para mim. Estranho, onde foram todos os parentes? Eles sempre desaparecem quando há algum trabalho para ser feito.” Mas ela nunca me pediria para ir buscar vegetais para ela. Ela tentou uma ou duas vezes, e então abandonou a ideia para sempre.

Uma vez ela me mandou comprar bananas, e eu trouxe tomates porque no caminho eu esqueci. Eu tentei; esse foi o problema. Eu repeti para mim mesmo, “Banana... banana... banana...” e então um cão latiu, ou alguém perguntou onde eu estava indo, e continuei dizendo, “Banana... banana... banana...”

Eles disseram, “Ei! Você ficou louco?”

Eu disse, “Fiquem quietos! Não fiquei louco. *Vocês* devem estar loucos. Que absurdo é esse, interrompendo as pessoas que estão silenciosas fazendo os seus trabalhos?” Mas até ali eu já tinha esquecido o que iria comprar, então trouxe qualquer coisa que consegui. Mas tomates era a última coisa a se trazer, porque eles não são permitidos em uma família jaina. Minha mãe bateu na sua cabeça dizendo, “Isso é banana? Quando você entenderá?”

Eu disse, “Meu Deus! Você pediu bananas? Esqueci – desculpe-me.”

Ela disse, “Mesmo se você tivesse esquecido, você não poderia ter trazido outra coisa em vez de tomates? Você sabe que tomates não são permitidos em nossa casa” – porque eles são tão vermelhos, como carne, e em uma casa jaina, mesmo uma similaridade com a carne... apenas a cor vermelha pode fazer você lembrar do sangue ou da carne. Até mesmo um tomate é suficiente para fazer um jaina sentir-se doente.

Pobres tomates! Eles são sujeitos tão simples e tão meditativos. Se você os ver sentados – eles sentam-se exatamente como os monges budistas com suas cabeças raspadas, e eles parecem tão centrados também, como se tivessem feito centramento por toda a vida, tão aterrados... mas os jainas não gostam deles.

Então tive que levar aqueles tomates de volta e distribuí-los aos pedintes. Eles sempre ficavam felizes ao verem-me. Os mendigos eram os únicos a ficarem felizes ao verem-me, porque sempre era uma ocasião que eu era enviado para jogar algo fora da casa. Eu nunca jogava fora, eu dava aos mendigos.

Eu não podia viver na família de acordo com ela. Todo mundo estava procriando; toda mulher estava quase sempre grávida. Sempre que lembro da minha família de repente penso em surtar – embora eu não possa surtar; apenas desfruto a ideia de surtar. Todas as mulheres estavam sempre com uma barriga grande. Uma gravidez terminava, outra começava – e tantas crianças...

“Não,” eu disse a minha mãe, “Sei que te machuca, e sinto muito, mas viverei com a minha avó. Ela é a única que pode entender-me e permitir-me não só amor, mas liberdade também.”

Uma vez perguntei a minha Nani, “Por que você só teve a minha mãe?”

Ela disse, “Que pergunta!”

Eu disse, “...Porque nessa família toda mulher está sempre carregando um volume em sua barriga. Por que você só teve a minha mãe e nenhuma outra criança – pelo menos um irmão para ela?”

Então ela disse algo que não posso esquecer: “Isso foi também por causa do seu Nana. Ele queria uma criança, então fizemos um acordo. Eu falei para ele, ‘Apenas uma criança, então será o seu destino se for um menino ou uma menina’ – porque ele queria um menino.” Ela riu, “E foi bom que nasceu uma menina; caso contrário de onde eu teria você? Sim, foi bom,” ela disse, “que não dei à luz a nenhuma outra criança; caso contrário você também não gostaria desse local. Teria muita gente.”

Permaneci na vila do meu pai onze anos e fui forçado quase que violentamente a ir para a escola. E não era um negócio de um dia, era uma rotina de todos os dias. Toda manhã eu era forçado a ir para a escola. Um dos meus tios, ou qualquer pessoa, me levava até lá, esperava do lado de fora até que o professor tivesse tomado posse de mim – como se eu fosse um pedaço de propriedade a ser passado de uma mão para outra, ou um prisioneiro passando de uma mão para a outra. Mas é isso o que a educação ainda é: um fenômeno forçado e violento.

Toda geração tenta corromper a nova geração. É um certo tipo de estupro, um estupro espiritual – e, naturalmente, os pais são mais poderosos, fortes e maiores, e podem forçar a criança pequena. Fui um rebelde desde o primeiro dia que fui levado para a escola. No momento que vi os portões perguntei para o meu pai, “É uma prisão ou uma escola?”

Meu pai disse, “Que pergunta! É uma escola. Não tenha medo.”

Eu disse, “Não tenho medo, estou simplesmente investigando qual atitude devo tomar. Qual a necessidade desse portão grande?”

O portão era fechado quando todas as crianças, os prisioneiros, entravam. Só era aberto novamente à tarde quando as crianças eram liberadas para a noite. Ainda posso ver aquele portão. Ainda posso ver-me com meu pai pronto para registrar-me naquela escola feia.

A escola era feia, mas o portão era ainda mais feio. Ele era grande e era chamado de “Portão do Elefante,” *Hathi Dwar*. Um elefante podia passar através dele, ele era tão grande. Talvez ele seria bom para os elefantes de um circo – e era um circo – mas para crianças pequenas ele era muito grande.

Terei que contar muitas coisas para vocês sobre esses nove anos...



O PORTÃO DO ELEFANTE COM A ESCOLA PRIMÁRIA AO FUNDO

Sessão 20

Espere pelo meu “Ok...”

Estou em frente ao Portão do Elefante da minha escola primária... e aquele portão iniciou muitas coisas na minha vida. Eu não estava sozinho é claro; o meu pai estava comigo. Ele veio para inscrever-me na escola. Olhei para os portões altos e lhe disse, “Não.”

Ainda posso ouvir esta palavra. Uma criança pequena que perdeu tudo... Posso ver na face da criança um ponto de interrogação conforme ela se pergunta o que irá acontecer.

Fiquei olhando para os portões, e o meu pai me perguntou, “Você está impressionado por esse portão grande?”

Agora tomo a história em minhas próprias mãos:

Eu disse para o meu pai, “Não.” Esta foi a minha primeira palavra antes de entrar na escola primária, e vocês ficarão surpresos, ela também foi a minha última palavra ao deixar a universidade. No primeiro caso, o meu pai estava comigo. Ele não era muito velho, mas para mim, uma criança pequena, ele era velho. No segundo caso, um homem realmente muito velho estava do meu lado, e nós estávamos novamente na frente de um portão ainda maior.

O velho portão da universidade foi desmontado para sempre, mas ele permanece em minha memória. Ainda posso vê-lo – o velho portão, não o novo; não tenho relacionamento com o novo – e ao vê-lo choro, porque o velho portão era realmente grande, simples, mas grande. O novo é apenas feio. Talvez seja moderno, mas toda a arte moderna retomou à feiura, apenas porque esta foi rejeitada por séculos. Talvez retomar à feiura é um passo revolucionário. Mas a revolução, quando feia, não é revolução de maneira alguma, é apenas reação. Vi o portão novo apenas uma vez. Desde então passei por aquela estrada muitas vezes, mas sempre fecho os meus olhos. Com os olhos fechados posso ver novamente o velho portão.

O velho portão da universidade era ruim, realmente ruim. Ele foi feito quando a universidade estava apenas começando e eles não foram capazes de criar uma estrutura monumental. Todos nós vivíamos em barracas militares, porque a universidade começou tão de repente que não houve tempo para fazer abrigos ou bibliotecas. Eram apenas barracas militares abandonadas. Mas o local era belo, situado em uma pequena colina.

Os militares o abandonaram porque ele só foi significativo durante a Segunda Guerra Mundial. Ele estava em uma altitude necessária para o radar deles, para procurar pelo inimigo. Agora não havia mais necessidade, então eles o abandonaram. Foi uma bênção, pelo menos para mim, porque eu não seria capaz de ler e estudar em nenhuma outra universidade além dessa.

O seu nome era Universidade de Sagar. *Sagar* significa “oceano.” Sagar tinha um lago tremendamente belo, tão grande que não era chamado de lago, mas Sagar, um oceano. Ele realmente parecia um oceano, com ondas que se elevavam sobre si. Não é possível acreditar que é apenas um lago. Eu vi apenas dois lagos com ondas tão grandes. Não que eu tenha visto apenas dois lagos; vi muitos. Vi os mais belos lagos da Caxemira, dos Himalaias, Darjeeling, Nainital, e muitos outros no sul da Índia, nas Colinas Nandi, mas vi apenas dois com ondas que se assemelham ao oceano: o lago de Sagar e o lago de Bhopal.

Comparado com o lago de Bhopal, é claro que o lago de Sagar é pequeno. O lago de Bhopal é, talvez, o maior lago de todo o mundo. Neste lago vi ondas que só podem ser descritas como ondas de maré, elevando-se possivelmente a três ou quatro metros de altura. Nenhum outro lago pode reivindicar isso. Ele é tão vasto. Uma vez tentei navegar em seu entorno com um barco, e isso levou dezessete dias. Eu ia o mais rápido que vocês podem imaginar – mais do que isso, porque não havia policiais em volta, e nenhum limite de velocidade. Quando terminei a excursão eu simplesmente disse para mim mesmo, “Meu Deus, que lago belo!” E ele era muito profundo.

O mesmo é verdadeiro em uma escala menor em relação ao lago de Sagar. Mas, em outro sentido, ele tem uma beleza que o lago de Bhopal não possui. Ele é cercado por belas montanhas, não tão vastas, mas tremendamente belas... particularmente de manhã no nascer do sol e à tarde no pôr do sol. E se for uma noite de lua cheia você realmente saberá o que é a beleza. Em um pequeno bote naquele lago, em uma noite de lua cheia, uma pessoa simplesmente sente que nada mais é necessário.

É um local belo... mas ainda me sinto mal porque o velho portão não está mais lá. Ele deveria ser desmontado. Estou perfeitamente consciente disso, não somente agora; mesmo naquela época todo mundo tinha consciência que ele precisaria ser desmontado. Ele era apenas temporário, feito apenas para inaugurar a universidade.

Este era o segundo portão, lembro-me. Quando deixei a universidade eu estava ao lado do portão com o meu velho professor, Sri Krishna Saxena. O pobre homem morreu há apenas alguns anos atrás, e ele enviou uma mensagem dizendo que queria ver-me. Eu amaria vê-lo, mas agora nada pode ser feito a menos que ele renasça rápido, e como um sannyasin, para que possa alcançar-me. Eu o reconheceria imediatamente, isso posso prometer.

Ele era um homem de qualidades excepcionais. Ele foi o único professor entre todos os que cruzei – professores, palestrantes, leitores etc – ele foi o único capaz de entender que tinha um estudante que deveria ser seu mestre.

Ele estava ao lado do portão persuadindo-me a não deixar a universidade. Ele dizia, “Você não deve partir, particularmente quando a universidade te deu uma bolsa de estudos de PhD. Você não deve perder essa oportunidade.” Ele tentava de milhares de maneiras dizer-me que eu era seu estudante mais amado. Ele disse, “Tive muitos estudantes no mundo inteiro, particularmente na

América” – porque ele ensinava na América a maior parte do tempo – “mas posso dizer,” ele me disse, “Eu não me preocuparia em convencer nenhum deles a permanecer. Por que me preocuparia? – não tinha nada a ver comigo, era o futuro deles. Mas em relação a você” – e lembro-me das suas palavras com lágrimas em meus olhos – “em relação a você, é o meu futuro.” Não posso esquecer as suas palavras. Permitam-me repeti-las. Ele disse, “O futuro daqueles outros estudantes depende deles; o seu futuro é o meu futuro.”

Eu disse a ele, “Por quê? Por que o meu futuro deve ser o seu futuro?”

Ele disse, “Essa é uma coisa que é melhor eu não falar com você,” e começou a chorar.

Eu disse, “Entendo. Por favor não chore. Mas não posso ser persuadido a fazer nada contra a minha própria mente, e está definido em uma dimensão totalmente diferente. Sinto muito desapontá-lo. Sei perfeitamente bem o quanto você esperou, quão feliz você ficou por eu ter superado toda a universidade. Eu o vi, como uma criança, tão feliz por causa da medalha de ouro que nem foi dada a você, mas a mim.”

Eu não dava a mínima para aquela medalha de ouro. Joguei-a em um poço muito fundo, tão fundo que não penso que ninguém a encontrará novamente; e o fiz na frente do Doutor Sri Krishna Saxena.

Ele disse, “O que você está fazendo? O que você fez?” – porque eu já a havia jogado no poço. E ele estava tão feliz que fui escolhido para uma bolsa de estudos. Era por um período indefinido, de dois a cinco anos.

Ele disse, “Por favor, reconsidere.”

O primeiro portão era o do Elefante, e eu estava com meu pai não querendo entrar. E o último portão também era um Portão do Elefante, e eu estava com meu velho professor, não querendo entrar novamente. Uma vez era o suficiente; duas vezes seriam demais.

O argumento que se iniciou no primeiro portão durou até o segundo. O não que falei para o meu pai foi o mesmo não que falei para o meu professor, que era realmente um pai para mim. Posso sentir a sua qualidade. Ele se preocupava tanto comigo quanto o meu pai, ou talvez ainda mais. Quando eu estava doente ele não conseguia dormir; ele se sentava do lado da minha cama a noite toda. Eu dizia para ele, “Você está velho, doutor” – eu costumava chamá-lo de doutor – “por favor vá dormir.”

Ele diria, “Não vou dormir a menos que você prometa que até amanhã você estará perfeitamente bem.”

E eu tinha que prometer – como se estar doente ou não dependesse da minha promessa. Mas de alguma forma, uma vez que havia lhe prometido, isso funcionava. É por isso que digo que há algo como a mágica no mundo.

Aquele ‘não’ tornou-se o meu tom, a própria matéria de toda a minha existência. Eu disse para o meu pai, “Não, não quero entrar por esse portão. Isso

não é uma escola, é uma prisão.” O próprio portão, e a cor do edifício... É estranho, particularmente na Índia, as prisões e as escolas são pintadas da mesma cor e ambas são feitas de tijolos vermelhos. É muito difícil saber se o edifício é uma prisão ou uma escola. Talvez um piadista prático conseguiu fazer uma piada, mas ele a fez perfeitamente.

Eu disse, “Olhe para essa escola – você chama isso de escola? Olhe para esse portão! E você está aqui para forçar-me a entrar por pelo menos quatro anos.” Assim começou um diálogo que durou vários anos; e vocês cruzarão com ele muitas vezes, porque ele entrecruza-se com a história.

O meu pai disse, “Sempre tive medo...” e estávamos no portão, do lado de fora é claro, porque eu ainda não havia permitido que ele me levasse para dentro. Ele prosseguiu “...sempre tive medo que seu avô, e particularmente essa mulher, a sua avó, fossem te mimar.”

Eu disse, “A sua desconfiança, ou medo, estava certo, mas o trabalho foi feito e ninguém pode desfazê-lo agora, então por favor vamos para casa.”

Ele disse, “O quê? Você tem que ser educado.”

Eu disse, “Que tipo de início é esse? Não tenho nem a liberdade de dizer sim ou não. Você o chama de educação? Mas se você quiser, por favor não me pergunte: aqui está a minha mão, arraste-me para dentro. Pelo menos terei a satisfação de nunca ter entrado nessa instituição feia por mim mesmo. Por favor, pelo menos faça-me esse favor.”

É claro que meu pai estava ficando muito chateado, então ele me arrastou para dentro. Embora fosse um homem muito simples ele imediatamente entendeu que aquilo não era certo. Ele disse para mim, “Embora eu seja seu pai, não parece certo eu arrastar-te para dentro.”

Eu disse, “Não se sinta culpado de maneira alguma. O que você fez está perfeitamente certo, porque a menos que alguém me arrastasse para dentro eu não entraria de acordo com a minha própria decisão. A minha decisão é ‘não.’ Você pode impor a sua decisão a mim porque tenho que depender de você em relação à alimentação, vestes, abrigo e tudo. Naturalmente você está em uma posição privilegiada.”

Que entrada! – sendo arrastado para a escola. O meu pai nunca se perdoou. No dia em que ele tomou sannyas, vocês sabem a primeira coisa que ele disse para mim? “Desculpe-me, porque fiz tantas coisas erradas para você. Foram tantas que nem posso contá-las, e devem existir outras que nem tenho conhecimento. Apenas me perdoe.”

A entrada na escola foi o início de uma nova vida. Por anos vivi como um animal selvagem. Sim, não posso dizer um ser humano selvagem, porque não existem seres humanos selvagens.

Apenas raramente um ser humano se torna um ser humano selvagem. Sou um agora; Buda foi um, Zaratustra também, Jesus. Mas, naquela época era

perfeitamente verdadeiro dizer que vivi por anos como um animal selvagem. Mas isso é muito superior a Adolf Hitler, Benito Mussolini, Napoleão, ou Alexandre o Grande. Estou apenas nomeando os piores – piores no sentido em que eles pensavam ser os mais civilizados.

Alexandre o Grande pensava ser o homem mais civilizado de seu tempo, é claro. Adolf Hitler, em sua autobiografia, *Minha Luta...* não sei como os alemães pronunciam o título – tudo que posso lembrar é, *Mein Kampf*. Deve estar errado, deve estar. Em primeiro lugar está em alemão: M-e-i-n K-a-m-p-f. Qualquer que seja a pronúncia, não importa para mim.

O que importa para mim é que em seu livro ele tenta provar que alcançou o *status* de “super-homem” que o ser humano havia sido preparado por milhares de anos. E o partido de Hitler, os Nazistas, e a sua raça, os Arianos Nórdicos, seriam “governantes do mundo,” e esse governo duraria mil anos! Apenas a fala de um louco – mas um louco muito poderoso. Quando ele falava você tinha que ouvir, até mesmo o seu disparate. Ele pensava ser o único ariano real, e os nórdicos eram a única raça de sangue puro. Mas ele estava vendo um sonho.

O homem raramente torna-se um super-homem, e a palavra ‘super’ não tem nada a ver com ‘superior’. O verdadeiro super-homem é aquele que está consciente de todos os seus atos, pensamentos e sentimentos, de tudo aquilo que ele é feito – de amor, de vida, de morte.

Um grande diálogo começou com o meu pai naquele dia, e continuou intermitentemente, terminando apenas quando ele se tornou um sannyasin. Depois disso não houve qualquer argumento, ele se rendeu. No dia em que tomou sannyas ele estava chorando e segurando o meu pé. Eu estava de pé, e vocês não podem acreditar... como um *flash*, a velha escola, o Portão do Elefante, a pequena criança resistindo, despreparada para entrar, e meu pai me puxando – tudo passou como um *flash*. Eu sorri.

Meu pai perguntou, “Por que você está sorrindo?”

Eu disse, “Só estou feliz que um conflito finalmente acabou.”

Mas era isso o que estava acontecendo. Meu pai me arrastou; nunca fui para a escola de bom grado.

Devageet, umidifique os meus lábios...

Estou feliz que fui arrastado para dentro, que nunca fui por mim mesmo, consentindo. A escola era realmente feia – todas as escolas são feias, de fato. É bom criar uma situação para que as crianças aprendam, mas não é bom as educar. A educação está fadada a ser feia.

E qual foi a primeira coisa que vi na escola? A primeira coisa foi o encontro com o professor da minha primeira classe. Vi pessoas belas e feias, mas nunca vi *algo* como aquilo novamente! – Enfatize algo; não posso chamar aquele algo de alguém. Ele não parecia um homem. Eu olhava para o meu pai e dizia, “Foi para isso que você me arrastou?”

O meu pai disse, “Fique quieto!” Em voz baixa, para que a “coisa” não ouvisse. Ele era o mestre, e ele me ensinaria.

Eu não podia nem olhar para o homem. Deus deve ter criado a sua face com uma tremenda pressa. Talvez a sua bexiga estava cheia, e apenas para terminar o trabalho ele fez esse homem e então correu para o banheiro. Que homem ele criou! Ele tinha apenas um olho, e um nariz torto. Aquele único olho era o suficiente! Mas o nariz torto realmente adicionava uma feiura muito grande à face. E ele era enorme! – dois metros de altura – e devia pesar no mínimo cento e oitenta quilos, não menos que isso.

Devaraj, como essas pessoas desafiam à pesquisa médica? Cento e oitenta quilos, e ele sempre estava saudável. Ele nunca tirou um dia de folga, nunca foi a um médico. Toda a cidade dizia que esse homem era feito de aço. Talvez sim, mas não de um aço bom – estava mais para arame farpado! Ele era tão feio que não quero falar nada sobre ele, embora eu tenha que dizer algumas coisas, mas pelo menos não sobre ele diretamente.

Ele foi meu primeiro mestre, quero dizer professor. Porque na Índia os professores de escola são chamados “mestres”; é por isso que disse que ele foi meu primeiro mestre. Até mesmo hoje, se eu visse aquele homem certamente começaria a tremer. Ele não era um homem de maneira alguma, ele era um cavalo!

Eu disse para o meu pai, “Primeiro olhe para esse homem antes de você assinar.”

Ele disse, “O que há de errado nele? Ele foi meu professor, ele foi professor do meu pai – ele tem ensinado aqui por gerações.”

Sim, isso era verdade. Era por isso que ninguém podia reclamar dele. Se você reclamava o seu pai diria, “Não posso fazer nada, ele foi meu professor também. Se eu for reclamar com ele, ele pode até punir a mim.”

Então o meu pai disse, “Nada está errado com ele, ele é decente.” Então meu pai assinou os papéis.

Eu então disse ao meu pai, “Você está assinando os seus próprios problemas, então não me culpe.”

Ele disse, “Você é um menino estranho.”

Eu disse, “Certamente somos estranhos um ao outro. Vivi longe de você por tantos anos, fiquei amigo das mangueiras, dos pinheiros e das montanhas, dos oceanos e dos rios. Não sou um mercador, e você é. O dinheiro significa tudo para você; não posso nem o contar.”

Até mesmo hoje... não toco em dinheiro há anos. A ocasião nunca se apresentou. Isso me ajudou tremendamente porque não sei como as coisas funcionam no mundo da economia. Sigo meu próprio caminho; eles têm que me seguir. Não os sigo, não posso.

Eu disse ao meu pai, “Você entende de dinheiro, e eu não. As nossas linguagens são diferentes; e lembre-se, você me impediu de voltar à vila, então agora se houver conflito, não me culpe. Entendo algo que você não entende, e você entende algo que não entendo nem quero. Nós somos incompatíveis. Dada, não somos feitos um para o outro.”

E levou praticamente toda a sua vida para cobrir a distância entre nós, mas é claro, foi ele que teve que viajar. É isso o que quero dizer quando digo que sou teimoso. Não posso ceder nem mesmo um centímetro, e tudo começou no Portão do Elefante.

O primeiro professor – não sei seu nome real, e ninguém na escola o sabia também, particularmente as crianças; elas simplesmente o chamavam de Mestre Kantar. *Kantar* significa “caolho”; isso era o suficiente para as crianças, e também era uma condenação do homem. Em hindi *kantar* não significa apenas “caolho,” *kantar* também é utilizado como uma maldição. Não pode ser traduzido desta forma porque a nuance é perdida na tradução. Então todos nós o chamávamos de Mestre Kantar em sua presença, e quando ele não estava nós o chamávamos apenas de Kantar – aquele sujeito caolho.

Ele não era apenas feio; tudo o que ele fazia era feio. E, é claro, no meu primeiro dia alguma coisa deveria acontecer. Ele costumava punir as crianças cruelmente. Nunca vi ou ouvi falar de outra pessoa fazendo essas coisas às crianças. Eu conhecia muitas pessoas que tinham deixado a escola por causa desse sujeito, e elas permaneceram analfabetas. Ele era demais. Vocês não acreditam o que ele costumava fazer, ou que algum homem pode fazer isso. Explicarei para vocês o que aconteceu comigo naquele primeiro dia – e muito mais se seguiria.

Ele estava ensinando aritmética. Eu sabia um pouco porque minha avó costumava ensinar-me em casa – particularmente linguagem e aritmética. Então eu estava olhando pela janela uma bela árvore pipal brilhando no sol. Não há outra árvore que brilha tão lindamente no sol, porque cada folha dança separadamente, e toda a árvore torna-se quase um coro – milhares de dançarinas e cantoras brilhando juntas, mas também independentes.

A árvore pipal é uma árvore muito estranha porque todas as outras árvores inalam dióxido de carbono e exalam oxigênio durante o dia... O que quer que seja vocês podem falar corretamente, porque vocês sabem que não sou uma árvore, nem um químico ou um cientista. Mas a árvore pipal exala oxigênio vinte e quatro horas por dia. Você pode dormir sob uma árvore pipal, e não sob nenhuma outra porque elas são perigosas à saúde. Eu olhava para a árvore com as suas folhas dançando na brisa, e o sol brilhando em cada folha, e centenas de papagaios pulando de um galho a outro, desfrutando, sem nenhuma razão. Ai de mim, eles não tinham que ir para a escola.

Eu estava olhando pela janela e o Mestre Kantar gritou comigo.

Ele disse, “É melhor fazer as coisas certas desde o início.”

Eu disse, “Concordo absolutamente com isso. Também quero colocar tudo em seu devido lugar desde o início.”

Ele disse, “Por que você está olhando pela janela quando estou ensinando aritmética?”

Eu disse, “A aritmética tem que ser ouvida, não vista. Não tenho que ver a sua bela face. Eu estava olhando pela janela para evitá-la. No que diz respeito à aritmética, você pode perguntar-me; Ouvi e sei.”

Ele me fez uma pergunta, e aquilo foi o início de um problema muito longo – não para mim, mas para ele. O problema foi que respondi corretamente. Ele não podia acreditá-lo e falou, “Você estando certo ou errado ainda assim vou puni-lo, porque não está certo olhar pela janela quando o professor está ensinando.”

Fui chamado à sua frente. Eu tinha ouvido falar sobre suas técnicas de punição – ele era um homem como o Marques de Sade. Da sua mesa ele retirou uma caixa de lápis. Ele costumava colocar um lápis entre cada um dos seus dedos, e então apertava as suas mãos com força, dizendo, “Você quer um pouco mais? Você precisa de mais?” – a crianças pequenas! Ele certamente era um fascista. Estou fazendo essa declaração para que ela fique pelo menos registrada: as pessoas que escolhem ser professores têm algo de errado. Talvez seja o desejo de dominar ou um desejo por poder; talvez todas elas sejam um pouco fascistas.

Eu olhei para os lápis e disse, “Ouvi falar desses lápis, mas antes de você os colocar entre os meus dedos, lembre-se, isso vai te custar muito, talvez até mesmo o seu trabalho.”

Ele riu. Posso dizer a vocês que era como um monstro em um pesadelo rindo. Ele disse, “Quem pode me impedir?”

Eu disse, “Esse não é o ponto. Quero perguntar: é ilegal olhar pela janela quando a aritmética está sendo ensinada? E se fui capaz de responder às questões sobre o que foi ensinado e fui capaz de repeti-las palavra por palavra, então está errado olhar pela janela? Então por que as janelas foram criadas nessa sala de aula? Para que propósito? – porque o dia inteiro alguém está ensinando algo, e uma janela não é necessária à noite quando não há ninguém para olhar por ela.”

Ele disse, “Você é um encenqueiro.”

Eu disse, “Isso é verdade, e eu vou até o diretor saber se é legítimo você me punir mesmo quando lhe respondi corretamente.”

Ele tornou-se um pouco mais suave. Fiquei surpreso porque ouvi que ele não era um homem que poderia ser subjugado de maneira alguma.

Então eu disse, “E então vou ao presidente do comitê municipal que opera essa escola. Amanhã virei com um comissário de polícia para que ele possa ver com seus próprios olhos que tipos de práticas ocorrem aqui.”

Ele tremeu. Não era visível para os outros, mas posso ver essas coisas que as outras pessoas podem perder. Posso não ver paredes, mas não posso perder

coisas pequenas, quase microscópicas. Eu lhe disse, “Você está tremendo, embora não seja capaz de o aceitar. Mas veremos. Primeiro deixe-me ir ao diretor.”

Fui ao diretor e disse, “Eu sei que esse homem tortura crianças. Isso é ilegal, mas não posso falar nada a respeito porque ele é o professor mais velho da vila, e praticamente todos os pais e avôs foram seus pupilos. Então ninguém pode levantar um dedo contra ele.”

Eu disse, “Eu não ligo. O meu pai foi seu estudante e o meu avô também. Não ligo para o meu pai ou meu avô; de fato, realmente não pertencço a essa família. Eu tenho vivido longe deles. Sou um estrangeiro aqui.”

O diretor disse, “Pude ver imediatamente que você deve ser um estranho, mas, meu garoto, não entre em problemas desnecessários. Ele irá torturá-lo.”

Eu disse, “Não é fácil. Que esse seja o início da minha luta contra toda a tortura. Eu vou lutar.”

E bati com meus punhos – é claro que os punhos de uma criança pequena – na sua mesa, e falei para ele, “Não ligo para a educação ou qualquer coisa, mas devo ligar para a minha liberdade. Ninguém pode me atormentar desnecessariamente. Você tem que mostrar-me o código educacional. Não posso ler, e você tem que mostrar-me se é ilegal olhar pela janela, mesmo que eu tenha sido capaz de responder todas as questões corretamente.”

Ele disse, “Se você respondeu corretamente, então não importa para onde você estava olhando.”

Eu disse, “Venha comigo.”

Ele veio com seu código educacional, um livro velho que ele sempre carregava. Penso que ninguém nunca o leu. O diretor disse ao mestre Kantar, “É melhor não atormentar esta criança porque parece que isso pode voltar-se contra você. Ela não vai desistir facilmente.”

Mas Kantar Master não era esse tipo de homem. Com medo ele tornou-se ainda mais agressivo e violento. Ele disse, “Vou mostrar a essa criança – você não precisa se preocupar. E quem liga para aquele código? Fui professor aqui a minha vida toda, e essa criança vai ensinar-me o código?”

Eu disse, “Amanhã, ou eu estarei nesse prédio ou você, mas nós dois não podemos existir aqui juntos. Apenas espere até amanhã.”

Corri para casa e contei ao meu pai. Ele disse, “Fiquei preocupado se o matriculei na escola para trazer problemas para os outros e para si mesmo, e também arrastar-me para isso.”

Eu disse, “Não, estou simplesmente reportando para que depois você não diga que não avisei.”

Fui até o comissário de polícia. Ele era um homem amável; Eu não esperava que um policial poderia ser tão simpático. Ele disse, “Ouvi sobre esse

homem. De fato, o meu próprio filho foi torturado por ele. Mas ninguém prestou queixas. É ilegal torturar, mas a menos que você faça a queixa nada pode ser feito, e não posso queixar me eu próprio porque fiquei preocupado dele reprovar o meu filho. Então foi melhor deixá-lo torturando. Era apenas uma questão de alguns meses, então o meu filho estaria em outra classe.”

Eu disse, “Estou aqui para denunciar, e não estou preocupado em ir para outra classe de maneira alguma. Estou pronto para ficar nessa classe por toda a minha vida.”

Ele olhou para mim, me deu um tapinha nas costas e disse, “Aprecio o que você está fazendo. Amanhã vou até lá.”

Então apressei-me para ver o presidente do comitê municipal, que provou-se ser apenas um estrume. Sim, apenas estrume, e nem mesmo seco – tão feio! Ele disse a mim, “Eu sei. Nada pode ser feito em relação a isso. Você terá que viver com isso, você terá que aprender a tolerá-lo.”

Eu lhe disse, e lembro-me exatamente das minhas palavras, “Não vou tolerar nada que é errado de acordo com a minha consciência.”

Ele disse, “Se esse é o caso, não posso ajudar. Vá ao vice-presidente, talvez ele possa ser de mais ajuda.”

E por isso devo agradecer àquele estrume, porque o vice-presidente daquela vila, Shambhu Dube, provou-se ser o único homem de valor em toda aquela vila, na minha experiência. Quando bati em sua porta – eu tinha apenas oito ou nove anos de idade, e ele era o vice-presidente – ele chamou, “Sim, entre.” Ele estava esperando ver um cavalheiro, e ao ver-me ele pareceu um pouco envergonhado.

Eu disse, “Desculpe-me não ser um pouco mais velho – por favor desculpe-me. Ademais, não tenho educação nenhuma, mas tenho que denunciar esse homem, o mestre Kantar.”

No momento em que ouviu a minha história – que esse homem tortura crianças pequenas na primeira série ao colocar lápis entre os seus dedos e então apertá-los, além de colocar alfinetes sob suas unhas, e que era um homem de dois metros, pesando cento e oitenta quilos – ele não podia acreditar.

Ele disse, “Ouvi rumores, mas por que ninguém denunciou?”

Eu disse, “Porque as pessoas têm medo que suas crianças sejam torturadas ainda mais.”

Ele disse, “Você não tem medo?”

Eu disse, “Não, porque estou pronto para reprovar. Isso é tudo o que ele pode fazer.” Eu disse que estava pronto para reprovar e não insistiria no sucesso, mas que lutaria até o fim: “Sou eu ou ele – não podemos ficar ambos no mesmo edifício.”

Shambhu Dube pediu para que eu me aproximasse. Segurando a minha mão ele disse, “Sempre amei pessoas rebeldes, mas nunca pensei que uma criança da sua idade poderia ser rebelde. Parabenizo-o.”

Nós nos tornamos amigos, e essa amizade durou até a sua morte. Aquela vila tinha uma população de vinte mil pessoas, mas na Índia ela ainda era uma vila. Na Índia, a menos que um povoado tenha cem mil habitantes ele não é considerado um povoado. Quando existem mais de um milhão e meio de pessoas então é uma cidade. Durante toda a minha vida nunca cruzei naquela vila com outro ser humano do mesmo calibre, qualidade ou talento de Shambhu Dube. Se vocês me perguntarem, parecerá um exagero, mas de fato, em toda a Índia nunca encontrei outro Shambhu Dube. Ele era raro.

Quando eu estava viajando por toda a Índia ele esperava por meses pela minha visita de apenas um dia pela vila. Ele era a única pessoa que sempre vinha me ver quando o meu trem passava através da vila. É claro que não estou incluindo o meu pai nem a minha mãe; eles tinham que ir. Mas Shambhu Dube não era meu parente. Ele apenas me amava, e esse amor começou naquele encontro, naquele dia quando fui protestar contra o mestre Kantar.

Shambhu Dube era o vice-presidente do comitê municipal, e ele me disse, “Não se preocupe. Aquele sujeito deve ser punido. De fato, o serviço dele acabou. Ele aplicou-se para uma extensão mas nós não lhe daremos. A partir de amanhã você não o verá naquela escola novamente.”

Eu disse, “Isso é uma promessa?”

Ele olhou em cada um dos meus olhos. Ele riu e disse, “Sim, é uma promessa.”

No dia seguinte o mestre Kantar foi embora. Ele nunca mais foi capaz de olhar para mim depois daquilo. Tentei contatá-lo, bati na sua porta muitas vezes apenas para dizer adeus, mas ele era realmente um covarde, uma ovelha sob a pele de um leão. Mas aquele primeiro dia na escola tornou-se o início de muitas, muitas coisas.

Sessão 21

Ok. O homem o qual eu estava falando, o seu nome completo era Pândita Shambhuratan Dube. Todos costumávamos chamá-lo de Shambhu Babu. Ele era um poeta sem avidez por publicar, o que é raro. Isso é muito raro em um poeta. Cruzei com centenas dessa tribo, e eles são todos tão ávidos por serem publicados que a poesia se torna secundária. Chamo qualquer pessoa ambiciosa de ‘política’, e Shambhu Dube não era ambicioso.

Ele também não era um vice-presidente eleito, porque para ser eleito você tinha que pelo menos candidatar-se para a eleição. Ele foi nomeado pelo presidente, que era apenas um estrume sagrado como eu havia dito antes, e ele queria alguns homens com inteligência para fazer seu trabalho. O presidente era um estrume absoluto e ele estava no ofício há anos. Repetidas vezes ele era escolhido pelos outros estrumes.

Na Índia, ser um estrume sagrado é uma grande coisa – você se torna um mahatma. Esse presidente era quase um mahatma, e tão falso como todos o são, caso contrário eles não seriam mahatmas em primeiro lugar. Por que um homem de criatividade e inteligência escolheria ser um estrume? Por que ele teria algum interesse em ser venerado? Não vou nem mencionar o nome do estrume sagrado; ele é sujo. Ele nomeou Shambhu Babu como seu vice-presidente, e penso que essa foi a única coisa boa que fez em toda a sua vida. Talvez ele não sabia o que estava fazendo – estrumes não são pessoas conscientes.

No momento em que Shambhu Babu e eu nos vimos, algo aconteceu: o que Carl Gustav Jung chama “sincronicidade.” Eu era apenas uma criança; não apenas isso, selvagem também. Eu era uma criança da mata, sem educação e sem disciplina. Nós não tínhamos nada em comum. Ele era um homem de poder e muito respeitado pelas pessoas, não porque era um estrume, mas porque era um homem forte, e se você não fosse respeitável com ele, algum dia você sofreria por isso. E sua memória era muito, muito boa. Todos tinham medo dele e por isso o respeitavam, e eu era apenas uma criança.

Aparentemente não havia nada em comum entre nós. Ele era o vice-presidente de toda a vila, o presidente da associação dos advogados, o presidente do Rotary Clube, e assim por diante. Ele era ou o presidente ou o vice-presidente de muitos comitês. Ele estava em todos os lugares, e era um homem bem-educado. Ele tinha o mais alto grau em direito, mas não praticava o direito naquela vila.

Não se preocupem com os demônios barulhentos trabalhando lá fora – afinal todos eles são meus discípulos. Se dou sannyas para demônios o que vocês podem esperar? Tenho coletado todos os discípulos de Belzebu. Este era o nome que Gurdjieff costumava chamar o demônio, Belzebu. Mas eu gostaria de dizer a Gurdjieff que Belzebu está perdendo centenas de discípulos todos os dias. Mas eles estiveram com Belzebu por tanto tempo que aprenderam a sua tecnologia.

Não sou contra a tecnologia, amo-a. É por isso que os discípulos de Belzebu acham fácil tornarem-se meus discípulos, muito fácil, porque eles continuam o mesmo trabalho comigo que costumavam fazer para o feio Belzebu.

Então não se preocupem se eu não estiver preocupado. De fato, todos os barulhos deles dão um pano de fundo belo para o que estou falando para vocês... é claro, um tipo de pano de fundo de Picasso, um pouco semelhante a um pesadelo. Mas, às vezes, os pesadelos podem ser belos, e é possível sentir pena quando terminam. E o que eles estão fazendo pode não soar belo, mas eles estão fazendo o meu trabalho. Naturalmente Belzebu está muito bravo... eles são seus discípulos e estão usando a sua tecnologia para mim.

A ciência é um pouco demoníaca. Vocês são treinados em medicina, então, de uma forma, vocês fazem parte da tecnologia de Belzebu. Perdoem àqueles pobres sujeitos – eles estão fazendo o seu melhor, e, no que diz respeito a mim, quando estou falando nada importa.

Eu estava dizendo – olhe para o pano de fundo, e o silêncio: se alguém conhece, então é possível usar Belzebu como um servo.

Eu estava falando de Shambhu Dube, Shambhu Babu. Ele era um poeta, mas nunca publicou a sua poesia em vida. Ele era um grande escritor de histórias também, e, por acaso, um famoso diretor de cinema familiarizou-se com ele e suas histórias. Agora Shambhu Babu está morto, mas um grande filme foi feito usando uma de suas histórias, *Jhansi ki rani* – “A Rainha de Jhansi.” Ele ganhou muitos prêmios, tanto nacionais quanto internacionais. Infelizmente ele não está vivo. Ele era meu único amigo naquele lugar.

Uma vez que ficou decidido que eu viveria ali... foi planejado para ser apenas sete anos, mas, de fato, morei ali por onze anos. Talvez eles disseram apenas sete anos para persuadir-me a ficar; talvez era a intenção deles desde o início.

Na Índia daqueles dias, a estrutura educacional iniciava-se com quatro anos de educação primária – esta era um fenômeno separado, subordinada às autoridades locais – então mais três anos se você quisesse continuar na mesma direção. Sete anos, portanto; e então você obteria um certificado.

Talvez essa era a intenção deles e não estavam mentindo para mim. Mas havia outro caminho também, e foi isso o que de fato ocorreu. Depois de quatro anos você podia ou continuar na mesma linha ou mudar: você poderia ir para o ensino médio. Se você continuasse na mesma linha você nunca aprenderia inglês. A educação primária terminava depois de sete anos, e você estava totalmente educado apenas na língua local – e na Índia existem trinta línguas reconhecidas. Mas depois do quarto ano havia uma abertura e você podia trocar o mecanismo. Você podia ir para a escola de inglês; você podia ingressar no ensino médio, como era chamado.

Novamente era um curso de quatro anos e se você continuasse naquela linha então, após outros três anos, você tornar-se-ia um matriculado. Meu Deus!

Que desperdício de vida! Todos aqueles belos dias desperdiçados tão impiedosamente, arrasados! E no momento em que se tornava um matriculado você era então capaz de ir para a universidade. Novamente um curso de seis anos! Ao todo tive que gastar quatro anos na escola primária, quatro anos no ensino médio, três anos na escola de inglês e seis anos na universidade – dezessete anos da minha vida!

Penso que se eu pudesse interpretar isso, a única palavra que vem até mim, a despeito de Belzebu e seus discípulos fazendo um grande trabalho – ex-discípulos, quero dizer – a única palavra que vem até mim é ‘disparate’. Dezessete anos! E eu tinha oito ou nove anos quando comecei todo esse disparate, então no dia que deixei a universidade eu tinha vinte e seis, e estava tão feliz – não porque eu era um medalhista de ouro, mas porque eu estava finalmente livre. Novamente livre.

Eu estava com tanta pressa que disse ao meu professor, “Não desperdice o meu tempo. Ninguém pode convencer-me a entrar por esses portões novamente. Até mesmo quando eu tinha nove anos de idade o meu pai teve que arrastar-me para dentro, mas agora ninguém pode arrastar-me. Se alguém tentar então vou arrastá-lo para fora.” E, é claro, eu estava pronto para arrastar o pobre velho que estava tentando persuadir-me a não partir.

Ele disse, “Ouça-me: é raro receber uma bolsa de PhD. Faça o seu PhD. e lhe prometo que um dia você será capaz de obter um D.Litt.”

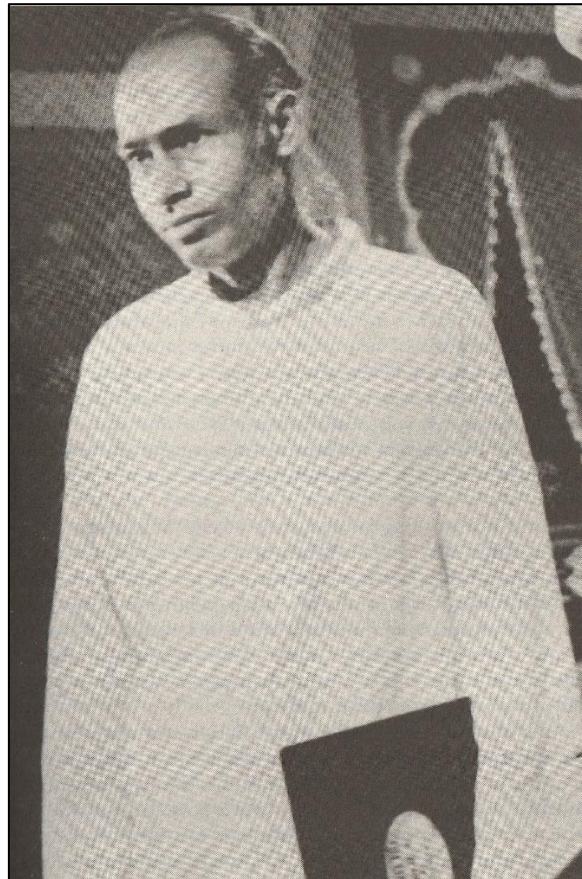
Eu disse, “Não desperdice o meu tempo, porque o meu ônibus está partindo.” O ônibus estava no portão. Tive que correr para pegá-lo, e sinto muito porque não pude nem o agradecer. Não tive tempo – o ônibus estava partindo e as minhas malas já estavam embarcadas, e o motorista – como os motoristas o fazem – estava buzinando como um louco. Eu era o único passageiro que ainda não estava no ônibus, e o meu velho professor estava quase de joelhos persuadindo-me a não partir.

Shambhu Babu era bem-educado, eu não era educado, quando a amizade começou. Ele tinha um passado glorioso; eu não tinha nada. Toda a vila ficou chocada com a nossa amizade, mas ele não ficou nem mesmo constrangido. Respeito essa qualidade. Costumávamos andar de mãos dadas. Ele tinha a idade do meu pai, e os seus filhos eram mais velhos que eu. Ele morreu dez anos antes do meu pai. Penso que devia ter cinquenta anos. Esse seria o momento certo para que fôssemos amigos. Mas ele foi o único homem a reconhecer-me. Ele era um homem de autoridade na vila, e o seu reconhecimento foi de imensa ajuda para mim.

O Mestre Kantar nunca mais foi visto na escola novamente. Ele foi imediatamente dispensado porque faltava apenas um mês para a sua aposentadoria, e sua aplicação por uma extensão foi cancelada. Isso criou uma grande celebração na vila. O Mestre Kantar foi um grande homem naquela vila, embora eu tenha o colocado para fora em apenas um dia. Isso era alguma coisa.

As pessoas começaram a respeitar-me. Eu diria, “Que absurdo é esse? Eu não fiz nada – simplesmente eu trouxe o homem e as suas infrações à luz.”

Fico surpreso em como ele continuou torturando as crianças pequenas por toda a sua vida. Mas as pessoas pensavam que a educação era isso. Existia esse pensamento, e muitos indianos ainda pensam assim, que a menos que se torture uma criança não se pode ensinar – embora não digam isso tão claramente.



SHAMBHU BABU

Então eu disse, “Não é uma questão de respeito e, no que concerne à minha amizade com Shambhu Babu, não é uma questão de idade. Ele é realmente amigo do meu pai. Até mesmo o meu pai ficou admirado.”

Meu pai costumava perguntar a Shambhu Babu, “Por que você é tão amigável com esse garoto encenqueiro?”

E Shambhu Babu ria e dizia, “Um dia você entenderá o porquê. Não posso dizê-lo agora.”

Sempre fiquei maravilhado com a beleza do homem. Era parte da sua beleza que ele responderia dizendo, “Não posso responder. Um dia você entenderá.”

Um dia ele disse para o meu pai, “Talvez eu não deveria ser amigável em relação a ele, mas respeitoso.”

Isso também me chocou. Quando estávamos sozinhos, eu lhe disse, “Shambhu Babu, que disparate você estava falando para o meu pai? O que você quer dizer ao falar que você deve respeitar-me?”

Ele disse, “Eu respeito você porque posso ver, mas não muito claramente, como se estivesse escondido detrás de uma cortina de fumaça, o que você será um dia.”

Tive que encolher os meus ombros. Eu disse, “Você está falando bobagens. O que poderia ser? Eu já sou isso.”

Ele disse, “Isso! É isso o que me impressiona em você. Você é uma criança; toda a vila ri da nossa amizade e se pergunta o que conversamos, mas eles não sabem o que estão perdendo. Eu sei” – ele o enfatizou – “Sei o que estou perdendo. Posso sentir um pouco, mas não posso ver claramente. Talvez um dia quando você estiver realmente crescido eu possa ser capaz de vê-lo.”

E, tenho que confessar, depois de Magga Baba ele foi o segundo homem que reconheceu que algo imensurável havia acontecido comigo. É claro que ele não era um místico, mas um poeta tem a capacidade, de vez em quando, de ser um místico, e ele era um grande poeta. Ele também era grandioso porque nunca se preocupou em publicar a sua obra. Ele nunca se preocupou em ler em nenhum encontro de poetas. Parecia estranho ele ler a sua poesia a um garoto de nove anos, e ele me perguntava, “Tem algum valor, ou é apenas inútil?”

Agora a sua poesia está publicada, mas ele não existe mais. Ela foi publicada em sua memória. Ela não contém a sua melhor obra porque nenhuma das pessoas que a escolheu era sequer poeta, e é necessário um místico para escolher a poesia de Shambhu Babu. Conheço tudo o que ele escreveu. Não há muita coisa – alguns poucos artigos, muito poucos poemas e histórias, mas de uma maneira estranha todos estão interconectados em um tema único.

O tema é a vida, não como um conceito filosófico, mas a vivida momento a momento. Vida com ‘v’ minúsculo, porque ele nunca me perdoaria se você escrevesse vida com um ‘V’ maiúsculo. Ele era contra letras maiúsculas. Ele nunca escreveu nenhuma palavra com maiúsculas. Mesmo o início de uma sentença sempre era escrito com letras minúsculas. Ele escrevia até o seu próprio nome com letras minúsculas. Perguntei-lhe, “O que está errado com as letras maiúsculas? Por que você é tão contra elas, Shambhu Babu?”

Ele disse, “Não sou contra elas, mas sou apaixonado pelo imediato, não pelo longínquo. Sou apaixonado pelas coisas pequenas: uma xícara de chá, um banho de rio, um banho de sol... sou apaixonado pelas coisas pequenas, e elas não podem ser escritas com letras maiúsculas.”

Entendo-o, então quando digo que embora ele não fosse um mestre iluminado, nem sequer um mestre, eu ainda o conto como número dois, depois

de Magga Baba, porque ele me reconheceu quando isso era impossível, absolutamente impossível. Nem eu me reconhecia, mas ele reconheceu-me.

Quando entrei em seu escritório de vice-presidente pela primeira vez e nos olhamos um nos olhos do outro, por um momento houve apenas o silêncio. Então ele levantou-se e me disse, “Por favor, sente-se.”

Eu disse, “Não é necessário que você fique de pé.”

Ele disse, “Não é uma questão de necessidade, e me faz feliz levantar-me para você. Nunca senti isso antes – e estive de pé para o governador e todas as pessoas supostamente poderosas. Vi o vice-rei de Nova Delhi, mas não fiquei tão mistificado quanto estou por você, confesso. Por favor não conte a ninguém.”

E essa é a primeira vez que conto. Mantive-o como um segredo por todos esses anos, quarenta anos. Sinto um alívio.

Hoje de manhã Gudia disse, “Você dormiu até tarde.”

Sim, na última noite dormi, pela primeira vez em muitos anos, como eu gostaria de dormir todas as noites. Durante toda a noite não fui perturbado nem mesmo por um momento. Geralmente tenho que olhar para meu relógio de vez em quando, apenas para ver se já é hora de levantar-me. Mas na última noite, depois de muitos anos, não olhei nem uma vez para o meu relógio.

Tive até que perder a poção de Devaraj. É assim que chamo a sua mistura especial de desjejum. É uma poção, mas é realmente boa. É difícil de comer porque leva meia hora apenas para mastigar, mas é realmente saudável e nutritiva. Devemos torná-la disponível para todos – a poção de Devaraj para o café da manhã. É claro que ela não é rápida, é lenta, muito lenta. Podemos chamá-la de “break-slow”*? [NdT. trocadilho com *breakfast* (desjejum).] Mas então não soaria certo.

Tive que perder o café da manhã hoje por duas razões: primeiro, queria manter o compromisso com Devageet, e eu já estava cinco minutos atrasado, e não gosto de me atrasar. Segundo, se tivesse começado a poção eu levaria tanto tempo para comê-la que no momento em que eu a terminasse seria hora do almoço. Não haveria intervalo, o que é necessário. Então pensei em perdê-la. Mas realmente a aprecio e, ao perdê-la, realmente sinto sua falta.

A última noite foi umas das mais raras pela simples razão que ontem falei para vocês sobre Shambhu Babu, e isso me aliviou de um peso. Também falei sobre o meu pai e como terminou a contínua luta. Senti-me tão aliviado.

Shambhu Babu foi um homem que poderia ter-se tornado um realizado, mas perdeu essa oportunidade. Ele perdeu por causa de muita intelectualidade. Ele era um gigante intelectual. Ele não podia se sentar em silêncio nem mesmo por um único momento. Eu estava presente quando ele morreu. É um destino estranho que eu tenha que ver todos que amo morrerem.

Eu não estava muito longe quando ele estava morrendo. Ele me ligou um pouco antes para dizer, “Venha rápido se puder, porque não acho que posso durar muito. Quero dizer,” ele disse, “que posso durar até mesmo alguns dias.”

Corri imediatamente para a vila. Esta fica a apenas oitenta quilômetros de Jabalpur, e cheguei lá em duas horas. Ele ficou tão feliz. Novamente ele olhou para mim com o mesmo olhar da primeira vez que nos encontramos, quando eu tinha em torno de nove anos de idade. Houve um silêncio muito eloquente. Nada foi dito, mas tudo foi ouvido.

Segurando as suas mãos eu lhe disse, “Por favor feche os seus olhos, não se esforce.”

Ele disse, “Não. Os olhos fechar-se-ão por si só muito em breve, e então não serei mais capaz de abri-los. Então, por favor, não me peça para fechar os meus olhos. Quero vê-lo. Talvez eu não seja capaz de vê-lo novamente. Uma coisa é certa,” ele disse, “que você não voltará à vida. Ai de mim, se tivesse te ouvido! Você sempre insistiu no ficar em silêncio, mas continuei a postergar. Agora não há tempo nem mesmo para postergar.”

Lágrimas vieram aos seus olhos. Permaneci sem dizer nada, apenas com ele. Ele fechou os seus olhos e morreu.

Ele tinha olhos tão belos, e uma face tão inteligente. Conheço muitas pessoas belas mas é muito raro ter a beleza daquele homem. Não foi feito pelos seres humanos, certamente não foi feito na Índia. Ele foi, e ainda é, um dos meus maiores amores. Apesar de ainda não ter entrado no corpo novamente, estou esperando por ele.

Esta é uma comuna com múltiplos propósitos. Alguns propósitos vocês conhecem, e alguns somente eu os conheço. Este é um dos propósitos desconhecidos pelos organizadores da comuna, que estou esperando algumas almas. Estou até mesmo preparando casais para recebê-las. Shambhu Babu estará aqui em breve. Há tantas memórias ligadas a este homem que vou ter que me referir a ele repetidas vezes. Mas hoje, apenas a sua morte.

Estranho eu ter que falar da sua morte primeiro e depois das outras coisas. Não, em relação a mim não é estranho, porque para mim o momento da morte abre um ser humano como nada o faz. Nem mesmo o amor pode fazer este milagre. Ele tenta, mas os amantes o impedem, porque no amor duas pessoas são necessárias; na morte apenas uma pessoa é suficiente por si só. Isso ocorre porque não há perturbação dos outros. Vi Shambhu Babu morrer com uma atitude tão relaxada e jubilosa que não posso esquecer de sua face.

Vocês ficarão surpresos em saber que ele tinha a face de – adivinhem quem? – quase a mesma face do ex-presidente dos EUA, Richard Nixon! Mas sem a feiura escondida em toda célula e fibra de Nixon...! De outro modo Shambhu Babu seria o presidente da Índia. Ele era muito mais inteligente do que o assim chamado presidente da Índia, Sanjiva. Mas quero dizer que fotograficamente ele parecia muito com Nixon em seus dias de juventude. É

claro, quando uma alma diferente está ali, até mesmo a mesma face tem uma aura diferente, uma diferente – como dizê-la – uma significância totalmente diferente. Então, por favor, não me entendam mal, porque todos vocês conhecem Richard Nixon enquanto só eu conheci Shambhu Babu, então o mal-entendido deve ocorrer.

Por favor esqueçam que falei que eles se parecem, simplesmente esqueçam isso. É melhor que vocês não conheçam a face de Shambhu Babu em vez de começarem a pensar nele como Richard Nixon. Mas devo confessar que tenho um local suave para Richard Nixon, apenas porque ele lembra Shambhu Babu. Vocês têm que me perdoar por isso; sei que ele não merece, mas não posso fazer nada também. Sempre que vejo a sua foto tudo o que vejo é Shambhu Babu, e não Nixon.

Quando Nixon tornou-se presidente dos EUA, eu disse para mim mesmo, “Aha! Pelo menos um homem que lembra Shambhu Babu tornou-se presidente dos EUA.” Eu amaria que Shambhu Babu se tornasse presidente dos EUA; é claro que isso não era possível, mas a semelhança me consolava. Quando Nixon fez o que fez, senti-me envergonhado, novamente porque ele lembra Shambhu Babu. E quando ele teve que renunciar à presidência fiquei triste, não por causa dele – não tenho nada a ver com ele – mas porque agora eu não veria a face de Shambhu Babu novamente nos jornais.

Agora não há problema porque não leio mais jornais. Não os leio há anos. Eu costumava terminar a leitura de quatro jornais em um minuto, mas por mais de dois anos eu nem mesmo olhei para eles. E não leio nenhum livro – simplesmente não leio. Tornei-me inculto novamente, assim como eu sempre quis ser se o meu pai não tivesse me arrastado para aquela escola... mas ele me arrastou. E o que todas essas escolas, colégios e universidades fizeram comigo tomou-me muita energia para desfazer, mas fui bem-sucedido em desfazer tudo.

Desfiz tudo o que a sociedade fez comigo. Sou novamente um menino inculto, selvagem – vocês não usam essa palavra em inglês... em Hindi, um homem de uma vila é chamado de *gamar*. Uma vila é chamada de *gam*, e o aldeão é chamado de *gamar*. Mas *gamar* também quer dizer “tolo” e os significados se misturaram, tanto que ninguém agora acha que a palavra ‘*gamar*’ significa aldeão; todos pensam que significa tolo.

Vim da vila totalmente em branco, sem nada escrito em mim. Mesmo enquanto estava longe daquela vila, permaneci um garoto selvagem. Nunca permiti que ninguém escrevesse algo em mim. As pessoas estão sempre prontas... não apenas prontas, mas insistentes em escrever algo sobre você. Eu vim da vila vazio, e posso dizer agora que tudo o que foi escrito no meio eu apaguei, e apaguei completamente. De fato, demoli o próprio muro, então é impossível escrever algo nele de novo.

Shambhu Babu poderia ter feito isso também. Sei que ele era capaz de tornar-se um buda, mas isso não ocorreu. Talvez a sua própria profissão – ele era um advogado – o impediu. Ouvi falar de todos os tipos de pessoas tornando-se

budas, mas nunca ouvi falar de nenhum advogado tornando-se um buda. Não acho que alguém dessa profissão pode tornar-se um buda, a menos que realmente renuncie a tudo o que aprendeu. Shambhu Babu não pôde reunir essa coragem, e sinto muito por ele. Não sinto muito por mais ninguém porque nunca cruzei com outra pessoa que era tão capaz e, entretanto, não saltou.

Eu costumava perguntá-lo, “Shambhu Babu, qual é o obstáculo?”

E ele sempre diria a mesma coisa: “Como posso explicá-lo? Não sei exatamente o que o obstáculo é, mas deve haver algo impedindo-me.”

Eu sabia o que era, mas ele também sabia, embora nunca tenha reconhecido que sabia. E ele sabia que eu sabia que ele sabia. Ele fechava seus olhos sempre que eu fazia a questão – e sou um homem teimoso; repetidas vezes eu perguntava para ele, “Qual é o obstáculo?”

Ele fechava seus olhos, apenas para não me encarar olhos nos olhos, porque aquela era uma situação a qual ele não poderia mentir. Quero dizer que ele não poderia ser um advogado... mentiroso.* [NdT. Trocadilho entre *lawyer/liar*]. Mas agora que ele está morto posso dizer que embora não fosse um buda, ele foi quase um buda, o que eu nunca direi de outra pessoa novamente. Mantereí essa categoria especial, de quase um buda, para Shambhu Babu.

Sessão 22

Eu ia dizer “Ok,” mas não. Um dia eu disse gentilmente, apenas para ser respeitoso, e sofri muito. Então tudo ficou errado. Então agora direi ok apenas quando estiver tudo realmente ok; caso contrário o silêncio é melhor...

Ok.

Lembro-me novamente do pobre Sigmund Freud. Ele estava esperando em seu escritório por um paciente rico, e, claro, judeu. E a psicanálise é o maior negócio que um judeu já fundou. Eles falharam com Jesus, eles não podiam falhar com Sigmund Freud. É claro que este não tem comparação.

Freud estava esperando, sentando-se e levantando-se em sua sala. O paciente era realmente rico, e a psicanálise é um tratamento que se segue por anos, a menos que o paciente encontre um judeu mais articulado, mas ele nunca sai do círculo vicioso.

Freud olhou repetidas vezes para seu relógio de ouro, e então, no último momento, quando estava pensando em desistir, o paciente apareceu. O seu grande carro apareceu no horizonte e Freud estava, é claro, furioso. Finalmente o carro chegou até a sua varanda, o judeu desceu e quando entrou no escritório Freud estava realmente bravo porque ele estava cinquenta segundos atrasado.

Freud disse, “Foi bom ouvir o seu carro na varanda no momento certo; caso contrário eu iria começar a sessão sozinho.”

É uma piada profissional. Apenas aqueles que estão na profissão da psicanálise a entenderão. Vou explicá-la, porque nenhum de vocês é psicanalista.

A piada é que Freud disse, “Eu teria começado sem você” – sem o paciente. Vocês veem o ponto? Deixem-se ser mais claro – a piada tem que ser posta de lado. Em um certo ponto tenho que começar.

Exatamente no momento certo de dizer “ok” eu direi – e não como Sigmund Freud, mas conhecendo completamente a piada. Ademais, não posso os desapontar. Esta é apenas uma nota introdutória; agora retomaremos a história ininterrupta.

Sim, ela é ininterrupta. Como pode terminar antes de eu terminar? Outra pessoa terá que escrever o posfácio. Não posso o escrever – por favor perdoem-me por isso – mas estou preparando a minha gente: Devageet, Devaraj, Ashu... esta trindade o fará. E lembrem-se, na minha trindade existe uma mulher que manterá esses dois sujeitos brigando para sempre. Mas ainda assim eles conseguirão escrever o posfácio. Se não conseguirem, então Ashu pode deixá-los brigar, e, enquanto isso ela mesma pode escrevê-lo.

Na manhã de hoje, por acaso, referi-me à palavra de Carl Gustav Jung, ‘sincronicidade’. Não gosto do homem, mas gosto da palavra que ele introduziu. Por isso ele deve ter todo o crédito possível. Em nenhuma outra língua existe uma

palavra como ‘sincronicidade’, porque é uma palavra inventada, inventada por Carl Gustav Jung.

Mas todas as palavras são inventadas por uma pessoa ou outra, então não há nada errado em inventar uma palavra, particularmente quando ela realmente indica uma experiência que permaneceu não-rotulada por séculos. Apenas por essa palavra, ‘sincronicidade’, Jung deveria ter recebido o Prêmio Nobel, embora ele seja medíocre. Mas muitas pessoas medíocres receberam o Prêmio Nobel; se mais uma recebê-lo, qual o problema? E eles também dão o prêmio postumamente, então, por favor, concedam a esse pobre sujeito Carl Gustav Jung um Prêmio Nobel. Não estou fazendo piada. Estou realmente agradecido por essa palavra, porque foi isso o que sempre iludiu a compreensão do intelecto humano.

Eu estava falando com vocês sobre a minha estranha amizade com Shambhu Babu. Era estranha de muitas maneiras. Primeiro, ele era mais velho do que o meu pai, ou talvez da mesma idade – mas até onde lembro, ele parecia mais velho – e eu tinha apenas nove anos de idade. Ora, que tipo de amizade é possível? Ele era um bem-sucedido especialista em direito, não apenas naquele lugar pequeno, mas havia praticado na alta corte e na suprema corte. Ele era uma das maiores autoridades legais. E ele era amigo de uma criança selvagem, rebelde, indisciplinada e analfabeta. Quando ele disse, naquele primeiro encontro, “Por favor sente-se,” fiquei maravilhado.

Eu não esperava que o vice-presidente levantar-se-ia para receber-me e falasse, “Por favor sente-se.”

Eu lhe disse, “Primeiro sente-se você. Sinto-me um pouco envergonhado ao sentar-me antes. Você é velho, talvez até mais velho que meu pai.”

Ele disse, “Não se preocupe. Sou amigo do seu pai. Mas relaxe e diga-me porque veio.”

Eu disse, “Vou te dizer depois porque vim. Primeiro...” Ele olhou para mim, olhei para ele; e o que transpirou naquele pequeno fragmento de momento tornou-se minha primeira questão. Perguntei-lhe, “Primeiro, diga-me o que está acontecendo agora, entre os seus olhos e os meus.”

Ele fechou os seus olhos. Penso que talvez dez minutos passaram-se antes dele abri-los novamente. Ele disse, “Perdoe-me, não pude entender – mas *algo* ocorreu.”

Nos tornamos amigos; aquilo foi em algum momento de 1940. Apenas posteriormente, anos depois, apenas um ano antes dele morrer – ele morreu em 1960, depois de vinte anos de amizade, uma amizade estranha – somente então fui capaz de dizer-lhe que a palavra que ele estava buscando foi inventada por Carl Gustav Jung. Essa palavra é ‘sincronicidade’; era isso o que ocorria entre nós. Ele sabia, eu sabia, mas faltava a palavra.

Sincronicidade pode significar muitas coisas simultâneas, é multidimensional. Pode significar um certo sentimento rítmico; pode significar o que as pessoas sempre chamaram de amor; pode significar amizade; pode

simplesmente significar dois corações batendo juntos sem rima ou razão... é um mistério. Apenas de vez em quando é possível encontrar uma pessoa em que as coisas se encaixam; o quebra-cabeça simplesmente desaparece. Todas as peças que não se encaixavam, de repente encaixam-se por si sós.

Quando eu disse a minha avó, “Tornei-me amigo do vice-presidente dessa vila,” ela disse, “Você quer dizer o Pândita Shambhuratan Dube?”

Eu disse, “Você parece um pouco chocada com isso. O que está acontecendo com você, Nani?”

As lágrimas rolaram de seus olhos. Ela disse, “Então você não encontrará muitos amigos no mundo, é por isso que estou preocupada. Se Shambhu Babu tornou-se seu amigo então você não encontrará muitos amigos no mundo. Não apenas isso: talvez você possa encontrar amigos, porque você é jovem, mas Shambhu Babu certamente não encontrará outro amigo no mundo, porque ele é muito velho.”

Repetidas vezes a minha avó entrará na minha história com o seu tremendo discernimento. Sim, posso vê-la agora. Recapitulando, posso ver o que ela viu e chorou. Sei agora que Shambhu Babu nunca teve qualquer outro amigo; exceto eu, ele não tinha amigos. Eu costumava visitar a minha vila de vez em quando, talvez uma vez por ano, ou duas, não mais que isso. E conforme tornei-me cada vez mais envolvido com a minha própria atividade – ou vocês podem chamá-la de inatividade... conforme tornei-me cada vez mais envolvido com os sannyasins, e o movimento da meditação, as minhas visitas à vila tornaram-se ainda mais raras. De fato, nos últimos anos antes dele morrer minhas únicas visitas eram quando eu passava pela vila no trem.

O chefe da estação era meu sannyasin, então, é claro, o trem ficava parado o quanto eu quisesse. Eles – e por “eles” quero dizer meu pai, minha mãe, Shambhu Babu e muitos outros que me amavam – vinham até a estação. Aquela seria minha única visita: dez, vinte, no máximo trinta minutos. O trem não podia atrasar mais porque outros trens tinham que vir. Eles esperavam fora da estação.

Mas posso entender a sua solidão. Ele não tinha outros amigos. Quase todos os dias ele me escrevia uma carta – isso é muito raro – e não havia nada para escrever. Às vezes ele me enviava apenas um papel em branco dentro de um envelope. Eu entendo até isso. Ele estava se sentindo muito sozinho, e gostaria de ter a minha companhia. Tentei ao máximo estar ali tanto quanto era prático, porque para mim era realmente enfadonho ficar naquela vila. Foi apenas por ele que sofri ali.

Depois que ele morreu fui para lá muito raramente. Agora tenho uma desculpa – que não posso ir porque ela me lembra de Shambhu Babu. Mas realmente não há porque ir. Quando ele estava lá, havia um motivo. Ele era um pequeno oásis em um deserto.

Ele era absolutamente destemido em relação a todos os tipos de condenações que chegaram até ele por minha causa. Estar associado comigo,

mesmo naqueles dias, não era uma coisa boa. Era perigoso. Eles disseram-no, “Você perderá todo o respeito da comunidade, e foi a comunidade que o tornou presidente.”

Eu lhe disse, “Você pode escolher, Shambhu Babu: ser o presidente dessa vila estúpida ou ser meu amigo.”

Ele abandonou à prefeitura e sua presidência. Ele não me disse uma única palavra; ele simplesmente escreveu a sua carta de resignação ali, na minha frente. Ele disse, “Amo algo em você que é indefinível. A presidência dessa vila estúpida não significa nada para mim. Estou pronto para perder tudo, se se trata disso. Sim, estou pronto para perder tudo.”

Eles tentaram persuadi-lo a não renunciar, mas ele não voltou atrás.

Eu lhe disse, “Shambhu Babu, você sabe perfeitamente bem que odeio todas as presidências, vice-presidências, sejam elas municipais ou nacionais. Não posso lhe dizer, ‘Retire sua demissão,’ porque não posso cometer esse crime. Se você quiser retirá-la você é livre para assim o fazer.”

Ele disse, “O selo está fechado. Não há porque voltar atrás e estou feliz que você não tentou me persuadir.”

Ele permaneceu um homem solitário. Ele tinha dinheiro suficiente para viver como um homem rico, então quando renunciou à sua presidência ele também resignou da ordem dos advogados. Ele disse, “Tenho dinheiro suficiente, por que preocupar-me? E por que o direito? – com todas as obrigações e a contínua mentira em nome da verdade.”

Ele encerrou a sua profissão. Essas eram as qualidades que eu amava nele. Sem pensar por um único momento ele renunciou e, no dia seguinte, abandonou a ordem dos advogados. Por ele eu tinha que visitar a vila de vez em quando, ou chamá-lo até onde eu estava, apenas para que ele ficasse comigo por alguns dias. De vez em quando ele costumava vir.

Ele foi um homem real, sem medo de qualquer consequência. Uma vez perguntou-me, “O que você vai fazer? – porque não acho que você pode permanecer na universidade como professor por muito tempo.”

Eu disse, “Shambhu Babu, nunca planejo. Se eu abandonar esse trabalho espero que algum outro trabalho esteja esperando por mim. Se Deus...” e lembrem-se do “se,” porque ele não era um teísta, essa era outra qualidade que eu amava nele; ele costumava dizer, “A menos que eu conheça, como posso acreditar?”

Eu lhe disse, “Se Deus pode encontrar trabalho para todos os tipos de pessoas, animais, árvores, penso que ele será capaz de encontrar algum tipo de trabalho para mim também. E se ele não puder encontrar nenhum, o problema é dele, não meu.”

Ele riu e disse, “Sim, isso está perfeitamente certo. Sim, é problema dele se ele estiver por aqui – mas o ponto é: se ele estiver por aqui, e aí?”

Eu disse, “Então também não vejo nenhum problema para mim. Se não houver trabalho posso respirar fundo e dizer adeus à existência. É uma prova suficiente que não sou necessário. E se não sou necessário então não vou me impor a essa pobre existência.”

As nossas conversas, se elas pudessem ser todas recapituladas, os nossos argumentos, se eles pudessem ser todos reproduzidos novamente, eles formariam diálogos melhores que os de Platão. Ele era um homem muito lógico, tão lógico quanto sou ilógico. E essa é a coisa mais desconcertante: que nós éramos os únicos amigos um do outro na vila.

Todos perguntavam, “Ele é lógico, você é totalmente ilógico. Qual é a ponte entre vocês dois?”

Eu disse, “Será difícil para vocês entenderem porque vocês não são nem um nem outro. A própria lógica dele o traz para o seu próprio limite. Sou ilógico, não porque nasci ilógico – ninguém nasce ilógico; sou ilógico porque vi a futilidade da lógica. Então posso ir com ele de acordo com a sua lógica e, entretanto, a um certo ponto, ir na frente dele, então ele se torna temeroso e para. E isso tem mantido a nossa amizade, porque ele sabe que tem que ir além daquele ponto, e sabe que ninguém mais pode ajudá-lo. Vocês todos” – referia-me às pessoas da vila – “pensam que ele é uma ajuda para mim. Vocês estão errados. Vocês podem perguntar a ele. Eu sou uma ajuda para ele.”

Vocês ficarão surpresos, mas um dia algumas pessoas foram à casa dele para indagar, “É verdade que esse garotinho é algum tipo de guia ou ajuda para você?”

Ele disse, “Certamente. Não há dúvida em relação a isso. Por que vocês vieram perguntar para mim? Por que vocês não perguntam para ele? – ele é vizinho de vocês.”

A qualidade é muito rara e a minha avó estava certa quando disse, “Temo que Shambhu Babu ficará sem amigos. E,” ela disse, “em relação a você, os meus medos existem... Mas você ainda é jovem; talvez você encontre alguns poucos amigos.”

O discernimento dela era realmente muito claro. Vocês ficarão surpresos em saber que em toda a minha vida não tive nenhum amigo, exceto Shambhu Babu. Se ele não estivesse por aqui eu nunca saberia o que significa ter um amigo. Sim, tive muitos conhecidos – na escola, colégio, universidade, existiram centenas. Vocês poderiam pensar que todos eles eram amigos, até eles poderiam pensar o mesmo – mas exceto esse homem não conheci uma única pessoa que posso chamar de amiga.

Ter conhecidos é muito fácil; ter conhecidos é muito ordinário. Mas a amizade não é parte do mundo ordinário. Vocês ficarão surpresos em saber que sempre que eu ficava doente – e eu estava a oitenta milhas da vila – imediatamente recebia um telefonema de Shambhu Babu, muito preocupado.

Ele perguntaria, “Você está bem?”

Eu diria, “Qual o problema? Por que você está tão preocupado? Você parece doente.”

Ele disse, “Não estou doente mas senti que você estava, e agora sei que você está. Você não pode esconder de mim.”

Aconteceu muitas vezes. Vocês não acreditarão, mas foi apenas por causa dele que tive que ter um número privado de telefone. É claro que havia um telefone para a minha secretária cuidar de todos os compromissos por todo o país. Mas eu tinha um telefone secreto, privado, apenas para Shambhu Babu, para que ele pudesse averiguar se ficasse preocupado, até mesmo no meio da noite. Até fiz questão de, se eu não estivesse em casa, talvez viajando por algum lugar da Índia, e estivesse doente, eu ligaria para ele apenas para dizer, “Por favor não fique preocupado porque estou doente.” Isso é sincronicidade.

De alguma forma uma conexão profunda existia. No dia em que ele morreu fui vê-lo sem hesitação. Eu nem mesmo indaguei. Eu simplesmente dirigi até a vila. Eu nunca gostei daquela estrada, e gosto de dirigir, mas aquela estrada de Jabalpur a Gadarwara era realmente uma filha da mãe! Vocês não encontrariam uma estrada pior em lugar algum. Nossa estrada conectando o rancho a Antelope é uma super rodovia em comparação. Como vocês chamam-nas na Alemanha? Autobahn?

“Sim, Osho.”

Ok, se Devageet diz que está certo, então deve estar certo. A nossa estrada é uma *autobahn* comparada com a estrada da universidade até a casa de Shambhu Babu. Apressei-me... com um sentimento nas entranhas.

Eu dirijo rápido. Amo velocidade, mas naquela estrada vocês não podem ir a mais de vinte milhas por hora; esse é o máximo possível, então vocês podem conceber que tipo de estrada era. No momento em que você chegava, se não estivesse morto então estaria próximo disso! Havia apenas uma coisa boa: antes de entrar na vila você cruzava o rio. Essa era a sua recompensa: você podia tomar um bom banho, podia nadar por meia hora para refrescar-se, e dar um bom banho no seu carro também. Então, quando chegasse na vila, ninguém pensaria que você era o espírito santo.

Apressei-me. Nunca na minha vida tive tanta pressa. Nem mesmo agora que deveria estar com pressa porque o tempo está esvaindo-se das minhas mãos e o dia em que terei que dar adeus a todos vocês não está longe, embora eu gostaria de permanecer um pouco mais. Nada está em minhas mãos exceto os braços dessa cadeira, e vocês podem ver como estou segurando-me neles, sentindo-os para ver se ainda estou no corpo. Não há necessidade de se preocupar... ainda há um pouco de tempo.

Aquele dia tive que apressar-me, e provou-se certo porque se eu tivesse chegado alguns minutos depois eu nunca teria visto os olhos de Shambhu Babu novamente. Vivos, quero dizer – olhando para mim da mesma forma que olhou pela primeira vez. Eu queria ver aquele primeiro olhar pela última vez... aquela

sincronicidade. E naquela meia hora antes dele morrer não houve nada além de pura comunhão. Eu disse que ele podia falar qualquer coisa que quisesse.

Ele pediu que todas as outras pessoas saíssem. É claro que elas ficaram ofendidas. A sua esposa, filhos e irmãos não gostaram disso. Mas ele disse claramente, “Quer vocês gostem ou não, quero que todos vocês saiam imediatamente porque não tenho muito tempo a perder.”

Naturalmente com medo, todos saíram. Nós dois rimos. Eu disse, “Qualquer coisa que você quiser me dizer, você pode dizer.”

Ele disse, “Não tenho nada a dizer para você. Apenas segure as minhas mãos. Permita-me senti-lo. Preencha-me com a sua presença, lhe imploro.” Ele continuou, “Não posso me ajoelhar e tocar os seus pés. Não que eu não gostaria de o fazer, apenas o meu corpo não está em condições de levantar-se da cama. Tenho apenas alguns minutos.”

Eu podia ver que a morte estava quase em sua porta. Segurei as suas mãos e lhe disse algumas coisas que ele ouviu muito atentamente.

Na minha infância conheci apenas duas pessoas que realmente me fizeram ter consciência do que é a atenção real. A primeira, é claro, foi a minha Nani. Estou até me sentindo um pouco triste de colocá-la junto com Shambhu Babu, porque a atenção dela, embora similar, possuía muitas dimensões a mais. De fato, eu não deveria ter falado duas pessoas. Mas já falei; agora permitam-me explicar o mais claro possível.

Com a minha Nani, toda noite era quase um ritual, assim como vocês esperam toda noite e toda manhã...

Vocês sabem que toda manhã acordo e apresso-me para meu banheiro tomar um banho e aprontar-me porque sei que todo mundo deve estar esperando. Hoje não tomei meu café da manhã porque sabia que iria atrasar vocês todos. Dormi um pouco mais que o usual. Toda noite sei que todos vocês devem estar se preparando, tomando os seus banhos, e o momento que vejo a luz em seus pequenos quartos, sei que os demônios chegaram e que agora devo apressar-me.

E o dia inteiro vocês estão ocupados. O tempo de vocês está cheio o dia todo. Vocês podem dizer que sou um homem completamente aposentado – não cansado, aposentado... e não retirado por alguém. Essa é a minha maneira de viver, da noite até a manhã. Mantendo todo mundo ocupado sem fazer negócios* [NdT. Trocadilho *busy without business*], esse é todo o meu trabalho. Não acho que exista alguém no mundo – ou já existiu, ou existirá algum dia – que não tem um negócio de qualquer tipo, como eu. E ainda assim, apenas para manter-me respirando, preciso de milhares de sannyasins continuamente trabalhando. Vocês podem pensar em uma piada maior?

Hoje eu estava dizendo para Chetana que Vivek saiu de férias. Depois de dez anos a pobre mulher certamente merece. Não é pedir muito em dez anos. Matematicamente é um dia a cada dois anos.

Eu lhe disse, “Você pode ir, felizmente.”

Ela foi para a Califórnia. Eu lhe disse, “Ficarei feliz por você desfrutar esses poucos dias.”

Eu estava dizendo a Chetana, “Próximo ano talvez eu possa tirar alguns dias de férias.” Mas o problema é que não posso ir sozinho. Preciso de toda a minha equipe, e não pode faltar nem um membro dela. Toda a minha equipe é muito maior que a equipe do presidente dos EUA. É a equipe de um homem pobre; ela tem que ser maior que a dele. E não a do presidente de qualquer país, mas do país mais rico. Por quê? – porque a minha equipe não consiste de servos, ela consiste de amantes, e não posso ir se faltar qualquer um.

Esse é o único problema, e contei-o a Chetana. Mas ela estava feliz. Ela estava tão feliz que não acho que se preocupou com o meu problema. É óbvio que ela estava feliz, porque se a minha equipe sair de férias comigo então ela certamente estará lá. E Chetana... houve uma época em que eu mesmo lavava as minhas roupas, mas certamente não era tão bom quanto o seu trabalho. Não posso lhe dar uma recomendação melhor que essa, porque embora eu desse o melhor que podia, era apenas uma tarefa a ser feita e concluída o mais rápido possível. Para você é uma oração, um caso de amor, não apenas trabalho a ser concluído. Não acho que exista alguém em todo o mundo que tem as roupas mais bem lavadas que as minhas.

Então Chetana estava feliz, pensando, “Ótimo, vamos todos sair de férias.” Mas tenho que levar tantas pessoas que Vivek estava certa. Quando estávamos deixando Puna houve muita preparação – particularmente para ela, porque tinha que preocupar-se com o meu corpo, meus alimentos e detalhes pequenos como esses. Não acho que ela dormia, ela estava tão preocupada que nada fosse deixado para trás, e que tudo deveria estar disponível na viagem. Vivek estava certa quando disse-me, “Osho, você é como uma grande montanha de ouro que deve ser levada de um lugar para o outro.”

Eu lhe disse, “Isso é verdade, exatamente verdade. Apenas uma coisa tem que ser lembrada: que a montanha, embora dourada, está viva e consciente também. Então seja muito cuidadosa.”

Você vê a minha dificuldade, Chetana? Ora, se eu saísse de férias apenas por uma semana, ou por um final de semana, quanto você terá que preparar? Nós teríamos que fazer tudo exatamente como é aqui na Casa Lao Tsé – é uma tarefa gigantesca. Mas porque você ficou tão feliz penso que valeria a pena fazê-lo. Apenas para fazer uma única pessoa feliz posso fazer qualquer coisa. Essa foi a própria substância de toda a minha vida.

Sessão 23

Agora, meu trabalho com vocês...

Eu estava contando a vocês sobre um certo relacionamento que ocorreu entre uma criança de cerca de nove anos de idade e um velho homem de, talvez, cinquenta. A diferença de idade era grande, mas o amor pode transcender todas as barreiras. Se pode ocorrer mesmo entre um homem e uma mulher, então que outra barreira poderia ser maior? Mas não houve barreiras, e o que ocorreu não pode ser descrito como apenas amor. Ele poderia ter me amado como um filho, ou como seu neto, mas não foi isso.

O que ocorreu foi *amabilidade* – e que fique registrado: dou mais valor à amabilidade do que ao amor. Não há nada maior do que a amabilidade. Sei que vocês notaram que não usei a palavra ‘amizade’. Até ontem eu estava usando-a, mas agora é a hora de contar-lhes algo maior do que a amizade – a amabilidade.

A amizade também pode ser um empecilho, da sua própria maneira, como o amor. Ela também pode ser invejosa, possessiva, temerosa com a perda e, por causa deste medo, há muita agonia e muita luta. De fato, as pessoas estão continuamente lutando contra aqueles que amam – estranho, apenas estranho... incrivelmente estranho.

A amabilidade paira mais alto, acima de tudo aquilo que o ser humano sabe e sente. É mais uma fragrância do ser, ou, vocês poderiam dizer, um florescimento do ser. Algo transpira entre duas almas, e, de repente, existem dois corpos, mas um ser – é isso o que chamo florescimento. A amabilidade é liberdade de tudo o que é pequeno e medíocre, de tudo o que estamos familiarizados com – de fato, muito familiarizados.

Posso entender porque a minha Nani derramou lágrimas por eu ser amigo de Shambhu Babu. Ela estava certa quando me disse, “Não estou preocupada com Shambhu Babu – ele tem idade suficiente, logo a morte vai alcançá-lo.” E é estranho, mas ele morreu antes da minha avó, exatamente dez anos antes, e, entretanto, minha avó era mais velha que ele.

Ainda fico maravilhado com a intuição daquela mulher. Ela disse, “Ele vai morrer logo; e você? As minhas lágrimas são por você. Você terá que viver uma longa vida. Você não encontrará muitas pessoas com qualidades tais como as de Shambhu Babu. Por favor, não faça da amizade com ele o seu critério; caso contrário você viverá uma vida muito solitária.”

Eu disse, “Nani, mesmo Shambhu Babu está abaixo do meu critério, então você não precisa se preocupar. Vou viver a vida de acordo com a minha visão, onde quer que ela possa me levar – talvez para lugar algum. Mas uma coisa é certa,” disse-lhe, “concordo absolutamente com você que não terei muitos amigos.”

E isso foi verdade. Nos meus dias de escola eu não tinha amigos. Nos meus dias de colégio pensavam que eu era um estranho. Na universidade, sim, as pessoas sempre me respeitaram, mas isso não é amizade, o que dizer sobre amabilidade. É um destino estranho ter sido sempre respeitado desde a minha mais tenra infância. Mas se a minha Nani estivesse viva agora ela poderia ver os meus amigos, meus sannyasins. Ela veria milhares de pessoas que tenho sincronicidade. Mas ela está morta; Shambhu Babu está morto. O florescimento veio em um momento em que todos aqueles que estavam realmente preocupados comigo não existem mais.

Ela estava certa em dizer que eu viveria uma vida solitária, mas estava errada também, porque como todo mundo ela pensava que solidão e solidude são sinônimas; elas não são. Elas não são sinônimas, elas são opostas polares.

Solidão é um estado negativo. Quando você não consegue estar consigo mesmo e implora a companhia do outro, então é solidão. Se você consegue companhia ou não, isso não fará diferença nenhuma; você permanecerá sozinho. Em todo o mundo, em toda casa, vocês podem ver a verdade do que estou falando. Não posso dizer em todo lar, eu disse em toda casa. Um lar existe muito raramente. Um lar é onde a solidão foi transformada em solidude, não em união.

As pessoas pensam que se duas pessoas estão juntas, então a solidão acaba. Não é tão fácil. Lembrem-se, não é tão fácil; de fato, torna-se mais difícil. Quando duas pessoas solitárias encontram-se a solidão é multiplicada; não apenas duplicada, lembrem-se, é uma multiplicação, e muito feia. É como um polvo, uma luta contínua em diferentes nomes, por razões diferentes. Mas se vocês colocarem todos esses disfarces de lado, por baixo vocês não verão nada além de pura solidão. Não é solidude. Solidude é a descoberta do próprio ser.

Muitas vezes eu disse para a minha avó que ficar sozinho é o mais belo estado que alguém pode sonhar. Ela ria e dizia, “Fique quieto! Bobagem. Sei o que é – tenho vivido uma vida solitária. O seu Nana está morto. Ele me enganou: ele morreu sem nem mesmo me contar que morreria. Ele morreu sem nem me comunicar para onde estava indo, e para quê. Ele me traiu.” Ela era amarga em relação a ficar sozinha. Então me disse, “Você também me deixou. Você foi para a universidade e me visita apenas uma ou duas vezes por ano. Espero meses somente pelo dia em que você vai voltar para casa. E esses um ou dois dias terminam tão rapidamente. Você não sabe o que é a solidão – eu sei.”

Embora ela estivesse chorando, eu ri. Eu queria chorar com ela, mas não pude. Em vez de chorar, eu ri.

Ela disse, “Veja! Você não me entende de maneira nenhuma.”

Eu disse, “Entendo, é por isso que estou rindo. Repetidas vezes você insiste que solidão e solidude são iguais, e eu digo definitiva e absolutamente que elas não são iguais. E você terá que entender a solidude se quiser livrar-se da sua solidão. Você não pode livrar-se dela ao ter pena de si mesma. E não fique brava com meu avô...”

Essa foi a única vez que defendi o meu Nana contra ela. “O que ele poderia fazer? Ele não lhe traiu – embora você possa sentir-se traída. Essa é outra questão. A morte ou a vida não estão nas mãos de ninguém. Ele morreu tão impotentemente quanto nasceu... e você não lembra o quão impotente ele estava? Ele estava falando repetidamente, ‘Pare a roda, Raja, você não pode parar a roda?’ Naquela súplica constante para que parássemos a roda o que ele estava pedindo? Ele estava pedindo a sua liberdade.

“Ele estava dizendo, ‘Não quero nascer novamente contra a minha vontade e não quero morrer contra a minha vontade.’ Ele queria *ser*. Ele pode não ter sido capaz de dizê-lo corretamente, mas é exatamente assim que traduzo o que ele falou. Ele somente queria ser – sem nenhuma interferência, sem ser forçado a nascer ou ser forçado a morrer. Era isso o que ele estava contra. Ele apenas pedia liberdade.”

E vocês sabem, a palavra indiana para o supremo é *moksha*. Moksha significa “liberdade absoluta.” Não existe nenhuma palavra em qualquer língua exatamente como moksha – particularmente não em inglês, porque o inglês é muito dominado pelo cristianismo.

Há alguns dias recebi um álbum de fotos de um dos centros na Alemanha. O álbum consiste de todas as imagens daquele belo lugar e sua cerimônia de abertura. Até mesmo o padre cristão da igreja mais próxima participou da cerimônia. Eu gostei do que ele falou: “Essas pessoas são belas. Tenho assistido elas trabalharem mais duro que qualquer um trabalha nos dias de hoje, e com tanta alegria que é uma felicidade vê-las... mas elas são um pouco loucas.”

O que ele disse estava certo, mas porque ele disse, “Elas são um pouco loucas,” ele não está certo. Sim, elas são loucas – muito mais que ele pode conceber. Mas a razão porque ele disse isso era feia: o “porque” não “o que”. Ele as chamou de loucas porque elas acreditam que existem muitas vidas, vidas após vidas. Esta foi a sua razão para chamá-las de loucas.

De fato, se alguém está louco então não é a minha gente e sim aqueles que pensam que a minha gente está louca. Eu reservo este direito a mim. Posso chamá-los de loucos, porque quando o digo, digo por amor e entendimento. Não é uma palavra condenatória para mim; para mim é uma apreciação. Todos os poetas são loucos, todos os pintores são loucos, todos os músicos são loucos; caso contrário eles não seriam poetas, músicos e pintores. Se isso é assim para os pintores, os músicos e os dançarinos, então o que dizer dos místicos? Eles devem ser os mais loucos. E os meus sannyasins estão no caminho para serem os mais loucos, porque não conheço outro modo de ser realmente são nesse mundo insano.

A minha avó estava certa ao dizer que eu não teria amigos, e ela também estava certa em dizer que Shambhu Babu não teria amigos. Sobre Shambhu Babu ela estava absolutamente certa; sobre mim, apenas até o ponto em que comecei a iniciar as pessoas em sannyas. Ela esteve viva apenas por alguns dias depois que iniciei o primeiro grupo de sannyasins nos Himalaias. Escolhi particularmente a parte mais bonita dos Himalaias, Kulu Manali – “o vale dos deuses” como é

chamado. E certamente é um vale dos deuses. O vale é tão belo que é impossível acreditar, mesmo quando o próprio observador está no vale. É inacreditavelmente verdadeiro. Escolhi Kulu Manali para a primeira iniciação de vinte e um sannyasins.

Isso foi apenas alguns dias antes da minha mãe... da minha avó falecer. Perdoem-me novamente, porque sigo chamando-a de “mãe” e então corrijo-me. O que posso fazer? Conheci-a como minha mãe. Toda a minha vida tentei corrigir-me e não fui capaz de o fazer. Ainda não chamo minha mãe de “mãe”; ainda chamo-a “bhabhi,” não mãe, e *bhabhi* quer dizer apenas “mulher do irmão mais velho.” Todos os meus irmãos riem de mim. Eles dizem, “Por que você segue chamando a mãe de ‘bhabhi’? – porque bhabhi significa mulher do irmão mais velho. Certamente seu pai não é seu irmão mais velho.” Mas o que posso fazer? Conheci minha avó como minha mãe desde meus primeiros anos, e aqueles primeiros anos são os anos mais importantes da vida. Penso que é o que os cientistas chamam de ‘impressão’”* [NdT. *imprint*]

Quando um pássaro sai de seu ovo e olha para sua mãe, com este primeiro olhar ele tem uma impressão. Mas se o pássaro sai e você remove a mãe e a substitui por outra coisa, uma impressão diferente ocorre.

De fato, foi assim que a palavra ‘impressão’ passou a ser usada. Um cientista estava trabalhando com o que ocorre quando um pássaro sai do ovo pela primeira vez. Ele removeu tudo do entorno, mas esqueceu-se completamente que ele próprio estava ali. O pássaro saiu, olhou em volta e pôde ver apenas as botas do cientista que estava ali observando.

O pássaro foi até as botas e muito amavelmente começou a brincar com elas. O cientista ficou maravilhado, mas depois teve problemas porque o pássaro ficava continuamente batendo na sua porta, não por ele, mas por causa das suas botas. Ele teve que manter as suas botas perto da casa do pássaro. E a coisa mais estranha que vocês podem imaginar aconteceu: quando o pássaro ficou maduro ele fez amor primeiro com as botas. Ele não podia apaixonar-se por uma passarinha – e havia muitas disponíveis – mas ele tinha uma certa impressão de como esse objeto de amor deveria ser. Ele podia amar apenas um belo par de botas.

Vivi com a minha avó por anos e penso nela como minha mãe. E não foi uma perda. Eu gostaria que ela fosse minha mãe. Se houvesse qualquer possibilidade de meu ser nascer de novo, embora não haja nenhuma, eu a escolheria para ser a minha mãe. Estou simplesmente enfatizando o ponto. Não há possibilidade do meu ser nascer de novo; a roda parou há muito tempo. Mas ela estava certa quando disse que eu não teria amigos. Não tive amigos na escola, ensino médio, colégio ou na universidade. Embora muitos pensassem ser meus amigos, eles eram apenas admiradores, no máximo conhecidos, ou ainda um passo além, seguidores, mas não amigos.

No dia em que comecei a iniciar, o meu único medo era, “Serei capaz de algum dia transformar meus seguidores em meus amigos?” Na noite anterior não

pude dormir. Repetidas vezes eu pensava, “Como vou administrar isso? Um seguidor supostamente não é um amigo.” Eu disse para mim mesmo aquela noite em Kulu Manali nos Himalaias, “Não fique sério. Você pode administrar qualquer coisa, embora você não saiba o ABC da ciência gerencial.”

Lembro de um livro de Bern, *A Revolução Gerencial*. Eu o li, não porque o título contém a palavra ‘revolução’, mas porque o título contém a palavra ‘gerencial’. Embora eu tenha amado o livro, naturalmente fiquei desapontado porque não era o que eu estava procurando. Nunca fui capaz de administrar qualquer coisa. Então aquela noite em Kulu Manali eu ri.

Um homem – não vou falar para vocês o nome dele porque ele me traiu, e é melhor não mencionar alguém que me traiu e ainda está vivo – estava dormindo em meu quarto. Ele acordou com meu riso, e eu disse a ele, “Não se preocupe. Eu não posso ficar mais louco do que já sou. Durma.”

“Mas,” ele disse, “apenas uma questão; caso contrário não poderei dormir: Por que você riu?”

Eu disse, “Eu estava apenas contando uma piada para mim mesmo.”

Ele riu e foi dormir sem nem perguntar que piada era.

Eu soube naquele exato momento que tipo de seguidor ele era. De fato, como um flash de luz eu vi que esse homem ficaria comigo por muito tempo. Então não o iniciei em sannyas, embora ele tenha insistido. Todos questionaram porque eu insistia para que os outros “saltassem” embora resistia à toda persuasão daquele homem. Ele queria saltar e eu disse, “Por favor espere.”

Dentro de dois meses estava claro para todos porque eu não havia dado sannyas para ele. Dentro de dois meses ele havia partido. Partir não é um problema, mas ele tornou-se meu inimigo. Ser meu inimigo é inconcebível para mim – sim, até para mim. Não posso acreditar como alguém pode ser meu inimigo. Nunca prejudiquei ninguém na minha vida. Você não pode encontrar uma criatura mais inofensiva. Por que alguém deveria ser meu inimigo? Deve haver alguma coisa na própria pessoa. Ela deve estar me usando como uma tela.

Eu gostaria de iniciar a minha avó, mas ela estava na vila de Gadarwara. Até tentei contatá-la, mas Kulu Manali fica cerca de três mil quilômetros de Gadarwara.

‘Gadarwara’ é um nome estranho. Eu gostaria de evitá-lo, mas ele tem que aparecer de qualquer maneira, de uma forma ou de outra, então é melhor liquidar isso. Ele significa ‘a vila do pastor’; é ainda mais estranho porque o lugar na Caxemira onde Jesus está enterrado chama-se Pahalgam, que também significa a vila do pastor. No caso de Pahalgam é entendível, mas por que a minha vila? Nunca vi nenhuma ovelha ali, nem mesmo pastores. Por que ela é chamada de vila do pastor? Não existem muitos cristãos ali também; de fato, apenas um. Vocês ficarão surpresos: ele é o padre de uma pequena igreja, e eu costumava ser o seu único ouvinte.

Uma vez ele me disse, “É estranho: você não é cristão, então, por que você chega exatamente no horário, todo domingo sem falta?” Ele prosseguiu, “Haja chuva ou até chuva de granizo, tenho que vir porque penso que você deve estar esperando – e você sempre está aqui. Por quê?”

Eu disse, “Você não me conhece. Somente amo torturar as pessoas, e ouvir você se torturando a si mesmo por uma hora, dizendo coisas que você não tem a intenção de dizer, é uma alegria para mim. Eu viria mesmo se toda a vila estivesse queimando. Você pode contar comigo: eu ainda estarei aqui exatamente na hora.”

Então certamente os cristãos não tinham nada a ver com aquela vila. Apenas um cristão vivia ali e sua igreja também não era muito uma igreja – apenas uma pequena casa. É claro que uma cruz foi colocada nela, e sob ela foi escrito: “Esta é uma Igreja Cristã.” Sempre me perguntei por que aquela vila era chamada de vila do pastor, e quando fui ao túmulo de Jesus em Pahalgam, na Caxemira, a questão tornou-se ainda mais pertinente.

Estranhamente, Pahalgam tem quase a mesma estrutura da minha vila. Pode ser uma coincidência. Quando vocês não conseguem entender algo vocês dizem, “Talvez seja uma coincidência” – mas não sou o tipo de homem que abandona uma coisa tão facilmente. Olhei para essa questão até onde pude naquele momento, mas agora posso olhar até onde eu quiser.

Gadarwara também foi visitada por Jesus e fora da vila está o lugar onde ele ficou. As suas ruínas ainda são honradas. Ninguém se lembra porque elas são honradas. Existe uma rocha que diz que certa vez um homem chamado Isu visitou esse local, e ficou ali. Ele converteu as pessoas da vila e da área vizinha, então retornou a Pahalgam. O departamento arqueológico da Índia colocou aquela rocha ali, então ela não é muito velha.

Tive que trabalhar muito duro naquela rocha para limpá-la. Foi difícil porque ninguém nunca se importou com ela. A rocha ficava dentro de um pequeno castelo. O castelo não é mais habitável e até adentrá-lo é perigoso. A minha avó tentava prevenir-me de entrar nele porque ele podia colapsar a qualquer momento. Ela estava certa. Até mesmo um pequeno vento e as paredes começavam a balançar. A última vez que o vi, ele havia ruído. Isso foi quando fui para Gadarwara para o funeral da minha avó. Também fui visitar o local onde um homem chamado Isu ficou certa vez.

Isu é, certamente, outra forma do aramaico *Yeshu*, que vem do hebraico Joshua. Em hindi Jesus é chamado Isa, e carinhosamente, Isu. Talvez um dos homens que mais amo esteve ali, naquela vila. Apenas a ideia que Jesus também andou por aquelas ruas era excitante, era um êxtase. Isso é um parênteses. Não posso provar de nenhuma forma histórica se isso ocorreu ou não. Mas se vocês me perguntarem em segredo, posso sussurrar em seus ouvidos, “Sim, é verdade. Mas, por favor, não me perguntem mais...”

Sessão 24

Eu estava falando para vocês que a amizade é um valor superior ao amor. Ninguém disse isso antes. E eu também disse que a amabilidade é superior à amizade. Ninguém nem mesmo mencionou isso. Certamente terei que explicar.

O amor, por mais belo que seja, permanece terreno. É algo como as raízes de uma árvore. O amor tenta elevar-se acima da terra e tudo o que esta implica – o corpo – mas cai repetidas vezes. Não é surpreendente que as pessoas dizem que alguém “caiu de amor.”* [NdT. *fall in love*]. Esta frase existe em todas as línguas, até onde sei.

Tentei explorar essa questão perguntando a várias pessoas de vários países. Escrevi a todas as embaixadas perguntando se elas tinham uma frase em sua língua que é exatamente equivalente a “caindo de amor.” Todas responderam, “É claro.”

E quando perguntei, “Vocês têm uma frase ou algo similar ao que chamo ‘elevando-se no amor?’” ou elas riram, ou começaram a falar sobre outra coisa. Se perguntei por carta, então elas nunca responderam. Certamente ninguém responde a um louco que está perguntando, “Existe uma palavra em sua língua para ‘elevando-se no amor?’”

Nenhuma língua tem esse tipo de palavra, e não pode ser apenas coincidência. Em uma língua tudo bem, até mesmo em duas talvez, mas não pode ser coincidência em três mil línguas. Não é por acaso que todas as línguas conspiraram juntas para fazer uma frase de três mil maneiras para significar “cair de amor.” Não, a razão é: o amor é basicamente da terra. Ele pode saltar um pouco, ou melhor, vocês podem chamá-lo de corrida*... [NdT. *jogging*]

Ouvi dizer que a corrida está na moda, particularmente na América, e isso é tão verdade que outra noite recebi um presente de uma senhora que ama os meus livros. Ela me enviou uma roupa de corrida. Grande ideia! Amei. Falei para Chetana, “Lave-a, eu vou usá-la.”

Ela disse, “Você vai correr?”

Eu disse, “Em meu sono! Vou usá-la como pijama.” E, a propósito, vocês provavelmente sabem que todos os meus pijamas já são roupas de corrida. Gosto deles porque no meu sono posso correr e fazer exercícios, ou lutar com Muhammad Ali o grande, e fazer todos os tipos de coisas – mas apenas no meu sono, debaixo dos meus cobertores, em absoluta privacidade.

Eu estava falando para vocês que o amor, de vez em quando, salta e sente-se como se estivesse livre da terra; mas a terra sabe mais: em breve ele volta aos seus sentidos com um golpe, talvez com ossos quebrados. O amor não pode voar. Ele é um pavão, com belas penas – mas lembre-se, eles não são capazes de voar. Sim, o pavão pode correr...

O amor é muito terreno. A amizade é um pouco superior; ela tem asas – não apenas penas, mas as asas de um papagaio. Vocês sabem como os papagaios voam? – De uma árvore para outra, ou talvez de um jardim para outro, de um bosque para outro, mas não voam na direção das estrelas. Seu voo é pobre. A amabilidade é o mais alto valor, porque a amabilidade não tem gravitação de maneira alguma. É apenas levitação, se vocês me permitem usar essa palavra. Não sei se os pânditas do inglês permitirão ‘levitação’; ela apenas significa ‘contra a gravidade’. A gravitação puxa para baixo, a levitação puxa para cima. Mas quem liga para os pânditas? – eles são muito graves, eles já estão em seus túmulos.

A amabilidade é uma gaiivota – sim, como Jonathan, elevando-se além das nuvens. Isso é apenas para conectar com o que eu estava falando para vocês...

A minha avó chorou porque ela pensava que eu não teria amigos. De uma forma ela estava certa, de outra estava errada. Ela estava certa em relação aos meus dias de escola, colégio e universidade, mas errada em relação a mim, porque mesmo nos meus dias de escola – embora não tivesse nenhum amigo no sentido ordinário, tive amigos em um sentido muito extraordinário. Conteí a vocês sobre Shambhu Babu. Conteí a vocês sobre minha própria Nani. De fato, essas duas pessoas me mimaram, e me mimaram de uma forma que não é possível voltar atrás. Qual era a estratégia delas?

A minha Nani veio primeiro, cronologicamente também; ela era tão atenta a mim. Ela ouvia a todos os meus disparates, minhas fofocas, com uma atenção tão absorta que até eu acreditava estar falando a verdade.

O segundo foi Shambhu Babu. Ele também ouvia com olhos que não piscavam. Eu nunca tinha visto alguém ouvir sem piscar: de fato, conheço somente outra pessoa, e essa sou eu. Não posso assistir um filme pela simples razão que quando o faço esqueço de piscar. Não posso fazer duas coisas juntas, particularmente se elas são tão divergentes quanto olhar um filme e piscar. Até hoje é impossível para mim. Não vejo filmes porque duas horas sem piscar dá dor de cabeça e os olhos ficam cansados, tão cansados que não conseguem nem dormir. Sim, o cansaço pode ser tão grande que mesmo o sono significa muito esforço. Mas Shambhu Babu costumava ouvir-me sem piscar. De vez em quando eu lhe dizia, “Shambhu Babu, por favor pisque. A menos que você pisque não vou dizer mais nada.”

Então ele piscaria rapidamente duas ou três vezes e diria, “Ok, agora continue e não me perturbe.”

Bertrard Russell escreveu certa vez que chegaria um dia em que a psicanálise tornar-se-ia a maior profissão. Por quê? Porque eles são as únicas pessoas que ouvem com atenção, e todos precisam de alguém para ouvi-los pelo menos de vez em quando. Mas pagar um psicanalista para ouvi-lo – apenas pense nesse absurdo, pagar uma pessoa para ouvi-lo! É claro que ele realmente não ouve tudo, ele finge. Foi por isso que fui o primeiro homem da Índia a pedir que as pessoas pagassem para me ouvir. Isso é totalmente o oposto da psicanálise, e faz

sentido. Se você quer entender-me, então pague. E no Ocidente as pessoas estão pagando apenas para serem ouvidas.

Sigmund Freud, sendo um judeu perfeito, criou umas das maiores invenções do mundo – o divã do psicanalista. É realmente uma grande invenção. O pobre paciente deita-se no divã, assim como eu aqui – mas não sou o paciente, essa é a dificuldade.

O paciente está escrevendo as notas: Doutor Devageet, ele se chama. Ele é chamado de doutor, mas não é como Sigmund Freud. Ele não está aqui como um doutor. Estranhamente – comigo tudo é estranho – o doutor está deitado no divã, e o paciente está sentado no assento do doutor. O meu próprio doutor está sentado aqui, perto dos meus pés. Você já viu algum doutor sentado aos pés de seu paciente? Aqui é um mundo totalmente diferente. Comigo tudo fica de cabeça para cima – não posso dizer de cabeça para baixo.

Não sou um paciente, embora seja muito paciente; e os meus doutores não são doutores, embora sejam perfeitamente qualificados como doutores. Eles são meus sannyasins, meus amigos. É disso o que estou falando, o que a amabilidade pode fazer – um milagre. É alquimia. O paciente torna-se o doutor, o doutor torna-se o paciente; isso é alquimia.

O amor não pode fazer isso. O amor, apesar de bom, não é suficiente. E comer demais até mesmo de uma coisa boa é ruim para vocês; isso dará diarreia ou cólicas no estômago e outras coisas mais. O amor pode fazer tudo, exceto ir além de si próprio. Ele vai cada vez mais para baixo. Ele se torna rixa, implicância e conflito. Todo amor, se segue naturalmente o seu fim natural, necessariamente termina em divórcio. Se vocês não seguem logicamente, essa é outra questão; então vocês ficam presos. Ver qualquer pessoa presa é realmente terrível; é necessário que algo seja feito em relação a isso. Mas essas pessoas presas, se vocês fizerem alguma coisa em relação a isso, elas vão ambas lutar contra vocês juntas, com dentes e unhas.

Lembro-me, há algumas semanas atrás, um amigo do Anthony veio da Inglaterra tomar sannyas, e vocês conhecem um cavalheiro inglês – ele estava tão preso, até o pescoço, como vocês dizem. Não era possível ver nada, ele estava afundado na lama. Era possível ver apenas alguns dos seus cabelos – apenas alguns porque ele era um homem calvo, assim como eu. Se fosse completamente calvo isso seria muito melhor; pelo menos ninguém o notaria. Tentei puxá-lo para fora, mas como você puxa para fora um homem com apenas alguns cabelos aparecendo na lama? Tenho meus próprios métodos.

Pedi para Anthony e Uttama ajudarem o pobre homem. Eles me disseram, “Ele quer separar-se da esposa.” Vi a sua esposa também, porque ela insistiu que queria estar presente quando ele tomasse sannyas. Ela queria ver o quanto ele seria hipnotizado. Permitted a presença dela porque não há hipnotismo sendo praticado aqui. De fato, ela própria ficou interessada. Convidei-a também, dizendo, “Por que você não se torna uma sannyasin?”

Ela disse, “Vou pensar a respeito.”

Eu lhe disse, “Todo o meu princípio é ‘Salte antes de pensar,’ mas não posso fazer nada, então pense a respeito. Se eu ainda estiver por aqui até você pensar, estarei pronto para ajudá-la.”

Mas eu disse a Anthony e Uttama – que são ambos meus sannyasins, e são daqueles poucos realmente próximos a mim – para ajudarem o seu amigo. Falei para eles fazerem todos os arranjos possíveis para a sua esposa e seus filhos, para que estes não fiquem desamparados, mas espiritualmente o marido dela não devia sofrer mais. Mesmo que ele tivesse que deixar tudo para a sua esposa, que assim fosse. Sou suficiente para ele.

Vi o homem e a sua beleza. Ele tem uma qualidade muito simples, infantil, a mesma fragrância que vocês encontram quando chove pela primeira vez e a terra alegra-se – a fragrância da alegria. Ele estava feliz em ser um sannyasin.

Há alguns dias recebi uma mensagem dizendo que ele estava dormindo continuamente, apenas por causa do medo da sua esposa. Ele não queria se levantar. No momento em que acorda, ele imediatamente toma comprimidos para dormir. Eu disse para Anthony dizer para ele, “Este sono não ajudará. Pode até matá-lo, mas não o ajudará, nem sua esposa. Você deve encarar a verdade.”

Pouquíssimas pessoas encaram a verdade, aquilo que elas chamam de amor é apenas biológico – e noventa e nove por cento do amor é biológico. A amizade é noventa e nove por cento psicológica. A amabilidade é noventa e nove por cento espiritual. O um por cento que sobra no amor é amizade; o um por cento que sobra na amizade é amabilidade. E o um por cento que sobra na amabilidade é apenas para aquilo que não tem nome. De fato os Upanishads chamaram-no exatamente assim: “*Tattvamasi* – tu és isso.” *Tat...* como vou chamá-lo? Não, não vou atribuir nenhum nome a ele. Todos os nomes traíram o ser humano. Todos os nomes sem exceção provaram-se inimigos do ser humano, então não quero o nomear.

Simplesmente indico com os meus dedos em sua direção. E mesmo que eu dê ou não um nome a ele, ele não tem nome. É inominável. Todos os nomes são invenções nossas. Quando entenderemos uma coisa simples? Uma rosa é uma rosa; é uma rosa; qualquer nome que você der a ela, não faz diferença nenhuma porque mesmo a palavra ‘rosa’ não é o seu nome. Ela está simplesmente ali. Quando você abandona a linguagem entre você e a existência, de repente a explosão... o êxtase!

O amor pode ajudar, por isso não sou contra o amor. Isso seria como ser contra uma escada. Não, uma escada é boa, mas andem com cuidado, particularmente em uma escada velha. E lembrem-se: o amor é o mais velho. Adão e Eva caíram por ele; mas não era preciso cair, não havia nenhuma necessidade de eles caírem. Se escolheram – e, de vez em quando alguém quer cair, então é apenas sua escolha. Mas cair com liberdade é uma coisa, e cair como uma punição é totalmente outra.

Se eu fosse escrever a Bíblia novamente... eu não faria uma coisa tão estúpida, vocês podem acreditar em mim. Estou dizendo *se* eu fosse escrevê-la,

então eu faria Adão e Eva caírem, não como uma punição, mas como uma escolha, a partir da liberdade deles.

Que horas são?

“Oito e cinco, Osho.”

Isso é bom, porque ainda nem comecei. O início requer um longo tempo.

O amor é bom, apenas bom, mas não suficiente, não é suficiente para dar-lhes asas. Para isso a amizade é necessária, e o amor não a permite. O suposto amor, eu quero dizer, é extremamente contra a amizade. Ele teme muito a amizade porque qualquer coisa superior é um risco, e a amizade é superior.

Quando você pode desfrutar da amizade de um homem ou uma mulher, então você conhece pela primeira vez que o amor é uma trapaça, uma enganação. Infelizmente então você percebe quanto tempo foi perdido. Mas a amizade é somente uma ponte. É preciso passar por ela; não é possível morar nela. Uma ponte não foi feita para se viver sobre ela. Esta ponte leva à amabilidade. A amabilidade é pura fragrância. Se o amor é a raiz e a amizade a flor, então a amabilidade é a fragrância, invisível aos olhos. Vocês não podem nem a tocar; vocês não podem segurá-la em suas mãos, particularmente se quiserem mantê-la em seus punhos fechados. Sim, vocês podem tê-la em suas mãos abertas, mas não em suas mãos fechadas.

A amabilidade é quase o que, no passado, os místicos chamaram de oração. Não quero a chamar de oração pela simples razão que a palavra é associada com as pessoas erradas. É uma bela palavra, mas estar com a companhia errada contamina; vocês começam a feder à sua companhia. No momento em que alguém diz “oração” todo mundo torna-se alerta, com medo, atento – como se um general tivesse chamado a atenção dos seus soldados, e, de repente, todos virassem estátuas.

O que ocorre quando alguém menciona uma palavra como ‘oração’, ‘deus’, ou ‘paraíso’? Por que vocês se fecham? Não estou condenando vocês, estou simplesmente dizendo – ou, em vez disso, trazendo à atenção de vocês – que essas belas palavras foram imensamente poluídas pelos assim chamados “seres sagrados.” Eles fizeram um trabalho profano, não posso os perdoar.

Jesus diz, “Perdoe seus inimigos” isso eu posso fazer – mas ele não diz, “Perdoe seus sacerdotes.” E mesmo se tivesse dito eu lhe diria, “Fique quieto! Não posso perdoar os sacerdotes. Não posso nem os perdoar, nem os esquecer, porque se eu os esquecer quem irá demoli-los? E se eu os perdoar, então quem irá desfazer o que eles fizeram com a humanidade? Não, Jesus, não! Inimigos posso entender – sim, eles devem ser perdoados, eles não sabem o que fazem. Mas os sacerdotes? Por favor não diga que eles não entendem o que estão fazendo. Eles entendem exatamente o que estão fazendo. É por isso que não posso perdoar, nem esquecer. Tenho que lutar até meu último suspiro.”

O amor te leva – mas apenas se ele te leva na direção da amizade ele é amor. Se não te leva na direção da amizade, então é luxúria, não amor. Se ele te

leva à amizade, seja grato a ele mas não o permita invadir a sua liberdade. Sim, ele ajudou; isso não significa que agora ele tem que dificultar também. Não carregue o barco nas costas apenas porque ele te carregou à outra margem.

Não seja tolo! Quero dizer – perdoe-me, Devageet, esta palavra reservei para você; quero dizer, não seja idiota. Mas sigo esquecendo. Repetidas vezes uso a palavra errada, ‘tolos’, para os outros, sendo que ela é uma palavra especial para Devageet. Particularmente nessa Arca de Noé – este é o meu nome para esta cabine.

O amor é bom. Transcenda-o, porque ele pode levá-lo a algo melhor: a amizade. E quando dois amantes se tornam amigos, isso é um fenômeno raro. Alguns chorarão de alegria, ou celebrarão, ou, se forem músicos, tocarão guitarra, ou, se alguém for poeta, então escreverá um haiku, um *rubaiyat*. Mas se alguém não for nem músico nem poeta, ainda é possível dançar, pintar, sentar-se silenciosamente e olhar para o céu. O que mais pode ser feito? A existência já o fez.

Ashu, agora olhe o tempo...

“Oito e vinte cinco, Osho.”

Olhe para seu relógio.

“Oito e vinte sete, Osho.”

Oito e vinte sete? Olhe, sou um judeu – ainda assim economizei alguns minutos. Acredito em seu relógio, mas vou falar somente por alguns minutos mais.

Do amor à amizade, e da amizade à amabilidade – essa é toda a minha religião. A amizade é novamente um barco* [NdT. “*ship*”] um relacionamento* [NdT. ‘*relation-ship*’], uma certa servidão... muito sutil, mais sutil que o amor, mas ela está lá; e com ela todos os ciúmes e todas as doenças do amor também. Elas vêm de uma forma muito sutil. Mas a amabilidade é liberdade do outro; por isso não é uma questão de relacionamento.

O amor é direcionado ao outro, a amizade também. A amabilidade é apenas uma abertura do seu coração para a existência. De repente, em um momento particular, vocês podem abri-lo para um homem, uma mulher, uma árvore, uma estrela... no início vocês não podem o abrir para toda a existência. É claro que no final vocês têm que abrir os seus corações ao todo, simultaneamente, sem endereçar ninguém. Este é o momento... vamos chamá-lo apenas de *o momento*.

Vamos esquecer as palavras iluminação, budidade, consciência crística, vamos apenas chamá-lo de

O MOMENTO

– escreva-o com letras maiúsculas.

Tem sido tão bom. Sei que há tempo, mas tem sido tão belo, e com qualquer coisa bela, nada mais deve ser pedido. O mais destrói.

Sessão 25

Ok. Eu estava citando Bertrand Russell – essa citação ajudará como um prego. Ele disse, “Mais cedo ou mais tarde todo mundo precisará da psicanálise, porque é tão difícil encontrar alguém para escutar-lhe, que esteja atento a você.”

A atenção é tão necessária que se o roto encontrasse o esfarrapado ele até pagaria por atenção, mas, pelo menos, teria a alegria de alguém ouvindo-o atentamente. O ouvinte pode ter tapado seus ouvidos com algodão, isso é outra questão. Nenhum psicanalista pode ouvir a todo esse disparate entra dia, sai dia. Ademais, ele próprio precisa de alguém para ouvi-lo. Vocês ficarão surpresos em saber que todos os psicanalistas vão uns nos outros. É claro que eles não cobram entre si, por cortesia profissional, mas há uma grande necessidade de desanuviar, descarregar, de simplesmente dizer qualquer coisa que vier na mente e não seguir empilhando, porque então essas pilhas torturam-nos.

Citei Bertrand Russell como uma conexão. Chamei-o de prego apenas para que pudesse continuar a minha história. Bertrand Russell ele próprio, apesar de ter vivido uma longa vida, nunca soube o que é a vida. Mas às vezes as palavras daqueles que não souberam podem ser usadas significativamente por aqueles que podem ver. Estes podem colocar aquelas palavras em um contexto adequado.

Vocês podem não ter cruzado com essa citação porque ela está em um livro que ninguém lê de maneira alguma. Vocês não acreditariam que Bertrand Russell poderia escrever tal livro. É um livro de histórias curtas. Ele escreveu centenas de livros, muitos deles bem conhecidos, bem lidos e reconhecidos, mas esse livro é raro em um sentido pois é apenas uma coleção de histórias curtas, e ele estava muito relutante em publicá-lo.

Ele não era um escritor de histórias curtas, e as suas histórias são, é claro, de terceira classe, mas aqui e ali nessas histórias de terceira classe é possível cruzar com uma sentença que apenas Bertrand Russell poderia ter escrito. Essa citação é desse livro.

Amo histórias, e tudo isso começou com a minha Nani. Ela amava histórias também. Não que ela costumava me contar histórias; pelo contrário, ela costumava provocar-me para que eu contasse histórias para ela, todos os tipos de histórias e fofocas. Ela ouvia tão atentamente que ela me tornou um contador de histórias. Somente por sua causa eu encontrava algo interessante, porque ela esperava o dia todo apenas para ouvir a minha história. Se eu não podia encontrar algo, então eu inventava. Ela é a responsável: todo o crédito ou culpa, qualquer forma que vocês quiserem chamar, vai para ela. Eu inventava histórias para contar-lhe apenas para que ela não ficasse desapontada, e posso prometer a vocês que tornei-me um contador de histórias bem-sucedido somente por causa dela.

Comecei a ganhar competições quando era apenas uma criança na escola primária, e isso continuou até o fim, quando deixei a universidade. Coletei tantos prêmios, medalhas, troféus, escudos, etc. que minha avó tornou-se uma jovem

mulher novamente. Sempre que trazia alguém para mostrar os meus prêmios e condecorações ela não era mais uma velha mulher, ela quase tornava-se jovem de novo.

Toda a sua casa tornou-se quase um museu porque eu continuava a enviar-lhe meus prêmios. Até o colégio, é claro, eu era quase um residente de sua casa. Era apenas por cortesia que eu costumava visitar os meus pais de dia; mas a noite era dela, porque essa era a hora de contar histórias.

Ainda posso ver-me ao lado de sua cama e ela ouvindo tão atentamente o que eu estava falando. Cada palavra pronunciada por mim era absorvida por ela como se tivesse um imenso valor. E as palavras tornavam-se valiosas apenas porque ela as recebia com tanto amor e respeito. Quando elas batiam na minha porta eram apenas indigentes, mas quando entravam em sua casa, elas não eram mais as mesmas pessoas. No momento em que ela me chamava dizendo, “Raja! Agora diga-me o que aconteceu com você hoje – tudo. Prometa-me que você não deixará nada para trás,” o indigente abandonava tudo o que o fazia parecer um indigente; agora ele era um rei.

Todo dia eu tinha que prometer, e ainda que eu lhe contasse tudo o que havia ocorrido, ela insistia, “Conte-me mais,” ou “Conte-me aquilo de novo.”

Muitas vezes eu lhe dizia, “Você vai me mimar; tanto você quanto Shambhu Babu vão me mimar para sempre.” E eles realmente fizeram bem o seu trabalho. Coletei centenas de prêmios. Não havia um único colégio em todo o estado em que eu não tivesse falado e ganho – exceto uma vez. Apenas uma vez não fui o ganhador, e a razão foi simples. Todos ficaram impressionados, até mesmo a garota que ganhou, “porque,” ela me disse, “é impossível pensar que eu pudesse ganhar de você.”

Todo o auditório – e devia existir pelo menos dois mil estudantes – preencheu-se de um grande zumbido, e todo mundo estava dizendo que foi injusto, até mesmo o diretor que estava presidindo a disputa. Perder aquele prêmio tornou-se muito significativo para mim; de fato, se eu não tivesse perdido aquele prêmio, eu estaria em um grande apuro. Vou contar isso para vocês no momento certo.

O diretor chamou-me e disse, “Desculpe-me, você certamente é o ganhador” e ele me deu o seu próprio relógio dizendo, “Isso é muito mais caro do que a taça que foi dada àquela garota.” E certamente era. Era um relógio de ouro. Recebi milhares de relógios, mas nunca recebi um tão belo; era realmente uma obra de arte. Aquele diretor era muito interessado em coisas raras, e seu relógio era uma peça rara.

Ainda posso vê-lo. Recebi muitos relógios, mas os esqueci. Um desses relógios tem um comportamento estranho. Quando preciso dele, ele para. Em todos os momentos ele funciona perfeitamente; ele para apenas à noite entre as três e as cinco. Não é um comportamento estranho? – porque é nessa hora que às vezes acordo, apenas um velho hábito. Em meus dias de juventude eu costumava levantar-me às três da manhã. Fiz isso por tantos anos que mesmo se eu não me

levantar, tenho que virar-me na cama e então voltar a dormir. Essa é a hora que preciso ver se devo levantar-me ou posso ter um pouco mais de sono; e, estranhamente, é nesse momento que o relógio para.

Hoje ele parou exatamente às quatro. Olhei para ele e voltei a dormir; quatro horas é muito cedo. Depois de dormir por quase uma hora, novamente olhei para o relógio: ainda era quatro. Eu disse a mim mesmo. “Ótimo, então essa noite nunca vai terminar.” Então fui dormir novamente, sem pensar – vocês me conhecem, não sou um pensador – sem pensar que o relógio poderia ter parado. Pensei, “Essa noite parece ser a última. Posso dormir para sempre. Ótimo! Apenas muito estranho!” E senti-me tão bem que a noite nunca terminaria que adormeci novamente. Depois de duas horas novamente olhei para o relógio, ainda era quatro horas! Eu disse, “Ótimo! Não apenas essa noite é longa, mas até o tempo parou também!”

O diretor deu-me seu relógio e falou, “Desculpe-me, porque certamente você foi o ganhador, e devo dizer-lhe que o homem que foi o juiz está apaixonado pela garota que ganhou o prêmio. Ele é um tolo. Digo isso mesmo ele sendo um dos meus professores e um colega. Esta é a gota d’água. Vou demiti-lo agora. Este é o fim do seu serviço nesse colégio. Isso é demais. Eu estava na cadeira presidencial, e todo o auditório riu. Parece que todos sabiam que a garota não era capaz de falar, e penso que ninguém exceto o seu amante, o professor, entendeu o que ela estava dizendo. Mas você sabe, o amor é cego.”

Eu disse, “Absolutamente certo – o amor é cego. Mas por que você escolheu uma pessoa cega para ser o juiz, particularmente quando a sua garota era uma competidora? Vou expor tudo.” E expus tudo aos jornais, contando toda a história. Foi realmente um problema para o pobre professor – tanto que seu caso de amor acabou. Ele perdeu tudo, o seu serviço, a sua reputação, e a garota por cujo amor ele apostou tudo – tudo estava perdido. Ele ainda está vivo. Uma vez, já idoso, ele veio ver-me e confessou, “Desculpe-me, certamente fiz algo errado, mas nunca pensei que tomaria proporções tamanhas.”

Eu disse a ele, “Ninguém sabe o que uma ação ordinária vai trazer ao mundo. E não se arrependa. Você perdeu o seu serviço e sua amada. O que eu perdi? Nada de maneira alguma, apenas mais um prêmio, e tenho tantos que não ligo.”

De fato, a casa da minha avó tornou-se, posteriormente, um museu para meus troféus, taças e medalhas. Mas ela ficava muito feliz, imensamente feliz. Era uma casa pequena abarrotada com toda aquela bobagem, mas ela ficava feliz que eu continuava a enviar-lhe todos os meus prêmios, do colégio e da universidade. Continuei enviando-lhe, e todo ano eu ganhava uma dúzia de prêmios, pelo debate, eloquência ou em competições de contar histórias.

Mas digo-lhes uma coisa: tanto minha Nani quanto Shambhu Babu mimaram-me ao serem tão atentos. Eles me ensinaram, sem ensinar, a arte do falar. Quando alguém ouve tão atentamente, você imediatamente começa a dizer

algo que não havia planejado ou mesmo imaginado; isso simplesmente flui. É como se a atenção se tornasse magnética e atraísse o que está escondido em vocês.

A minha própria experiência é que esse mundo não se tornará um local belo para se viver a menos que todos aprendam como ser atentos. Nesse momento, ninguém está atento. Mesmo quando as pessoas estão mostrando que estão ouvindo; elas não estão ouvindo, elas estão fazendo mil outras coisas. Hipócritas apenas fingindo... mas não da forma que um ouvinte ativo deve ser – totalmente atento, somente atenção e nada mais, aberto. A atenção é uma qualidade feminina, e todos que conhecem a arte da atenção, do ser atento, tornam-se, em um certo sentido, muito femininos, muito frágeis, suaves; tão suaves que vocês podem arranhá-los apenas com suas unhas.

A minha Nani esperava todo o dia eu voltar para casa e contar as suas histórias. E vocês ficarão surpresos como, sem saber, ela me preparou para o trabalho que eu iria fazer. Foi ela que ouviu pela primeira vez muitas das histórias que conto para vocês. Era para ela que eu podia contar qualquer absurdo sem qualquer medo.

A outra pessoa, Shambhu Babu, era totalmente diferente da minha Nani. A minha Nani era muito intuitiva, mas não intelectual. Shambhu Babu também era intuitivo, mas intelectual também. Ele era um intelectual de primeira classe. Cruzei com muitos intelectuais, alguns famosos e alguns muito famosos, mas nenhum deles chega perto de Shambhu Babu. Ele era realmente uma grande síntese. Assagioli amaria o homem. Ele tinha intuição mais intelecto, e não pouco de ambos, mas altos picos. Ele também costumava ouvir-me, e esperava o dia todo até que a escola terminasse. Todo o dia depois da escola era dele.

No momento em que eu era liberto da prisão, da minha escola, eu ia até Shambhu Babu. Ele estaria pronto com chá e alguns doces que sabia que eu gostava. Menciono isso porque as pessoas raramente pensam nos outros. Ele sempre arrumava as coisas com a outra pessoa na mente. Nunca vi ninguém se preocupar tanto com o outro como ele. A maior parte das pessoas, embora preparem para os outros, fazem isso de acordo consigo mesmas, forçando à outra pessoa a gostar do que elas próprias gostam.

Essa não era a maneira de Shambhu Babu. O seu pensar no outro era uma das coisas que eu amava e respeitava nele. Ele sempre comprava coisas depois de perguntar aos vendedores o que a minha Nani costumava comprar. Fui saber disso apenas depois da sua morte. Só então os vendedores me contaram, os confeitores também, que “Shambhu Babu sempre costumava fazer uma pergunta estranha: ‘O que aquela senhora, que vive ali sozinha perto do rio – o que ela compra de vocês?’ Nós nunca quisemos saber porque ele perguntava, mas agora sabemos: ele estava perguntando o que você gostava.”

Eu sempre ficava impressionado que ele sempre estava preparado com as coisas que eu gostava. Ele era um homem do Direito, então naturalmente encontrava um jeito. Da escola eu me apressava até a sua casa, tomava meu chá e doces que ele havia trazido; então ele estava pronto. Mesmo antes de eu

terminar, ele estava pronto para ouvir o que eu tinha para dizer. Ele diria, “Apenas me fale qualquer coisa que você quiser. Não é uma questão do que você fala, mas que você fale.”

A sua ênfase era muito clara. Eu era deixado absolutamente livre, nem mesmo com um tema para falar, livre para dizer qualquer coisa que quisesse. Ele sempre adicionava, “Se você quiser permanecer em silêncio, você pode. Ouvirei o seu silêncio.” E de vez em quando acontecia de eu não dizer uma palavra. Não havia nada a ser dito.

E quando eu fechava os meus olhos ele fechava os seus olhos, e nós sentávamos como quakers, em silêncio. Muitas vezes, dia após dia, ou eu falava ou ficávamos em silêncio. Um vez eu lhe disse, “Shambhu Babu, parece estranho você ouvir a uma criança. Seria mais apropriado se você falasse e eu escutasse.”

Ele riu e disse, “Isso é impossível. Não posso dizer nada a você, e nunca direi nada, pela simples razão que eu não sei. Sou grato a você por me tornar consciente da minha ignorância.”

Essas duas pessoas deram-me tanta atenção que na minha primeira infância tornei-me consciente do fato, que apenas agora os psicólogos estão falando sobre, que a atenção é um tipo de alimento, um sustento. Uma criança pode ser perfeitamente cuidada, mas se ninguém prestar atenção a ela existe toda a possibilidade dela não sobreviver. A atenção parece ser o ingrediente mais importante da alimentação de alguém.

Fui afortunado nesse aspecto. A minha Nani e Shambhu Babu fizeram a bola rolar, e conforme rolou, ela reuniu cada vez mais musgo. Sem nunca aprender como falar, tornei-me um falante. Ainda não sei como falar e alcancei milhares de pessoas – sem nem saber como começar. Vocês podem ver a parte divertida disso? Devo ter falado mais que qualquer homem em toda a história, embora eu tenha apenas cinquenta e um anos.

Comecei a falar tão cedo, embora eu não seja de maneira alguma o que vocês chamam de orador no Ocidente. Não um orador que diz, “Senhoras e Senhores,” e todo aquele disparate – tudo emprestado e nada experienciado. Não sou um falante nesse sentido, mas falo com todo o meu coração em chamas, incendiado. Não falo como uma arte, mas como se fosse a minha vida. E desde os meus primeiros dias de escola isso foi reconhecido, não por um, mas por muitos, que o meu discurso parecia vir do meu coração, que eu não estava tentando repetir algo que preparei como um papagaio. Algo espontâneo estava nascendo naquele momento.

O diretor que me deu seu relógio e trouxe todos esses problemas para vocês, o seu nome era B. S. Audholia. Espero que ele ainda esteja vivo. Até onde sei ele está, e sei o suficiente. Não espero contra a esperança; quando espero, isso significa que é assim.

Naquela noite ele disse, “Desculpe-me” – e ele estava realmente arrependido; ele demitiu o professor. B. S. Audholia também me disse que sempre

que eu precisasse de algo, eu só precisaria informá-lo, e se tivesse dentro da sua capacidade ele o faria. Posteriormente, sempre que eu precisava de algo, eu apenas enviava uma nota a ele e aquilo era realizado. Ele nunca perguntava por quê.

Uma vez lhe perguntei, “Por que você nunca me pergunta por que preciso disso?”

Ele disse, “Conheço-o: se você me pediu, seria tolice se eu perguntasse o motivo. Você poderia fornecer tantas razões, mesmo que não necessitasse de algo. Mais uma coisa,” ele disse: “se você o pediu, seria impossível crer que você pediria a menos que realmente necessitasse. Conheço-o, e conhecê-lo é o suficiente para dar-me todas as razões que necessito.”

Olhei para o homem. Eu não esperava que um diretor de um colégio muito famoso poderia ser tão compreensível. Ele riu e disse, “Foi apenas uma coincidência que tornei-me diretor; de fato, eu não deveria ser. Foi apenas um erro da parte dos governadores.” Eu não perguntei, mas ele deve ter lido na minha face. A partir daquele dia comecei a deixar a barba. Não é possível ler muito atrás de uma barba. É perigoso se as coisas podem ser lidas tão facilmente. Vocês têm que criar algo para que vocês não sejam apenas um jornal.

Seis meses depois quando nos encontramos novamente ele disse, “Por que você começou a deixar a barba crescer?”

Eu disse, “Você é a causa. Você disse que leu a minha face; agora a minha face não vai mais ser tão fácil de ler.”

Ele riu e disse, “Você não pode esconder – está nos seus olhos. Por que você não começa a usar óculos escuros se quer realmente escondê-lo?”

Eu disse, “Não posso usar óculos pela simples razão que não posso criar qualquer barreira entre meus olhos e a existência. Esta é a única ponte onde nos encontramos, não há outra.”

É por isso que um cego tem a simpatia de todos em todo lugar. Ele é um homem sem uma ponte; ele perdeu o seu contato. Os pesquisadores estão dizendo agora que oitenta por cento do nosso contato com a existência é através dos olhos. Talvez eles estejam certos – talvez seja mais do que eles pensam, mas oitenta por cento está certo. Pode revelar-se, no final das contas, ser muito superior, talvez noventa por cento ou mesmo noventa e nove por cento. O olho é o ser humano.

O Buda não pode ter os mesmos olhos que Adolf Hitler – ou vocês acham que ele pode? Esqueçam ambos; eles não são contemporâneos. Jesus e Judas são contemporâneos, e não apenas contemporâneos, mas mestre e discípulo. Ainda assim digo que eles não podem ter os mesmos olhos, a mesma qualidade. Judas deve ter tido olhos muito sagazes, realmente judeus. Jesus deve ter tido os olhos de uma criança; embora fisicamente ele não fosse mais criança, psicologicamente ele era. Mesmo na cruz ele morreu como se estivesse em um útero, ainda no útero – tão fresco, como se a flor não tivesse aberto, permanecendo um botão. Ele nunca conheceu toda a feiura que existe em todos os lugares. Jesus e Judas viveram

juntos, moveram-se juntos, mas acho que Judas nunca olhou para os olhos de Jesus; caso contrário as coisas seriam diferentes.

Se Judas tivesse coragem suficiente para olhar nos olhos de Jesus, pelo menos uma vez, não haveria crucificação e nenhum ‘cruzianismo’ – quero dizer, cristianismo. Aquele é o meu nome para o cristianismo. Judas era sagaz. Jesus era tão simples que vocês podem quase chamá-lo de “o tolo.” É isso o que Fiódor Dostoiévski diz em um dos seus romances mais criativos, *O Idiota*.

Embora ele não tenha sido escrito para ou sobre Jesus, Dostoiévski estava tão preenchido pelo espírito de Jesus que, de alguma forma, Jesus entra. O personagem principal do romance *O Idiota* não é ninguém mais que Jesus. Ele não é mencionado, nem vocês podem encontrar referências a ele, nem nenhuma semelhança, mas se vocês o lerem algo começará a ressoar em seus próprios corações, e vocês concordarão comigo. Será um acordo, mas não através da cabeça; será um acordo mais fundo do que a imaginação pode penetrar, na própria batida dos seus corações – um acordo real.

Sessão 26

Tenho que seguir em círculos, círculos dentro de círculos dentro de círculos, porque a vida é assim. E ainda mais no meu caso. Em cinquenta anos devo ter vivido pelo menos cinquenta vidas. De fato, não fiz nada além de viver. As outras pessoas têm muitas ocupações, mas desde minha infância permaneci um vagabundo, sem fazer nada, apenas vivendo. Quando você não faz nada além de viver, então é claro que a vida toma uma dimensão totalmente diferente. Não é mais horizontal, ela adquire profundidade.

Devageet, é bom que você nunca foi meu estudante; caso contrário você nunca seria um dentista. Eu seria a última pessoa que lhe permitiria um certificado. Mas aqui você pode divertir-se e dar risinhos, pensando que estou muito relaxado, não há problema. Mas lembre-se, mesmo se eu estiver morto posso sair do meu túmulo para gritar com você. Este tem sido todo o meu negócio, toda a minha vida.

Não fiz nada no sentido de obter lucro, de ter uma grande conta bancária, de tornar-me uma pessoa poderosa politicamente. Vivi da minha maneira, e nesta maneira de viver, ensinar tem sido uma parte essencial. Então, mesmo aqui, desculpe-me, não posso esquecer: sou sempre o mestre. Você sabe, eu sei, todo mundo nessa sala sabe, que você está abaixo de mim, e estou na cadeira de dentista – você não está. Se dou risinhos, isso pode ser perdoado: “Aha! O velho está desfrutando de si próprio!” Mesmo Ashu está divertindo-se com a ideia; caso contrário ela é uma mulher séria, muito séria. As mulheres, uma vez que são professoras, digitadoras, enfermeiras, algo dá errado no plano delas. Elas de repente tornam-se tão sérias.

Entretanto, Eva não era séria, Adão era. A serpente nunca poderia o persuadir. De fato, ela tentou muitas vezes; é isso o que a história egípcia conta, e esta é muito mais autêntica do que a versão bíblica. É mais antiga também. Ela diz que a serpente tentou Adão, mas não pôde o fisgar. Então, finalmente, como último recurso, ela tentou Eva. É melhor chamá-la de Eva, assim como os egípcios o fazem, soa mais feminino – Eva. A serpente conseguiu na primeira tentativa. Desde então, todos os vendedores e anunciantes têm mirado em Eva. Eles não notam de maneira alguma o pobre homem que está pagando por tudo que Eva compra. Isso é problema dele, então por que eles se preocupariam?

Eve, ou Eva como gosto de chamá-la – sempre gosto do belo, onde quer que ele se encontre. Eve não soa muito musical e parece ser mutilado, podado, parece mais como um jardim inglês, não como um jardim zen. Eva tem um potencial ilimitado, apenas o seu som, então vamos chamá-la de Eva. Por que o demônio foi bem-sucedido com ela em sua primeira tentativa? Pela simples razão que ela não tinha uma mente de negócios.

Ela não estava séria, deve ter rido das piadas do demônio, deve ter falado alegremente – fofocado eu quis dizer. E quando você fofoca com o diabo, ele vai

levar vantagem. Se você rir das suas piadas, então ele sabe que tem um caminho, ele pode aproximar-se do seu ser. Foi assim que ele persuadiu a pobre Eva.

Desde então, acho que as mulheres perderam a sua qualidade própria de serem alegres. Mesmo se riem, é uma risada abafada. Mesmo quando riem, elas colocam as mãos em suas faces, como se alguém fosse ver o grande trabalho que seus dentistas fizeram nelas. Mas aqui, nessa sala, não há necessidade de ser sério. É bom que hoje, pela primeira vez, Ashu está rindo tão claramente que posso ouvir. E por que ela está rindo? Ela está rindo porque o pobre Devageet está sendo espancado. Naturalmente ela ri e me diz – posso ouvir o que ela está pensando – “Dê-lhe um bom tapa, mais um!” Não, isso é o bastante; caso contrário vou me perder.

Era isso o que eu estava falando: que a vida é um círculo dentro de um círculo dentro de um círculo – e ainda mais a minha vida. Não vivi da forma que se é esperado viver. Não fiz nada além. Sim, apenas vivi e não fiz mais nada, mas então é demais: um único momento é quase uma eternidade! Apenas pense nisso...

Então tenho que seguir em frente da mesma forma que vivi. Vocês terão que me suportar, não há outro caminho. Nunca lidei com ninguém, então não sei como, e mesmo se eu tentar aprender agora, é muito tarde. Mas vocês têm lidado com todos os tipos de pessoas em suas vidas.

Não lidei com meu pai, minha mãe, meus tios que eram todos amáveis e prestativos comigo; nem meus professores primários, que não eram meus inimigos; nem meus professores da universidade, que sempre quiseram ajudar-me, apesar de mim. Mas não lidei com ninguém, todos tiveram que lidar comigo. Agora é muito tarde. As coisas não podem ser alteradas agora. Foi, e ainda é, um caso unilateral.

Vocês podem suportar-me, estou disponível. Mas não posso suportar vocês, por duas razões: primeira, vocês não estão disponíveis, não estão presentes. Mesmo se eu bater em sua porta, não há ninguém dentro – e os vizinhos me informam que o sujeito nunca foi visto. A porta está trancada. Quem a trancou? – ninguém sabe. Onde está a chave? – talvez perdida. E mesmo se eu puder encontrar a chave ou quebrar o cadeado – o que é muito mais fácil – qual seria o ponto? O sujeito não está dentro da casa. Não vou o encontrar ali; vocês estão sempre em outro lugar. Agora, como encontrá-los e suportá-los? É impossível.

Em segundo lugar, mesmo se fosse possível, apenas em prol do argumento, eu não poderia o fazer. Nunca o fiz. Não conheço o seu mecanismo. Ainda sou simplesmente um garoto selvagem da vila.

Há algumas noites a minha secretária estava chorando e dizendo a mim, “Por que você confia em mim, Osho? Não sou digna. Não sou digna nem de mostrá-lo a minha face.”

Eu disse, “Quem liga para mérito ou demérito? E quem o decidirá? Eu, pelo menos, não vou decidir. Por que você está chorando?”

Ela disse, “Apenas a ideia que você me escolheu para fazer o seu trabalho... é uma tarefa tão grande.”

Eu disse, “Esqueça tudo sobre a grandeza da tarefa e apenas ouça o que digo.”

Nunca fiz nada eu mesmo, então naturalmente nunca me preocupei se ela seria capaz de fazê-lo ou não. Eu simplesmente disse-lhe “Ouça,” e, é claro, quando digo algo ela tem que ouvir. Ora, como ela consegue fazê-lo não é problema meu, nem dela. Ela consegue porque eu falei. Eu falei porque não sei nada sobre administração. Vocês veem por que a escolhi? Ela se adequa. Sou um desadequado.

A minha avó sempre se preocupou. Repetidas vezes ela dizia, “Raja, você será um desajustado. Eu lhe digo, você sempre será um desajustado.”

Eu costumava rir dela e dizer, “A própria palavra ‘desajustado’ é tão bela que me apaixonei por ela. Agora, se me ajustar, lembre-se, baterei na sua cabeça – e quando falo, você sabe que falo sério. Vou realmente bater em sua cabeça, se você estiver viva. Se você não estiver viva então irei até o seu túmulo, mas certamente farei algo maldoso. Você pode confiar em mim.”

Ela riu mais e disse, “Aceito o desafio. Repito que você permanecerá um desajustado para sempre, quer eu esteja viva ou morta. E você nunca será capaz de acertar a minha cabeça porque nunca será capaz de adequar-se.”

E ela estava plenamente correta. Eu era o desajustado, em todo lugar. Na universidade onde eu estava ensinando nunca tirei a fotografia anual dos docentes. O vice-reitor me disse uma vez, “Reparei que você é o único membro do corpo docente que nunca vem à nossa fotografia anual. Todo mundo vem, porque a foto é publicada, e quem não quer que sua foto seja publicada?”

Eu disse, “Certamente não quero que minha foto seja publicada – não junto com tantos asnos. E essa fotografia permaneceria para sempre como uma mancha no meu nome, reconhecendo que uma vez fui associado com essa companhia.”

Ele ficou chocado e disse, “Você chama todas essas pessoas de asnos? Incluindo a mim?”

Eu disse, “É claro que incluindo você. Foi isso o que eu pensei,” eu lhe disse. “E se você quiser ouvir algo simpático, você chamou o homem errado. Chame um dos seus asnos.”

Não existe uma única fotografia de quando eu estava em serviço. Eu era um desajustado tal que pensava ser melhor não me associar com aquelas pessoas as quais eu não tinha nada em comum. Na universidade eu me associava apenas com uma árvore, uma árvore *gulmohar*.* [NdT. *Delonix regia*, conhecida popularmente como Flamboiã.]

Não sei se esse tipo de árvore existe no Ocidente ou não, mas esta é uma das árvores mais bonitas do Oriente. A sua sombra é realmente fresca. Ela não cresce muito; ela espalha os seus galhos em todas as direções. Às vezes os galhos de uma única árvore gulmohar antiga pode cobrir uma área tal que facilmente quinhentas pessoas podem sentar-se debaixo. E quando ela floresce no verão, milhares de flores desabrocham simultaneamente. Ela não é uma árvore miserável, produzindo uma flor ou outra, não. De repente, em uma noite todos os botões desabrocham, e de manhã você não acredita em seus olhos – milhares de flores! E elas são das cores dos sannyasins. Eu tinha apenas aquela árvore como minha amiga.

Estacionei o meu carro debaixo dela por tantos anos que, vagarosamente, todos adquiriram consciência de não estacionarem ali; era o meu lugar. Não tive que dizer, mas, com o tempo, aos poucos tornou-se aceito. Ninguém perturbaria aquela árvore. Se eu não viesse, aquela árvore esperaria por mim. Por anos estacionei debaixo daquela árvore. Quando deixei a universidade dei adeus ao vice-reitor e então disse, “Devo ir agora, está escurecendo e a minha árvore pode ir dormir antes do sol se pôr. Tenho que dizer adeus àquela gulmohar.” O vice-reitor olhou para mim como se eu fosse louco, mas qualquer um olharia da mesma forma. É essa a forma de olhar para um desajustado. Mas ele ainda não acreditava que eu iria fazê-lo. Então ele assistiu da sua janela enquanto eu disse adeus à gulmohar.

Abracei a árvore e permanecemos juntos por um momento. O vice-reitor veio correndo até mim dizendo, “Desculpe-me, apenas desculpe-me. Nunca vi ninguém abraçando uma árvore, mas agora sei o quanto todo mundo está perdendo. Nunca vi ninguém dizer adeus ou bom dia a uma árvore, mas você não apenas me ensinou uma lição, ela realmente penetrou-me.”

Depois de dois meses ele me ligou, apenas para informar-me, dizendo, “É triste e muito estranho, mas o dia que você saiu, algo aconteceu com a sua árvore” – ela havia se tornado minha árvore agora.

Eu disse, “O que aconteceu?”

Ele disse, “Ela começou a morrer. Se você vier agora você verá apenas uma árvore morta, sem flores ou folhas. O que aconteceu? Foi por isso que liguei para você.”

Eu disse, “Você deveria ligar para a árvore. Como posso responder pela árvore?”

Por um momento houve silêncio. Então ele disse, “É como eu sempre pensei: você é louco!”

Eu disse, “Você ainda não está convencido; caso contrário, quem liga para um louco? Você deveria ligar para a árvore. E a árvore está do lado de fora da sua janela – nenhum telefone é necessário.”

Ele simplesmente desligou. Eu ri, mas no próximo dia de manhã cedo, antes que qualquer idiota da universidade estivesse ali, fui ver a árvore. Sim, todas

as flores tinham secado, e, entretanto, era época. Não havia nada – nem as flores, nem as folhas também. Apenas galhos nus contra o céu. Abracei a árvore novamente e soube que ela estava morta. No primeiro abraço houve uma resposta; no segundo abraço não havia ninguém para responder. A árvore havia partido; apenas o seu corpo permanecia ali, e podia permanecer por anos. Talvez ela ainda permaneça, mas é apenas madeira morta.

Nunca fui capaz de me ajustar em lugar algum. Como um estudante eu era um incômodo. Todo professor que me deu aula olhava para mim como uma punição que Deus enviou-lhe. Eu desfrutava ser um mensageiro de Deus; aproveitei ao máximo. Quem não aproveitaria? E se eles pensassem que eu era uma punição, eu provava ser exatamente – ou mais ainda – o que eles esperavam.

Apenas poucos deles encontraram-me recentemente. A primeira questão deles era, “Nós ainda não podemos acreditar que você tornou-se iluminado. Você era um encenqueiro. Esquecemos todos os estudantes que estudaram com você, mas mesmo agora vemos você de vez em quando, em nossos pesadelos.”

Posso entendê-los. Eu não podia me adequar em lugar algum. Quaisquer coisas que eles me ensinaram era tão medíocre que eu tinha que lutar contra. Eu tinha que dizer a eles, “Isso é tão medíocre...” Ora, vocês podem imaginar dizer isso a um professor que está esperando que todos estejam apreciando à sua aula – preparada por dias – e no final um estudante se levanta... e eu era um estudante estranho, para dizer o mínimo.

A primeira coisa a ser lembrada é que eu tinha um cabelo longo – e aquele cabelo longo tinha uma história ainda mais longa. Vou chegar a ela algum dia em algum círculo. Esta é a beleza de seguir em círculos. Você pode chegar ao mesmo ponto várias vezes, em um nível diferente – como seguir em círculos rumo ao topo de uma montanha: vocês voltam à mesma vista muitas vezes, em diferentes níveis. Cada vez um pouco diferente porque vocês não estão no mesmo lugar, mas ainda assim a vista é a mesma, talvez mais bela, talvez muito mais bela, porque vocês podem ver mais...

Vou chegar a esse ponto em algum momento, mas não hoje.

Que horas são?

“Oito e um, Osho.”

Bom. Permitam-me apenas molhar os lábios.

Hoje, particularmente, eu queria dizer que a atenção é uma espada de dois gumes – dois gumes porque ela corta tanto o ouvinte quanto o falante. Ela também os une. É um processo muito significativo. Gurdjieff tinha a palavra certa para isso, ‘cristalização’.

Se um ser humano está realmente atento, não importa em relação a que – a XYZ, a qualquer coisa – neste processo de atenção ele tornar-se-á integrado, cristalizado. Ao focar-se em uma coisa ele tornar-se-á focado dentro do seu ser.

Mas isso é apenas metade da história. A pessoa que está ouvindo atentamente certamente alcança a cristalização. É um fato conhecido em todas as escolas orientais de meditação. Apenas estar atento a qualquer coisa, até à tolice, funcionará. Uma garrafa de Coca-Cola ajudará imensamente, particularmente aos americanos. Apenas olhe para uma garrafa de Coca-Cola atentamente, e você terá o segredo da meditação transcendental de Maharishi Mahesh Yogi. Mas é apenas meia verdade, e meia verdade pode ser mais perigosa do que uma mentira completa.

A outra metade é possível apenas se você não está apenas lendo um livro, ou cantando um mantra, ou olhando para uma estátua; a outra metade é possível apenas se você está em uma profunda sincronicidade com uma pessoa viva. Não estou chamando-a de amor, porque isso pode iludir vocês; nem mesmo amizade, porque vocês vão pensar que já a conhecem. Vou chamá-la de “sincronicidade,” apenas para que vocês pensem nela e deem um pouco do seu ser.

Quando vocês se sentem realmente atentos, a sincronicidade acontece. Pode ser apenas um pôr do sol que vocês estejam assistindo, ou apenas uma flor, ou crianças brincando na grama e vocês desfrutando a felicidade delas... mas uma certa harmonia é necessária. Se esta ocorre, a atenção existe. Se a harmonia ocorre entre um mestre e um discípulo, então certamente vocês terão o diamante mais precioso possível em suas mãos.

Falei para vocês que fui afortunado, embora não saiba porquê. Existem coisas que só podem ser declaradas; elas existem, e não há razão por que elas existem. As estrelas existem, as rosas existem, o universo existe – ou, talvez, muito melhor: os universos existem. É melhor chamar a existência de multiverso em vez de universo. A ideia de múltiplas dimensões deve ser introduzida.

O ser humano está dominado pela ideia do “um” há muito tempo. E sou pagão: não acredito em Deus, acredito em deuses. Para mim uma árvore é um deus, uma montanha é um deus, um ser humano é um deus – mas nem sempre. Ele tem o potencial. Uma mulher é um deus, mas nem sempre; mais frequentemente ela é uma megera – mas essa é uma escolha dela. Ela não precisa ser; ninguém a forçou.

Ordinariamente o homem é apenas um marido, que é uma palavra feia em todas as línguas. A palavra ‘marido’* [NdT. *husband*] vem de ‘pecuária’* [NdT. *husbandry*]. É isso o que os nossos sannyasins estão fazendo – jardinagem, agricultura... Da palavra ‘agro’ significando indústria... isso é pecuária. E quando vocês apresentam alguém como marido, vocês sabem o que estão dizendo? Aquele pobre sujeito sabe que ele está sendo reduzido a um lavrador? Mas essa é toda a ideia; aquele homem é um lavrador, e a mulher é o campo! Grandes ideias!

O homem, ordinariamente, permanece muito confinado ao mundano, e a mulher ainda mais. Ela vence o homem de todas as formas possíveis. É claro que ela é uma motorista do banco de trás, mas ela é a motorista.

Um homem foi parado por estar acima da velocidade permitida, e o policial estava muito irritado porque o homem não estava apenas acima da velocidade,

mas ele também não tinha carteira de habilitação, e o que ele mostrou como sua carteira de habilitação era apenas um ingresso para um filme que eles foram ver. Isso era demais!

O policial disse, “Agora vou lhe dar um tíquete real!”

A mulher gritou com o marido, “Falei para você desde o começo, mas você nunca me ouviu!” E ela gritou tão alto que até o policial parou de escrever a multa para ouvir o que estava acontecendo. Ela disse, “Onde estão os seus óculos em primeiro lugar? Você não consegue ver, e está dirigindo! Além disso você está tão bêbado que tenho te chutado continuamente, entretanto não vejo efeito algum! Parece que você perdeu toda a sensibilidade!” Então ela virou para o policial e disse, “Oficial, mande-o para a cadeia! Ele merece pelo menos seis meses de trabalho duro; menos que isso não o vai ensinar nada!”

Até mesmo o policial não podia entender tanta punição por um pouco de velocidade. Ele disse ao homem, “Senhor, você pode ir. Deus já te puniu o suficiente dando-lhe essa mulher como esposa. Isso é o suficiente. Até eu sinto dó de você. Sei porque você perdeu sua visão. Quem gostaria de ver essa mulher? E sei que você está correndo porque ela está continuamente te chutando. Sinto realmente dó de você.” Ele disse, “Você pode seguir correndo, mas ela sempre estará aí. Corra tão rápido que ela fique para trás, realmente para trás.”

Tanto os homens quanto as mulheres vivem uma vida mundana e feia, realmente feia. Uma vez apontei para a minha avó a mulher de um dos meus professores conforme ela passava pela minha vila. Eu tinha falado para ela, “A minha avó e toda minha família vivem lá e eles ficariam felizes em encontrá-la.”

Apresentei-a para minha avó, e quando ela saiu nós dois demos risada. Nenhum de nós disse algo por um tempo. Eu ri porque a minha avó teve que tolerar a mulher. Ela riu, dizendo, “Isso não é nada – você tem que tolerar o marido dela. Se ela é terrível, ele deve ser ainda mais.”

Eu disse, “Posso dizer somente o seguinte: ele certamente parece mais feio que qualquer fotografia de passaporte.”

Passei a minha vida inteira ensinando. Eu raramente estava presente nos meus dias de escola. Eles tinham que me dar setenta e cinco por cento de presença apenas para livrarem-se de mim. Isso aconteceu durante todos os meus dias de escola, no colegial e na faculdade.

Na faculdade eu tinha até um acordo com o diretor, B. S. Audholia. Ele era um homem belo. Ele era o diretor de um colégio em Jabalpur, no centro da Índia. Jabalpur tem muitos colégios, e o dele era um dos mais proeminentes. Fui expulso de um colégio porque um professor não estava preparado para permanecer no serviço se eu não fosse expulso. Essa era sua condição – e ele era um professor respeitado. Posso entrar nos detalhes dessa história depois.

Fui expulso, naturalmente. Quem liga para um pobre estudante? E o professor era um PhD., D. Litt. etc, etc, e ele serviu àquele colégio quase sua vida toda. Ora, demiti-lo por causa de mim – estando eu certo ou errado, não era a

questão. Foi isso o que o diretor me disse antes de expulsar-me. Ele tinha que dar-me uma explicação, então me chamou. Ele deve ter pensado que eu era como qualquer outro estudante, tremendo porque estava prestes a ser expulso. Ele não esperava que eu entraria em seu escritório como um terremoto.

Gritei com ele antes dele ter a chance de dizer qualquer coisa. Eu disse, “Você provou ser apenas um estrume sagrado.” Usei a palavra hindi *gobar ganesh*, que significa realmente “uma estátua feita de estrume,” e bati em sua mesa com meu punho tão forte que ele levantou-se. Eu disse, “Há uma mola na sua mesa? Eu bato nela e você levanta! Sente-se!” Eu disse isso tão alto que ele sentou-se silenciosamente. Ele estava com medo dos outros ouvirem e entrarem, particularmente o homem que estava guardando a porta.

Ele disse, “Ok, vou sentar-me. O que você tem a dizer?”

Eu disse, “Você me chamou aqui e você está me perguntando o que tenho para dizer? Eu digo que você deve expulsar esse outro sujeito, Doutor S.N.L. Shrivastava. Ele é apenas estúpido, mesmo com seu PhD. e D.Litt. – o que torna pior. Não o prejudiquei, simplesmente fiz questões completamente legítimas. Ele nos ensina lógica, e se não tenho permissão de usar lógica em sua aula, onde serei lógico? Diga-me.”

Ele disse, “Isso soa correto. Obviamente se ele lhe ensina lógica, você tem que ser lógico.”

Eu disse, “Então chame-o, e apenas veja quem é lógico.”

No momento em que o doutor Shrivastava ouviu que eu estava no escritório do diretor e que ele estava sendo chamado, ele fugiu para sua casa. Ele não apareceu por três dias. Fiquei sentado lá por três dias continuamente, do momento em que o escritório abria até quando fechava. Ele finalmente escreveu uma carta para o diretor dizendo, “Isso não pode continuar e,” escreveu, “Não quero encarar esse garoto. Ou você o expulsa ou me libera do meu serviço.”

O diretor me mostrou a carta. Eu disse, “Agora está ok. Ele não é capaz de nem mesmo encontrar-me na sua presença, apenas uma vez, para que você possa ver quem é lógico. Pelo menos uma amostra de lógica não lhe seria mal. Mas se ele não é capaz de encarar-me – e esta carta é uma prova suficiente que ele é um covarde – não quero que ele seja demitido. Não posso ser tão cruel, porque conheço a sua esposa e filhos e suas responsabilidades. Por favor expulsa-me agora, e dê-me por escrito que fui expulso.”

Ele olhou para mim e disse, “Se eu te expulsar pode ser difícil para você ser admitido em qualquer outro colégio.”

Eu disse, “Isso é problema meu. Sou um desajustado – tenho que lidar com essas coisas.”

Foi depois que isso ocorreu que bati na porta de todos os diretores da cidade – é uma cidade de colégios – e todos disseram, “Se você foi expulso então nós não podemos assumir o risco. Ouvimos rumores que você vem argumentando por

oito meses com o Doutor Shrivastava, e que você não permitia que ele ensinasse de maneira alguma.”

Quando contei toda a história para B. S. Audholia, ele disse, “Aceito o risco, mas com uma condição.” Ele era um bom homem, generoso, mas limitado. Não espero generosidade infinita de ninguém, mas a menos que você tenha generosidade infinita você perdeu a experiência mais bela da vida. Sim, foi generoso da sua parte admitir-me, mas a condição cancelava muito disso. A condição era boa para mim, mas não para ele. Para ele era um crime, para mim uma oportunidade para ser livre.

Ele me fez assinar um acordo que eu não participaria da aula de filosofia. Eu disse, “Isso está perfeitamente bem; de fato, o que mais posso pedir? Isso é o que amo fazer, não participar dessas aulas idiotas. Estou disposto a assiná-lo, mas lembre-se, você também tem que assinar um acordo dizendo que você me dará setenta e cinco por cento de presença.”

Ele disse, “Isso é uma promessa. Não posso a dar por escrito porque ela criaria complicações, mas é uma promessa.”

Eu disse, “Fico com sua palavra e confio em você.”

E ele manteve sua palavra. Ele me deu noventa por cento de presença, embora eu nunca tenha ido a uma aula de filosofia em seu colégio, nem mesmo uma vez.

Realmente não fui muito para a escola primária, porque o rio era tão atraente e seu chamado era irresistível. Então eu estava sempre no rio – não sozinho, é claro, mas com muitos outros estudantes. Então havia uma floresta além do rio. E havia tanta geografia real para explorar – quem se preocupava com o mapa sujo que eles tinham na escola? Eu não me preocupava onde era Constantinopla, eu estava explorando por mim mesmo: a floresta, o rio – havia tantas outras coisas para fazer.

Por exemplo, conforme a minha avó vagorosamente me ensinava a ler, eu comecei a ler livros. Não acho que ninguém antes e depois de mim se envolveu tanto na biblioteca daquela vila. Agora eles mostram a todos o local onde eu costumava sentar-me, e o lugar onde eu costumava ler e tomar notas. Mas de fato eles deveriam mostrar para as pessoas que esse era o lugar de onde eles queriam expulsar-me. Eles ameaçaram-me repetidas vezes.

Mas, uma vez que comecei a ler, uma nova dimensão se abriu. Engoli toda a biblioteca, e comecei a ler os livros que mais amava para a minha avó à noite. Vocês não acreditarão, mas o primeiro livro que li para ela foi *O Livro de Mirdad*. Este começou uma longa série.

É claro que de vez em quando ela costumava perguntar, no meio de um livro, o significado de uma certa sentença, ou passagem, ou um capítulo inteiro – a sua essência. Eu lhe dizia, “Nani, eu estava lendo para você, e você não ouviu?”

Ela disse, “Você sabe, quando você lê fico tão interessada em sua voz que esqueço completamente que você está lendo. Para mim, você é meu Mirdad. A menos que você me explique, Mirdad permanecerá absolutamente desconhecido no que diz respeito a mim.”

Então eu tinha que explicar para ela, mas isso foi uma grande disciplina para mim. Explicar, ajudar outra pessoa que está disposta a ir um pouco mais fundo do que poderia ir sozinha, segurá-la pela mão, vagarosamente, isso tornou-se toda a minha vida. Não a escolhi, não da forma que ela foi escolhida por J. Krishnamurti. Foi-lhe imposto pelos outros. No início até mesmo os seus discursos eram escritos por Annie Besant ou por Leadbeater; ele simplesmente os repetia. Ele não estava sozinho. Era tudo pré-planejado e feito mecanicamente.

Sou um homem espontâneo, é por isso que ainda permaneço selvagem. Às vezes me pergunto o que estou fazendo aqui, ensinando pessoas a serem iluminadas. E, uma vez que elas se iluminam, eu imediatamente começo ensiná-las como tornarem-se não-iluminadas novamente. O que estou fazendo?

Sei que agora está chegando a hora de muitos dos meus sannyasins estourarem na iluminação. E comecei a preparar, e trabalhar no solo e na ciência de como des-iluminar muitas almas iluminadas novamente. Isso é o que tenho feito. Um tipo estranho de trabalho, mas o desfrutei ao máximo, e ainda o desfruto. Vou desfrutá-lo até o último suspiro, ou mesmo depois disso. Sou um pouco louco, vocês sabem, então posso fazer isso, embora nenhum homem louco nunca o tenha feito. Mas alguém tem que fazê-lo um dia. Alguém tem que quebrar o gelo.

Sessão 27

OK. Vocês veem a sincronicidade? Simultaneamente eu e Devageet dissemos, “Ok.” É claro que ele disse por uma coisa, eu por outra – mas as linhas se cruzam.

Um momento antes de entrar eu estava escutando um dos maiores flautistas, Hariprasad. Isso incita muitas memórias em mim.

Existem muitos tipos de flautas no mundo. A mais importante é a arábica; a mais bela, a japonesa; e existem muitas outras. Mas nada se compara com a pequena flauta indiana de bambu por sua doçura. E Hariprasad é certamente um mestre no que diz respeito à flauta. Ele tocou na minha frente, não apenas uma vez, mas muitas vezes. Sempre que sentia que tinha que tocar em seu máximo, ele corria até mim onde quer que eu estivesse – às vezes até mesmo milhares de milhas, apenas para tocar a sua flauta por uma hora a sós comigo.

Perguntei-lhe, “Hariprasad, você poderia tocar em qualquer lugar – por que fazer essa longa jornada?”

E na Índia mil milhas é quase como vinte mil milhas no Ocidente. Os trens indianos - eles ainda andam, eles não correm. No Japão os trens correm a quatrocentas milhas por hora; e na Índia quarenta milhas por hora é uma grande velocidade; e os ônibus, e os riquixás... Apenas para tocar a flauta por uma hora no meu quarto... eu perguntei-lhe, “Por quê?”

Ele disse, “Porque tenho milhares de admiradores, mas ninguém entende particularmente o som silencioso. A menos que alguém entenda o som silencioso essa pessoa não pode realmente apreciar. Então venho até você; e somente essa hora é suficiente para permitir-me tocar a minha flauta por meses na frente de todos os tipos de idiotas – governadores, ministros-chefes e os chamados “grandes.” Quando me sinto cansado, exausto e enfasiado dos idiotas corro até você. Por favor não me negue apenas essa uma hora.”

Eu disse, “É uma alegria ouvi-lo, a sua flauta, a sua música. Elas próprias são grandiosas, mas particularmente porque elas me fazem lembrar do homem que nos apresentou. Você lembra daquele homem?”

Ele tinha esquecido completamente quem o apresentou a mim, e posso entender... devia fazer quarenta anos. Eu era uma criança pequena, ele um jovem homem. Ele tentou muito lembrar-se mas não conseguiu, e disse, “Perdoe-me, mas parece que a minha memória não está funcionando bem. Não posso nem lembrar-me do homem que me apresentou a você. Mesmo se esqueci todo o resto, pelo menos devia lembrar-me dele.”

Lembrei-lhe do homem, e ele começou a chorar. Eu gostaria de falar desse homem para vocês hoje.

Pagal Baba era um desses homens notáveis que falarei sobre. Ele era da mesma categoria de Magga Baba. Ele era conhecido apenas como Pagal Baba;

pagal significa “o louco.” Ele chegou como um vento, sempre repentino, e então desapareceu tão de repente quanto chegara.

Não o descobri, ele me descobriu. Quero dizer que eu estava apenas nadando no rio quando ele passou; ele olhou para mim, olhei para ele, e ele pulou no rio e nós nadamos juntos. Não sei quanto tempo nadamos mas não sou daqueles que diz “chega.” Ele já era um santo estabelecido. Eu o tinha visto antes, mas não tão de perto. Em um encontro, fazendo *bhajan* e cantando músicas a Deus, eu o tinha visto e tinha certos sentimentos em relação a ele, mas os mantive para mim. Eu não havia dito uma única palavra sobre. Existem coisas que estão mais bem guardadas no coração; ali elas crescem mais rápidas. Ali é o solo certo.

Naquele momento ele era um homem velho; eu não tinha mais que vinte. Obviamente foi ele que disse, “Vamos parar. Estou cansado.”

Eu disse, “Você poderia ter me dito a qualquer hora e eu teria parado, mas, no que diz respeito a mim, sou um peixe no rio.”

Sim, era assim que eu era conhecido na minha vila. Quem mais nadava seis horas toda manhã, das quatro até as dez? Quando todo mundo estava dormindo, dormindo pesado, eu já estava no rio. E quando todos iam trabalhar eu ainda estava no rio. É claro que às dez horas todo dia a minha avó viria, e então eu saía da água porque era hora da escola, eu tinha que ir à escola. Mas imediatamente depois da escola eu estava de volta ao rio.

Quando cruzei pela primeira vez com *Siddharta*, o romance de Herman Hesse, não pude acreditar que o que ele havia escrito sobre o rio eu vi muitas vezes. E sei perfeitamente bem que Hesse estava apenas imaginando – uma boa imaginação – porque ele morreu sem ser um buda. Ele foi capaz de criar *Siddhartha*, mas não pôde se tornar um Siddhartha. Mas quando cruzei com sua descrição do rio, e os humores, as mudanças e os sentimentos do rio, fiquei comovido. Fiquei mais impressionado pela sua descrição do rio do que qualquer outra coisa. Não posso lembrar desde quando amo o rio – parece que nasci em suas águas.

Na vila da minha Nani eu estava continuamente ou no lago ou no rio. O rio era um pouco longe, talvez duas milhas, então eu tinha que escolher o lago com mais frequência. Mas de vez em quando eu ia ao rio, porque a qualidade de um rio e de um lago é totalmente diferente. Um lago, de certa forma, está morto, fechado, sem fluir, não indo a lugar algum, estático. Esse é o significado da morte: não é dinâmica.

O rio está sempre fluindo, correndo até um objetivo desconhecido, talvez sem saber nada sobre o objetivo, mas ele alcança, sabendo ou não – ele alcança o objetivo. O lago nunca se move. Ele permanece onde está, dormente, simplesmente morrendo, morrendo a cada dia; não há ressurreição. Mas o rio, por menor que seja, é tão grande como o oceano, porque mais cedo ou mais tarde ele tornar-se-á o oceano.

Sempre amei a sensação de fluxo: apenas o seguir, aquele fluxo, aquele movimento contínuo... a vivacidade. Então, mesmo o rio sendo a duas milhas, eu costumava ir de vez em quando apenas para sentir o gosto.

Mas na vila do meu pai o rio era muito próximo. Era apenas dois minutos de caminhada da casa da minha Nani. Do andar de cima você poderia vê-lo; ele estava lá com toda a sua grandeza e convidando... irresistível.

Eu costumava correr da escola ao rio. Sim, apenas por um momento eu parava para jogar meus livros na casa da minha Nani. Ela me persuadiria a tomar pelo menos uma xícara de chá, dizendo, “Não tenha tanta pressa. O rio não partirá, não é um trem.” Isso é exatamente o que ela costumava dizer repetidas vezes: “Lembre-se, não é um trem. Você não o pode perder. Então por favor beba a sua xícara de chá, então vá. E não jogue os seus livros desse jeito.”

Eu não falava nada porque isso significava mais atrasos. Ela sempre ficava impressionada, dizendo, “Em qualquer outro momento você está pronto para argumentar. Mas quando está indo ao rio, mesmo se eu disser algo – quer seja um disparate, ilógico, absurdo – você simplesmente ouve como se fosse uma criança obediente. O que acontece com você quando está indo ao rio?”

Eu disse, “Nani, você me conhece. Você sabe perfeitamente bem que não quero gastar tempo. O rio está chamando. Posso até ouvir o som de suas ondas enquanto estou bebendo o meu chá.”

Queimei meus lábios muitas vezes ao beber o chá que estava muito quente. Mas eu estava com pressa e a xícara tinha que ser esvaziada. A minha Nani estava lá; ela não me deixaria ir antes de tomar o meu chá.

Ela não era como Gudia. Gudia é especial nisso; ela sempre me diz, “Espere. O chá está muito quente.” Talvez seja o meu velho hábito. Eu novamente começo a pegar a xícara e então ela diz, “Espere! Está muito quente.” Sei que ela está certa, então espero até ela não objetar, então tomo o chá. Talvez o velho hábito de apenas tomar o chá e correr ao rio ainda esteja lá.

Embora minha avó soubesse que eu queria alcançar as águas do rio o mais rápido possível, ela tentaria me persuadir a comer alguma coisa – uma coisa ou outra. Eu diria a ela, “Dê-me tudo. Colocarei nos meus bolsos e comerei no caminho.” Sempre gostei de castanha-de-caju, particularmente das salgadas, e por anos eu costumava encher todos os meus bolsos com elas. Todos os meus bolsos significavam dois na minha calça – shorts, porque nunca gostei de calças longas, talvez porque todos os professores as usavam, e odeio professores, e uma certa associação deve ter sido criada. Então eu usava somente shorts.

Na Índia os shorts são muito melhores, climaticamente, do que calças longas. Meus dois bolsos ficavam cheios de castanhas-de-caju. E vocês ficarão surpresos: apenas por causa daquelas castanhas-de-caju tive que falar para o alfaiate fazer dois bolsos nas minhas camisas. Eu sempre tinha dois bolsos nas camisas. Nunca entendi porque apenas um bolso é colocado nas camisas. Por que não apenas um bolso nas calças também? Ou apenas um bolso nos shorts? Por

que apenas um nas camisas? A razão não é óbvia, mas sei por quê. O único bolso é sempre do lado esquerdo para que a mão direita possa pegar e colocar as coisas, e naturalmente nenhum bolso é necessário para a pobre mão esquerda. O que um pobre homem faz com um bolso?

A mão esquerda é uma das partes reprimidas do corpo humano. Se vocês tentarem, vocês entenderão o que estou dizendo. Vocês podem fazer tudo com a mão esquerda que podem fazer com a direita, até mesmo escrever, e talvez melhor.

Depois de trinta ou quarenta anos de hábito, no começo vocês certamente achariam difícil usar a mão esquerda, porque a mão esquerda foi ignorada e mantida ignorante. A mão esquerda é realmente a parte mais importante do seu corpo porque ela representa o lado direito do seu cérebro. A sua mão esquerda está conectada com o lado direito do seu cérebro, e a sua mão direita com o lado esquerdo do cérebro, como uma cruz. A direita é realmente esquerda, e a esquerda é realmente a direita.

Ignorar a mão esquerda é ignorar o lado direito do cérebro – e o lado direito do cérebro contém tudo o que tem valor, todos os diamantes, esmeraldas, safiras e rubis... tudo o que tem valor – todos os arco-íris, as flores e as estrelas.

O lado direito do cérebro contém a intuição, os instintos; em resumo, ele contém o feminino. A mão direita é chauvinista masculina.

Vocês ficarão surpresos em saber que quando comecei a escrever, sendo tão inconveniente quanto eu era, comecei a escrever com a mão esquerda. É claro que todo mundo foi contra mim; de novo, é claro, exceto a minha Nani. Ela foi a única a dizer, “Se ele quer escrever com a mão esquerda o que está errado nisso?” Ela prosseguiu, “A questão é escrever. Por que vocês todos estão preocupados com que mão ele usa? Ele pode segurar a caneta com sua mão esquerda, e vocês podem segurá-la com suas mãos direitas. Qual é o problema?”

Mas ninguém me permitia usar a minha mão esquerda, e ela não podia estar em todos os locais comigo. Na escola, todo professor e todo estudante era contra eu usar a mão esquerda: a direita era certa, a esquerda errada. Mesmo agora não consigo entender por quê. Por que o lado esquerdo do corpo é renegado e mantido prisioneiro? E vocês sabem, dez por cento das pessoas amariam escrever com a sua mão esquerda; de fato elas começam com a mão esquerda, mas são forçadas a parar.

É uma das mais antigas calamidades que aconteceu com o ser humano, que metade do seu ser não esteja disponível para si. Um tipo estranho de ser humano nós criamos! É como um carro de boi com apenas uma roda: a outra roda está lá, mas é mantida invisível; usada, mas apenas de forma clandestina. Isso é feio. Resisti desde o começo.

Perguntei ao professor e ao diretor, “Mostre-me a razão por que devo escrever com a mão direita.”

Eles apenas deram de ombros. Então falei, “O seu dar de ombros não ajudará; vocês têm que me responder. Vocês não me aceitariam se eu desse de ombros; então por que devo aceitar vocês? Ignoro a razão completamente. Por favor expliquem-me adequadamente.”

Fui mandado para o conselho escolar porque os professores não me entendiam, ou não me explicavam. De fato, eles me entendiam perfeitamente. O que eu estava dizendo era claro: “O que está errado em escrever com a mão esquerda? E se escrevo a resposta certa com a minha mão esquerda, essa resposta pode estar errada – apenas porque ela foi escrita com a mão esquerda?”

Eles disseram, “Você está louco e vai levar todo mundo à loucura. É melhor você ir ver o conselho escolar.”

O conselho era o comitê municipal que dirigia todas as escolas. Na vila existiam quatro escolas primárias e dois colégios, um para meninas e outro para meninos. Que vila – onde meninos e meninas eram mantidos absolutamente separados. Era esse conselho que tomava as decisões sobre quase tudo, então naturalmente fui enviado até ele.

Os membros do conselho ouviram-me muito seriamente, como se eu fosse um assassino e eles estavam sentados como juízes prestes a me enforcar. Eu lhes disse, “Não sejam tão sérios, relaxem. Apenas me digam o que está errado se escrevo com a minha mão esquerda?”

Eles olharam uns para os outros. Então falei, “Isso não ajudará. Vocês têm que me responder, e não sou fácil de lidar. Vocês terão que escrever porque não confio em vocês. A maneira que vocês estão olhando uns para os outros parece tão sagaz e política que é melhor ter a resposta por escrito. Escrevam o que há de errado escrever a resposta certa com a mão esquerda.”

Eles estavam sentados lá como estátuas. Ninguém nem tentou dizer algo a mim. Ninguém estava pronto para escrevê-lo também. Eles simplesmente disseram, “Teremos que considerar isso.”

Eu disse, “Considerem. Estarei aqui. Quem está impedindo vocês de considerarem na minha frente? Isso é algo privado como um caso de amor? E todos vocês são cidadãos respeitáveis: pelo menos seis pessoas não deveriam estar em um caso de amor – isso seria como sexo grupal.”

Eles gritaram comigo, “Fique quieto! Não use essas palavras!”

Eu disse, “Tenho que usar essas palavras apenas para provocar vocês; caso contrário vocês ficariam apenas sentados aí como estátuas. Pelo menos agora vocês se moveram e disseram algo. Agora considerem, e vou ajudá-los e não os atrapalhar de maneira alguma.”

Eles disseram, “Por favor saia. Não podemos considerar na sua frente; você vai interferir. Sabemos sobre você, assim como todo mundo da cidade. Se você não sair então nós sairemos.”

Eu disse, “Vocês podem sair primeiro, isso é gentileza.”

Eles tiveram que sair da sua própria sala de comitê antes de mim. A decisão veio no próximo dia. A decisão era simplesmente que “Os professores estão certos, e todos devem escrever com a mão direita.”

Essa falsidade é dominante em todos os lugares. Não posso nem compreender que tipo de estupidez é essa. E essas são as pessoas que estão no poder! Os direitistas! Elas são poderosas – os chauvinistas masculinos são poderosos. Os poetas não são poderosos, nem os músicos... Agora olhem para esse homem Hariprasad Chaurasia – um exímio tocador de flauta de bambu, mas que viveu a sua vida em total pobreza. Ele não podia se lembrar de Pagal Baba, que lhe apresentou a mim – ou é melhor dizer, “eu a ele”? – porque eu era apenas uma criança e Hariprasad era uma autoridade reconhecida mundialmente no que diz respeito à flauta de bambu.

Pagal Baba também me apresentou a outros flautistas, particularmente Pannalal Ghosh. Mas ouvi-o tocando e ele não era nada comparado com Hariprasad. Por que Pagal Baba me apresentou a essas pessoas? Ele próprio era o maior flautista, mas não tocava para o público. Sim, ele tocava para mim, uma criança, ou para Hariprasad, ou Pannalal Ghosh, mas deixou claro que não podíamos falar isso para ninguém. Ele mantinha a sua flauta escondida em sua mala.

A última vez que o vi ele me deu sua flauta e disse, “Não vamos nos encontrar de novo – não que eu não queira te encontrar, mas porque esse corpo não é capaz de carregar a si mesmo mais.” Ele devia ter por volta de noventa anos. “Mas como uma recordação eu te dou essa flauta, e te digo, se você praticar você pode tornar-se um dos maiores flautistas.”

Eu disse, “Mas não quero nem mesmo tornar-me o maior flautista. Ser um flautista não pode me satisfazer; é unidimensional.”

Ele entendeu e disse, “Isso é com você.”

Perguntei-lhe várias vezes porque ele tentava me contatar sempre que vinha à vila – porque isso era a primeira coisa que ele fazia.

Ele disse, “Por quê? Você deveria perguntar de outro jeito: por que venho à vila? Apenas para contatá-lo – não venho a essa vila por nenhuma outra razão.”

Por um momento não pude dizer nenhuma palavra, nem mesmo “obrigado.” De fato, em hindi não há nenhuma palavra que seja realmente equivalente a “obrigado.” Sim, existe uma palavra que é usada, mas ela tem um sabor totalmente diferente: *dhanyavad*. Ela significa “Deus te abençoe.” Ora, uma criança não pode dizer “Deus te abençoe” a um homem de noventa anos. Eu disse, “Baba, não me dê problemas. Não posso nem o agradecer.” Para dizer isso precisei usar uma palavra urdu, *shukriya*, que chega mais próxima do inglês, mas ainda não é exatamente o mesmo. *Shukriya* significa “gratidão,” mas ela chega muito próxima.

Eu lhe disse, “Você me deu esta flauta. Vou guardá-la em sua memória, e praticarei também. Quem sabe? – você sabe melhor que eu; talvez esse seja o meu futuro, mas não vejo nenhum futuro nela.”

Ele riu e disse, “É difícil falar com você. Mantenha a flauta com você e tente tocá-la. Se algo acontecer, bom; se nada acontecer então guarde-a em minha memória.”

Comecei a tocá-la e amei. Toquei-a por anos e tornei-me realmente proficiente. Eu costumava tocar a flauta e um dos meus amigos – não realmente um amigo, mas um conhecido – costumava tocar a tabla. Viemos a nos conhecer porque nós dois amávamos nadar.

Um ano quando o rio estava cheio e nós dois tentávamos cruzá-lo – essa era a minha alegria, cruzar o rio na estação chuvosa quando ele ficava realmente amplo; fluindo com tanta força que nos carregava pelo menos duas ou três milhas para baixo. Apenas para cruzá-lo tínhamos que estar prontos para viajar três milhas de volta, e cruzar de volta significava mais três milhas, então era uma jornada de seis milhas! E na estação chuvosa...! Mas essa era uma das minhas alegrias.

Esse garoto, Hari era seu nome também. Hari é um nome muito comum na Índia; ele significa “deus.” Mas é um nome muito estranho. Não acho que nenhuma língua tenha um nome para Deus como Hari porque ele realmente significa “o ladrão” – Deus o ladrão! Por que Deus é chamado de ladrão? Porque mais cedo ou mais tarde ele rouba o seu coração... e quanto mais cedo melhor. O nome do garoto era Hari.

Nós dois estávamos tentando atravessar o rio cheio. O rio devia ter quase uma milha de largura. Hari não sobreviveu; ele afogou-se em algum lugar da travessia. Eu procurei por todos os lados, mas foi impossível: o rio estava enchendo muito rápido. Se ele se afogou seria impossível encontrá-lo; talvez alguém mais para baixo do rio encontraria o seu corpo.

Chamei o mais alto que pude, mas o rio estava rugindo. Eu ia ao rio todos os dias e tentei o melhor que uma criança poderia fazer. A polícia tentou, a associação de pescadores tentou, mas nem mesmo um traço foi encontrado. Ele deve ter sido levado pelo rio muito antes de eles ouvirem falar do caso. Em sua memória joguei no rio a flauta que Pagal Baba havia me dado.

Eu disse, “Eu gostaria de jogar-me no rio mas tenho outro trabalho a fazer. Essa é a coisa mais preciosa que tenho do meu lado, então vou jogá-la. Eu nunca mais vou tocar essa flauta novamente sem o Hari tocando a tabla. Não posso me conceber tocando novamente. Tome-a, por favor!”

Era uma bela flauta, talvez esculpida por um criador de flautas muito habilidoso. Talvez ela tenha sido feita especialmente para Pagal Baba por um dos seus seguidores. Falarei mais sobre Pagal Baba porque há tantas coisas a serem ditas sobre ele.

Que horas são?

“Dez e vinte três, Osho.”

Bom. O tempo não será suficiente hoje, então teremos que deixar Pagal Baba para outro momento. Mas uma coisa talvez eu esqueça posteriormente: é sobre o garoto Hari que morreu... Ninguém soube se ele morreu ou se fugiu da sua casa, porque o seu corpo nunca foi encontrado. Mas sei que ele morreu, porque eu estava nadando com ele, e, de repente, a um certo ponto, no meio do rio vi ele desaparecendo. Eu gritei “Hari! Qual é o problema?” – mas não havia ninguém para responder.

Para mim a própria Índia está morta; não acho que a Índia é uma parte viva da humanidade. É uma terra morta, morta há tantos séculos que até mesmo os mortos esqueceram-se que estão mortos. Eles estão mortos há tanto tempo, alguém tem que lembrá-los. É isso o que estou tentando fazer, mas é uma tarefa muito ingrata, ter que lembrar alguém, dizendo, “Senhor, você está morto. Não acredite que você está vivo.”

É isso o que tenho feito continuamente por esses vinte e cinco anos, sai dia, entra dia. É triste que o país que deu à luz a Buda, Mahavira e Nagarjuna esteja morto.

Pobre Devageet – apenas para esconder o seu risinho ele teve que tossir. Às vezes me pergunto quem está tomando nota. Tossir tudo bem, dar risinhos também é perdoável, mas e as notas? Eu costumava enganar os meus professores apenas rabiscando, fingindo que estava tomando notas, e rápido. E eu costumava rir quando eles eram enganados. Mas é impossível enganar-me, e é bom que vocês não possam. Estou vendo vocês, embora vocês pensem que meus olhos estejam fechados. Sim, eles estão fechados, mas suficientemente abertos para ver o que vocês estão escrevendo.

Isso é belo. Golpeio-os tão forte e, entretanto, vocês...

... Pare agora.

Sessão 28

Ok. O barulho que vocês estão fazendo é suficiente para fazer qualquer um dizer ok. Obrigado. Agora posso realmente dizer ok.

Eu estava ouvindo novamente agora, não a Hariprasad Chaurasia, mas outro flautista. Na Índia a flauta tem duas dimensões: uma, a sulista; a outra, nortista. Hariprasad Chaurasia foi um flautista nortista; eu estava ouvindo o oposto polar, o sulista.

Este homem também me foi apresentado por Pagal Baba. Quando apresentou-me ele disse ao instrumentista, “Você pode não entender por que estou lhe apresentando a esse garoto; pelo menos agora você não entenderá, mas talvez um dia, se Deus quiser, você poderá entender.”

Este homem toca a mesma flauta, mas de uma forma totalmente diferente. A flauta sulista é muito mais penetrante, perfurante para ser exato. Ela entra e incita algo em sua própria medula. A flauta nortista é tremendamente bela, mas um pouco murcha – assim como a Índia do norte é murcha.

O homem olhou para mim, intrigado. Ele pensou por um momento, então disse, “Baba, se você está apresentando-me a ele deve haver alguma coisa. Não posso entender; esta é a minha mediocridade, e sou imensamente grato por você ser tão amável comigo e não me apresentar somente o presente, mas até mesmo o futuro.”

Ouvi-o apenas algumas vezes porque nunca nos conectamos diretamente – a conexão permaneceu via Pagal Baba. O flautista costumava visitá-lo. Se por um acaso eu estivesse lá, então é claro que ele dizia olá para mim. Baba sempre ria e dizia, “Toque os pés dele, seu tolo! ‘Olá’ não é a forma de cumprimentar esse garoto.”

Ele o fazia relutantemente, e eu podia ver a sua relutância, por isso não estou mencionando o seu nome. Ele ainda está vivo e pode sentir-se ofendido, porque não era por amor que ele tocava os meus pés, mas porque Pagal Baba o ordenava. Ele tinha que tocar os meus pés.

Eu ri e disse, “Baba, posso golpear esse homem?”

Ele disse, “É claro.”

E vocês podem imaginá-lo – conforme ele tocava os meus pés eu dei um tapa em seu rosto!

Isso me faz lembrar de uma carta que Devageet me escreveu. Sabia que ele iria chorar. Eu sabia. Como eu sabia mesmo antes dele escrevê-la? Mesmo se ele não a tivesse escrito eu saberia. Eu conheço a minha gente. Eu sei quem me ama, quer elas falem ou não. E o que realmente me tocou foram as suas palavras: “Você pode me golpear o quanto quiser, isso não dói; o que dói é quando não estou dando risinhos você diz, ‘Devageet, não tente me enganar...’ Isso dói. É a aparente

injustiça disso que dói.” Essas foram as palavras que ele usou. Gudia, acho que essas foram as palavras – ‘aparente injustiça’. Estou certo, Gudia?

“Sim, Osho.”

Ok, porque Gudia teve que ler a carta para mim.

Não leio nada há anos porque os doutores falaram que se eu ler tenho que usar óculos, e odeio óculos. Não consigo pensar em mim mesmo usando óculos. Eu preferiria fechar os meus olhos. Não quero criar nenhuma barreira, mesmo a do vidro transparente, entre eu e aquilo que me cerca. Então tenho que depender de alguém para ler para mim.

As palavras ‘aparente injustiça’ mostram exatamente o seu coração. Ele sabe que é apenas aparente, mas certamente parece injusto quando você não está dando risinho e, de repente, eu digo, “Devageet, não dê risinhos!” Naturalmente ele fica desconcertado – e o pobre Devageet está apenas tomando as suas notas.

De novo lembro-me de Pagal Baba, porque eu estava falando dele essa manhã e continuarei. Ele costumava falar sentenças aparentemente sem sentido para as pessoas – e não apenas isso, às vezes ele realmente as golpeava! Não como eu, literalmente, realmente. Não bato realmente, não porque não quero, mas apenas porque sou totalmente preguiçoso. Tentei uma vez ou outra; então a minha mão doeu. Não sei se a pessoa aprendeu algo ou não, mas a minha mão disse, “Por favor não tente esse truque novamente.”

Mas Pagal Baba costumava bater sem nenhuma razão. Alguém podia estar sentado do seu lado e ele daria um bom tapa na pessoa. A pessoa não havia feito nada, ela não tinha nem falado alguma coisa. Às vezes as pessoas objetavam que era injusto, e diziam a Pagal Baba, “Baba, por que você me bateu?”

Ele ria e dizia, “Você sabe que sou um *pagal*, um louco.” Essa explicação era suficiente no que dizia respeito a ele. Essa explicação não funcionaria para mim... tão louco que mesmo os mais inteligentes não podem decifrar que tipo de loucura é. Pagal Baba era um louco simples; sou um louco multidimensional.

Então, se às vezes você sente que é aparentemente injusto, então lembre-se da palavra ‘aparente’. Não posso fazer nada injusto, particularmente para aqueles que me amam. Como o amor pode ser injusto? Mas “aparentemente”... talvez tenha que ser muitas vezes. Ninguém nunca sabe os caminhos de pessoas como eu. Posso estar golpeando Ashu e realmente mirando em Devaraj. É um fenômeno muito complicado. Ele não pode ser computadorizado.

É tão complicado que não acho que nenhum computador tornar-se-á um mestre. O computador tornar-se-á tudo – engenheiro, doutor, dentista, tudo o que é possível – e será mais eficiente do que qualquer ser humano pode ser. Mas existem apenas duas coisas que um computador não pode fazer: a primeira é, ele não pode estar vivo. Ele pode murmurar com barulhos mecânicos, mas não pode estar vivo. Ele não pode conhecer o que a vida é.

A segunda é um corolário da primeira: ele não pode se tornar um mestre. Conhecer a vida é ser um mestre. Apenas estar vivo é uma coisa; todo mundo está. Mas voltar-se para si próprio, para conhecer o seu próprio ser, ver o vidente, ou conhecer o conhecedor – é isso o que quero dizer por voltar-se para si próprio – então a pessoa torna-se um mestre. Um computador não pode se voltar para si próprio; isso não é possível.

Devageet, a sua carta era bela – e você chorou. Sinto-me feliz por isso. Qualquer coisa autêntica é útil de alguma forma, e nada pode ser tão autêntico como as lágrimas. Sim, existem carpideiras profissionais, mas elas têm que usar truques.

Na Índia acontece quando alguém morre – talvez uma pessoa velha rejeitada, que todo mundo está feliz, mas ninguém pode mostrar a sua felicidade. Então as carpideiras são chamadas, particularmente nas cidades grandes como Mumbai, Calcutá, Madras e Nova Delhi. Elas têm até a sua própria associação. Você só tem que ligar para elas, dizer quantas carpideiras quer, e elas vão – e elas realmente choram. Elas podem derrotar qualquer choro real porque elas são pessoas tecnicamente treinadas, e muito eficientes, e sabem todos os truques. Elas usam certos remédios, colocando-os debaixo dos seus olhos, e isso é suficiente para as lágrimas começarem a fluir. E é um fenômeno muito estranho: quando as lágrimas começam a fluir a pessoa de repente se sente triste.

Na psicologia há um longo argumento, ainda sem decisão: “O que vem primeiro... um ser humano corre por causa do medo, ou sente medo por que corre?” E há concorrentes de ambos os lados. “O medo cria a corrida,” é uma posição, “a corrida cria o medo,” outra. Mas, de fato, é o mesmo ponto; ambos estão juntos.

Se você está triste as lágrimas vêm. Se as lágrimas vêm, por qualquer razão, até mesmo lágrimas químicas, vamos chamá-las de lágrimas artificiais – então também, apenas por causa da herança instintiva, você se sentirá triste. Vi essas carpideiras realmente chorando profundamente e vocês não podem dizer que elas estão dissimulando; até elas mesmas podem ser enganadas.

Lágrimas de amor é a experiência mais preciosa. Você chora, eu fico feliz... porque você poderia ficar bravo, mas não está. Você poderia estar aborrecido, irritado, mas não está. Você chora, isso é como deve ser. Mas lembre-se, eu vou continuar fazendo o mesmo repetidas vezes: tenho que fazer o meu trabalho.

Como dentista você sabe perfeitamente o quanto dói, mas ainda assim você tem que fazê-lo. Não que você queira que doa, mas você tem anestesia, você tem certos gases; você pode tornar uma parte local quase insensível ou pode tornar a pessoa toda inconsciente.

Mas eu não tenho nada; tenho que fazer toda a minha cirurgia sem qualquer anestesia. Apenas abrir o estômago ou o cérebro de alguém, sem tornar a pessoa inconsciente, o que aconteceria? A dor seria muito grande; ela mataria a pessoa, ou pelo menos a deixaria louca. Ela pularia da mesa, talvez deixando o seu esqueleto para trás e correria para casa o mais rápido possível; ou ela poderia

matar o doutor. Mas o meu trabalho é assim. Não há possibilidade de fazer o meu trabalho de outra maneira.

Ele tem que ser “aparentemente injusto.” Mas você mencionou a palavra ‘aparente’; isso é suficiente para satisfazer-me pois, embora machuque, você entende o meu amor. Permitam-me repetir muitas vezes, para que vocês não se esqueçam: Vou fazê-lo muitas vezes mais!

Você devia estar realmente com medo, porque você escreveu um P.S. e um P.P.S. também, dizendo que, “Nunca nem sonhei que estaria tão próximo de você, ou que este trabalho seria dado a mim. Amo tomar notas.” E o P.P.S., “Por favor não pare este trabalho nunca.”

Ele deve ter ficado com medo que eu pudesse parar, pensando que isso o machuca. Machuca Ashu também, embora ela não tenha escrito uma carta – ainda. Mas um dia ela escreverá, prevejo, talvez amanhã.

Simplesmente sigo golpeando desse lado e daquele. Porque vocês dois estão um em cada lado, naturalmente vocês recebem a maioria dos golpes. Este tem sido o meu caminho: aqueles que estão mais próximos de mim foram mais golpeados. Mas eles cresceram também; eles tornaram-se mais integrados com cada golpe que absorveram. Ou fugiram ou tiveram que crescer. Cresça ou morra. Se você crescer – é isso o que quero dizer com integração, ou cristalização – somente então você vive. Se não – lembrem-se da morte de cão – morra; a morte ocorre a todo momento.

A carta era bela em muitos sentidos. Gudia, devolva a carta para ele depois para que ela possa tornar-se uma nota de rodapé em suas notas, ou uma parte dos muitos apêndices que se seguirão.

Novamente Pagal Baba... é isso o que chamo mover-se em círculos. Ele me apresentou a muitos outros músicos, não apenas àqueles flautistas. Ele era o músico dos músicos. Ordinariamente as massas não tinham ideia; apenas os grandes músicos sabiam que ele podia fazer música com qualquer coisa.

Eu o vi tocar com qualquer coisa possível – somente uma rocha, e ele começaria batendo-a em seu *kamandala*. Um kamandala é um pote que os sannyasins hindus carregam para água, alimentos, etc. Ele batia no seu kamandala com qualquer coisa, mas ele tinha um sentido de música que até mesmo a sua kamandala tornar-se-ia uma cítara.

Mesmo no mercado ele compraria uma flauta de brinquedo para crianças – você poderia comprar uma dúzia por apenas uma rúpia – e começaria a tocar. Daquela flauta crua sairia notas tais que mesmo um músico olharia para tudo com os olhos bem abertos, chocado, pensando, “Isso é possível?”

Tenho que dizer a vocês o nome do flautista sulista que mencionei no começo; caso contrário isso permanecerá em meu peito, e quero desabafar completamente antes de partir, para que eu possa partir assim como vim – com nada, nem mesmo uma memória. Esse é todo o propósito dessas memórias. O nome do flautista era Sachdeva, um dos mais conhecidos flautista do sul da Índia.

Mencionei três flautistas, todos apresentados a mim por Pagal Baba. Um homem, Hariprasad Chaurasia, do norte da Índia onde eles tocam um tipo diferente de música para flauta; outro de Bengala, Pannalal Ghosh – ele também toca um tipo diferente de flauta, muito masculina, muito alta e poderosa. A flauta de Sachdeva é quase silenciosa, feminina, o oposto de Pannalal Ghosh. Sinto-me bem que mencionei o seu nome – agora depende dele o que ele fará com isso.

Devageet diz em sua carta, “Osho, confio em você...” Eu sei – não há dúvidas sobre isso – caso contrário por que eu lhe bateria tanto? E lembre-se, uma vez que confio em alguém nunca desconfio dessa pessoa. Não importa o que essa pessoa faz a mim – a minha confiança permanece, não importando o que a pessoa fez.

A confiança é sempre incondicional. Conheço o amor de vocês, e confio em todos; caso contrário esse trabalho não seria dado a vocês. Mas lembrem-se, isso não significa que mudarei de maneira alguma. Com carta ou sem carta, com P.S. ou sem P.P.S; permaneceré o mesmo. Às vezes subitamente falarei, “Devageet, por que você está dando risinhos?” Agora você está dando risinhos e não o estou golpeando. Às vezes farei você chorar. Esse é o meu trabalho.

Vocês conhecem o meu trabalho, eu conheço o meu trabalho – e é muito mais difícil. Não é apenas perfurar, é perfurar sem anestesia, nem mesmo um analgésico. Não é apenas perfurar o dente, é perfurar o seu próprio ser. Isso dói, realmente dói. Desculpem-me, mas nunca me peçam para mudar minhas estratégias. E na sua carta você não pediu isso. Estou dizendo apenas para o benefício dos outros presentes.

Ashu, amanhã esperarei pela sua carta. Vamos ver o que acontece. Então Devageet vai realmente dar risinhos!

Amado Mestre,

Estou sentado aqui na Arca de Noé chorando e me perguntando o que fazer.

Quando Você está aqui, e estou vazio de tudo exceto das Suas palavras e presença derramando-se através de mim; é a maior satisfação que conheci.

Então Você golpeia – do nada! Você diz que estou dando risinhos... quando, por exemplo, esta manhã suprimi um espirro. Em outros dias alguns suspiros escapam dos meus lábios... O que fazer? Suspiro quando Você está perto... novamente Você me diz que estou dando risinhos. Quando você me acusa de enganá-Lo ao fingir estar tomando as Suas notas, isso é demais.

Amo escrever essas notas mais do que qualquer coisa na minha vida. Escrevê-las é um prazer, um presente acima de qualquer possibilidade que a minha mente pode conceber.

Você tem me chamado de tolo – e isso está obviamente certo – talvez nunca mais do que agora. Mas sou inteiramente o Seu tolo. Nunca Lhe enganei, traí,

nunca dei risinhos ou sussurrei para enganá-Lo, e sempre Lhe dei o máximo... E a dor do golpe não é da pancada, mas da sua aparente injustiça.

Amado Mestre, sou o Seu tolo e nunca mais que isso nesse momento.

Amo Você,

Devageet

Amado Mestre, P.S. Obrigado por me destruir, parece que isso me permite amá-Lo ainda mais profundamente.

Devageet

P.P.S. Por favor, continue o bom trabalho... para sempre.

Sessão 29

A noite inteira o vento seguiu soprando nas árvores. O som era tão belo que toquei Pannalal Ghosh, um dos flautistas que Pagal Baba apresentou-me. Agora eu também estava tocando a sua música, mas ele tem um modo próprio. A sua introdução é muito longa, então antes de Gudia chamar-me ainda era apenas a introdução; quero dizer que ele ainda não tinha começado a tocar a sua flauta. A cítara e a tabla estavam preparando o terreno para ele tocar a sua flauta. Na noite de ontem ouvi a sua música novamente depois de, talvez, dois anos.

É possível falar sobre Pagal Baba apenas de uma maneira indireta; esta era a qualidade do homem. Ele estava sempre em colchetes, muito invisível. Ele apresentou-me a muitos músicos, e sempre lhe perguntei o porquê. Ele disse, “Um dia você será um músico.”

Eu disse, “Pagal Baba, às vezes parece que as pessoas estão certas: você está louco. Não serei um músico.”

Ele riu e disse, “Sei disso. Ainda assim digo que você será um músico.”

Ora, o que fazer em relação a isso? Não me tornei um músico, mas de um certo modo ele estava certo. Não toquei nenhum instrumento musical, mas toquei milhares de corações. Criei uma música muito mais profunda que qualquer instrumento pode criar – não-instrumental, não-técnica.

Eu gostava desses três flautistas – pelo menos da música deles – mas nem todos eles gostavam de mim. Hariprasad sempre me amou. Ele nunca se preocupou que eu era uma criança e ele era mais velho, um músico mundialmente famoso. Ele não apenas me amava, ele me respeitava. Um vez lhe perguntei, “Hari Baba, por que você me respeita?”

Ele replicou, “Se Baba lhe respeita, então não há questão. Eu confio em Pagal Baba e se ele toca os seus pés, e você é apenas uma criança, eu sei que ele sabe algo que sou incapaz de saber agora. Mas isso não importa. Ele sabe; isso é suficiente para mim.” Ele era um devoto.

O músico que ouvi ontem à noite e estava tentando novamente ouvir antes de entrar, Pannalal Ghosh, nem gostava nem desgostava de mim. Ele não era um homem de fortes gostos ou desgostos – um homem muito plano, sem colinas, sem vales, apenas uma longa planície. Mas ele tocava a sua flauta da sua forma como ninguém mais o fez antes, ou poderá fazer de novo. Com a sua flauta ele rugia como um leão.

Uma vez lhe perguntei, “Na sua vida você é como uma ovelha, um Bengali *babu*.” Ele era de Bengala, e, na Índia, os bengalis são as pessoas mais pacíficas, então qualquer covarde é chamado de Bengali Babu. Eu lhe disse, “Você é um Bengali Babu autêntico. O que acontece quando você toca a flauta? Você se torna um leão.”

Ele disse, “Algo certamente ocorre. Não sou mais eu mesmo; caso contrário eu seria o mesmo Bengali Babu, apenas o mesmo homem covarde que sou. Mas algo ocorre, fico possuído.”

Estas foram as exatas palavras que ele usou. “Sou tomado por isso, não sei o quê. Talvez você saiba; caso contrário por que Pagal Baba tem tanto respeito por você? Nunca vi ele tocar os pés de ninguém, exceto os seus. Todos os grandes músicos vem até ele apenas por sua bênção, e para tocar os seus pés.”

Pagal Baba me apresentou a muitas pessoas, não apenas flautistas. Talvez em algum círculo da minha história eles aparecerão. Mas o que Pannalal Ghosh disse foi muito significativo. Ele disse, “Torno-me possuído. Uma vez que começo a tocar, não existo mais; outra coisa existe. Não é Pannalal Ghosh.” Estou citando às suas palavras. Então ele disse, “É por isso que é necessária uma longa introdução antes de eu tocar. Sou condenado em todos os lugares por causa da minha longa introdução... porque os flautistas não são conhecidos por terem introduções tão grandes.”

Ele era o Bernard Shaw do mundo da flauta. Com George Bernard Shaw... o livro poderia ter apenas noventa páginas, mas a introdução teria trezentas páginas. Pannalal Ghosh disse, “As pessoas não podem entender, mas posso dizer-lhe que tenho que esperar para tornar-me possuído; por isso a longa introdução. Não posso começar a tocar até que ela chegue.”

Essas são as palavras de um artista autêntico, mas apenas o artista autêntico, não o tipo jornalístico, o artista de terceira classe. É melhor não chamar este tipo de artista de maneira alguma. Ele escreve sobre música, mas não sabe nada da experiência; ele escreve sobre poesia sem nunca ter composto um único poema; escreve sobre política e nunca esteve no calor da discussão. O mundo político é dente e unha. Sentado em seu escritório o tipo jornalístico pode conseguir escrever tudo. De fato, é a mesma pessoa utilizando nomes diferentes que uma semana escreve sobre música, na outra sobre poesia, e ainda na outra semana sobre política.

Fui jornalista uma vez, por pura necessidade; caso contrário não teria sofrido. Eu não tinha dinheiro e meu pai queria que eu fosse para a faculdade de ciência. Eu não estava interessado em ciência, nem naquela época, nem hoje. E ele era tão pobre que eu podia entender que ele estaria arriscando muito. Ninguém na minha família tinha sido bem-educado. Um dos meus tios, o irmão do meu pai, foi enviado à universidade pelo meu pai, mas teve que ser chamado de volta pois não havia dinheiro para o manter lá.

O meu pai estava pronto para enviar-me à universidade. Naturalmente era um sacrifício para ele, e ele queria que fosse algo parecido com um negócio. Teria que ser um investimento.

Eu lhe disse, “Ouça, é a minha educação ou seu investimento? Você está pensando em tornar-me um engenheiro ou um doutor. Naturalmente vou ganhar mais, mas o que estou planejando é nunca ganhar nada, mas seguir aprendendo e nunca começar a ganhar.” Eu então lhe disse, “Permanecerei um *hobo*.”

Ele disse, “O quê! Um hobo?”

Eu disse, “Em palavras respeitáveis – um sannyasin.”

Ele ainda estava chocado, “Um sannyasin! Então por que você quer ir à universidade?”

Eu disse, “Odeio esses professores, mas, naturalmente, primeiro tenho que conhecer a profissão deles para que por toda a minha vida eu possa condená-los perfeitamente.”

Ele disse, “Isso é estranho, ir à universidade apenas para condená-la. Tenho que emprestar dinheiro, penhorar minha casa, arriscar o meu negócio por você – e você está indo apenas para condenar aqueles professores? Por que você não pode os condenar sem ir à universidade?”

Fugi de casa, deixando apenas uma nota para o meu pai dizendo, “Posso entender os seus sentimentos, e posso entender a sua economia. Nós pertencemos a mundos diferentes, e não há ponte, pelo menos não agora. Não acho que você pode me entender, ou que eu possa entendê-lo, e não há necessidade também. Obrigado pelo gesto de querer apoiar-me, mas seria um investimento, e não quero me tornar seu sócio. Estou partindo sem o ver. Talvez o encontrarei apenas quando tiver arranjado as minhas próprias finanças.” Foi por isso que fui trabalhar como jornalista.

Era a pior coisa que alguém poderia ser forçado a fazer, e sim, fui forçado a fazê-lo porque não existia nenhum outro trabalho. E o jornalismo na Índia é de terceira classe. Não é apenas de terceira classe, é o pior do mundo. Eu o fiz, mas não o podia fazer muito bem. Não posso fazer nada muito bem, então isso não é, de maneira alguma, uma queixa contra mim mesmo, somente uma aceitação que não posso fazer nada, o que dizer sobre fazer muito bem.

E o trabalho acabou muito cedo, porque eu estava dormindo com as pernas na mesa, exatamente do jeito que estou agora, quando o dono, o editor-chefe entrou. Ele me viu, sacudiu-me, eu abri os meus olhos e olhei para ele e disse, “Isso não é elegante. Eu estava dormindo e você perturbou o meu sonho. Eu daria uma fortuna para que aquele sonho continuasse novamente. Estou pronto para pagar; agora diga-me como continuá-lo.”

Ele disse, “Por que eu me importaria com seu sonho? Não quero saber dele. Mas esse é o meu tempo e você está sendo pago por ele. Tenho todo o direito de acordar-te.”

Eu disse, “Ok, então tenho o direito de ir embora.” E fui embora. Não que ele estava errado, mas não era o meu lugar. Entrei no local errado. Os jornalistas são as piores pessoas, e os conheço: vivi com eles por três anos. Foi o inferno.

O que eu estava falando? Estou somente tentando inspecioná-lo.

“Você estava falando sobre como teve que entrar no jornalismo porque o seu pai não tinha dinheiro para o ajudar.”

Antes disso?

“Quando você é um artista autêntico você fica possuído.”

Certo.

“Não o tipo jornalístico.”

Continue tomando notas. Você tornou-se um bom escritor.

Meu pai ficava impressionado sempre que Pagal Baba tocava os meus pés. Ele próprio tocava os pés de Pagal Baba. Era realmente hilário. E apenas para fechar o círculo eu tocava os pés do meu pai. Pagal Baba começava a rir tão alto que todo mundo ficava em silêncio, como se algo realmente grande estivesse ocorrendo – e meu pai ficava envergonhado.

Pagal tentou muitas vezes convencer-me que no futuro eu deveria ser um músico. Eu disse, “Não,” e quando digo não, realmente quero dizer não.

Desde a minha infância o meu ‘não’ tem sido muito claro, e raramente uso o ‘sim’. Esta palavra ‘sim’ é tão preciosa, que ela deve ser usada apenas na presença do divino, seja ele o amor ou a beleza, ou nesse momento... a florada laranja na gulmohar, tão espessa como se toda a árvore estivesse em chamas. Quando qualquer coisa lhes fizer lembrar do sagrado, então vocês podem usar a palavra ‘sim’ – ela está cheia de oração. O ‘não’ simplesmente quer dizer que estou me desligando da atividade proposta. E fui uma pessoa que diz ‘não’; era muito difícil receber um ‘sim’ de mim.

Vendo Pagal Baba, um homem que todos sabiam ser iluminado, reconheci que ele era único. Eu não sabia nada sobre a iluminação. Eu estava exatamente na mesma posição que estou agora, de novo totalmente ignorante. Mas a sua presença era luminosa. Você poderia reconhecê-lo entre milhares.

Ele foi o primeiro homem a levar-me a um *Kumbha Mela*. Este acontece a cada doze anos em Prayag, e é a maior assembleia do mundo. Para os hindus o Kumbha Mela é um dos sonhos estimados de suas vidas. Um hindu pensa que se você não foi a um Kumbha Mela pelo menos uma vez, você perdeu a sua vida. É isso o que um hindu pensa. A contagem mínima é de dez milhões de pessoas, a máxima é de trinta milhões de pessoas.

É o mesmo com os islâmicos. A menos que você seja um *haji*, a menos que você tenha ido a Haj, a Meca, você não atingiu. *Haj* significa “jornada a Meca,” onde Maomé viveu e morreu. Por todo o mundo é o sonho mais precioso de todos os islâmicos; eles têm que ir pelo menos uma vez a Meca. Os hindus têm que ir a Prayag. Esses locais são seus Israels.

As religiões podem parecer muito diferentes na superfície, mas se vocês arranharem um pouco verão a mesma bobagem; hindus, judeus, islâmicos, cristãos, não importa.

Mas o Kumbha Mela tem um caráter único. Apenas uma reunião de trinta milhões de pessoas já é, por si só, uma experiência rara. Todos os monges hindus

vão, e eles não são uma pequena minoria. Eles são quinhentos mil, e eles são pessoas coloridas. Vocês não imaginam quantas seitas únicas. Vocês não acreditam que essas pessoas existem, e todas elas encontram-se ali.

Pagal Baba levou-me ao primeiro Kumbha Mela da minha vida. Particpei mais uma vez, mas essa experiência com Pagal Baba no Kumbha Mela foi imensamente educadora, porque ele me levou a todos os grandes, e os supostos grandes santos e, na frente deles, e com milhares de pessoas em volta ele me perguntava, “Esse homem é um santo real?”

Eu diria, “Não.”

Mas Pagal Baba era tão teimoso quanto eu sou, ele não desanimou. Ele prosseguiu, levando-me a todo o tipo de santo possível, até que eu falasse para um homem, “Sim.”

Pagal Baba riu e disse, “Eu sabia que você reconheceria o verdadeiro. E este homem” – ele apontou para o homem que eu tinha dito sim – “ele é um realizado desconhecido de todos.”

O homem estava sentado sob uma árvore pipal, sem nenhum seguidor. Talvez ele era o homem mais solitário naquela grande multidão de trinta milhões de pessoas. Baba primeiro tocou os meus pés, então os pés dele.

O homem disse, “Mas onde você encontrou essa criança? Eu nunca achei que uma criança seria capaz de reconhecer-me. Escondi-me tão perfeitamente. Você pode reconhecer-me, isso está ok, mas como essa criança pôde reconhecer-me?”

Baba disse, “Este é o enigma. É por isso que toco os pés desta criança. Toque os seus pés agora.” E quem desobedeceria àquele homem de noventa anos? Ele era tão majestoso. O homem imediatamente tocou os meus pés.

Era assim que Pagal Baba costumava apresentar-me a todos os tipos de pessoas. Nesse círculo estou falando sobretudo de músicos, porque eles eram o meu caso de amor. Ele queria que eu me tornasse um músico, mas não pude satisfazer o seu desejo porque para mim a música, no máximo, pode ser apenas um entretenimento. Eu lhe disse exatamente com essas mesmas palavras, “Pagal Baba, a música é um tipo muito inferior de meditação. Não estou interessado nela.”

Ele disse, “Eu sei que é. Eu queria ouvi-lo de você. Mas a música é um bom degrau para subir; não é necessário apegar-se a ele, ou permanecer nele. Um degrau é um degrau para algo.”

Foi assim que utilizei a música em todas as minhas meditações, como um degrau para algo – que é realmente “a música” – o silêncio. Nanak diz, “*Ek omkar sat nam*: há apenas um nome de Deus, ou da verdade, este nome é o som silencioso de *aum*.” Talvez a meditação surgiu da música, ou talvez a música seja a mãe da meditação. Mas a música por si só não é meditação. Ela pode apenas indicar, ou ser uma alusão...

O lago antigo
o sapo pula dentro
o som silencioso...

Isso foi traduzido de muitas formas. Esta é uma das traduções: ‘o som silencioso’. Um ‘plop’ é ainda melhor. Mas a palavra em hindi é ainda mais significativa. Quando um sapo salta em um lago ele faz um som – você pode chamá-lo de “plop,” mas em hindi a palavra é exatamente como soa: *chhapak*. Seja um sapo, salte em um lago, e você conhecerá *chhapak*.

Será difícil escrevê-la em inglês. É melhor eu lhe dizer; caso contrário você inevitavelmente escreverá algo errado. *Chhapak* deve ser escrito c-h-h-a-p-a-k. Em inglês não há nenhuma letra para ‘chh’ então você tem que escrevê-la dessa forma.

O alfabeto inglês tem apenas vinte e seis letras. Vocês ficarão surpresos que o hindi ou o sânscrito têm o dobro desse número: cinquenta e duas letras. Muitas vezes é difícil traduzir, ou mesmo romanizar as palavras. ‘Chh’ não existe em inglês de maneira alguma, mas sem o ‘chh’ não existirá o sapo, e não existirá nenhum *chhapak*, e milhares de outras coisas serão perdidas.

Ek omkar sat nam, o nome real da verdade, é o som silencioso. Para escrevê-lo em sânscrito tivemos que criar um símbolo não-alfabético; o *aum*. Ele não faz parte do alfabeto sânscrito – ABC, XYZ. *Aum* é apenas um som, e um som muito significativo. Ele consiste de a-u-m, e essas são as três notas musicais básicas. Toda a música depende desses três sons. Se as três se tornam uma, o silêncio existe. Se elas divergem o som existe. Se elas convergem, o silêncio existe. *Aum* é um silêncio.

Vocês devem ter visto o sino em todo templo hindu, mas vocês podem não ter visto um realmente artístico. Para isso vocês terão que olhar para a seção tibetana de algum museu. O sino tibetano é o mais belo. É um sino estranho, como um copo feito de muitos metais, e ele tem um cabo de madeira. Vocês seguram o cabo em suas mãos, e circulam várias vezes dentro do copo. Isso é feito por um certo número de vezes, por exemplo dezessete; então você bate dentro do sino em um ponto certo que está marcado. Esse é o início e o fim.

A partir daí você segue circularmente de novo, e então bate no fim. É estranho, o sino repete todo o mantra tibetano! Quando alguém o ouve pela primeira vez não acredita que o sino está repetindo o mantra tibetano exatamente. Mas o sino foi feito para esse propósito.

Um lama tibetano mostrou-me um sino desse tipo. Era maravilhoso ouvir todo o mantra sendo repetido pelo sino. Vocês conhecem o mantra, contei-lhe para vocês. O mantra não é significativo, é sem sentido, mas é musical, muito musical; é dessa forma que o sino pode criá-lo. Se fosse cheio de significado seria muito difícil um sino fazer o trabalho. Um sino é apenas um sino burro.

Om Mani Padme Hum – o sino o repete tão claramente que vocês suspeitam que, talvez, o Espírito Santo está escondido em algum lugar. Mas não há ninguém, nenhum Espírito Santo, nada – apenas o sino. Vocês têm que circulá-lo com o cabo; então em um certo momento bater, e o sino ressoa com o mantra.

Em todos os templos da Índia, Tibete, China ou Burma o sino é significativo pois relembra-nos que se podemos ficar tão silenciosos quanto o sino vagarosamente se torna depois que o batemos – primeiramente é todo som, então aos poucos o som morre – então o silêncio entra. As pessoas ouvem apenas o som: então elas não ouviram o sino. Vocês devem ouvir a outra parte também. Quando o som está morrendo, desaparecendo, o som do silêncio está aparecendo, surgindo. Quando o som desaparece completamente, há um completo silêncio, e isso é meditação.

Eu não me tornaria um músico. Pagal Baba o sabia, mas ele estava apaixonado pela música, e queria que pelo menos eu conhecesse os melhores músicos; talvez eu pudesse ser atraído. Ele me apresentou a muitos músicos, era até difícil lembrar o nome de todos. Mas alguns nomes são muito famosos e conhecidos no mundo inteiro, por exemplo esses três.

Pannalal Ghosh é conhecido como o maior flautista que já viveu, e certamente isso não está errado, mas ele não é a minha escolha. Ele ruge como um leão, mas o homem é apenas um rato, e é isso o que não gosto. Um rato rugindo como um leão – isso é hipocrisia. Mas ainda assim devo dizer que ele lida bem com isso. É um caso difícil, mas ele lida quase perfeitamente com isso. Eu digo “quase” porque ele não pode enganar os meus olhos. Eu falei para ele, e ele disse, “Eu sei disso.” Ele não é a minha escolha.

O segundo homem é do sul da Índia. Nunca gostei dele desde o início. É claro que amo a sua flauta; talvez ninguém tenha a sua profundidade. Mas, de homem para homem, olho no olho, não podemos nos suportar. Não gosto nem do homem, nem do seu nome. Mas a sua flauta é a melhor que surgiu em séculos. Ainda assim ele não é a minha escolha, por causa do homem. Se não gosto do homem, por mais belo que ele toque, não posso o escolher para ser o primeiro.

A minha escolha é Hariprasad. Ele é muito humilde, nem como um rato, nem como um leão. Ele é exatamente o que significa a palavra *majjhim*, o meio, o “meio dourado.” Ele trouxe o equilíbrio que não existe tanto em Pannalal Ghosh quanto no homem indiano do sul, cujo nome não vou falar novamente. Mas Hariprasad trouxe um equilíbrio, um imenso equilíbrio, assim como um equilibrista andando em uma corda.

Vou referir-me a Pagal Baba muitas vezes, pela simples razão que ele apresentou-me muitas pessoas. Sempre que eu as mencionar, Pagal Baba será mencionado também. Através dele um mundo abriu-se. Ele foi muito mais valioso para mim do que qualquer universidade, porque ele me apresentou a tudo o que era melhor em todos os campos possíveis.

Ele costumava vir à minha vila assim como um redemoinho e se apoderava de mim. Os meus pais não podiam falar não para ele; nem mesmo a minha Nani podia dizer não para ele. De fato, no momento em que eu mencionava Pagal Baba eles falavam, “Então está tudo bem,” porque eles sabiam que se negassem, Pagal Baba viria e criaria um incômodo para a casa. Ele podia quebrar coisas, ele podia bater nas pessoas, e ele era tão respeitado que ninguém o impediria de causar qualquer dano. Então era melhor para todo mundo dizer, “Sim... se Pagal Baba quer te levar com ele, você pode ir. E nós sabemos,” eles falavam, “que com Pagal Baba você estará seguro.”

Os meus outros parentes na vila costumavam dizer a meu pai, “Você não está fazendo a coisa certa deixando o seu garoto ir com aquele homem insano.”

O meu pai replicava, “O meu garoto é tal que estou mais preocupado com o velho homem insano do que com ele. Você não precisa se preocupar.”

Viajei a muitos lugares com Pagal Baba. Ele não me levou apenas a grandes artistas e músicos, mas também a grandes lugares. Foi com ele que vi o Taj Mahal pela primeira vez, e as cavernas de Ellora e Ajantas. Ele foi o homem com quem vi pela primeira vez os Himalaias. Devo muito a ele, e eu nunca nem mesmo o agradeci. Eu não podia porque ele costumava tocar os meus pés. Se alguma vez eu falava-lhe algo em agradecimento, ele imediatamente colocava as suas mãos nos seus lábios e dizia, “Fique quieto. Nunca mencione o seu agradecimento. Sou grato a você, não você a mim.”

Uma noite quando estávamos sozinhos eu lhe perguntei, “Por que você é tão grato a mim? Eu não fiz nada para você e você me fez muitas coisas, entretanto você nem me permite dizer obrigado.”

Ele disse, “Um dia você entenderá, mas agora vá dormir e não mencione isso novamente, nunca, nunca. Quando o momento chegar você saberá.” No momento em que eu soube era muito tarde, ele não existia mais. Descobri, mas muito tarde.

Se ele estivesse vivo talvez seria muito difícil para ele compreender o que descobri, que certa vez, em uma vida passada, ele me envenenara. Embora eu tenha sobrevivido, ele estava agora apenas tentando compensar; ele estava tentando apagá-lo. Ele estava fazendo tudo em seu poder para ser bom para mim – e ele sempre foi bom para mim, mais do que eu merecia – mas agora sei porquê: ele estava tentando trazer equilíbrio.

No Oriente eles chamam de *karma*, a “teoria da ação.” Qualquer coisa que você faz, lembre-se, você terá que trazer equilíbrio novamente para as coisas perturbadas pela sua ação. Agora eu sei porque ele era tão bom para uma criança. Ele estava tentando trazer equilíbrio, e foi bem-sucedido. Uma vez que suas ações são totalmente equilibradas vocês podem desaparecer. Somente então vocês podem parar a roda. De fato, a roda para por si só, vocês nem precisam a parar.

Sessão 30

Eu estava falando sobre Pagal Baba e os três flautistas que ele apresentou-me. Ainda é uma bela memória, a forma que ele me apresentava às pessoas – particularmente para aqueles que eram acostumados a serem recebidos, respeitados e honrados. A primeira coisa que ele dizia para eles era, “Toque os pés desse garoto.”

Lembro-me quão diferente as pessoas reagem, e quanto nós dois ríamos depois. Pannalal Ghosh foi-me apresentado em sua própria casa em Calcutá. Pagal Baba era seu convidado, eu era convidado de Pagal Baba. Pannalal Ghosh era realmente famoso e quando Baba lhe disse, “Toque os pés desse garoto primeiro, então posso permiti-lo tocar os meus pés,” ele hesitou por um momento, então tocou os meus pés sem realmente tocar.

Vocês podem tocar uma coisa sem realmente tocar. Vocês fazem isso a todo momento – apertando as mãos das pessoas sem ter nenhuma sensação, nenhuma afeição, nenhuma receptividade, nenhuma alegria para compartilhar. Por que vocês têm apertado as mãos? É um exercício desnecessário. E o que suas mãos fizeram de errado? – por que apertá-las?

E vocês sabem, há uma seita cristã chamada Shakers; eles balançam o seu corpo todo. Eles estão apertando as mãos de Deus. É claro, quando você aperta as mãos de Deus todo o corpo tem que balançar. E vocês conhecem os Quakers; eles vão um passo mais longe: eles não somente balançam, eles tremem! Essas são as origens reais dos seus nomes. Os Quakers rolam, pulam e fazem todos os tipos de coisas que vocês podem ver em um manicômio. Não sou contra o que eles fazem, estou simplesmente descrevendo-os. Da mesma forma, Pannalal Ghosh tocou os meus pés.

Eu disse para Baba, “Ele não os tocou.”

Baba disse, “Eu sei. Pannalal, toque-os novamente.”

Isso foi demais para o homem famoso, em sua própria casa, e com muitas pessoas presentes. De fato, todas as pessoas eminentes de Calcutá estavam ali. O filho do primeiro-ministro estava ali, o ministro-chefe estava ali, e assim por diante. “Toque-os novamente?” Mas isso mostra a qualidade do homem. Ele novamente tocou os meus pés. Dessa vez foi ainda mais morto do que a primeira vez.

Eu ri. Baba rugiu. Eu disse, “Ele precisa de treinamento.”

Baba disse, “Isso é verdade. Ele nascerá muitas vezes para treinar. Nessa vida ele perdeu o trem. Eu estava dando-lhe uma última oportunidade, mas ele a deixou escapar também.”

E vocês ficarão surpresos, depois de somente sete dias Pannalal Ghosh não estava mais nesse mundo. Talvez Baba estava certo; a última oportunidade foi dada e Pannalal Ghosh a deixou escapar. Ele não era um homem mau, lembrem-

se. Note: eu não disse que ele era um homem bom, eu apenas disse que ele não era um homem mau. Ele era apenas ordinário. Para ser bom ou mau é necessário algo de extraordinário.

Ele verteu todo o seu talento, inteligência e sua alma em sua flauta, e ele ficou estéril como um deserto. A sua flauta era bela, mas era melhor não ter conhecido o homem. Agora, quando ouço a sua flauta em uma gravação, tento descartá-lo. Eu digo a ele, “Pannalal Ghosh, por favor não entre; deixe-me ouvir a flauta.”

Mas Baba queria apresentá-lo a mim, e não eu a ele. Não era por mim, porque eu não tinha nome nenhum. Eu não havia feito nada, certo ou errado, e eu nunca faria algo.

Até mesmo agora, posso dizer a mesma coisa: não fiz nada certo ou errado. Sou alguém que não faz nada, e permaneci persistentemente assim, somente alguém que não faz nada. Mas Pannalal Ghosh era um grande músico. Dizê-lo para tocar os meus pés na frente de tantas pessoas era muito humilhante. Era um bom exercício para ele – mas duas vezes foi demais. Mas ele era um Bengali Babu real.

Este termo, Bengali Babu, foi inventado pelos britânicos porque a sua primeira capital na Índia foi Calcutá, não Nova Delhi, e obviamente os seus primeiros servos eram bengalis. Todos os bengalis comem peixes. Eles fedem a peixe. Chetana entenderá, ela é filha de um pescador. Felizmente ela pode entender exatamente. Ela também tem o olfato porque quando sinto algum cheiro e ninguém mais pode senti-lo, tenho que depender dela. Então pergunto-lhe, e ela certamente pode senti-lo.

Todos os bengalis comem peixe, e, é claro, todos eles cheiram a peixe. Toda casa bengali tem um lago. Isso não acontece em nenhum outro lugar da Índia; é especial em Bengala. É um belo país. Toda casa tem, de acordo com sua capacidade, um lago pequeno ou grande para criar o seu próprio peixe.

Vocês ficarão surpresos em saber que a palavra inglesa ‘bungalow’ é o nome para uma casa Bengali. Bengala é a transformação inglesa de *bangla*, e os britânicos chamavam a casa bengali “bungalow.” Cada bungalow – isto é, uma casa Bengali – tem um lago onde há uma criação do próprio alimento. Todo o lugar fede a peixe. Falar com um bengali, particularmente para um homem como eu, é muito difícil. Mesmo quando visito Bengala nunca costumo falar com os bengalis por causa do cheiro, apenas com os não-bengalis que estão vivendo ali. É realmente infestado pelo cheiro de peixe.

Pannalal Ghosh morreu apenas sete dias depois que o vi, e Baba lhe disse, “Esta é a sua última oportunidade.” Não acho que ele entendeu – ele parecia um pouco estúpido. Desculpem-me por esta expressão, mas o que posso fazer se alguém parece estúpido? Se falo ou não, ele ainda parecerá estúpido. Mas em relação ao tocar de sua flauta, ele era um gênio. Talvez seja por isso que ele tenha se tornado estúpido de todas as outras maneiras – sugado pela flauta, um instrumento perigoso. Mas pelo menos ele tocou os meus pés, mas sem realmente

tocá-los. Então Baba disse-lhe, “Toque os pés dele novamente e realmente toque-os.”

Pannalal Ghosh disse, “Toquei-os duas vezes. Como é possível realmente tocar?”

E vocês podem acreditar o que Baba fez? Ele tocou os meus pés para mostrá-lo como fazer – com lágrimas em seus olhos – e Baba tinha noventa anos!

Baba nunca permitiu que eu me sentasse com outras pessoas. Eu tinha que sentar em seu travesseiro, acima e atrás dele. Vocês sabem que na Índia um travesseiro redondo particular é usado apenas pelas pessoas muito ricas ou pelas muito respeitáveis. Baba costumava carregar pouquíssimas coisas, mas seu travesseiro estava sempre consigo. Ele me disse, “Você sabe, eu não preciso dele, mas dormir no travesseiro de outra pessoa é tão sujo. Eu devo pelo menos ter o meu travesseiro privado, mesmo que eu não tenha mais nada. Então carrego este travesseiro para todos os lugares que vou.”

Quando eu costumava viajar... Chetana entenderá – porque um travesseiro não é suficiente para mim, uso três travesseiros, dois para os lados e um para a minha cabeça. Isso significa uma mala de viagem muito grande apenas para os travesseiros, então outra mala de viagem grande apenas para os cobertores, porque não consigo dormir com os cobertores de outras pessoas; eles cheiram. E a forma que durmo é tão infantil, vocês realmente ririam; eu simplesmente desapareço debaixo do cobertor, com a cabeça e tudo. Então se está cheirando eu não posso respirar, e não posso manter a cabeça para fora, porque então o meu sono é perturbado.

Posso dormir apenas se me cobrir totalmente e esquecer o mundo todo. Isso não é possível se existe algum cheiro. Então tenho que carregar o meu próprio cobertor, e uma mala para as minhas roupas. Então carreguei três malas grandes continuamente por vinte e cinco anos.

Baba era afortunado; ele costumava carregar seu travesseiro circular debaixo do braço. Era a sua única posse. Ele me disse, “Carrego-o especialmente para você porque quando você vem junto comigo, onde vou falar para você sentar-se? Eu me sentarei em uma plataforma mais alta que qualquer um, mas você tem que sentar-se um pouco mais alto que eu.”

Eu disse, “Você está louco, Pagal Baba.”

Ele disse, “Você sabe, e todo mundo sabe, que sou louco. Isso precisa ser mencionado? Mas esta é minha decisão, que você tem que sentar-se mais alto que eu.”

Aquele travesseiro era para mim. Eu tinha que sentar-me nele, relutantemente é claro, envergonhado, às vezes até irritado, porque ele me fazia parecer muito desajeitado. Mas ele não era um homem que se preocupava com qualquer coisa. Ele simplesmente me daria um tapinha na cabeça ou nas costas e diria, “Anime-se, meu filho. Não fique tão bravo apenas porque te fiz sentar no travesseiro. Anime-se.”

Este homem, Pannalal Ghosh, eu nem gosto nem desgosto dele. Eu era quase indiferente a ele. Ele não tinha sal, por assim dizer, era sem sabor. Mas a sua flauta... ele fez a flauta indiana de bambu ser notada no mundo, e elevou-a a um dos maiores instrumentos da música. Por causa dele, a flauta mais bela, a japonesa, desapareceu completamente. Ninguém liga para a flauta árabe. Mas a flauta indiana deve imensamente a esse muito inosso Bengali Babu, esse servo do governo que cheirava a peixe.

Vocês ficarão realmente surpresos que a palavra *babu* tornou-se um nome de grande respeito na Índia. Quando você quer respeitar qualquer pessoa, você a chama de babu. Mas babu simplesmente significa “aquele que fede” – *ba* significa “com” e *bu* significa “fedor.” A palavra foi criada pelos ingleses para os bengalis. Vagarosamente ela espalhou-se por toda a Índia. Naturalmente eles foram os primeiros servos dos ingleses, e eles alcançaram os mais altos cargos. Então a palavra ‘babu’, que não podia ser de maneira alguma respeitável, tornou-se respeitável. É um destino estranho, mas as palavras têm destinos estranhos. Agora ninguém pensa que ela deveria ser considerada uma palavra feia; ela é agora considerada muito bela.

Pannalal Ghosh era realmente um babu, quero dizer, ele fedia a peixe, então eu tinha que prender o meu nariz.

Ele perguntou, “Baba, por que esse garoto seu, cujos pés eu tenho que tocar repetidas vezes, está segurando a respiração?”

Baba disse, “Ele está tentando fazer algum exercício de yoga. Não tem nada a ver com você ou seu cheiro de peixe.” Ele foi um homem belo, esse Pagal Baba.

O segundo músico, cujo nome tenho evitado até mesmo mencionar – embora eu tenha mencionado uma vez e tenho que mencionar novamente apenas para finalizar este capítulo – era Sachdeva. A sua forma de tocar flauta é totalmente diferente de Pannalal Ghosh, embora eles usem o mesmo tipo de flauta. Vocês podem lhes dar a mesma flauta e vocês ficariam admirados com a diferença na música. O que sai da flauta é o que importa, não a flauta ela mesma.

Sachdeva tinha um toque mágico, ao passo que Pannalal Ghosh era tecnicamente perfeito, mas não um mago. Sachdeva também era tecnicamente perfeito e detinha as artes da música e da mágica juntas. Simplesmente ouvir a sua flauta era ser transportado para outro mundo. Mas nunca gostei do homem. Não no mesmo sentido que Pannalal Ghosh, que era indiferença; Sachdeva eu odiava. Era pura e simples aversão, tão total que não posso ver qualquer possibilidade de nos tornarmos até mesmo conhecidos. E Baba o sabia, Sachdeva o sabia, mas ainda assim ele tinha que tocar os meus pés.

Eu disse a Baba, “Não posso permitir que ele toque os meus pés novamente. A primeira vez eu não estava consciente da feiura da sua vibração; agora a conheço.”

E a sua vibração não era apenas feia, ela era nauseante, e a sua face também. Fazia uma pessoa se sentir mal. Eu estava evitando falar sobre ela simplesmente para não lembrar. Por quê? Porque terei que vê-la de novo para descrevê-la para vocês. Mas decidi desabafar totalmente, então que assim seja. Ele era realmente mais feio do que sua fotografia do passaporte.

Eu costumava pensar que uma foto de passaporte era a coisa mais feia possível; ninguém pode ser tão feio. Sachdeva era. E que belo nome: Sachdeva, Deus da Verdade – e, entretanto, ele era tão feio. Meu Deus! Jesus!

Mas quando ele começava a tocar a sua flauta de bambu toda a sua feiura simplesmente desaparecia. Ele lhe levava para outro mundo. A sua música é muito penetrante, afiada como o fio de uma espada. Ela corta completamente, e tão habilidosamente que você nem sabe que a cirurgia aconteceu.

Mas o homem era simplesmente feio. Não me incomoda com a feiura física. O que eu faria com o seu físico? Mas psicologicamente ele também era feio. Quando ele tocou os meus pés pela primeira vez, muito relutantemente, senti como se um réptil havia rastejado sobre eles, o tipo de sentimento como se uma cobra tivesse rastejado sobre os seus pés. E eu não podia nem pular e matar a cobra – ele não era uma cobra, ele era um homem.

Eu olhei para Baba e disse, “O que devo fazer com a cobra?”

Baba disse, “Eu sabia que você a reconheceria. Por favor seja paciente. Primeiro ouça a sua flauta, então vamos pensar sobre ele ser uma cobra.” Ele prosseguiu, “Eu estava com medo que você ficaria consciente disso. Eu sabia que ele não seria capaz de enganar você, mas falaremos disso depois. Primeiro, ouça a sua flauta.”

Então ouvi, e ele certamente era um mago, alcançando você tão profundamente, assim como um cuco chamando de um morro distante. Esta frase pode ser entendida apenas em um contexto indiano.

Na Índia, o cuco não é o que vocês fizeram dele. Ser cuco no Ocidente é estar em um manicômio. No Oriente, o nome cuco é dado apenas aos maiores cantores e poetas. Sachdeva era chamado “o cuco do mundo da flauta.” E qualquer cuco teria inveja, porque a flauta do homem era muito mais bela – falo da sua música, não se esqueçam.

Pannalal Ghosh movia-se de uma maneira muito plana, muito seguro do seu solo, cada passo dado com cuidado, preparado pela longa prática. Vocês não poderiam encontrar um único erro. Vocês não poderiam encontrar um único erro em Sachdeva também, mas ele não se move em um solo plano. Ele é um pássaro das colinas, voando alto e baixo; um pássaro selvagem, ainda não domesticado, mas tão perfeito. Pannalal Ghosh parece estar muito longe, algo da cabeça – realmente um técnico. Mas Sachdeva é um gênio, um artista real. Inovadores são muito raros, e ele é um. Particularmente em uma área pequena como a da flauta, ele inovou tanto que, por gerações, ninguém o vencerá, ninguém quebrará o seu recorde.

Vocês também podem ver que embora eu nunca tenha gostado do homem sou bem justo no que diz respeito à sua flauta. E o que o homem tem a ver com sua flauta? Nem ele gostava de mim, nem eu dele. Eu desgostava tanto dele que quando ele veio ver Baba novamente, e inevitavelmente Baba disse-lhe para tocar os meus pés, sentei-me na postura do lótus, cobrindo os meus pés com a minha túnica.

Baba disse, “Onde você praticou a postura do lótus? Hoje você está se comportando como um grande yogi.” Ele então perguntou, “Onde você aprendeu yoga?”

Eu disse, “Tive que aprendê-la para todas essas criaturas rastejantes, cobras e répteis, etc. Por exemplo, esse homem... amo a sua flauta, mas sua flauta é uma coisa totalmente diferente de todo o seu ser. Não quero ser tocado por ele, e sabia que você iria dizer o que acabou de dizer. Por favor, diga-me para tocar os pés dele; isso seria muito mais fácil.”

Agora posso explicar a vocês algo sem o qual o que eu disse não seria entendido. Quando vocês tocam os pés de alguém, vocês estão vertendo a si próprios, as suas energias, em seus pés. É uma oferta de qualquer coisa que vocês são. A menos que vocês sejam realmente dignos seria melhor vocês evitarem fazê-lo. Eu poderia ter tocado os pés dele sem nenhum problema. Eu poderia ter vertido qualquer coisa que eu tinha em seus pés. Vocês podem jogar uma flor em uma rocha, mas não joguem uma rocha em uma flor.

Baba disse, “Entendo, mas ele também tem que ser mudado.”

Baba não disse para ele tocar os meus pés novamente. As poucas vezes que nos encontramos de novo Sachdeva nem olhou para mim, nem eu para ele. Eu estava com medo de Baba; Sachdeva estava com medo de mim. Sempre que ele chegava eu começava a empurrar Baba para lembrá-lo a não pedir para Sachdeva tocar os meus pés. Baba diria, “Eu sei, eu sei.”

Eu disse, “Eu sei, eu sei,” não ajuda. A menos que ele saia vou seguir lembrando você. Ou ele toca a sua flauta ou fale para ele ir, porque não é apenas feio a forma que ele toca os pés, mas sua face, sua própria presença, é algo como um câncer espiritual.”

Então tornou-se um acordo que se Sachdeva quisesse falar com Baba, eu estaria livre para ir para algum lugar, fazer alguma coisa, apenas uma desculpa para não estar presente. Ou ele tocaria a sua flauta. Então ele podia trazer as estrelas à terra; então ele podia transformar rochas em sermões. Ele era um mago, mas apenas quando estava tocando. Eu gostava da sua flauta, mas não do homem.

O terceiro homem, Hariprasad, é belo das duas maneiras. O seu ser é tão belo quanto a sua música. Ele não é tão famoso quanto Pannalal Ghosh, e talvez nunca será, porque não se preocupa com isso. Ele não tocará a sua flauta às ordens... ele nunca foi atrás dos políticos. A sua flauta tem o seu próprio aroma. O aroma da sua flauta só pode ser chamado de equilíbrio, equilíbrio absoluto, como se você tivesse andando em uma correnteza muito forte.

O exemplo que estou dando-lhes é de Lao Tsé. Vocês estão cruzando uma correnteza muito forte, selvagem, e naturalmente vocês têm que ficar muito alerta; caso contrário vocês serão levados pela correnteza. Lao Tsé também diz que vocês têm que andar muito rápido porque a correnteza está muito fria, abaixo de zero, talvez ainda mais fria. Rápido, e, entretanto, equilibrado – isso descreve o que Hariprasad Chaurasia faz com a sua flauta. De repente ele começa, e de repente termina; ninguém esperava que ele começaria tão de repente.

Pannalal Ghosh leva meia hora no prefácio, no prólogo. Na Índia esta é a forma da música clássica. O tocador de tabla ajustará a sua tabla. Ele baterá com seu pequeno martelo aqui e ali, afinando-a, buscando o tom certo. O citarista apertará ou soltará as suas cordas repetidas vezes, para ver se todas as cordas entram em sincronicidade ou não.

Isso continua por quase meia hora – mas os indianos são pessoas muito pacientes. Isso é chamado de preparação. Por que eles não podem fazer isso antes das pessoas chegarem? Ou detrás das cortinas, como fazem em todos os dramas? Mas estranhamente, o músico clássico indiano tem que preparar-se e aos seus instrumentos na frente da sua audiência. Por quê?

Deve haver alguma razão. O meu sentimento é que a música clássica é tão profunda, particularmente no Oriente, que se vocês não estão nem mesmos preparados para ficarem pacientes por meia hora, vocês não são dignos de estarem presente de maneira alguma.

Lembro-me de uma história muito famosa: Gurdjieff costumava chamar os seus discípulos em horas muito estranhas. Os seus encontros não eram como os meus encontros, cujo horário é fixo. Vocês têm de estar aqui antes de eu chegar e se eu estiver cinco minutos atrasado, lembrem-se que a culpa nunca é minha.

Os meus motoristas costumam trazer-me um pouco atrasado para que as pessoas que ainda estão chegando possam sentar-se, porque uma vez que chego não gosto que as pessoas se mexam de um lado para outro, entrando e saindo. Quero que tudo pare completamente. Apenas nessa interrupção total posso começar o meu trabalho, ou qualquer coisa que vou dizer. Uma leve perturbação é suficiente para que eu mude o que iria dizer. Eu falarei algo de qualquer forma, mas não será a mesma coisa, e eu nunca mais posso dizer a mesma coisa novamente.

Vocês conhecem o meu método; o método de Gurdjieff era o oposto. Os telefones de seus discípulos começavam a tocar. Ele podia convocar um encontro em qualquer lugar, talvez a cinquenta quilômetros de distância, e dizia a eles apressarem-se para chegarem a tempo, de fato antes da hora, sem nenhuma preparação, vocês precisariam pelo menos de um veículo. Vocês teriam que cancelar outros compromissos. Vocês fazem todas essas coisas e correm para o local combinado, apenas para encontrar ali um aviso dizendo que o encontro foi cancelado por hoje!

No próximo dia novamente os telefones começavam a tocar. Se no primeiro dia cem pessoas apareceram das duzentas que receberam os

telefonemas, então no segundo dia, apenas cinquenta aparecem. Novamente elas encontram um bilhete na porta: “Encontro adiado” – nem mesmo um “Desculpe.” Não há ninguém ali para pedir desculpas, apenas uma placa. E isso continuaria, e no quarto dia, ou no sétimo ele apareceria. Por ele quero dizer Gurdjieff.

Das duzentas pessoas originais, agora apenas quatro apareceram. Ele olharia para elas e então falaria, “Agora posso dizer o que eu gostaria de dizer, e todos os sujeitos que eu nunca quis que estivessem aqui abandonaram por si sós. É realmente ótimo; permaneceram apenas os que são dignos de ouvirem-me.”

O método de Gurdjieff era diferente. Esse também é um método, mas apenas um método; existem muitos. Sempre respeito e amo qualquer coisa que traz resultados. Acredito na definição de Buda que “A verdade é aquilo que funciona.” Ora, essa é uma definição estranha porque às vezes uma mentira pode funcionar, e sei que muitas vezes a verdade não funciona de maneira alguma; a mentira funciona.

Mas concordo com Buda. É claro que ele não concordaria comigo, mas sou mais generoso que o próprio Gautama o Buda. Se algo funciona, traz os resultados certos, o que importa se era uma mentira no começo, ou uma verdade? O que importa é o fim, o resultado final. Posso não usar o método de Gurdjieff, porque nunca uso o método de ninguém, embora as pessoas pensem que o faço. Sim, eu finjo. Uso apenas o que funciona; de quem é não importa de maneira alguma. A verdade não é nem minha nem sua.

Esse terceiro homem, amo-o. Desde a primeira vez que nos vimos, reconhecemo-nos. Ele foi o único dos três flautistas que tocou os meus pés antes de Baba mandá-lo tocá-los. Quando isso ocorreu Baba disse, “Isso é alguma coisa! Hariprasad, como você pôde tocar os pés de uma criança?”

Hariprasad disse, “Existe alguma lei proibindo-o? É um crime tocar os pés de uma criança? Gostei, amei, por isso toquei os pés dele. E não é da sua conta, Baba.”

Baba estava realmente feliz. Ele sempre ficava feliz com essas pessoas. Se Pannalal Ghosh era uma ovelha, Hariprasad é um leão. Ele é um homem belo e raro. O terceiro sujeito – Sachdeva; não gosto nem de dizer o seu nome – não me prejudicou, mesmo assim, só o nome já me faz ver a sua cara feia. E vocês conhecem o meu respeito pela beleza. Posso perdoar qualquer coisa, mas não a feiura. E quando a feiura não é apenas do corpo, mas da alma também, então é demais. Ele era completamente feio.

Hariprasad é a minha escolha no que diz respeito aos flautistas. A sua flauta tem a beleza dos dois outros e, entretanto, não é como a de Pannalal Ghosh – muito alta e bombástica – nem tão afiada que corta e machuca. É suave como uma brisa, uma brisa fresca em uma noite de verão. Ela é como a lua; a luz está lá, mas não quente, fria. Vocês podem sentir o seu frescor.

Hariprasad deve ser considerado o maior flautista que já nasceu, mas ele não é muito famoso. Ele não poderia ser, ele é muito humilde. Para ser famoso

você tem que ser agressivo. Para ser famoso você tem que lutar no mundo ambicioso. Ele não lutou, e ele é o último homem que lutaria para ser reconhecido.

Mas Hariprasad foi reconhecido por homens como Pagal Baba. Pagal Baba também reconheceu alguns outros que descreverei depois, porque eles também entraram na minha vida através dele.

É uma coisa estranha: Hariprasad me era completamente desconhecido até Pagal Baba apresentá-lo a mim, e então ele tornou-se tão interessado que costumava ir até Pagal Baba apenas para visitar-me. Um dia Pagal Baba disse-lhe de brincadeira, “Agora você não vem por mim. Você sabe, eu sei, e a pessoa porque você vem sabe.”

Eu ri, Hariprasad riu e disse, “Baba você está certo.”

Eu disse, “Eu sabia que Baba iria mencionar isso mais cedo ou mais tarde.” E essa era a beleza do homem. Ele trouxe muitas pessoas a mim, mas impedia-me até mesmo de agradecê-lo. Ele disse apenas uma coisa a mim: “Fiz apenas o meu dever. Peço apenas um favor: quando eu morrer você pode acender o fogo no meu funeral?”

Na Índia isso tem uma grande importância. Se um homem não tem um filho ele sofre por toda a sua vida, pois quem acenderá o fogo em seu funeral? É chamado “dar o fogo.”

Quando ele me pediu eu disse, “Baba, eu tenho o meu próprio pai, ele ficará bravo – e não conheço a sua família; talvez você tenha um filho...”

Ele disse, “Não se preocupe com nada, nem com seu pai, nem com a minha família. Esta é a minha decisão.”

Eu nunca o tinha visto naquele tipo de humor. Eu soube então que seu fim estava muito próximo. Ele não era capaz de gastar tempo nem mesmo discutindo a questão.

Eu disse, “Ok, sem argumentos. Dar-te-ei o fogo. Não importa se o meu pai objetar ou se sua família objetar. Não conheço a sua família.”

Por acaso Pagal Baba morreu na minha própria vila. Mas talvez ele arranhou isso – penso que o arranhou. E quando comecei o seu funeral dando-lhe o fogo, o meu pai disse, “O que você está fazendo? Isso pode ser feito apenas pelo filho mais velho.”

Eu disse, “Dada, deixe-me fazê-lo. Eu prometi para ele. E, em relação a você, não serei capaz de o fazer; o meu irmão mais novo o fará. De fato, ele é seu filho mais velho, não eu. Eu não tenho uso na família, e nunca terei. De fato, sempre provarei ser um incômodo para a família. O meu irmão mais novo, o segundo depois de mim, lhe dará o fogo, e ele cuidará da família.”

Sou muito grato ao meu irmão, Vijay. Ele não pôde ir à universidade somente por minha causa, porque eu não tinha rendimentos, e alguém tinha que

prover para a família. Os meus outros irmãos foram para a universidade também, e suas despesas também tinham que ser pagas, então Vijay ficou em casa. Ele realmente sacrificou-se. Vale uma fortuna ter um irmão tão belo. Ele sacrificou tudo. Eu não queria me casar, embora minha família tenha sido insistente.

Vijay me disse, “Bhaiyya” – *bhaiyya* significa irmão – “se eles estão te torturando muito, estou pronto para casar-me. Apenas prometa-me uma coisa: você escolherá a garota.” Seria um casamento arranjado, como todos os casamentos o são na Índia.

Eu disse, “Posso fazer isso.” Mas o sacrifício dele tocou-me, e ajudou-me tremendamente. Uma vez que ele estava casado fui completamente esquecido, porque tenho outros irmãos e irmãs. Uma vez que ele estava casado, então havia outros para serem casados. Eu não estava pronto para fazer qualquer negócio.

Vijay disse, “Não se preocupe, estou pronto para fazer qualquer tipo de trabalho.” E desde muito jovem ele envolveu-se em muitas coisas mundanas. Sinto muito por ele imensamente. A minha gratidão por ele é grande.

Eu disse a meu pai, “Pagal Baba me pediu e prometi para ele, então tenho que dar o fogo. No que diz respeito a sua morte, não se preocupe, o meu irmão mais novo estará lá. Também estarei presente, mas não como seu filho.”

Eu não sei porque eu disse isso, e o que ele pode ter pensado, mas isso provou-se verdadeiro. Eu estava presente quando ele morreu. De fato, eu o chamei para morar comigo, apenas para não ter que ir à vila onde ele morava. Eu nunca quis voltar para lá depois da morte da minha avó. Esta era outra promessa. Tenho que cumprir tantas promessas, mas até agora fui bem-sucedido em cumprir a maioria delas. Existem algumas poucas promessas que permanecem para serem cumpridas.

Eu havia dito ao meu pai, e eu estava presente em seu funeral, mas não pude lhe dar o fogo. E certamente eu não estava presente como seu filho. Quando ele morreu ele era meu discípulo, um sannyasin, e eu era seu mestre.

Que horas são?

“Oito e trinta e cinco, Osho.”

Cinco minutos para mim. Quando o tempo acabar, acabou. Eu também tenho que rir de vez em quando. Um único momento no clímax é suficiente.

Pare.

Sessão 31

Pagal Baba estava um pouco preocupado em seus últimos dias. Eu podia ver, embora ele não tenha dito nada, nem outra pessoa o tivesse mencionado. Talvez mais ninguém tinha sequer consciência que ele estava preocupado. Certamente não era por causa da sua doença, idade avançada ou sua morte vindoura; essas coisas eram absolutamente imateriais para o homem.

Uma noite, quando estávamos sozinhos lhe perguntei. De fato, tive que acordá-lo no meio da noite, porque era muito difícil encontrar um momento quando nenhuma outra pessoa estava com ele.

Ele me disse, “Deve ser algo de grande importância; caso contrário você não teria me acordado. O que se passa?”

Eu disse, “Essa é a questão. Estive te observando – sinto uma pequena sombra de preocupação em torno de você. Ela nunca esteve aqui antes. A sua aura sempre foi tão clara, assim como um sol brilhante, mas agora vejo uma pequena sombra. Não pode ser a morte.”

Ele riu e disse, “Sim, a sombra está aqui, e não é a morte, isso também é verdade. A minha preocupação é, estou esperando por um homem para entregar a ele a minha responsabilidade por você. Estou preocupado porque ele ainda não apareceu. Se eu morrer será impossível para você ser capaz de encontrá-lo.”

Eu disse, “Se eu realmente precisar de alguém, eu o encontrarei. Mas não preciso de ninguém. Relaxe antes que a morte venha. Não quero ser a causa dessa sombra. Você deve morrer tão brilhantemente radiante como viveu.”

Ele disse, “Não é possível... mas sei que o homem virá – estou desnecessariamente preocupado. Ele é um homem de palavra; ele prometeu alcançar-me antes de eu morrer.”

Eu lhe perguntei, “Como ele sabe quando você morrerá?”

Ele riu e disse, “É por isso que quero apresentar você a ele. Você é muito jovem e eu gostaria que alguém como eu estivesse ao seu redor.” Ele disse, “De fato, esta é uma convenção antiga, que se uma criança um dia tornar-se-á iluminada, então pelo menos três pessoas iluminadas devem reconhecê-la em tenra idade.”

Eu disse, “Baba, isso é tudo bobagem. Ninguém pode impedir-me de acordar.”

Ele disse, “Eu sei, mas sou um homem velho, convencional, então por favor, particularmente no momento da minha morte, não diga nada contra a convenção.”

Eu disse, “Ok, por você eu ficarei absolutamente em silêncio. Não vou dizer nada, porque qualquer coisa que eu disser será, de alguma forma, contra a convenção, a tradição.”

Ele disse, “Não estou dizendo que você deve ficar em silêncio, mas apenas sinta o que estou sentindo. Sou um homem velho. Não tenho ninguém no mundo que me importo, exceto você. Não sei por que, ou como, você tornou-se tão próximo a mim. Quero alguém no meu lugar para que você não sinta a minha falta.”

Eu disse, “Baba, ninguém pode te substituir, mas prometo que vou tentar muito não sentir a sua falta.”

Mas o homem chegou na manhã seguinte.

O primeiro homem iluminado que me reconheceu foi Magga Baba. O segundo foi Pagal Baba, e o terceiro era mais estranho do que eu poderia ter imaginado. Até mesmo Pagal Baba não era tão louco. O homem chamava-se Masta Baba.

Baba é uma palavra respeitosa: ela simplesmente significa “o avô.” Mas qualquer um que é reconhecido pelas pessoas como iluminado também é chamado Baba, porque ele é realmente o homem mais velho na comunidade. Ele pode não o ser de fato; ele pode ser apenas um jovem, mas ele tem que ser chamado de Baba, o avô.

Masta Baba era esplêndido, e do jeito que gosto que um ser humano seja. Ele era exatamente como se fosse feito para mim. Nos tornamos amigos até mesmo antes de Pagal Baba nos apresentar.

Eu estava fora da casa. Não sei porque eu estava ali; pelo menos agora não me recordo o propósito, foi há tanto tempo. Talvez eu estava esperando também, porque Pagal Baba disse que o homem manteria a sua palavra; ele viria. E eu estava certamente curioso como qualquer criança. Eu era uma criança, e permaneci uma criança apesar de tudo. Talvez eu estava esperando, ou fingindo fazer alguma outra coisa, mas de fato estava esperando pelo homem, e olhando para a estrada – e ali estava ele! Eu não esperava que ele chegaria daquela maneira! Ele chegou correndo!

Ele não era muito velho, não mais que trinta e cinco, exatamente no pico de sua juventude. Ele era um homem alto, muito magro, com um belo cabelo longo e uma bela barba.

Eu lhe perguntei, “Você é Masta Baba?”

Ele ficou um pouco surpreso e disse, “Como você sabe o meu nome?”

Eu disse, “Não há nada misterioso nisso. Pagal Baba está esperando por você; naturalmente ele mencionou o seu nome. Mas você é realmente o homem que eu mesmo escolheria. Você é tão louco quanto Pagal Baba deve ter sido quando ele era jovem. Talvez você seja apenas o jovem Pagal Baba voltando de novo.”

Ele disse, “Você parece ser mais louco que eu. Onde está Pagal Baba de qualquer forma?”

Eu lhe mostrei o caminho, e entrei atrás dele. Ele tocou os pés de Pagal Baba, que então disse, “Este é o meu último dia, e Masto...” – essa era a forma que ele costumava chamá-lo – “Eu estava esperando por você, e fiquei um pouco preocupado.”

Masto replicou, “Por quê? A morte não é nada para você.”

Baba replicou, “É claro que a morte não é nada para mim, mas olhe para trás. Esse garoto significa muito para mim; talvez ele será capaz de fazer o que eu queria fazer e não pude. Toque os pés dele. Eu estive esperando para que pudesse apresentar-te a ele.”

Masta Baba olhou nos meus olhos... e ele era o único homem *real* entre os muitos que Pagal Baba me apresentou e disse para tocar os meus pés.

Tornou-se quase um cliché. Todo mundo sabia que se você fosse até Pagal Baba você teria que tocar os pés daquele garoto que era um incômodo de todas as formas possíveis. E você tem que tocar os pés dele – que absurdo! Mas Pagal Baba é louco. Esse homem, Masto, era certamente diferente. Com lágrimas em seus olhos e mãos postas ele disse, “A partir desse momento você será meu Pagal Baba. Ele está deixando o seu corpo, mas continuará vivendo como você.”

Não sei quanto tempo passou, porque ele não soltava os meus pés. Ele estava chorando. O seu belo cabelo estava espalhado por todo o chão. Muitas vezes eu lhe disse, “Masta Baba, isso é suficiente.”

Ele disse, “A menos que você me chame de Masto, não vou deixar os seus pés.”

Ora, ‘Masto’ é um termo usado apenas por um homem mais velho endereçando uma criança. Como eu poderia chamá-lo Masto? Mas não havia outra forma. Eu tive que. Até mesmo Pagal Baba disse, “Não espere, chame-o de Masto, para que eu possa morrer sem nenhuma sombra em torno de mim.”

Naturalmente, em tal situação, tive que chamá-lo de Masto. No momento que usei o nome, Masto disse, “Diga-o três vezes.”

No Oriente, isso também é uma convenção. A menos que você diga uma coisa três vezes ela não significa muito. Então três vezes eu disse, “Masto, Masto, Masto. Agora você deixará os meus pés, por favor?” E eu ri, Pagal Baba riu, Masto riu – e aquele riso de todos os três nos uniu em algo que é inquebrável.

Naquele mesmo dia Pagal Baba morreu. Mas Masto não ficou, embora eu tivesse lhe dito que a morte estava muito próxima.

Ele disse, “Para mim agora você é o único. Sempre que precisar, virei até você. Ele iria morrer de qualquer forma; de fato, para dizer-lhe a verdade, ele deveria ter morrido há três dias. Ele permaneceu apenas por você, para que pudesse apresentar-me a você. E não foi apenas por você, foi por mim também.”

Perguntei para Pagal Baba antes dele morrer, “Por que você está tão feliz depois que Masta Baba chegou?”

Ele disse, “Apenas uma mente convencional, perdoe-me.”

Ele era um velho tão agradável. Pedir perdão, na idade de noventa anos, para um garoto, e com tanto amor...

Eu disse, “Não estou lhe perguntando porque você o esperou. A questão não é sobre você ou ele. Ele é um belo homem, e que vale a pena esperar. Estou perguntando porque você se preocupou tanto.”

Ele disse, “Novamente permita-me não argumentar nesse momento. Não é que sou contra o argumento, como você sabe. Particularmente amo a forma que você argumenta, e a estranha reviravolta que você dá aos argumentos, mas essa não é a hora. Realmente não há tempo. Estou vivendo em um tempo emprestado. Posso dizer-te apenas uma coisa: estou feliz que ele veio, e feliz que vocês dois tornaram-se amigos carinhosos, como eu gostaria. Talvez um dia você verá a verdade dessa ideia velha, tradicional.”

A ideia é que a menos que três pessoas iluminadas reconheçam uma criança como um futuro buda, é quase impossível ela tornar-se um. Pagal Baba, você estava certo. Agora posso vê-lo, não é apenas uma convenção. Reconhecer alguém como iluminado é ajudá-lo imensuravelmente. Particularmente se um

homem como Pagal Baba reconhecer você e tocar os seus pés – ou um homem como Masto.

Continuei chamando-o de Masto porque Pagal Baba disse, “Nunca o chame de Masta Baba de novo; ele ficará ofendido. Costumo chamá-lo de Masto, e a partir de agora você terá que fazer o mesmo.” E era realmente um espetáculo! – uma criança chamando-o, ele que era respeitado por centenas de pessoas, de “Masto.” E não apenas isso, ele faria imediatamente qualquer coisa que eu lhe dissesse.

Certa vez, somente como um exemplo – Ele estava fazendo uma palestra. Eu levantei-me e disse, “Masto, pare imediatamente!” Ele estava no meio de uma sentença. Ele nem a completou; ele parou. As pessoas insistiram para que ele terminasse o que estava dizendo. Ele nem respondia. Ele apontou para mim. Tive que ir ao microfone dizer para as pessoas voltarem para suas casas, e Masto foi tomado sob minha custódia.

Ele riu hilariamente, e tocou os meus pés. E a sua forma de tocar os meus pés... Milhares de pessoas devem ter tocado os meus pés, mas ele tinha um modo próprio, único. Ele tocava os meus pés quase – como dizê-lo – como se estivesse confrontando o próprio Deus. E ele sempre chorava, e seu longo cabelo... eu tinha trabalho para ajudá-lo a sentar-se novamente.

Eu diria, “Masto, chega! Já é suficiente.” Mas quem estava ali para ouvir? Ele estava chorando, cantando, ou entoando um mantra. Eu tinha que esperar até ele terminar. Às vezes eu ficava sentado por até meia hora, apenas para dizê-lo, “É o suficiente.” Mas eu só podia dizer quando ele terminava. Afinal, também tenho modos. Eu não poderia dizer, “Pare!” ou “Deixe meus pés!” quando eles estavam em suas mãos.

De fato, eu nunca quis que ele os deixasse, mas tenho outras coisas para fazer, e ele também. É um mundo prático, e embora eu seja muito não-prático, em relação às outras pessoas não sou; Sou sempre pragmático e prático. Quando eu tinha um único momento para interromper, eu diria, “Masto, pare. Chega. Você está chorando demais, e seu cabelo – terei que lavá-lo. Ele está se sujando na lama.”

Vocês conhecem o pó indiano; ele é onipresente, está em todos os lugares, particularmente em uma vila. Tudo é empoeirado. Até mesmo as faces das pessoas parecem empoeiradas. O que elas podem fazer? Quantas vezes elas podem lavar? Mesmo aqui, em uma sala com ar-condicionado sem poeira, apenas por um velho hábito, sempre que vou ao banheiro – apenas para contar-lhes um segredo, não contem para ninguém – lavo a minha face sem nenhuma razão, muitas vezes por dia... apenas um velho hábito indiano.

Era tão empoeirado que eu costumava correr para o banheiro várias vezes. A minha mãe costumava dizer-me, “Parece que devemos fazer um banheiro no seu quarto, para que você não tenha que correr pela casa tantas vezes. O que você faz?”

Eu disse, “Eu apenas lavo o meu rosto – há tanta poeira.” Eu disse a Masto, “Terei que lavar o seu cabelo.” E eu costumava lavar o seu cabelo. Ele era tão bonito, e eu sempre amei qualquer coisa bonita. Este homem Masto, o homem que Pagal Baba estava tão preocupado, foi o terceiro homem iluminado. Ele

queria que três homens iluminados tocassem os pés de um pequeno garoto não-iluminado, e ele conseguiu.

Os loucos têm os seus próprios caminhos. Ele conseguiu perfeitamente. Ele até mesmo persuadiu os iluminados a tocarem os pés de um garoto que certamente não era iluminado.

Eu perguntei-lhe, “Você não acha que isso é um pouco violento?”

Ele disse, “De maneira alguma. O presente tem que ser oferecido ao futuro. E se uma pessoa iluminada não pode ver o futuro, ela não é iluminada. Não é somente uma ideia de um homem louco,” ele disse, “mas uma das mais antigas e respeitadas ideias.”

Buda, até mesmo quando ele tinha vinte e quatro horas de idade, foi visitado por um homem iluminado, que chorou e tocou os pés da criança. O pai de Gautama o Buda não podia acreditar no que estava acontecendo, porque o homem era muito famoso; até mesmo o pai de Buda costumava ir até ele. Ele ficou louco ou algo do tipo? Tocar os pés de uma criança de vinte e quatro horas?

O pai de Buda perguntou, “Posso perguntar, senhor, por que você está tocando os pés dessa pequena criança?”

O homem iluminado disse, “Estou tocando os seus pés porque posso ver o que é possível. Agora ela é um botão, mas ela tornar-se-á um lótus.” E o pai de Buda – Shuddhodana era seu nome – perguntou, “Então por que você está chorando? Fique feliz porque ela tornar-se-á um lótus.” O velho homem disse, “Estou chorando porque não estarei presente nesse momento.”

Sim, até mesmo os budas choram em momentos particulares – particularmente em um momento como esse. Ver uma criança que vai tornar-se um buda e saber que a própria morte acontecerá antes disso é certamente difícil. É quase como uma noite escura: você pode ver, os pássaros começaram a cantar, o sol levantar-se-á logo; já existe até uma luz no horizonte – e você tem que morrer sem ver outra manhã.

Certamente o velho homem que chorou e tocou os pés de Buda estava correto. Sei pela minha própria experiência. Essas três pessoas foram as mais importantes que já encontrei, e não acho que vou encontrar alguém que será mais importante que essas três. Encontrei outras pessoas iluminadas também, depois da minha iluminação, mas essa é outra história.

Encontrei meus próprios discípulos depois deles tornarem-se iluminados; esta também é uma história diferente. Mas ser reconhecido quando eu era apenas uma criança pequena, e todo mundo estava contra mim, foi um destino estranho. A minha família sempre esteve contra mim. Excluo o meu pai, minha mãe, meus irmãos – mas era uma família grande. Todos estavam contra mim, por uma razão simples – e posso entendê-los, eles estavam certos em um aspecto – que eu estava me comportando como um louco, e eles estavam preocupados.

Todo mundo naquela pequena vila estava reclamando de mim ao meu pobre pai. Devo dizer que ele teve paciência infinita. Ele ouvia a todos. Era quase um trabalho de vinte e quatro horas. Todo dia – entra dia, sai dia, às vezes até mesmo no meio da noite – alguém viria, porque eu tinha feito algo que não deveria ter sido feito. E eu estava fazendo apenas coisas que não deveriam ser

feitas. De fato, pergunto-me como eu sabia quais eram as coisas que não deveriam ser feitas, porque nem mesmo por acidente eu fazia algo que deveria ser feito.

Uma vez perguntei a Pagal Baba, “Talvez você possa explicar-me. Eu poderia entender se cinquenta por cento das coisas que faço fossem erradas, e cinquenta por cento fossem certas, mas comigo sempre é cem por cento errado. Como consigo isso? Você pode explicar-me?”

Pagal Baba riu e disse, “Você controla perfeitamente. É assim que se faz as coisas. E não se preocupe com o que os outros dizem; siga seu próprio caminho. Ouça todas as queixas e, se você for punido, desfrute.”

Eu realmente desfrutei, devo dizê-lo – até mesmo a punição. O meu pai parou de punir-me no momento em que descobriu que eu desfrutava. Por exemplo, uma vez ele me disse, “Corra sete vezes em torno do quarteirão. Corra rápido, e então volte.”

Perguntei, “Posso correr setenta vezes? É tão bonito pela manhã.” Posso ver a sua face. Ele pensou que estava punindo-me. Realmente corri setenta vezes em torno do quarteirão. Logo ele entendeu que era difícil punir-me. Eu desfrutava.

Sempre simpatizei com o meu pai porque ele sofria desnecessariamente. Eu costumava ter um cabelo longo, e eu o amava. Não apenas isso, eu costumava usar roupas do Punjabi, que não eram usadas naquela área. Apaixonei-me pelas roupas do Punjabi depois de vê-las em um grupo de cantores que visitaram à vila. Eu achava que elas eram as roupas mais belas da Índia. Com o meu cabelo longo, e usando o *salwar* e a *kurta*, as pessoas pensavam que eu era uma garota. E eu estava sempre passando através da loja do meu pai, entrando e saindo da casa o dia todo.

As pessoas perguntavam a meu pai, “De quem é essa garota? Que tipo de roupas ela está usando?” Obviamente o meu pai ficava ofendido. Não vejo que há algo errado se alguém pensa que seu garoto é uma garota. Mas nessa sociedade masculina chauvinista o meu pai naturalmente veio correndo atrás de mim dizendo, “Ouça, você pare de usar esse *salwar* e *kurta*. Essas roupas parecem de mulher. E, ademais, corte o seu cabelo; caso contrário vou cortá-lo para você!”

Eu falei para ele, “No momento em que você cortar o meu cabelo você se arrependerá.”

Ele disse, “O que você quer dizer?”

Eu disse, “Eu já disse. Agora você pode pensar a respeito, e descobrir o que quero dizer. Você se arrependerá.”

Ele ficou muito bravo. Esta foi a única vez que o vi tão bravo. Ele trouxe suas tesouras da loja. Era uma loja de roupas, e então sempre havia tesouras para cortar as roupas. Então ele cortou o meu cabelo dizendo, “Agora você vá até o cabeleireiro para que ele corte melhor; caso contrário você parecerá uma caricatura.”

Eu disse, “Eu vou, mas você se arrependerá.”

Ele disse, “De novo? O que você quer dizer?”

Eu disse, “Você quem fez. Você pensa sobre isso. Por que devo explicá-lo a você? Não devo nenhuma explicação para ninguém. Você cortou o meu cabelo e arrepender-se-á.”

Fui a um cabeleireiro que usava ópio. Escolhi-o particularmente porque ele era o único homem que faria qualquer coisa que eu dissesse. Nenhum outro cabeleireiro faria algo a não ser que pensasse ser o certo. Terei que explicar para vocês que na Índia, a cabeça de uma criança é completamente raspada apenas quando o seu pai morre. Fui até esse sujeito viciado em ópio de quem eu amava de qualquer forma. O seu nome era Natthu. Eu lhe disse, “Natthu, você pelo menos é capaz de cortar todo o meu cabelo?”

Ele disse, “Sim, sim, sim” – três vezes.

Eu disse, “Ótimo. Esse é o caminho do Buda – três vezes. Então por favor corte-o.” E ele raspou minha cabeça completamente.

Quando cheguei em casa, o meu pai olhou para mim e não pôde acreditar: eu parecia um monge budista. Esta é a diferença entre os monges budistas e os hindus. O monge hindu raspa a sua cabeça deixando algum cabelo no topo da cabeça, no exato ponto onde o *sahasrar*, o sétimo chakra está. É para protegê-lo e brindá-lo com uma pequena sombra do sol quente. O monge budista é mais ousado; ele corta tudo, ele raspa toda a sua cabeça.

Meu pai disse, “O que você fez? Você sabe o que isso significa? Estarei agora mais encrencado que antes. Todo mundo vai perguntar, “Por que essa criança está com o cabelo completamente raspado? O seu pai morreu?”

Eu disse, “Isso é com você agora. Eu te falei que você iria arrepender-se.” E ele arrependeu-se por meses. As pessoas continuavam perguntando para ele, “O que aconteceu?”... porque eu não deixava o meu cabelo crescer.

Natthu sempre estava lá, e ele era um homem amável. Sempre que eu ia até ele e sua cadeira estava vazia, eu sentava em sua cadeira e dizia, “Natthu, faça-o novamente.”

Então quaisquer fios que haviam crescido ele os raspava. Ele me disse, “Eu amo raspar cabeças. Os tolos vêm até mim e dizem, ‘Corte desse jeito, nesse estilo, ou naquele.’ Tudo bobagem. Esse é o melhor estilo: eu não tenho que me preocupar, nem você. É simplesmente liso, e muito santo.”

Eu disse, “Você disse a palavra. Isso é muito santo. Mas você compreende que se o meu pai ficar sabendo que você é a pessoa que está fazendo isso, você terá problemas?”

Ele disse, “Não se preocupe. Todo mundo sabe que sou viciado em ópio. Posso fazer qualquer coisa. Se não corto sua cabeça fora, isso é o suficiente.” E ele riu.

Eu disse, “Isso é bom. Na próxima vez, se eu quiser cortar a minha cabeça fora, venho até você. Sei que posso contar com você.”

Ele disse, “Sim meu garoto, sim meu garoto, sim meu garoto.”

Talvez por causa do ópio, ele tinha que repetir tudo três vezes. Talvez somente assim ele podia ouvir o que estava falando.

Mas meu pai aprendeu uma lição. Ele me disse, “Eu me arrependi o suficiente. Não farei uma coisa dessa de novo.” E ele nunca fez. Ele manteve sua palavra. Essa foi a sua primeira e última punição a mim. Isso é inacreditável para mim, porque fiz tantas coisas incômodas. Mas ele ouvia pacientemente todas as queixas, e nunca falava nada para mim. De fato, ele fez o seu melhor para me proteger.

Uma vez lhe perguntei, “Você prometeu não me punir, mas você não prometeu me proteger. Não há necessidade de me proteger.”

Ele disse, “Você é tão travesso que se eu não te proteger, não acho que você sobreviverá. Alguém em algum lugar vai te matar. Tenho que protegê-lo. Ademais, esse Pagal Baba está sempre me dizendo ‘proteja essa criança.’ Eu o amo e respeito. Se ele diz que tenho que protegê-lo, então ele deve estar certo. Então posso acreditar que toda a vila está errada, incluindo eu. Mas não posso pensar que Pagal Baba está errado.”

E sei que Pagal Baba costumava falar a todos, meus professores, meus tios, “Proteja essa criança.” Até minha mãe ouviu que ela deveria proteger-me. Lembro-me perfeitamente, a única pessoa que ele não disse isso foi a minha Nani. Era uma exceção tão absolutamente clara que tive que perguntá-lo, “Por que você nunca fala para minha Nani ‘Proteja-o’?”

Ele disse, “Não há necessidade: ela vai te proteger mesmo se tiver que morrer por você. Ela até brigaria comigo. Posso confiar nela. Ela é a única da sua família que não preciso dizer nada sobre sua proteção.”

Seu discernimento era claro como o cristal. Sim, existem olhos que podem ver além da fumaça que todo ser humano cria em torno de si apenas para esconder-se por detrás.

Sessão 32

Sempre espantei-me pois algo havia dado certo comigo desde o início. É claro que tal frase não existe em nenhuma língua. Existe uma frase como “algo deu errado,” mas não “algo deu certo,” mas o que posso fazer? Realmente deu certo desde a minha primeira respiração – até agora pelo menos, e espero que isso não mude. Isso já deve ter se acostumado à rotina.

Fui amado por tantas pessoas sem nenhuma razão. As pessoas são respeitadas pelos seus talentos; fui amado apenas por ser eu mesmo. Não somente agora – por isso digo que desde o começo algo deve ter dado certo no próprio esquema das coisas. Caso contrário, como algo pode dar certo?

Desde o início – e todos os momentos que vivi – continuou dando cada vez mais certo, mais correto. Só resta o espanto...

Talvez eu possa dar um novo significado à palavra ‘deus’: quando algo dá certo sem nenhuma razão – você não o realizou, você nem o merece, e ele segue dando certo; quando tudo dá certo apesar de você.

É claro que não sou uma pessoa certa, embora as coisas sigam dando certo para mim. Até hoje não posso acreditar que milhares de pessoas me amam ao redor do mundo sem nenhuma razão. Não realizei nada para reivindicar qualquer respeito, nem fora, nem dentro. Sou uma não-entidade, apenas um zero.

No dia em que deixei o serviço na universidade, a primeira coisa que fiz foi queimar todos os meus certificados e diplomas, e toda a bobagem que carreguei durante todo aquele tempo, habilmente empilhada. Desfrutei tanto queimá-los que toda a minha família reuniu-se em torno, pensando que finalmente eu havia ficado completamente louco. Eles sempre pensaram que eu era parcialmente louco. Vendo suas faces, comecei a rir ainda mais alto.

Eles disseram, “Aconteceu.”

Eu disse, “Sim, finalmente aconteceu.”

Eles disseram, “O que você quer dizer com, ‘Aconteceu’?”

Eu disse, “Toda a minha vida tentei queimar esses certificados, mas não pude porque eles sempre eram necessários. Agora não há necessidade: posso ser novamente tão sem instrução como quando nasci.”

Eles disseram, “Você é um tolo, totalmente louco. Você queimou os certificados mais preciosos. Você jogou a medalha de ouro no poço; agora você queimou até o último vestígio que certa vez você foi o primeiro em toda a universidade.”

Eu disse, “Agora ninguém pode falar dessa bobagem comigo.”

Mesmo hoje não tenho nenhum talento. Não sou um músico como Hariprasad; não sou um homem como muitos ganhadores de Prêmio Nobel. Sou

apenas um ninguém, entretanto, milhares de pessoas deram-me o seu amor sem nenhum desejo de retorno.

Outro dia Gudia disse-me que quando eu estava nessa cadeira, Asheesh estava consertando a minha outra cadeira. Ela nunca o tinha visto chorando antes. Ele era só lágrimas, e ela perguntou, “O que está acontecendo?”

Ele disse, “Nada está acontecendo. É que por cinco dias Osho não disse a ninguém que esta cadeira estava cheirando, e sou responsável porque a construí. Eu deveria ter checado. Eu deveria ter cheirado cada parte dela. Agora quem irá perdoar-me?”

Asheesh não é um carpinteiro ordinário. Ele tem PhD em engenharia; ele é o mais qualificado que alguém pode ser. E não há nada de errado com a cadeira; se algo está errado, está errado comigo. Quando ouvi as suas lágrimas, lembrei-me quantas pessoas me amaram e choraram por mim, por nenhuma razão... e eu nem sou um homem tão bom.

Se vocês dividirem os bons dos maus, certamente vou ficar com os maus. Serei o último a ficar com Mahatma Gandhi, Mao Tsé-tung, Karl Marx, Madre Teresa, Martin Luther King, e a lista é infinita. Em relação aos maus, estou sozinho.

Pelo menos não posso contar ninguém como mau: Adolf Hitler, Mussolini, Joseph Stalin. Certamente eles fizeram o que pensavam ser bom. Talvez não era, mas isso não é culpa deles. Eles eram retardados, mas não maus. Não posso contar ninguém como mau.

Se eu tivesse que contar alguém, então me lembraria apenas das pessoas como Sócrates, Jesus, Mansoor, Sarmad – pessoas que foram crucificadas, punidas. Mas não, não posso as contar também. Elas eram diferentes cada qual à sua maneira.

As pessoas tentaram punir-me, mas nunca conseguiram. Pelo contrário, desde o Mestre Kantar até Morarji Desai elas foram todas para o ralo, lugar que realmente pertenciam desde o começo.

Mas é estranho, posso simplesmente dizer que desde o começo andei realmente em um caminho de rosas. Eles dizem, “Não acredite nisso”... mas o que posso fazer? Eu caminhei, eu conheci. Vi e experienciei a bem-aventurança em todos os momentos da minha vida.

O primeiro homem a chamar-me “o Abençoado” foi a última pessoa que mencionei ontem. É por isso que quero continuar falando dele esta noite. Masta Baba... vou chamá-lo apenas de Masto, porque essa é a forma que ele gostaria que eu o chamasse. Sempre o chamei de Masto, embora relutantemente, e disse-lhe para lembrar-se disso. Ademais, Pagal Baba havia me dito, “Se ele quiser ser chamado de Masto por você, assim como eu o chamo, então não crie miséria para ele de qualquer forma. A partir do momento que eu morrer você tomará o meu lugar para ele.”

E naquele dia Pagal Baba morreu, e tive que chamá-lo de Masto. Eu não tinha mais que doze anos de idade, e Masto tinha pelo menos trinta e cinco, ou talvez mais. É difícil para um garoto de doze anos de idade julgar exatamente, e trinta e cinco é a idade mais enganadora; a pessoa pode ter trinta ou quarenta, tudo depende da sua genética.

Ora, isso é um caso complicado. Vi homens que têm todo o seu cabelo preto mesmo na idade de sessenta anos. Não é algo para se vangloriar; toda mulher o tem. Aqueles homens eram para ser mulheres, isso é tudo. Por um engano algo deu errado. É apenas uma questão de química.

As mulheres não têm cabelos brancos tão cedo quanto os homens, elas têm uma química diferente – bioquímica para ser exato. E as mulheres raramente ficam calvas. Seria realmente belo encontrar uma mulher calva. Cruzei apenas com uma mulher em toda a minha vida que poderia ter ficado calva, e ela estava apenas no caminho para isso. Talvez agora ela esteja calva, porque faz dez anos desde que a vi.

Por que as mulheres ficam calvas? Nada especial – é apenas porque o corpo tem que colocar para fora as células mortas na forma de cabelo. A mulher não pode ter barba ou bigode; ela tem uma área limitada onde o cabelo pode crescer. É claro que nenhum homem pode deixar um cabelo tão grande quanto uma mulher porque a sua capacidade está dividida. Além disso, uma mulher é naturalmente feita para durar dez anos a mais do que um homem, em média.

Mais uma coisa: no momento em que um homem atinge trinta e cinco anos ele alcançou o seu clímax sexual. De fato, estou dizendo isso apenas para não machucar os pobres homens. De fato, eles atingiram o clímax sexual na idade de dezoito anos; depois disso começam a declinar. Trinta e cinco pode ser chamado o início do fim. É aqui que um homem percebe que está acabado. Este é o momento em que um homem se torna espiritual, entre trinta e cinco e quarenta. Nessa idade todos os tipos de bobagens o impressionam. A razão real é que ele está perdendo a sua potência. Porque ele está perdendo potência, ele se torna preocupado com a onipotência de Deus.

Que palavras eles encontraram, onipotência! Deve ter sido o homem mais impotente do mundo que cunhou pela primeira vez a palavra onipotência. Eles começam a tornarem-se membros da Sociedade Teosófica, Testemunhas de Jeová, e tudo o mais. Você pode dar qualquer nome que encontrará um seguidor, mas ele terá sempre entre trinta e cinco e quarenta, porque esse é o momento em que ele quer algum suporte, para dá-lo algum sentido de existência.

Esse é o momento em que as pessoas começam a fazer todos os tipos de coisas como tocar guitarra, cítara, flauta, e, se são ricas, golfe. Se não são ricas, apenas sujeitos pobres, então começam a beber cerveja e jogar cartas. Milhares de pessoas ao redor do mundo estão jogando cartas a todo momento.

Que tipo de mundo estamos vivendo? E elas acreditam em suas cartas – o rei, a rainha, e o coringa também. De fato, elas são as únicas rainhas e reis no

mundo – exceto, é claro, a rainha da Inglaterra, que não é nem uma rainha real nem uma carta de um baralho; ela é pior.

O que eu estava falando?

“Você estava falando sobre Masto... sobre sempre chamá-lo de Masto.”

Masto, bom.

Ele era um rei – não um rei de um baralho, nem mesmo um rei da Inglaterra, mas um rei real. Vocês poderiam ver. Nada mais era preciso para prová-lo. É estranho que ele foi a primeira pessoa a chamar-me “o Abençoado,” Bhagwan.

Quando ele o disse, perguntei-lhe, “Masto, você também ficou tão louco quanto Pagal Baba, ou ainda mais?”

Ele disse, “A partir desse momento, lembre-se, não vou lhe chamar de outra coisa. Por favor,” ele disse, “deixe-me ser o primeiro, porque milhares vão chamá-lo de ‘o Abençoado.’ O pobre Masto deve ter a permissão de ser o primeiro. Deixe-me ter pelo menos esse prestígio.”

Nós nos abraçamos e choramos juntos. Aquele foi o nosso último encontro; apenas um dia antes de eu ter tido *a* experiência. Foi em 22 de Março de 1953, que nos abraçamos sem saber que esse seria o nosso último encontro. Talvez ele sabia, mas eu não estava consciente disso. Ele me disse isso com lágrimas em seus belos olhos.

Outro dia perguntei a Chetana, “Chetana, como minha face está parecendo?”

Ela disse “O quê?”

Eu disse, “Estou perguntando porque não comi nada exceto fruta por meses, exceto a poção de Devaraj por alguns dias. Eu não sei do que ela consiste; tudo que sei é que ela necessita de uma imensa força de vontade para comê-la. Você tem que mastigá-la por meia hora, mas é muito boa. Quando termino estou tão cansado, totalmente cansado, quase dormindo. É por isso que estou perguntando.”

Ela disse, “Osho, você está me perguntando, posso dizer a verdade?”

Eu disse, “Apenas a verdade.”

Ela disse, “Quando olho para você não posso ver nada exceto seus olhos, então por favor não me pergunte. Não sei como você parecia antes, ou como você parece agora. Tudo o que sei são seus olhos.”

Infelizmente não posso mostrar Masto para vocês. Todo o seu corpo era belo. Não era possível acreditar que ele não tinha vindo do mundo dos deuses. Na Índia existem muitas histórias belas, uma delas, do *Rigveda*, é a de Pururva e Uruvashi.

Uruvashi é uma deusa que ficou enfastiada com todos os prazeres do paraíso. Amo a história porque ela é tão verdadeira. Se vocês tiverem todos os

prazeres, por quanto tempo vocês poderão suportá-los? Necessariamente o tédio virá. A história deve ter sido escrita por alguém que sabia.

Uruvashi ficou entediada com todos os prazeres, e os deuses e seus casos de amor. Finalmente, quando ela está nos braços do Deus principal, Indra, ela usa o momento, como toda mulher usa o momento, para pedir um colar, um relógio, um anel de diamante, ou qualquer coisa que vocês possam imaginar.

Ashu, o que você está imaginando? Você sabe? Sim, você ri porque sei. Apenas diga-me, caso contrário vou dizê-lo. Devo dizê-lo? Não, não é distinto. E você está rindo tão alegremente – eu não gostaria de o destruir.

Uruvashi pede a Indra, “Por favor, se você está tão feliz comigo, você me daria apenas um pequeno presente? Não muito, um presente muito pequeno.”

Indra disse, “Qualquer coisa, peça-o, e lhe será satisfeito.”

Ela disse, “Quero ir para a Terra e amar um homem ordinário.”

Indra estava completamente embriagado. Vocês têm que entender que os deuses indianos não são como o Deus cristão – nem mesmo como os sacerdotes cristãos, o que dizer do Deus cristão. A cristandade é uma religião ditatorial. A religião hindu é mais democrática, e mais humana também.

Indra está totalmente embriagado, e diz, “Ok, mas esta será a condição: no momento em que você disser a um homem que você é uma deusa, você terá que retornar ao paraíso imediatamente.”

Uruvashi desceu à Terra e apaixonou-se por Pururva, que era arqueiro e um poeta também, e ela era tão bela que naturalmente Pururva quis casar-se com ela.

Ela disse, “Por favor não fale de casamento. Nunca o mencione. A menos que você prometa nunca mais o mencionar não serei capaz de viver contigo.”

E Pururva, como um poeta, obviamente entendeu a beleza de uma mulher como Uruvashi. Ele nunca conheceu nada comparável a ela, naturalmente; ela é uma deusa na Terra. Sob a influência dessa beleza intoxicante ele prometeu. Então Uruvashi disse, “Mais uma coisa. Você nunca pode me perguntar quem eu sou; caso contrário podemos esquecer isso tudo agora. É melhor nem começar.”

Pururva disse, “Eu te amo. Não quero saber quem você é – não sou um investigador.”

Feitas essas duas promessas, Uruvashi deitou-se com Pururva. Depois de alguns dias... Os Vedas são realmente humanos nisso; nenhuma outra escritura é tão humana. Todas as outras escrituras são muito bombásticas. Em outras palavras, apenas bobagem. Mas o *Rigveda* é simplesmente humano, com todas as limitações humanas, fragilidades, fraquezas e imperfeições. Assim como todas as luas de mel terminam, talvez um pouco mais rápido no Ocidente do que na Índia... essa durou seis meses.

Na América uma semana é suficiente para o início e o fim da lua de mel – e quando a lua de mel termina, então o casamento começa. Jesus!

E vocês dizem que depois da morte há o inferno para aqueles que pecaram... é depois da lua de mel! De fato é no casamento! Na Índia a lua de mel leva seis meses – um jeito de terminar as coisas com um carro de boi.* [NdT. ou seja, terminar lentamente]

Uma noite Uruvashi foi acordada por Pururva que estava olhando para ela. Isso não é algo muito conjugal, olhar para a própria esposa! O que ele estava fazendo olhando para ela enquanto ela dormia? Se fosse a esposa de outrem, tudo estaria bem, mas a sua própria esposa? Mas Uruvashi deveria ter, estava fadada a ter, uma beleza divina, algo do além. Pururva não pôde se conter.

Ele a perguntou, “Por favor, diga-me quem é você.”

Uruvashi disse, “Pururva, você quebrou a sua promessa. Vou dizer-te a verdade, mas agora não estarei mais contigo.” No momento em que ela contou que era uma deusa, entediada com o paraíso, que veio para a Terra para ter um pouco de experiência das pessoas reais porque os deuses eram tão falsos – naquele momento ela evaporou assim como um belo sonho. Pururva olhou várias vezes para a cama vazia; não havia ninguém ali.

Essa é uma das belas histórias que sempre amei.

Masto deve ter sido um deus nascido nesse mundo. Essa é a única forma de dizer quão belo ele era. E não era apenas a beleza do corpo, que certamente era belo. Não sou contra o corpo, sou totalmente a favor dele. Eu costumava tocar a sua face e ele dizia, “Por que você toca a minha face com os olhos fechados?”

Eu disse, “Você é tão belo e não quero ver qualquer outra coisa que pode, talvez, perturbar-me, então mantenho os olhos fechados... então posso sonhar com você, tão belo quanto você é.”

Vocês notaram as minhas palavras? – “então posso sonhar com você, tão belo quanto você é. Quero que você seja meu sonho.” Mas não era apenas o seu corpo que era belo, nem o seu cabelo – nunca vi um cabelo tão belo, particularmente na cabeça de um homem. Eu costumava tocar e brincar com o seu cabelo, e ele ria.

Uma vez ele disse, “Isso é alguma coisa, Baba era louco, e agora ele deu-me um mestre que é ainda mais louco. Ele me disse que você o substituiria, então não posso lhe impedir de fazer algo. Mesmo se você cortar a minha cabeça, estarei pronto e disposto para isso.”

Eu disse, “Não tenha medo, não vou cortar nem o seu cabelo. No que diz respeito à sua cabeça, Baba já fez o trabalho. Só ficou o cabelo.” Então nós dois rimos. Isso aconteceu muitas vezes, de muitas formas.

Mas ele era belo, fisicamente e psicologicamente também. Sempre que eu precisava, sem pedir, para não me ofender, ele deixava dinheiro nos meus bolsos durante a noite. Vocês sabem que não tenho bolsos. Vocês conhecem a história de como perdi os meus bolsos? Foi com Masto. Ele costumava colocar dinheiro, ouro, qualquer coisa que podia, nos meus bolsos. Finalmente abandonei a própria ideia de ter bolsos; eles tentam às pessoas. Ou elas abrem os seus bolsos e tornam-se gatunas, ou, muito raramente, com um homem como eu, elas se tornam uma pessoa como Masto.

Ele esperava até eu ir dormir. De vez em quando eu fingia, como se estivesse dormindo. Eu tinha até que roncar para convencê-lo – então eu o pegava em flagrante, a sua mão em meu bolso. Eu disse, “Masto! Essa é a maneira de um sábio?” E nós dois ríamos.

Finalmente abandonei a ideia de ter bolsos. Sou a única pessoa no mundo que não precisa de bolsos de maneira alguma. De uma forma é bom, porque ninguém pode roubá-los. Também é bom porque não tenho que carregar qualquer peso. Uma outra pessoa sempre pode fazê-lo. Não preciso o fazer. Não precisei de bolsos por anos; outra pessoa sempre cuidou para mim.

Na manhã de hoje Gudia estava dando-me o chá e permiti que o pires escorregasse da minha mão. Não posso dizer que o derrubei; isso seria demais, porque o pires era realmente caro. Ele era incrustado com ouro. E ela não me perdoaria se eu dissesse que o derrubei, que permiti que ele escorregasse da minha mão. Então naturalmente ele caiu. Não era possível para ele voar; ele tinha que cair.

Naquele momento entendi muitas coisas que sempre entendi, mas naquele momento todas elas culminaram em mim. A queda... o ser humano não pode voar – nem Adão nem Eva... naturalmente eles tinham que cair. Não foi a astúcia da serpente; a queda do ser humano foi apenas natural. Foi natural, muito natural para Adão e Eva caírem, porque não havia como eles voarem – nenhuma Lufthansa, PanAm, nem mesmo Air-India. E o pobre Adão era realmente pobre. Mas de uma certa forma foi bom que ele caiu; caso contrário ele estaria na mesma situação que Uruvashi.

Ele teria desfrutado de todas as frutas do paraíso, sem nenhuma alegria é claro. Ele teria vivido com Eva sem amor. No paraíso ninguém ama muito. Posso dizê-lo sem nenhum medo de ser expulso porque não quero entrar no paraíso, então quem se importa? O paraíso é o último lugar que eu gostaria de entrar; até o inferno é preferível. Por quê? Somente por causa da boa companhia. O paraíso é horrível. A companhia de santos... meu Deus! Esses deuses devem ser imbecis, ou talvez sem mentes, somente robôs; caso contrário como eles mantêm a contínua alegria? Não quero fazer parte disso.

Mas Masto parecia um deus que veio à Terra. Eu o amo – sem nenhuma razão é claro, porque o amor não pode ter qualquer razão. Eu ainda o amo. Não sei se ele está vivo ou não, porque no dia 22 de março de 1953 ele desapareceu. Ele apenas me disse que estava indo para os Himalaias.

Ele disse, “A minha responsabilidade foi satisfeita em relação ao que prometi a Pagal Baba. Agora você é o que você potencialmente era. Agora não sou mais necessário.”

Eu disse, “Não, Masto, ainda precisarei de você, por outras razões.”

Ele disse, “Não. Você vai encontrar os caminhos para tudo o que precisar. Mas não posso esperar.”

Desde então, de vez em quando costumo escutar – talvez de alguém que está vindo dos Himalaias, um sannyasin, um bhikkhu – que Masto estava em Kalimpong, ou que ele estava em Nainital, ou aqui ou ali, mas ele nunca voltou dos Himalaias. Pedi para todo mundo que estava indo aos Himalaias, “Se você cruzar com esse homem...” Mas era difícil, porque ele era muito relutante em ser fotografado.

Certa vez o convenci a ser fotografado, mas o fotógrafo da minha vila era um gênio! O seu nome era Munnu Mian, um homem pobre, mas ele tinha uma câmera. Esta devia ser do modelo mais antigo do mundo. A sua câmera deveria ter sido preservada; ela valeria milhões de dólares agora. Do filme inteiro, talvez uma foto revelar-se-ia. Isso também não era certo. E quando você olhava para a foto você não acreditaria porque ela não se parecia com você. Ele era avant-garde! Realmente avant-garde. Ele fazia com fotografia o que apenas Picasso gostaria... ou, não sei, até Picasso poderia não gostar da foto de Munnu Mian.

De alguma forma convenci Masto a ir até Munnu Mian. Munnu Mian estava muito feliz. Masto relutantemente sentou-se no estúdio da vila. Não posso realmente chamá-lo de estúdio; era apenas uma cadeira enferrujada sem braços. As pessoas raramente vinham para serem fotografadas, então não havia estúdio realmente.

Vocês não podem saber como as vilas indianas são. Vocês não podem nem imaginar. Ainda é a mesma coisa. Como um pano de fundo havia uma pintura, uma cortina grande pintada com uma cena de rua de Mumbai – grandes edifícios, carros, ônibus. E é claro que parecia que a foto havia sido tirada em Mumbai. O que vocês poderiam esperar por uma rúpia por três fotos? Mas Masto conseguiu... ou, para ser mais correto, a idiotia de Munnu Mian desfez tudo que eu tinha arranjado. Ele esqueceu de pôr o filme na câmera!

Ainda posso ver toda a cena. Preparei Munnu Mian dizendo, “Seja muito exato, correto. Foi com muita dificuldade que consegui trazer esse homem, e se você tiver a sua foto será uma grande publicidade para o seu estúdio.”

Ele foi convencido e disse, “Eu tentarei. Apenas me ensine duas palavras em inglês. Ouvi dizer que nas cidades maiores, antes de clicarem o obturador eles dizem, ‘Por favor prepare-se.’” É claro que ele me disse em hindi, mas ele queria dizê-lo em inglês para impressionar esse homem muito respeitado.

Então ele queria saber como dizer “Obrigado,” para ser utilizado no final. Ele arranjou tudo, então disse, “Por favor prepare-se” – é claro que em inglês. Mesmo Masto não acreditava que Munnu Mian sabia algo de inglês. Então ele

clicou a sua câmera – um clique barulhento é claro. Ainda posso ver a sua câmera. Posso certamente dizer que ela valeria um milhão de dólares no mínimo, apenas por causa da sua antiguidade. Ela era imensa.

Ele então disse, “Obrigado, Senhor.” E partimos.

Ele veio correndo atrás de nós e disse com lágrimas em seus olhos, “Desculpem-me, por favor voltem. Esqueci de colocar o filme na câmera!”

Isso era demais. Masto disse “Seu idiota! Saia daqui; caso contrário perderei a cabeça – e sou muito temperamental!”

Eu sabia que ele não era nada temperamental, e eu disse para Munnu Mian, “Não se preocupe. Vou arranjar novamente.” Mas ele escapou, de fato correu. Eu disse, “Ouça, não corra...” mas ele não ouviu.

Persuadi Masto a retornar, mas quando chegamos no estúdio este estava trancado. Munnu Mian estava com tanto medo que ao nos ver chegando trancou o estúdio e escapou.

Então não temos nenhuma fotografia de Masto. Existem apenas três fotografias que eu sempre quis, apenas para mostrar para vocês. A primeira era a de Masto, uma beleza rara. A segunda é de um homem que vou falar depois, e a terceira de uma mulher que também falarei depois. Mas não tenho uma fotografia de nenhuma dessas pessoas.

É uma coisa estranha: todas essas pessoas foram relutantes em terem suas fotografias tiradas, totalmente relutantes – talvez porque uma fotografia invariavelmente distorce a beleza, porque a beleza é um fenômeno vivo e uma fotografia é estática. Quando tiramos uma foto de uma flor, vocês acham que é a mesma flor que ainda está lá? Não, nesse ínterim ela cresceu. Ela não é mais a mesma, entretanto a foto sempre permanecerá a mesma. A foto nunca envelhece. Ela está morta desde o início. Como vocês o chamam? – natimorto? Isso está certo?

“Sim, Osho.”

Ok, uma foto é natimorta, morta, morta antes de tomar a primeira respiração, ela não respira.

A única pessoa que amei e conheci como uma das mais belas, e que me permitia tirar fotos, foi a minha Nani. Ela me dava permissão, mas com a condição que o álbum ficasse sob a sua custódia.

Eu disse, “Não há problema nisso – mas por quê? Você não confia em mim?”

Ela disse, “Confio em você, mas não posso confiar nessas fotografias. Não é que você possa me prejudicar, mas quero que essas fotografias estejam sob meus cuidados. Quando eu morrer elas serão suas.”

Ela permitiu que eu tirasse quantas fotos dela eu quisesse. Mas depois que ela morreu, quando abri o seu armário onde ela costumava manter todas essas

fotografias, havia um álbum vazio. Ela não pôde escrever, então ela pediu para o meu pai escrever nele, “Por favor perdoe-me.” Ela o assinou com as digitais do seu polegar direito.

As pessoas que eu queria que vocês se familiarizassem, pelo menos em sua forma, nunca me deixaram tirar suas fotografias. Apenas uma me permitia, mas parece que a minha Nani apenas permitia para não me machucar... e ela sempre destruía as imagens.

O álbum estava vazio. Olhei minuciosamente, e ele nunca foi utilizado. Procurei pela casa inteira. Não havia nem uma única foto a ser encontrada. Eu amaria mostrar para vocês os olhos dela, apenas os olhos dela. Todo o seu corpo era belo, mas os seus olhos... é preciso um poeta para dizer algo sobre eles, ou um pintor – e não sou nem um, nem outro. Posso apenas dizer que eles refletiam algo do além.

Sessão 33

Ok. No outro dia contei a vocês sobre o desaparecimento de Masto. Acho que ele ainda está vivo. De fato, sei que está. No Oriente esse tem sido um dos métodos mais antigos – desaparecer nos Himalaias antes de morrer. Morrer naquela parte bela é mais rico do que viver em qualquer outro lugar; até mesmo morrer ali tem algo do eterno. Talvez seja a vibração dos santos cantando por milhares de anos. Os Vedas foram compostos ali, o Gita foi escrito ali, Buda nasceu e morreu ali, Lao Tsé em seus últimos dias desapareceu nos Himalaias. E Masto fez quase o mesmo.

Ninguém sabe ainda se Lao Tsé morreu ou não. Como alguém pode ter certeza? Daí a lenda dele ser imortal. Ninguém é. Aquele que nasce deve morrer. Lao Tsé deve ter morrido, mas as pessoas nunca ficaram sabendo. Se uma pessoa quiser ter uma morte completamente privada ela deve ser capaz de tê-la, pelo menos.

Masto cuidou de mim mais eficientemente do que Pagal Baba poderia ter algum dia feito. Primeiro, Baba era realmente um louco. Em segundo lugar ele vinha como um furacão apenas de vez em quando me visitar, então desaparecia. Essa não é a forma de cuidar. Certa vez eu até lhe disse, “Baba, você fala muito sobre como você está cuidando dessa criança, mas antes de você dizê-lo novamente eu devo ser ouvido.”

Ele riu e disse, “Entendo, você não precisa dizer, mas o passarei para as mãos certas. Não sou realmente capaz de cuidar de você. Você pode entender que tenho noventa anos de idade? É a hora de eu deixar esse corpo. Estou por aqui apenas para encontrar a pessoa certa para você. No momento em que encontrá-la poderei relaxar na morte.”

Eu nunca poderia saber que ele estava falando realmente sério, mas foi isso o que ele fez. Ele entregou a sua tarefa a Masto e morreu sorrindo. Esta foi a última coisa que ele fez.

Zaratustra deve ter gargalhado quando nasceu... ninguém foi testemunha, mas ele deve ter gargalhado; toda a sua vida indica isso. Foi aquela gargalhada que físgou a atenção de um dos homens mais inteligentes do Ocidente, Friedrich Nietzsche. Mas Pagal Baba realmente riu quando morreu, antes que pudéssemos perguntar por que. Não poderíamos ter feito a questão de qualquer maneira. Ele não era um filósofo e não teria respondido mesmo se tivesse sobrevivido. Mas que forma de morrer! E lembrem-se, não foi apenas um sorriso. Quero dizer realmente uma gargalhada.

Todo mundo ali olhou um para o outro pensando, “O que está acontecendo?” – até que ele riu tão alto que todo mundo pensou que até aquele momento ele era apenas moderadamente louco, mas agora ele havia chegado ao extremo. Todos partiram. Naturalmente ninguém ri quando nasce, apenas como

parte da etiqueta; e ninguém ri na morte, de novo nada além de um maneirismo. Ambos são britânicos.

Baba sempre foi contra os costumes e contra as pessoas que acreditavam nos costumes. Era por isso que ele me amava, por isso ele amava Masto. E quando estava procurando um homem que poderia cuidar de mim, naturalmente ele não pôde encontrar um homem melhor que Masto.

Masto provou-se melhor do que Baba poderia ter pensado. Ele fez tanto por mim que mesmo dizer isso dói. É algo tão privado que não deveria ser dito, tão privado que uma pessoa não deveria falar sobre nem quando está sozinha.

Eu estava dizendo há pouco para Gudia, “Fale para o Devageet nunca deixar os seus livros de notas nessa Arca de Noé” – porque na última noite o diabo estava copiando os seus livros de notas. Vocês não vão acreditar. De fato, não pude acreditar quando ouvi a história pela primeira vez. Gudia disse que não havia luz na janela. Espantei-me e disse a mim mesmo, “Eles ficaram loucos ou o que? Digitando sem luz?”

Gudia olhou na sala e disse, “Isso é realmente alguma coisa! A máquina está fazendo um barulho exatamente igual a uma máquina de escrever.”

Não apenas isso: toda hora ela parava, como se o digitador estivesse olhando para as notas, então digitava novamente. Gudia perguntou a Asheesh, “O que pode ser?”

Ele lhe disse, “Nada, apenas o filtro do ar condicionado juntou tanta poeira que faz esse barulho.” Mas exatamente como uma máquina de escrever...? Amo a história de qualquer forma, e lhe digo para manter as suas notas longe do diabo. Ele pode digitar até mesmo sem uma máquina de escrever, sem luz.

O diabo é sempre um perfeccionista. Ele não pode ser de outra forma; é parte da sua função. Escrever sem uma máquina de escrever – no escuro? E sei que Devageet não deixaria os seus livros de anotações em qualquer lugar. Mas o diabo pode digitar até sem livros de anotações também. Ele pode ler a mente de vocês. Então não tragam suas mentes para dentro, pelo menos quando estão trabalhando com as minhas palavras. Não tragam as suas mentes para dentro, caso contrário vocês abrem as portas para o diabo.

Masto foi a melhor escolha que Baba poderia fazer. Não posso de nenhuma forma conceber um homem melhor. Ele não era apenas um meditador... claramente ele era; caso contrário não haveria comunhão possível entre eu e ele. E meditação simplesmente significa não ser uma mente, pelo menos durante o tempo que você está meditando.

Mas isso não era tudo; ele era muitas outras coisas. Ele cantava lindamente, mas nunca cantou para o público. Nós dois costumávamos rir da frase, “o público.” Este consiste apenas das crianças mais retardadas. É uma maravilha como elas conseguem se reunir em um local em um tempo determinado. Não posso explicar. Masto disse que ele também não podia explicar. Isso simplesmente não pode ser explicado.

Ele nunca cantou para o público, somente para pouquíssimas pessoas que o amavam, e elas tinham que prometer nunca falar sobre isso. A sua voz era realmente “a voz do seu mestre.” Talvez ele não estava cantando, mas apenas permitindo que a existência – esta é a única palavra adequada que posso utilizar – ele estava permitindo que a existência fluísse através dele. Ele não estava impedindo; esse era o seu mérito.

Ele também era um talentoso tocador de cítara, mas novamente, nunca o vi tocando para uma multidão. Frequentemente eu era a único presente quando ele tocava, e ele pedia para que eu trancasse a porta, dizendo, “Por favor tranque a porta, e, qualquer coisa que acontecer, não a abra até que eu esteja morto.” E ele sabia que se eu quisesse abrir a porta eu teria que matá-lo primeiro, e então abria-la. Eu manteria a minha promessa. Mas a sua música era tão... Ele não foi conhecido pelo mundo: o mundo perdeu.

Ele disse, “Essas coisas são tão íntimas que é prostituição tocar para um público.” Esta foi exatamente a sua palavra, ‘prostituição’. Ele era realmente um filósofo, um pensador, e muito lógico, não como eu. Com Pagal Baba eu tinha apenas uma coisa em comum: a loucura. Masto tinha muitas coisas em comum com ele. Pagal Baba estava interessado em muitas coisas. Eu certamente não poderia ser um representante de Pagal Baba, mas Masto era. Não posso ser representante de ninguém, não importa quem seja.

Masto fez tanto para mim de todas as formas que não creio como Baba soube que ele seria a pessoa certa. E eu era uma criança e precisava de muita direção – e não era uma criança fácil também. A menos que estivesse convencido eu não me moveria um centímetro. De fato, eu me moveria um pouco para trás apenas para assegurar-me.

Lembro-me de uma pequena anedota. Eu costumava usar essa anedota como piada. Muitas das minhas piadas são talvez pintadas aqui ou ali para fazê-las parecer piadas, mas muitas delas vêm da vida real. E a vida real é muito mais um livro de piadas do que qualquer livro de piadas poderia um dia ser. Como sei que essa piada vem da vida real? Porque não pode ser de outra forma, não há outro caminho. Lembro-me que eu costumava contar essa piada e esse é o modo como a lembro.

Uma criança chega atrasada na escola, muito atrasada. Está chovendo. A professora olha com olhos inflexíveis que são dados apenas para os professores – e para as esposas. E se você se casar com uma mulher que é professora, então que Deus te ajude! Podemos apenas orar por você. Então essa mulher terá quatro olhos para olhar em todas as direções. Cuidado com as professoras! Nunca, nunca se case com uma professora. O que quer que aconteça, escape antes de tropeçar e cair. Caia em qualquer outro lugar, mas não em uma professora; caso contrário você terá realmente uma vida infernal. E se ela é inglesa, então as coisas são triplicadas!

O pequeno garoto, sempre com muito medo, completamente ensopado, chegou de alguma forma na escola. Mas uma professora é uma professora. Ela perguntou, “Por que você está atrasado?”

Ele havia pensado que a prova seria suficiente. Estava chovendo tão forte... estava chovendo “canivetes”, e ele estava completamente molhado, pingando. E ainda assim ela estava perguntando, “Por que você está atrasado?”

Ele inventou, assim como qualquer outra criança o faria, dizendo, “Senhorita, está tão escorregadio que conforme eu dava um passo para frente, escorregava dois passos para trás.”

A mulher parecia ainda mais severa e disse, “Como isso é possível? Se você dá dois passos para frente e então escorrega de volta dois passos – você se traiu – então você nunca teria chegado na escola.”

O pequeno garoto disse, “Senhorita, por favor entenda: Virei-me para minha casa e comecei a correr para longe da escola, foi assim que parei aqui.”

Digo que não é uma piada. Aquela professora é real, o garoto é real, a chuva é real. A conclusão da professora é real, e a conclusão do pequeno garoto não poderia ser mais real. Conteí milhares de piadas e muitas delas vêm da vida real. Aquelas que não vêm da vida real, elas também vêm da vida real, mas da vida subterrânea, que também é real mas nunca na superfície – ela não é autorizada.

Masto tinha um talento real em muitas dimensões. Ele era um músico, um dançarino, um cantor, etc. mas sempre muito acanhado com “aqueles olhos.” Ele costumava chamar as pessoas, “aqueles olhos feios.” Ele diria, “As pessoas não podem ver, mas apenas acreditar que veem. Não sou a favor delas.” Repetidas vezes ele me lembrava que eu não devia convidar nenhum amigo – embora eu não tivesse nenhum – quero dizer, nenhum conhecido.

Mas uma vez quando o perguntei, “Um dia terei permissão para trazer alguém?” ele replicou, “Se você apenas quer ter a alegria de convidar alguém íntimo, então a sua Nani está autorizada. Para ela você nem precisa perguntar. É claro que se ela não quiser vir, então não posso fazer nada em relação a isso.” E foi isso o que aconteceu.

Quando contei a minha Nani, ela disse, “Fale para Masto vir a minha casa e tocar a sua cítara aqui.” E ele era um homem tão humilde que ele veio tocar a sua cítara para a mulher idosa, e ele estava muito feliz em tocar para ela, e eu estava tão feliz que ele veio e não recusou. Eu estava preocupado com sua recusa.

E a minha avó, a minha Nani, a mulher idosa, de repente tornou-se nova outra vez. Eu vi o que só pode ser chamado de uma transfiguração! Conforme ela ficava cada vez mais afinada com a cítara, ela ficava cada vez mais jovem. Eu vi um milagre acontecendo. No momento em que Masto terminou de tocar a sua cítara, ela era uma mulher idosa novamente.

Eu disse, “Isso não está certo, Nani. Pelo menos permita que o pobre Masto tenha um vislumbre do que a sua música pode fazer com uma pessoa como você.”

Ela disse, “Não está em minhas mãos. Se isso acontece, acontece. Se não acontece, nada pode ser feito em relação a isso. Sei que Masto entenderá.”

Masto disse, “Entendo.”

Mas o que vi foi totalmente incrível. Eu piscava meus olhos várias vezes só para ver se era apenas um sonho, ou se eu estava realmente vendo a sua juventude voltando. Até hoje não posso acreditar que era apenas a minha imaginação. Talvez naquele dia... mas hoje não tenho imaginação alguma. Vejo as coisas como elas são.

Masto permaneceu desconhecido ao mundo simplesmente porque ele nunca quis estar no meio da multidão. E no momento em que o seu dever para comigo, a sua promessa a Pagal Baba concluiu-se, ele desapareceu nos Himalaias.

Os Himalaias... a própria palavra quer dizer “a casa do gelo.” Os cientistas dizem que se todo o gelo dos Himalaias derreter um dia, então o mundo seria realmente inundado. O mundo todo – não seria limitado a alguma parte – todos os oceanos elevar-se-iam em doze metros. Eles deram-lhe o nome certo, Himalaia. *Him* significa “gelo”; *alaya* significa “a casa.”

Existem centenas de picos com gelo eterno que nunca derreteram... e o silêncio ao redor, a atmosfera imperturbável... não é apenas antigo; há um calor estranho, porque milhares de pessoas de imensa profundidade moveram-se para essas partes com um tremendo estado meditativo, com um amor imenso, orações e cânticos.

Os Himalaias ainda são raros no mundo todo. Os Alpes são apenas crianças comparados com os Himalaias. A Suíça é bela, e ainda mais bela por causa de todas as conveniências disponíveis ali. Mas não posso esquecer as noites silenciosas nos Himalaias: as estrelas acima e ninguém em volta.

Quero desaparecer ali, assim como Masto o fez. Posso entendê-lo e não seria uma surpresa se de repente um dia eu desaparecesse. Os Himalaias são muito maiores do que a Índia. Apenas uma parte dos Himalaias pertence a Índia; outra parte pertence ao Nepal, outra a Burma, outra ao Paquistão – milhares de quilômetros de pureza, somente pureza. Do outro lado está a Rússia, o Tibete, a Mongólia e a China; todos eles têm uma parte dos Himalaias.

Não seria uma surpresa se algum dia eu desaparecesse apenas para deitar-me ao lado de uma bela rocha e não estar mais no corpo. Não é possível encontrar um lugar melhor para deixar o corpo – mas talvez eu não o faça, vocês me conhecem. Permanecerei imprevisível como sempre, até mesmo na minha morte.

Talvez Masto queria ir antes, e estava realizando a última tarefa dada por seu guru, Pagal Baba. Ele fez tanto por mim, é difícil até listar. Ele me apresentou a pessoas que, sempre que eu precisava de dinheiro, eu só tinha que falar para elas e o dinheiro chegava. Perguntei para Masto, “Elas não perguntam por quê?”

Ele disse, “Não se preocupe com isso. Eu já respondi todas as questões delas. Mas elas são pessoas covardes; elas podem lhe dar o seu dinheiro, mas não podem lhe dar os seus corações, então não peça isso.”

Eu disse, “Nunca peço a ninguém o seu coração; não pode ser pedido. Ou alguém sente que aconteceu, ou não. Então não pedirei nada para essas pessoas, exceto dinheiro, e isso também apenas se for necessário.”

E ele certamente me apresentou a muitas pessoas que sempre permaneceram anônimas; mas sempre que eu precisava de dinheiro, este chegava. Quando eu estava em Jabalpur, onde eu estava na universidade e permaneci por mais de nove anos, o dinheiro estava continuamente chegando. As pessoas perguntavam-se, porque o meu salário não era muito grande. Elas não podiam acreditar como eu podia usar um carro tão belo, um bangalô belo, um vasto jardim, quilômetros de verde. E no dia em que alguém perguntou como um carro tão belo... naquele dia chegaram mais dois. Havia três carros então e nenhum lugar para mantê-los.

O dinheiro estava sempre chegando. Masto fez todos os arranjos. Embora eu não tivesse nada, nenhum dinheiro, mas de alguma forma ele arranjava.

Masto... é difícil dizer adeus para você, pela simples razão que não acredito que você já se foi. Você ainda existe. Posso não ser capaz de o ver novamente; isso não é muito importante. Eu o vi tanto, a sua própria fragrância tornou-se parte de mim. Mas em algum lugar nessa história terei que dar um ponto final no que diz respeito a você. É difícil e dói... perdoe-me por isso.

Sessão 34

Na manhã de hoje falei um adeus muito abrupto a Masto, e senti-o por todo o dia. Isso simplesmente não pode ser feito, pelo menos não em relação a ele. Lembro-me de quando eu estava indo para a faculdade e deixava a minha Nani depois de tanto tempo juntos.

Desde que meu avô morreu e a deixou não houve ninguém em sua vida, exceto eu. Não foi fácil para ela. Também não foi fácil para mim. Exceto por ela, não havia nada que me mantinha naquela vila. Posso ver aquele dia: o amanhecer – era uma bela manhã de inverno e as pessoas da vila se reuniram.

Até mesmo hoje, naquelas partes centrais da Índia, as coisas não são contemporâneas; elas estão pelo menos dois mil anos atrás. Ninguém tem muito o que fazer. Todo mundo parece ter tempo suficiente para vadiar. Realmente quero dizer que todo mundo é preguiçoso. Simplesmente quero dizer o significado literal, não qualquer associação que nasce com a palavra. Então, todos os “vadios” estavam ali. Por favor escreva a palavra entre aspas para que ninguém entenda mal.

Toda a minha família estava ali, uma grande multidão. Eles vieram porque tinham que vir; caso contrário eu não via sentido em ver suas faces, que eram então, e são agora, sem faces, apenas nomes. Mas meu pobre pai estava lá, minha mãe estava lá, meus irmãos e irmãs mais novas estavam lá, e todos estavam realmente chorando.

Até meu pai estava chorando. Nunca o vi chorando, nunca antes e nunca depois. E eu não estava morrendo, apenas me separando algumas centenas de milhas. Mas era a própria ideia de separar-me por quatro anos pelo menos, para conseguir o grau de bacharel. Então se eu decidisse – e ninguém sabia – ficar mais dois anos para o grau de mestre? Então no mínimo mais dois anos para um PhD?

Era uma separação longa. Talvez naquela altura, quem sabe, muitos deles não estariam no mundo. Mas eu estava preocupado apenas com a minha Nani, porque a minha mãe e meu pai viveram muito tempo sem mim quando eu era pequeno. Agora eu podia viver sozinho, eu podia ajudar-me; eu não precisava de nenhuma outra ajuda.

Mas pela minha Nani... ainda posso ver o sol da manhã, o sol quente, a multidão, meu pai, minha mãe. Toquei os pés da minha Nani e lhe disse, “Não se preocupe. Sempre que você chamar correrei imediatamente. E não pense que vou muito longe: é apenas cento e cinquenta quilômetros, apenas três horas de trem.”

Naqueles dias o trem mais rápido não parava na pobre vila; caso contrário a jornada seria de apenas duas horas. Agora ele para lá – mas agora não importa se ele para ou não.

Eu disse a ela, “Virei correndo. Cem a cento e cinquenta quilômetros não são nada.”

Ela disse, “Eu sei e não estou preocupada.”

Ela tentou manter-se a mais serena possível, mas pude ver o acúmulo de lágrimas em seus olhos. Foi nesse momento que me virei e parti para a estação. Não olhei para trás quando virei a esquina. Eu sabia que se eu olhasse para trás, ou ela explodiria no choro, e então eu nunca iria a universidade; ou se ela não explodisse no choro ela podia até mesmo morrer, apenas parar de respirar. Eu era demais para ela. A sua existência era em torno de mim: as minhas roupas, meus brinquedos, meu quarto, minha cama, meus lençóis, o dia inteiro...

Eu costumava dizer-lhe, “Nani, você está louca. Vinte e quatro horas por dia você está comprometida em fazer as coisas para mim, que nunca fará nada por você em sua vida.”

Ela disse, “Você já o fez.”

Eu não sei o que fiz, e agora não há como perguntar para ela. Mas a forma como ela disse, “Você já o fez,” foi tão poderosa, com tanta energia, que quer você tenha entendido ou não, você ficaria comovido. Até mesmo hoje relembrando-o eu fico comovido.

Posteriormente descobri que quando virei a esquina da rua, toda a vizinhança perguntou-se, “Que tipo de garoto é esse? Ele nem olhou...”

E a minha Nani estava muito orgulhosa; ela lhes disse, “Sim, ele é o meu garoto. Eu sabia que ele não olharia para trás, e não apenas nessa esquina, ele nunca olhará para trás em sua vida. E também estou orgulhosa que ele entendeu a sua pobre Nani, sabendo que se tivesse olhado para trás eu explodiria em lágrimas, e ele nunca quis isso. Ele sabia perfeitamente bem, melhor do que eu, que se eu estivesse explodido em lágrimas ele não seria capaz de ir. Não por minha causa, mas por causa do seu amor por mim. Ele ficaria por toda a sua vida, apenas para que eu não tivesse que chorar.”

Dizer um adeus abrupto a Masto é exatamente igual. Não, não o posso fazer. Terei que atingir um fim natural, sem uma parada final, escolhido arbitrariamente, porque a minha vida é tal que se eu seguir falando sobre ela, não haverá nem começo, nem fim. Na minha vida não haverá começo nem fim.

A Bíblia pelo menos diz, “No começo...” Vocês terão que publicar isso sem um começo ou um fim. Será muito difícil publicar dessa forma. Mas Devageet pode entender, ele é um judeu. O pergaminho de um judeu pode quase ser sem começo e fim. É claro que parece haver um começo, mas apenas parece. É por isso que todas as histórias antigas começam com, “Era uma vez” – e então você pode começar algo. E em um certo momento tudo para, sem nem dizer, “O Fim.” A minha vida não pode ser uma autobiografia ordinária.

Vasant Joshi está escrevendo uma biografia minha. A biografia deve ser muito superficial, tão superficial que não valerá a pena a ler de maneira alguma.

Nenhuma biografia pode penetrar as profundezas, particularmente as camadas psicológicas de um homem – especialmente se o homem chegou ao ponto onde a mente não é mais relevante para a vacuidade escondida no centro de uma cebola. Você pode descascá-la camada por camada, é claro que com lágrimas em seus olhos, mas finalmente nada fica, e este é o centro da cebola; é a partir disso que ela surge. Nenhuma biografia pode penetrar nas profundezas, particularmente de um homem que conheceu a não-mente também. Digo “também” ponderando, porque a menos que você conheça a mente, você não pode conhecer a não-mente. Essa será a minha pequena contribuição ao mundo.

O Ocidente foi fundo na busca pela mente, e descobriu camada por camada – o consciente, o inconsciente, o subconsciente, e assim por diante. O Oriente simplesmente colocou tudo de lado e pulou no lago... e o som sem som, a não-mente. Por isso o Ocidente e o Oriente permanecem opostos.

De uma forma a oposição é entendível, e Rudyard Kipling estava certo ao dizer, “O Ocidente é ocidental, e o Oriente oriental, e nunca o par encontrar-se-á.” Ele está certo até um ponto. Ele realmente enfatiza um ponto que estou criando.

O Ocidente só olhou para a mente, sem olhar para quem está olhando a mente. É muito estranho. Os supostos grandes cientistas estão todos tentando olhar para a mente, e ninguém se preocupa com quem está olhando para a mente.

H. G. Wells não era um homem mau – um homem bom, bonzinho. De fato, ele é muito doce para meu paladar, muito açúcar branco. Mas ainda assim não devo considerar o meu paladar; vocês têm os seus próprios paladares, e nem todo mundo é diabético. Não sou apenas diabético, sou também contra o açúcar branco. Mesmo antes de eu ficar sabendo da diabetes eu era contra o açúcar branco; chamo-o “veneno branco.” Então talvez eu seja um pouco preconceituoso contra o açúcar branco.

Mas H. G. Wells, embora muito cheio de açúcar branco, não era apenas isso. De vez em quando ele surgia com um discernimento que era raro. Por exemplo, a sua ideia de máquina do tempo. Ele teve uma ideia que um dia seria descoberta uma máquina que pudesse voltar no tempo. Vocês entendem o significado disso? Significa que vocês poderiam voltar às suas infâncias, aos úteros de suas mães, ou talvez, se você é um hindu, às suas vidas passadas – talvez como um elefante, uma formiga, etc. Era possível voltar e também ir para frente.

A própria ideia é um grande vislumbre. Não sei se existirão máquinas como essa ou não, mas existiram pessoas que podiam se mover de volta no tempo tão facilmente como vocês podem se mover. Vocês têm alguma dificuldade em voltar ao dia de ontem? Da mesma maneira os mais ousados moveram-se para suas vidas passadas.

Talvez essa palavra não seja permitida*, [NdT. *yesterlives*, traduzido como ‘vidas passadas’] mas não ligo. Para mim ‘vidas passadas’ parece perfeitamente correto. Quando algo parece correto para um homem errado como eu, então vocês podem ter certeza que está correto. Tem que estar correto.

De repente parei totalmente com Masto, mas de certa forma isso me torturou o dia inteiro. Vocês sabem que não posso ser torturado, vocês sabem que não posso ficar infeliz também, mas a ideia que terminei tão abruptamente me faz relembrar de um incidente que diz respeito direto a Masto.

Ele veio para levar-me à estação de Allahabad. No fundo nós nunca queríamos nos separar, particularmente naquele dia. A razão só ficou clara posteriormente, mas essa razão não tem nada a ver com isso. Vou apenas mencioná-la e lhes dar os detalhes depois. Masto veio para se despedir de mim, porque ele disse que talvez por dois ou três meses ele não seria capaz de me ver, então gostaria de ficar o máximo de tempo comigo.

Masto disse, “Esperemos que o trem esteja atrasado.”

Eu disse, “Que absurdo você está falando, Masto? Você realmente ficou louco? Os trens são indianos, e você tem que realmente *esperar* que eles se atrasem?”

O trem veio, é claro que seis horas atrasado, o que não é muito para um trem de passageiros indiano – totalmente usual. Mas não conseguíamos nos separar. Nós falamos e falamos, e ficamos tão envolvidos na conversa que o trem foi perdido. Nós dois rimos. Estávamos felizes porque pelo menos podíamos ficar juntos por mais algumas horas antes que outro trem chegasse.

Ouvindo a nossa conversa e risada, e a razão da risada, o chefe da estação disse, “Por que vocês estão gastando o seu tempo nessa plataforma? Vocês podem ir para a plataforma oposta.”

Perguntei-lhe, “Por quê?”

Ele disse, “Apenas os trens de mercadorias param lá, então vocês podem falar, se abraçar e se divertir, e não é necessário se preocupar em pegar o trem. Vocês não o podem pegar naquela plataforma.”

Eu disse a Masto que a ideia soava muito espiritual. O chefe da estação estava pensando que nós podíamos bater em sua cabeça, mas quando nós dois agradecemos-lhe e fomos para a outra plataforma, ele veio correndo atrás de nós dizendo, “Por favor não tomem a ideia seriamente. Eu estava apenas brincando. Acreditem em mim, apenas os trens de mercadorias param aqui. Vocês nunca pegarão um trem nessa plataforma.”

Eu lhe disse, “Não quero pegar trem algum. Nem Masto quer que eu pegue qualquer trem – mas fazer o que?” O anfitrião do local que estávamos hospedados foi muito insistente que era hora de eu voltar para o hotel da universidade, dizendo que o meu tempo não deveria ser desperdiçado.

E Masto também queria que eu conseguisse pelo menos o grau de mestre, de acordo com os desejos do meu falecido amigo Pagal Baba. Então eu tinha que ir. Vocês não acreditarão em mim, mas só permaneci na universidade porque havia prometido a Pagal Baba que conseguiria um grau de mestre. A universidade

deu-me uma bolsa para estudos adicionais, mas eu disse não, porque eu tinha prometido apenas até esse ponto.

Eles disseram, “Você está louco? Mesmo se você for direto para um trabalho você não conseguirá mais dinheiro do que essa bolsa te dará. E a bolsa pode ser estendida por dois ou muitos anos conforme a recomendação dos seus professores. Não desperdice a oportunidade.”

Eu disse, “Baba deveria ter me pedido um PhD. O que posso fazer? Ele nunca me pediu, e ele morreu sem saber o que é um PhD.”

O meu professor tentou muito me persuadir, mas eu lhe disse, “Simplesmente esqueça, porque eu só vim até aqui para realizar uma promessa feita a um louco.”

Talvez se Pagal Baba tivesse conhecido o que era PhD ou D.Litt. então eu estaria em uma armadilha. Mas graças a Deus ele só conhecia o grau de mestre. Ele achava que essa era a palavra final. Não sei se ele realmente gostaria que eu continuasse com mais bolsas. Agora não há como saber. Uma coisa é certa: que se ele quisesse eu teria ido e gastado quantos anos fossem necessários. Mas não era uma satisfação do meu próprio ser, nem o fora o grau de mestre. De alguma maneira Pagal Baba assimilou a ideia que a menos que você tenha um grau de mestre, um grau de pós-graduação, você não seria capaz de conseguir um bom emprego.

Eu disse, “Baba, você acha que algum dia desejarei um emprego?”

Ele riu e disse, “Sei que você não desejará, mas só por precaução. Sou apenas um homem velho, e penso em todas as piores coisas possíveis.” Vocês já ouviram o provérbio, “Deseje o melhor, mas espere o pior.” Ele adicionou algo a mais nele. Baba disse, “Prepare-se para o pior também. Não o encontre despreparado; caso contrário, como você encará-lo-á?”

Não é possível se despedir de Masto tão facilmente, então abandonarei a própria ideia. Sempre que ele surgir estar-se-á bem. Esta não será uma autobiografia ortodoxa, convencional. Não é uma autobiografia de maneira alguma, apenas fragmentos de uma vida refletida em milhares de espelhos.

Uma vez fui hóspede de um lugar chamado Palácio dos Espelhos. Ele era feito apenas de espelhos. Ele era horrível – viver nele era tão difícil – mas talvez fui o único homem que o apreciou. O raja que era o seu dono ficou intrigado. Ele me disse, “Sempre que coloco convidados ali, depois de algumas poucas horas eles me dizem, ‘Por favor coloque-me em outro lugar, isso é demais.’ Ver tantas pessoas iguais a nós por toda a volta... e qualquer coisa que você faz, todas fazem. Se você ri, todas riem; se você chora, todas choram; se você abraça uma garota, todas abraçam... É tão horrível. Você se sente apenas como um reflexo e nada mais, e todos os reflexos aparentemente estão melhores que você!”

Eu disse ao raja, “Não quero mudar nada. De fato, se você quiser vender este palácio estou pronto para comprá-lo e torná-lo um centro de meditação. Seria

hilário. As pessoas apenas sentadas ali olhando para si mesmas de todas as direções – em todos os locais milhares de miniaturas de si mesmas.

“Elas podem ficar loucas – o que não é uma calamidade de qualquer forma. Elas ficarão loucas mais cedo ou mais tarde em alguma outra vida; só vai demorar um pouco mais. Acredito em métodos ‘cafés-instantâneos’. Mas se puderem relaxar com toda a multidão ao redor e não se preocuparem; se puderem aceitar isso e dizer, ‘Está tudo bem, obrigado por estar ao meu redor por tanto tempo,’ e ainda assim permanecerem centradas, elas tornar-se-ão iluminadas. De qualquer maneira elas serão beneficiadas.”

A loucura é cair abaixo da mente. Há uma loucura que é cair acima da mente; esta loucura é a iluminação. Ela é anormal; por isso não está errado os pobres psicólogos pensarem que as pessoas como Jesus ou Buda são anormais. Mas eles devem ter um pouco mais de cuidado com suas palavras.

Se usam a mesma palavra, ‘anormal’, para os internos de um hospício, com que cara eles usariam a mesma palavra para o Buda? Eles deveriam dizer “supranormal.” Budas e loucos certamente não são normais; sobre isso concordamos. Uns são abaixo do normal, outros são acima do normal. Ambos são anormais, concordamos, mas eles precisam de classificações diferentes. E a psicologia não tem lugar para o que chamo “a psicologia dos budas.”

Masto certamente era um buda. Não posso simplesmente dizer, “Obrigado, até mais ver,” porque ele fez muito por mim. “Obrigado” é muito pequeno e muito inapropriado. Ninguém faz tanto por alguém.

É por isso que não há palavra para isso – ninguém precisa dela. E não posso dizer, “Até mais ver,” porque nem ele existirá de novo nesse mundo, nem eu existirei de novo nesse mundo. O encontro é, na própria natureza das coisas, impossível. Então, a única forma é deixar que ele surja sempre. E dessa forma essas memórias terão o seu sabor próprio. Chegadas e partidas, repentinas e abruptas.

Então trago Masto de novo. Ele não era o mesmo tipo de homem que Pagal Baba. Pagal Baba era simplesmente um místico; Masto também era um filósofo. À noite nos deitávamos por horas nas margens do Ganges discutindo muitas coisas. Nós desfrutávamos estar juntos, dialogando ou em silêncio. Aquele mesmo Ganges onde os Upanishads foram cantados pela primeira vez, onde Buda proferiu seu primeiro sermão, onde Mahavira moveu-se e pregou... Não é possível pensar o misticismo Oriental sem os Himalaias e o Ganges. De fato, ambos contribuíram infinitamente.

Lembro-me da beleza daquele silêncio... Sentávamos ali por horas. De vez em quando até dormíamos ali, na areia, porque Masto disse, “Está tão belo esta noite que seria um insulto ir para cama. As estrelas estão tão próximas.” Essa foi a sua palavra, ‘insulto’. Estou simplesmente citando-a.

Eu disse, “Masto, você sabe que amo as estrelas e particularmente quando elas estão refletidas no rio. As estrelas são belas, mas o reflexo delas é um

milagre. O que a água faz tão simplesmente só é possível comparar com os sonhos. Amo as estrelas, o rio, o reflexo das estrelas, e amo a sua companhia e seu calor. Então não há dúvidas em relação à permanência. Nunca me considere nem por um único momento quando você quiser fazer algo, porque até mesmo essa consideração me machucará. Ela mostrará que estou sendo um fardo para você.”

Ele disse, “O quê? Eu não disse nada sobre você ser um fardo para mim.”

Eu disse, “Você não disse, ninguém o fez. Eu estou apenas dizendo-o para o futuro. Lembre-se, se você me considera por alguma razão, então fale-me dela, porque sinto-me muito ofendido por qualquer consideração.”

Eu lhe disse aquele dia e hoje vou falar para vocês também que Gurdjieff teve uma ideia muito estranha. Não acho que nenhum mestre nunca a considerou. Não que ela não tenha batido nas portas deles, mas acho que ninguém tinha o tipo certo para recebê-la e respondê-la.

Gurdjieff costumava dizer, “Por favor, nunca, nunca considere os outros. É um insulto.” Ele tinha essas palavras escritas sobre a sua porta. É uma declaração tremendamente significativa.

As pessoas forçam umas às outras a considerarem-se. Elas dizem, “Por favor me considere.” O que seria mais humilhante do que dizer para alguém, “Por favor me considere?” Na minha vida eu nunca disse isso para ninguém, nem uma única pessoa.

Lembro-me de muitas situações onde exatamente essas palavras teriam me ajudado imensamente – mas elas são tão humilhantes. Não é o ego, lembrem-se. O egoísta está sempre pedindo por consideração; de fato, mais que isso, porque ele não é uma pessoa ordinária, ele tem que ser considerado primeiro. Uma pessoa realmente humilde não pode pedir por consideração – de fato, ela rejeitará qualquer consideração mesmo se esta lhe for dada.

Eu estava na universidade, um pobre estudante. Cheguei na universidade de alguma maneira trabalhando em diferentes tipos de empregos. De novo, somente por coincidência, participei de um debate nacional interuniversidades. Um dos juízes, que agora é o chefe do departamento de filosofia na Universidade de Allahabad, S. S. Roy, apaixonou-se por mim. E o mesmo aconteceu comigo em relação a ele.

Ele me deu noventa e nove pontos em cem – ele era um dos juízes no debate. Naturalmente ganhei. Era um debate muito importante porque o ganhador faria uma excursão de três meses pelo Oriente Médio como um convidado do governo. Ele deveria ser tratado quase como um embaixador. Era uma grande oportunidade.

S. S. Roy deu-me noventa e nove em cem, e para todos os outros ele deu simplesmente zero – apenas para ter certeza que eu ganharia. Perguntei-lhe depois, “Por que você foi tão parcial a meu favor?”

Ele disse, “No momento em que olhei para os seus olhos tornei-me hipnotizado. A minha esposa também disse que estou hipnotizado por você; caso contrário, como eu poderia fazer isso? Se alguém olhar a sua folha a parcialidade será notória; noventa e nove em cem e simplesmente zero para quase uma dúzia de outros participantes!”

Eu disse, “Não, não lhe perguntei por que você me deu noventa e nove por cento; essa é a questão da sua esposa. Talvez outros também possam perguntar isso. Vim para perguntar-lhe por que você não me deu cem por cento.”

Por um momento olhou-me chocado. Então começou a rir e disse, “Eu era um dos discípulos de Masta Baba. Ele estava certo quando me disse, ‘Uma vez que você ver esse homem você não precisará de mim.’ E Masta Baba me disse isso quase dois ou três anos antes de desaparecer. Agora posso honestamente dizer-lhe que não fui hipnotizado: é que seus olhos lembram-me dos olhos dele. Também vi Pagal Baba, e é estranho como os seus olhos são quase os mesmos. Como isso ocorre eu não sei.”

Eu disse, “Não são os olhos, é a transparência que os tornam semelhantes. Estou feliz que você lembrou de Pagal Baba e Masta Baba pela razão que para mim é a maior recompensa no mundo – que em meus olhos você viu algo de semelhante. Agora não tenho nada para perguntar-lhe exceto: Por que não cem por cento?”

Ele disse, “Sou um pobre professor. Se eu te desse cem e zero para todos os outros onze participantes, iria parecer que eu não estava sendo justo. Sou justo, mas quem entenderia? Onde eu encontraria Masta Baba ou Pagal Baba para entendê-lo? Dei-lhe noventa e nove por cento apenas por causa da minha covardice.”

Eu amava esse homem porque ele podia dizer muito simplesmente que era um covarde, embora já tivesse feito um ato destemido, então qual diferença um por cento teria? Noventa e nove para uma pessoa e zero por cento para as outras? – dá no mesmo. Ele poderia ter me dado cem por cento, ou até mais.

Mas aquele debate, e sua lembrança de Pagal Baba e Masta Baba, foi a razão pela qual fiquei na universidade de Sagar. Ele estava ali naquele momento. Eu disse, “Se eu tiver que ser um pós-graduado, então que seja com você.”

Era o desejo de Pagal Baba, e também de Masta Baba, que eu deveria estar preparado se por acaso precisasse. Nunca precisei de nada. Não apenas nunca precisei de nada, as coisas jorravam em mim constantemente por todos os lados. Por isso eu disse para vocês que algo deu certo comigo desde o início.

S. S. Roy foi um dos meus professores mais amados, pela simples razão que ele era capaz de pedir-me para que me levantasse na aula e lhe explicasse algo que ele não podia entender. E eu tinha que fazê-lo. Certa vez disse-lhe, “Roy Sahib” – essa era a forma que eu costumava chamá-lo – “não parece certo que você me pergunte, seu estudante.”

Ele disse, “Se Pagal Baba podia tocar os seus pés e se Masta Baba não apenas tocava os seus pés mas tinha que satisfazer toda demanda racional e irracional sua” – e fui irracional desde o começo, realmente irracional – “então por que eu não poderia perguntar? Sou apenas um homem pequeno.”

Conheci centenas de professores, alguns eram colegas, outros conhecidos, mas S. S. Roy permanece à parte. Ele era tão autêntico que vocês não poderiam encontrar mais autenticidade em qualquer professor. E ele tinha tanto amor pelo o que eu costumava falar-lhe que frequentemente ele me citava em suas aulas – e não somente utilizava, ele fazia referência a mim. É claro que os outros estudantes ficavam com ciúmes. Até mesmo os outros professores do departamento de filosofia ficaram enciumados. Vocês ficarão surpresos em saber que até a sua esposa estava enciumada.

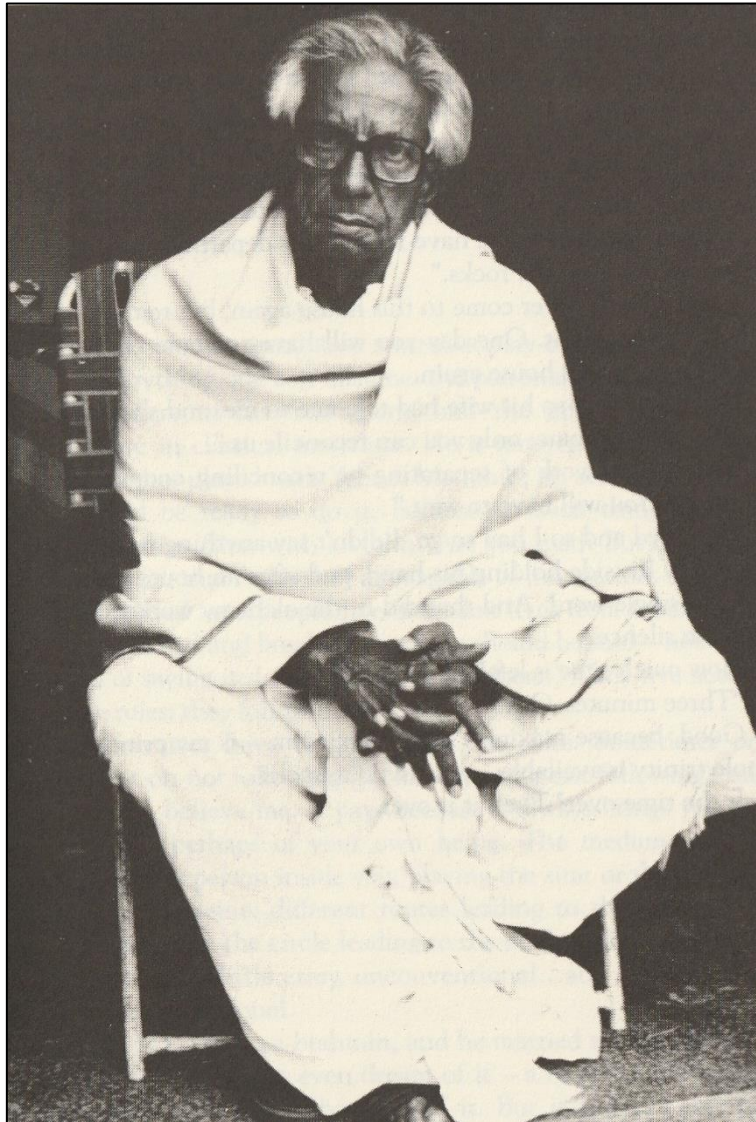
Fiquei sabendo por acaso. Um dia fui a sua casa e ela me disse, “O quê! Você começou a vir aqui? Ele está louco por causa de você. Desde que você chegou no departamento dele a nossa vida amorosa foi destruída. Nosso amor foi arruinado.”

Eu disse, “Nunca mais virei a essa casa novamente, mas lembre-se, isso não vai consertar as coisas. Um dia você terá que vir até mim.” E eu nunca fui à sua casa novamente.

Depois de um ano a sua esposa teve que vir até mim, e ela disse, “Perdoe-me. Por favor venha; apenas você pode nos reconciliar.”

Eu disse, “O meu trabalho de separar ou reconciliar casais não começou ainda. Você terá que esperar.”

Ela chorou e, portanto, tive que ir. Eu não disse nada a S. S. Roy. Apenas sentei do seu lado segurando a sua mão e parti depois de uma hora, sem dizer uma única palavra. E isso deu certo; a alquimia funcionou. Há uma mágica no silêncio.



PROFESSOR S.S. ROY, 1990

Quanto tempo falta?

“Três minutos, Osho.”

Bom, porque o máximo é o meu princípio. Toda a trindade está disponível... podemos fazer milagres.

O tempo acabou? Então acabou.

Sessão 35

Ok. Ouvi Ravi Shankar tocando a cítara. Ele tem tudo o que alguém pode imaginar: a personalidade de um cantor, a maestria de seu instrumento e o presente da inovação, o que é raro em músicos clássicos. Ele está imensamente interessado no novo. Ele tocou com Yehudi Menuhin; nenhum outro tocador de cítara indiana estaria pronto para fazê-lo, porque tal coisa nunca aconteceu antes. Cítara com violino? Vocês estão loucos? Mas os inovadores são um pouco loucos; é por isso que eles são capazes de inovar.

As supostas pessoas sãs vivem vidas ortodoxas do café da manhã até a cama. Entre a cama e o café da manhã, nada deve ser dito – não que eu tenha medo, estou falando sobre “elas.” Elas vivem de acordo com as regras; elas seguem a linha.

Mas os inovadores têm que estar fora das regras. Às vezes alguém tem que insistir em não seguir as linhas, apenas para não as seguir – e isso compensa, acreditem em mim. Compensa porque isso sempre te leva a um território novo, talvez do seu próprio ser. O meio pode ser diferente, mas a pessoa dentro de você, tocando a cítara ou o violino ou a flauta, é a mesma: rotas diferentes levando ao mesmo ponto, linhas diferentes do círculo levando ao mesmo centro. Os inovadores necessariamente serão um pouco loucos, não convencionais... e Ravi Shankar tem sido não convencional.

Primeiro: ele é um pândita, um brâmane, e ele casou-se com uma mulher islâmica. Na Índia não se pode nem sonhar com isso – um brâmane casando-se com uma mulher islâmica! Ravi Shankar o fez. Mas não foi apenas qualquer mulher islâmica, ela é filha do seu mestre. Isso é ainda mais não convencional. Isso quer dizer que por anos ele esteve escondendo isso do seu mestre. É claro que o mestre imediatamente permitiu o casamento, no momento em que ficou sabendo. Ele não apenas permitiu, ele arranhou o casamento.

Ele também era um revolucionário e com um alcance muito maior que Ravi Shankar. Allauddin Khan era o seu nome. Fui vê-lo com Masto. Masto costumava levar-me às pessoas raras. Allauddin Khan certamente foi uma das pessoas mais únicas que já vi. Ele era muito velho; ele morreu apenas depois de completar o século.

Quando o encontrei ele estava olhando para o chão. Masto também não disse nada. Fiquei um pouco intrigado. Belisquei Masto, mas ele permaneceu como se eu não o tivesse beliscado. Belisquei-o ainda mais forte, mas ainda assim ele permaneceu como se nada tivesse ocorrido. Então eu realmente o belisquei, e ele disse, “Ai!”

Então vi aqueles olhos de Allauddin Khan – embora ele fosse tão velho que vocês poderiam ler a história nas linhas de sua face. Ele viu a primeira revolução da Índia. Isso foi em 1857, e ele se lembra, então ele deveria ter uma certa idade para lembrar. Ele viu todo um século passar, e tudo o que fez durante todo esse

tempo foi praticar a cítara. Oito horas, dez horas, doze horas todo dia; esse é o caminho indiano clássico. É uma disciplina e a menos que você a pratique, logo você perde o controle sobre ela. É tão sutil... Ela está ali apenas se você está em um certo estado de preparação; caso contrário ela se vai.

Diz-se que um mestre falou certa vez, “Se não pratico por três dias, a multidão nota. Se não pratico por dois dias, o especialista nota. Se não pratico por um dia, os meus discípulos notam. No que diz respeito a mim, não posso parar nem um momento. Tenho que praticar e praticar; caso contrário imediatamente noto. Mesmo de manhã, depois de um bom sono, noto que algo está perdido.”

A música clássica indiana é uma disciplina difícil, mas se for autoimposta ela lhe dará uma liberdade imensa. É claro que se vocês quiserem nadar no oceano vocês devem praticar. E se quiserem voar no céu, então naturalmente é aparente que uma disciplina imensa é necessária. Mas não pode ser imposto por outrem. Qualquer coisa imposta torna-se feia. Foi assim que a palavra disciplina ficou feia – porque ela tornou-se associada com o pai, a mãe, o professor, e todos os tipos de pessoas que não entendem nada sobre disciplina. Elas não sabem o gosto da disciplina.

O mestre estava falando, “Se não pratico mesmo por algumas horas, ninguém nota, mas é claro que noto a diferença.” É preciso praticar continuamente, e quanto mais você pratica, mais você se torna prático na prática; ela fica mais fácil. Vagarosamente chega um momento em que a disciplina não é mais uma prática, mas satisfação.

Estou falando sobre música clássica, não sobre a minha disciplina. A minha disciplina é satisfação desde o começo, ou a partir do início da satisfação. Falarei disso depois...

Ouvi Ravi Shankar muitas vezes. Ele tem o toque, o toque mágico, que raríssimas pessoas têm no mundo. Foi por acidente que ele veio a tocar cítara; qualquer coisa que ele tocasse tornar-se-ia seu instrumento. Não é o instrumento, é sempre o homem. Ele apaixonou-se pela vibração de Allauddin, e Allauddin era de uma altura muito maior – milhares de Ravi Shankars juntos, costurados juntos, não alcançariam à sua altura. Allauddin certamente foi um rebelde – e não apenas um inovador, mas uma fonte original da música. Ele trouxe muitas coisas à música.

Hoje quase todos os grandes músicos da Índia são seus discípulos. Não é sem razão. Todos os tipos de músicos vêm apenas para tocar os pés de Baba: citaristas, dançarinos, flautistas, atores, etc. Essa é a maneira que ele é conhecido, apenas como “Baba,” por que quem usaria o seu nome, Allauddin?

Quando o vi ele já tinha mais de noventa anos. Naturalmente ele era um Baba; este tornou-se simplesmente o seu nome. E ele estava ensinando todos os tipos de instrumentos para muitos tipos de músicos. Você podia trazer qualquer instrumento e você o veria tocando como se ele não tivesse feito mais nada na vida do que tocar aquele instrumento.

Ele vivia muito próximo da universidade onde eu estava, uma jornada de poucas horas. Eu costumava visitá-lo de vez em quando, sempre que não havia festival. Faço essa ressalva porque sempre havia festivais. Eu devia ser o único que lhe perguntava, “Baba, você pode dar-me as datas de quando não ocorrem festivais aqui?”

Ele olhou para mim e disse, “Então agora você veio para pegar até mesmo esses dias?” E com um sorriso ele me deu três datas. Em todo o ano apenas três dias seriam sem festivais. A razão era que todos os tipos de músicos estavam com ele – hindus, islâmicos, cristãos – e todos os festivais ocorriam ali, e ele permitia todos. Ele era, em um sentido real, um patriarca, um santo padroeiro.

Eu costumava visitá-lo naqueles três dias, quando ele estava sozinho e não havia uma multidão em torno de si. Eu lhe disse, “Não quero lhe perturbar. Você pode sentar-se silenciosamente. Se você quiser tocar a sua vina tudo bem, ou qualquer coisa. Se você quiser recitar o Alcorão, eu amaria. Vim até aqui apenas para fazer parte do seu ambiente.” Ele chorou como uma criança. Levei um tempo para secar as suas lágrimas e perguntei, “Eu lhe machuquei?”

Ele disse, “Não, de maneira nenhuma. Isso tocou tão profundamente o meu coração que não pude achar nada exceto chorar. E sei que não devo chorar: sou velho e é inapropriado – mas alguém precisa ser apropriado em todos os momentos?”

Eu disse, “Não, pelo menos não quando estou aqui.” Ele começou a rir, e as lágrimas em seus olhos, e o riso em sua face... ambos juntos foram uma alegria imensa.

Masto trouxe-me a ele. Por quê? Vou dizer apenas algumas poucas coisas antes de respondê-lo...

Ouvi Vilayat Khan, outro grande citarista – talvez um pouco maior que Ravi Shankar, mas não um inovador. Ele é totalmente clássico, mas ouvindo-o até eu amo música clássica. Ordinariamente não amo nada clássico, mas ele toca tão perfeitamente que é impossível. Você tem que amar, não está em suas mãos. Uma vez que a cítara está nas mãos dele, você não está em suas próprias mãos. Vilayat Khan é pura música clássica. Ele não permitirá nenhuma poluição; ele não permitirá nada popular. Quero dizer “pop,” porque no Ocidente, a menos que você diga pop ninguém entenderá o que é popular. É somente o velho “popular” cortado – cortado errado, sangrando.

Ouvi Vilayat Khan, e eu gostaria de contar-lhes uma história de um dos meus mais ricos discípulos. Era cerca de 1970, porque desde então nunca mais ouvi nada deles. Eles ainda estão por aí – perguntei sobre o bem-estar deles – mas sannyas tem tornado muita gente medrosa, particularmente os ricos.

Essa família era uma das mais ricas da Índia. Fiquei maravilhado quando a esposa contou-me, “Você é o único homem que posso dizê-lo: por dez anos estive apaixonada por Vilayat Khan.”

Eu disse, “O que há de errado nisso? Vilayat Khan? – não há nada errado.”

Ela disse, “Você não entende. Não estou falando da sua cítara; estou falando dele.”

Eu disse, “É claro. O que você faria com a sua cítara sem ele?”

Ela bateu na sua cabeça com as mãos e disse, “Você não entende nada?”

Eu disse, “Olhando para você, parece que não. Mas entendo que você ama Vilayat Khan. Está perfeitamente bem. Estou apenas dizendo que não há nada de errado nisso.”

À primeira vista ela olhou para mim descrente, porque na Índia, se vocês disserem isso a um homem religioso – uma esposa hindu apaixonando-se por um músico islâmico, um cantor ou dançarino – vocês não terão sua bênção, isso é certo. Ele pode não amaldiçoar vocês, mas é quase certo que o fará; se ele puder perdoar, até isso seria muito moderno, ultramoderno.

“E,” eu lhe disse, “não há nada errado nisso. Ame, ame qualquer um que você quiser amar. E o amor não conhece barreiras de casta e credo.”

Ela olhou para mim como se eu fosse o apaixonado, e ela a santa que eu estava conversando. Eu disse, “Você está olhando para mim como se eu tivesse me apaixonado por ele. Isso também é verdade. Também amo a forma que ele toca – mas não o homem.” O homem é arrogante, o que é muito comum em artistas.

Ravi Shankar é ainda mais arrogante, talvez porque ele seja um brâmane também. Isso é como ter duas doenças juntas: música clássica e ser um brâmane. E ele tem uma terceira dimensão da sua doença também, porque ele casou-se com a filha do grande Allauddin; ele é seu genro.

Allauddin era tão respeitado que somente ser seu genro era prova suficiente que você era grande, um gênio. Mas infelizmente para eles eu já tinha ouvido Masto também. E no momento em que o ouvi eu disse, “Se o mundo conhecesse você ele esqueceria e também perdoaria todos esses Ravi Shankars e Vilayat Khans.”

Masto disse, “O mundo nunca me conhecerá. Você será meu único ouvinte.”

Vocês ficarão surpresos em saber que Masto tocava muitos instrumentos. Ele era um gênio realmente versátil, uma mente muito fértil, e ele podia fazer qualquer coisa bela do nada. Ele pintava tão sem sentido que mesmo Picasso não o faria, e tão belo que certamente Picasso não poderia fazer. Mas ele simplesmente destruía as suas pinturas dizendo, “Não quero deixar nenhuma pegada na areia do tempo.”

Mas às vezes ele costumava tocar com Pagal Baba, então lhe perguntei, “E Baba?”

Ele disse, “A minha cítara é reservada para você; nem mesmo Baba a ouviu. Outra coisa está reservada para Baba, então por favor não me peça. Você pode não a ouvir.”

Naturalmente eu queria saber o que era. Eu estava curioso, mas eu lhe disse, “Vou manter a minha curiosidade comigo. Não vou perguntar a ninguém – embora eu possa perguntar a Baba e ele não poderia mentir para mim, mas não vou perguntar, prometo-lhe isso.”

Ele riu e disse, “Nesse caso, quando Baba não estiver mais no mundo, então também tocarei aquele instrumento para você, porque somente então poderei tocá-lo para você ou para alguém, e não antes.”

E no dia em que Pagal Baba faleceu, a primeira coisa que veio na minha mente foi, “Qual é aquele instrumento? Agora é a hora...” Condenei a mim mesmo, amaldiçoei a mim mesmo, mas isso importava? A única coisa que continuava aparecendo para mim várias vezes era, “Qual é o instrumento de Masto?”

A curiosidade é algo muito profundo no ser humano. Não foi a serpente que persuadiu Eva; foi a curiosidade que a persuadiu, e também a Adão, e assim por diante... até agora. Acho que ela vai seguir persuadindo as pessoas para sempre. Elas perseguem a curiosidade. É um fenômeno estranho. É claro que não era algo importante. Eu tinha ouvido Masto tocando outros instrumentos; talvez ele fosse ainda mais proficiente neste, mas e daí? Um homem havia falecido e você está pensando no instrumento que Masto tocará para você agora... isso é humano.

É bom que as pessoas não tenham janelas nos topos de suas cabeças; caso contrário todo mundo veria o que está acontecendo. Então haveria um problema real, porque o que elas fingem estar em suas faces é totalmente diferente; é apenas uma persona, uma máscara. O que elas são dentro? – uma corrente de mil coisas.

Se tivéssemos janelas em nossas cabeças seria muito difícil viver. Mas considere a ideia... ela ajudaria tremendamente as pessoas a ficarem em silêncio, de modo que qualquer um poderia olhar em suas cabeças e ver que não há nada para ver. Os silenciosos poderiam sorrir olhando para os seus vizinhos e dizer, “Olhem, meninos, olhem. Olhem o quanto quiserem.” Mas a cabeça não tem janelas. Ela é completamente selada.

Na morte de Baba eu pensava apenas no instrumento de Masto. Desculpem-me, mas decidi contar toda a verdade qualquer que ela seja. E prestem atenção, vou contá-la não importando quanto tempo leve. Devageet, Devaraj e Ashu – pode levar anos para que eu a conte e então pedirei que vocês finalizem o livro rapidamente, então não sigam empilhando-o.

Não dependam de maneira alguma dos amanhã. Faça hoje; somente então vocês serão capazes de fazê-lo. Sem saber vocês caíram em uma armadilha. E vocês pensam que eu caí em uma armadilha de rato? Esqueça-o. Peguei todos

vocês três, e agora a armadilha vai tornar-se mais apertada a cada dia; não há escapatória.

Sim, uma mulher – que entrará em algum lugar na história porque ela significa muito para mim – ela me disse algo similar. Ela é estranha de uma maneira; tudo o que ela me deu foi o primeiro: o primeiro relógio, a primeira máquina de escrever, o primeiro carro, o primeiro toca-fitas, a primeira câmera. Não consigo acreditar como ela conseguiu, mas tudo era o primeiro. Vou falar para vocês dela mais tarde. Lembrem-me quando o momento chegar.

Ela me disse que a única coisa pesada em seu coração era que quando a mãe do seu marido morreu ela sentiu fome.

Eu disse, “O que tem de errado em sentir fome?”

Ela disse, “Você acha que é certo? A mãe do meu marido está morta, esticada na minha frente, e eu só sentia fome, e pensava apenas em comida boa: *paratha, bhajia, pulau, rasogulla*. Eu nunca disse a ninguém,” ela me disse, “porque eu pensava que ninguém me perdoaria.”

Eu disse, “Não há nada de errado nisso. O que você poderia fazer? Você não a matou. De qualquer forma, é preciso começar a comer mais cedo ou mais tarde – quanto antes melhor. E quando alguém está prestes a comer é preciso pensar naquilo que é do seu gosto.”

Ela disse, “Você tem certeza?”

Eu disse, “Quantas vezes terei que dizê-lo?”

No momento em que ela me contou novamente lembrei-me como ela deve ter se sentido, porque lembrei-me de Baba morrendo e o primeiro pensamento que me veio. Os pensamentos são realmente pessoas estranhas... pensei comigo mesmo, “Qual o instrumento que Masto toca?” É claro que no momento em que vi Masto eu disse, “Agora...”

Ele disse, “Ok.”

Nenhuma outra palavra passou entre nós. Ele entendeu, e pela primeira vez tocou a vina para mim. Ele nunca a tinha tocado para mim antes. É um tipo de violão, mas mais complicada, e alcançando, claro, alturas que nem mesmo a cítara pode alcançar, e também as profundezas que as cítaras deixam apenas no meio do caminho.

Eu disse, “A vina! Masto, você queria esconder essa experiência de mim?”

Ele disse, “Não, não, nunca. Mas quando eu estava com Baba e não lhe conhecia ainda, prometi a ele que eu não tocaria esse instrumento para mais ninguém enquanto ele estivesse vivo. Agora para mim você é Pagal Baba; essa é a maneira que sempre pensarei em você. Agora posso tocar para você. Eu não estava escondendo nada de você, mas não lhe conhecia de forma alguma quando esta promessa foi feita. Agora ela terminou.”

Por um momento eu não pude acreditar nos meus próprios ouvidos o quanto ele estava escondendo. Eu disse, “Masto, você sabe que isso não é uma coisa boa entre dois amigos.”

Ele olhou para baixo e não disse nada. Foi a primeira vez na minha vida que o vi naquele humor.

Eu lhe disse, “Não. Não é necessário ficar arrependido, nem é necessário sentir tristeza. O que aconteceu, aconteceu; não tem mais nada a ver conosco.”

Ele disse, “Eu não estava arrependido, estava envergonhado. Sei que ficar arrependido é muito fácil de lavar, mas envergonhar-se... você pode lavá-la, mas de novo ela estará ali. Você pode lavá-la mais uma vez, ela ainda estará ali.”

O sentimento de vergonha acontecesse apenas àqueles que são realmente grandes. Ele não ocorre às pessoas ordinárias; elas não sabem o que quer dizer estar envergonhado. De repente lembrei-me de uma coisa...

Que horas são?

“Dez e vinte dois, Osho.”

Ok.

Não me lembrei do tempo. Nunca me lembro do tempo, e vocês sabem disso. Às vezes isso se torna demais. Vocês estão com fome, prontos para correrem até Madalena... e eu ainda estou falando. Obviamente vocês não me podem parar. Somente eu posso parar-me. Não apenas isso, eu até digo para vocês pararem apenas quando eu disser “Pare.” É apenas um velho hábito. Não, me lembrei de outra coisa, não do tempo.

Masto estava ficando na casa da minha Nani. Essa era a minha casa de hóspedes. Na casa do meu pai não havia lugar nem para o anfitrião, o que dizer do hóspede. Ela era tão superpovoada – não acho que a Arca de Noé era mais superpovoada. Todos os tipos de criaturas estavam ali. Que mundo! Sim, era quase um mundo. Mas a casa da minha Nani era quase vazia: da forma que gosto das coisas, vazias.

A palavra inglesa ‘vazio’ não é a forma de exprimir o que quero dizer. A palavra é *shunya* – e por favor não pensem no Doutor Eichling, porque o seu nome, o nome que lhe dei é Shunyo. Mas o pobre Eichling parece ser chinês ou algo assim. Que tipo de nome é esse: I-kling? Ele não pode ser Americano e quando cortou a barba parecia exatamente como um chinês. Apenas por acaso me deparei com ele. Eu não podia nem o reconhecer.

Eu disse, “O que aconteceu com você?”

Gudia lembrou-me, dizendo, “É o Shunyo.”

Eu disse, “Foi bom que você lembrou-me; caso contrário eu teria batido nele. Ele parece exatamente com um Chinês. Por que você cortou a barba?” Perguntei-lhe.

Ele disse, “Porque vou praticar em Madras.”

Eu disse, “Meu Deus! É necessário cortar a barba para praticar em Madras?”

De fato, se vocês olharem para a história da medicina, todos os grandes doutores por alguma razão desconhecida têm barba. Talvez eles não tenham tempo para cortá-la, ou talvez eles não têm esposas, então, quem liga? Eu perguntei-lhe, “Quem lhe deu a ideia que para ser um doutor na América você tem que cortar a sua barba? E de Shunyo você tornou-se Doutor Eichling de novo? Você é um gato ou algo do tipo? Eles dizem que um gato tem nove vidas, quantas vidas você tem, Senhor Eichling?”

A casa da minha Nani era realmente shunyo. Ela era tão vazia, como um templo deve ser, e ela a mantinha tão limpa. Gosto de Gudia por muitas razões; uma delas é que ela mantém tudo muito limpo. Ela encontra falhas até em mim! E, naturalmente, se ela encontra uma falha – no que diz respeito à limpeza – sempre concordo com ela. Ela tem a mesma sensibilidade da minha Nani. Talvez um homem não possa ter essa qualidade que uma mulher tem naturalmente. Ver uma mulher suja é muito terrível. Ver um homem sujo é ok, é possível tolerá-lo – afinal de contas, ele é apenas um homem. Mas uma mulher sem perceber mantém a si mesma e seus arredores limpos. E Gudia é inglesa, inglesa legítima. Existem apenas duas pessoas inglesas legítimas, Gudia e Sagar... no mundo inteiro quero dizer.

A minha Nani era tão preocupada com limpeza que, no que diz respeito a ela, Deus estava próximo da limpeza. O dia todo ela estava limpando... para quem? Apenas eu estava lá. Eu vinha à noite; de manhã eu saía. E o dia todo a pobre mulher mantinha-se ocupada com a limpeza.

Uma vez lhe perguntei, “Você não cansa? E ninguém está lhe dizendo para fazer tudo isso.”

Ela disse, “A limpeza ajudou-me muito. Tornou-se quase uma oração. Você é meu convidado. Você não vive mais aqui, vive? – você é um convidado. Tenho que preparar a minha casa para o convidado.” Na Índia eles falam, “O convidado é deus...” Ela disse, “Você é meu deus.”

Eu disse, “Nani, você está louca? Sou seu deus? Você nunca acreditou em nenhum deus.”

Ela disse, “Eu só acredito no amor, e o encontrei. Agora você é o único convidado no meu templo de amor. Tenho que mantê-lo o mais limpo possível.”

A casa dela tornou-se uma hospedaria, não apenas para mim, mas também para os meus convidados. Sempre que Masto vinha, ele costumava ficar na casa dela. E a minha Nani servia qualquer pessoa que eu trouxesse à sua casa como um convidado, como se a pessoa realmente significasse muito para ela.

Eu lhe disse, “Você não precisa ficar tão preocupada.”

Ela disse, “Eles são os seus convidados, então tenho que cuidar, cuidar mais do que eu cuidaria dos meus próprios convidados.”

Eu nunca vi a minha Nani falando com Masto. De vez em quando eu via eles sentados juntos, mas nunca os vi conversando. Era estranho.

Perguntei para Nani, “Por que você não fala com ele? Você não gosta dele?”

Ela disse, “Eu gosto muito dele, mas não há nada a dizer. Não tenho nada a perguntar; ele também não tem nada a perguntar. Simplesmente acenamos com a cabeça e sentamo-nos silenciosamente. Com você eu falo. Tenho que perguntar muitas coisas, e você tem muitas coisas para me dizer. Com você falar é belo.”

Entendi que eles se relacionavam de uma forma diferente. A forma que eu me relacionava com ela era diferente, e certamente não era uma via única. Desde aquele dia a fala tornou-se cada vez mais escassa entre nós, até que finalmente cessou. Então costumávamos sentar-nos por horas. A casa dela era realmente bela. Ela era do lado do rio, e no momento que digo “rio”, algo em meu coração imediatamente começa a cantar músicas.

Nunca verei aquele rio novamente, mas não há necessidade, porque sempre que fecho os meus olhos posso vê-lo. Ouvi dizer que agora o lugar não tem mais a mesma beleza. Nas suas proximidades muitas casas surgiram, lojas abriram; tornou-se um mercado. Não, eu não gostaria de ir até lá. Mesmo se tivesse que ir eu fecharia os meus olhos apenas para ver o lugar belo que era – árvores altas e um pequeno templo... ainda posso ouvir o sino tocando.

Há alguns dias atrás alguém me trouxe alguns sinos, alguns sinos estranhos, os tipos que não são conhecidos na maior parte do mundo. Eles são tibetanos. Apesar de serem feitos na Califórnia, o design é tibetano. Não apenas isso, apesar de terem sido feitos na Califórnia eles certamente foram melhorados. Os sinos tibetanos são ordinariamente crus, mas esses são muito refinados e feitos de vidro. Permitam-me descrevê-los para vocês.

Eles não são como quaisquer outros sinos que vocês possam conceber. Eles são como pratos, muitos pratos enfileirados para que quando o vento os mover eles batam um no outro, e o som realmente vale a pena ser ouvido. Eles são sinos belos. De vez em quando a Califórnia certamente faz algumas coisas belas; do contrário eles são todos *californíacos*. Mas de vez em quando eles fazem alguma coisa realmente boa.

Eu vi muitos tipos de sinos. Um lama tibetano em Kalimpong mostrou-me um sino Tibetano que nunca esquecerei. Vale a pena mencioná-lo a vocês. Talvez vocês nunca verão tal coisa porque esses sinos são partes do Tibete que está desaparecendo. Em breve eles desaparecerão completamente. O sino que vi certamente era estranho.

Eu só tinha visto sinos na Índia e sempre associei a palavra ‘sino’ com o sino indiano. Ele é pendurado no teto e há um pequeno bastão dentro que vocês batem contra o lado do sino. Serve para acordar o deus que continuamente vai

dormir. Posso entender sua beleza – que mesmo Deus deve ser acordado, o que dizer do ser humano. Mas esse sino tibetano era totalmente diferente. Ele tinha que ser colocado no chão, não pendurado no teto.

Eu disse, “É um sino? Não parece um.”

O lama riu, “Espere e verá,” ele disse. “Não é apenas um sino mas um sino especial.”

E ele pegou um pequeno bastão redondo de madeira da sua bolsa. Então começou a esfregar o bastão muitas vezes em torno do suposto sino, que parecia um vaso. Depois de circulá-lo algumas vezes ele bateu no sino em um ponto certo que estava marcado e, estranhamente, o sino repetiu todo o mantra Tibetano, Om Mani Padme Hum. Não pude acreditar quando o ouvi pela primeira vez. Ele repetia o mantra tão claramente.

Ele disse, “Você encontrará esse tipo de sino em todo monastério tibetano, porque nós não podemos repetir o mantra tão frequentemente como deveríamos, mas podemos pelo menos fazer o sino repetir o mantra.”

Eu disse, “Ótimo, então esse não é um sino burro.”

Ele disse, “De maneira alguma. E se você o golpear no lugar errado você descobrirá que ele também grita. Ele repetirá o mantra quando você golpear o lugar certo; caso contrário ele berra e grita, e faz todos os tipos de sons, mas nunca o mantra.”

Eu estive em Ladakh, um país entre a Índia e o Tibete. Talvez agora Ladakh tornar-se-á o país religioso mais importante do mundo, como o Tibete o fora certa vez. O Tibete acabou, assassinado, massacrado. Em Ladakh eu vi os mesmos sinos, mas muito maiores, do tamanho de uma casa. Vocês podem entrar dentro deles, segurar o bastão suspenso e, então, batendo-o nos pontos certos vocês podem criar qualquer mantra que quiserem. É apenas uma questão de conhecer a linguagem do sino. É quase como um computador.

O que eu estava falando, Devageet?

“Você estava falando sobre como Nani nunca costumava falar com Masto, eles apenas sentavam-se silenciosamente...”

Certo, então devemos nos sentar silenciosamente agora... então dez minutos para mim. Pelo amor de Deus – ele existindo ou não – relaxem apenas.

Satyam Shivam Sundaram... Não existo, e vocês estão tentando alcançar-me. Todos podem ver. Vocês veem? Não existo. Continuem por apenas alguns minutos, somente dois minutos, porque estou esperando por algo, então estejam alertas. Sim... Bom...

Não, Devageet. Você seria uma boa esposa, até eu riria, mas não devo.

Pare.

Sessão 36

Eu estava pensando em uma história agora. Não sei quem a criou ou por que, e não concordo com suas conclusões também, mas ainda assim a amo.

A história é simples. Vocês podem tê-la ouvido, mas talvez não a entenderam porque ela é muito simples. Todo mundo acha que entende a simplicidade. É um mundo estranho. As pessoas tentam entender a complexidade, entretanto ignoram a simplicidade pensando que não vale a pena dar atenção a ela. Talvez vocês não prestaram atenção à história, mas quando eu a contar, necessariamente ela voltará para vocês.

As histórias são criaturas estranhas; elas nunca morrem. Elas nunca nascem também. Elas são tão antigas quanto os seres humanos; é por isso que as amo. Se uma verdade não está contida em uma história, esta não é uma história. Então ela pode ser filosofia, teosofia, antroposofia; e não importa quantas “sofias” existam, todas são disparates – escreva disparates, sem um hífen* [NdT. *nonsense*] – puro disparate. Porque ordinariamente a palavra é escrita com um hífen dividindo o “não” de “sentido.” Não vejo nenhum sentido no hífen. Pelo menos remova-o das minhas palavras, exceto quando eu disser que o Zen é sem-sentido; então é claro que o hífen precisa estar ali.

Contei essa história pela primeira vez a Masto, que deveria tê-la ouvido antes, mas não da forma que eu distorço as coisas, ou as crio.

A história é – e estou contando-a a Masto – “Deus criou o mundo, Masto.”

Masto disse, “Ótimo. Você sempre foi contra a filosofia e a religião; o que aconteceu? Esse é o primeiro enigma com o qual todas as religiões começam.”

Eu disse, “Espere, antes de concluir. Não seja tolo de concluir antes de ter ouvido toda a história.”

Masto disse, “Conheço a história.”

Eu disse, “Você não pode a conhecer.”

Ele olhou surpreso e disse, “Isso é alguma coisa. Posso repeti-la se você quiser que eu o faça.”

Eu disse, “Você pode repeti-la, mas isso não significa que você a saiba. Repetição é conhecimento? Um papagaio repetindo os sutras de Buda é um buda, ou, pelo menos, um *bodhisattva*?”

Ele olhou realmente pensativo. Esperei, mas então disse, “Antes que você comece a pensar, ouça a história. O que você sabe não pode ser o mesmo que eu sei, porque não somos o mesmo. Deus criou o mundo. Naturalmente a questão surge, e os Vedas questionam-na exatamente: Por que ele criou o mundo? Os Vedas, nesse sentido, são excelentes. Eles disseram, ‘Talvez até mesmo ele não sabe o porquê’ – e por ‘ele’ eles queriam dizer Deus.”

E posso ver a beleza disso. Talvez tudo surgiu da inocência, não do conhecimento. Talvez ele não estava criando; talvez ele estava apenas brincando, como uma criança faz casas na areia. As crianças sabem para quem as casas são feitas? Elas conhecem a formiga que virá à noite e sentir-se-á quente?

Em hindi, formigas são sempre “elas” – não sei porquê. Elas nunca são pensadas como machos. A verdade é que apenas uma formiga é fêmea, a rainha; todas as outras formigas são machos. É estranho, ou talvez não muito estranho, mas para esconder a verdade eles chamam a formiga de “ela.” Talvez porque a formiga é tão pequena, chamá-la de “ele” seria contra o ego masculino. Eles chamam o elefante de “ele.” Eles chamam o leão de “ele.” Se querem indicar especificamente a elefante fêmea eles chamam-na de um “ela-elefante”, ou uma leoa fêmea como um “ela-leão”, mas, caso contrário o termo de uso geral é masculino. Mas a pobre formiga... e infelizmente a escolhi para a história.

Ele ou ela, quem quer que a formiga seja, filósofa – talvez a formiga não pode ser um “ela”; caso contrário de onde viria a filosofia? Nunca cruzei com uma mulher que filósofa. Conheci muitas mulheres professoras de filosofia, mas, estranhamente, mesmo essas professoras falam apenas de roupas e fotos. Se uma pessoa está presente então elas a elogiam; se está ausente, então a condenam. A filosofia é a última coisa que elas pensam. Como elas conseguem ser professoras não é estranho para mim, embora vocês poderiam pensar que seria. Não, elas podem ensinar porque isso não exige pensamento; na verdade, este é o requerimento mais básico. Se você pensa você não pode ensinar.

Um dos meus professores era o homem mais estranho que cruzei no mundo universitário. Por anos nem mesmo um estudante inscreveu-se em sua aula, pela simples razão que ele sempre começava as suas aulas pontualmente, mas ninguém nunca sabia quando ele terminaria.

No início ele diria, “Por favor não esperem o fim, porque nada no mundo termina. Se vocês quiserem sair, vocês podem, porque no mundo muitos saem, e o mundo ainda assim continua. Apenas não me perturbe. Não pergunte, ‘Posso sair, senhor?’ Ninguém pergunta isso, nem mesmo no momento da morte, então por que vocês perguntariam a um pobre professor de filosofia? Prezados, posso perguntar-lhes por que vocês vieram até aqui em primeiro lugar? Vocês podem sair no momento que quiserem, e falarei até quando eu sentir que as palavras estão vindo.”

Quando cheguei na universidade todo mundo me disse, “Evite aquele homem, Doutor Dasgupta. Ele é simplesmente louco.”

Eu disse, “Isso significa que tenho que encontrá-lo em primeiro lugar. Eu vim em busca de pessoas realmente loucas. Ele é realmente louco?”

Eles disseram, “Realmente louco. Ele é absolutamente louco, e não estamos brincando.”

Eu disse, “Me dá um grande êxtase saber que vocês não estão brincando. Posso fazer isso comigo mesmo. Sempre que preciso eu apenas conto para mim

mesmo belas piadas e rio hilariamente dizendo, ‘Ótimo! Nunca ouvi essa antes.’”

Eles disseram, “Este sujeito parece ser ele próprio louco.”

Eu disse, “Absolutamente certo. Agora me digam onde o Doutor Dasgupta mora.”

Fui até a sua casa e bati na porta. Não havia nem mesmo um empregado. Ele vivia como um deus: sem esposa, sem empregado, sem crianças, totalmente sozinho. Ele me disse, “Você deve ter batido na porta errada. Você sabe que sou o Doutor Dasgupta?”

Eu disse, “Sei. Você sabe quem eu sou?”

Ele era um homem velho, e ele apenas olhou para mim através de seus óculos grossos e então disse, “Como eu poderia conhecê-lo?”

Eu disse, “Eu vim para descobrir.”

Ele disse, “Você quer dizer que não sabe também?”

Eu disse, “Não.”

Ele disse, “Meu Deus! Dois loucos em uma casa! E você é muito mais louco do que eu. Entre, senhor e sente-se.”

Ele era realmente respeitoso. Sem fazer piada ele disse, “Nesta universidade ninguém apareceu para as minhas aulas por três anos. Na verdade eu mesmo parei de ir. Qual o sentido? Dou minhas aulas nessa sala, exatamente onde você está sentado.”

Eu disse, “Isso é realmente belo, mas para quem?”

Ele disse, “Esse é o ponto. De vez em quando também pergunto, ‘para quem?’”

Eu disse, “Inscrever-me-ei para a sua aula, e mesmo assim você não precisa se preocupar em ir até a sala de aula. É quase uma milha da sua casa. Eu posso vir aqui.”

Ele disse, “Não, não, eu irei – isso é parte da minha obrigação. Apenas uma coisa, perdoe-me, mas embora eu possa começar a minha palestra na hora – se é às onze, posso começar às onze – não posso garantir que terminarei quando o sino bater quarenta minutos depois.”

Eu disse, “Posso entender isso. Como o pobre homem que bate o sino a cada quarenta minutos pode entender o que você está fazendo? E não apenas o Sr., o que todos os professores em toda a universidade estão fazendo? Se eles param, então eles são estúpidos. O sino não sabe; o homem que bate o sino não sabe – então por que você deveria parar? Se você faz questão de não parar, então ouça, eu também farei questão, de homem para homem, de golpeá-lo tão forte se você parar, que você pode até não sobreviver.”

Ele disse, “O quê? Você vai me bater?” Ele era um bengali.

Eu disse, “Eu disse apenas metaforicamente. Tocarei sua cabeça levemente, apenas para lembrá-lo que você não precisa se preocupar com o sino.”

Ele disse, “Então está certo. Você não precisa ir para o hotel, você pode viver na minha casa. Ela é muito grande e sou sozinho.”

Naquele dia pensei em Masto. Ele teria gostado daquela casa, e daquele homem com seus olhos contemplativos. Naquele dia também lembrei-me dessa história. Vou contá-la novamente para que vocês possam acompanhar:

Deus criou o mundo. Ele o terminou em seis dias. A última coisa que ele criou foi a mulher. Naturalmente a questão surge: Por quê? Por que ele criou a mulher por último? É claro, as feministas dirão, “Porque a mulher é a criação mais perfeita de Deus.” Obviamente ele a criou depois da sua experiência em criar o homem. O homem é um modelo um pouco mais antigo; naturalmente Deus refinou-o e tornou-o melhor.

Mas os machistas terão outra versão. Eles dizem que Deus criou o homem como sua última criação, mas então o homem começou a fazer questões tais como, “Por que você criou o mundo?” e, “Por que você me criou?” E Deus ficou tão confuso que criou a mulher para confundir o homem. Desde então Deus não ouviu mais nada do homem.

O homem chega em casa com o rabo entre as pernas, sai para comprar bananas e, vagarosamente, torna-se um banana: Sr. Banana, PhD, M. A., D. Litt., etc. Mas basicamente o Sr. Banana está totalmente podre. Por favor não o coma. Nem mesmo olhe dentro da pele; caso contrário você arrepender-se-á e imediatamente dirá, “Pare a roda!” – a roda dos nascimentos e mortes – por que quem quer ser um banana? Mas as bananas podem vestir-se bem, com belas roupas, talvez feitas em Paris. O Sr. Banana pode fazer qualquer coisa. Ele veste uma bela gravata, de modo que não possa nem respirar... os sapatos tão apertados que se você olhar para os pés do Sr. Banana você nunca olhará para sua face.

Nunca gostei de sapatos, mas todo mundo insiste que devo usá-los. Eu digo, “Aconteça o que acontecer, não usarei sapatos.”

O que uso chama-se *chappals* na Índia. Eles não são sapatos realmente, nem mesmo sandálias; eles são a menor cobertura possível. E escolhi o chappal extremo – vocês não podem o reduzir mais. A pessoa que faz os meus chappals, Arpita, sabe que não há outra forma de os fazer mais perfeitamente. Apenas um pouco a menos e os meus pés estariam nus. É apenas o mínimo: apenas uma alça de alguma forma segurando os meus pés ao chappal. Vocês não o poderiam cortar mais.

Por que odeio sapatos? Pela simples razão que eles transformam-no em um banana. É claro que Sr. Banana, Doutor Banana, Professor Banana, todos os tipos de bananas; senhora banana, cavalheiro banana... vocês podem encontrar todas as variedades, mas elas sempre começam dos sapatos.

Vocês já viram as damas vitorianas com seus saltos altos? - tão altos que mesmos os equilibristas que andam em cordas bambas cairiam se tentassem andar neles. Por que eles foram escolhidos? Eles foram escolhidos por uma sociedade muito religiosa, por uma razão muito irreligiosa – pornográfica – porque quando os calcanhares estão altos, as nádegas destacam-se.

Agora ninguém se preocupa com o motivo; até mesmo as damas seguem fazendo-o, pensando serem refinadas. É muito vulgar. Elas estão simplesmente desfilando as suas nádegas de graça, e gostando. E com as roupas apertadas, obviamente elas parecem melhor do que quando estão nuas, porque a pele é, afinal, apenas pele. Se você tem trinta anos de idade, a pele tem trinta anos de idade. Ela viu trinta anos passarem-se, portanto ela não pode ser tão firme quanto um vestido recentemente comprado. E agora os fabricantes estão fazendo milagres: eles estão fazendo as mulheres parecerem tão tentadoras que o próprio Deus comeria a maçã!

Vocês reconhecem o que estou dizendo? Vocês podem levar algum tempo. Nem mesmo Ashu riu. Vai levar algum tempo até assentar. Sim, uma cobra não seria necessária, apenas um vendedor de roupas. Apenas um vestido colado para a Sra. Eva e o próprio Deus teria comido a maçã e seria expulso com a Sra. Eva – pelo menos por uma noite, quero dizer.

Por que Deus criou a mulher depois do homem? O machista diz que o homem é a criação perfeita. Vocês devem ter visto os homens nas esculturas Gregas e Romanas, mas vocês raramente cruzam com um corpo feminino esculpido, apenas homens. Qual era o problema dessas pessoas? Elas não podiam ver nenhuma beleza na mulher?

Elas eram machistas, tanto que louvavam a homossexualidade mais do que a heterossexualidade. Isso soa muito estranho, porque quase vinte e cinco séculos passaram-se desde Sócrates, mas o próprio Sócrates amava homens, não mulheres. Talvez a sua esposa Xântipe criou tantos problemas para ele que ele reagiu exageradamente que esqueceu-se totalmente das mulheres, e começou a amar homens. Talvez existiam outras razões.

Se algum dia eu tiver que psicanalisar Sócrates, então poderei descobrir coisas que ninguém mais nem mesmo pensaria em descobrir. Mas os machistas dizem que Deus criou o homem, e, somente porque o homem estava sozinho e precisava de companhia, Deus criou Eva.

Essa não é a história original. O nome original da mulher não era Eva, o seu nome era Lilith. Deus criou Lilith, mas Lilith criou, desde o primeiro momento, o problema.

Começou assim: A noite estava surgindo, o sol estava se pondo, e eles tinham apenas uma cama, esse era o problema. Eles não tinham tanta sorte como eu, que tenho Asheesh; caso contrário ele teria preparado – mesmo se tivesse sofrendo de enxaqueca – mesmo assim ele criaria uma cama perfeita. Mas Asheesh não estava lá. Na verdade nenhum outro ser humano estava lá...

O meu relógio parou, e no outro dia eu estava falando sobre ele, e ele parou. Vocês sabem que os relógios são temperamentais. Ele parou exatamente naquele mesmo momento. E eu estava falando sobre outro relógio, um relógio metafórico, mas quem vai explicar para esse relógio que eu não estava falando dele? Durante a noite falei para ele muitas vezes, “Ouça, você não precisa parar. Eu não estava falando sobre você – você é um belo relógio...” mas ele não ouviu.

O que eu estava falando?

“Você estava falando sobre Eva não ter uma cama... ou Lilith não ter uma cama, Osho.”

Sim. A briga começou até antes de ir para a cama. Lilith foi certamente a criadora do Movimento de Liberação das Mulheres, sabendo disso ou não. Ela lutou. Ela jogou Adão para fora da cama. Que grande mulher! Adão tentou muitas vezes jogá-la para fora, mas qual era o ponto? Mesmo quando ele conseguia, ela voltava, jogando ele para fora.

Ela disse, “Somente um pode dormir nessa cama. Ela não foi feita para duas pessoas.” Obviamente ela não foi feita para duas pessoas por Deus; não era uma cama de casal.

Eles lutaram a noite toda e de manhã Adão disse a Deus “Eu era perfeitamente feliz...” embora ele não fosse, mas a infelicidade de toda a noite o ajudou a ver o seu passado como muito feliz. Ele disse, “Eu era tão feliz antes dessa mulher chegar.”

E Lilith disse, “Eu também era feliz. Eu não quero existir.” Ela deve ter sido a criadora de muitas coisas. Talvez ela fora a primeira patriarca Zen real, porque ela disse, “Não quero existir. Uma noite é suficiente para uma vida, porque sei que será quase o mesmo toda noite, repetidas vezes. E mesmo se você me der uma cama de casal, qual diferença ela fará? Nós ainda vamos continuar a brigar, porque a questão é, ‘Quem é o mestre?’ Não posso permitir que esse bruto seja o meu mestre.”

Deus disse, “Ok.” Naqueles dias – e aqueles eram os dias do começo de tudo; na verdade era o primeiro dia depois da criação. Deve ter sido um domingo, de acordo com os cristãos. Deus deveria estar em um humor de domingo, porque ele disse, “Ok, fã-la-ei desaparecer.” Lilith desapareceu, e então Deus criou Eva da costela de Adão.

Foi a primeira operação, Devaraj, por favor note. Deus foi o primeiro cirurgião, reconhecendo-o ou não a Sociedade Real, não importa. Ele fez um grande trabalho. Nenhum outro cirurgião foi capaz de fazer o mesmo desde então. De apenas uma costela ele criou a mulher. Mas é insultante, e odeio a história. Não é a forma que Deus deve comportar-se. Apenas uma costela...!

E então há o resto da história. Toda noite Eva conta as costelas de Adão antes de ir dormir, para ter certeza que todas as outras costelas ainda estão lá e que não existe nenhuma outra mulher no mundo. Então ela pode dormir bem.

Estranho... se existirem outras mulheres, por que ela não pode dormir bem? Mas não gosto desse final da história. Em primeiro lugar esse final é machista; em segundo lugar, muito herege; em terceiro lugar, muito sem imaginação e factual. As coisas devem ser apenas indicadas.

Masto me perguntou, “Qual é a sua conclusão?”

Então eu disse, “A minha conclusão é que Deus criou o homem primeiro porque ele não queria nenhuma interferência enquanto estava criando.” Isso é um ditado muito comum no Oriente. Ele não tem nada a ver comigo, mas o amo tanto que posso quase reivindicá-lo como meu. Se o amor puder fazer alguma coisa por si só, então ele é meu. Não sei quem o disse pela primeira vez, e não preciso saber também.

Eu também disse a Masto, “Desde então nada foi ouvido de Deus. Você tem alguma notícia do pobre velho? Ele se aposentou? Ele esqueceu da sua criação? Ele não tem amor e compaixão por aqueles que criou?”

Masto disse, “Você sempre cria essas questões estranhas dessas histórias absurdas, e então você as faz soarem sensatas. Pergunto-me se um dia você tornar-se-á um escritor de histórias.”

Eu disse, “Nunca. Pessoas muito mais talentosas estão engajadas nesse trabalho. Sou necessário em algum outro lugar onde ninguém mais parece estar interessado, porque estou pensando em estar interessado apenas em Deus.”

Masto ficou chocado. Ele disse, “Em Deus? Eu pensava que você não acreditava nele.”

Eu disse, “Não acredito, porque conheço, e conheço tão profundamente que mesmo se eu cortar a minha cabeça, ainda assim eu falarei, ‘eu conheço.’ Posso não ser...certa vez eu não era... Ele era e ele será.”

Na verdade dizer “ele” não está certo. No Oriente nós dizemos “isto”* [NdT. *it*], e isso soa perfeito. ISSO escrito com letras maiúsculas dá um significado real às palavras de Buda, às declarações de Lao Tsé, às orações de Jesus. “Ele” é novamente orientado pelo masculino, e “ele” também não é “ela”.

Ouvi dizer... vocês podem não ter ouvido ainda, porque isso pertence ao futuro. É uma história do futuro. O papa Polaco morre, e vai para o céu, é claro. Ele corre para ver Deus, muito rápido ele entra e sai ainda mais rápido – chorando. São Pedro, Paulo, Tomás e todos os outros santos reúnem-se e dizem, “Não chore, não lamente. Você é um bom homem e entendemos os seus sentimentos.”

O papa gritou, “O que vocês entendem? Vocês sabiam, em primeiro lugar, que ele não é nem um homem branco, que ele é negro? E, em segundo lugar, ainda pior: ele nem é ele, ele é ela!”

Deus não é nem ele nem ela – mas os polacos são polacos. Vocês podem torná-los papas, mas isso não faz qualquer diferença. Deus criou o mundo, não de acordo com os pontos de vista machistas ou feministas. As suas visões são totalmente opostas.

Ele criou a mulher como o modelo perfeito, e certamente todo artista acredita que ela é o modelo perfeito. Se vocês verem pinturas delas, vocês também acreditarão que ela é o modelo perfeito. Mas por favor pare aí. Não toque uma mulher real. As pinturas tudo bem, as estátuas também, mas uma mulher real é tão imperfeita quanto ela deve ser.

Não quero dizer nada depreciativo com isso. A imperfeição é a própria lei da vida. Apenas as coisas mortas são perfeitas. A vida é, necessariamente, imperfeita. As mulheres são imperfeitas, os homens são imperfeitos; e quando duas imperfeições se encontram, vocês podem imaginar qual será o resultado.

“Essas são as minhas conclusões,” eu disse a Masto, “que Deus criou o homem, e o homem começou a fazer questões filosóficas. Deus criou a mulher para manter o homem ocupado.” Desde então o homem tem comprado bananas e no momento em que chega em casa ele está tão cansado que embora a esposa queira discutir grandes coisas, ele só quer esconder-se atrás do *The Times* ou qualquer outro jornal. Ele é mantido continuamente em movimento pela mulher: “Faça isso, faça aquilo.”

É estranho que o trabalho de professor seja dado às mulheres, apesar de elas não serem permitidas em muitos trabalhos. Talvez haja uma lógica nisso. É bom limitar os pobres garotos antes que seja muito tarde, e depois disso eles sempre tremerão perante a mulher, continuamente com medo. Desde então Deus tem desfrutado olhar para todo o disparate que está ocorrendo no mundo que criou em seis dias.

Os Budas estão tentando lhes dar um vislumbre daquele mundo de relaxamento que existia antes do mundo e de todos os seus problemas começarem. Ao sair para fora da corrente você de repente começa a rir; com Deus ou sem Deus, é apenas uma história. Eu disse a Masto, “A menos que alguém dê um passo para fora da corrente mundana da vida...”

Eu queria falar adeus a esse homem, mas é bom que eu não consiga. Muitas coisas ainda estão relacionadas a ele, e qualquer coisa pode refletir muitas outras coisas. A vida é sempre simples e complexa, ambas – simples como uma gota de orvalho, e também tão complexa como uma gota de orvalho, porque a gota de orvalho pode refletir o céu inteiro, e ela contém também todos os oceanos. E certamente ela não durará para sempre... talvez apenas alguns minutos, e então foi-se para sempre. Enfatizo o *para sempre*. Então não há como voltar com todas aquelas estrelas e oceanos.

Muito está envolvido com Masto...

Sempre que eu queria chorar eu pedia para Masto tocar a sua vina. Era fácil, nenhuma explicação era necessária; ninguém perguntaria por que você está chorando. A vina simplesmente agita as suas profundezas. Mas foi a teimosia dele que me fez contar-lhes aquela história, porque ele costumava me dizer, “A menos que você me conte uma história não vou tocar.” Contei-lhe a história, e agora é a hora dele tocar... mas só eu posso ouvir. É melhor ainda que somente eu possa ouvir.

Apenas dez minutos para que eu a ouça. Estou desfrutando-a tanto quanto Adão deve tê-la desfrutado.

Quantos minutos estivemos nesse procedimento de carro de boi? Alguém pode entender?

“Sempre, Osho.”

Então apenas um minuto, e vocês podem parar.

Isso é bom. Ninguém nunca deveria querer continuar qualquer coisa tão bela; é preciso ser capaz de terminá-la também. Sei que vocês podem continuar, mas não – o meu doutor proíbe-me de comer demais qualquer coisa. Ele quer que eu reduza o meu peso, e se eu comer a dieta de vocês, então Jesus...!

Vocês podem terminar agora.

Sessão 37

Ok. Estamos apenas no segundo dia da minha escola primária. Será assim. Todo dia muitas coisas se abrem. Não terminei nem o segundo dia ainda. Hoje farei o meu melhor para terminá-lo.

A vida é interconectada; vocês não podem a cortar em pedaços nítidos. Ela não é uma peça de roupa. Vocês não a podem cortar de maneira alguma, porque no momento em que vocês a cortam de todas as suas conexões ela não será mais a mesma. Ela se torna algo morto, sem respiração. Quero que ela tome o seu curso próprio, não quero nem direcionar, porque não a direcionei em primeiro lugar. Ela tomou o seu curso próprio, sem ser guiada.

Na verdade eu odiava os guias e ainda os odeio, porque eles os impedem de fluir com o que existe. Eles direcionam, o negócio deles é apressar vocês até o próximo ponto. O trabalho deles é fazer vocês sentirem que conheceram. Nem eles conheceram, nem vocês.

O conhecimento só vem através da vida não guiada, não dirigida. Esta é a forma que vivi e ainda vivo.

É um destino estranho. Desde a minha mais tenra infância eu soube que aquela não era a minha casa. Era a casa do meu Nana, e meu pai e mãe estavam longe. Eu esperava que talvez a minha casa seria a deles, mas não, era apenas uma grande casa de convidados, com meus pobres pai e mãe servindo-os continuamente, sem nenhuma razão – pelo menos para mim não parecia haver nenhuma.

Novamente eu disse para mim mesmo, “Esta não é a casa que estou procurando. Agora, para onde ir? O meu avô está morto, então não posso voltar para aquela casa.” Era a casa dele e, sem ele, só a casa não fazia sentido. Se a minha Nani tivesse voltado haveria algum sentido, noventa e nove por cento pelo menos, mas ela recusou-se a ir.

Ela disse, “Fui até lá por ele, e se ele não está lá então não há outra razão para retornar. É claro que se ele voltar eu estou pronta, mas se ele não voltar, se ele não puder manter a sua promessa, por que eu me preocuparia com a sua casa e propriedade? Elas nunca foram minhas. Sempre há alguém que pode cuidar dessas coisas. Não fui feita para isso. Não fui por causa delas em primeiro lugar, não vou retornar por causa delas.”

Ela recusou tão totalmente que aprendi como recusar... e aprendi como amar. Depois de deixar aquela casa ficamos alguns dias com a família do meu pai. Certamente não era somente uma família, mas mais uma reunião de tribos, muitas famílias; talvez um tipo de *mela*, uma feira. Mas só ficamos poucos dias. Aquela também não era a minha casa. Fiquei ali apenas para dar uma olhada nela, então me mudei.

Desde então, em quantas casas eu já vivi? É praticamente impossível para vocês imaginarem que em quase cinquenta anos de vida eu tenho apenas me mudado de casas, sem fazer nada além disso. É claro que a grama estava crescendo – eu estava me mudando de casa, sem fazer nada, e a grama estava crescendo. Mas todo o crédito vai para o “nada,” não para mim me mudando de casa.

Depois disso mudei-me para a casa da minha Nani, e então para a casa de um dos meus tios – a casa do marido da irmã do meu pai – onde fui para estudar depois da matrícula. Eles pensaram que seria apenas por alguns poucos dias, mas esses dias provaram-se mais longos do que pensaram. Nenhum hotel estava pronto para aceitar-me porque os meus registros eram tão belos! Os comentários dados por todos os meus professores e, particularmente pelo diretor, realmente valeriam a pena serem preservados. Todos me condenaram tanto quanto era permitido em um certificado.

Eu disse para eles em suas faces, “Isso não é um certificado de caráter, é um assassinato de caráter. Por favor escreva um PS. que, ‘Chamo esse documento um assassinato de caráter.’ A menos que você o escreva não vou o pegar.” Eles tinham que escrever.

Eles me disseram, “Você não é apenas provocador mas perigoso também, porque agora você pode nos processar.”

Eu disse, “Não tenha medo. Na minha vida muitos vão me processar nos tribunais; eu nunca processarei ninguém.”

Não processei ninguém, embora eu pudesse fazê-lo muito facilmente, e centenas teriam sido punidos.

Eu estava falando que nunca tive uma casa. Até mesmo esta casa não posso chamar de minha. Da primeira à última – talvez esta não seja a última, mas qualquer que seja a última, não a poderei chamar de *minha* casa. Apenas para esconder o fato chamo-a de Casa Lao Tsé. Lao Tsé não tem nada a ver com ela.

E conheço o homem. Sei que se ele me encontrasse – e um dia um encontro necessariamente deve ocorrer – a primeira coisa que ele vai perguntar será, “Por que você chamou a sua casa de ‘Casa Lao Tsé’?” Naturalmente, a curiosidade de uma criança – e ninguém pode ser mais inocente que Lao Tsé, nem Buda, nem Jesus, nem Maomé e certamente não Moisés. Um judeu sendo inocente? Impossível!

Um judeu já nasce empresário, com um terno, simplesmente deixando a casa e indo fazer compras. Ele já vem pronto. Moisés? – certamente não. Mas Lao Tsé, ou se vocês quiserem alguém ainda mais inocente que Lao Tsé, então o seu discípulo, Chuang Tzu... Para ser um discípulo de Lao Tsé é necessário ser mais inocente do que Lao Tsé ele próprio. Não há outra forma.

Confúcio foi simplesmente recusado. Em poucas palavras, Lao Tsé lhe disse, “Saia e suma para sempre – e lembre-se, não retorne a esse local novamente.” Não realmente com essas palavras, mas essa foi a própria essência

do que Lao Tsé disse a Confúcio, o homem mais erudito daquela época. Confúcio não poderia ser aceito. Mas Chuang Tzu era até mais louco que Lao Tsé, o seu mestre. Quando Chuang Tzu veio, Lao Tsé disse, “Ótimo! Você está aqui para ser meu mestre? Você pode escolher: ou você pode ser meu mestre, ou posso ser o seu mestre.”

Chuang Tzu replicou, “Esqueça isso tudo! Por que não podemos apenas ser?”

E foi desse jeito que eles permaneceram. É claro que Chuang Tzu era um discípulo e muito respeitável em relação ao mestre; ninguém poderia competir com ele. Mas foi dessa forma que eles começaram – com ele dizendo, “Nós não podemos esquecer toda essa bobagem?” Adiciono a palavra ‘bobagem’ para deixar a sentença exatamente como ela deve ter sido. Mas isso não significa que ele não era respeitoso. Mesmo depois disso, Lao Tsé riu e disse, “Maravilha! Eu estava esperando por você.” E Chuang Tzu tocou os pés do mestre.

Lao Tsé disse, “O quê!”

Chuang Tzu disse, “Não traga nada entre nós. Se eu sentir que devo tocar os seus pés, então ninguém pode me impedir, nem você nem eu. Nós temos apenas que observá-lo acontecendo.”

E eu tive que observar isso acontecendo, mudando-me de uma casa para outra. Posso lembrar-me de centenas de casas, mas nenhuma que eu pudesse ter dito, “Esta é minha casa.” Eu estava esperando, talvez esta... isso aconteceu por toda a minha vida: “Talvez a próxima.”

Ademais... vou contar-lhes um segredo. Ainda espero ter uma casa em algum lugar, talvez... “Talvez” é a casa. Toda a minha vida eu esperei em tantas casas que a casa real viesse. Ela sempre parecia estar virando a esquina. Mas a distância permaneceu a mesma: ela sempre permaneceu virando a esquina. Posso vê-la novamente...

Sei que nenhuma casa será minha. Mas saber é uma coisa: de vez em quando, algo que só pode ser chamado de “ser” o recobre. Chamo isso de “onisciência”; e, nesses momentos, novamente estou procurando pela “a casa.” Eu disse que ela pode ser chamada apenas de “talvez”; quero dizer que esse é o nome da minha casa. Sempre acontecerá, mas nunca realmente acontece... sempre prestes a acontecer.

Da casa da minha Nani mudei-me para a casa da irmã do meu pai. O marido, ou seja, o cunhado do meu pai, não queria muito. Naturalmente, como ele poderia querer? Eu concordava perfeitamente com ele.

Até mesmo se eu estivesse em seu lugar eu não iria querer também. Não apenas não querer, mas não querer com teimosia, por que quem aceitaria um encenqueiro desnecessariamente? Eles não tinham filhos, então viviam realmente felizes – embora, na verdade, eles eram muito infelizes, sem saber quão “felizes” aqueles que tem filhos são. Mas não havia outra forma deles saberem também.

Eles tinham um belo bangalô, com mais quartos além do quarto do casal. Ele era grande o suficiente para comportar várias pessoas. Mas eles eram pessoas ricas, eles podiam arcar. Não era um problema para eles cederem a mim apenas um quarto pequeno, embora o marido estava, sem dizer uma palavra, relutante. Recusei a me mudar.

Permaneci do lado de fora da casa deles com a minha pequena maleta e disse a irmã do meu pai que, “O seu marido está relutante em ter-me aqui, e a menos que ele esteja disposto seria melhor para mim viver na rua do que na casa dele. Não posso entrar a menos que eu seja convencido que ele estará feliz em ter-me. E não posso prometer que não serei um problema para vocês. É contra a minha natureza não estar em problemas. Não posso fazer nada.”

O marido estava escondido atrás da cortina, ouvindo tudo. Ele entendeu uma coisa pelo menos, que valeria a pena dar uma chance para o menino.

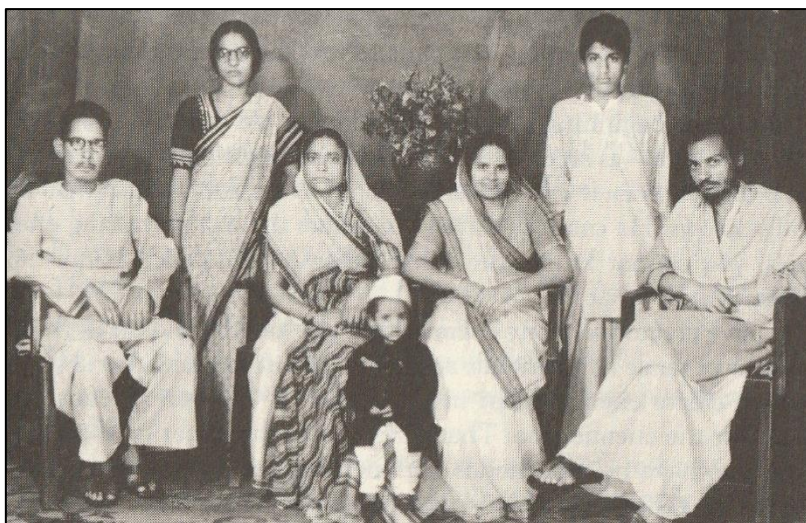
Ele saiu e disse, “Vou te dar uma chance.”

Eu disse, “É melhor você aprender desde o começo que eu estou te dando uma chance.”

Ele disse, “O quê!”

Eu disse, “O significado vai tornar-se mais claro lentamente. Ele entra em crânios grossos muito lentamente.”

A esposa ficou chocada. Posteriormente ela me disse, “Você não deveria dizer tal coisa para o meu marido, porque ele pode te pôr para fora. Não posso o impedir; sou apenas uma esposa, e uma esposa sem filhos.”



OSHO (EXTREMA DIREITA) COM A IRMÃ DO SEU PAI (SEGUNDA DA DIREITA PARA A ESQUERDA) E SEU MARIDO (EXTREMA ESQUERDA)

Ora, vocês não podem entender... Na Índia uma esposa sem filhos é considerada uma maldição. Ela própria pode não ser responsável – e sei

perfeitamente bem que este sujeito era o responsável, porque os doutores me disseram que ele era impotente. Mas na Índia, se você é uma mulher sem filhos...

Primeiro, apenas ser uma mulher na Índia, e então não ter filhos! Nada pior pode acontecer com qualquer um. Ora, se uma mulher não tem filhos, o que ela pode fazer? Ela pode ir a um ginecologista... mas não na Índia! O marido casar-se-ia com outra mulher.

E a lei indiana, obviamente feita por homens, permite que um marido se case com outra mulher se a primeira esposa permanece sem filhos. Estranho, se duas pessoas estão envolvidas na concepção de uma criança, então, naturalmente, duas pessoas estão envolvidas na não-concepção também. Na Índia, duas pessoas estão envolvidas na concepção, mas na não-concepção apenas uma – a mulher.

Vivi naquela casa e, naturalmente, desde o começo, um conflito, uma corrente sutil surgiu entre eu e o marido, e ela continuou a crescer. Ela entrou em erupção de muitas formas. Primeiro, cada e toda coisa que ele dizia na minha presença eu imediatamente o contrariava, qualquer que fosse a coisa. O que ele dizia era imaterial. Não era uma questão de certo ou errado: era ele ou eu.

Desde o começo a maneira que ele olhava para mim decidiu como eu deveria olhar para ele – como um inimigo. Ora, Dale Carnegie pode ter escrito *Como Ganhar Amigos e Influenciar as Pessoas*, mas não acho que ele sabe realmente. Ele não pode saber. A menos que você conheça a arte de criar inimigos, você não pode conhecer a arte de criar amigos. Nisso sou imensamente afortunado.

Criei tantos inimigos que certamente devo ter feito alguns poucos amigos, pelo menos. Sem criar amigos não é possível criar inimigos; esta é a lei básica. Se você quer amigos, prepare-se para os inimigos também. É por isso que muitas pessoas, a maioria, decidem não ter nem amigos nem inimigos, mas apenas conhecidos. Supostamente essas são as pessoas com um senso comum; na verdade elas realmente têm um senso incomum. Mas não tenho isso, não importa a maneira que é chamado. Criei tantos amigos quanto inimigos; na verdade, na mesma proporção. Posso contar com ambos os lados. Ambos são confiáveis.

O primeiro, é claro, foi o seu guru. No momento que ele entrou na casa eu disse à irmã do meu pai, “Este homem é o pior que já vi.”

Ela disse, “Cale a boca. Fique quieto. Ele é o guru do meu marido.”

Eu disse, “Que seja, mas me diga: estou certo ou não?”

Ela disse, “Infelizmente você está, mas fique quieto.”

Eu disse, “Não posso ficar quieto. Temos que confrontar-nos.”

Ela disse, “Eu sabia que uma vez que esse homem chegasse haveria problemas.”

Eu disse, “Ele não é responsável; eu sou o problema. No dia em que vocês me aceitaram, lembre-se, eu disse ao seu marido, ‘Lembre-se, você pode aceitar-

me, mas você está aceitando um problema.’ Agora ele saberá o que eu queria dizer. Há coisas que só o tempo pode revelar; um dicionário é inútil.”

No momento em que ele se sentou, pomposamente é claro, toquei a sua cabeça. Ora, aquele era o começo, apenas o começo. Os meus parentes todos se reuniram e disseram, “O que você está fazendo? Você sabe quem ele é?”

Eu disse, “Eu fiz isso apenas para saber quem ele é. Eu estava tentando medi-lo, mas ele é muito superficial. Ele não chega nem em seus próprios pés, foi por isso que toquei a sua cabeça.”

Mas ele estava enfurecido, pulando, chorando e gritando, “Isso é um insulto!”

Eu disse, “Estou simplesmente citando o seu livro.” Ele havia publicado um livro há pouco tempo no qual dizia, “Quando alguém o insulta, fique em silêncio, não se desequilibre.”

Ele então falou, “O que você disse sobre o meu livro?”

Aquilo me ajudou um pouco, então falei, “Sente-se na sua cadeira, embora você não a mereça.”

Ele disse, “De novo! Você está disposto a insultar-me?”

Eu disse, “Não estou disposto a insultar ninguém. Estou apenas pensando na cadeira.”

Ele era tão gordo que a pobre cadeira estava apenas mantendo-se. A pobre cadeira estava na verdade chorando e fazendo barulhos.

Eu disse, “Estou apenas falando da cadeira. Não me preocupo com você, mas me preocupo com a cadeira porque depois terei que utilizá-la. Na verdade é a minha cadeira. Se você não se comportar, você terá que desocupá-la.”

Isso foi como colocar fogo em uma bomba. Ele pulou, gritando vulgaridades e disse, “Sempre soube que no momento em que esta criança entrou nessa casa ela não seria mais a mesma.”

Eu disse, “Pelo menos isso é verdade. Sempre que houver a verdade sempre concordarei, mesmo com um inimigo. A casa não é mais a mesma, isso é verdade. Vá em frente, diga-nos por que ela não é mais a mesma.”

Ele disse, “Porque você é ateu.”

Na Índia a palavra para ateu é *nastika*, que é uma bela palavra. Ela não pode ser traduzida como “ateu,” embora esta seja a única tradução disponível. *Nastika* simplesmente significa “alguém que não acredita.” Ela não diz nada sobre o objeto da crença ou descrença. Ela é tremendamente significativa, pelo menos para mim. Eu gostaria de ser chamado de *nastika*, “alguém que não acredita,” porque apenas os cegos acreditam. Aqueles que podem ver não precisam acreditar.

A palavra indiana para crente é *astika*; como “teísta” ela lhe dá exatamente o sentido de “o crente.” Na linguagem indiana um teísta é chamado *astika* – aquele que acredita, o crente.

Nunca fui um crente e ninguém que tem qualquer inteligência pode um dia ser um crente. A crença é para os imbecis, os retardados, os idiotas, etc – e é uma comitiva grande; na verdade a maioria.

Ele me chamou de *nastika*.

Eu disse, “Mais uma vez concordo, porque isso descreve a minha atitude em relação à vida. Talvez ela sempre descreverá a minha atitude em relação à vida, porque acreditar é limitar. Acreditar é ser arrogante; acreditar é acreditar que você sabe.”

Ser *nastika* simplesmente diz, “Eu não sei.” É exatamente a palavra ‘agnóstico’, “aquele que não acredita.” Ele não pode nem dizer que não acredita; na verdade o agnóstico simplesmente permanece com um ponto de interrogação. Um ser humano com um ponto de interrogação, esse é um agnóstico.

Carregar a cruz de alguém não é muito difícil, particularmente se ela for feita de ouro e cravejada com diamantes, e estiver pendurada ao redor do seu pescoço. É tão fácil. Era difícil para Jesus. Não era um drama; era uma cruz real. E Jesus não era um cristão – e os judeus estavam realmente com raiva. Ordinariamente os judeus são pessoas gentis e quando as pessoas gentis ficam com raiva então algo sórdido necessariamente deve ocorrer, porque todas as pessoas gentis reprimem sua sordidez. Quando esta explode, é uma explosão atômica! Os judeus são sempre gentis; esta é a sua única falha.

Se eles tivessem sido um pouco menos gentis, Jesus não precisaria ir para a cruz. Mas eles eram tão gentis, eles tinham que crucificá-lo. Eles estavam realmente crucificando a si próprios. O seu próprio filho, o seu próprio sangue – e não um filho ordinário, o seu melhor. Os judeus não produziram, nem antes nem depois, qualquer um que se assemelhasse, ou nem mesmo se aproximasse de Jesus. Eles deveriam ter amado o homem, mas eram gentis, esse era o problema. Eles não o puderam perdoar.

Estive com muitos santos, supostos é claro, poucos realmente sagrados, mas eu não os chamaria de santos. A palavra caiu na companhia errada e tornou-se sórdida. Eu não chamaria Pagal Baba de santo, nem Magga Baba, nem Masta Baba – apenas sábios. Sagrados certamente, mas não da forma ordinária que as pessoas pensam dos santos.

O guru do meu tio, Hari Baba, era considerado um santo. Eu disse a ele, “Você não é nem um Baba, nem um Hari. Hari é o nome de Deus; por favor mude o seu nome para alguma coisa que se aplique a você. Baba também não lhe faz referência. Olhe no dicionário e encontre algo que faz algum sentido.” O conflito começou e continuou. Contarei para vocês dele depois.

Dessa casa mudei-me para o hotel da universidade, então para uma pequena casa quando fui trabalhar. Mas a casa era pequena, e a família tão boa

que eu me sentia continuamente envergonhado, porque eu podia até ouvir o que eles estavam dizendo na cama deles. Ora, não é certo, mas no meio da noite eu tinha que dizer, “Por favor, desculpem-me, posso ouvi-los.”

Eles ficaram, é claro, muito chocados. De manhã disseram, “Você terá que deixar a casa.”

Eu disse, “Eu sei. Olhem, já empacotei tudo.” Eu havia empacotado. Na verdade eu trouxe um veículo, e as minhas coisas já estavam sendo carregadas.

Eles disseram, “Isso é estranho, nós ainda não dissemos nada para você.”

Eu disse, “Vocês podem não ter me falado nada, mas ouvi tudo que você estava falando para sua esposa na cama. A parede é tão fina. Não é sua culpa. O que você pode fazer? Mas o que posso fazer também? Tentei muito não os ouvir.”

E vocês sabem que até mesmo hoje eu tenho que dormir com protetores auriculares. Esses protetores começaram depois daquela noite. Já faz muito tempo – deve ter sido em 1958, ou talvez no final de 1957, algum momento em torno disso. Comecei a usar protetores auriculares apenas para não ouvir o que não era para mim. Aquilo tinha me custado uma casa, mas parti imediatamente.

Estive continuamente partindo, sempre fazendo as malas para a nova casa. De uma forma foi bom; caso contrário eu não teria mais nada para fazer, apenas fazer as malas e então desfazê-las, então novamente fazer as malas e desfazê-las. Isso me deixa mais ocupado do que qualquer outro buda anterior, e mais inofensivo. Eles também estavam ocupados, mas a ocupação deles implicava os outros.

A minha ocupação sempre foi, em um certo sentido, pessoal. Mesmo se milhares de pessoas estão comigo ainda assim é uma relação um a um entre você e eu. Não é uma organização, e nunca poderá ser. Certamente por questões gerenciais ela deve funcionar como uma organização, mas com relação aos meus sannyasins, cada um deles está relacionado comigo, e apenas comigo, não através de outra pessoa.

Sou um homem muito desocupado. Não posso dizer desempregado, por isso utilizei a palavra ‘desocupado’, porque alegro-me com ela. Não estou me candidatando a nenhum emprego. Terminei com toda essa história de emprego; estou apenas desfrutando. Mas, para desfrutar, um certo ambiente é necessário. É isso o que estou criando.

Toda a minha vida estive criando-o, gradualmente, passo a passo. Falei várias vezes sobre a nova comuna. É apenas para lembrar a mim mesmo, não vocês, para que eu não esqueça a nova comuna – porque no momento em que eu a esquecer, posso não acordar na manhã seguinte.

Gudia esperará... vocês correrão; sim, vi-os chegando, quase correndo. Vocês esperarão, mas eu não virei porque terei perdido o único fio que estava me segurando.

E isso sempre aconteceu. De Gadarwara mudei-me para Jabalpur. Em Jabalpur mudei de casa tantas vezes que todo mundo perguntava se era meu hobby, mudar de casas.

Eu disse, “Sim, isso o ajuda a conhecer muitas pessoas em diferentes locais, e amo ser conhecido.”

Eles disseram, “É um hobby estranho, e muito difícil também. Apenas vinte dias se passaram e você já está mudando novamente.”

E de Jabalpur finalmente para Mumbai... Em Mumbai também eu me mudava de um lugar para o outro. Isso continuou até eu acabar aqui. Ninguém sabe onde será o próximo lugar.

Começou com a minha escola, e é apenas o meu segundo dia. A vida é tão multidimensional. Quando digo multidimensional pode parecer absurdo porque apenas ‘multidimensional’ já a compreende. Por que chamá-la de *tão* multidimensional? A vida é multi-multidimensional.

Vocês devem estar famintos, e os fantasmas famintos são pessoas perigosas. Apenas dois minutos para mim...

Termine agora.

Sessão 38

Ok. Quero contar-lhes uma verdade simples, talvez esquecida por sua simplicidade; e nenhuma religião pode praticá-la porque no momento em que vocês se tornam parte de uma religião vocês não são mais simples, nem religiosos. Quero contar apenas uma coisa simples que aprendi do jeito difícil. Talvez vocês a estejam conseguindo bem barata, e o simples é geralmente confundido com o barato. Ela não é barata de maneira alguma; é a coisa mais cara possível porque é preciso pagar com a própria vida por essa simples verdade. É a renúncia, confiança.

Naturalmente vocês entenderão a confiança errado. Quantas vezes eu lhes disse? Sim, devo ter lhes dito um milhão de vezes, mas vocês ouviram pelo menos uma? Há poucas noites a minha secretária estava chorando, perguntei por quê.

Ela disse, “A razão pelas minhas lágrimas é que você confia muito em mim, e não sou digna disso. Isso é tão insuportável.”

Eu disse, “Confio em você. Agora se você quiser chorar de novo, você pode chorar mais uma vez. Se quiser rir, pode rir.”

Ora, isso é certamente difícil para ela. Ela me entende, mas as suas lágrimas não eram contra mim, elas eram por mim. Disse-lhe, “O que você pode fazer? No máximo você pode dizer-me para deixar essa casa. Qualquer um dessa casa que quiser vir comigo virá; caso contrário vou sozinho. Sozinho eu vim, sozinho terei que ir. Ninguém pode me acompanhar na jornada real. Enquanto isso você pode jogar todos os tipos de jogos para passar o tempo.”

Ela olhou para mim. As suas lágrimas secaram, mas elas ainda estavam em suas bochechas. Por um momento eu soube o que havia em sua mente.

Eu lhe disse, “Você está pensando que agora você pode enganar-me. Ok, você não encontrará uma oportunidade melhor.”

Ela começou a chorar de novo e caindo aos meus pés disse, “Não, não, não quero te enganar. É por isso que eu estava chorando. Não quero te enganar.”

Eu disse, “Então por que a ideia? Se você não quer, e eu não quero que você o faça também, então por que você está gastando o nosso tempo? Se você quiser me enganar, estou disponível. Na verdade eu deveria chorar por você porque desde o início não fui nada além de um problema. E ainda sou um problema, não para mim mesmo – eu mesmo não existo de maneira alguma, então a questão não surge. Mas aos outros que existem, e que existem muito... quanto mais eles existem, mais problemática é a vida deles. Mas você está com um homem que não existe, e, no que diz respeito a ele, ele não tem problemas. E se ele puder confiar em você, a existência é suficiente para cuidar de você.”

Mas ninguém parece estar interessado na existência – há um interesse por tudo, exceto pela existência.

Isso traz Masto de volta. Esse sujeito Masto pode entrar em qualquer lugar – solicitado, não solicitado, convidado, não convidado. Ele era tão interessante que, convidado ou não, todo mundo levantaria para recebê-lo. Masto surge de novo. É apenas um velho hábito que é muito difícil de curar.

Agora o pobre Devageet simplesmente escreve as suas notas, e ele o faz perfeitamente. De vez em quando checo perguntando, “O que eu estava falando?” e ele me lembra exatamente o que eu estava dizendo. Ele faz o seu trabalho e, porque está tão cheio de amor por mim ele não resiste em suspirar e respirar como se algo que ele nunca acreditou que pudesse acontecer tivesse acabado de ocorrer – e ainda assim ele não pode acreditar. E a minha dificuldade é que penso que ele está dando risinhos! Ele não está dando risinhos, apenas o som da sua respiração excitada me faz sentir que ele está dando risinhos.

Ele me escreveu sobre isso. Sei disso, mas sempre que ele o faz – também sou teimoso – imediatamente a palavra que vem até mim é risinho. Então novamente ele está dando risinhos. Isso também é um velho hábito de quando fui professor. E vocês podem entender: um professor é, sobretudo, um professor, e ele não pode permitir risinhos em sua aula. Não me importo com isso agora, desfruto-o.

Na minha aula havia mais meninas do que meninos, então havia muitos risinhos. E vocês me conhecem: meninos ou meninas, não importa; ainda compartilho as piadas. Mas se o risinho está fora de lugar, então a pessoa necessariamente terá problemas. Logo após a piada existe um momento que o permitirei, mas não fora de lugar. Se o risinho vier fora do lugar então pegarei a pessoa no flagrante. Tal risinho não foi por causa de qualquer piada, ele ocorreu apenas por causa que os meninos e as meninas estavam juntos – a velha história de Adão e Eva. “Saíam, vocês dois!” Foi isso que Deus falou. “Saíam do Jardim do Éden!”

Ele deve ter sido o típico professor antigo. E essa serpente deve ter sido apenas um velho servo que serviu muitos Adões e Evas, ajudando-os de todas as maneiras possíveis, talvez enviando cartas um para o outro, etc. É melhor não mencionar as outras coisas. É claro que não há nenhuma dama aqui, nem cavalheiros também. Mas apenas no caso de alguém ser um cavalheiro fingindo não ser, ou uma dama fingindo não ser, então haveria uma dor desnecessária. Não quero causar dor a ninguém.

Lembro-me da minha primeira palestra... Vê como as coisas acontecem nessa série? Foi no colegial. Todos os colégios do distrito enviaram um palestrante. Fui escolhido para ser o representante da minha escola, não porque eu era o melhor – não posso dizer isso – mas apenas porque eu era o mais encrenqueiro. Se eu não fosse escolhido haveriam problemas, isso com certeza. Então decidiram escolher-me, mas eles não sabiam que qualquer lugar onde estou os problemas começam de alguma forma.

Comecei o discurso sem a praxe de dirigir-se para o “Senhor Presidente, Damas e Cavalheiros...” Olhei o presidente de cima para baixo e disse para mim

mesmo, “Não, ele não se parece com um presidente.” Então olhei em torno e disse para mim mesmo, “Não, ninguém aqui parece ser nem uma dama, nem um cavalheiro, então, infelizmente, tenho que começar o meu discurso sem endereçar ninguém em particular. Posso apenas dizer, ‘A quem possa interessar.’”

Posteriormente o meu diretor chamou-me, porque eu ainda assim havia ganho o prêmio, mesmo depois daquilo.

Ele disse, “O que aconteceu com você? Você se comportou estranhamente. Nós lhe preparamos mas você nunca disse uma única palavra que lhe foi ensinada. Não apenas você esqueceu-se completamente da palestra preparada, você nem mesmo endereçou-a ao presidente ou às damas e aos cavalheiros.”

Eu disse, “Olhei em torno e não havia nenhum cavalheiro. Conheço todos esses sujeitos muito bem, e ninguém é um cavalheiro. Em relação às damas, elas são ainda piores porque são esposas desses mesmos sujeitos. E o presidente... ele parece ter sido enviado por Deus para presidir todos os encontros dessa cidade. Estou cansado dele. Não posso o chamar de ‘Senhor Presidente’ quando, na verdade, eu gostaria de bater nele.”

Naquele dia, quando o presidente chamou-me para o meu prêmio, eu disse, “Ok, mas lembre-se que você terá que descer aqui e apertar-me a mão.”

Ele disse, “O quê! Apertar a sua mão! Nunca vou nem olhar para você. Você me insultou.”

Eu disse, “Vou mostrar-te.”

Desde aquele dia ele tornou-se meu inimigo. Conheço a arte de como fazer inimigos. O seu nome era Shrinath Bhatt, um proeminente político da cidade. É claro que ele era o líder do mais influente partido político gandhiano. Aqueles eram os dias em que a Índia estava sob o Raj Britânico. Talvez, no que diz respeito à liberdade, a Índia ainda não é livre. Ela pode ter se libertado do Raj Britânico, mas não se libertou da burocracia que o Raj Britânico criou.

Realmente sempre falei sobre confiança e nunca fui capaz de a explicar. Talvez o erro não seja meu. Confiança: talvez não seja possível falar sobre ela, apenas indicá-la. Tentei muito falar alguma coisa definitiva, mas tudo fracassou. Ou ela se torna sua experiência, então vocês não precisam saber o que ela é; ou ela não se torna sua experiência, então vocês podem saber tudo sobre o título “confiança,” mas ainda assim vocês não sabem nada.

Novamente eu estava tentando dizer para vocês – na verdade fazendo outra tentativa, talvez; e é sempre sedutor falar sobre todas as tentativas, mesmo aquelas que falharam. Apenas saber que elas foram feitas na direção certa é motivo de orgulho. É uma questão de direção.

Sim, a confiança é muita coisa, mas primeiramente uma questão na direção do próprio sujeito – uma mudança de direção.

Nascemos olhando para fora. Olhar para dentro não é parte do organismo do corpo. O corpo funciona bem; se você quiser ir para algum lugar, ele pode te

levar. Mas no momento em que você pergunta “Quem sou eu?” ele se deixa cair, simplesmente se joga ao chão, sem saber o que fazer agora, porque a direção relevante não é parte do suposto mundo.

O mundo consiste de dez dimensões, ou dez direções, pelo contrário. Dimensão é uma palavra maior e não deve ser usada para direção. Essas dez direções são: duas, para cima e para baixo; as quatro que conhecemos como leste, oeste, norte e sul; as quatro que faltam são as bissetrizes. Quando vocês desenham a linha leste-oeste e a linha norte e sul, existem as bissetrizes entre o norte e o leste, e entre o leste e o sul, e assim por diante – as quatro bissetrizes.

Eu não deveria ter usado a palavra dimensão. Ela é totalmente diferente, tão diferente quanto o espirro do Devageet. Ele tenta suprimi-lo, e um espirro é uma das coisas mais impossíveis de suprimir. Sugiro permiti-lo. O espirro vem de qualquer forma; por que sofrer? Na próxima vez quando você ouvir a batida, abra a porta e diga, “Madame, entre.” Talvez pode não ocorrer de maneira alguma. Os espirros são coisas estranhas. Se vocês quiserem espirrar então vocês terão que fazer todos os truques da yoga. Então, também, há apenas uma probabilidade. Mas tentem suprimir um espirro e ele virá com uma tremenda força. Vocês sabem que o espirro é uma mulher; e quando uma mulher toma posse de você é melhor espirrá-la para fora e escapar, em vez de suprimir.

Direção e dimensão são tão diferentes quanto o espirro dele e o meu entendimento que ele está dando risinhos. Ele está tentando suprimir o espirro e eu só comecei a falar sobre o inefável, e naquele exato momento ele espirra. Isso é o que Carl Gustav Jung chama de sincronicidade. Não foi um bom exemplo – não foi exemplar, eu quis dizer, mas apenas um pequeno exemplo.

É estranho, mas particularmente na Índia, sempre que se fala dessas coisas – e não acho que as pessoas falaram dessas coisas em qualquer outro lugar por milhares de anos – espirrar em um encontro com o mestre é proibido. Por quê? Não entendo como você pode proibir um espirro. Um espirro não tem medo dos seus policiais, nem das suas armas. Como você pode proibi-lo? – a menos que você faça cirurgia plástica no nariz, o que não seria bom porque um espirro simplesmente lhe informa que algo errado entrou. Ele não deve ser impedido de forma alguma.

Então lhe digo, Devageet, você é meu discípulo, e os meus discípulos devem ser diferentes de todos os modos, até mesmo no espirro. Eles podem espirrar exatamente quando o mestre está falando de confiança; não há mal nenhum nisso. Mas, às vezes, quando você começa a reprimi-lo, naturalmente ele afeta a sua respiração. Ele afeta tudo em você, e então penso que você está dando risinhos. Então você fica muito chocado. Na verdade você deveria ficar feliz que “Meu mestre, mesmo se entende errado de vez em quando, sempre interpreta isso como um risinho.”

O riso – pode-se dizer que o riso é a minha crença, se ela for permitida. Quero dizer se a palavra ‘crença’ for permitida, não quero dizer de um riso alto permitido. Isso seria tranquilo para mim. Mas as pessoas são tão fanáticas sobre

suas crenças, elas não riem. Pelo menos na igreja elas têm aquelas faces longas que vocês não podem acreditar que elas foram até ali para entender o homem cuja única mensagem, se reduzida a uma palavra seria, “Alegre-se!” Elas não são as pessoas que se alegram.

Elas devem ter sido as pessoas que mataram o homem, e ainda estão apontando para o seu túmulo – quem sabe, ele pode sair! Elas devem ser as pessoas que ainda o estão crucificando, e ele já está morto por dois milênios. Agora não é necessário o crucificar, embora ele tenha sido suficientemente inteligente para não ter sido crucificado. Ele conseguiu escapar na hora. É claro que ele representou o papel da crucificação para as massas, e quando as massas foram para casa ele também foi para casa. Não quero dizer que ele foi para Deus. Por favor não entenda errado; ele realmente foi para sua casa.

A caverna que ainda é mostrada para os cristãos, onde o corpo de Jesus foi mantido, é tudo bobagem. Sim, ele ficou ali por algumas poucas horas, talvez uma noite no máximo, mas ele ainda estava vivo. Isso é provado pela própria Bíblia. Ela diz que um soldado perfurou Jesus com uma lança depois deles pensarem que ele estava morto, mas o sangue escorreu. O sangue nunca escorre de um homem morto. No momento em que um ser humano morre o seu sangue começa a desintegrar-se. Se a Bíblia dissesse que apenas água havia saído, então eu teria acreditado que eles estavam escrevendo a verdade, mas seria muito estúpido escrever que água saiu do seu corpo. Na verdade Jesus nunca morreu em Jerusalém; ele morreu em Pahalgam, que, pelo menos no que diz respeito ao significado da palavra, significa exatamente a mesma coisa que o nome da minha vila.

Pahalgam é um dos locais mais belos do mundo. Foi ali que Jesus morreu, e ele morreu com a idade de cento e doze anos. Mas ele ficou tão farto da sua própria gente que simplesmente espalhou a história de que havia morrido na cruz.

Obviamente ele foi crucificado – mas vocês têm que entender que a forma judaica de crucificação não era americana. Não era o simples sentar em uma cadeira, e com apenas o apertar de um botão você não existe mais – sem nem mesmo tempo para dizer, “Deus, perdoe essas pessoas que estão apertando o botão, elas não sabem o que fazem.” Elas sabem o que estão fazendo! Elas estão apertando o botão! E *vocês* não sabem o que *elas* estão fazendo!

Jesus não teria nenhum tempo se ele tivesse sido crucificado de maneira científica. Não, os judeus seguiam uma maneira muito grosseira. Naturalmente, às vezes, levava vinte quatro horas ou mais para a morte. Houve casos que as pessoas sobreviviam três dias na cruz – na cruz judia, quero dizer – porque eles simplesmente pregavam as pessoas pelas suas mãos e pés.

O sangue tem a capacidade de coagular; ele flui um pouco, então coagula. A pessoa fica, é claro, com uma dor imensa. Na verdade ela reza a Deus, “Por favor, que isso termine.” Talvez era isso o que Jesus estava falando quando disse, “Eles não sabem o que fazem. Por que me abandonaste?” Mas a dor deve ter sido demais, pois ele finalmente disse, “Seja feita a sua vontade.”

Não acho que ele morreu na cruz. Não, não devo falar isso “Não acho...”, *sei* que ele não morreu na cruz. Ele disse, “Seja feita a sua vontade”; isso é liberdade. Ele poderia dizer qualquer coisa que quisesse. Na verdade o governador romano Pôncio Pilatos apaixonou-se pelo homem. Quem não se apaixonaria? – é irresistível, se você tiver olhos.

Mas os próprios simpatizantes de Jesus estavam ocupados contando dinheiro; eles não tiveram tempo de olhar nos olhos desse homem que não tinha dinheiro algum. Pôncio Pilatos por um momento até pensou em libertar Jesus. Estava em suas mãos a ordem para a soltura de Jesus, mas ele estava com medo das massas. Pilatos disse, “É melhor eu me manter longe disso. Ele é judeu, eles são judeus – deixe-os que decidam por si mesmos. Mas se não conseguirem decidir a favor dele, então encontrarei uma forma.”

E ele encontrou uma forma, os políticos sempre encontram. Os caminhos deles são sempre tortuosos; eles nunca vão diretamente. Se quiserem ir até A, eles primeiramente vão até B; é assim que a política funciona. E ela realmente funciona. Apenas de vez em quando ela não funciona. Quero dizer, apenas quando existe um homem não-político, então ela não funciona. Também no caso de Jesus, Pôncio Pilatos gerenciou perfeitamente bem sem envolver-se.

Jesus foi crucificado na tarde de sexta-feira; por isso “Boa sexta-feira.” Mundo estranho! Um homem tão bom é crucificado e vocês a chamam de “Boa sexta-feira.” Mas existe uma razão, porque os judeus têm... acho, Devageet, você pode ajudar-me de novo – não com um espirro, é claro! Sábado é o dia religioso deles?

“Sim, Osho.”

Certo... porque no sábado nada é feito. Sábado é um dia sagrado para os judeus; toda a ação tem que ser parada. Foi por isso que a sexta foi escolhida... e no final da tarde, para que no momento em que o sol se pusesse o corpo pudesse ser retirado da cruz, porque mantê-lo na cruz no sábado seria uma “ação.” É assim que a política funciona, não a religião. Durante aquela noite um discípulo rico de Jesus removeu o corpo da caverna. Obviamente chegou o domingo, um dia sagrado para todos. Quando a segunda-feira chegou, Jesus já estava muito longe.

Israel é um país pequeno; vocês podem cruzá-lo a pé em vinte e quatro horas muito facilmente. Jesus escapou, e não havia lugar melhor para ele do que os Himalaias. Pahalgam é apenas uma pequena vila, apenas algumas casas de campo. Ele deve tê-la escolhido por sua beleza. Jesus escolheu um lugar que eu próprio teria amado.

Tentei continuamente por vinte anos entrar na Caxemira. Mas a Caxemira tem uma lei estranha: apenas as pessoas da Caxemira podem viver ali, nem mesmo os outros indianos. Isso é estranho. Mas sei que noventa por cento da Caxemira é islâmica, e eles têm medo que uma vez que os indianos possam viver ali, então os hindus brevemente tornar-se-iam maioria, porque ela é parte da Índia. Então agora é um jogo de votos apenas para impedir os hindus.

Não sou um hindu, mas os burocratas em todos os lugares são delinquentes. Eles realmente precisam estar em hospícios. Eles não permitiram que eu vivesse ali. Encontrei-me até com o ministro-chefe da Caxemira, que era conhecido antes como primeiro-ministro da Caxemira.

Foi realmente uma grande luta para rebaixá-lo de primeiro-ministro para ministro-chefe. E, naturalmente, como poderia existir dois primeiros-ministros em um país? Mas ele era um homem muito relutante, esse Sheikh Abdullah. Ele teve que ser preso por anos. Nesse ínterim toda a constituição da Caxemira mudou, mas aquela cláusula estranha permaneceu. Talvez todos os membros do comitê eram islâmicos e nenhum deles queria que ninguém entrasse na Caxemira. Tentei muito, mas não havia como. Ninguém pode entrar no crânio espesso dos políticos.

Eu disse ao sheikh, “Você está louco? Não sou hindu; você não precisa ter medo de mim. E a minha gente vem de todo o mundo – eles não influenciarão a sua política de nenhuma maneira, a favor ou contra.”

Ele disse, “É preciso ser prudente.”

Eu disse, “Ok, seja prudente e me perca e à minha gente.”

A pobre Caxemira poderia ter ganho muito, mas os políticos nascem surdos. Ele ouviu, ou pelo menos fingiu, mas não escutou.

Eu lhe disse, “Você sabe que o conheço há muitos anos, e eu amo a Caxemira.”

Ele disse, “Eu o conheço, é por isso que tenho ainda mais medo. Você não é um político; você pertence a uma categoria totalmente diferente. Sempre desconfiamos de pessoas como você.” Ele usou essa palavra, desconfiar – e eu estava falando sobre confiança com vocês.

Nesse momento não posso esquecer Masto. Foi ele que apresentou-me ao Sheikh Abdullah, há muito tempo atrás. Posteriormente, quando eu quis entrar na Caxemira, particularmente em Pahalgam, lembrei o sheikh dessa apresentação.

O sheikh disse, “Lembro-me que aquele homem também era perigoso, e você é ainda mais. Na verdade é porque você me foi apresentado por Masta Baba que não posso permitir que você se torne um residente permanente desse vale.”

Masto apresentou-me a muitas pessoas. Ele pensou que talvez eu precisasse delas; e certamente precisei delas – não para mim mesmo, mas para o meu trabalho. Mas com exceção de pouquíssimas pessoas, a maioria revelou-se muito covarde. Todas disseram, “Nós sabemos que você é iluminado...”

Eu disse, “Pare exatamente aí. Essa palavra na sua boca torna-se imediatamente não-iluminada. Ou você faz o que eu digo, ou simplesmente diga não, mas não me fale nenhum disparate.”

Elas foram muito educadas. Elas lembravam-se de Masta Baba, e algumas delas lembravam-se até de Pagal Baba, mas não estavam prontas para fazer

qualquer coisa por mim. Estou falando da maioria. Sim, algumas foram úteis, talvez um por cento das centenas de pessoas que Masto me apresentou. Pobre Masto – o seu desejo era que eu nunca tivesse em qualquer dificuldade ou necessidade, e que eu pudesse sempre depender das pessoas que ele havia me apresentado.

Eu lhe disse, “Masto, você está dando o seu melhor, e eu estou me saindo ainda melhor mantendo-me quieto quando você me apresenta a esses tolos. Se você não estivesse aqui eu teria causado um problema real. Aquele homem, por exemplo, nunca teria me esquecido. Controlo-me apenas por sua causa – embora eu não acredite em controle, mas o faço apenas por você.”

Masto riu e disse, “Eu sei. Quando olho para você quando estou apresentando-o para um manda-chuva, rio por dentro pensando, ‘Meu Deus, quanto esforço você deve estar fazendo apenas para não bater nesse idiota.’”

Sheikh Abdullah esforçou-se muito, e, entretanto, disse-me, “Eu teria permitido que você morasse na Caxemira, se você não me tivesse sido apresentado por Masta Baba.”

Perguntei ao sheikh, “Por quê?... você parecia ser um admirador.”

Ele disse, “Não admiramos ninguém, admiramos apenas nós mesmos. Mas porque ele tinha seguidores – particularmente entre as pessoas ricas da Caxemira – tive que admirá-lo. Eu costumava recebê-lo e despedir-me dele no aeroporto, colocava todo o meu trabalho de lado e corria imediatamente atrás dele. Mas aquele homem era perigoso. E se ele me apresentou a você, então você não pode viver na Caxemira, pelo menos enquanto eu estiver no poder. Sim, você pode vir e ir, mas apenas como visitante.”

Foi bom que Jesus entrou na Caxemira antes do Sheikh Abdullah. Ele fez bem em chegar dois mil anos antes. Ele realmente devia estar com medo do Sheikh Abdullah. O túmulo de Jesus ainda está lá, preservado pelos descendentes daqueles que o seguiram desde Israel. Claro que homens como eu não podem seguir sozinhos, vocês podem entender. Poucas pessoas devem tê-lo seguido até ali. Mesmo que ele fosse muito longe de Israel, elas devem ter ido com ele.

Na verdade os caxemires são a tribo perdida dos hebreus, a qual os judeus e os cristãos tanto falam. Os caxemires não são hindus, nem têm origem indiana. Eles são judeus. Vocês podem ver ao olhar o nariz de Indira Gandhi; ela é da Caxemira.

Ela está impondo o estado de emergência na Índia – não no nome, mas de fato. Centenas de líderes políticos estão atrás das grades. Tenho falado para ela desde o início que essas pessoas não deveriam estar nos parlamentos, ou assembleias, ou na legislatura.

Existem idiotas de muitos tipos, mas os políticos são os piores, porque eles também têm poder. Os jornalistas são os segundos. Na verdade eles são até piores que os políticos, mas porque não têm poder nenhum eles só podem escrever – e

quem liga para o que eles escrevem? Sem poder em suas mãos você pode ter o máximo de estupidez possível, isso não poderá fazer nada.

Também fui apresentado a Indira por Masto, mas de uma forma indireta. Basicamente Masto era amigo do pai de Indira, Jawaharlal Nehru, o primeiro primeiro-ministro da Índia. Ele era um homem realmente belo, e raro também, porque estar na política e permanecer belo não é fácil.

Quando Helen Keller o encontrou, porque ela era cega, surda e muda, ela teve que tocar a sua face. Ela deu a mensagem para alguém que podia interpretar a sua linguagem de sinais: “Tocando a face desse homem senti como se estivesse tocando uma estátua de mármore.”

Muitas outras pessoas escreveram sobre Jawaharlal, mas não acho que qualquer coisa a mais deve ser dita. Essa mulher sem olhos, nem ouvidos e sem língua para falar, ainda assim conseguiu dar a declaração mais pungente, e de uma maneira muito simples.

Esse era o meu sentimento também, quando fui apresentado por Masto. Eu tinha apenas vinte anos. Depois de apenas mais um ano Masto me deixaria, então ele estava com pressa para apresentar-me para todo mundo que conhecia. Ele apressou-me para irmos à casa do primeiro-ministro. Foi um belo encontro. Eu não esperava que ele fosse belo porque fiquei desapontado muitas vezes. Como eu poderia esperar que o primeiro-ministro não seria apenas um vil político? Ele não era.

Foi apenas por acaso que conforme saíamos no corredor, e ele estava vindo conosco para dizer adeus, Indira entrou. Naquele momento ela não era ninguém, apenas uma jovem garota. Ela foi-me apresentada pelo seu pai. Masto estava presente, é claro, e foi através dele que nos conhecemos. Mas Indira pode não ter conhecido Masto, ou, quem sabe? – talvez sim. O encontro com Jawaharlal acabou sendo tão significativa que ele alterou toda a minha atitude, não apenas em relação a ele, mas em relação à sua família também.

Ele falou comigo sobre liberdade, sobre a verdade. Eu não podia acreditar. Eu disse, “Você reconhece o fato que tenho apenas vinte anos de idade, que sou apenas um jovem?”

Ele disse, “Não se preocupe com a sua idade, porque a minha experiência é que um asno, mesmo se muito velho, ainda permanece um asno. Um asno velho não se torna necessariamente um cavalo – nem mesmo uma mula, o que dizer de um cavalo. Então não se preocupe com a sua idade.” Ele continuou, “Podemos esquecer por um momento completamente quantos anos você tem e quantos anos eu tenho e discutiremos sem barreiras de idade, casta, credo ou posição.” Ele então falou a Masto, “Baba, você pode por favor fechar a porta para que ninguém entre. Não quero nem a minha própria secretária privada.”

E nós falamos de coisas tão grandes! Fui eu quem ficou surpreso, porque ele me ouviu tão atento quanto vocês. E ele tinha uma face tão bela que apenas os caxemires podem ter. Os indianos são certamente um pouco escuros, e quanto

mais vocês se movem para baixo rumo ao sul mais escuros eles se tornam, até que, finalmente, você chega em um ponto em que vocês veem, pela primeira vez em suas vidas, o que negro realmente quer dizer.

Mas os caxemires são realmente belos. Jawaharlal certamente era belo, por duas razões. O meu próprio sentimento é que um ser humano branco parece meio superficial, porque a brancura não tem profundidade. É por isso que todas as garotas californianas estão tentando ter as suas peles um pouco bronzeadas. Elas entendem que quando a pele está bronzada ela começa a ter uma certa profundidade que a pele branca não pode ter. Mas o negro é muito bronzado, queimado. Não há questão de profundidade, é a morte. Mas os caxemires estão exatamente no meio: eles são pessoas brancas, pessoas muito belas, bronzeadas desde seu nascimento e judias.

Vi o túmulo de Jesus na Caxemira, para onde ele escapou depois da sua suposta crucificação. Digo suposta porque ela foi arranjada muito bem. Todo o crédito vai para Pôncio Pilatos. E quando Jesus conseguiu escapar da caverna naturalmente a questão toda era, “Onde ir?” O único lugar fora de Israel onde ele podia ficar tranquilo era na Caxemira, porque esta era como um pequeno Israel. E Jesus não é o único que está enterrado na Caxemira, Moisés também está enterrado lá.

Isso vai chocá-los ainda mais. Vi o seu túmulo também. Sou um coveiro. Moisés foi importunado, naturalmente, pelos outros judeus que perguntavam, “Onde está a tribo perdida?”

Uma tribo se perdeu depois da longa jornada de quarenta anos no deserto. Moisés também geriu mal isso: se ele tivesse ido para a esquerda em vez da direita, os judeus seriam os reis do petróleo agora.

Mas os judeus são judeus; vocês não podem predizer o que eles farão. Moisés viajou por quarenta anos, do Egito até Israel.

Não sou nem judeu, nem cristão, e isso não é da minha conta. Mas ainda assim, apenas por curiosidade, pergunto-me por que ele escolheu Israel. Por que Moisés procurou por Israel? Na verdade ele deveria estar buscando um local belo, mas a velhice veio, e depois de uma jornada entediante, quarenta anos no deserto...

Eu não conseguiria. Quarenta anos! Eu não poderia o fazer nem por quarenta horas. Eu não conseguiria. Em vez disso eu cometeria hara-kiri. Vocês conhecem hara-kiri? É a forma japonesa de desaparecer; na linguagem ordinária, suicídio.

Moisés viajou por quarenta anos e finalmente chegou em Israel e naquele local empoeirado e feio, Jerusalém. E, depois de tudo isso – judeus são judeus – eles o incomodaram para que ele viajasse de novo em busca da tribo perdida. Meu próprio sentimento é que ele foi apenas para livrar-se desses sujeitos. Mas onde procurar? O lugar mais belo nas cercanias era os Himalaias, e ele chegou no mesmo vale.

É bom que Moisés e Jesus ambos morreram na Índia. A Índia não é cristã, e certamente não é judia. Mas o homem – ou as famílias para ser exato – que cuidam desses dois túmulos são judias, e ambos os túmulos são feitos da maneira judia. Os hindus não fazem túmulos, como vocês sabem. Os islâmicos fazem, mas de uma maneira diferente. Um túmulo islâmico tem que apontar para Mecca. Esses são os únicos dois túmulos na Caxemira que não são feitos de acordo com as regras islâmicas.

Mas os nomes não são exatamente o que vocês poderiam esperar. Em árabe, Moisés é chamado de Mosha, e o nome em seu túmulo é Mosha. Jesus em árabe é o mesmo que em aramaico, Yeshu, do hebreu Joshua; e é escrito da mesma maneira. Isso pode enganar vocês. Vocês podem pensar que Yeshu não é Jesus e que Mosha não é Moisés. Moisés é apenas uma interpretação errônea inglesa do original, assim como Jesus também.

Joshua com certeza, vagarosamente, torna-se Yeshu. Joshua é demais; Yeshu funciona, e isso é exatamente como chamamos Jesus na Índia: Isu – pronunciado Eesu. Adicionamos algo à beleza do nome. “Jesus” é bom, mas vocês sabem o que foi gerado a partir dele. Quando alguém quer amaldiçoar uma pessoa ela diz “Jesus!” O som certamente tem algo de má sorte em si. Tentem amaldiçoar alguém dizendo “Joshua!” e vocês encontrarão dificuldade. A própria palavra impede. Ela é tão feminina, tão bela, e tão redonda que vocês não podem acertar ninguém com ela.

Que horas são?

“Onze e vinte, Osho.”

Isso é bom, termine.

Sessão 39

Devageet, penso que você está sendo afetado por algo. Você tem que ser desafetado, certo?

“Certo.”

Caso contrário, quem vai escrever as notas? O escritor deve ser, pelo menos, o escritor.

Ok. Essas lágrimas são para você, é por isso que elas estão do lado correto. Ashu perdeu. Uma pequenina está vindo no olho esquerdo para ela também. Não posso ser muito duro. Infelizmente só tenho dois olhos, e aqui está Devaraj, para quem eu chorarei com os dois olhos juntos. Ele é um daqueles poucos que estive esperando, e não em vão. Este não é o meu método. Quando espero, algo tem que acontecer. Se não acontecer, isso apenas quer dizer que eu não estava realmente esperando, nada mais. Agora, de volta à história.

Eu nunca quis encontrar o pândita Jawaharlal Nehru, o pai de Indira Gandhi, por duas razões. Eu tinha dito a Masto, mas ele não ouvia. Ele era o homem certo para mim. Pagal Baba realmente escolheu o homem certo para o homem errado. Nunca fui certo aos olhos de ninguém, mas Masto era. Com exceção de mim, ninguém sabia que ele estava rindo como uma criança. Mas isso era um assunto privado, e existiram muitas coisas privadas que tenho que tornar públicas agora.

Discutimos por dias se eu deveria ir ver o primeiro primeiro-ministro da Índia. Eu estava relutante como sempre. No momento em que você me pede para ir a qualquer lugar, mesmo à casa de Deus, eu direi, “Vamos pensar nisso,” ou “Podemos convidá-lo para um chá.”

Discutimos sem chegar a um fim, mas ele não apenas entendeu os argumentos, mas quem estava argumentando, e ele estava mais preocupado com isso.

Ele disse, “Você pode dizer qualquer coisa que quiser, mas,” como ele sempre dizia quando não podia me convencer com argumentos racionais, “Pagal Baba me disse para fazer isso, então agora é com você.”

Eu disse, “Se você diz que Pagal Baba lhe falou isso, então que assim seja. Se ele estivesse vivo eu não o deixaria em paz tão facilmente, mas ele não existe mais, e ninguém argumenta com um homem morto, particularmente um homem amado.”

Ele costumava rir e dizer, “O que aconteceu com seu argumento?”

Eu disse, “Ora, cale a sua boca. No momento em que você traz de volta Pagal Baba, um homem morto para fora da sua tumba, apenas para ganhar um argumento... e você também não ganhou; simplesmente abandonei. Faça aquilo que você tem argumentado comigo nesses últimos três dias.”

Mas aqueles argumentos eram extremamente belos, muito delicados, sutis e vastos – mas esse não é o ponto, pelo menos não por hoje. Talvez em algum outro círculo...

A coisa que Masto estava insistindo era que eu deveria ver o primeiro-ministro porque ninguém nunca sabe, talvez algum dia eu precisasse de sua ajuda. “E”, adicionei, “talvez...” (*ruído do ar condicionado*)

Este é o demônio que eu estava falando para vocês, que digita as notas do pobre Devageet à noite. Olhem, agora ele está digitando diretamente. Até mesmo Ashu está rindo porque ela não sabe o que fazer. Talvez ninguém saiba.

(*o ruído para*) Ótimo! Tive que parar de falar, é por isso que ele parou. Se eu falar novamente, a menos que algo seja feito, ele vai começar de novo. (*ruído outra vez*) Isso é demais! Digitar à noite, no escuro, tudo bem...

O que eu estava dizendo?

“Que Masto insistiu que você deveria encontrar-se com o primeiro-ministro, porque ninguém nunca sabe, você poderia precisar da sua ajuda um dia.”

Eu disse a Masto, “Por favor faça uma pequena adição nisso, que talvez algum dia o primeiro-ministro precise da minha ajuda. Estou disposto a ir, porque se Baba lhe disse, então não é um problema tão grande quanto ter que desapontar o pobre e velho Baba. Ok. Mas Masto, você também tem a coragem de fazer a adição?”

Embora um pouco hesitantemente, ele levantou-se completamente e disse, “Sim, um dia, não apenas talvez, mas certamente, ele ou alguma outra pessoa que ocupará aquela cadeira necessitará da sua ajuda. Agora venha comigo.”

Eu tinha apenas vinte anos naquele momento, e perguntei a Masto, “Você falou a minha idade para Jawaharlal? Ele é velho e o primeiro-ministro de umas das maiores democracias do mundo, e, é claro, ele deve ter milhares de coisas em sua mente. Ele tem tempo para um garoto como eu? Quero dizer, um garoto que não é nem convencional – quero dizer, de um convento.”

Eu era realmente não-convencional. Primeiro, eu costumava usar sandálias de madeiras, que eram um incômodo em todos os lugares. Na verdade, elas eram uma boa declaração que eu estava chegando, chegando mais perto; quanto mais alto o barulho, mais perto eu estava.

Meu diretor costumava dizer, “Faça qualquer coisa que você quiser fazer. Vá e coma a maçã de novo” – ele era um cristão, é por isso que ele falava isso, “ou, se você quiser, coma a cobra também! Mas pelo amor de Deus, não use essas sandálias de madeira!”

Eu lhe disse, “Mostre-me o seu livro de regras, aquele que você me mostra toda vez que faço algo errado. Há alguma menção às sandálias de madeira nele?”

Ele disse, “Meu Deus! Quem imaginaria que um estudante apareceria usando uma sandália de madeira? É claro que não existe no meu livro.”

Eu disse, “Então você terá que investigar no Ministério da Educação, mas até que eles passem uma emenda contra o uso de sandálias de madeira na escola e façam com que todo o mundo ria da tolice disso, não vou mudar. Sou uma pessoa muito obediente às leis.”

O diretor disse, “Sei que você é muito obediente, pelo menos nessa questão você é. É bom que você não insista que eu use esses monstros de madeira também.”

Eu disse, “Não. Sou um homem muito democrático também; nunca forço nada a ninguém. Você pode vir nu, e eu nem perguntarei, ‘Senhor, onde estão suas calças?’”

Ele disse, “O quê!”

Eu disse, “Estou apenas falando ‘suponha,’ da forma que você faz quando chega na classe e diz, ‘Suponha, apenas suponha...’ Não estou dizendo para você realmente vir nu... você não tem coragem para o fazer.”

(ruído novamente) Somente Asheesh pode ajudar, porque talvez o demônio entenda italiano, e nenhuma outra língua. Isso é bom. O que eu estava falando?

“Você estava falando para o diretor que ele não teria coragem de vir sem suas calças.”

Sim. Eu lhe disse, “É apenas uma suposição, apenas da forma que você diz à classe ‘Suponha...’ Nós nunca perguntamos se é real ou não, então não me pergunte. Suponha que você venha sem suas calças. Agora faço algumas adições: sem uma camisa, ou mesmo sem as suas roupas íntimas...”

Ele disse, “Você! Simplesmente suma daqui!”

Eu disse, “Não posso, a menos que você me diga que posso usar as minhas sandálias de madeira. A madeira é natural, e sou um homem não-violento, então não posso usar couro. Então ou tenho que segui-lo, e usar couro como você – embora você se denomine brâmane, mas com esses sapatos, com que cara você se denomina brâmane? – ou terei que usar as sandálias de madeira.”

Ele disse, “Faça qualquer coisa que você quiser. Apenas vá embora o mais longe possível, o mais rápido possível, porque posso fazer algo que arrepender-me-ei por toda a minha vida.”

Perguntei-lhe, “Você acha que pode matar-me por causa das minhas sandálias de madeira?”

Ele disse, “Sem mais questões, não me provoque. Mas devo contar-lhe que quando ouço o som” – porque todos os andares da escola eram pavimentados com pedras – “Posso ouvi-lo de qualquer lugar do prédio. Na verdade é impossível não o ouvir porque você está continuamente se movendo – não sei porquê – e esse som me tira do sério.”

Eu disse, “Isso é problema seu. Usarei as sandálias.” E as usei até deixar a universidade. Por toda a minha vida, do colégio até a universidade, usei sandálias

de madeira. Qualquer um poderia falar de mim para vocês, porque eu era a única pessoa com sandálias de madeira. Todo mundo costumava falar, “Vocês podem ouvi-lo a quilômetros de distância.”

Eu amava aquelas sandálias de madeira. No que diz respeito a mim eu as amava porque eu costumava fazer longas caminhadas, de manhã e à noite, e com uma sandália de madeira... Não acho que nenhum de vocês têm a experiência de uma sandália de madeira, mas ela soa como se alguém estivesse andando atrás de você, e, embora você saiba que é apenas a sua sandália fazendo o barulho, quem sabe – talvez... Por que arriscar-se? Apenas dê uma olhada. Dá vontade de olhar para trás para ver quem está seguindo. Levei anos para treinar-me em não fazer tal coisa estúpida, e ainda mais tempo para nem pensar em fazer tal coisa.

Eu disse a Masto, “Sempre fui relutante, mesmo com as coisas que ninguém mais concordaria facilmente.”

Mas dizer sim veio para mim bem tardiamente. Eu seguia dizendo não, não, até que todos os não tornaram-se SIM – mas eu não o estava esperando.

Agora isso tornou-se uma distração. Na verdade tudo nessa série será uma distração de algum tipo, mas tentarei voltar várias vezes ao mesmo ponto de onde fomos distraídos.

Concordei. Masto e eu fomos até a casa do primeiro-ministro. Eu não sabia quantas pessoas respeitavam Masto, mas eu não sabia muito do mundo de qualquer forma. Perguntei-lhe no caminho até lá, “Você marcou horário?”

Ele riu e não disse nada. Pensei comigo mesmo, “Se ele não está preocupado, por que eu estaria? Não é da minha conta; estou apenas indo com ele.”

Mas ele não precisava marcar horário, isso tornou-se claro conforme entramos pelo portão. O policial caiu aos seus pés dizendo, “Masta Baba, você não vem há meses, e amamos vê-lo. De vez em quando o primeiro-ministro precisa da sua bênção.”

Masto riu mas não disse nada. Entramos. A secretária tocou os seus pés e disse, “Você deveria ter ligado e nós enviaríamos o carro do primeiro-ministro. E quem é esse garoto?”

Masto disse, “Trouxe esse garoto para ser apresentado apenas para Jawaharlal e para ninguém mais. E por favor lembre-se, nada sobre ele deve ser mencionado de forma alguma.”

Apesar de ele ter tomado todo o cuidado, ainda assim o meu princípio funcionou. Disse a vocês que no momento em que vocês criam um amigo, imediatamente vocês criam um inimigo. Se você não quer um inimigo então esqueça os amigos. Esta é a maneira do monge, budista ou cristão: esquecer tudo sobre relacionamento, amizade e tudo, para não criar inimigos. Mas apenas não criar inimigos não é o propósito da vida.

Vocês ficarão surpresos tanto quanto fiquei – mas não naquele dia, apenas depois de muitos anos... Naquele dia não era possível para mim reconhecer o homem sentado no escritório da secretária esperando por sua hora marcada. Eu não havia ouvido falar dele ainda, mas ele parecia muito arrogante. Pensei que ele deveria ser alguém poderoso. Perguntei a Masto, “Quem é esse homem?”

Masto disse, “Esqueça tudo sobre ele; ele não tem valor algum. Ele é Morarji Desai.”

Eu disse, “Ele não tem valor algum?”

Masto disse, “Quero dizer, nenhum valor real. Ele é apenas um embuste. É claro que ele é ministro de gabinete – e olhe para ele: ele está com muita raiva porque é a sua vez de estar com o primeiro-ministro.”

Mas Masto era conhecido, e o primeiro-ministro o chamou primeiro e disse para Morarji Desai esperar. Isso foi um insulto, sem intenção da parte de Jawaharlal, mas Morarji talvez não o esqueceu até hoje. Ele pode não lembrar do jovem garoto, mas ele deve ser capaz de lembrar-se de Masto. Masto era muito impressionante de todas as maneiras.

Nós entramos e não foi por apenas cinco minutos; aquilo levou exatamente uma hora e trinta minutos. E Morarji Desai teve que esperar. Agora, isso foi demais para ele. Era a sua entrevista com hora marcada, e outras pessoas, um sanniasin com um jovem, entraram antes dele... e então ele teve que esperar por noventa minutos!

E pela primeira vez na minha vida fiquei surpreso, porque eu não estava lá para encontrar um poeta, mas um político. Encontrei um poeta.

Jawaharlal não era um político. Infelizmente ele não conseguiu trazer os seus sonhos para a realidade. Mas não importa se alguém diz “infelizmente” ou “arrá,” um poeta é sempre um fracasso. Mesmo em sua poesia ele é um fracasso. Ser um fracasso é seu destino, porque ele anseia às estrelas. Ele não pode se satisfazer com o pequeno, o finito. Ele quer ter todo o céu em suas mãos.

Fiquei completamente surpreso. Até mesmo Jawaharlal pôde vê-lo, e disse, “O que aconteceu? O garoto parece que tomou um choque.”

Masto, sem nem olhar para mim disse, “Eu conheço esse garoto. É por isso que o trouxe a você. Na verdade, se estivesse em meu poder, levaria você a ele.”

Agora era a vez de Jawaharlal ficar surpreso. Mas ele era um homem de tremenda cultura; ele olhou-me novamente para poder medir o significado das palavras de Masto. Por um momento olhamo-nos nos olhos um do outro e ambos rimos. E seu riso não era o de um homem velho; ainda era o riso de uma criança. Ele era imensamente belo e falo sério, porque vi milhares de seres humanos, mas posso falar sem hesitação que ele foi o ser humano mais belo entre todos, e não apenas de corpo.

É estranho: falamos de poesia, e Morarji estava esperando do lado de fora. Falamos de meditação, e Morarji estava esperando do lado de fora. Ainda posso

ver a cena – ele devia estar furioso. Na verdade, aquele dia decidiu e selou nossa inimizade. Não do meu lado, é claro; não tenho nada contra ele. Todas as suas preocupações são estúpidas, não vale a pena ser contra. Sim, de vez em quando ele é bom para rir. Foi isso o que fiz com o seu nome, e sua terapia de urina – beber da sua própria urina. Ele esteve na América pregando isso. Ninguém pergunta se ele bebe a sua própria urina ou a de outrem, porque quando uma pessoa bebe urina ela já está fora dos seus sentidos, então ela pode beber qualquer coisa – o que dizer da urina de outra pessoa. E ele esteve ensinando lá, dando sermão.

Naquele dia ele tornou-se um inimigo para mim, mas, da minha parte pelo menos, foi desintencional. Foi apenas porque ele teve que esperar por uma hora e meia. Ele deve ter descoberto quem eu era pela secretária, talvez perguntando, “Quem é aquele garoto? E por que ele está sendo apresentado ao primeiro-ministro? Qual é o propósito disso? E por que Masta Baba está interessado nele?”

É claro, sentado ali por uma hora e meia você tem que falar sobre algo. Posso entendê-lo, mas para ele foi a coisa mais difícil de engolir – mesmo para ele, que pode engolir até mesmo a sua própria urina. Essa é uma grande façanha, mas uma coisa maior de engolir do que aquilo foi quando ele viu Jawaharlal sair até a varanda, apenas para dizer adeus para esse garoto de vinte anos de idade.

Naquele momento ele viu que não era com Masta Baba que o primeiro-ministro estava falando, mas com esse estranho e desconhecido garoto de sandálias de madeira, fazendo um barulho por toda a varanda – era uma bela varanda de mármore. E eu tinha cabelos longos e uma túnica estranha que eu mesmo havia feito, porque os meus sannyasins que agora fazem as minhas roupas ainda não estavam lá. Ninguém estava lá...

Eu havia feito uma túnica muito simples, com apenas dois buracos para as mãos saírem sempre que elas fossem necessárias, e elas podiam ir para qualquer lugar que você quisesse. Eu mesmo a havia feito. Não havia nada de habilidoso nela; tudo o que era necessário era costurar uma peça de tecido dos dois lados e cortar um pequeno buraco para o pescoço.

Masto gostou dela, então ele pediu para alguém fazer uma para ele também.

Eu lhe disse, “Você deveria ter pedido a mim.”

Ele disse, “Não, isso seria demais. Eu não seria capaz de a usar, porque eu a preservaria.”

Saímos da casa que ficou famosa posteriormente como “Trimurti”. Ela é agora um museu para a memória de Jawaharlal. Jawaharlal era realmente grande, no sentido que ele não precisaria sair para dar adeus a um garoto, e então ficar ali, fechar a porta do carro e esperar até que o carro fosse embora.

E tudo isso foi visto por esse pobre sujeito, Morarji Desai. Ele é um personagem, mas aquele personagem tornou-se meu inimigo por toda a minha vida. Embora ele não me tenha prejudicado de forma alguma, devo dizer que ele deu o seu melhor.

Que horas são?

“Oito e vinte e um, Osho.”

Dez minutos para mim, então terei que ir trabalhar. O meu ofício começa depois disso.

Sessão 40

Estou de pé – estranho, porque supostamente eu devia estar relaxando – quero dizer na minha memória, estou de pé com Masto. É claro que não há ninguém com quem eu prefira estar. Depois de Masto, com qualquer outra pessoa seria pobre, necessariamente.

Aquele homem era realmente rico em cada célula do seu ser, e em toda a fibra da sua vasta rede de relacionamentos que ele vagarosamente me fez ter consciência. Ele nunca me introduziu a todos; isso não era possível. Eu estava com pressa de fazer o que chamo de não-fazer. Ele estava com pressa de fazer o que ele chamava de sua responsabilidade para comigo, assim como havia prometido a Pagal Baba. Estávamos ambos apressados, então, por mais que ele quisesse, ele não podia tornar todos os seus relacionamentos disponíveis a mim. Havia outras razões também.

Ele era um sannyasin tradicional – pelo menos na superfície, mas eu o conhecia profundamente. Ele não era tradicional, mas apenas fingia ser porque as massas queriam àquela falsa aparência. E apenas hoje posso entender o quanto ele deve ter sofrido. Nunca sofri como ele porque simplesmente recusei fingir.

Vocês podem não acreditar, mas milhares de pessoas esperavam de mim algo de suas próprias imaginações. Eu não tenho nada a ver com elas. Os hindus, entre os meus milhões de seguidores – estou falando dos dias anteriores ao início do meu trabalho – eles acreditavam que eu era Kalki. Kalki é o *avatara* hindu, o último.

Terei que explicá-lo um pouco, porque isso ajudará vocês entenderem muitas coisas. Na Índia os antigos hindus acreditavam em apenas dez encarnações de Deus. Naturalmente – aqueles eram os dias em que as pessoas costumavam contar com os seus dedos – dez era o máximo. Vocês não poderiam ir além de dez; vocês teriam que começar novamente do um. É por isso que os hindus acreditavam que cada ciclo da existência tinha dez avatares. A palavra ‘avatara’ simplesmente quer dizer “descendente do divino.” Dez, porque depois do décimo, um ciclo, ou círculo, termina. Outro imediatamente começa, mas então há novamente um primeiro avatara, e a história continua até o décimo.

Vocês serão capazes de entender-me facilmente se já viram os pobres agricultores indianos contando. Eles contam em seus dedos até o décimo; então eles começam a contar de novo do um, dois... Dez deve ter sido o último primitivo. É estranho que, no que diz respeito às linguagens, o dez ainda o é. Além do dez não há nada; o onze é uma repetição. Onze é simplesmente colocar o um atrás do um, casando-os, colocando-os em problema, isso é tudo. Depois do dez todos os seus números são apenas repetições.

Por que os números até dez são tão originais? – porque em todos os lugares os seres humanos contaram em seus dedos.

Devo mencionar, a propósito, antes de continuar – somente uma pequena distração antes de acomodar-me – as suas palavras em inglês para um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove e dez são todas emprestadas do sânscrito.

Os matemáticos devem muito ao sânscrito, porque sem esses números não haveria Albert Einstein, também não haveria a bomba atômica; nenhum *Principia Mathematica* de Bertrand Russell e Whitehead. Esses números são os tijolos básicos.

E as fundações foram estabelecidas nos vales dos Himalaias e em nenhum outro lugar. Talvez eles encontraram a imensurável beleza e tentaram mensurá-la. Talvez existisse outra razão, mas uma coisa é certa: que a palavra sânscrita *tri* tornou-se *three* em Inglês. Ela viajou a jornada longa, árida de uma palavra. A palavra sânscrita *sasth* tornou-se o *six* em inglês; o sânscrito *asth* tornou-se o *eight*, e assim por diante.

O que eu estava falando?

“Você estava falando sobre os hindus pensarem que você era a décima encarnação do avatara Kalki.”

Sim. Você está indo bem.

Kalki é a décima e última encarnação hindu de Deus. Depois dele o mundo acaba – e, é claro, começa novamente, assim como você faz a demolição de uma casa feita de cartas, então começa de novo. Talvez antes de começar você embaralha mais uma vez as cartas, apenas para criar um pouco de entusiasmo em si mesmo; caso contrário, o que muda para as cartas? Mas ao embaralhar mais uma vez você se sente bem.

Exatamente assim Deus reembaralha e começa a pensar, “Talvez dessa vez vou fazer um pouco melhor.” Mas todas as vezes, não importa o que ele faça, saem pessoas como Richard Nixon, Adolf Hitler, Morarji Desai... Quero dizer que Deus falha a todo momento.

Sim, de vez em quando ele não falha – mas talvez o crédito deve ir para o ser humano, porque ele dá certo em um mundo onde tudo fracassa. Certamente o crédito não pode ser dado a Deus. O mundo é prova suficiente que Deus não tem crédito algum.

Os hindus continuam a usar o dez como o último desde antes do tempo do *Rigveda* – cerca de dez mil anos atrás. Mas os jainas, que são muito mais matemáticos e lógicos e também mais antigos que os hindus, nunca acreditaram na santidade do dez. Eles tinham a sua própria ideia. É claro que eles também a obtiveram em alguma fonte. Se você não a pode derivar de seus próprios dedos, alguém deve ter feito de outro modo, de alguma outra fonte.

O que os jainas fizeram nunca foi discutido claramente, e não posso o sustentar de acordo com qualquer escritura porque estou mencionando-o talvez pela primeira vez. Estou adicionando o “talvez,” em caso de alguém o ter feito antes e eu não o souber. Mas conheço quase todas as escrituras que valem a pena

serem mencionadas. Simplesmente ignorei as outras. Mas ainda assim, posso ter ignorado alguém na multidão que não deveria ter sido ignorado; por isso usei a palavra ‘talvez’, caso contrário estou certo que ninguém disse isso antes. Então vamos dizê-lo agora.

Os jainas acreditam em vinte e quatro mestres, *tirthankaras* como eles os chamam. Tirthankara é uma palavra bela; ela significa “aquele que faz um lugar para o seu barco de onde este pode levá-lo para a outra margem.” Esse é o significado de *tirth*, e tirthankara significa “aquele que faz um lugar tal que muitas, muitas pessoas possam ir para a outra margem, a margem mais distante.” Mas eles acreditam em vinte e quatro. A criação deles também é um círculo, mas maior, naturalmente. Os hindus têm um círculo pequeno de dez; os jainas têm um círculo maior de vinte e quatro. O raio é maior.

Até mesmo os hindus, sem saberem o que estavam fazendo, impressionaram-se com o número vinte e quatro, porque os jainas diriam, “Vocês têm apenas dez? – nós temos vinte e quatro.” Assim como a psicologia da criança: “Quão grande é o seu pai? Apenas um metro e meio? O meu pai tem um metro e oitenta. Ninguém é maior que o meu pai” – e esse “deus” não é nada além de um tipo de pai.

Jesus estava exatamente certo; ele costumava chamá-lo *Abba*, que só pode ser traduzido por “pai”, não “deus.” Vocês podem entendê-lo: abba é apenas uma palavra de amor e respeito; pai não é.

No momento em que vocês dizem “pai”, algo sério imediatamente acontece com vocês, e até mesmo com a pessoa que vocês estão chamando de pai, porque ela terá que ser um pai. Talvez seja por isso que os cristãos chamam os seus sacerdotes de padres; pai não se encaixaria, e abba faria as crianças rirem – ninguém iria levá-los a sério.

Os hindus vieram de fora da Índia. Eles não eram originais do país; eles são estrangeiros, sem passaportes. E por séculos eles foram chegando da Ásia central, de onde todas as raças europeias também vieram: os franceses, os ingleses, os alemães, os russos, os escandinavos, os lituanos... e assim por diante. Todos os “os” vieram da Mongólia, que hoje é quase um deserto. Ninguém se preocupa com a Mongólia. Ninguém nem pensa que a Mongólia é um país. Parte da Mongólia pertence a China, a maioria pertence a Rússia, e eles estão continuamente lutando uma guerra fria sobre onde traçar a linha, porque a Mongólia é apenas um deserto.

Mas todas essas pessoas, particularmente os arianos, vieram da Mongólia. Eles chegaram na Índia porque a Mongólia de repente começou a tornar-se um deserto, e eles estavam com uma população crescente assim como a Índia. Eles tiveram que se mover para todas as direções. Isso foi bom. Foi assim que surgiu todos esses países.

Mas antes dos arianos alcançarem a Índia, este já era um país muito culto. A Índia não era como a Europa. Quando os arianos chegaram na Alemanha, ou na Inglaterra, eles não tinham ninguém para combater lá; eles encontraram uma

terra bela sem ninguém para temer. Mas na Índia a história foi diferente. As pessoas que viviam na Índia antes dos arianos entrarem devem ter sido realmente civilizadas. Digo realmente, não apenas vivendo em cidades.

Duas cidades daqueles dias foram escavadas: Mohenjodaro no Paquistão, que foi certa vez parte da Índia e Harappa. Essas cidades mostram coisas estranhas: elas tinham ruas largas, com dezoito metros de largura; edifícios de três andares; banheiros – sim, suítes. Até mesmo hoje, milhões de pessoas na Índia não sabem que isso existe. De fato, se vocês contarem a elas, elas rirão e acharão que vocês estão um pouco insanos – ter um banheiro ligado ao seu quarto? Vocês estão loucos?

O mais recente designer certamente parecerá um pouco louco, até mesmo para vocês, porque o último design da Escandinávia é um banheiro com um quarto incluso. Toda a coisa toma um significado diferente. É basicamente um banheiro, e o quarto fica apenas no canto, nem mesmo separado. O banheiro é mais básico; ele tem uma pequena piscina, e tudo o que você precisa, e também uma cama... mas o banheiro não está acoplado ao quarto, a cama está dentro do banheiro.

Talvez essa possa ser a forma futura das coisas, mas se vocês contarem para milhões de indianos...! Eu era o único em toda a vila – a vila do meu avô onde vivi por tanto tempo – que tinha um quarto-suíte, e as pessoas faziam piadas sobre isso. Elas costumavam perguntar-me, “Você realmente tem um banheiro conjugado ao seu quarto?” E elas o falariam em um sussurro.

Eu diria, “Não há necessidade de o esconder. Sim – e daí?”

Elas diziam, “Não podemos acreditar, porque ninguém por aqui já ouviu falar de um banheiro conjugado ao quarto. Isso deve ser coisa da sua avó. Esta mulher é perigosa. Ela deve ter trazido essa ideia. Uma ideia como essa não nos pertence, é claro; a ideia veio de algum lugar distante. Ouvimos histórias do seu lugar de nascimento que não contaríamos para uma criança. Não podemos as contar para você.”

Eu lhes disse, “Vocês não precisam se preocupar. Vocês podem contar-me, porque ela própria me conta.”

Eles diriam, “Veja, falamos para você! Ela é uma mulher estranha de Khajuraho. Aquele lugar não pode produzir pessoas certas.”

Talvez algo da minha Nani criou em mim o que eles chamam de “errado,” e eu chamo de “certo.”

Os hindus não são, como eles reivindicam, a religião mais antiga do mundo. Os jainas o são, mas estes são uma muito pequena minoria, e muito covarde. Mas eles pensaram na ideia de vinte e quatro. Por que vinte e quatro? Perguntei-me. Discuti-o com Masto, com a minha mãe, e com minha suposta sogra, de quem vou falar em algum momento posterior. Ninguém a chamava de minha sogra na minha frente, porque eu e ela éramos perigosos. Depois da minha Nani, ela certamente foi a mulher mais ousada que já conheci. É claro que não posso lhe dar o primeiro lugar.

Era uma piada que ela era chamada de minha sogra, mas se vocês olharem para as palavras, ‘mãe pela lei’* [NdT. *mother-in-law*: sogra]... ela era quase uma mãe para mim, senão pela natureza, então pela lei. Não que eu fosse casado com a sua filha, embora sua filha estivesse apaixonada por mim. Falarei disso em algum outro círculo, porque é um círculo muito vicioso, e não quero o começar agora.

Que horas são?

“Dez e trinta, Osho.”

Isso é ótimo. Apenas dez minutos para mim. Tem sido belo.

(Osho começa a rir. Ele tenta explicar sobre o que está rindo... mas Ele está rindo muito.)

Sessão 41

Ok. Não pude nem começar a falar o que eu queria falar para vocês. Talvez não era para ser, porque tentei várias vezes trazer-me ao ponto, mas em vão, e então tudo correu bem. Mas foi uma sessão muito frutífera, embora nada tenha sido dito, e nada tenha sido ouvido também. Houve muito riso, mas senti-me aprisionado.

Vocês devem ter se perguntado por que eu ri. É bom que não haja nenhum espelho na minha frente. Vocês devem arranjar um espelho; pelo menos isso tornará esse lugar o que ele deveria ser. Mas foi realmente bom. Estou aliviado. Fazia anos, talvez, que eu não ria. Algo em mim deve ter esperado por aquela manhã, mas não estou fazendo qualquer esforço naquela direção, pelo menos não hoje – talvez algum dia.

Às vezes esses círculos sobrepõem-se um ao outro, e eles assim o farão repetidas vezes. Faço o meu melhor para manter as direções claras, mas esses círculos, eles simplesmente seguem tentando envolver tudo o que podem. Eles são pessoas loucas, ou, quem sabe – talvez eles sejam budas tentando novamente ter um vislumbre do mundo antigo, para ver como as coisas estão indo agora. Mas esse não é o meu propósito. Não pude atingir onde eu estava tentando ir, e ri em vez de continuar a despeito do riso.

Ora, essas são apenas introduções, mas tornei-me consciente de uma coisa essa manhã – não que eu não estava consciente dela antes, mas eu não estava consciente que ela deveria ser dita. Mas agora ela deve ser dita.

Em 21 de Março de 1953, uma coisa estranha ocorreu. Muitas coisas estranhas aconteceram, mas estou falando apenas de uma coisa. As outras virão em seu próprio tempo. É de fato um pouco adiantado na minha história contá-la para vocês, mas fui lembrado nessa manhã dessa coisa particular. Depois daquela noite eu perdi todo o sentido do tempo. Por mais que eu tente, eu não consigo – como todo mundo consegue pelo menos aproximadamente – lembrar que horas são.

Não apenas isso, pela manhã, toda manhã eu quero dizer, tenho que olhar para fora da janela para ver se foi o meu sono da tarde ou o sono da noite, porque durmo duas vezes ao dia. E toda tarde também, quando acordo, a primeira coisa que faço é olhar para o meu relógio. De vez em quando o relógio me prega uma peça; ele para de funcionar. Ele está mostrando apenas seis horas, então ele deve ter parado pela manhã. É por isso que tenho três relógios, apenas para checá-los e ver se algum deles está me pregando uma peça.

E um dos outros relógios é mais perigoso, é melhor nem o mencionar. Quero dá-lo para alguém de presente, mas não encontrei a pessoa certa para quem eu gostaria de dar esse relógio, porque será realmente uma punição, não um presente. Ele é eletrônico, o relógio volta para as 12 horas e fica piscando: 12... 12... 12... simplesmente para mostrar que a eletricidade acabou.

Às vezes quero jogá-lo fora, mas alguém me deu de presente, e não jogo as coisas fora facilmente. É desrespeitoso. Então estou esperando pela pessoa certa.

Tenho não apenas um, mas dois desses relógios, um em cada quarto. Às vezes eles me enganam quando vou dormir o meu sono da tarde. Usualmente vou às onze e meia exatamente, ou no máximo ao meio-dia, mas muito raramente. Uma vez ou outra olhei através de um buraco no meu cobertor, e o relógio estava mostrando doze, e eu disse a mim mesmo, “Isso significa que acabei de vir para a cama.” E fui dormir novamente.

Depois de uma ou duas horas olhei novamente. “Doze,” eu disse a mim mesmo. “Estranho... hoje o tempo parece ter finalmente parado. Melhor ir dormir em vez de encontrar todas as outras pessoas dormindo.” Então fui dormir de novo.

Agora instruí Gudia para acordar-me às duas e quinze, se eu não estiver acordado.

Ela me perguntou, “Por quê?”

Eu disse, “Porque se ninguém me acordar posso seguir dormindo para sempre.”

Toda manhã tenho que decidir se é manhã ou entardecer, porque não sei – não tenho essa noção. Ela foi perdida naquela data que falei para vocês.

Na manhã de hoje, quando perguntei a você, “Que horas são?” você disse, “Dez e meia.” Pensei, “Jesus! Isso é demais. A minha pobre secretária já deve ter esperado uma hora e meia, e ainda nem comecei a minha história.” Então eu disse, apenas para terminá-la, “Dê-me dez minutos.” A razão real é que eu estava pensando que era noite.

E Devaraj também sabe; agora ele pode entendê-lo exatamente. Certa manhã, quando ele me acompanhava até o meu banheiro, perguntei-lhe, “A minha secretária está esperando?” Ele olhou-me confuso. Tive que fechar a porta, apenas para que ele se recompusesse. Se eu continuasse ali na entrada, esperando – e vocês conhecem Devaraj: ninguém pode ser tão amoroso para mim. Ele não pôde me dizer que não era de noite. Se eu estava perguntando pela minha secretária, então deveria haver alguma razão; e, é claro, ela não estava lá e não era a hora dela vir, então o que ele deveria dizer?

Ele não disse nada. Ele simplesmente manteve silêncio. Eu ri. A questão deve tê-lo constrangido, mas estou dizendo a verdade para vocês, somente porque o tempo é sempre um problema para mim. De alguma forma vou levando, usando de estratégias estranhas. Apenas olhem para essa estratégia: algum Buda falou assim?

Eu estava dizendo a vocês que o jainismo é a religião mais antiga. Não é um valor para mim, lembrem-se, é um *desvalor*. Mas um fato é um fato; valor ou desvalor, essa é a nossa atitude. O jainismo é raramente conhecido no Ocidente, e não apenas no Ocidente, mas também até no Oriente, exceto algumas poucas

partes da Índia. A razão é que os monges jainas ficam nus. Eles não podem se mover em comunidades que não são jainas. Eles seriam apedrejados, mortos, até mesmo no século vinte.

O governo britânico, que permaneceu na Índia até 1947, tinha uma lei especial para os monges jainas, que antes deles entrarem em uma cidade os seus seguidores tinham que pedir permissão. Sem uma permissão eles não podiam entrar. E mesmo com uma permissão eles não podiam entrar em cidades grandes como Mumbai, Nova Delhi ou Calcutá. Os seus seguidores deveriam dar a volta nelas para que ninguém pudesse ver que eles estavam nus.

Estou usando “eles” porque um monge jaina não tem permissão de viajar sozinho. Ele tem que viajar com um pequeno grupo de monges, pelo menos cinco; este é o limite mínimo. O limite é estipulado para que um possa espionar o outro. É uma religião muito desconfiada, como vocês dizem – naturalmente desconfiada, porque tudo o que ela prescreve para ser feito é não-natural.

É inverno e uma pessoa está tremendo, ela gostaria de sentar-se ao lado de um fogo – mas um monge jaina não pode se sentar ao lado de um fogo, porque o fogo é violência. O fogo mata, porque as árvores são necessárias para mantê-lo, então elas são todas mortas. Os ecologistas talvez possam concordar. E quando você está fazendo um fogo, muitas criaturas pequenas, vivas, mas invisíveis aos olhos nus, são queimadas. E às vezes até mesmo a madeira carrega formigas dentro, e outros tipos de insetos que fizeram as suas casas nela.

Então, em resumo, o monge jaina não pode chegar perto de um fogo. É claro que ele não pode usar um cobertor – ele é feito de algodão; isso é novamente uma violência. É claro que alguma outra coisa pode ser encontrada, mas porque ele não pode possuir nada... A não-possessividade é muito fundamental, e os jainas são extremistas. Eles levaram a lógica do não-possuir ao seu próprio extremo.

É realmente um espetáculo ver um monge jaina: é possível ver o que a lógica pode fazer com um homem. Ele é feio, porque está subnutrido: apenas ossos, quase morto; apenas sua barriga é grande, embora todo o seu corpo seja encolhido. Isso é estranho, mas vocês podem entender. Acontece sempre que há fome e as pessoas estão esfomeadas. Vocês devem ter visto fotos de crianças com barrigas grandes – e todos os seus órgãos, mãos e pés, são somente ossos cobertos por pele, e isso também não é muito belo... pele quase morta. O mesmo acontece com um monge jaina.

Por quê? Posso entender porque conheço ambos. As barrigas das crianças famintas e as dos monges jainas imediatamente se tornam do meu interesse. Por quê? – porque ambos tem o mesmo tipo de barriga, e também os seus corpos são similares. As suas faces são muito similares. Perdoem-me dizê-lo, mas as suas faces são sem face; eles não dizem nada, não mostram nada. Eles não são apenas páginas em branco, mas páginas que esperaram e esperaram por algo ser escrito nelas, para torná-las significantes... mas ficaram doentes porque ninguém nunca veio.

Eles se tornaram tão amargos contra o mundo que viraram as costas – viraram as costas, porque estou usando uma página como um símbolo – eles viraram as costas e fecharam-se contra qualquer possibilidade futura. A criança faminta deve ser ajudada; o monge jaina tem que ser ainda mais ajudado, porque ele pensa que o que ele está fazendo está certo.

Mas uma religião antiga necessariamente será muito estúpida. Esta própria estupidez é prova da sua antiguidade. O *Rigveda* menciona o primeiro mestre jaina, Rishabhdeva. Ele é considerado o fundador da religião. Não posso dizer com certeza porque não quero culpar ninguém, particularmente Rishabhdeva, que nunca conheci – e não acho que irei o encontrar também.

Se ele foi realmente o fundador desse culto estúpido, então sou a última pessoa que ele gostaria de encontrar. Mas esse não é o ponto; o ponto é que os jainas têm um calendário diferente. Eles contam os seus dias não pelo sol, mas pela lua, naturalmente, porque o ano deles é dividido em vinte e quatro partes, por isso eles têm vinte e quatro tirthankaras. Toda a criação para eles é o círculo na imagem de um ano, mas orientado pela lua, assim como existem pessoas orientadas pelo sol. É tudo arbitrário. Na verdade tudo é estúpido nesse momento, de acordo comigo.

Apenas olhe para o calendário inglês e veja a estupidez, então vocês me entenderão. É fácil rir dos jainas porque vocês não conhecem nada sobre eles. Eles devem ser idiotas. Mas o que dizer do calendário inglês? Como um mês tem trinta dias, outro mês trinta e um, um mês vinte e nove dias, outro mês vinte e oito? O que é toda essa bobagem? E o ano tem trezentos e sessenta e cinco dias, não porque vocês fizeram um calendário de acordo com o sol – não é por causa do sol.

Trezentos e sessenta e cinco dias é apenas o tempo que a Terra leva para completar a sua jornada em torno do sol. Como vocês dividem isso depende de vocês – mas trezentos e sessenta e cinco...? Trezentos e sessenta e cinco criou problemas, porque não é exatamente trezentos e sessenta e cinco; fica para trás uma pequena parte que se torna um dia a cada quatro anos. Isso significa que trezentos e sessenta e cinco dias e um quarto deve ser o ano todo. Um ano muito estranho!

O que vocês podem fazer em relação a isso? É preciso lidar com isso, então dividiu-se os diferentes meses em diferentes números de dias, e fevereiro tem que ter um dia a mais a cada quatro anos. Um calendário estranho! Acho que nenhum computador permitiria esse tipo de bobagem.

Existem tolos orientados pela lua, assim como existem tolos orientados pelo sol. Eles realmente são lunáticos porque acreditam na lua. Então, é claro, o ano é dividido em doze partes, e cada mês tem duas divisões. E esses tolos são sempre grandes filósofos; eles seguem criando hipóteses estranhas. Essa foi a hipótese deles na tradição jaina de tolos. Quero dizer, todas as tradições são tolas, essa é apenas uma tradição de tolos.

Os jainas acreditam que existam vinte e quatro tirthankaras, e que em cada ciclo existirá sempre vinte e quatro tirthankaras. Ora, os hindus sentiram-se diminuídos. As pessoas começaram a perguntar, “Vocês têm apenas dez, não vinte e quatro?”

Naturalmente os sacerdotes hindus começaram a falar de vinte e quatro *avatars*. É uma tolice emprestada. Em primeiro lugar tolice; em segundo lugar, emprestada. Essa é a pior coisa que pode acontecer com qualquer um. E isso aconteceu com um grande país de milhões de pessoas.

Esta doença foi tão infecciosa que quando Buda morreu os budistas sentiram-se naturalmente muito enganados, ou melhor – rebaixados, diminuídos, humilhados. “Por que ele não nos contou sobre a figura vinte e quatro? Os jainas a têm, os hindus a têm... e nós temos apenas um único buda.” Então eles criaram vinte e quatro budas que precederam Gautama o Buda.

Ora, vocês podem ver quão longe vai esse disparate. Sim, ele pode continuar... É isso o que quero dizer, mas tenho que terminar a sentença. Lembrem-se, isso não quer dizer que estou colocando um ponto final no disparate; este não tem fim.

Se você é estúpido, você é infinitamente estúpido, assim como eles dizem que Deus é sábio. Não conheço nada de Deus e sua sabedoria, mas conheço a sua tolice. É isso o que estou fazendo aqui: apenas ajudando vocês a abandonarem a estupidez que vocês estão carregando agora. Primeiro os jainas a carregaram, os hindus emprestaram-na, então os budistas emprestaram-na, então o número vinte e quatro tornou-se uma absoluta necessidade.

Vi um homem, Swami Satyabhakta. Ele é uma daquelas raras pessoas que me pergunto por que a existência tolera. Ele pensava ser o vigésimo quinto tirthankara. Mahavira era o vigésimo quarto. É claro que os jainas não puderam perdoar Satyabhakta e o expulsaram.

Eu lhe disse, “Satyabhakta, se você quer ser um tirthankara, por que você não pode ser o primeiro? Por que ficar em uma longa fila tentando por toda a sua vida, com muito sacrifício, ser o vigésimo quinto, o último? Olhe para trás: não há ninguém ali.”

Ele fez um grande esforço, e trabalhou muito duro escrevendo centenas de livros – e ele era muito erudito. Isso também prova que ele é um tolo – mas não um tolo ordinário, um tolo extraordinário.

Eu lhe disse, “Por que você não cria a sua própria religião, se você conhece a verdade?”

Ele disse, “Esse é o problema, não estou certo.”

Eu disse, “Então pelo menos não incomode os outros. Primeiro tenha certeza. Espere, deixe-me chamar a sua esposa.”

Ele disse, “Não, não!”

Eu disse, “Espere. Estou chamando à sua esposa. Você não pode me deter.”

Mas eu não precisei chamar; ela já estava vindo. De fato eu a vi vindo, por isso eu disse, “Não me detenha.” Ninguém poderia a deter; ela já estava vindo. Não falo a palavra ‘vir’ como vocês ocidentais a falam. Ela estava realmente vindo, e ela veio com uma grande força.

Quero dizer que ela realmente entrou com uma grande força, e ela me perguntou, “Por que você está perdendo tempo com esse tolo? Desperdicei toda a minha vida, e não apenas perdi tudo, mas até mesmo minha religião. Apenas porque ele foi expulso, naturalmente fui expulsa também. Uma pessoa só nasce jaina apenas depois de milhões de vidas, e esse tolo não apenas caiu, ele me degradou. É bom que ele seja impotente e que não tenhamos filhos; caso contrário eles seriam expulsos também.”

Fui o único a rir, e eu lhes disse, “Riam. Isso é maravilhoso. Você é impotente. Não estou dizendo isso, a sua esposa está. Não sei quanto ela sabe sobre urologia, mas se ela está dizendo, e você está ouvindo sem nem mesmo levantar os seus olhos, isso é prova suficiente que ela é uma urologista. Você é impotente, ótimo! Você não é nem capaz de transformar a sua esposa em sua discípula, e, entretanto, você está tentando provar que é o vigésimo quinto tirthankara! Isso é realmente engraçado, Satyabhakta.”

Ele nunca me perdoou, somente porque o encontrei no momento exato. Satyabhakta ainda é um inimigo, embora eu simpatize com ele. Pelo menos ele pode dizer que tem um inimigo. Em relação aos amigos, ele não tem nenhum – e o crédito vai para a sua esposa.

Da mesma forma Morarji Desai tornou-se meu inimigo. Não tenho nada contra ele, mas apenas porque ele teve que esperar noventa minutos por causa de um garoto sem importância política nenhuma, naturalmente ele ficou imensamente ofendido. Quando ele viu o primeiro-ministro abrindo a porta do carro para o garoto... Ainda posso ver a cena – como descrevê-la? Havia alguma coisa muito nojenta, escorregadia, em relação ao homem. Vocês não poderiam o agarrar. Ele sempre escorregava, e todas as vezes que escorregava ele se tornava mais e mais sujo. Havia algo nojento e escorregadio em seus olhos, lembro-me. Eu o vi depois, em três outras ocasiões. Algum outro círculo pode cobri-las.

Muito bom. Depois de tal experiência apenas o “não” pode ser bom, porque não há nada como o não.

Muito bom.

Devageet, pare. Tenho outras coisas para fazer. Gudia abriu a porta para lembrar-me.

Sessão 42

Ok. O que eu estava falando para vocês? Não posso me lembrar, recordem-me.

“Nós estávamos falando sobre como Morarji Desai e Satyabhakta tornaram-se seus inimigos, e a última coisa que você disse foi que Morarji Desai tinha algo em seus olhos que era nojento e escorregadio, que você se lembra.”

Bom. É melhor não se lembrar disso. Talvez foi por isso que eu não me recordava; caso contrário minha memória não é má, pelo menos ninguém me disse isso. Mesmo aqueles que não concordaram comigo disseram que minha memória é impossível de acreditar. Quando eu estava viajando pelo país, eu lembrava milhares de nomes das pessoas, suas faces; e não apenas isso, mas quando as encontrava novamente eu imediatamente lembrava onde nós nos encontramos pela última vez, o que eu tinha falado para elas, o que elas tinham falado para mim – podia ser dez ou quinze anos antes. Naturalmente a pessoa ficava surpresa. É bom que a minha memória falhe exatamente onde ela deveria falhar, em Morarji Desai.

Vocês não acreditam que mesmo Deus faz caricaturas. Ouvi dizer que ele fez criaturas, mas caricaturas? Especialmente feitas para cartunistas? Morarji é uma caricatura ambulante. Mas não ri dele; eu estava tão empolgado com o estranho encontro entre um garoto e o primeiro-ministro, e a forma que eles conversaram juntos. Ainda não posso acreditar que um primeiro-ministro pode falar daquela forma. Ele era quase apenas um ouvinte, apenas fazendo questões para que a conversa continuasse. Parecia que ele queria que ela continuasse para sempre, porque muitas vezes a porta se abriu e sua secretária pessoal olhou para dentro. Mas Jawaharlal era realmente um homem bom. Ele virou a sua cadeira de costas para a porta; a secretária pessoal podia ver apenas as suas costas.

Somente depois entendi, quando Masto contou-me, que essa foi a primeira vez que ele tinha visto Jawaharlal colocar a sua cadeira dessa forma. Ele disse que a secretária pessoal abria a porta para anunciar que o tempo do visitante havia terminado, e que outro visitante estava pronto para entrar.

Mas Jawaharlal não estava preocupado com nada do mundo. Parecia que tudo o que ele queria saber era sobre *vipassana*. Eu estava um pouco hesitante para dizer-lhe o que *vipassana* é por causa da situação. Terei que contar-lhes o significado da palavra ‘vipassana’. Significa “olhar para trás.” *Passan* significa “olhando”; *vipassana* significa “olhar para trás.”

O que estou fazendo nesse momento é *vipassana*.

Eu estava chutando Masto com a minha perna, mas ele estava sentado como um iogue. Ele estava com medo que eu faria algo como aquilo, então ele estava preparado, preparado para qualquer coisa que pudesse ocorrer. E realmente o chutei forte.

Ele disse, “Aargh!”

Jawaharlal disse, “O que está acontecendo?”

Masto disse, “Nada.”

Eu disse, “Ele está mentindo.”

Masto disse, “Isso é demais. Você me bate, e você me bate tão forte que esqueço que tenho que me manter quieto e não me tornar uma bola de futebol nas suas mãos, e agora você está dizendo a Jawaharlal que estou mentindo.”

Eu disse, “Agora ele não está mentindo mas te dizendo como você pode esquecer, porque vipassana significa não esquecer.” E eu disse a Masto, “Estou explicando vipassana a Jawaharlal, então te bati forte. Por favor desculpe-me, e não tome como certo que essa será a última vez.”

Jawaharlal realmente gargalhou... ele gargalhou tanto que as lágrimas surgiram em seus olhos. Essa é sempre a qualidade de um poeta real, não um ordinário. Vocês podem comprar os poetas ordinários: talvez no Ocidente eles custem um pouco mais, caso contrário eles custam uma bagatela. Ele não era um poeta desse tipo – um poeta de bagatela. Ele era realmente uma daquelas raras almas que Buda chamou de *bodhisattvas*. Chamá-lo-ei de bodhisattva.

Eu estava, e ainda estou, pasmo em como ele pôde tornar-se primeiro-ministro. Mas o primeiro primeiro-ministro da Índia era de uma qualidade totalmente diferente de qualquer outro primeiro-ministro que se seguiria. Ele não foi eleito pela multidão; ele não foi, na verdade, um candidato eleito. Ele foi escolhido por Mahatma Gandhi.

Gandhi, quaisquer que sejam as suas falhas, pelo menos fez uma coisa que até mesmo eu posso apreciar. Essa foi a única coisa; caso contrário sou absolutamente contra Mahatma Gandhi. Mas o porquê de ele ter que escolher Jawaharlal é outra história, talvez esta não deve fazer parte do meu círculo. O que importa para mim é que pelo menos ele deve ter sido sensível a uma pessoa poética. Ele certamente foi um asceta; entretanto, mesmo com toda a sua bobagem, ele ainda assim foi suficientemente sensível para escolher Jawaharlal.

Foi assim que um poeta se tornou o primeiro-ministro; caso contrário não há possibilidade de um poeta tornar-se um primeiro-ministro – a menos que um primeiro-ministro enlouqueça, e se torne um poeta, mas não será a mesma coisa.

Falamos de poesia. Pensei que ele ia falar de política. Até mesmo Masto, que o conhecia há anos, ficou impressionado que ele estava falando sobre poesia e o significado da experiência poética. Ele olhava para mim como se eu soubesse a resposta.

Eu disse, “Masto, você deveria saber mais. Você conhece Jawaharlal há anos. Eu não o conhecia de maneira alguma até agora. Ainda estamos no processo de apresentarmos-nos um ao outro. Então não olhe com um olho questionador, embora eu entenda a sua questão: “O que aconteceu com o político? Ele ficou louco? Não, eu lhe digo, e para ele também, que ele não é um político – talvez por acidente, mas não por sua natureza intrínseca.”

E Jawaharlal assentiu e disse, “Pelo menos uma pessoa na minha vida disse-o exatamente, pois não fui capaz de a formular claramente. Era vago... mas agora sei o que aconteceu. É um acidente.”

“E,” adicionei, “um acidente fatal.” E nós rimos. Mas eu disse, “O acidente foi fatal, mas o seu poeta está ileso, e não ligo para mais nada. Você ainda pode ver as estrelas como uma criança as vê.”

Ele disse, “Novamente!... Porque amo as estrelas – mas como você ficou sabendo disso?”

Eu disse, “Não tenho nada a ver com isso. Eu sei o que é ser poeta, então posso descrevê-lo para você em todos os detalhes. Então, por favor, a partir desse momento, não fique admirado. Relaxe.” E ele certamente relaxou. Caso contrário, um político relaxar é impossível.

Na Índia a mitologia diz que quando uma pessoa ordinária morre, apenas um demônio vem para levá-la, mas quando um político morre, uma multidão de demônios têm que vir, porque ele não vai relaxar nem mesmo na morte. Ele não permite. Ele nunca permitiu que nada acontecesse por si só. Ele não conhece o significado dessas palavras, ‘deixar acontecer’.

Mas esse homem Jawaharlal imediatamente relaxou. Ele disse, “Contigo posso relaxar. E Masto nunca foi uma fonte de tensão para mim, então ele também pode relaxar – não o estou impedindo – a menos que ser um swami, um sannyasin, um monge, o impeça.”

Todos nós rimos. E esse não foi o último encontro, foi apenas o primeiro. Masto e eu pensávamos que seria o último, mas quando estávamos partindo Jawaharlal disse, “Vocês podem vir novamente amanhã no mesmo horário? Mantereí esse sujeito,” ele disse, apontando para Morarji Desai, “longe daqui. Até mesmo a sua presença cheira mal, e vocês sabem o quê. Peço desculpas, mas tenho que mantê-lo no gabinete porque ele tem uma certa importância política. E o que importa se ele toma a sua própria urina? Não é da minha conta.” Nós rimos novamente e partimos.

Naquela noite ele nos lembrou de novo pelo telefone, dizendo, “Não se esqueçam. Cancelei todos os meus outros compromissos e estarei esperando por ambos.”

Nós não tínhamos nenhum tipo de trabalho. Masto veio apenas para apresentar-me ao primeiro-ministro, e isso foi feito. Masto disse, “Se o primeiro-ministro quer isso, temos que ficar. Não podemos dizer não, isso não seria de ajuda para o seu futuro.”

Eu disse, “Não se preocupe com o meu futuro. Ajudará Jawaharlal ou não?”

Masto disse, “Você é impossível.” E ele estava certo, mas fiquei sabendo muito tarde, quando já era difícil de mudar.

Tornei-me tão acostumado em ser o que sou que mesmo nas pequenas coisas é difícil para mim mudar. Gudia sabe; ela tenta ensinar-me de todas as formas possíveis a não derramar água por todo o banheiro. Mas alguém pode me ensinar alguma coisa? Não posso parar. Não que eu queira torturar as meninas, ou que elas tenham que ser torturadas duas vezes ao dia – porque tomo dois banhos, então naturalmente elas têm que limpar duas vezes.

É claro que Gudia pensa que posso tomar um banho de uma tal maneira que elas não precisassem remover a água de todos os lados. Mas finalmente ela abandonou a ideia de ensinar-me. É impossível para mim mudar. Quando tomo banho aprecio tanto que esqueço e derramo água em todos os lugares. E sem derramá-la eu teria que permanecer controlado até mesmo em meu banheiro.

Agora olhem para Gudia: ela está gostando da ideia porque sabe exatamente o que estou falando. Quando tomo um banho eu realmente tomo um banho, e derramo água não apenas no chão, mas até nas paredes, e se você tem que limpar, então claramente isso é um problema para você. Mas se você limpa com amor, como os meus limpadores o fazem, então é melhor que psicanálise, e muito melhor que a meditação transcendental. Não posso mudar nada agora.

Ora, o que Masto estava falando aconteceu. O que era futuro agora é passado. Mas sou o mesmo, e permaneci o mesmo. Na verdade, para mim parece que a morte não ocorre no momento em que você para de respirar, mas quando você para de ser você mesmo. Nunca por razão alguma eu permiti alguma concessão.

Nós fomos no dia seguinte e Jawaharlal havia convidado o seu genro, o marido de Indira Gandhi. Perguntei-me porque ele não havia convidado a sua filha. Posteriormente Masto me disse, “Indira cuida de Jawaharlal. A sua esposa morreu jovem, e ele teve apenas uma criança, a sua filha Indira, e ela tem sido tanto uma filha quanto um filho para ele.”

Na Índia, quando a filha se casa ela tem que ir para a casa do seu marido. Ela se torna parte de outra família. Indira nunca foi. Ela simplesmente recusou-se. Ela disse, “A minha mãe está morta, e não posso deixar o meu pai sozinho.”

Isso criou o início do fim do seu casamento. Eles permaneceram marido e mulher, mas Indira nunca fez parte da família Feroze Gandhi. Até mesmo os seus dois filhos, Sanjay e Rajiv, naturalmente ficaram, por causa da sua mãe, na família dela.

Masto me disse, “Jawaharlal não pode os convidar juntos; eles começariam a brigar aqui e ali.”

Eu disse, “Isso é estranho. Até mesmo por uma hora eles não podem esquecer que são marido e mulher?”

Masto disse, “É impossível esquecer, nem por um único momento. Ser marido e mulher significa uma declaração de guerra.” Embora as pessoas o chamem de amor, é realmente uma guerra fria. É melhor ter uma guerra quente,

particularmente em um inverno frio, do que uma guerra fria vinte e quatro horas por dia. Ela começa até mesmo a congelar o seu ser.

Ficamos novamente surpresos quando ele nos convidou para o terceiro dia. Estávamos pensando em partir, e ele não disse nada no segundo dia. Na manhã do terceiro dia Jawaharlal telefonou. Ele tinha um número privado que não estava listado no diretório. Apenas poucas pessoas, aquelas que eram muito próximas, podiam ligar para ele naquele número.

Perguntei a Masto, “Ele próprio ligou; ele não podia simplesmente pedir para sua secretária nos ligar?”

Masto disse, “Não, esse é seu número privado; nem mesmo a secretária sabe que ele está nos convidando. A secretária ficará sabendo apenas quando chegarmos no portão.”

E naquele terceiro dia Jawaharlal apresentou-me a Indira Gandhi. Ele simplesmente disse a ela, “Não pergunte quem ele é, porque exatamente agora ele não é ninguém, mas algum dia ele poderá ser realmente alguém.”

Eu sabia que ele estava errado. Ainda sou um ninguém, e permanecerei ninguém até o final. Ser um ninguém é tremendamente extasiante; realmente há espaço. Devo ser uma das pessoas mais espaçosas do mundo. De qualquer forma, tente ser ninguém. É maravilhoso – simplesmente maravilhoso.

Mas ninguém quer ser um ninguém, um nada, e naturalmente era por isso que Jawaharlal estava dizendo para Indira, “Agora ele não é ninguém, mas posso prever que um dia ele certamente será alguém.”

Jawaharlal, você já está morto, mas sinto muito dizer que não pude realizar a sua previsão. Ela falhou, felizmente.

E aquilo iniciou a minha amizade com Indira. Ela já tem um alto posto, e em breve tornar-se-á presidente do partido governista da Índia, e então ministra do gabinete de Jawaharlal, e, finalmente, primeira-ministra. Indira é a única mulher que consegue lidar com esses idiotas, os políticos, e ela lida bem.

Como ela lida não consigo dizer. Talvez ela aprendeu todas as falhas deles enquanto ela era uma ninguém, apenas uma cuidadora do velho Jawaharlal. Mas ela conhecia as falhas deles tão bem que eles tinham medo dela, tremiam. Nem mesmo Jawaharlal pôde retirar esse perfeito idiota, Morarji Desai, do seu gabinete.

Falei isso para Indira em um encontro posterior. Isso pode vir em algum momento, ou não, então é melhor que eu o mencione agora. Esses círculos não são confiáveis. Disse-lhe em nosso último encontro – isso foi alguns anos após a morte de Jawaharlal; deve ter sido em algum momento em torno de 1968. Ela me disse, “O que você está falando está absolutamente certo, e eu gostaria de fazê-lo, mas o que fazer com pessoas como Morarji? Elas estão no meu gabinete, e são maioria. Embora pertençam ao meu partido, elas não seriam capazes de entender

se eu tentar implementar qualquer coisa que você está dizendo. Concordo, mas sinto-me impotente.”

Eu disse, “Por que você não expulsa esse sujeito? Quem está lhe impedindo? E se você não puder o expulsar, então se demita, porque não combina com uma pessoa do seu calibre trabalhar com esses tolos. Corrija-os – isso é, coloque o lado certo para cima, porque eles estão fazendo *shirshasana*, pousados sobre suas cabeças. Ou você os corrige ou se demita, mas faça algo.”

Sempre gostei de Indira Gandhi. Ainda gosto dela, embora ela não tenha feito nada para ajudar o meu trabalho – mas essa é outra questão. Gostei dela a partir do momento em que ela me disse, ou melhor, sussurrou no meu ouvido, embora não houvesse ninguém para ouvir, mas quem sabe – políticos são pessoas cuidadosas.

Ela sussurrou, “Farei alguma coisa ou outra.”

Não pude entender naquele momento o que ela significava com – “alguma coisa ou outra.” Mas depois de sete dias li no jornal que Morarji Desai havia sido subitamente expulso. Eu estava longe, talvez a mil milhas.

Ele havia acabado de retornar de uma excursão do seu distrito eleitoral para visitar o primeiro-ministro, e essa foi a sua boas-vindas – uma boas-vindas estranha, ou devo dizer um “boas-idas” Posso criar uma palavra, ‘boa-ida’? Então eles estavam dando uma bela boa-ida. Isso seria exatamente o que as pessoas fazem – quem dá as boas-vindas?

Mas não fiquei surpreso. Na verdade todos os dias eu estava olhando nos jornais para ver o que está acontecendo, porque tinha que descobrir o que ela queria dizer com “alguma coisa ou outra.” Mas ela fez algo. Ela fez a coisa certa. Esse homem tem sido o mais obstrutivo, obscurantista, ortodoxo, etc, e qualquer coisa errada que vocês puderem pensar.

Que horas são, Devageet?

“Dez e vinte e quatro, Osho.”

Dez minutos para mim. Isso é bom mas pode ser melhorado. A menos que vocês alcancem às suas perfeições hoje, serei um capataz duro. Busque a perfeição. Não procure à continuação; perfeição é a palavra. Embora ela não seja ouvida, ainda assim a perfeição é a palavra, ouvida ou não.

Sim, a menos que eu saiba que vocês chegaram em suas capacidades últimas não pararei – então sejam rápidos!

Bom.

No momento em que eu digo bom, você fica com medo. Imediatamente vejo o seu medo e o seu tremor. É por isso que, de vez em quando, tenho que me dirigir a Ashu, dizendo, “Não se preocupe com o medo de Devageet. Apenas seja uma mulher simples, sem conhecimento, e vá às alturas. Deixe o pobre Devageet

correr atrás.” Ele tentará bravamente. Posso vê-lo correndo para alcançar-lhe, é por isso que riu. Quem pode ficar atrás de seu próprio assistente?

Não se preocupe: hoje às doze horas o mundo parará de qualquer forma. Então Ashu, seja rápida! Antes que o mundo termine pelo menos permita que eu almoce.

Bom. Pare.

Sessão 43

Ok. Sempre me perguntei como Deus pôde fazer esse mundo em apenas seis dias. E *esse* mundo! Talvez seja por isso que ele chamou seu filho de Jesus! Que nome para se dar para seu próprio filho! Ele tinha que punir alguém pelo o que tinha feito, e não havia ninguém mais disponível. O Espírito Santo está sempre ausente; ele está sentado ali na sela do cavalo. É por isso que pedi para Chetana desocupá-la, porque cavalgar em um cavalo com alguém já sobre ele não é bom – quero dizer, não é bom para o cavalo, e não é bom para Chetana também. Em relação ao Espírito Santo, não ligo nem um pouco. Não me preocupo com o Espírito Santo ou qualquer outro tipo de espírito. Sou sempre pelos vivos.

Um espírito é uma sombra de um morto, e mesmo se santo, qual o uso? E ele é feio também. Chetana, eu não estava preocupado com o Espírito Santo. Se você cavalgá-lo, está tudo bem no que diz respeito a mim. Cavalgue no Espírito Santo. Mas esta pobre cadeira não foi nem feita para uma única pessoa. Ela não foi feita para ser sentada. Ela foi feita apenas para meia pessoa, para que você não caia no sono. É por isso que ela foi feita assim.

Nessa cadeira você não pode nem se sentar, o que dizer de dormir! E até mesmo essa cadeira não caberia nessa pequena Arca de Noé. Esta é tão pequena que mesmo Noé tem que ficar de fora, apenas para dar espaço para todas as criaturas.

O que eu estava falando, Devageet?

“O Espírito Santo está sempre ausente; ele está sentado agora na sela do cavalo.” (*risos*)

Isso eu me lembro. Eu sabia que você não poderia tomar as notas. Concentre-se. Mas vou conseguir. Consegui a minha vida inteira sem notas.

O que Jawaharlal me disse naquele último dia foi certamente estranho.

Ele perguntou, “Você acha que é ok estar no mundo político?”

Eu disse, “Não acho, *sei* que não é ok de maneira alguma. É uma maldição, um carma. Você deve ter feito algo errado em suas vidas passadas; caso contrário você não poderia ser o primeiro-ministro da Índia.”

Ele disse, “Concordo.”

Masto não acreditava que eu podia responder ao primeiro-ministro daquela forma, nem, além disso, que o primeiro-ministro concordaria.

Eu disse, “Isso conclui um longo debate entre eu e Masto, a meu favor. Masto, você concorda?”

Ele disse, “Agora tenho que concordar.”

Eu disse, “Nunca gostei de nada do tipo “tenho que”; é melhor discordar. Pelo menos nesse discordar haverá alguma vida. Não me dê este rato morto! Em primeiro lugar um rato – e, além do mais, morto! Você acha que sou uma águia, um urubu, ou o quê?”

Até Jawaharlal, por sua vez, olhou para nós dois.

Eu disse, “Você decidiu. Sou grato a você. Masto, por anos, estive em um dilema. Ele não podia decidir se um homem bom deve ou não deve estar na política.”

Falamos de muitas coisas. Não acho que naquela casa – refiro-me à casa do primeiro-ministro – nenhuma reunião durou tanto. Quando terminamos era nove e meia – três horas! Até mesmo Jawaharlal disse, “Esta deve ter sido a mais longa reunião da minha vida, e a mais frutífera.”

Eu disse, “Que frutos essa reunião lhe trouxe?”

Ele disse, “Somente a amizade de um homem que não pertence a esse mundo, e que nunca pertencerá a esse mundo. Vou estimá-la como uma memória sagrada.” E em seus belos olhos pude ver o primeiro encontro das lágrimas.

Saí da casa correndo, apenas para não o envergonhar, mas ele me seguiu e disse, “Não há necessidade de se apressar tanto.”

Eu disse, “As lágrimas estavam vindo rápidas.” Ele riu e choramos juntos. Muito raramente ocorre, e apenas aos loucos ou àqueles muito inteligentes. Ele não era um louco, mas extraordinariamente inteligente. Nós – quero dizer, Masto e eu – falamos muitas vezes sobre aquele encontro, particularmente das lágrimas e do riso. Por quê? Naturalmente nós, como sempre, não concordávamos. Isso tornou-se algo rotineiro. Se eu concordasse, ele não acreditaria nisso. Seria um tremendo choque.

Eu disse, “Ele chorou por si mesmo, e riu da liberdade que eu tinha.” Como é óbvio, a interpretação de Masto era, “Ele chorou por você, não por ele mesmo, porque viu que você poderia tornar-se uma força política importante, e ele riu da sua própria ideia.”

Essa era a interpretação de Masto. Agora não há como decidir, mas felizmente Jawaharlal ele próprio decidiu, acidentalmente. Masto contou-me, então não há problema.

Antes de Masto deixar-me para sempre desaparecendo nos Himalaias, e antes de eu morrer da forma que todos têm que morrer para serem ressuscitados, ele me disse, “Sabe, Jawaharlal tem lembrado de você repetidas vezes, e, particularmente em nosso último encontro ele disse: ‘Se você ver aquele garoto estranho, e se você se preocupa com ele de alguma forma, mantenha-o fora da política, porque perdi a minha vida com essas pessoas estúpidas. Não quero que aquele garoto implore votos de pessoas totalmente estúpidas, medíocres, as massas estúpidas. Não, se você puder fazer algo por ele, por favor proteja-o da política.’”

Masto disse, “Isso decide o nosso debate a seu favor, e estou feliz porque embora eu tenha argumentado com e contra você, no fundo eu sempre concordei consigo.”

Nunca vi Jawaharlal novamente, embora ele tenha vivido muitos anos. Mas, assim como ele queria – e já tinha o decidido antes; o seu conselho apenas tornou-se uma confirmação da minha própria decisão – nunca votei na minha vida e nunca fui membro de nenhum partido político, nunca sonhei com isso. Na verdade, por quase trinta anos não sonhei nada. Não posso.

Posso fazer um tipo de ensaio. A palavra parecerá estranha – um sonho ‘ensaiado’ – mas o drama real nunca ocorre, não pode ocorrer; ele precisa da inconsciência, e falta esse ingrediente. Vocês podem tornar-me inconsciente, mas mesmo assim vocês não me farão sonhar. E para tornar-me inconsciente não é necessária muita tecnologia; apenas um golpe na minha cabeça e ficarei inconsciente. Mas essa não é a inconsciência que estou falando.

Você está inconsciente quando segue fazendo as coisas sem saber por quê – durante o dia, durante a noite – falta a consciência. Uma vez que a consciência ocorre, o sonho desaparece. Ambos não podem existir juntos. Não há coexistência possível entre essas duas coisas, e ninguém pode a criar. Ou você sonha inconsciente; ou está acordado, atento, fingindo sonhar – mas isso não é um sonho. Você sabe e todas as outras pessoas também sabem.

O que eu estava falando?

“Por quase trinta anos você não sonhou. ‘Eu nunca vi Jawaharlal novamente, embora ele tenha vivido muitos anos.’”

Bom.

Não havia necessidade de o ver novamente, embora muitas pessoas tenham se aproximado de mim. De alguma forma elas ficaram sabendo de várias fontes, da casa de Jawaharlal, secretárias ou de outras pessoas, que eu o conhecia e que ele me amava. Naturalmente elas queriam que algo lhes fosse feito e perguntavam se eu poderia as recomendar para ele.

Eu disse, “Vocês estão loucas? Não o conheço de maneira alguma.”

Elas disseram, “Temos sólidas provas.”

Eu disse, “Vocês podem ficar com as suas sólidas provas. Talvez em algum sonho nós nos encontramos, mas não na realidade.”

Elas disseram, “Sempre achamos que você era um pouco louco; agora temos certeza.”

Eu disse, “Espalhe isso, por favor, o mais longe e amplamente possível, e não sejam conservadores – apenas um pouco louco? Sejam generosos – sou absolutamente louco!”

Elas partiam sem nem mesmo me agradecer. Eu tinha que agradecer-lhes com um muito obrigado, então eu disse, “Sou um louco. Pelo menos posso dar-lhes um bom muito obrigado.”

Elas olhavam umas para as outras, “Olhe! Um bom muito obrigado? Ele é louco.”

Eu amava ser conhecido como louco. Ainda amo. Não há nada mais belo do que a loucura que conheci.

Masto disse antes de partir, “Jawaharlal deu-me o nome desse homem, Ghanshyam Das Birla. Ele é o homem mais rico da Índia, e muito próximo da família de Jawaharlal. Em qualquer tipo de necessidade ele pode ser contatado. E quando ele estava me dando esse endereço Jawaharlal disse, ‘Aquele garoto me assombra. Prevejo que ele pode tornar-se...’” e Masto permaneceu em silêncio.

Eu disse, “O que aconteceu? Pelo menos complete a frase.”

Masto disse, “Completarei. Esse silêncio também é dele. Estou apenas imitando-o. O que você me perguntou, eu perguntei a ele. Então Jawaharlal completou à sentença. E vou contar-lhe,” Masto disse, “qual foi a conclusão. Jawaharlal disse, ‘Ele pode tornar-se um dia...’ e então veio o silêncio. Talvez ele estava pensando algo em seu interior, ou não tinha muita certeza do que dizer. Então ele disse, ‘um Mahatma Gandhi.’”

Jawaharlal estava me dando o maior respeito que podia. Mahatma Gandhi foi o seu mestre, e também o homem que decidiu que Jawaharlal seria o primeiro primeiro-ministro da Índia. Naturalmente, quando Mahatma Gandhi foi assassinado a tiros, Jawaharlal chorou. Falando no rádio, chorando, ele disse, “A luz se foi. Não quero falar mais nada. Ele era a nossa luz; agora teremos que viver na escuridão.”

Se ele disse isso para Masto com hesitação, então ou estava pensando se comparava esse garoto desconhecido com o Mahatma mundialmente famoso, ou estava, talvez, ponderando entre o Mahatma e alguns outros nomes... e acho que esta opção é mais provável, porque Masto lhe disse, “Se eu contar isso ao garoto ele imediatamente dirá, ‘Gandhi! Ele é a última pessoa no mundo que eu gostaria de parecer. Eu preferiria ir para o inferno do que ser Mahatma Gandhi.’ Então é melhor que você saiba como ele reagirá. Conheço-o muito profundamente. Ele não será capaz de tolerar essa comparação – e ele te ama; apenas por causa desse nome não destrua o seu amado.”

Eu disse a Masto, “Isso é demais, Masto. Você não precisava dizer isso para ele. Ele é velho, e, no que diz respeito a mim, ele me comparou com o maior homem de acordo com a sua forma de pensar.”

Masto disse, “Espere. Quando eu disse isso, Jawaharlal disse, ‘Suspeitei, por isso esperei, ponderando se dizia isso ou não. Então não lhe diga isso, altere. Talvez ele possa se tornar um Gautama Buda!’”

Rabindranath, o grande poeta indiano, escreveu que Jawaharlal amava muito secretamente Gautama o Buda. Por que secretamente? Porque ele nunca gostou de nenhuma religião organizada, e ele não acreditava em Deus também, e Jawaharlal era o primeiro-ministro da Índia.

Masto disse, “Então eu disse a Jawaharlal, ‘Desculpe-me. Você chegou muito próximo, mas para dizer-lhe a verdade ele não gostará de nenhuma comparação.’ E você sabe,” Masto então me perguntou, “o que Jawaharlal disse? Ele disse ‘Esse é o tipo de homem que amo e respeito. Mas proteja-o de todas as formas possíveis para que ele não seja capturado pela política, que me destruiu. Não quero que essa mesma calamidade aconteça de novo com ele.’”

Masto desapareceu depois disso. Eu também desapareci, então não havia ninguém lá para reclamar. Mas a memória não é a consciência, e a memória pode funcionar mesmo sem consciência, de fato mais eficientemente. Afinal de contas, o que é um computador? Um sistema de memória. O ego morreu; aquilo que está por trás do ego é eterno. Aquilo que faz parte do cérebro é temporal e morrerá.

Mesmo depois da morte estarei disponível para os meus discípulos tanto quanto, ou nem tanto, como estou agora. Tudo dependerá deles. É por isso que estou, vagarosamente, desaparecendo do mundo deles, para que esse mundo se torne cada vez mais deles.

Posso ser apenas um por cento, e o amor deles, a confiança deles, a entrega deles é noventa e nove por cento. Mas quando eu me for ainda mais será necessário – cem por cento. Então estarei disponível, talvez mais, para aqueles que puderem pagar – escreva “aqueles que puderem pagar” em letras maiúsculas – porque o ser humano mais rico é aquele QUE PODE PAGAR uma entrega de cem por cento no amor e na confiança.

E eu tenho essa gente. Então não quero, mesmo depois da morte, desapontá-los de maneira alguma. Quero que elas sejam as pessoas mais realizadas da Terra. Estando eu aqui ou não, irei me alegrar.

Sessão 44

Perguntei-me ontem como Deus criou esse mundo em seis dias. Perguntei-me porque não fui nem capaz de ir além do segundo dia da minha escola primária. E que mundo ele criou! Talvez ele era um judeu, porque somente os judeus propagaram à ideia.

Os hindus não acreditam em um Deus; eles acreditam em muitos deuses. De fato, quando eles conceberam a ideia pela primeira vez, eles contavam o número de deuses exatamente de acordo com o número de indianos – naquela época. Naquela época, também, os indianos não tinham uma população pequena: trinta e três crores, isso significa trezentos e trinta milhões – ou não, mas lhes dá alguma ideia dos hindus. Eles acreditavam que cada indivíduo único tinha que ter um deus próprio. Eles não eram ditatoriais, mas muito democráticos; de fato democráticos demais – os hindus antigos.

Milhares de anos passaram-se desde que eles conceberam a ideia de um mundo divino paralelo, com tantos seres quanto os que existiam na Terra. E eles fizeram um bom trabalho. Até mesmo contar trezentos e trinta milhões de deuses... e vocês não conhecem os deuses hindus! Eles são tudo o que um ser humano pode ser – muito espertos, políticos, exploradores de todas as formas. Mas de alguma forma, pelo menos alguém conseguiu fazer um censo.

Os hindus não são teístas no sentido Ocidental. Eles são pagãos, mas não pagãos como os cristãos querem usar essa palavra. Pagão é uma palavra valiosa; os cristãos, judeus e os islâmicos não deviam ter a permissão de a usar incorretamente. Essas três religiões são todas basicamente judaicas. As fundações de quaisquer coisas que elas disseram foram estabelecidas muito antes de Jesus ter nascido e de se ouvir falar de Maomé. Elas são todas judaicas.

É claro que o Deus que vocês ouviram falar é judeu; ele não pode ser de outra forma. É aqui que está o segredo. Se ele fosse um hindu, ele próprio estaria separado em trezentos e trinta milhões de partes, o que dizer sobre criar o mundo. Mesmo se já houvesse um mundo, trezentos e trinta milhões de deuses seriam suficientes para destruí-lo.

O ‘Deus’ hindu – nenhuma dessas palavras poderia ser utilizada porque existem apenas deuses no hinduísmo, não um Deus – não é um criador. Ele próprio é parte do universo. Por ele quero dizer dos trezentos e trinta e três milhões de deuses. Tenho que usar a palavra ‘ele’, mas os hindus sempre usaram ‘aquilo’. ‘Aquilo’ é um guarda-chuva grande; Vocês podem esconder nele quantos deuses vocês quiserem. Mesmo os indesejados podem ter um pouco de espaço nos fundos. É quase como uma tenda de circo – vasta, grande e capaz de conter todo o tipo de deus que pode ser imaginado.

O Deus judeu realmente fez um bom trabalho. É claro que ele era um bom judeu, e ele criou o mundo em apenas seis dias. Toda essa confusão é o que Albert Einstein, outro judeu, chamou de “universo expansível.” Ele está expandindo a

cada segundo, tornando-se cada vez maior como o ventre de uma mulher grávida, e, é claro, mais rápido do que isso. Ele está expandindo na mesma velocidade da luz, e essa é a maior velocidade já concebida.

Talvez algum dia descubramos coisas mais velozes, mas neste momento ela permanece a maior no que diz respeito à velocidade. O mundo está expandindo com a velocidade da luz, e ele sempre expandiu. Não há início nem fim, pelo menos na abordagem científica.

Mas os cristãos dizem que ele não apenas começou, mas que foi terminado no intervalo de seis dias. E é claro que os judeus estão aí, e os islâmicos estão aí, e eles são todos galhos do mesmo disparate. Talvez apenas um idiota criou a possibilidade para todas as três religiões. Não me pergunte seu nome; os idiotas, particularmente os perfeitos, não têm nomes, então ninguém conhece quem criou a ideia de criar o mundo em seis dias. No máximo só vale a pena rir dela. Mas ouçam um padre cristão ou um rabino, e vejam à seriedade com que eles falam da gênese, o próprio início.

Perguntei-me porque não pude terminar nem a minha história em seis dias. Estou apenas no segundo dia, e isso também porque deixei muito sem ser dito, pensando que essas coisas não eram importantes – mas quem sabe, elas podem ser. Mas se eu começar a dizer tudo sem escolher, então, e o pobre Devageet?

Posso ver que ele terá tantos cadernos de anotações que ficará louco olhando para eles. Seria como se ele estivesse do lado do Empire State em Nova Iorque olhando para seus próprios cadernos de anotações pensando, “Agora quem vai lê-los?”

E então penso em Devaraj que tem que editá-los. Se alguém os lê ou não, pelo menos vocês terão um leitor; este é Devaraj. Outro, Ashu; ela tem que digitá-los.

Na história da criação de Deus não há editor, nem datilógrafo. Ele apenas o criou em seis dias, e estava tão concluído que nada mais foi ouvido sobre ele até agora. O que aconteceu com ele? Alguns pensam que ele foi para a Flórida, onde todas as pessoas aposentadas vão. Alguns pensam que ele está curtindo em Miami Beach... mas isso tudo é suposição.

Deus não existe de maneira alguma. É por isso que a experiência é possível; caso contrário ele interferiria* [NdT. *poked his nose in*] – e um nariz judeu serve para isso. Em vez de pensar em Deus é melhor esquecer-lo, e perdoá-lo também; está na hora. Pode soar um pouco estranho esquecer e perdoar Deus, mas só então você começa: a morte dele é o seu nascimento.

Apenas um louco, Friedrich Nietzsche, teve a ideia – mas quem ouve os loucos, particularmente quando eles estão falando a verdade? Então é ainda mais difícil ouvi-los. Ninguém nunca levou Nietzsche a sério, mas acho que sua declaração foi um dos maiores momentos da história da consciência: “Deus está morto!” Ele teve que declará-lo, não porque Deus morreu – ele nunca esteve aqui, nunca nasceu em primeiro lugar, como poderia estar morto? Antes de morrer você

tem que sofrer pelo menos setenta anos da coisa chamada vida. Deus nunca existiu. É bom, porque a existência é suficiente em si mesma. Nenhuma influência externa é necessária para a criar.

Mas não vou falar sobre ela. Vejam vocês, cada momento abre tantos caminhos, e vocês têm que andar. Qualquer um dos caminhos que escolherem vocês se arrependerão, porque quem sabe o que estava nos outros caminhos que vocês não escolheram?

É por isso que ninguém está feliz no mundo. Há centenas de pessoas bem-sucedidas, ricas, poderosas, mas vocês não encontram uma multidão de pessoas felizes, a menos que vocês encontrem a minha gente. A minha gente é de um tipo completamente diferente.

Ordinariamente todo mundo ficará frustrado mais cedo ou mais tarde. Quanto mais inteligente, mais cedo; quanto mais estúpido, mais tarde. E se completamente estúpido, então nunca. Então essa pessoa morrerá sentada no carrossel da Dinseylândia.

Como você pronuncia, Ashu?

“Disneylândia, Osho.”

Disnay? Disney. Disney. Bom. Nenhuma mulher pode esconder os seus sentimentos de mim. Um homem pode fazê-lo. Imediatamente tive consciência que eu disse algo errado. Mas você não precisa se preocupar com isso; sou um tipo errado de homem. Apenas raramente, por acidente, direi algo certo; caso contrário, sou sempre sábio.* [NdT. Trocadilho fonético e, talvez, semântico: *Otherwise, I am always wise.*”]

Agora vamos continuar a história. Isso foi um pequeno desvio, e isso será uma coleção de milhares de desvios, porque é isso o que a vida é...

Masto não estava presente para convencer Indira Gandhi a trabalhar para mim, mas ele deu o seu melhor com o primeiro primeiro-ministro da Índia. Talvez ele foi bem-sucedido, mas apenas em convencê-lo que aqui está um homem que não deveria de maneira alguma estar na vida política do país. Talvez Jawaharlal estava pensando nisso para o meu bem, ou para o bem do país, mas ele não era um homem esperto, então o segundo não pode ser o caso. Eu o vi, então sei. Não apenas o vi, mas realmente senti uma profunda empatia, uma profunda harmonia e sincronicidade com ele.

Ele era velho. Ele viveu a sua vida, foi bem-sucedido e estava frustrado. Isso era o suficiente para eu não querer ser bem-sucedido em nenhum sentido mundano, e posso dizer que mantive-me intacto em relação a qualquer sucesso. De uma forma estranha permaneci como se não estivesse no mundo de maneira alguma.

Kabir tem uma bela música que descreve o que estou tentando dizer de uma forma muito mais poética. Ele era um tecelão, então, é claro, a sua música é a de um tecelão, lembrem-se.

Ele diz, “*Jhini jhini bini chadariya*: preparei um belo cobertor para a noite... *Jhini jhini bini chadariya, ramnam ras bhini*: mas não o usei. Nunca de nenhuma maneira o tornei de segunda mão. Ele estará tão novo na minha morte como estava no meu nascimento.”

E vocês podem acreditar, ele cantou a música e morreu. As pessoas estavam pensando que ele estava cantando a música para elas – ele estava cantando a música para a própria existência. Mas essas palavras eram de um homem pobre, e, no entanto, tão rico que até mesmo toda a vida não fora capaz de lhe fazer um simples arranhão. E ele deu de volta para a existência o que lhe havia sido dado no nascimento, exatamente como lhe foi dado.

Muitas vezes surpreendo-me em como o corpo tornou-se velho, mas, no que diz respeito a mim, não sinto nenhuma velhice ou processo de envelhecimento. Nem mesmo por um único momento senti diferente. Sou o mesmo, e, portanto, muitas coisas aconteceram, mas elas aconteceram apenas na periferia. Então posso dizer-lhes o que aconteceu, mas lembrem-se sempre, nada aconteceu comigo. Sou tão inocente e tão ignorante quanto eu era antes do meu nascimento.

As pessoas do Zen dizem, “A menos que você saiba como você era, qual era a sua face antes de nascer, você não poderá nos entender.”

Naturalmente você pensará, “Essas pessoas são loucas e elas estão tentando me enlouquecer também. Talvez elas estão tentando me convencer a olhar para o meu umbigo, ou fazer algo estúpido como isso.” E existem pessoas que estão fazendo coisas como essas, e com grande sucesso, e elas têm milhares de seguidores.

Estar comigo é não estar em nenhum caminho já trilhado. É, de uma maneira estranha, não estar em nenhum caminho de forma alguma... e então, de repente, você está em casa. Isso aconteceu comigo, mas em torno disso milhares de outras coisas também ocorreram. E quem sabe quem vai acionar o processo?

Olhem para Devageet. Agora algo foi acionado nele. Ninguém sabe, qualquer coisa pode iniciar um processo que pode levá-los a vocês mesmos. Não está longe, nem perto; está apenas onde você está. É por isso que, às vezes, os budas riram, vendo a total estupidez de todo o esforço; a estupidez de tudo o que estavam fazendo. Mas para vê-la eles tiveram que passar por muitas coisas.

Que horas são?

“Dez e sete, Osho.”

Dez e sete?

“Sim.”

Bom.

Masto, em nosso último encontro, disse muitas coisas; talvez algumas dessas coisas podem ser úteis a alguém em algum lugar. Ele estava prestes a

partir, então estava falando tudo o que ele queria me dizer. É claro que ele tinha que ser muito, muito breve. Ele usou máximas. Isso foi estranho, porque o homem era um prolífico orador – e usando máximas?

Ele disse, “Você não entende, estou com pressa. Apenas ouça, não discuta, porque se você começar a discutir não serei capaz de cumprir a minha promessa a Pagal Baba.”

É claro que quando ele falou “Pagal Baba,” ele sabia que aquele nome significava tanto para mim que eu nunca discutiria contra ele. Baba poderia dizer até que dois mais dois é igual a cinco, e eu ouviria, e não apenas ouviria, mas acreditaria, confiaria. “Dois mais dois é igual a quatro” não precisa de confiança; mas “dois mais dois é igual a cinco” certamente precisa de um amor que vai além da aritmética. Se Baba o falou, então deve ser assim.

Então ouvi. Essas foram as suas poucas palavras. Elas não foram muitas, mas profundamente significantes.

Ele disse, “Primeiro, nunca entre em qualquer organização.”

Eu disse, “Ok.” E nunca entrei em nenhuma organização. Mantive minha promessa. Não sou nem parte, quero dizer membro, da neo-sannyas. Não posso ser, por causa da promessa feita a alguém que amei. Posso apenas estar entre vocês. Mas, não importando o modo como me escondo, sou um estrangeiro, até mesmo entre vocês, apenas por causa de uma promessa que vou cumprir até o final.

“Segundo,” ele disse, “você não deve falar contra o sistema.”

Eu disse, “Ouça Masto, isso é seu, e não de Pagal Baba, e tenho absoluta certeza disso.”

Ele riu e disse, “Sim, isso é meu. Eu estava tentando checar se você poderia separar o joio do trigo.”

Eu disse, “Masto, não precisa se preocupar com isso. Apenas diga o que você quer dizer, porque você disse que existe uma grande pressa. Não vejo a pressa, mas se você diz – também o amo – acredito. Diga-me somente o que é absolutamente necessário; caso contrário podemos sentarmo-nos por quanto tempo você quiser.”

Ele permaneceu em silêncio por um tempo, e então disse, “Ok, é melhor sentarmo-nos silenciosamente, porque você sabe o que Baba me disse; ele já deve ter lhe dito.”

Eu disse, “Conheci-o tão profundamente que não há necessidade de me dizer. Mesmo se ele voltasse eu diria, ‘Não se preocupe, apenas fique comigo.’ Então é bom que você decidiu, mas mantenha a sua promessa.”

Ele disse, “Que promessa?”

Eu disse, “É apenas uma promessa simples: ficar em silêncio comigo pelo tempo que você quiser ficar aqui.”

Ele ficou ali por mais seis horas, e manteve a sua promessa. Nem uma única palavra foi trocada por nós, mas algo muito maior do que as palavras podem expressar. A única coisa que ele me disse quando partiu para a estação foi, “Posso agora dizer a última coisa? – porque posso não lhe ver novamente.” E ele sabia que partiria para sempre.

Eu disse, “Certamente.”

Ele disse, “Apenas isso, que se você precisar de qualquer ajuda minha você pode sempre informar a esse endereço. Se eu estiver vivo eles imediatamente contatar-me-ão.” E ele me deu um endereço que eu não acreditava que tivesse qualquer relação com Masto.

Eu disse, “Masto!”

Ele disse, “Não peça, apenas informe esse homem.”

“Mas,” eu disse, “esse homem é Morarji Desai. Não posso o informar, e você sabe disso.”

Ele disse, “Eu sei, mas esse é o único homem que em breve estará no poder, e será capaz de alcançar-me em qualquer lugar dos Himalaias.”

Eu disse, “Você acha que esse homem sucederá Jawaharlal?”

Ele disse, “Não. Outro homem deve sucedê-lo, mas este homem não viverá muito, e então Indira sucederá, e, depois disso, Morarji. Estou lhe dando esse endereço porque esses serão os anos que você mais precisará de mim; caso contrário, se Jawaharlal estivesse ali, ou Indira estivesse...”

E entre os dois, Jawaharlal e Indira, houve outro primeiro-ministro, um homem muito belo; muito baixo no que diz respeito ao corpo, mas muito grande: Lal Bahadur Shastri. Mas ele esteve no cargo apenas por alguns meses. Foi estranho, no momento em que ele se tornou primeiro-ministro ele me informou que queria me ver dizendo, “Venha me ver o mais rápido possível.”

Fui até Delhi porque eu sabia que a mão de Masto deveria estar por detrás dele. De fato, fui para encontrar a mão por detrás. Eu amava tanto Masto que eu iria ao inferno – e Nova Delhi é um inferno. Mas fui porque o primeiro-ministro ligou, e era um bom momento para saber onde Masto estava, e se ele estava vivo ou não.

Mas, infelizmente, a data que ele me deu... Ele deveria chegar em Nova Delhi de Tashkent, na Rússia Soviética, onde esteve em uma conferência de cúpula da Índia, Rússia e Paquistão, mas apenas o seu corpo chegou. Ele morreu em Tashkent. Viajei até Delhi para perguntar-lhe sobre Masto, e ele chegou, mas morto.

Eu disse, “Isso é realmente uma piada, uma piada prática. Agora não posso perguntar.” E esse endereço de Morarji Desai que Masto me deu, ele sabia, e se Masto está vivo ele sabe que mesmo se houver uma necessidade eu não pediria a Morarji Desai. Não irei. Não que eu seja contra as suas políticas, a sua filosofia –

que é superficial, sou contra a sua própria estrutura. Ele não é um homem que eu teria um diálogo, nem mesmo uma discussão.

Aconteceu algumas vezes, apenas pela configuração das circunstâncias, mas não fui o iniciador, e nunca lhe perguntei sobre Masto. Nunca perguntei, embora eu o tenha encontrado em sua casa, e houvesse absoluta privacidade, mas de alguma forma – como dizê-lo – o homem é repugnante; dá vontade de vomitar. E o sentimento é tão forte que embora ele tenha me dado uma hora, parti depois de dois minutos. Até mesmo ele ficou surpreso. Ele perguntou, “Por quê?”

Eu disse, “Desculpe-me. Há alguma urgência e tenho que partir, e para sempre, porque não podemos nos ver novamente.”

Ele ficou chocado, porque naquele momento ele estava muito próximo de tornar-se primeiro-ministro do país, muito próximo. Mas vocês me conhecem: particularmente se a própria presença de uma pessoa é repugnante, sou a última pessoa a ficar ali. Até mesmo o meu ficar por dois minutos foi apenas por cortesia, porque seria muito descortês entrar na sala, cheirar em volta um pouco, e então partir.

Mas, na verdade, foi isso o que fiz. Dois minutos... apenas porque ele estava me esperando e era um homem velho, certamente de importância política, o que não significa nada para mim, mas para ele significava muito. Era isso o que me repelia. Ele era muito político.

Eu amava Jawaharlal porque ele nunca falava sobre política. Por três dias contínuos nos encontramos, sem uma única palavra sobre política, e, dentro de dois minutos, a primeira questão que Morarji Desai fez foi, “O que você acha dessa mulher, Indira Gandhi?” A forma que ele disse “essa mulher” foi tão feia. Ainda posso ouvir a sua voz... “essa mulher.” Não posso crer que um homem pode usar as palavras de uma forma tão feia.

Sessão 45

Ok. A história da morte de Mahatma Gandhi e a explosão em lágrimas de Jawaharlal no rádio chocou todo o mundo. Não foi um discurso preparado; ele estava apenas falando a partir do seu coração, e se as lágrimas vieram, o que ele pôde fazer? E se houve uma pausa, não é sua falta, mas sua grandeza. Nenhum político estúpido poderia fazer aquilo, mesmo se quisesse, porque os seus secretários têm até que escrever nos discursos preparados: “Agora, por favor, comece a chorar, chore e deixe uma pausa para que todos pensem que é real.”

Jawaharlal não estava lendo; de fato os seus secretários estavam muito preocupados. Um dos seus secretários, posteriormente, depois de muitos anos, tornou-se um sannyasin. Ele confessou que, “Preparamos um discurso, mas, na verdade, ele lançou-o exatamente em nossas faces e disse, ‘Tolos! Vocês acham que vou ler o discurso de vocês?’”

Este homem, Jawaharlal, eu imediatamente reconheci como uma daquelas pessoas, sempre muito raras no mundo, que são tão sensíveis e estão em uma posição tal que são úteis, não apenas explorando e oprimindo, mas servindo.

Eu disse a Masto, “Não sou um político e nunca serei, mas respeito Jawaharlal, não porque ele é o primeiro-ministro, mas porque ele ainda pôde me reconhecer, apesar de eu ser apenas uma potencialidade. Talvez poderia acontecer, ou não, quem sabe. Mas a ênfase dele para consigo, de me proteger dos políticos, mostra que ele sabe mais do que é aparente.”

Esse incidente do desaparecimento de Masto, com isso sendo a sua última declaração, abriu muitas portas. Entrarei aleatoriamente, esse é o meu jeito.

A primeira foi Mahatma Gandhi. Ele acabara de ser mencionado por Jawaharlal, que queria comparar-me – e naturalmente – ao homem que ele mais respeitava. Mas ele hesitou, porque sabia um pouco de mim, apenas um pouco, mas o suficiente para tornar-me presente enquanto fazia a declaração. Por isso ele hesitou. Ele sentiu como se algo não fosse como deveria ser, mas não pôde encontrar imediatamente qualquer outro nome. Então ele finalmente deixou escapar, “Um dia ele pode ser outro Mahatma Gandhi.”

Masto protestou em meu nome. Ele me conhecia muito melhor que Jawaharlal. Centenas de vezes nós havíamos discutido Mahatma Gandhi e sua filosofia, e sempre fui contra. Até mesmo Masto ficou intrigado por que eu era tão insistentemente contra um homem que eu havia visto apenas duas vezes, quando era uma criança. Vou contar-lhes a história do segundo encontro. Foi interrompida de repente... E então não é possível saber o que virá: eu nunca soube que isso apareceria.

Posso ver o trem. Gandhi estava viajando e, é claro, ele viajava na terceira classe. Mas a sua “terceira classe” era muito melhor que qualquer primeira classe possível. Em um compartimento para sessenta pessoas havia apenas ele, sua

secretária e sua esposa; acho que essas eram as únicas pessoas. Todo o compartimento estava reservado. E não era apenas um compartimento ordinário de primeira classe, porque nunca vi um compartimento daquele jeito novamente. Deveria ser um compartimento de primeira classe, e não apenas de primeira classe, mas de uma primeira classe especial. Apenas a placa havia se tornado “terceira classe” para que a filosofia de Mahatma Gandhi fosse salva.

Eu tinha apenas dez anos. A minha mãe – de novo, quero dizer, a minha avó – havia me dado três rúpias. Ela disse, “A estação é muito longe e você pode não voltar para o almoço, e, com esses trens ninguém sabe: eles podem atrasar dez, doze horas, então tome essas três rúpias.” Na Índia daqueles dias, três rúpias era quase um tesouro. Era possível viver confortavelmente por três meses com elas.

Ela fez uma túnica realmente bela para mim. Ela sabia que eu não gostava de calças longas; no máximo eu usava calças de pijamas e uma *kurta*. Uma *kurta* é uma túnica longa que sempre amei, e, vagarosamente, o pijama desapareceu, apenas a túnica permaneceu. Caso contrário não apenas a parte superior do corpo é dividida da parte inferior, mas até mesmo peças diferentes de roupas são feitas para cada parte. É claro que a parte superior do corpo deve ter algo melhor, e a parte inferior do corpo só precisa ser coberta, isso é tudo.

Ela fez uma bela *kurta* para mim. Era verão e, naquelas partes da Índia central, o verão é realmente difícil porque o ar quente entrando pelas narinas dava a sensação que elas estavam pegando fogo. Na verdade, apenas no meio da noite as pessoas podiam descansar um pouco. É tão quente na Índia central que você está sempre pedindo água gelada, e se algum gelo está disponível então é um paraíso. O gelo é a coisa mais cara naquelas partes, naturalmente, porque no momento que ele chega da fábrica, a cem milhas de distância, ele quase derreteu-se por completo. É necessária a maior pressa possível.

A minha Nani disse que eu deveria ir ver Mahatma Gandhi se eu quisesse e ela preparou uma túnica de uma musselina muito fina. Musselina é o tecido mais artístico e mais antigo, no que diz respeito ao vestuário. Ela encontrou a melhor musselina. Era tão fina que era quase transparente. Naquele momento as rúpias de ouro desapareceram e as rúpias de prata tomaram o seu lugar. Aquelas rúpias de prata eram muito pesadas para o pobre bolso de musselina. Por que estou dizendo isso? Porque algo que direi não seria possível de entender sem isso.

O trem veio como era usual, treze horas atrasado. Quase todo mundo havia ido embora, exceto eu. Vocês me conhecem, sou teimoso. Até mesmo o chefe da estação disse, “Menino, você é alguma coisa. Todo mundo se foi mas você parece estar pronto para ficar toda a noite. Não há sinal do trem e você tem esperado desde o começo da manhã de hoje.”

Para chegar à estação às quatro da manhã tive que sair da minha casa no meio da noite. Mas eu não havia ainda utilizado aquelas três rúpias porque todo mundo trouxe tantas coisas, e as pessoas eram todas tão generosas com um pequeno garoto que tinha vindo de tão longe. Elas me ofereciam frutas, doces,

bolos e tudo o mais, então não havia como sentir fome. Quando o trem finalmente chegou, eu era a única pessoa ali – e que pessoa! Apenas um garoto de dez anos, de pé do lado do chefe da estação.

Ele me apresentou a Mahatma Gandhi e disse, “Não pense que ele é apenas um garoto. O dia todo o observei, e discuti muitas coisas com ele, porque não havia outro trabalho. E ele foi o único que permaneceu. Muitos vieram, mas partiram há muito tempo. Respeito-o porque sei que ele ficaria aqui até o último dia da existência; ele não partiria até que o trem chegasse. E se o trem não chegasse, não acho que ele partiria algum dia. Ele viveria aqui.”

Mahatma Gandhi era um homem velho; ele me chamou para perto de si e olhou para mim. Mas em vez de olhar para mim, ele olhou para o meu bolso – e aquilo me afastou dele para sempre. E ele disse, “O que é aquilo?”

Eu disse, “Três rúpias.”

Ele disse, “Doe-as.” Ele costumava ter uma caixa com um buraco do lado. Quando vocês doavam, vocês colocavam as rúpias no buraco e elas desapareciam. É claro que ele tinha a chave, então elas apareciam novamente, mas para vocês elas desapareciam.

Eu disse, “Se você tiver coragem você pode pegá-las. O bolso está aqui, as rúpias estão aqui, mas posso perguntar para qual propósito você está coletando essas rúpias?”

Ele disse, “Para as pessoas pobres.”

Eu disse, “Então está perfeitamente ok.” E eu joguei aquelas três rúpias na caixa. Mas ele ficou surpreso, pois quando comecei a partir levei toda a caixa comigo.

Ele disse, “Por Deus, o que você está fazendo? Isso é para os pobres!”

Eu disse, “Eu já te ouvi, não é necessário repetir. Estou levando essa caixa para os pobres. Existem muitos na minha vila. Por favor dê-me a chave; caso contrário encontrarei um ladrão para abrir o cadeado. Ele é o único especialista nessa arte.

Ele disse, “Isso é estranho...” Ele olhou para sua secretária. Sua secretária era estúpida, como as secretárias sempre o são; caso contrário por que elas seriam secretárias? Ele olhou para Kasturba, sua esposa, que disse, “Você encontrou alguém à sua altura. Você engana todo mundo, agora ele está levando toda a sua caixa. Bom! É bom porque estou cansada de ver aquela caixa sempre por aqui, como uma esposa!”

Senti dó daquele homem e deixei a caixa, dizendo, “Não, parece que você é o homem mais pobre de todos. A sua secretária não tem nenhuma inteligência, nem a sua esposa parece ter qualquer amor por você. Não posso levar essa caixa – fique com ela. Mas lembre-se, eu vim para ver um mahatma, mas vi apenas um homem de negócios.”

Esta era a sua casta. Na Índia, *baniya*, homem de negócios, é exatamente o que vocês querem dizer por judeu. A Índia tem os seus próprios judeus; eles não são judeus, são *baniyas*. Para mim, naquela idade, Mahatma Gandhi pareceu ser apenas um homem de negócios. Falei contra ele milhares de vezes porque não concordo com nada em sua filosofia de vida. Mas no dia em que ele foi assassinado a tiros – eu tinha dezessete anos – o meu pai me pegou chorando.

Ele disse, “Você chorando por Mahatma Gandhi? Você sempre argumentou contra ele.” Toda a minha família era *gandhiana*, todos foram para a prisão por seguir a política de Gandhi. Eu era a única ovelha negra, e minha família era, é claro, toda branca pura. Naturalmente ele perguntou, “Por que você está chorando?”

Eu disse, “Não estou apenas chorando, quero participar do funeral. Não me faça perder tempo porque tenho que pegar o trem, e esse será o último que chegará lá no horário.”

Ele ficou ainda mais surpreso. Ele disse, “Não posso acreditar! Você ficou louco?”

Eu disse, “Discutiremos isso depois. Não se preocupe, eu voltarei.”

E vocês acreditam que, quando cheguei em Delhi, Masto estava na plataforma esperando por mim? Ele disse, “Pensei que não importava o quanto você está contra Gandhi, você ainda considera o homem. Esse era apenas o meu sentimento...” Então ele disse, “Podia ser ou não, mas dependi disso. E esse é o único trem que passa pela sua vila. Se você viesse, eu sabia que você deveria estar nesse trem; caso contrário você não viria. Então vim recebê-lo, e meu sentimento estava certo.”

Eu lhe disse, “Se você tivesse falado antes sobre os meus sentimentos por Gandhi, eu não argumentaria com você, mas você estava sempre tentando me convencer, e então não é uma questão de sentimento, é um puro debate. Ou *você* ganha, ou o outro sujeito ganha. Se você tivesse mencionado pelo menos uma vez que era uma questão de sentimento, eu não tocaria nessa questão de maneira alguma, porque então não haveria nenhum debate.”

Particularmente – apenas para que conste o registro – quero dizer para vocês que existiam muitas coisas sobre Mahatma Gandhi que eu amava e gostava, mas toda a sua filosofia de vida era totalmente desagradável para mim. Muitas coisas que eu apreciava permaneceram negligenciadas. Vamos fazer o registro correto.

Eu amava a sua veracidade. Ele nunca mentiu; muito embora em meio a todos os tipos de mentiras, ele permaneceu enraizado em sua verdade. Posso não concordar com a verdade dele, mas não posso dizer que ele não foi verdadeiro. Qualquer coisa que era verdade para ele, ele estava cheio dessa verdade.

É uma questão totalmente diferente que eu ache que sua verdade não tenha valor algum, mas esse é um problema meu, não dele. Ele nunca mentiu. Respeito

sua veracidade, embora ele não saiba nada da verdade – a qual estou continuamente forçando vocês a saltarem sobre.

Ele era um homem que não poderia concordar comigo: “Salte antes de pensar.” Não, ele era um homem de negócios. Ele pensaria cem vezes antes de dar um único passo para fora da sua porta, o que dizer de um salto. Ele não podia entender a meditação, mas essa não era uma falha sua. Ele nunca cruzou com um único mestre que poderia ter lhe dito algo sobre a não-mente, e essas pessoas estavam vivas naquele tempo.

Até mesmo Meher Baba uma vez escreveu uma carta para Gandhi. Não foi exatamente ele que escreveu; alguém deve ter escrito para ele, porque ele nunca falou, nunca escreveu, apenas fazia símbolos com suas mãos. Apenas algumas poucas pessoas eram capazes de entender o que Meher Baba queria dizer. Gandhi e seus seguidores riram de sua carta, porque Meher Baba disse, “Não perca seu tempo cantando ‘Hare Krishna, Hare Rama.’ Isso não ajudará de forma alguma. Se você realmente quer saber, então informe-me e chamarei-o.”

Todos riram; eles pensaram que era arrogância. É assim que as pessoas ordinárias pensam, e naturalmente parece arrogância. Mas não é, é apenas compaixão – na verdade, muita compaixão. E como ela era muita, parecia arrogância. Mas Gandhi recusou por telegrama dizendo, “Obrigado por sua oferta, mas seguirei o meu próprio caminho”... como se ele tivesse um caminho. Ele não tinha nenhum.

Mas existem poucas coisas sobre ele que respeito e amo – como o seu asseio. Ora, vocês dirão, “Respeito por coisas tão pequenas...?” Não, elas não são pequenas, particularmente na Índia, onde espera-se que os santos, os supostos santos, vivam em todos os tipos de sujeiras. Gandhi tentava estar limpo. Ele era o homem ignorante mais limpo do mundo. Amo o seu asseio.

Também amo que ele respeitava todas as religiões. É claro que as minhas razões e as deles são diferentes. Mas pelo menos ele respeitava todas as religiões – é claro que pelas razões erradas, porque ele não sabia o que era a verdade, então como ele poderia julgar o que era certo, ou se alguma religião estava certa, ou se todas estavam, ou se alguma religião um dia poderia estar certa? Não havia como.

Novamente, ele era um mercador, então por que irritar alguém? Por que perturbar alguém? Todas as religiões estavam dizendo a mesma coisa, o Alcorão, o Talmude, a Bíblia, o Gita, e ele era suficientemente inteligente – lembrem-se do “suficientemente,” não se esqueçam disso – para encontrar similaridades nelas, o que não é uma coisa difícil para qualquer pessoa inteligente, esperta. Por isso que eu disse “suficientemente inteligente,” mas não verdadeiramente inteligente. A verdadeira inteligência é sempre rebelde, e ele não pôde se rebelar contra o convencional, o tradicional, o hindu, ou o cristão, ou o budista.

Vocês ficarão surpresos em saber que houve um momento em que Gandhi contemplou tornar-se cristão, porque os cristãos servem aos pobres mais do que qualquer outra religião. Mas ele logo tomou consciência que o serviço deles é apenas uma fachada para esconder o verdadeiro negócio atrás. O negócio real é

converter as pessoas. Por quê? – porque elas trazem poder. Quanto mais pessoas você tem, mais poder você tem.

Se vocês puderem converter o mundo inteiro ao cristianismo, ou ao judaísmo, ou ao hinduísmo, então, é claro, essas pessoas terão mais poder do que quaisquer outras já tiveram. Alexandres desaparecerão, em comparação. É uma luta por poder.

No momento em que Gandhi viu isso – e digo novamente, ele era suficientemente inteligente para ver – ele mudou de ideia em relação a tornar-se cristão. Na verdade, ser um hindu é muito mais rentável na Índia do que ser um cristão. Na Índia, os cristãos são apenas um por cento, então qual o poder político que eles têm?

Foi bom que ele permaneceu hindu, quero dizer, foi bom para o seu título de *mahatma*. Mas ele era suficientemente esperto para gerir, e até influenciar, cristãos como C. F. Andrews, e jainas, budistas e islâmicos, como o homem que tornou-se conhecido como o “o Gandhi da Fronteira.”

Este homem, que ainda está vivo, pertence a uma tribo especial, os Pakhtoons, que vivem na província que faz fronteira com a Índia. Os Pakhtoons são pessoas belas e perigosas também. Eles são islâmicos, e quando o líder deles tornou-se seguidor de Gandhi, naturalmente eles o seguiram. Os islâmicos da Índia nunca perdoaram o “Gandhi da Fronteira” porque pensam que ele traiu o islamismo.

Não quero saber se ele cumpriu ou traiu; o que estou dizendo é que o próprio Gandhi pensou, em primeiro lugar, em tornar-se um jaina. O seu primeiro guru era um jaina, Shrimad Rajchandra, e os hindus ainda se doem que ele tocou os pés de um jaina.

O segundo mestre de Gandhi – e os hindus ficarão ainda mais ofendidos – foi Ruskin. Foi o grande livro de Ruskin, *Até Este Último*, que mudou a vida de Gandhi. Os livros podem fazer milagres. É um pequeno panfleto, e Gandhi estava em uma viagem quando um amigo deu-o para ler no caminho porque ele próprio havia gostado muito. Gandhi guardou-o, não pensando em realmente lê-lo, mas quando teve um tempo suficiente pensou, “Por que não dou pelo menos uma olhada no livro?” E aquele livro o transformou. Aquele livro lhe deu toda a sua filosofia.

Sou contra a sua filosofia, mas o livro é ótimo. A sua filosofia não tem valor algum – mas Gandhi era um colecionador de lixo; ele encontraria lixo até mesmo em locais belos. Há um tipo de pessoa, vocês sabem, que mesmo se vocês a levarem a um belo jardim ela, de repente, encontra um lugar e lhe mostra algo que não deveria ser daquele modo. A sua abordagem é negativa. E então há um tipo de pessoa que coletará apenas os espinhos – os colecionadores de lixo; eles chamam-se colecionadores de arte.

Se eu tivesse lido aquele livro como Gandhi o leu, eu não teria chego à mesma conclusão. Não é o livro que importa, é o ser humano que o lê, escolhe e

coleta. A sua coleção será totalmente diferente, embora ele tenha visitado o mesmo lugar. Para mim, a coleção dele seria totalmente sem valor. Não sei, e ninguém sabe, o que ele pensaria da minha coleção. Até onde sei ele era um homem muito sincero. É por isso que não posso dizer se ele diria, do jeito que estou falando, “Tudo o que ele coletou é lixo.” Talvez ele poderia dizê-lo, ou talvez ele não poderia o dizer – é isso o que amo no homem. Ele pode apreciar até mesmo aquilo que lhe é alheio e tentou o seu melhor para permanecer aberto, para absorver.

Ele não era um homem como Morarji Desai, que está completamente fechado. Às vezes me pergunto como ele respira, porque pelo menos o seu nariz tem que estar aberto. Mas Mahatma Gandhi não era o mesmo tipo de homem que Morarji Desai. Discordo dele, entretanto, sei que ele tinha algumas poucas qualidades que valiam milhões.

A sua simplicidade... ninguém poderia escrever tão simples e ninguém poderia fazer tanto esforço apenas para ser simples em sua escrita. Ele tentava por horas criar uma sentença mais simples, mais telegráfica. Ele a reduziria o máximo possível, e qualquer coisa que ele pensava ser verdadeira, ele tentava vivê-la sinceramente. O fato de ela não ser verdade era outra questão, mas sobre isso o que ele poderia fazer? Ele pensava que era verdade. Respeito-o por sua sinceridade, e que ele a viveu quaisquer que fossem as consequências. Ele perdeu a sua vida apenas por causa dessa sinceridade.

Com Mahatma Gandhi a Índia perdeu todo o seu passado, porque ninguém nunca antes havia sido assassinado a tiros ou crucificado na Índia. Essa não era a maneira desse país. Não que a Índia fosse um país de pessoas muito tolerantes, mas apenas muito esnobes, elas pensavam que não valia a pena crucificar ninguém... elas são muito superiores.

Com Mahatma Gandhi a Índia encerrou um capítulo, e também começou um capítulo. Chorei, não porque ele tinha sido morto – porque todo mundo tem que morrer, não há muita coisa nisso. E é melhor morrer da forma que ele morreu, em vez de morrer em uma cama de hospital – particularmente na Índia. Foi uma morte clara e bela daquela maneira. E não estou protegendo o assassino, Nathuram Godse. Ele é um assassino, e sobre ele não posso dizer, “Perdoe-o porque ele não sabe o que faz.” Ele sabia exatamente o que estava fazendo. Ele não pode ser perdoado. Não que eu esteja sendo duro com ele, apenas factual.

Tive que explicar tudo isso para o meu pai depois, após eu retornar. E eu levei vários dias, porque é realmente um relacionamento complicado entre eu e Mahatma Gandhi. Ordinariamente, ou você aprecia alguém ou não. Isso não é assim comigo – e não apenas com Mahatma Gandhi.

Sou realmente um estranho. Sinto isso em todos os momentos. Posso gostar de uma certa coisa em uma pessoa, mas, ao mesmo tempo, pode haver algo do lado que odeio, e tenho que decidir, porque não posso cortar a pessoa em duas.

Decidi ser contra Mahatma Gandhi, não porque não houvesse nele algo que eu poderia ter amado – havia muito, mas existia muito mais ali com implicações

de longo alcance para todo o mundo. Tive que decidir ser contra um homem que eu poderia ter amado se – e este “se” é quase intransponível – se ele não tivesse sido contra o progresso, contra a prosperidade, contra a ciência, contra a tecnologia. Na verdade, ele era contra quase tudo que sou a favor: mais tecnologia e mais ciência, mais riqueza e afluência.

Não sou a favor da pobreza, ele era. Não sou a favor do primitivismo, ele era. De qualquer forma, sempre que vejo até mesmo um pequeno ingrediente de beleza eu o aprecio. E havia poucas coisas naquele homem que valem a pena serem entendidas.

Ele tinha uma imensa capacidade de sentir a pulsação de milhões de pessoas juntas. Nenhum doutor pode fazê-lo; mesmo sentir o pulso de uma pessoa é muito difícil, particularmente de uma pessoa como eu. Vocês podem tentar sentir o meu pulso; vocês perderão até os seus pulsos, ou, se não o pulso, então pelo menos a carteira* [NdT. *pulse/purse*], o que é ainda melhor!

Gandhi tinha a capacidade de conhecer o pulso das pessoas. É claro, não estou interessado nessas pessoas, mas isso é outra coisa. Não estou interessado em milhares de coisas; isso não significa que aqueles que estão trabalhando genuinamente, inteligentemente alcançando alguma profundidade, não devem ser apreciados. Gandhi tinha essa capacidade, e aprecio-a. Eu amaria encontrá-lo agora, porque quando eu era um garoto de dez anos de idade tudo o que ele pôde receber de mim foram aquelas três rúpias. Agora eu poderia dá-lo todo o paraíso – mas isso não acontecerá, pelo menos não nessa vida.

Sessão 46

Ok. Posso começar com o segundo dia da minha escola primária. Quanto tempo isso pode esperar? Isso já esperou o bastante. O segundo dia foi realmente a minha entrada na escola, porque o Mestre Kantar havia sido colocado para fora e todo mundo estava feliz. Quase todas as crianças estavam dançando. Eu não podia acreditar, mas elas me disseram, “Você não conhece o Mestre Kantar. Se ele morrer nós vamos distribuir doces para toda a cidade, e acender milhares de velas em nossas casas.”

Fui recebido como se tivesse feito uma grande coisa. Na verdade, senti um pouco de pena do Mestre Kantar. Ele podia ser muito violento, mas, sobretudo, ele era um ser humano também, e com todas as fraquezas que um ser humano está inclinado a ter. Não era sua culpa o fato dele ter apenas um olho e uma face feia. E eu gostaria de dizer algo que eu nunca disse antes porque nunca pensei que alguém acreditaria nisso... mas não estou buscando crentes, acreditem nisso ou não.

Até mesmo a sua crueldade não era sua culpa – ênfase *sua* culpa – era natural para ele. Assim como ele tinha apenas um olho, ele tinha raiva, e uma raiva muito violenta. Ele não podia tolerar nada que fosse contra ele de qualquer maneira. Até mesmo o silêncio das crianças era suficiente para provocá-lo.

Ele olharia em volta e diria, “Por que tanto silêncio? O que está ocorrendo? Deve haver uma razão para vocês estarem tão silenciosos. Vou ensinar uma lição a todos, para que vocês nunca mais façam isso comigo.”

As crianças ficavam todas espantadas. Todas ficavam quietas para não o perturbar. Mas o que ele poderia fazer? – até mesmo aquilo o perturbava. Ele precisava de tratamento médico, e não apenas físico, mas psicológico também. Ele era, de todas as formas, doente. Sinto pena dele porque fui, aparentemente pelo menos, a causa da sua remoção.

Mas todo mundo estava aproveitando a ocasião, até mesmo os professores. Não pude acreditar quando o diretor também me disse, “Obrigado, meu garoto. Você começou a sua vida escolar fazendo algo belo. Aquele homem era uma ‘dor no pescoço*.’” [NdT. Expressão idiomática, *a pain in the neck*: ‘um mala sem alça’]

Olhei-o e disse, “Talvez devo remover o pescoço também.”

Imediatamente ele ficou sério e disse, “Vá e faça o seu trabalho.”

Eu disse, “Olhe, você está feliz, comemorando, porque um dos seus colegas foi expulso – e você chama a si mesmo de colega? Que tipo de amizade é essa? Você nunca lhe disse na cara como você se sente. Você não poderia o fazer; ele o teria esmagado.”

O diretor era um homem pequeno, não mais que um metro e meio, ou talvez até menos. E aquele gigante de um metro e oitenta, pesando cento e oitenta quilos podia facilmente esmagá-lo sem nenhuma arma, apenas com seus dedos. “Na frente dele por que você sempre se comportava como um marido na frente da sua esposa?” Sim, essas foram as palavras exatas.

Lembro-me de ter dito, “Você se comportou como um marido dominado. E lembre-se, posso por sorte ter sido a causa da demissão dele, mas eu não estava planejando nada contra ele. Eu tinha acabado de entrar na escola; não houve tempo para arranjar uma comissão de planejamento. E você planejou contra ele a sua vida toda. Ele deveria, pelo menos, ter sido enviado para outra escola” – havia quatro escolas naquela cidade.

Mas o Mestre Kantar era um homem forte, e, particularmente, o prefeito estava sob os seus polegares. O prefeito daquela cidade estava pronto para ficar sob os polegares de qualquer um. Talvez ele gostava de polegares, não sei, mas logo toda a cidade compreendeu que esse estrume sagrado não ajudaria.

Em uma cidade de vinte mil, não há estrada que mereça ser chamada de estrada, nem eletricidade, parque, nada. Logo as pessoas compreenderam que era por causa desse estrume sagrado. Ele teve que demitir-se, para que, ao menos pelos próximos dois anos e meio, o seu vice-prefeito assumisse.

Shambhu Babu transformou quase toda a cara daquela cidade. Uma coisa devo dizer a vocês: através de mim ele soube que até mesmo uma criança pequena poderia não apenas remover um professor, mas criar uma situação tal que o prefeito da cidade tinha que demitir-se.

Ele costumava dizer sorrindo, “Você me tornou prefeito.” Mas, posteriormente, houve momentos em que discordamos. Ele permaneceu prefeito por muitos anos. Uma vez que a cidade viu o seu trabalho durante aqueles dois anos e meio ele foi eleito unanimemente repetidas vezes. Ele quase fez milagres ao alterar aquela cidade.

Ele fez as primeiras estradas pavimentadas de toda a província e trouxe eletricidade para as nossas vinte mil pessoas. Aquilo era muito raro; nenhuma outra cidade daquele tamanho tinha eletricidade. Ele plantou árvores ao longo das estradas para dar um pouco de beleza a uma cidade feia. Ele fez muito. Estou preparando vocês para os momentos em que eu não concordava com as suas políticas. Então eu era seu oponente.

Vocês não acreditam como uma criança de talvez doze anos pode ser um oponente. Eu tinha minhas estratégias. Eu podia persuadir as pessoas muito facilmente – apenas porque eu era uma criança, e que interesse eu poderia ter na política? Certamente eu não tinha interesse algum.

Por exemplo, Shambhu Babu impôs a taxa *octroi*. Posso entender aquilo: sem dinheiro como ele poderia gerir todos os seus projetos de embelezamentos, estradas e eletricidade? Naturalmente ele precisava de dinheiro. Alguma forma de taxação era necessária.

Eu não era contra a taxaço, eu era contra a taxa octroi, porque ela recai sobre a cabeça dos mais pobres. O rico fica mais rico e o pobre mais pobre. Não sou contra o rico ficar mais rico, mas sou certamente contra o pobre ficar mais pobre. Vocês não acreditarão, e até ele mesmo ficou surpreso quando eu disse, “Irei de casa em casa dizer para as pessoas não votarem em Shambhu Babu de novo. Se a octroi permanecer então Shambhu Babu terá que ir. Ou se Shambhu Babu quiser ficar, então a octroi tem que ir. Não vamos permitir Shambhu Babu e a octroi simultaneamente.”

Não apenas fui de casa em casa, falei até mesmo no meu primeiro encontro público. As pessoas apreciavam ver um garoto pequeno falando tão logicamente. Até mesmo Shambhu Babu estava sentado nas proximidades, em uma loja. Ainda posso vê-lo sentado lá. Aquele era o seu lugar; ele costumava sentar-se lá o dia todo. Era um lugar estranho para ele sentar-se, mas a loja era em um lugar muito conhecido, exatamente no centro cidade. Era por isso que todos os encontros tinham que ser lá, e ele poderia fingir que estava apenas sentado na loja do seu amigo e que não tinha nada a ver com o encontro.

Quando ele me ouviu – e vocês me conhecem, sempre fui o mesmo. Apontei para Shambhu Babu sentado naquela pequena loja e disse, “Olhem! Ele está sentado ali. Ele veio para ouvir o que vou dizer. Mas, Shambhu Babu, lembre-se: amizade é uma coisa, mas não vou apoiar a sua taxa octroi. Opor-me-ei a ela mesmo se eu tiver que perder à sua amizade. Então saberei que esta não valia muito. Se ainda pudermos permanecer amigos, embora não concordemos em alguns pontos, ou mesmo se houver um conflito público, apenas então a nossa amizade terá alguma significância.”

Ele era um homem realmente bom. Ele saiu da loja, bateu nas minhas costas e disse, “Os seus argumentos valem a pena serem considerados. E, no que diz respeito à nossa amizade, esse conflito não tem nada a ver com ela.” Ele nunca o mencionou novamente. Eu pensava que algum dia ele o traria novamente e dizendo, “Você estava me batendo muito forte e aquilo foi errado.” Mas ele nunca nem mesmo o mencionou. A coisa mais maravilhosa é que ele retirou a taxa.

Perguntei-lhe, “Por quê? Posso opor-me a ela, mas não sou nem um eleitor ainda. Foi o público que votou em você.”

Ele disse, “Esse não é o ponto. Se até você pode se opor a ela, então deve ter algo errado com o que eu estava fazendo. Estou retirando-a. Não tenho medo do público, mas quando uma pessoa como você discorda... embora você seja muito jovem, eu o respeito. E seu argumento está certo, que não importa qual taxaço é aplicada, ela terá que ser paga, finalmente, pelos pobres, porque os ricos são suficientemente espertos para alterá-la.”

A taxa octroi é a taxaço de qualquer mercadoria que entra na cidade. Ora, quando essas mercadorias forem vendidas elas terão que ser vendidas por um preço mais alto. Vocês não podem impedir que a taxaço que o dono da loja pagou seja tirada do bolso do pobre agricultor. É claro que o dono da loja não a chamará de taxaço; ela tornar-se-á apenas parte do preço.

Shambhu Babu disse, “Entendo o ponto e retirei a taxa.” Enquanto ele foi prefeito a taxa não foi nunca mais habilitada, nem mesmo discutida. Mas ele nunca se sentiu ofendido; pelo contrário, ele ficou ainda mais respeitoso em relação a mim. Me senti incomodado que tive que opor-me a alguém que, posso dizê-lo, foi a única pessoa naquela cidade que eu amava.

Até o meu pai ficou surpreso e disse, “Você faz algumas coisas estranhas. Ouvi você falando em público. Eu sabia que você faria algo como isso, mas não tão cedo. Você estava falando tão convincentemente, e contra o seu próprio amigo. Todo mundo estava chocado que você estava falando contra Shambhu Babu.”

Toda a cidade sabia que eu não tinha outros amigos além desse velho homem, Shambhu Babu – ele devia ter em torno de cinquenta anos. Agora seria o momento para sermos amigos – mas aquela discrepância de idade não estava em nossas mãos, então nem a notamos. E ele também não tinha nenhum outro amigo. Ele não poderia se dar ao luxo de me perder, nem eu poderia me dar ao luxo de o perder. O meu pai disse, “Não acredito que você falou contra ele.”

Eu disse, “Eu nunca disse uma única palavra contra ele. Eu estava falando contra a taxa que ele estava tentando aplicar. A minha amizade certamente não inclui isso; a oitavo está excluída. E eu disse a Shambhu Babu antes, para que ele tomasse conhecimento, que se algo me fosse desagradável eu lutaria contra, até mesmo contra ele. Foi por isso que ele estava presente naquela loja, somente para ouvir o que eu tinha para dizer contra a taxa. Mas eu não disse uma única palavra contra Shambhu Babu.”

O segundo dia na escola foi como se eu tivesse feito algo grandioso. Eu não podia acreditar que as pessoas tinham sido tão oprimidas pelo Mestre Kantar. Não é que elas estavam celebrando por mim; mesmo naquele momento eu podia ver a distinção claramente. Hoje também, posso lembrar-me perfeitamente que elas estavam celebrando porque o Mestre Kantar não estava mais em suas costas.

Elas não tinham nada a ver comigo, embora atuassem como se estivessem celebrando por mim. Mas eu havia ido para a escola no dia anterior e ninguém havia me dito nem mesmo “Olá.” Contudo, agora, toda a escola estava reunida no Portão do Elefante para me receber. Eu havia me tornado quase um herói logo no meu segundo dia.

Mas eu lhes disse diversas vezes, “Por favor, dispersem. Se vocês querem celebrar, vão até o Mestre Kantar. Dancem na frente da casa dele, celebrem lá. Ou vão até Shambhu Babu, que é a causa real da sua demissão. Não sou ninguém. Não tenho nenhuma expectativa, mas na vida acontecem coisas que vocês nunca esperaram, nem mereceram. Essa é uma dessas coisas, então, por favor, esqueçam-na.”

Mas aquilo nunca foi esquecido em toda a minha vida acadêmica. Nunca fui aceito como apenas mais uma criança. É claro que eu não me preocupava com a escola de maneira alguma. Noventa por cento do tempo eu estava ausente. Eu

aparecia apenas uma vez ou outra por uma razão própria, mas não para frequentar a escola.

Eu estava aprendendo muitas coisas, mas não na escola. Eu estava aprendendo coisas estranhas. Os meus interesses eram um pouco incomuns, para dizer o mínimo. Por exemplo, eu estava aprendendo como pegar cobras. Naqueles dias muitas pessoas chegavam na vila com belas cobras, e as cobras dançavam para as suas flautas. Aquilo realmente me impressionava.

Todas aquelas pessoas quase desapareceram, pela simples razão que elas eram todas islâmicas. Ou elas foram para o Paquistão ou foram mortas pelos hindus, ou talvez mudaram de profissão porque era uma declaração pública nítida que eram islâmicas. Nenhum hindu praticava aquela arte.

Eu seguiria qualquer encantador de cobras o dia todo perguntando para ele, “Apenas me conte o segredo de como você pega as cobras.” E bem devagar eles entenderam que eu não era uma daquelas pessoas que se podia impedir de fazer qualquer coisa. Eles disseram entre si, “Se não contarmos para ele, ele tentará sozinho.”

Quando eu disse para um encantador de cobras, “Ou você me conta ou vou tentar sozinho; se eu morrer você será o responsável” – ele me conhecia porque há dias eu estava incomodando-o e perturbando-o – ele disse, “Espere, vou ensiná-lo.”

Ele me levou para fora da cidade e começou a ensinar-me como pegar cobras; como ensiná-las a dançar quando você toca a flauta. Foi ele que me disse pela primeira vez que as cobras não têm ouvidos, que elas não podem ouvir – e quase todo mundo acredita que elas são influenciadas pela flauta do encantador de cobras.

Ele me disse, “A verdade é que elas não podem ouvir de maneira alguma.”

Então perguntei-lhe, “Mas como elas começam a balançar quando você toca a sua flauta?”

Ele disse, “Não é nada além de treino. Quando toco a minha flauta, você notou que começo a balançar a minha cabeça? Esse é o segredo. Balanço a minha cabeça e a cobra começa a balançar, e a menos que ela balance ela permanecerá com fome. Então, o quanto antes ela começar a balançar, melhor. A fome é o segredo, não a música.”

Aprendi com esses encantadores de cobras como pegá-las. Em primeiro lugar, noventa e sete por cento das cobras são inofensivas, não-venenosas; vocês podem pegá-las sem nenhum problema. É claro que elas morderão, mas porque não são venenosas será apenas uma mordida, vocês não morrerão. Noventa e sete por cento não têm glândulas de veneno. E os três por cento que têm as glândulas de veneno têm um hábito estranho: elas mordem apenas o suficiente para abrir lugar para o veneno e então elas rolam. A glândula de veneno está de cabeça para baixo em suas gargantas, então, primeiramente, elas fazem o ferimento, então

rolam e vertem o veneno. Vocês podem pegá-las ou antes delas fazerem o ferimento... e a melhor maneira é segurar a boca delas realmente forte.

Eu não sabia que era necessário segurar a boca, mas isso tem que ser a primeira coisa. Se vocês errarem e deixá-las fazer o ferimento, não se preocupem: segurem forte e não as deixem rolar. O ferimento vai curar e vocês não morrerão. Eu estava aprendendo, e esse é apenas um exemplo.

Infelizmente todos aqueles encantadores de cobras tiveram que deixar a Índia. Havia mágicos fazendo todos os tipos de coisas inacreditáveis, e eu estava certamente mais interessado nos mágicos do que em meu pobre professor e sua geografia ou história. Eu seguia esses mágicos como um servo. Eu não os deixaria a menos que eles me ensinassem algum pequeno truque.

Eu estava continuamente espantado que o que parecia tão inacreditável não era nada além de um truque. Mas a menos que vocês conheçam o truque vocês terão que aceitar a grandeza do fenômeno. Uma vez que vocês conhecem o truque – é como um balão perdendo o seu ar: ele se torna cada vez menor, apenas um balão furado. Logo vocês terão apenas um pedaço de borracha em suas mãos e nada mais. Aquele grande balão era simplesmente ar quente.

Eu estava aprendendo ao meu modo coisas que realmente iriam me ajudar. É por isso que posso dizer que Satya Sai Baba e as pessoas como ele são apenas mágicos de rua – e nem mesmo dos bons, apenas ordinários. Mas esses mágicos desapareceram das ruas da Índia porque eles também eram islâmicos.

Na Índia vocês têm que entender que as pessoas por milhares de anos seguiram uma certa estrutura. A profissão de alguém quase sempre é dada pelos pais; é uma herança, você não pode alterá-la. É difícil para um ocidental entender; por isso tantos problemas surgem no entendimento, na comunicação com um oriental.

Eu estava aprendendo, mas não na escola, e nunca me arrependi disso. Aprendi com todos os tipos de pessoas estranhas. Vocês não podem as encontrar em escolas como professoras; isso não é possível. Eu estava com os monges jainas, com os *sadhus* hindus, com os *bhikkhus* budistas, e todos os tipos de pessoas que alguém não se deve associar.

No momento em que eu tomava consciência de que eu não deveria me associar com alguém, isso era o suficiente para associar-me com aquela pessoa, porque ela devia ser uma forasteira. Porque era uma forasteira, daí a proibição – e amo os forasteiros.

Odeio os locais* [NdT. *the insiders*]. Eles fizeram tanto mal que é preciso encerrar o jogo. Sempre achei os forasteiros meio loucos, mas belos – loucos, entretanto, inteligentes. Não a inteligência de um Mahatma Gandhi – ele era um *insider* perfeito – nem a inteligência dos supostos intelectuais: Jean-Paul Sartre, Bertrand Russell, Karl Marx, Hugh Bach... a lista é infinita.

O primeiro intelectual foi a serpente que começou tudo isso; caso contrário não haveria problema. Ela foi a primeira intelectual. Não a chamo de diabo,

chamo vocês de diabos – esse grupo. Vocês podem não entender o significado que dou à palavra. Para mim “o diabo” sempre significa “divino.” Ela vem da raiz sânscrita *deva*, significando “divino.” Então nomeei a turma de vocês de “os diabos.”

Mas a serpente era uma intelectual, e ela aplicou o truque que todos os intelectuais aplicam. Ela persuadiu a mulher a comprar algo enquanto o seu marido estava no escritório, ou talvez em outro lugar, porque os escritórios vieram depois – ele devia estar pescando, caçando, ou vocês podem imaginar o que o marido estava fazendo. Pelo menos ele não estava pulando a cerca, isso é certo, porque não havia ninguém para pular a cerca. Tudo isso viria depois.

A serpente argumentou que, “Deus falou para você não comer a fruta da árvore da vida...” e não era nada além de uma macieira. Às vezes penso que ninguém pecou mais que eu, porque devo ter comido mais maçãs do que qualquer pessoa no mundo. E as maçãs são tão inocentes que pergunto-me porque a maçã foi a escolhida – que coisa errada a maçã fez a Deus? Não consigo entender.

Mas uma coisa posso dizer: o ser humano chamado “serpente” deve ter sido um grande intelectual, tão grande que provou que comer maçãs é um pecado. Mas a inteligência para mim nunca é da mente...

Sessão 47

Eu estava falando sobre a minha escola primária. Eu raramente ia e era um alívio tal para todo mundo que eu realmente queria presenteá-los o máximo possível. Por que eu não poderia dar cem por cento de alívio? Pela simples razão que eu as amava também – quero dizer, as pessoas: os professores, os empregados, os jardineiros. De vez em quando eu queria visitá-las, particularmente quando queria mostrá-las alguma coisa. Um garoto pequeno, ansioso para mostrar o que ele tinha para aqueles que amava... mas essas coisas eram, às vezes, perigosas. Até hoje não posso resistir à risada.

Lembro-me de um dia muito vividamente. Aquele dia estive sempre esperando por esse momento. Talvez o momento chegou e ele tem que ser contado e compartilhado. É uma série de eventos.

Eu havia acabado de aprender como pegar cobras. As cobras são pobres criaturas, inocentes também, e belas, muito vivas. Vocês não podem acreditar no que estou dizendo, a menos que tenham visto duas cobras se amando. Vocês podem se perguntar como as cobras fazem amor. Elas não o fazem – é apenas o ser humano que faz tudo – elas o realizam. E quando estão apaixonadas elas são puras chamas. E a razão porque falo isso é surpreendente, pois elas não têm ossos, entretanto, ainda assim levantam-se para beijar uma a outra! Levantam-se sobre o quê? Elas também não têm pernas, elas simplesmente se levantam sobre suas caudas. Se vocês verem duas cobras ficando de pé sobre suas caudas e se beijando, vocês nunca mais se preocuparão com qualquer outro filme de Hollywood novamente.

Eu tinha acabado de aprender como pegar uma cobra e como fazer a distinção entre uma cobra venenosa e uma não-venenosa. Algumas são tão absolutamente sem veneno que vocês podem talvez chamá-las de um outro tipo de peixe, porque muitas delas vivem na água. As cobras d'água são as mais inocentes, até mais que os peixes. Os peixes são espertos, mas cobras d'água não são. Testei com as minhas mãos todos os tipos de cobras, então quando falo não estou contando a história de outrem, é a minha história.

Eu havia acabado de pegar uma cobra. Ora, esse era o dia de ir para a escola. Vocês dirão, “Estranho...?” Caso contrário eu estava tão ocupado, não havia tempo para perder com questões estúpidas, respostas, mapas tolos. Até mesmo naquele momento eu podia ver que os mapas são todos disparates, porque na terra não vejo linhas em lugar algum, nem no distrito nem na municipalidade. Então todas as nações são apenas cocô de vaca, e nem mesmo sagrada – cocô de vaca ímpio. Se qualquer coisa como isso existir está na política – ímpio e cocô de vaca, ambos juntos. Foi a política que criou os mapas.

Eu não era o tipo de pessoa que gastaria meu tempo ali. Eu estava explorando a geografia real: indo para as montanhas, desaparecendo por dias. Apenas a minha Nani sabia quando eu voltaria. E por dias ninguém ouviria de

mim, nem eu seria visto, porque eu não estava lá. E todo mundo, eu acho, exceto a minha Nani, ficava feliz. Vocês saberão o porquê... e eles estavam certos, sobre isso não tenho dúvidas.

Peguei uma cobra, meu primeiro sucesso. Naturalmente eu queria ir para a escola imediatamente. E eu não ligava em usar uniforme, e ninguém esperava que eu o usasse; nunca o usei, nem na minha escola primária. Eu disse, “Vim para aprender, não para ser destruído. Se eu puder aprender algo, bom, mas não vou permitir que vocês me destruam, e o uniforme – escolhido por vocês que não sabem nada sobre beleza e forma – não posso o aceitar. Vou criar um grande problema se vocês tentarem impô-lo sobre mim.”

Eles disseram, “Mantenha-o pronto apenas no caso de o inspetor vir; caso contrário estaremos em apuros. Não queremos lhe incomodar porque não queremos nos incomodar. É uma questão custosa,” o meu professor disse, “criar incômodo para você. Sabemos o que aconteceu com o Mestre Kantar; pode acontecer com qualquer um. Mas, por favor, mantenha o uniforme somente por nossa causa.”

E vocês ficarão surpresos que o meu uniforme foi fornecido pela nossa escola. Não sei quem contribuiu com seu custo, nem ligo. Mantive-o, sabendo perfeitamente bem que era quase uma impossibilidade matemática que a minha visita e a visita do inspetor à escola pudessem cair na mesma data. Não era possível, foi isso o que pensei, mas mantive o uniforme. Ele era belo: eles fizeram o seu melhor e não estavam insistindo que eu deveria ir com ele vestido.

Sempre fui um forasteiro. Até mesmo agora entre a minha própria gente não estou vestindo o uniforme. Simplesmente não posso. Não posso nem estar no uniforme que escolhi para vocês. Por quê? A questão era a mesma naquele dia. Hoje, novamente, a questão é a mesma. Simplesmente não posso me conformar. Vocês podem achá-lo um capricho; não é um capricho de maneira alguma, é muito existencial. Mas não entraremos nisso; caso contrário o que eu estava falando para vocês será perdido. Eu nunca voltaria àquilo novamente.

Eu havia pego a minha primeira cobra. Eu estava muito feliz, e a cobra era muito bonita: apenas tocá-la era tocar em algo realmente vivo. Não era como tocar a sua esposa, o seu marido, o seu filho, ou mesmo o seu genro, que vocês tocam e abençoam e não têm nenhum sentimento – vocês só querem ir embora e assistir TV, particularmente se estão na América, ou, se estão na Inglaterra, vocês vão para a partida de críquete ou futebol. As pessoas são loucas de diferentes formas, mas igualmente loucas.

Aquela cobra era uma cobra real, não de plástico que vocês podem comprar em qualquer loja. É claro, a cobra de plástico pode ser perfeitamente igual, mas ela não respira; este é o único problema dela, caso contrário ela é perfeita. Deus não a teria melhorado. Falta somente uma coisa – a respiração – e por que reclamar só de uma coisa? Mas esta coisa é tudo. Eu havia acabado de pegar uma cobra *real*, tão bela e esperta que eu tive que colocar toda a minha inteligência para capturá-la... porque eu não queria a matar de maneira alguma.

O homem que estava me ensinando era um mágico de rua ordinário; na Índia os chamamos de *madari*. Eles fazem todos os tipos de truques sem cobrar nada. Mas eles fazem tão bem que no final eles abrem o seu lenço no chão e dizem, “Agora algo para o meu estômago.” E as pessoas podem ser pobres, mas quando elas veem algo realizado tão lindamente elas sempre dão.

Então esse homem era um *madari* ordinário, um mágico de rua. Essa é a tradução mais próxima que consigo encontrar, porque acho que não existe nada parecido com os *madaris* no Ocidente. Em primeiro lugar, eles não permitem que uma multidão se reúna na rua; o carro de polícia vai chegar imediatamente dizendo que vocês estão bloqueando o tráfego.

Na Índia não é possível bloquear o tráfego; não existem leis de trânsito! Vocês podem andar no meio da estrada, vocês podem seguir o meio dourado – literalmente. Vocês podem seguir da maneira americana, podem ir para a extrema direita, ou para a extrema esquerda. A extrema direita é a forma americana, a extrema esquerda é a forma russa: vocês podem escolher – ou vocês podem escolher qualquer posição entre os dois extremos. Toda a estrada é de vocês; vocês podem fazer as suas casas ali. Vocês ficarão surpresos em saber que na Índia vocês podem fazer na rua qualquer coisa imaginável, ou inimaginável. Incluo até o inimaginável, porque nunca se sabe.

Os *madaris* estavam certamente travando o trânsito, mas quem opor-se-ia? Até mesmo os policiais eram admiradores, batendo palmas nos truques que os *madaris* estavam fazendo. Eu vi todo o tipo de pessoa reunida ali bloqueando toda a rua. Não, os *madaris* não poderiam viver no Ocidente no mesmo sentido – e eles eram realmente belos; simples, ordinários, mas “sabiam de algo,” como eles diziam.

O homem que estava me ensinando me disse, “Lembre-se, essa é uma cobra perigosa. Essas cobras não devem ser pegas.”

Eu disse, “Você está livre. Essas são as únicas cobras que vou pegar.” Eu nunca tinha vista uma cobra tão bela, tão colorida, tão viva em cada fibra do seu ser. Naturalmente eu não podia resistir – eu era apenas um garoto pequeno – eu corri até a escola. Eu quis evitar contar o que aconteceu ali, mas vou contar apenas porque posso vê-lo novamente.

Toda a escola, o máximo de gente possível, reuniu-se na minha sala, outro grupo estava do lado de fora da varanda olhando através das janelas e das portas. Outras pessoas estavam ainda mais longe, caso a cobra escapasse ou algo desse errado – e aquele garoto, desde o seu primeiro dia, provou ser um encenqueiro. Mas a minha classe, apenas trinta ou quarenta garotos, estavam todos com medo, de pé e gritando e realmente diverti-me com aquilo.

O que vocês também apreciarão e que não pude acreditar é que o professor ficou de pé em sua cadeira! Até hoje posso vê-lo em cima da cadeira dizendo, “Saia! Saia! Deixe-nos em paz! Saia!”

Eu disse, “Primeiro você desce.”

Ele ficou quieto, porque descer era perigoso com uma cobra tão grande. A cobra devia ter um metro e oitenta, dois metros, e eu a arrastava em uma sacola, para que eu pudesse, de repente, expô-la para todo mundo. E quando a expus houve caos! Ainda posso ver o professor pulando em sua cadeira. Eu não podia acreditar em meus olhos. Eu disse, “Isso é maravilhoso.”

Ele disse, “O que é maravilhoso?”

Eu disse, “Você pulando e ficando de pé na cadeira. Você vai quebrá-la!”

No princípio as crianças não ficaram com medo, mas quando elas o viram com tanto medo – vejam como as crianças estão sendo impressionadas pelas pessoas estúpidas e erradas. Quando me viram vindo com uma cobra, elas eram pura felicidade, “Aleluia!” Mas quando viram o professor em cima de sua cadeira... por um momento houve um completo silêncio, apenas o professor estava pulando e gritando, “Ajuda!”

Eu disse, “Não vejo o porquê. A cobra está em minhas mãos. Eu estou em perigo, você não está. Você está de pé em sua cadeira. Você está muito longe para a pobre cobra te alcançar. Eu gostaria que ela te alcançasse, e tivesse uma pequena conversa com você.”

Ainda posso ver aquele homem e sua face. Ele me encontrou apenas uma outra vez depois daquela experiência. Naquele momento eu havia renunciado ao meu professorado e tornado-me um mendigo... embora eu nunca tenha mendigado. Mas a verdade é que sou um mendigo, mas um tipo especial de mendigo que não mendiga.

Vocês terão que arranjar uma palavra para isso. Não acho que exista uma palavra em qualquer língua que possa explicar a minha situação, simplesmente porque nunca estive aqui antes – dessa forma, nesse estilo. Nem ninguém mais esteve dessa forma, com esse estilo: não tendo nada e vivendo como se tivesse todo o universo.

Lembro-me que ele disse, “Não posso esquecer quando você trouxe aquela cobra na minha aula. Ela ainda aparece nos meus sonhos, e não posso acreditar que aquele tipo de menino tornou-se um Buda. Impossível!”

Eu disse, “Você está certo. ‘Aquele tipo de menino’ morreu, e o que existe depois da morte daquele menino você pode chamar Buda, ou pode escolher outra coisa, ou pode escolher não o chamar de nada. Eu simplesmente não existo da forma que você me conheceu. Eu até gostaria, mas o que posso fazer? Eu morri.”

Ele disse, “Viu? Estou falando sério e você está fazendo uma piada da situação.”

“Estou fazendo o meu melhor, mas” eu lhe disse, “não é apenas você que se lembra. Sempre que tenho um dia ruim ou o tempo não está bom, ou alguma coisa – o chá não está suficientemente quente, a comida está parecendo veneno – então lembro-me de você pulando na sua cadeira e chamando por ajuda, e aquilo

me anima novamente. Embora eu esteja morto, ainda assim ajuda. Sou tremendamente grato a você.”

Eu costumava ir à escola apenas por esses momentos. Houve apenas poucas... “ocasiões” eu devo chamá-las. Era necessário para a felicidade de todos que eu não estivesse presente regularmente todos os dias. Vocês ficarão surpresos que o peão, o homem cuja função era... Como vocês o chamam? Peão? – ou vocês não têm nenhuma palavra para isso: p-e-ã-o, peão? Mas nós na Índia o chamamos de peão. Qualquer que seja a palavra, peão é o empregado de nível mais baixo.

Devaraj, qual é a palavra?

“Zelador?”

Não, essa é uma coisa diferente, mas chega próximo disso. Pensei que ‘peon’ deveria ser uma palavra inglesa; não é de origem hindi. Posso não a estar pronunciando corretamente. Vamos descobrir, mas se escreve p-e-ã-o.

O peão era a única pessoa que estava infeliz quando eu não estava ali... porque todas as outras pessoas estavam felizes com aquilo. Ele me amava. Eu nunca vi um homem mais velho que ele: ele tinha noventa ou, talvez, mais. Talvez ele completou o século. Na verdade, ele devia ter até mais, porque ele tentava reduzir ao máximo a sua idade para continuar um pouco mais em serviço... e continuou.

Na Índia você não sabe a sua data de nascimento, particularmente, se você nasceu há cem anos atrás, não acho que exista qualquer certificado ou registro – impossível. Mas eu nunca vi um homem mais velho que ele e, entretanto, cheio de sumo, realmente suculento.

Ele era o único homem em toda aquela escola que eu tinha algum respeito – mas ele tinha o cargo mais baixo de todos, ninguém nem olhava para ele. De vez em quando eu costumava visitar a escola, apenas por causa dele, mas eu só ia onde ele ficava.

Ele ficava em um dos cantos do Portão do Elefante. O seu trabalho era abrir e fechar o portão, e ele tinha que bater um sino pendurado na frente da sua cabine a cada quarenta minutos, deixando o posto apenas por dez minutos duas vezes ao dia para o chá e uma hora para o almoço. Esse era seu único trabalho; caso contrário ele era um homem completamente livre.

Eu ia até a sua cabine e ele fechava a porta para que ninguém nos perturbasse, e para que eu não pudesse escapar facilmente. Então ele diria, “Agora me diga tudo desde que nos encontramos da última vez.” E ele era um homem velho adorável. A sua face tinha tantas linhas que tentei até contá-las, é claro que sem lhe dizer. Eu fingia estar ouvindo-o enquanto contava quantas linhas existiam na sua testa – e tudo era testa porque todo o seu cabelo havia caído – e quantas linhas existiam em suas bochechas. Na verdade, toda a sua face, de qualquer maneira que vocês a dividissem, não era nada além de linhas. Mas, por trás daquelas linhas, existia um homem de amor infinito e entendimento.

Se eu não visitasse a escola por muitos dias, então era certeza que se aproximava o dia em que, se eu não fosse, então ele viria procurar-me. Aquilo significava que o meu pai saberia de tudo: que eu nunca ia à escola, que a presença me era dada só para que eu me mantivesse fora. Aquilo era um acordo. Eu disse, “Ok, me mantereí fora, mas e a minha presença... por que quem vai responder ao meu pai?”

Eles disseram, “Não se preocupe com sua presença. Dar-lhe-emos cem por cento de presença, até mesmo nos feriados, então não se preocupe de maneira alguma.”

Então eu estava sempre consciente que antes de ele visitar a minha casa era melhor eu ir até a sua cabine, e, de alguma forma – de novo tenho que usar a palavra ‘sincronicidade’ – ele sabia quando eu estava vindo. Eu sabia que se eu não fosse naquele dia ele viria investigar o que havia acontecido comigo – e isso tornou-se quase matematicamente preciso.

Eu iniciava o dia com o sentimento, “Ouça” – não estou falando para vocês, estou apenas falando como eu costumava levantar-me – “Ouça, se você não for hoje, Mannulal” – este era seu nome – “irá fazer uma visita à noite. Antes disso acontecer, de algum jeito, apareça na frente dele, pelo menos.”

E exceto uma vez eu sempre segui a minha voz interior – quero dizer com relação a Mannulal. Apenas uma vez... e eu estava ficando um pouco cansado de tudo aquilo. Era um tipo de tortura: eu *tinha* que ir, eu ia por medo; caso contrário ele contaria para os meus pais e faria estragos. Eu disse, “Não. Hoje não irei. Não importa o que aconteça, não irei.”

E quem eu vejo? – ninguém mais que Mannulal, o velho, vindo. Talvez ele tinha mais de cem e apenas fingia que não. Para mim ele sempre aparentou, e ainda insisto que ele tinha mais de cem – talvez cento e dez, ou até mesmo cento e vinte. Ele parecia tão ancião que vocês não acreditariam. Eu nunca tinha visto algo tão antigo. Eu tinha visitado museus, todos os tipos de coleções de objetos antigos, mas eu nunca tinha cruzado com qualquer coisa mais pré-histórica que Mannulal.

Ele estava vindo! Corri para fora a tempo de impedi-lo de entrar na casa. Ele me disse, “Eu tinha que vir e encontrá-lo, porque você estava tentando não ir me ver. E você sabe que sou um homem velho. Posso morrer amanhã, quem sabe. Eu somente queria te ver. Estou feliz que você está saudável e mais vivo do que nunca.” Dizendo isso ele me abençoou, virou as costas, e foi embora. Posso ver as suas costas, com o estranho uniforme que o peão tinha que usar.

Agora isso será muito difícil para eu descrever. Primeiro a cor: ele era cáqui – acho que vocês chamam de cáqui, estou certo? Segundo: na altura dos seus joelhos havia uma cinta ao redor da sua perna, também cáqui, mas era uma coisa separada. Era apenas para fazer o homem parecer mais vivo, alerta, ou melhor dizer “em alerta.” Na verdade ela era tão justa, o que mais você poderia fazer além de ficar alerta?

É estranho, mas as suas vestes podem mudar até o seu comportamento. Por exemplo, usando uma túnica muito apertada, ou um vestido muito apertado, ou meias apertadas como os adolescentes estão usando – tão apertadas que nos perguntamos como eles entram nelas... Eu não conseguiria entrar nelas, isso é certo. E mesmo se nasceram para elas desde o início, então como as tirarão? Mas essas são questões filosóficas. Eles não estão preocupados. Eles apenas cantam músicas pop e comem pipoca – o que mais fazer no mundo? Mas as vestes podem certamente alterar o seu comportamento.

Os soldados não podem ter uniformes largos; caso contrário eles não podem ser lutadores. Quando vocês usam algo apertado, tão apertado que querem sair dele, então naturalmente vocês querem lutar com todo mundo. Vocês estão simplesmente irritados. Não é objetivo – direcionado a alguém em particular – é simplesmente um sentimento subjetivo. Vocês simplesmente querem sair dele. O que fazer? – entrar em uma boa luta. Certamente uma luta faz as pessoas sentirem-se um pouco relaxadas. Então, naturalmente, as vestes apertadas ficam um pouco mais largas.

É por isso que todo amante, antes de fazer amor, primeiro tem que passar através do ritual da guerra de travesseiros, uma discussão e, enfim, falar coisas desagradáveis para o outro. Então obviamente é uma comédia: tudo nela termina bem. Ai de mim, as pessoas não podem começar amando desde o início? Mas não, o aperto delas as impede. Elas não conseguem relaxar.

Apenas três minutos para mim... Havia muito a ser dito, mas tenho outra coisa para fazer. Vocês podem ver a lágrima... por favor remova-a. Mas foi tão belo, obrigado.

Isso é ótimo (*ri*) Você continua, Ashu, você está indo bem. Você segue o seu caminho, ele segue o dele. Os caminhos diferem e não acho que eles se encontrarão em algum lugar.

Terminou? Bom! (*rindo*)

Sessão 48

Eu estava falando sobre as minhas visitas à escola. Sim, chamo-as visitas porque certamente não era presença. Eu só estava lá para fazer alguma travessura. De uma forma estranha sempre amei estar envolvido em um ato provocador. Talvez era o início de como eu seria por toda a minha vida.

Nunca levei nada a sério. Não posso, nem mesmo agora. Até mesmo na minha própria morte irei dar uma boa risada, se ela for permitida. Mas na Índia, nos últimos vinte e cinco anos, tive que fazer o papel de um homem sério. Tem sido o meu papel mais difícil e o há mais tempo projetado. Mas o representei de tal maneira que, embora eu tenha permanecido sério, nunca permiti que ninguém a minha volta permanecesse sério. Isso me manteve acima da água; caso contrário essas pessoas sérias são mais venenosas que cobras.

Vocês podem pegar as cobras, mas as pessoas sérias lhes pegam. Vocês têm que correr delas o mais rápido possível. Mas tenho sorte que nenhuma pessoa séria nem mesmo tentará se aproximar de mim. Eu rapidamente tornei-me suficientemente notável, e tudo começou quando eu nem pensava onde eu iria pousar.

Sempre que eles me viam vindo, todo mundo era alertado, como se eu fosse criar algum perigo. Pelo menos para eles aquilo parecia perigoso. Para mim era apenas diversão – e esta palavra sumariza toda a minha vida.

Por exemplo, outro incidente da minha escola primária. Eu devia estar na última classe, a quarta. Eles nunca me reprovavam, pela simples razão que nenhum professor me queria em sua classe novamente. Naturalmente, a única forma de se livrar de mim era passar-me para outra pessoa. Pelo menos por um ano todo permitia-a ter o problema também. Era assim que eles me chamavam, “o problema.” Da minha parte eu não podia ver o problema que eu criava para todos.

Vou dar-lhes um exemplo. A estação era três quilômetros da minha cidade e a separava de uma pequena vila chamada Cheechli, a nove quilômetros de distância.

A propósito, Cheechli foi o lugar de nascimento de Maharishi Mahesh Yogi. Ele nunca o mencionou, e existem razões para que ele não mencione onde nasceu – porque ele pertencia à classe dos sudras na Índia. Só mencionar que você vem de uma certa vila, certa casta ou profissão – e os indianos são muito rudes sobre isso. Eles podem pará-los na rua e perguntá-los, “Qual a sua casta?” Ninguém pensa que isso é uma interferência.

Maharishi Mahesh Yogi nasceu do outro lado da estação, mas porque ele é um sudra, ele não pôde mencionar a vila – porque é uma vila somente de sudras, a casta mais baixa na hierarquia indiana – nem usar o seu sobrenome. Isso também imediatamente revelaria quem ele é.

Seu nome inteiro é Mahesh Kumar Shrivastava, mas “Shrivastava” colocaria um basta em todas as suas pretensões, pelo menos na Índia, e isso afetaria outros também. Ele não é um sannyasin iniciado em nenhuma das ordens antigas, porque, de novo, só existem dez ordens sannyasins na Índia. Tenho tentado destruí-las; é por isso que todas estão com raiva de mim.

Essas ordens são novamente castas, mas de sannyasins. Maharishi Mahesh Yogi não pode ser um sannyasin porque nenhum sudra pode ser iniciado. É por isso que ele não escreve “Swami” antes do seu nome. Ele não pode; ninguém lhe deu esse nome. Ele não escreve antes do seu nome, como os sannyasins hindus o fazem, Bharti, Saraswati, Giri, etc; eles têm os seus dez nomes.

Ele criou o seu próprio nome – “Yogi.” Não significa nada. Qualquer pessoa tentando ficar sobre a sua própria cabeça, e caindo, é claro, repetidas vezes, pode chamar-se de yogi; não há restrição nisso.

Um sudra pode ser um yogi, e o nome Maharishi é algo para substituir “Swami,” porque na Índia as coisas são tais que se faltar o nome “Swami,” então as pessoas suspeitarão que algo está errado. Vocês têm que pôr alguma outra coisa apenas para cobrir a falha.

Ele inventou “Maharishi.” Ele não é nem mesmo um *rishi*. Rishi significa “vidente,” e maharishi significa “grande vidente.” Ele não pode nem ver para além do seu nariz. Tudo o que ele pode fazer quando vocês fazem questões relevantes é dar risinhos. De fato, vou chamá-lo “Swami Risananda”; isso adequar-se-á perfeitamente a ele. Aquele riso não é algo respeitável, realmente é uma estratégia para evitar questões. Ele não pode responder a nenhuma questão.

Encontrei-me com ele aleatoriamente, e em um local estranho – Pahalgam. Ele estava liderando um campo de meditação lá, e eu também. Naturalmente a minha gente estava encontrando-se com a gente dele. Primeiro tentaram trazê-lo para o meu campo, mas ele deu tantas desculpas que não tinha tempo, que até gostaria, mas que não seria possível.

Mas ele disse, “Uma coisa pode ser feita: vocês o trazem aqui para que o meu tempo e o meu trabalho agendado não sejam perturbados. Ele pode falar comigo a partir do meu palco.” E eles concordaram.

Quando eles me contaram eu disse, “Isso foi estúpido da parte de vocês. Agora estarei em uma confusão desnecessária. Estarei defronte a sua gente. Não tenho que me preocupar com as questões; o único problema é que não será certo para o convidado golpear o seu anfitrião, especialmente na frente da sua gente. E uma vez que eu o ver não posso me conter em relação a golpeá-lo. Qualquer decisão que eu fizer de não o golpear desmoronará.”

Mas eles disseram, “Nós prometemos.”

Eu disse, “Ok. Não estou preocupado e estou pronto para ir.” Não era muito longe, apenas uma caminhada de dois minutos. Só tinha que entrar no carro e então sair, essa era a distância. Então eu disse, “Ok, eu irei.”

Fui até lá, e, como eu havia esperado, ele não estava. Mas não ligo para nada. Iniciei o campo – e era o seu campo! Ele não estava lá; ele estava tentando evitar-me o máximo possível. Alguém devia ter falado para ele... Porque ele estava ficando no hotel do lado, ele devia estar ouvindo o que eu estava falando do seu quarto. Comecei a golpeá-lo fortemente, porque quando vi que ele não estava lá, eu podia golpeá-lo o tanto que eu quisesse e desfrutar do fato. Talvez o golpeei muito forte e ele não podia se manter distante. Ele veio dando risinhos.

Eu disse, “Pare de dar risinhos! Isso fica bem em uma televisão americana; não ficará bem aqui comigo!” E seu sorriso desapareceu. Eu nunca tinha visto tanta raiva. Era como se aquele risinho fosse uma cortina, e escondido por detrás desta estava tudo o que não deveria estar ali.

Naturalmente era demais para ele, e ele disse, “Tenho outras coisas para fazer, por favor, desculpe-me.”

Eu disse “Não há necessidade. No que diz respeito a mim você nunca veio aqui. Você veio pelas razões erradas, e eu não participo disso de maneira alguma. Mas lembre-se, eu tenho muito tempo.”

Então realmente o golpeei, porque sabia que ele havia voltado para seu quarto de hotel. Eu podia até ver a sua face olhando pela janela. Eu até falei para os seus discípulos: “Olhem! Esse homem diz que tem muito trabalho para fazer. Esse é o seu trabalho? – olhar alguém trabalhando da sua janela? Ele deveria pelo menos se esconder, assim como ele se esconde atrás do seu risinho.”

Maharishi Mahesh Yogi é o mais sagaz dos supostos gurus espirituais. Mas a sagacidade triunfa. Se você falha, isso significa apenas que você cruzou com alguém mais sagaz. Mas a sagacidade ainda assim triunfa.

Ele nunca menciona a sua vila, mas lembrei porque ia contar um incidente para vocês. Este incidente tem a ver com sua vila, e a minha história sempre está indo para todas as direções.

Cheechli era um estado pequeno; não era parte do Raj Britânico. Era um estado muito pequeno, mas o rei, ao final das contas, era um rei, mesmo podendo arcar apenas com um elefante. Era assim que eles costumavam medir quanto reinado alguém tinha – pelo número de elefantes.

Ora, falei para vocês do Portão do Elefante que ficava na frente da escola. Um dia, sem nenhuma razão, me aproximei do maharaja de Cheechli e pedi, “Eu gostaria de ter o seu elefante por apenas uma hora.”

Ele disse, “O quê? O que você vai fazer com meu elefante?”

Eu disse, “Não quero o seu elefante, só quero fazer com que o portão se sinta bem. Você tem que ver aquele portão: talvez até você estudou lá!”

Ele disse, “Sim. Na minha época era somente escola primária. Agora existem quatro graus.”

Eu disse, “Quero fazer aquele portão se sentir bem, pelo menos uma vez. Ele é chamado de Portão do Elefante mas nem mesmo um macaco passa por ele.”

Ele disse, “Você é um menino estranho, mas gosto da ideia.”

A sua secretária disse, “O que você quer dizer, gosta da ideia? Ele está louco!”

Eu disse, “Vocês dois estão certos, mas louco ou não, vim para pedir o seu elefante apenas por uma hora. Quero montar nele e ir até a escola.”

Ele gostou tanto da ideia que disse, “Você monta no elefante, e vou segui-los com meu velho Ford.”

Ele tinha um Ford muito antigo, talvez um modelo T – acho que o modelo T é o mais antigo de todos. Ele queria ir apenas para ver o que aconteceria.

É claro que quando passei pela cidade no elefante todo mundo se espantava, e as pessoas se reuniam dizendo, “O que é isso? E como esse garoto conseguiu o elefante?”

Quando cheguei na escola havia uma grande multidão. Até o elefante achou difícil entrar por causa de todas as pessoas. E as crianças estavam pulando – vocês sabem onde – no telhado da escola! Elas estavam gritando, “Ele chegou! Sabíamos que ele viria com algum truque, e esse é grande!”

O diretor teve que dizer para o peão soar o sino sinalizando que a escola estava fechada; caso contrário a multidão destruiria o jardim, ou até mesmo o telhado poderia ceder com tantas crianças sobre ele. Até os meus próprios professores estavam no telhado! E a coisa estranha é que até eu, estupidamente, queria estar no telhado para ver o que estava ocorrendo.

A escola foi fechada. O elefante entrou e tornei o portão relevante. Pelo menos ele poderia agora dizer aos outros portões: “Certa vez um menino passou por mim em um elefante, e havia uma multidão para ver aquilo acontecendo...” É claro que o portão falará “... para ver-me, o portão.”

O raja também veio. Quando viu a multidão ele não podia acreditar. Ele me perguntou, “Como você conseguiu reunir tantas pessoas tão rapidamente?”

Eu disse, “Não fiz nada. Apenas a minha entrada na escola foi suficiente. Não pense que foi o seu elefante; se você acha isso, amanhã você vai no elefante e não verei nenhuma alma aqui.”

Ele disse, “Não quero parecer um tolo. As pessoas vindo ou não, eu iria parecer um tolo se estivesse sentado em um elefante na frente de uma escola primária sem nenhuma razão. Você pelo menos faz parte da escola. Eu sei sobre você – ouvi muitas histórias. Ora, quando você pedirá o meu Ford?”

Eu disse, “Só espere.”

Eu nunca fui, embora ele tivesse me convidado, e teria sido uma grande ocasião, porque em toda a cidade não havia outro carro. Mas esse carro era

muito... o que dizer sobre ele? A cada 15 metros vocês tinham que sair e empurrá-lo; é por essa razão que nunca fui.

Eu lhe disse, “Que tipo de carro é esse?”

Ele disse, “Sou um homem pobre, um rei de um estado pequeno. Tenho que ter um carro, e este é o único que posso arcar.”

Ele era completamente imprestável. Ainda me pergunto como conseguia se mover mesmo por alguns metros. Toda a cidade costumava desfrutar e dar risada quando o raja vinha naquele carro – e, é claro, todo mundo tinha que empurrar!

Eu lhe disse, “Não. Agora não estou na posição de pegar o seu carro, mas algum dia, talvez.” Eu disse aquilo apenas para não machucar os seus sentimentos. Mas ainda lembro-me do carro: ele ainda deve estar naquela casa.

Na Índia as pessoas têm carros tão antigos... Como vocês os chamam? – *vintage*? O governo da Índia teve que fazer uma lei dizendo que nenhum carro vintage poderia deixar a Índia. Não é preciso fazer nenhuma lei; os carros não podem ir sozinhos. Mas os americanos estão prontos para comprá-los a qualquer preço.

Na Índia vocês podem encontrar até mesmo o primeiro modelo de carro de todos os tempos. Na verdade, em Mumbai e Calcutá vocês ainda podem ver carros tão antigos que vocês não acreditarão que ainda estão no século XX.

Certa vez, a propósito, o raja e eu acidentalmente nos encontramos em um trem, e sua primeira questão para mim foi, “Por que você não foi?”

Não pude me lembrar imediatamente o que ele queria dizer com “não foi”... então eu disse, “eu não me lembro porque eu tinha que ir.”

Ele disse, “Sim, deveria ter sido há quarenta anos atrás. Você prometeu vir e levar o meu carro até a escola.” Então lembrei-me! Ele estava certo.

Eu disse, “Maravilhoso!”...porque ele devia ter cerca de noventa e cinco anos e ele ainda tinha uma memória tão boa. Depois de quarenta anos, “Por que você não veio?” Eu disse, “Você é um milagre.”

Acho que se nos encontrarmos no além-mundo a primeira questão que ele vai fazer-me será a mesma: “Por que você não foi?” – pois prometi novamente dizendo, “Ok, esqueci-me. Desculpe-me. Eu irei.”

Ele disse, “Quando?”

Eu disse, “Você quer que eu lhe dê uma data? Por causa daquele carro? Depois de quarenta anos! Há quarenta anos ele já era um carro apenas no nome. O que poderia ter acontecido com ele depois de quarenta anos?”

Ele disse, “Ele está perfeitamente em ordem.”

Eu disse, “Ótimo! Por que você não diz que ele está como novo, como se estivesse saído do estacionamento? Mas irei; vou amar dar uma volta naquele

carro.” Mas, infelizmente, no momento em que cheguei lá o raja havia morrido... ou felizmente, porque vi o carro! Quarenta anos atrás ele andava pelo menos alguns metros; agora, mesmo se o raja estivesse vivo, o carro estava morto.

O seu velho servo disse, “Você veio um pouco tarde. O raja está morto.”

Eu disse, “Obrigado Deus! Caso contrário aquele tolo me faria sentar nesse carro, e é impossível ele se mover.”

Ele disse, “Isso é verdade. Nunca o vi em movimento, mas estive a seu serviço há somente quinze anos, e o carro não andou nesse período. Ele só ficou ali na entrada para mostrar que o maharaja tinha um carro.”

Eu disse, “A volta teria sido muito boa, e muito rápida também. Você entraria por uma porta e sairia pela outra, nenhum tempo perdido.”

Mas aquelas visitas à escola são lembradas até hoje pelos poucos professores ainda vivos. E ninguém entre eles acreditou que eu poderia ser o melhor aluno de toda a universidade, porque todos eles sabiam como eu havia passado pelas suas aulas. Foi tudo por causa do favor deles, ou medo, ou qualquer coisa. Eles simplesmente não podiam acreditar como eu pude ser o melhor aluno de toda a universidade. Quando cheguei em casa, todos os jornais reportaram-no com a minha fotografia dizendo, “Este estudante ganhou a medalha de ouro.” Os meus professores ficaram chocados. Todos eles olhavam para mim como se eu fosse de outro planeta.

Eu disse a eles, “Por que vocês estão me olhando assim?”

Eles disseram, “Não acreditamos nem mesmo agora, vendo você. Você deve ter feito algum truque.”

Eu disse, “De uma forma vocês estão certos; certamente foi um truque.” E eles sabiam, porque tudo o que sempre fiz com eles foi fazer truques.

Uma vez chegou um homem na vila com um cavalo. Vocês devem ter ouvido falar sobre um cavalo muito famoso na Alemanha; acho que seu nome é Hans.

Devageet, como vocês o pronunciam? Hands? H-a-n-s.

“Hunts, Osho.”

Ok, “Hands.”

Hans tornou-se mundialmente famoso naquele momento, tanto que grandes matemáticos, cientistas, todos os tipos de pensadores e filósofos foram ver esse cavalo. E o que era todo esse rebuliço? Eu sei, mas só fiquei sabendo desse “caso Hans” somente muito tardiamente, porque na minha vila havia um homem com um cavalo que fazia o mesmo truque. Perturbei-o tanto que finalmente ele cedeu e concordou em me dizer como fazê-lo.

O seu cavalo... mas primeiro permitam-me contar algo para vocês desse cavalo famoso na Alemanha, para que vocês entendam como mesmo os grandes

cientistas podem ser enganados por um cavalo. Esse cavalo, Hans, era capaz de resolver qualquer problema matemático pequeno. Vocês poderiam perguntá-lo quanto era dois mais quatro, e ele bateria seis vezes com sua pata direita.

O que o cavalo estava fazendo era realmente algo, embora o problema fosse muito pequeno: Quanto é dois mais quatro? – mas o cavalo resolvia sem nenhum erro. Vagarosamente ele começou a resolver problemas maiores, envolvendo números maiores. Ninguém era capaz de descobrir qual era o segredo. Até mesmo os biólogos começaram a dizer que talvez os cavalos tinham inteligência assim como o ser humano, e tudo o que eles precisavam era treino.

Eu também havia visto esse tipo de cavalo na minha vila. Ele não era mundialmente famoso. O cavalo era a única fonte de renda do homem. Ele mover-se-ia com seu cavalo de vila em vila, e as pessoas faziam-no questões. Às vezes o cavalo dizia sim, às vezes o cavalo dizia não, apenas movendo sua cabeça – não como os japoneses, mas como qualquer outra pessoa no mundo. Apenas os japoneses são estranhos.

Quando dou sannyas para um japonês, isso é um problema. Eles movem as suas cabeças da maneira oposta que todas as outras pessoas. Quando eles balançam a cabeça para cima e para baixo eles querem dizer não, e vice-versa. Embora eu saiba disso, repetidas vezes fico tão envolvido falando com eles que quando eles dizem sim penso que eles estão dizendo não.

Por um momento fiquei chocado; então Nartan, que traduzia para mim, disse, “Eles estão fazendo novamente. E eles não aprendem, nem você. E estou em dificuldade. Sei que vai acontecer. Eu até bato neles, belisco-os para lembrá-los. Eles até me dizem que vão lembrar, e, entretanto, quando você os questiona...”

O hábito se torna uma parte muito grande da sua estrutura. Por que só ocorre com os japoneses? Talvez eles faziam parte de um tipo diferente de macaco; essa pode ser a única explicação. No início havia dois macacos, e um deles era japonês.

Eu estava pedindo para esse homem do cavalo contar-me o truque. O seu cavalo também podia fazer o que o famoso Hans conhecidamente fazia. Mas o homem era pobre; eu sabia que era o seu único sustento – mas finalmente o homem teve que ceder. Prometi para ele dizendo, “Nunca contarei para ninguém o seu segredo, mas há apenas um pequeno favor que você tem que fazer por mim: emprestar-me o seu cavalo por uma hora para que eu possa levá-lo para a escola. Isso é tudo. Então manter-me-ei completamente mudo.”

Ele disse, “Tudo bem.”

Ele queria se livrar de mim de alguma forma, então ele me contou o truque. Era muito simples: ele treinou o cavalo para que quando ele movesse a cabeça para um lado o cavalo também movesse a cabeça para a mesmo lado. E é claro que todo mundo estaria olhando para o cavalo, e ninguém estaria olhando para o dono no canto. E ele movia sua cabeça tão levemente que mesmo se estivessem

olhando vocês não poderiam notar – mas o cavalo percebia. Quando o dono não movia a cabeça, o cavalo fora treinado para mover a sua cabeça de um lado a outro. Da mesma forma em relação às patadas.

O cavalo não sabia nenhum número, o que dizer de aritmética. Quando perguntado, “Quanto é dois mais dois?” ele batia as patas quatro vezes, então parava. Todo o truque estava em quando o dono fechava seus olhos, o cavalo parava de bater – enquanto os olhos estivessem abertos o cavalo continuava batendo.

E esse mesmo truque foi descoberto com o famoso Hans. Mas aquele era um homem pobre, vivendo em uma vila pobre, enquanto Hans era um cavalo realmente famoso, e alemão. Quando os alemães fazem algo, eles o fazem cuidadosamente. E um matemático alemão pesquisou por três anos para descobrir esses segredos que estou contando para vocês.

Depois que ele mostrou-me os truques, levei o cavalo para a escola. É claro que houve uma grande festividade entre as crianças, mas o diretor me disse, “Como você consegue encontrar essas coisas estranhas? Eu vivi nessa vila por toda a minha vida, entretanto, nunca ouvi falar desse cavalo.”

Eu disse, “É preciso um certo discernimento, e é preciso estar continuamente procurando. É por isso que não posso vir para a escola todos os dias.”

Ele disse, “Isso é muito bom. Não venha. Investigar é bom para todos. Porque quando você vem isso significa que o dia inteiro foi perturbado. Você necessariamente fará algo perturbador. Nunca o vi sentado fazendo o seu trabalho como todas as outras crianças o fazem.”

Eu disse, “O trabalho não vale a pena ser feito. O fato de todo mundo o estar fazendo é uma prova suficiente que ele não vale a pena ser feito. Nessa escola todo mundo está fazendo esse trabalho. Na Índia existem sete milhões de vilas, e em toda vila, todo mundo está fazendo o mesmo trabalho. Não vale a pena ser feito. Tento encontrar algo que ninguém mais faz, e o trago para você de graça. Sempre que chego é quase um carnaval, e, entretanto, você está me olhando tão tristemente. Estou perfeitamente bem.”

Ele disse, “Não estou triste com você; estou triste por mim mesmo – que tenho que ser diretor dessa escola.”

Ele não era um homem ruim. Ele foi meu professor nos últimos dias da escola primária. Era a quarta série. Eu nunca trouxe nenhum grande problema para ele, mas pequenos eu não podia evitar; eles entravam no meu caminho por si sós. Mas apenas ao olhar para os seus olhos tristes eu disse, “Ok, então agora não vou trazer mais nada que o perturbe; isso significa que não virei mais. Só virei para pegar o meu certificado no final. Se você puder dá-lo ao peão, pegarei com ele, e não entrarei mais nessa escola.”

E não entrei para pegar o meu certificado. Mandei o peão pegá-lo. Ele disse ao diretor, “O garoto disse, ‘Por que devo entrar para pegar o meu certificado

quando nunca fui apreciado pelas minhas visitas? Você pode trazê-lo e me entregar no Portão do Elefante.”

Eu amava aquele peão. Ele tinha uma alma tão bela. Ele morreu em 1960. Por acaso eu estava na vila, mas para mim parecia que eu estava ali por ele, para que pudesse vê-lo morrer. E este foi o meu interesse profundo desde minha infância: a morte é um mistério gigantesco, muito mais profundo do que a vida pode ser.

Não estou dizendo que vocês devem cometer suicídio, mas lembrem-se que a morte não é o inimigo, e nem o fim também. Não é um filme que termina com “O fim.” Não há fim. Nascimento e morte, ambos são eventos no córrego da vida, apenas ondas. E certamente a morte é mais rica que o nascimento, porque o nascimento é vazio. A morte é a experiência mais importante na vida de uma pessoa. Isso depende de como você torna a sua morte significativa. Depende do quanto você viveu, não em termos de tempo, mas em termos de profundidade.

Voltei à escola primária depois de alguns anos. Eu não podia acreditar que tudo havia desaparecido exceto o Portão do Elefante. Todas as árvores – e havia muitas árvores – tinham sido cortadas. E havia tantas árvores floríferas belas, mas nenhuma delas estava lá.

Fui apenas por causa daquele velho homem, o peão, que havia acabado de morrer. Ele vivia do lado do portão, adjacente à escola. Mas seria melhor se eu não tivesse ido, porque na minha memória era belo, e eu o teria lembrado daquela maneira, mas agora é difícil. Parece como uma foto apagada, com todas as cores desbotadas – talvez até as linhas estão desaparecendo – apenas uma foto antiga, somente a moldura está intacta.

Apenas um homem, que fora meu professor naquela escola, veio visitar-me em Puna. Naquela época ele foi muito amável comigo, mas eu nunca pensei que ele viria a Puna para ver-me. É uma viagem longa e custosa para um homem pobre.

Perguntei-lhe, “O que o levou a vir?”

Ele disse, “Eu só queria ver o que eu sempre sonhei lá no fundo – que você não é o que aparenta ser. Você é outra pessoa.”

Eu disse, “Estranho você nunca ter me contado antes.”

Ele disse, “Eu achava estranho dizer a alguém que ela é outra pessoa do que aquilo que aparenta ser, então guardei para mim – e agora estou velho e eu gostaria de ver se havia ocorrido, ou eu era apenas um tolo pensando nisso.”

No momento em que partiu ele era um sannyasin. Ele disse, “Agora não há porque não me tornar um sannyasin. Eu o vi e vi a sua gente. Sou velho e não vou viver muito, mas até mesmo alguns dias como um sannyasin e sentirei que a minha vida não foi em vão.”

Apenas dez minutos para mim...

É belo, mas não mais. Sei que há tempo, mas tenho outra coisa para fazer.

Sessão 49

Ok. Eu estava nesse momento tentando lembrar-me do homem. Posso ver a sua face, mas talvez eu nunca me preocupei com seu nome, então não me lembro dele. Contarei toda a história para vocês.

A minha Nani, vendo que não era possível ensinar algo a mim e que enviar-me a escola estava apenas criando problemas, tentou convencer a minha família, meu pai e minha mãe, mas ninguém estava disposto a ouvi-la. Mas ela estava certa ao dizer, “Esse menino é um incômodo desnecessário para mil outros meninos.” – isso foi quando entrei no colegial – “e todo dia ele trama algo. É melhor ele ter um tutor privado. Deixem-no ‘visitar’ a escola, como ele o chama, de vez em quando, mas isso não o ajudará a aprender nada que valha a pena, porque ele sempre está criando problemas para os outros e para ele mesmo. Não sobra tempo.”

Ela tentou, o máximo que pôde, ensinar-me o básico, mas ninguém na minha família estava disposto a conseguir um tutor privado para mim. Naquela cidade, até hoje, não acho que ninguém teve um tutor privado. Para quê? Toda a família estava dizendo, “Então por que existem essas escolas aqui, se temos que ter um tutor privado?”

Ela disse, “Mas esse garoto não deve ser contado com os outros – não é porque o amo, mas porque ele é um problema real. Eu vivo com ele, e vivi por tantos anos que sei que ele fará tudo o que for possível para criar problema. E nenhuma punição pode o impedir.”

Mas meu pai e mãe, os irmãos e irmãs do meu pai – ou seja, toda a Arca de Noé, todas as criaturas – discordaram dela. Mas todos ficaram em choque quando concordei.

Eu disse, “Ela está certa. Nunca vou aprender nada nessas escolas de terceira categoria. Na verdade, no momento em que vejo aqueles professores quero ensiná-los uma lição que eles nunca esquecerão por toda vida. E os garotos, tantos garotos sentados silenciosamente... é artificial. Então faço alguma coisa e, imediatamente, a natureza assume o controle, e a educação é deixada totalmente para trás com toda a sua cultura. Ela está certa: se vocês querem que eu saiba pelo menos linguagem, matemática, algo de geografia ou história, então ouçam-na.”

Eles ficaram mais chocados do que se eu tivesse explodido um fogo de artifício... porque isso era absolutamente esperado. As pessoas da minha família e os vizinhos, todo mundo esperava encrenca, tanto que eles começaram até mesmo a perguntar-me, “O que está debaixo da sua manga hoje?”

Eu disse, “Não posso nem ter feriado? O que está debaixo das *suas* mangas? Vocês estão pagando por isso? Toda a cidade deveria pagar-me se vocês acham que tem algum valor. Posso produzir qualquer coisa possível no mundo.”

Somente a minha Nani estava realmente interessada, e eu disse à minha família, “Eu devo saber o básico. Ouçam-na. Vou ter um tutor quer vocês queiram ou não. Tudo o que ela precisa é da minha concordância, e concordo totalmente com ela.”

Ela disse, “Vocês estão ouvindo o que esperavam? Vocês não esperavam isso, mas essa é a qualidade própria dele – o inesperado. Então não fiquem chocados nem se sintam insultados. Se vocês se chocarem ou se sentirem insultados ele fará mais coisas similares. Apenas façam o que estou dizendo: arranjem um tutor privado para ele.”

Meu pobre pai – pobre porque todo mundo riu dele – disse, “Quero concordar com você, mas eu estava com medo de todas as outras pessoas da família, até mesmo da sua filha, a minha esposa. Eu estava com medo que todos pulassem em mim. Você está certa, ele precisa de algum treinamento básico. E o problema real não é se ele precisa ou não; o problema real é, podemos encontrar um tutor disposto a ensiná-lo? Estamos dispostos a pagar; encontre um tutor para ele.”

Ela tinha alguém em mente. Ela já havia me perguntado o que eu pensava do homem. Eu disse, “O homem parece bom, apenas um pouco dominado.”

Ela disse, “Isso não é da sua conta. Por que uma criança ficaria preocupada com isso? Ele é um bom professor. Ele ganhou o certificado do governador de melhor professor da província. Você pode confiar nele.”

Eu disse, “Ele confia na própria esposa; esta confia no servo dele; o seu servo é somente um tolo – e tenho que confiar nele? Uma grande corrente! Mas o homem é bom; apenas não me peça para confiar nele. Em vez disso, peça para que eu permaneça disponível a ele; isso é o suficiente para a instrução. Por que dependência? Ele não é o meu chefe; de fato, sou o chefe dele.”

Ela disse, “Olhe, se você lhe disser isso ele vai partir imediatamente.”

Eu disse, “Você não sabe nada sobre ele. Eu o conheço. Mesmo se eu realmente golpeá-lo na cabeça, ele não irá para lugar algum porque sei de quem é os seus ouvidos e suas mãos.”

Na Índia os burros são pegos pelas suas orelhas. É claro que eles têm orelhas grandes; estas são as coisas mais fáceis para segurar e pegá-los. “Ele é um burro. Ele pode ser educado, mas conheço a sua esposa, e ela é uma mulher real. Ela tem muitos burros como ele sob seu domínio. Se ele criar qualquer problema vou cuidar dele, não se preocupe. E lembre-se, o pagamento mensal que você terá que fazê-lo eu o levarei para sua esposa.”

Ela disse, “Conheço você! Agora compreendo toda a lógica disso.”

Eu disse, “Então siga em frente.”

Chamei o homem. Ele era realmente dominado – não mais ou menos, mas multidimensionalmente. Quando eu o trouxe até a minha Nani, primeiramente ele

tentou escapar. Eu disse, “Ouça, se você tentar escapar de qualquer maneira, irei diretamente à sua esposa.”

Ele disse, “O quê? Não! Por que a minha esposa?”

Eu disse, “Então apenas fique quieto, e não importa o salário que a minha Nani lhe pagará – pois o envelope estará fechado – vou entregá-lo para sua esposa. O acordo já está feito. Não estou interessado na parte financeira, mas o envelope tem que chegar à sua esposa, não a você. Então antes de escapar, pense pelo menos duas vezes.”

Ele estava tentando barganhar, esse valor ou aquele, mas naquele momento ele concordou imediatamente. Pisquei para a minha Nani e disse, “Olhe! Este é o tutor que você encontrou. Ele vai ensinar-me, ou terei que ensiná-lo? Quem ensinará quem? Você vai ensinar-me?”

O homem disse, “O que isso significa, quem vai ensinar? Você vai ensinar-me?”

Eu disse, “Por que não? Estou pagando a você; obviamente devo ensinar e você deve aprender. O dinheiro pode fazer tudo.”

A minha Nani disse ao homem, “Não fique com medo, ele não é tão mau. Ele não criará nenhum problema para você se você prometer não o provocar de forma alguma. Uma vez provocado, então não posso fazer nada para o impedir, porque ele não recebe nenhum salário. Na verdade, tenho que o persuadir a aceitar algum dinheiro para doces, brinquedos e roupas, e ele é muito relutante sobre isso. Então lembre-se, não o provoque; caso contrário você estará em apuros.” E o tolo o fez, logo no primeiro dia.

Ele chegou cedo. Ele era um diretor aposentado, mas não acho que algum dia teve cabeça.* [NdT. Trocadilho de *headmaster* (diretor) com *head* (cabeça)] Mas é assim que as pessoas estão divididas em todo o mundo: em cabeças e mãos. Trabalhadores são chamados “mãos”, apenas mãos, como se não houvesse ninguém por trás das mãos. E os intelectuais, aqueles que se chamam de *intelligentsia*, são conhecidos como “cabeças” – não importando se eles têm alguma mão ou não. Vi tantos cabeças de departamentos que sempre me perguntei se esta era a lei: que qualquer um que não tivesse cabeça seria transformado na cabeça do departamento.

Quando esse homem veio para começar, ele fez o que a minha avó o advertiu não fazer. O que ele fez posso entendê-lo agora. Naquele momento, é claro, não pude entender toda a sua psicologia, mas agora posso ver porque ele se comportou daquela maneira.

Quanto mais eu conhecia a mim mesmo, mais entendia a “robotização” das pessoas. Elas funcionam como máquinas. Elas são malucas e fixas – às vezes malucas e às vezes fixas, mas ambas. Se a maluquice é necessária, elas serão malucas; se a fixidez é necessária, elas serão fixas. Vocês conhecem os malucos, mas quem são os fixos?

Ora, isso será difícil, e levar-me-á a um desvio muito longo, e posso esquecer desse pobre homem que está na minha frente com as mãos postas. Então em algum outro círculo falaremos sobre os fixos. Mas primeiro esse homem...

Ele veio até o meu quarto, na casa da minha Nani. Na verdade, toda a casa era minha, exceto o quarto dela, e a casa tinha muitos quartos. Não era uma casa grande, mas tinha pelo menos seis quartos, e minha avó precisava apenas de um; os outros cinco pertenciam a mim, naturalmente. Não havia mais ninguém ali.

Dividi esses quartos de acordo com os meus diferentes tipos de atividade. Um quarto era para aprender; eu costumava aprender todos os tipos de coisas naquele quarto, por exemplo, como capturar cobras, como ensiná-las a dançar conforme a música, o que não tem nada a ver com música de maneira alguma. Aprendi todos os tipos de truques mágicos. Aquele era o meu quarto. Até mesmo a minha avó não podia entrar nele, porque ele era um local sagrado de aprendizado, e ela sabia que tudo, exceto o sagrado, acontecia ali. Mas ninguém podia entrar. Coloquei uma nota na porta: NÃO ENTRAR SEM PERMISSÃO.

Encontrei exatamente a mesma nota no escritório de Shambhu Babu. Eu lhe disse, “Estou levando-a embora.”

Ele disse, “O quê?”

Eu disse, “Nessa nota não há nada escrito dizendo que você tem que pagar por ela. Ela é de graça. Shambhu Babu, você entende?”

Então ele caiu na gargalhada e disse, “Por anos essa nota está bem na frente dos meus olhos e ninguém apontou para mim que o preço não estava escrito na nota. Qualquer um poderia tê-la levado. E ela está somente pendurada em um prego; nada precisaria ser feito. Você pode simplesmente levá-la.”

Eu disse, “Você é um amigo, mas nessas questões não traga a nossa amizade.”

Aquela nota ficava na porta do meu quarto. Talvez ela ainda está pendurada lá.

Aquele homem, cujo nome não posso me lembrar nesse momento... tenho tentado todos os tipos de exercícios de memória enquanto falo com vocês. Ninguém pode ajudar também, então nós vamos apenas esquecer qual era o seu nome. O que importa não é o seu nome, mas o material que ele era feito – pura borracha. Vocês não poderiam encontrar outro homem como aquele. Mas ele veio de terno e gravata, e era um dia quente de verão! Desde o início ele mostrava a sua estupidez.

Na Índia central durante o verão quente você começa a transpirar até mesmo antes do sol nascer. E ele veio vestido com meias, gravata, calça comprida – e vocês sabem que sempre tive aversão às calças compridas. Talvez justamente esse tipo de pessoa criou em mim um tipo de enjoo em relação às calças compridas. Ele ainda está na minha frente: posso descrevê-lo em cada mínimo detalhe.

Ele tossiu quando entrou no quarto, arrumou sua gravata, tentou ficar ereto, e disse, “Ouça, menino, ouvi muitas histórias sobre você, então quero dizer para você desde o início que não sou um covarde.” Ele olhou para os lados para ver se ninguém estava ouvindo, para que ninguém pudesse contar a sua esposa, mas ele não sabia que eu era muito amigo da sua esposa. Ele olhava continuamente para todos os lados.

Sempre achei que essa é a forma que todos os covardes se comportam. Generalizações não são verdades absolutas, incluindo essa, mas elas certamente contêm alguma verdade. Caso contrário, qual a necessidade de olhar para todos os lados quando só há uma criança sentada ali na sua frente? Entretanto ele olhava para todos os lugares exceto para mim: para a porta, janela, e ainda assim falava comigo. Foi tão hilário e tão lastimável que eu lhe disse, “Ouça também. Você está falando que não é um covarde. Você acredita em fantasmas?”

Ele disse, “O quê?” – e ele olhou tudo em volta, até mesmo atrás da sua cadeira. Ele disse, “Fantasmas? De onde os fantasmas vieram? Estou me apresentando a você, e você apresentando fantasmas.”

Eu disse, “Ainda não os estou apresentando. Hoje à noite o verei com um fantasma.”

Ele disse, “Sério?” E ele parecia tão assustado, ele começou a transpirar. Era uma manhã quente de verão, e ele estava tão amarrado, mais amarrado do que estou agora.

Eu lhe disse, “Inicie o ensinamento. Não perca tempo, porque tenho muitas coisas para fazer.”

Ele olhou para mim absolutamente incapaz de acreditar naquilo que eu acabava de falar – que eu tinha muitas coisas para fazer. Mas ele não estava preocupado comigo, ou com as coisas que eu tinha ou não que fazer. Ele disse, “Sim, vou começar o ensinamento – mas e os fantasmas?”

Eu disse, “Esqueça-os. Hoje à noite eu o apresentarei.”

Ele agora entendeu que eu falava sério. Ele começou a tremer tanto que eu não podia ouvir o que ele estava falando, eu só podia ver a sua calça tremendo. Depois de uma hora me ensinando bobagem, eu disse, “Senhor, algo está errado com sua calça.”

Ele disse, “O que está errado? Então olhou para baixo e viu que a sua calça estava tremendo, e então ela começou a tremer ainda mais.

Eu disse, “Sinto que tem algo dentro da calça. Não posso ver daqui, mas você deve saber. Mas por que você está tremendo? E não é apenas a sua calça, é você.”

Ele partiu sem terminar a lição que havia começado dizendo, “Tenho outro compromisso. Terminarei a lição amanhã.”

Eu disse, “Amanhã por favor venha com shorts porque assim podemos ter certeza se é a calça que treme ou você. Será um serviço a favor da verdade – porque agora é um mistério. Também me pergunto que tipo de calça é essa.”

Ele tinha uma bela calça – pelo menos parecia dele, mas não sei se era dele ou não, porque aquela noite terminou tudo; ele nunca mais voltou. Foi assim que meu tutor privado, como ele era chamado, partiu. Eu havia dito a minha avó, “Você acha que alguém, não importando o salário que vocês estiverem aptos a pagar, será capaz de suportar-me?”

Ela disse, “Não perturbe as coisas. De alguma forma consegui persuadir a sua família, e você concordou. De fato foi somente por sua causa que consegui.”

“Não,” eu disse, “Não farei nada, mas se algo acontecer, o que posso fazer? E tenho que lhe dizer isso porque essa noite decidirá se você o pagará ou não.”

Ela disse, “O quê? Ele morrerá ou algo do tipo? E tão cedo? Ele começou hoje de manhã, e trabalhou apenas uma hora.”

Eu disse, “Ele me provocou.”

Ela disse, “Eu avisei para ele não te provocar.”

No pátio da antiga casa da minha avó havia uma grande árvore neem. Aquela casa ainda nos pertencia depois da morte da minha avó. Era uma árvore realmente enorme, antiga, tão grande que toda a casa era coberta por ela. Quando era a estação, quando as flores da neem se abriam, a fragrância estava em todos os lugares.

Não sei se qualquer outra árvore parecida com a neem existe em algum outro lugar, porque ela precisa de um clima muito quente. As suas flores são muito cuidadosas – essa é a única palavra que posso encontrar, “cuidadosas” com suas fragrâncias. Não devo a chamar de fragrância porque é amarga. No momento em que vocês cheiram-na é revigorante e único, mas ela deixa um gosto amargo na boca. Isso deve ser assim, porque o chá de neem deve ser o chá mais amargo de todo o mundo. Mas se vocês começarem a gostar dele, será como café. Vocês têm que praticar um pouco; caso contrário não é algo que vocês possam gostar instantaneamente.

Embora café instantâneo esteja disponível no mercado vocês ainda assim têm que aprender o gosto. O mesmo é verdade sobre o álcool, e mil outras coisas. Vocês têm que absorver o sabor vagarosamente. Se vocês viveram em um bosque de neem, e conhecem a fragrância desde as suas primeiras respirações, então não é amargo para vocês, ou, mesmo se for amargo é doce também.

Na Índia pensam ser um dever religioso plantar o maior número possível de árvores neem. Muito estranho! – mas se vocês conhecerem a árvore neem, o seu frescor gélido, o seu poder de purificação, então vocês não rirão disso. A Índia é pobre e não pode custear muitos dispositivos purificadores, mas a árvore neem é uma coisa natural e cresce facilmente.

Essa árvore neem ficava atrás da minha casa. Eu costumava chamar a casa da minha Nani de “minha” casa. A outra casa era para todo o mundo restante, todos os tipos de criaturas; eu não fazia parte dela. De vez em quando eu ia ver o meu pai e minha mãe, mas fugia o mais rápido humanamente possível. Quero dizer, assim que as formalidades acabavam eu ia embora. E eles sabiam que eu não queria ir na casa deles. Eles sabiam que eu a chamava “aquela casa.” Então a minha casa, com aquela grande árvore neem, era um lugar realmente belo, mas não sei quem criou o mundo, nem sei quem criou essa história sobre a árvore neem também.

A história era – e esta fez da árvore neem uma beleza real – a história contava que a árvore neem tinha o poder de prender os fantasmas. Como a árvore neem o fazia eu não sei, nem a minha iluminação pôde ajudar nisso. Na verdade, a primeira coisa que eu quis saber depois da iluminação foi como a árvore neem o fazia, mas nenhuma resposta veio. Talvez ela não faça nada. Na Índia qualquer história se torna uma verdade, e, logo, a verdade última.

Mas a história contava que se qualquer fantasma tomasse posse de alguém, a pessoa só precisava ir até a árvore neem, sentar-se debaixo dela, levar um prego consigo, quanto maior melhor; então dizer à árvore neem: “Estou pregando o meu fantasma.” Levar consigo um martelo também, ou usar qualquer pedra grande em volta, e bater o prego forte. Uma vez que o fantasma fosse pregado a pessoa estaria livre dele. Havia pelo menos mil pregos naquela árvore. Eu realmente sinto muito por ela, embora ela não exista mais.

Todos os dias as pessoas vinham e uma pequena loja até abriu do outro lado da rua para vender pregos, porque havia uma demanda. O que é mais significativo é que o fantasma quase sempre desaparecia. A conclusão natural é que o fantasma fora pregado à árvore. Ninguém nunca retirava um prego, porque senão o fantasma seria libertado, e, talvez, encontrando vocês por perto ele tomaria posse de vocês.

A minha família estava muito preocupada comigo e aquela árvore. Eles disseram a minha Nani que, “É bom que ele durma contigo. Não temos nada contra isso. Ele come aí e isso também está perfeitamente ok. Ele raramente vem ver a família; isso também está ok – sabemos que ele é bem cuidado – mas, lembre-se daquela árvore e esse garoto. Se ele retirar um prego, ele terá muita miséria por toda a vida.”

E a história continua, dizendo que uma vez que um fantasma seja liberado da árvore ninguém poderia pregá-lo novamente porque ele conhece o truque e não será enganado duas vezes.

Então a minha Nani estava constantemente em alerta para que eu não fosse à árvore neem. Mas ela não sabia que eu estava removendo o máximo de pregos possíveis; caso contrário, quem iria abastecer o lojista do outro lado da rua? Eu tinha um grande negócio em movimento. No início até mesmo o lojista estava com muito medo. Ele me disse, “O quê! Você trouxe esses pregos da própria árvore?”

Eu disse, “Sim, e nenhum fantasma. Nós somos amigos, muito amigos.” Eu não queria o perturbar, porque uma vez que a minha avó soubesse então haveria problemas. Então eu lhe disse, “Os fantasmas me amam muito. Somos muito amigos.”

Ele disse, “Isso é muito estranho. Nunca ouvi falar que os fantasmas gostam de crianças pequenas como você. Mas negócio é negócio...”

Eu lhe fornecia prego pela metade do preço que ele conseguia no mercado. Era uma pechincha real. Ele pensava que se eu pudesse remover os pregos, e os fantasmas não ficavam bravos, então eles deveriam ser meus amigos, e ele pensava que era bom não contrariar o garoto. O próprio garoto é um encenqueiro, e se os fantasmas estão o ajudando, então ninguém está seguro contra ele.

Ele me dava dinheiro, eu lhe dava pregos. Eu disse a minha avó, “Para dizer-lhe a verdade, é tudo uma ilusão. Os fantasmas não existem. Tenho vendido pregos daquela árvore por quase um ano agora.”

Ela não podia acreditar. Por um momento ela não podia respirar. Então ela disse, “Espere! Vendendo os pregos! Você não deveria nem chegar perto daquela árvore. Se a sua mãe e pai descobrirem eles levar-te-ão embora.”

Eu disse, “Não se preocupe, sou amigo dos fantasmas.”

Ela disse, “Me diga a verdade. O que está realmente acontecendo?” Ela era uma mulher simples em relação àquilo. Ela era totalmente inocente.

Eu disse, “Tudo é verdade, e é isso o que está acontecendo. Mas não fique contra o pobre lojista, porque é uma questão de negócio. Todo o meu negócio acabará se ele fugir ou ficar com medo. Se você realmente quer proteger o meu pequeno negócio você pode apenas mencionar a ele, incidentalmente, alguma coisa como, ‘É estranho como esses fantasmas de alguma forma amam esse garoto. Nunca os vi serem tão amigáveis a nenhuma outra pessoa. Até mesmo eu não posso chegar perto da árvore.’ Fale para ele quando você estiver passando.”

Na Índia eles fazem uma pequena plataforma de tijolos em volta de uma árvore, apenas para as pessoas se sentarem. Essa árvore tinha uma plataforma grande. Era uma árvore grande: pelo menos cem pessoas podiam facilmente sentar-se debaixo dela na plataforma, e pelo menos mil pessoas poderiam se sentar na sombra da árvore inteira. Ela era enorme.

Eu disse para a minha Nani, “Não perturbe aquele pobre lojista. Ele é a minha única fonte de renda.”

Ela disse, “Renda? Que renda? Que tipo de coisa está acontecendo? E não me contaram nada!”

Eu disse, “Eu estive com medo que você ficaria preocupada, mas agora posso lhe assegurar que não existem fantasmas. Venha comigo e vou tirar um prego e lhe mostrar.”

Ela disse, “Não. Acredito em você.” É assim que as pessoas acreditam.

Eu disse, “Não, Nani, isso não está certo. Venha comigo. Tirarei um prego. Se algo de errado ocorrer, ocorrerá comigo, e vou tirar os pregos de qualquer maneira, você vindo ou não. Já tirei centenas de pregos.”

Ela pensou por um momento e então disse, “Certo, irei. Eu gostaria de não ir, mas você lembraria de mim como uma covarde, e não posso aceitar essa associação na sua mente. Estou indo.”

Ela foi. É claro que no início ela assistiu à distância. Era um pátio grande. A casa certa vez pertenceu a um pequeno estado. Havia estátuas realmente belas debaixo da árvore neem, e algumas na casa também. As portas eram velhas, mas lindamente entalhadas. Asheesh amaria aquelas portas. Elas faziam um barulho estrondoso – mas essa é outra questão. Algum arquiteto antigo deve ter planejado a casa. A razão de a termos conseguido muito barata era por causa dos fantasmas. Quem queria viver na casa com tantos fantasmas vivendo ali na árvore? Nós a compramos quase de graça, por muito pouco, um dinheiro apenas simbólico. O dono ficou feliz em livrar-se dela.

O meu pai havia dito a minha Nani, “Você ficará sozinha lá com, no máximo, esse garoto que é mais problema do que qualquer fantasma. Com tantos fantasmas e esse garoto também, você estará em apuros. Mas sei que você ama o rio, a vista e o silêncio do lugar.”

Era quase um templo. Ninguém vivia lá há anos, exceto os fantasmas. Eu disse a minha Nani, “Não se preocupe. Venha comigo mas, lembre-se, não incomode o pobre lojista. Ele vive disso, eu vivo disso; de fato, muitos garotos pobres na minha escola são ajudados por mim por causa desses fantasmas, então, por favor, não o perturbe.”

Mas ainda assim ela ficou um pouco longe. Eu lhe disse, “Vem...” Foi isso o que eu estive fazendo desde então, dizendo às pessoas, “Vem, chegue um pouco mais perto. Não se preocupe, não tenha medo.”

De algum modo ela veio e viu que tudo aquilo era invenção. Ela então perguntou, “Mas como isso ocorre? – porque vi milhares de pessoas, não apenas uma... Elas vêm de lugares distantes e seus fantasmas desaparecem. Quando elas chegam estão loucas; quando partem, depois de cravarem o prego na pobre árvore, elas estão perfeitamente sãs. Como isso funciona?”

Eu disse, “Nesse momento não sei como funciona, mas vou descobrir. Estou no caminho para descobrir. Não posso deixar os fantasmas sozinhos.”

Aquela árvore ficava entre a minha casa e o resto da vizinhança, dando para uma pequena rua. Durante a noite, é claro, ninguém passava por aquela rua. Era muito bom para mim; não havia nenhum incômodo à noite. Na verdade, um pouco antes do pôr do sol as pessoas começavam a correr de volta para suas casas antes de ficar escuro. Quem sabe, com tantos fantasmas...

O pobre tutor vivia a apenas algumas casas atrás da casa da minha Nani. Ele tinha que passar por aquela rua; não havia outro caminho. Preparei tudo aquela noite. Era difícil porque durante o dia todo mundo passava pela rua, e na

luz do dia era difícil persuadir os fantasmas a fazerem algo, mas à noite eu poderia providenciar.

Enviei um garoto para a casa do tutor. O garoto teve que ir porque na minha vizinhança qualquer garoto que não estivesse pronto para seguir meu conselho, ou qualquer outra coisa, estaria em constante apuro, vinte e quatro horas por dia, entra dia, sai dia. Então qualquer coisa que eu dizia eles faziam, sabendo perfeitamente bem que aquilo era perigoso – porque eles também acreditavam nos fantasmas.

Eu lhe disse, “Você vai até a casa do tutor e diz a ele que o pai dele” – que vivia na outra rua – “está gravemente doente, e talvez não sobreviva. E fale isso com muita seriedade.”

Naturalmente, quando o seu pai está morrendo, quem pensa em fantasmas? O tutor imediatamente saiu correndo. E eu tinha feito todos os arranjos: Eu estava sentado na árvore. Era a minha árvore, ninguém poderia objetar. O tutor passou com sua lamparina de querosene – é claro que ele deve ter pensado em levar uma lamparina de querosene para os fantasmas não chegarem muito perto, ou, se chegassem, ele os veria e escaparia a tempo.

Eu simplesmente pulei da árvore na cabeça do tutor! O que aconteceu em seguida foi simplesmente maravilhoso, maravilhoso! Algo que nunca esperei... *(rindo alto)* A sua calça caiu! Ele correu sem calça! Ainda posso vê-lo... *(rugindo com a risada)*

Sessão 50

É bom que eu não possa ver... mas sei o que está acontecendo. Mas o que vocês podem fazer? – vocês têm que seguir à sua única tecnologia, e com um homem como eu, naturalmente vocês estão em grande dificuldade. Estou atado e não posso os ajudar.

Ashu, você pode fazer algo? Apenas um pouco de risada da sua parte o manterá quieto. É uma coisa muito estranha: paramos de rir quando outra pessoa começa. A razão é clara, não para os outros, mas para mim. A pessoa que estava rindo imediatamente pensa que ela está fazendo algo errado e, obviamente, fica séria.

Então, quando você ver que o Devageet está saindo um pouco da estrada, ria, derrote-o. É uma questão de libertação feminina. E se você der um bom riso ele começará imediatamente a tomar suas notas. Você ainda nem começou e ele voltou a si.

Ontem eu estava falando para vocês que pulei da árvore naquela noite, não para machucar o pobre professor, mas para ele saber que tipo de estudante ele tinha. Mas aquilo foi muito longe. Até mesmo eu fiquei surpreso quando o vi tão assustado. Ele era puro medo. O homem desapareceu.

Por um momento até pensei em pôr um fim naquilo, dizendo, “Ele é um homem velho; talvez possa morrer ou passar mal, talvez ficar louco, ou nunca mais retornar à sua casa,” porque ele não poderia alcançar a sua casa sem, novamente, passar por aquela árvore – não havia outro caminho. Mas era muito tarde. Ele saiu correndo deixando a sua calça para trás.

Eu a guardei e fui até a minha avó, dizendo, “Essa é a calça, e você pensou que ele iria ensinar-me? Com esta calça?”

Ela disse, “O que aconteceu?”

Eu disse, “Tudo aconteceu. O homem correu pelado, e não sei como ele voltará para sua casa. E estou com pressa – contar-te-ei toda a história depois. Fique com a calça. Se ele vier aqui, dê a calça para ele.”

Mas, estranho, ele nunca mais voltou para nossa casa para recuperar a sua calça, que permaneceu ali. Eu até a preguei na árvore neem pois se ele quisesse pegá-la não haveria necessidade de me pedir. Mas pegar a sua calça da árvore neem significava liberar o fantasma que ele achava que tinha pulado nele.

Milhares de pessoas devem ter visto aquela calça conforme passavam pela árvore neem. As pessoas vinham ali como um tipo de psicanálise, um efetivo – como você o chama, Devaraj? Plassbo?

“Placebo, Osho.”

Plassba?

“Plas-see-bo.”

Ok, mas vou continuar a chamá-lo “plassbo.” Vocês podem corrigi-lo em seu livro. “Plasseebo” está certo, mas toda a minha vida chamei-o “plassbo,” e é melhor agarrar-se ao que é seu, seja isso certo ou errado. Pelo menos é seu. Devaraj deve estar certo, e eu devo estar errado sobre isso, mas estou certo em ainda chamá-lo “plassbo” – não pelo nome, mas para dar a isso o sabor de como me comortei.

Certo e errado nunca foram considerados por mim. O que eu gosto é certo – e não digo que aquilo é certo para todo mundo. Não sou um fanático; sou apenas um louco. No máximo... não posso reivindicar mais do que isso.

O que eu estava falando?

“Você estava falando sobre as pessoas irem até a árvore como um tipo de placebo para a psicanálise, Osho.”

O casamento é um placebo. Ele funciona, essa é a coisa estranha. Sendo verdade ou não, não importa. Sou sempre pelo resultado; os meios são imateriais. Sou um pragmatista.

Eu disse para a minha avó, “Não se preocupe. Vou pendurar essa calça na árvore neem, e você pode ter certeza dos seus efeitos.”

Ela disse, “Conheço você e suas ideias estranhas. Agora toda a cidade saberá de quem é essa calça. Mesmo se o homem vier pela sua calça ele nunca poderá voltar aqui novamente.” Aquela calça era famosa porque ele a usava em ocasiões especiais.

Mas o que aconteceu com o homem? Eu até procurei em todos os lugares da cidade, mas naturalmente ele não foi encontrado na cidade porque ele estava nu. Então pensei, “Melhor esperar. Talvez tarde da noite ele chegue. Ele pode ter ido ao outro lado do rio.” Aquele seria o lugar mais próximo onde uma pessoa não seria vista por ninguém.

Mas o homem nunca retornou. Foi assim que meu tutor desapareceu. Ainda me pergunto o que aconteceu com ele sem sua calça. Não estou muito interessado nele, mas como ele conseguiu sem sua calça? E para onde ele foi? Naturalmente certas ideias vêm até mim. Talvez ele morreu de ataque cardíaco – mas ainda assim o corpo, sem a calça, seria encontrado. E mesmo se estivesse morto, qualquer pessoa que o visse riria. Porque a sua calça era tão famosa, ele era até chamado de “Senhor Calça.”

Eu nem me lembro o seu nome. E ele tinha tantos pares de calças – uma estória da cidade dizia que ele tinha trezentas e sessenta e cinco calças, uma para cada dia do ano. Não acho que seja verdade, apenas fofoca. Mas o que aconteceu com ele?

Perguntei para a sua família; eles me disseram, “Estamos esperando, mas ele não foi mais visto desde aquela noite.”

Eu disse, “Estranho...” Para a minha Nani eu disse, “Certamente o seu desaparecimento às vezes faz até eu suspeitar que talvez os fantasmas existam... Porque eu estava apenas apresentando-o aos fantasmas. E é bom que a sua calça fique pendurada na árvore.”

Meu pai ficou tão bravo que eu podia fazer uma coisa tão maldosa. Eu nunca tinha visto ele tão bravo.

Eu disse, “Mas eu não havia planejado dessa forma. Nem pensei que o homem simplesmente evaporaria. É demais até mesmo para mim. Eu só fiz uma coisa simples. Sentei-me na árvore com um tambor, bati no tambor para que ele notasse o que estava acontecendo e esquecesse de tudo no mundo – e então pulei no chão.”

E era a minha prática usual. Fiz muitas pessoas correrem. De fato a minha avó costumava dizer, “Talvez essa rua seja a única rua da cidade onde ninguém anda à noite, exceto você.”

Outro dia alguém estava me mostrando alguns adesivos de carro. Um deles era belo; ele dizia, “Acredite-me, esta estrada realmente pertence a mim.” Enquanto eu lia aquele adesivo lembrei-me da rua que passava perto da minha casa. Pelo menos durante a noite eu era o seu dono. Durante o dia ela era uma rua do governo, mas à noite ela era absolutamente minha. Até hoje não imagino que uma rua possa ser tão silenciosa quanto aquela rua costumava ser à noite.

Mas meu pai ficou tão bravo que disse, “Não importa o que aconteça, vou cortar essa árvore neem, e vou terminar com todo esse seu negócio.”

Eu disse, “Que negócio?” Eu estava com medo em relação aos pregos, porque aquela era a minha única renda. Ele não sabia daquilo pois disse, “Esse negócio maldoso que você está fazendo, fazendo as pessoas terem medo... E agora a família desse homem me persegue. Todo dia alguém vem e me pede para fazer alguma coisa. O que posso fazer?”

Eu disse, “Posso pelo menos te dar a calça; isso foi tudo o que restou. E, em relação à árvore, afirmo-lhe que ninguém estará disposto a cortá-la.”

Ele disse, “Você não tem que se preocupar com isso.”

Eu disse, “Não estou preocupado. Só quero que você tenha ciência para que você não desperdice o seu tempo.”

E depois de três dias ele me chamou para dizer, “Realmente você tinha razão. Você me disse que ninguém cortaria a árvore. É estranho: perguntei para todas as pessoas que seriam capazes de derrubar a árvore – não existem muitas pessoas nessa cidade, lenhadores – mas ninguém estava disposto a fazê-lo. Todos disseram, ‘Não. E os fantasmas?’”

Eu lhe disse, “Eu já havia lhe dito, não sei de ninguém nessa cidade que até mesmo tocaria na árvore, a menos que eu decida derrubá-la eu mesmo. Mas se você quiser posso arranjar alguém, mas você terá que depender de mim.”

Ele disse, “Não posso depender de você porque ninguém sabe o que você está planejando. Você pode me dizer que vai derrubar a árvore mas você pode fazer outra coisa. Não, não posso te pedir para fazer.”

Aquela árvore permaneceu, não havia ninguém disposto a cortá-la. Eu costumava atormentar o meu pobre pai dizendo, “Dada, e a árvore? Ela ainda está de pé – vi-a hoje de manhã. Você ainda não encontrou um lenhador?”

E ele olhava em volta para ver se alguém estava escutando, então me dizia, “Você não pode me deixar sozinho?”

Eu disse, “Raramente o visito. Venho só de vez em quando para perguntar sobre a árvore. Você diz que não pode encontrar uma pessoa para derrubá-la. Sei que você está perguntando para as pessoas, e sei que elas estão recusando. Também as questioneei.”

Ele disse, “Por quê?”

Eu disse, “Não, não para cortar a árvore, apenas para conscientizá-las sobre o que a árvore contém – os fantasmas. Não acho que ninguém concordará em derrubá-la a menos que você peça para eu fazê-lo.” E é claro que ele estava relutante com isso. Então eu disse, “Ok, a árvore permanecerá.”

E aquela árvore permaneceu enquanto estive na cidade. Foi só depois que parti que meu pai conseguiu que um islâmico de outra vila cortasse a árvore. Mas uma coisa estranha aconteceu: a árvore foi derrubada – mas ela podia crescer novamente, então, para removê-la completamente ele fez um poço no lugar. Mas ele sofreu desnecessariamente porque a árvore e suas raízes estavam tão profundas que tornaram a água a mais amarga que vocês podem imaginar. Ninguém podia tomar a água daquele poço.

Quando finalmente vim para casa eu disse a meu pai, “Você nunca me ouve. Você destruiu uma bela árvore e criou esse buraco feio, e agora qual é o seu uso? Você gastou dinheiro fazendo um poço e nem você pode beber a água.”

Ele disse, “Talvez de vez em quando você está certo. Tenho consciência disso, mas nada pode ser feito agora.”

Ele teve que cobrir aquele poço com rochas. O poço ainda está lá, coberto. Se vocês removerem algumas poucas rochas, apenas algumas lajotas, vocês encontrarão o poço. A água estará realmente amarga.

Por que eu quis contar essa história? – porque o tutor, no primeiro dia, tentou me impressionar, que ele era um homem de grande coragem, destemido, dizendo que não acreditava em fantasmas.

Eu disse, “Sério? Você não acredita em fantasmas?”

Ele disse, “É claro que não acredito.” Eu podia ver que ele já estava com medo enquanto dizia aquilo.

Eu disse, “Acredite ou não, mas hoje vou te apresentá-los” Nunca pensei que a introdução faria o homem simplesmente desaparecer. O que aconteceu com

ele? Sempre que eu ia para a cidade eu visitava sua casa para perguntar, “Ele já voltou para a casa?”

Eles sempre disseram, “Por que você está tão interessado? Esquecemos toda a ideia da volta dele.”

Eu disse, “Não posso esquecer porque o que vi foi tão belo, e eu estava apenas apresentando-o para alguém.”

Eles disseram, “Para quem?”

Eu disse, “Uma pessoa – e nem pude terminar a introdução. E,” contei a seu filho, “o que o seu pai fez não foi refinado: ele apenas correu para fora da sua calça.”

A esposa, que estava cozinhando alguma coisa, riu e disse, “Eu sempre disse para ele segurar firme a sua calça, mas ele não ouvia. Agora a sua calça se foi e ele também.”

Eu disse, “Por que você dizia para ele segurar firme a sua calça?”

Ela disse, “Você não entende. É simples. Todas as suas calças foram feitas quando ele era jovem, e elas estavam todas largas porque ele havia perdido peso. Então eu sempre tive medo que um dia ou outro ele criaria uma situação embaraçosa onde a sua calça simplesmente cairia.”

Então me lembrei que ele sempre mantinha as suas mãos nos bolsos da calça. Mas, naturalmente, quando você encontra com fantasmas você não pode se lembrar de manter as suas mãos em seus bolsos e segurar firme a sua calça. Quem liga para a calça quando há tantos fantasmas pulando sobre si!

Ele fez mais uma coisa antes de partir... Não sei para onde ele foi; nesse mundo existem muitas coisas que são irrespondíveis, e isso pode ser contado entre elas. Não sei porquê, mas antes de partir ele saiu com sua lamparina de querosene. Esta é outra questão sobre aquele tutor que permaneceu não respondida.

Ele foi um grande homem de certa forma. Sempre me perguntei por que ele colocava a lamparina para fora; então, um dia cruzei com uma anedota e isso foi resolvido. Não quero dizer que o homem retornou, mas a segunda questão foi respondida.

O seu menino pequeno não ia ao banheiro sem que sua mãe ficasse na porta, e, se era de noite, então, naturalmente, ela mantinha a lamparina ali. Eu estava visitando a casa e ouvi a mãe dizer ao filho, “Você mesmo não pode pegar a lamparina?”

Ele disse, “Ok, pegarei a lamparina porque tenho que ir. Não posso mais esperar.”

Eu disse, “Por que usar a lamparina de dia? Ouvi a história de Diógenes; ele é outro Diógenes? Por que a lamparina?”

A mãe riu e disse, “Pergunte a ele.”

Eu disse, “Por que você quer a lamparina durante o dia, Raju?”

Ele disse, “Dia ou noite, não importa; os fantasmas estão em todos os lugares. Quando você tem uma lamparina é possível evitar o conflito com eles.”

Naquele dia entendi porque o tutor colocou a lamparina para fora antes de fugir. Talvez ele pensou que se mantivesse a lamparina acesa, o fantasma o encontraria. Mas se ele colocasse a lamparina para fora – e isso é apenas a minha lógica – se ele colocasse a lamparina para fora, pelo menos os fantasmas não o veriam e ele poderia se esquivar e escapar.

Mas ele fez um grande trabalho. Para dizer a verdade para vocês, parece que ele sempre quis escapar da sua esposa, e essa oportunidade foi a sua última. Ele a utilizou ao máximo. Este homem não chegaria à essa conclusão se não tivesse começado com sua coragem, dizendo, “Não tenho medo de fantasmas.”

“Mas,” eu disse, “Não estou lhe perguntando.” E a sua calça estava tremendo quando ele disse a palavra ‘fantasma’.

Eu disse, “Senhor, sua calça é muito estranha. Nunca vi nada tremer como isso. Ela parece tão viva.”

Ele olhou para baixo, para sua calça – ainda posso vê-lo – e as pernas estavam completamente frenéticas.

Com efeito, os dias da minha escola primária terminaram. É claro que milhares de coisas aconteceram que não podem ser contadas... não que elas sejam sem valor – mas apenas porque não há tempo. Então apenas alguns poucos exemplos servirão.

A escola primária foi apenas o início do ensino médio. Entrei no ensino médio, e a primeira coisa que lembro – vocês me conhecem, vejo coisas estranhas...

A minha secretária coleciona todos os tipos de adesivos de carro. Um dizia: “Cuidado – breco para as alucinações.” Gostei. Realmente excelente!

A primeira coisa que me lembro é desse homem que – feliz ou infelizmente, porque é difícil saber – não era são de maneira alguma. Ele também não era insano como eu; ele era genuinamente insano. Na vila ele era conhecido como Mestre Khakki. O significado de *khakki* é algo muito próximo de doido, louco. Ele foi meu primeiro professor no ensino médio. Talvez porque ele era genuinamente insano nós imediatamente nos tornamos amigos.

Eu raramente era amigável em relação aos professores. Há algumas tribos como os políticos, jornalistas e professores que simplesmente não posso gostar, embora eu quisesse gostar deles também. Jesus disse, “Ame os seus inimigos.” Ok, mas ele nunca foi a nenhuma escola, então ele não conhece os professores, isso é certo; caso contrário ele teria dito, “Ame os seus inimigos, exceto os professores.”

É claro que não havia nem jornalistas, nem políticos, nenhuma pessoa cujo todo o trabalho é, de alguma forma, sugar o seu sangue. Jesus estava falando sobre inimigos – mas, e os amigos? Ele não diz nada sobre amar os seus amigos. Porque não acho que um inimigo pode lhe prejudicar muito; o dano real é feito pelo amigo.

Simplesmente odeio jornalistas, e quando odeio não quero dizer qualquer outra coisa; nenhuma interpretação, simplesmente odeio! Odeio professores! Não quero professores no mundo... professores no sentido antigo. Talvez um tipo diferente de amigo mais velho terá que ser encontrado.

Mas esse homem que era conhecido como louco imediatamente tornou-se meu amigo. O seu nome completo era Rajaram, mas ele era conhecido como Raju-Khakki, “Raju, o louco.” Eu esperava que ele seria do jeito que era conhecido por ser.

Quando vi o homem – vocês não acreditarão, mas naquele dia pela primeira vez entendi que não é bom ser realmente são em um mundo insano. Olhando para ele, apenas por um momento, era como se o tempo tivesse parado. Quanto tempo durou é difícil dizer, mas ele teve que escrever meu nome e endereço e registrar as coisas, então fez essas questões.

Eu disse, “Não podemos ficar em silêncio?”

Ele disse, “Eu amaria ficar em silêncio com você, mas vamos terminar esse trabalho sujo primeiro, então podemos nos sentar silenciosamente.”

A forma que ele disse, “Vamos terminar esse trabalho sujo primeiro...” foi suficiente para me mostrar que ali estava um homem que pelo menos sabia o que é sujo: a burocracia, o infinito protocolo. Ele terminou rapidamente, fechou o registro e disse, “Ok, agora podemos nos sentar silenciosamente. Posso segurar sua mão?”

Eu não estava esperando aquilo de um professor, então eu disse, “Ou o que as pessoas dizem está certo – que você é louco – ou, talvez, o que estou sentindo está certo: que você é o único professor são de toda a cidade.”

Ele disse, “É melhor ser louco; isso lhe salva de muitos problemas.”

Nós rimos e nos tornamos amigos. Por trinta anos continuamente, até ele morrer, eu costumava visitá-lo, apenas para sentarmo-nos. A sua esposa costumava dizer, “Pensei que meu marido era o único louco na cidade. Isso não é verdade; você é louco também. Pergunto-me,” ela disse, “porque você vem visitar esse louco?” E ele era louco de todas as maneiras.

Por exemplo, vocês o veriam indo para a escola de cavalo. Isso não era uma coisa ruim naquele lugar, mas sentado ao contrário...! Eu amava aquilo nele. Sentar-se em um cavalo, não como todo mundo se senta, mas olhando para trás, é uma experiência estranha.

Foi só depois que lhe contei a história de Mulla Nasruddin, de como ele costumava andar em seu burro também virado ao contrário. Quando os seus

estudantes costumavam ir à cidade, naturalmente eles se sentiam envergonhados, para dizer o mínimo. Finalmente um dos estudantes perguntou, “Mulla, todo mundo se senta em um burro, não há nada de errado nisso. Você se senta em um burro, mas ao contrário...! O burro está indo em uma direção, e você está olhando na direção oposta, então as pessoas riem e dizem, ‘Vejam aquele louco do Mulla!’ – e nós nos sentimos envergonhados porque somos seus estudantes.”

Mulla disse, “Vou explicar para vocês. Não posso me sentar de costas para vocês, isso seria um insulto. Não posso insultar os meus próprios estudantes, então isso está fora de questão. Outras formas podem ser encontradas. Talvez vocês poderiam andar de costas na frente dos seus burros, mas isso seria muito difícil, e vocês se sentiriam ainda mais envergonhados. É claro que vocês estariam olhando para mim e não haveria desrespeito. Mas seria muito difícil para vocês andarem de costas, e vamos viajar bastante. Então, a única solução natural e também a mais fácil é que eu me sente olhando para trás no burro. O burro não faz objeção em não os ver. Ele pode ver onde estamos indo e alcançar o destino. Não quero ser desrespeitoso para com vocês, então a melhor maneira para mim é sentar-me ao contrário no burro.”

É estranho, mas Lao Tsé também costumava sentar-se ao contrário em seu búfalo, talvez pela mesma razão. Mas nada é conhecido em relação à sua resposta. Os chineses não respondem a essas questões, e eles também não as fazem. Eles são pessoas muito respeitadas, sempre se curvando umas para as outras.

Eu estava determinado a fazer tudo o que não era permitido. Por exemplo, quando estava no colégio eu usava uma túnica sem botões e calça de pijama. Um dos meus professores, Indrabahadur Khare... lembro-me do seu nome embora ele tenha morrido há muito tempo, mas por causa dessa história que estou prestes a contar-lhes não posso o esquecer.

Ele era o responsável por todas as celebrações do colégio. É claro que ele decidiu, por causa de todos os prêmios que eu estava trazendo para o colégio, que a minha foto deveria ser tirada com todas as medalhas, brasões e taças, então fomos ao estúdio. Mas um grande problema surgiu ali quando ele disse, “Abotoe os seus botões.”

Eu disse, “Isso não é possível.”

Ele disse, “O quê? Você não pode fechar os seus botões?”

Eu disse, “Olhe, você pode ver, os botões são falsos. Não tenho qualquer buraco para os botões; eles não podem ser fechados. Não gosto de fechar botões, então instruí o meu alfaiate a não fazer nenhum buraco para botões em minhas roupas. Os botões estão aqui, você pode vê-los, então a foto mostrará os botões.”

Ele ficou muito bravo porque ele era muito – como dizê-lo, preocupado? – preocupado com roupas e essas coisas, então ele disse, “Então a foto não poderá ser tirada.”

Eu disse, “Ok, então vou embora.”

Ele disse, “Eu não quis dizer aquilo” – porque ele estava com medo que eu causaria problema e, talvez, fosse até o diretor. Ele sabia perfeitamente bem que não havia nenhuma lei dizendo que os seus botões devem estar fechados quando está sendo fotografado.

Eu o lembrei dizendo, “Tenha certeza que amanhã você estará em apuros. Não há nenhuma lei contra isso. Leia à noite toda, procure, faça a lição de casa, e amanhã me encare na sala do diretor. Prove para mim que uma fotografia não pode ser tirada sem os botões fechados.”

Ele disse, “Você certamente é um estudante estranho. Sei que não serei capaz de provar, então por favor tire a foto. Vou sair, mas a sua fotografia tem que ser tirada.”

Aquela fotografia ainda existe. Um dos meus irmãos, meu quarto irmão, Niklanka, tem colecionado tudo o que diz respeito a mim desde a sua infância. Todo mundo ria dele. Até mesmo eu lhe perguntei, “Niklanka, por que você se preocupa em colecionar tudo sobre mim?”

Ele disse, “Não sei, mas de alguma forma há esse sentimento profundo em mim que algum dia essas coisas serão necessárias.”

Eu disse, “Então vá em frente. Se você gosta disso, vá em frente, faça.” E é por causa de Niklanka que algumas poucas fotos da minha infância foram salvas. Ele coletou coisas que agora têm significância.

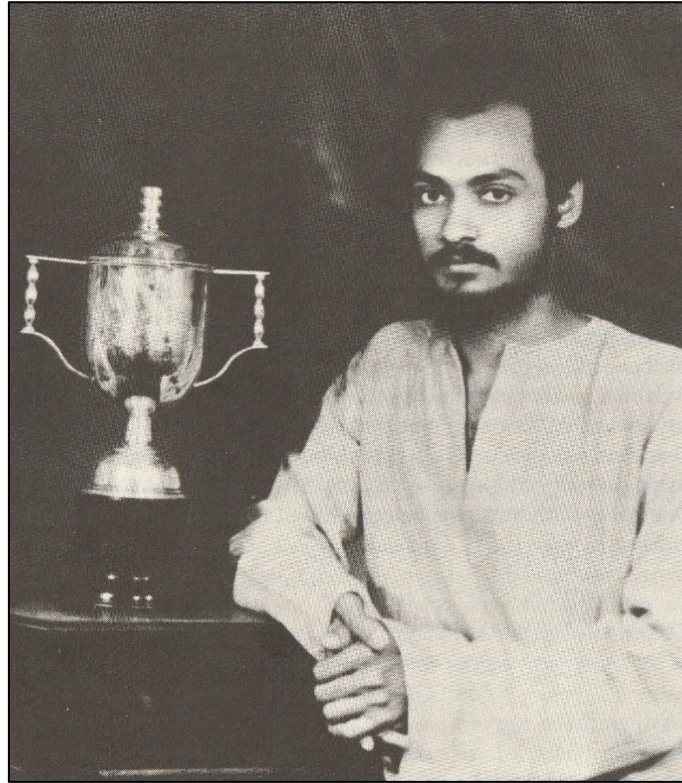
Ele sempre colecionou coisas. Mesmo se eu jogar algo fora em uma lixeira, ele vai procurar para ver se joguei algo que escrevi fora. Qualquer coisa que seja, ele coleta por causa da minha escrita. Toda a cidade o achava louco. As pessoas até me diziam, “Você é louco, e ele parece ser ainda mais louco!”

Mas ele me amou como ninguém na minha família me amava – embora todos me amassem, mas ninguém como ele. Ele pode ter a fotografia porque ele estava sempre coletando. Lembro-me de tê-la visto em sua coleção – com os botões abertos. E ainda posso ver a irritação na face de Indrabahadur. Ele era um homem muito particular em relação a tudo, mas eu também era um homem único.

Eu lhe disse, “Esqueça a fotografia. Será a minha foto ou a sua? Você pode tirar a sua foto com os seus botões fechados, mas nunca fecho os botões, como você viu. Se eu os fechar será falso. Tire a minha foto ou esqueça totalmente dela!”

Foi bom, belo... mas seja vertical. Comigo o horizontal não é aplicável. Bom. Quando as coisas estão indo tão bem é melhor parar. E Devageet, é belo, mas suficiente. Devaraj, ajude-o. Ashu, faça o seu melhor. Eu amaria continuar, mas o tempo acabou. É preciso retirar-se em algum lugar.

Pare.



OSHO COM A TÚNICA SEM BOTÕES

Apêndice

Vocês podem perguntar à minha mãe – porque por acaso ela está aqui... Depois do meu nascimento, por três dias não tomei nada de leite, e todos estavam apreensivos, preocupados. Os doutores estavam preocupados, porque como essa criança sobreviverá se ela simplesmente recusar-se a tomar leite? Mas eles não sabiam da minha dificuldade, da dificuldade que eles estavam criando para mim. Eles estavam tentando forçar-me de todas as formas. E não havia como eu explicar para eles, ou que eles pudessem descobrir por si mesmos.

Na minha vida passada, antes de morrer, eu estava jejuando. Eu quis completar um jejum de vinte e um dias, mas fui assassinado antes do meu jejum completar-se, três dias antes. Esses três dias permaneceram na minha consciência até mesmo nesse nascimento; eu tinha que completar o meu jejum. Sou realmente teimoso! Caso contrário, as pessoas não carregam coisas de uma vida para a outra; uma vez que um capítulo está fechado, ele está fechado.

Mas por três dias eles não conseguiram colocar nada na minha boca; eu simplesmente rejeitava. Mas depois de três dias eu estava perfeitamente bem e todos ficaram surpresos: “Por que ele recusou por três dias? Não havia doença, nenhum problema – e depois de três dias ele está perfeitamente normal.” Permaneceu um mistério para eles.

Não fiz nada, simplesmente continuei o que eu estava fazendo na minha vida passada. E foi por isso que na minha infância pensavam que eu era louco, excêntrico – porque eu não dava nenhuma explicação do porquê eu queria fazer alguma coisa. Eu simplesmente dizia, “Quero fazê-lo. Existem razões para mim, do porquê estou fazendo-o, mas não posso lhe dar essas razões por que vocês não as podem entender.”

Meu pai dizia, “Não posso entender e você pode?”

Eu disse, “Sim, é algo que pertence à minha experiência interior. Não tem nada a ver com a sua idade, o fato de você ser meu pai. Você, é claro, pode entender muito mais do que posso entender, mas isso é algo que está dentro de mim – apenas eu posso aproximar-me disso, você não pode.”

E ele simplesmente dizia, “Você é impossível.”

Eu disse, “Se todo mundo aceitar isso será um grande alívio. Apenas aceitem-me como impossível, então não sou mais um problema para vocês e não terei que explicar todos os tipos de coisas. Farei qualquer coisa que eu tiver que fazer. Não há como alterar isso. Para mim é absoluto. Não é uma questão de você me dar permissão ou não.”

Então essa era a minha prática usual: qualquer coisa que eu quisesse fazer eu faria.

Não posso esquecer um dia... Existem várias coisas que não têm sentido lógico e não têm relevância, mas que, de alguma maneira, ficam pairando na sua memória. Vocês não podem entender por que razão elas estão lá porque aconteceram milhões de coisas que foram muito mais importantes, muito mais significantes, e que desapareceram. Mas algumas coisas insignificantes – vocês não podem encontrar um porquê, mas elas permaneceram; elas deixaram um traço para trás.

Lembro-me de algo assim. Eu estava voltando para casa da escola – a minha escola ficava a quase uma milha de casa. No meio do caminho havia uma árvore *bo* gigantesca. Eu passava por aquela árvore *bo* todos os dias pelo menos quatro vezes: indo para a escola; no meio do dia, voltando para a casa para o almoço; indo para a escola novamente; voltando para casa. Passei muitas milhares de vezes por aquela árvore, mas naquele dia algo aconteceu.

Era um dia quente e quando cheguei perto da árvore eu estava transpirando. Passei debaixo da árvore; estava tão fresco lá que sem ter nenhum pensamento deliberado eu parei por um tempo, sem saber porque. Eu simplesmente cheguei perto do tronco da árvore, sentei-me ali e senti o tronco da árvore. Não posso explicar o que aconteceu mas senti-me imensamente feliz, como se algo estivesse ocorrendo entre eu e a árvore. Apenas o frescor não poderia ser a causa, porque passei muitas vezes pelo frescor da árvore quando estava transpirando. Eu também já havia parado ali, mas nunca antes havia tocado a árvore e me sentado ali como se houvesse encontrado um velho amigo.

Aquele momento permaneceu brilhando como uma estrela. Muito aconteceu na minha vida, mas não vejo aquele momento diminuindo de forma alguma: ele ainda está lá. Sempre que olho para trás ele ainda está lá. Nem naquele dia eu estava claramente consciente do que havia acontecido, nem posso dizer hoje – mas algo *aconteceu*. E desde aquele dia houve uma certa relação com a árvore que eu não havia sentido antes, nem mesmo com nenhum ser humano. Tornei-me mais íntimo com aquela árvore do que qualquer outra pessoa em todo o mundo. Tornou-se uma rotina para mim: sempre que eu passava pela árvore, eu me sentava por alguns segundos ou alguns minutos e apenas sentia a árvore. Ainda posso ver – algo continuava a crescer entre nós.

No dia em que deixei a escola e mudei-me para outra cidade para ingressar na universidade, despedi-me do meu pai, da minha mãe, dos meus tios e de toda a minha família. Eu não era do tipo que chorava fácil. Até mesmo quando era severamente punido, o sangue gotejava das minhas mãos, mas as lágrimas não vinham aos meus olhos.

O meu pai costumava dizer, “Você tem lágrimas em seus olhos ou não?”

Eu disse, “Você pode fazer com que as minhas mãos sangrem, mas não pode me forçar a chorar. E por que eu deveria? – porque qualquer coisa que você fizer está absolutamente certo. Fiz algo sabendo perfeitamente bem que essa seria a consequência. Nunca minto, então não há outro caminho de fugir da punição. Para que as lágrimas?”

Mas quando fui até a árvore para dizer adeus comecei a chorar. Lembrome que essa foi a única vez que chorei em toda a minha vida; caso contrário as lágrimas seriam absolutamente desconhecidas a mim. Na minha infância, uma das minhas irmãs, que eu amava mais do que qualquer outro dos meus irmãos e irmãs, morreu. E na Índia as pessoas têm dúzias de irmãos e irmãs. Eu costumava provocar o meu pai, “Como você não conseguiu fazer uma dúzia?” – porque você tem apenas onze filhos. Você deveria ser um pouco matemático, apenas mais um filho.”

E ele disse, “Você é meu filho mas tenta até fazer piada de mim.”

Eu disse, “Não estou fazendo piada; estou simplesmente dizendo que é tão fácil dizer a alguém ‘uma dúzia’ – e é exatamente isso que estive fazendo. Se alguém me pergunta quantos filhos você tem, digo, ‘Uma dúzia.’ É mais simples. Você o tornou desnecessariamente complicado: onze! Ou você deveria ter parado em dez – isso parece estar completo – ou doze; isso também é completo. Mas onze? – Que tipo de número é esse?”

Desses dez irmãos e irmãs a que mais amei morreu quando eu era muito jovem. Eu devia ter cinco anos e ela três. Mas mesmo nessa situação eu não chorei. Fiquei surpreso e chocado. Todo mundo estava chorando e todos pensavam que eu estava em choque porque eu a amava mais que tudo. Toda a minha família sabia disso, que eu a amava mais que tudo, e ela me amava mais que tudo. Eles pensavam que talvez fosse apenas por causa do choque que as lágrimas não vinham, mas não era esse o caso.

Quando o meu avô materno morreu eu não chorei – e foi ele que me criou. No meu aniversário ele costumava trazer um elefante da cidade mais próxima... Os elefantes na Índia, naqueles dias, eram mantidos ou pelos reis – porque é muito custosa a manutenção, os alimentos e o serviço que o elefante requer – ou pelos santos.

Dois tipos de pessoas costumavam tê-los. Os santos podiam ter elefantes porque tinham muitos seguidores; assim como os seguidores cuidavam do santo, eles cuidavam do elefante. Perto dali havia um santo que tinha um elefante, então o meu avô materno costumava trazê-lo para o meu aniversário. Ele me colocava no elefante com duas bolsas, uma de cada lado, cheias de moedas de prata.

Na minha infância na Índia, as notas ainda não haviam aparecido; a prata pura ainda era usada para a rúpia. O meu avô enchia duas bolsas grandes com moedas de prata, uma de cada lado, e eu circulava pela vila jogando as moedas. Era assim que costumávamos celebrar o meu aniversário. Uma vez que eu começava, ele viria com seu carro de boi atrás com mais rúpias, e continuava me dizendo, “Não seja miserável – guardei o suficiente. Você não pode jogar mais do que tenho. Continue jogando!”

Naturalmente, toda a vila seguia o elefante. Não era uma vila grande também, não mais que duzentas ou trezentas pessoas, então eu a circulava, a única rua da vila. Ele fazia arranjos de todo tipo para me dar a ideia de que eu pertencia a alguma família real.

Ele me amava tanto que era impossível para mim ficar doente. Ora, ninguém tem poder sobre a doença, mas é possível não falar nada sobre ela. Ele entraria em pânico até mesmo se eu tivesse uma leve dor de cabeça. Ele poderia entrar em um pânico tal que pegaria o seu cavalo, cavalgaria para o médico mais próximo e trazia-o consigo. Aquilo dava tanto problema, mais que a dor de cabeça, então eu simplesmente permanecia em silêncio, sem dizer nada sobre ela. Até mesmo quando ele morreu no meu colo não houveram lágrimas. Até suspeitei que talvez eu não tivesse glândulas lacrimais.

Mas naquele dia, despedindo-me da árvore *bo*, chorei pela primeira e última vez. Ela permanece como um local muito iluminado. E quando eu estava chorando eu tinha certeza absoluta que haviam lágrimas nos olhos da árvore *bo*, embora eu não os pudesse ver, e não pudesse ver as suas lágrimas. Mas eu podia sentir – quando toquei a árvore pude sentir a tristeza e pude sentir uma bênção, um adeus. E foi certamente o meu último encontro, pois quando voltei depois de um ano, por alguma razão estúpida a árvore havia sido cortada e removida.

A razão estúpida era que eles estavam fazendo um pequeno pilar memorial, e aquele era o local mais belo, no meio da cidade. Era para um idiota rico o bastante para ganhar todas as eleições e tornar-se presidente do comitê municipal. Ele foi presidente por pelo menos trinta e cinco anos – o tempo mais longo que alguém fora presidente na cidade. Todos estavam felizes com sua presidência porque ele era um idiota; vocês poderiam fazer qualquer coisa e ele não criaria nenhuma interferência.

Vocês poderiam fazer a sua casa no meio da rua; ele não incomodaria, vocês só teriam que votar nele. Então toda a cidade estava feliz com ele porque todos tinham muita liberdade. O comitê municipal, os membros, os funcionários e os chefes dos funcionários – todos estavam felizes com ele. Todo mundo queria que ele permanecesse eternamente como presidente; mas mesmo os idiotas têm que morrer, felizmente. Mas sua morte foi lamentável porque eles procuraram um local para fazer um memorial para ele, e eles destruíram a árvore *bo*. Agora a sua pedra de mármore está lá, ao invés de uma árvore *bo* viva.

Não esqueço das coisas, mas existem tantas coisas a serem ditas; e a linguagem é unidimensional. Ela é linear – vocês podem seguir apenas em uma linha – e a experiência é multidimensional, ela se move em milhares de linhas. O problema com os supostos oradores é o que dizer. O meu problema é o que *não* dizer, porque existe muito esperando para ser dito, batendo por todos os lados e pedindo, “Deixe-me entrar.” Então me afasto... mas não fiquem com vergonha de relembrar-me.

Um astrólogo prometeu trabalhar no meu mapa astral. Ele morreu antes de fazê-lo, então o seu filho teve que preparar o mapa. Mas o filho também estava muito

confuso. Ele disse, “É quase certo que essa criança morrerá com a idade de vinte e um anos. A cada sete anos ela terá que encarar a morte.”

Então os meus pais, a minha família, estava sempre preocupada com a minha morte. Sempre que eu iniciava um novo ciclo de sete anos, eles ficavam com medo. E o astrólogo estava certo. Com sete anos sobrevivi, mas tive uma profunda experiência da morte – não da minha própria, mas da morte do meu avô materno. E eu era tão apegado a ele que a sua morte parecia a minha própria morte. Imitei a sua morte da minha própria maneira infantil. Não comi por três dias continuamente, não bebi água, porque senti que se o fizesse seria uma traição.

Eu o amava tanto, ele me amava tanto, que enquanto esteve vivo eu nunca tive permissão de ir com os meus pais. Eu estava com o meu avô materno. Ele disse, “Quando eu morrer, somente então você pode ir.” Ele vivia em uma vila muito pequena, então eu não podia ir a nenhuma escola, porque não havia escolas. Ele nunca me deixava, mas então chegou o momento em que ele morreu. Ele era uma parte essencial de mim. Cresci com sua presença, seu amor.

Quando ele morreu senti que seria uma traição comer: “Agora eu não quero viver...” Era infantil, mas através disso algo muito profundo ocorreu. Por três dias permaneci deitado; eu não saía da cama. Eu disse, “Se ele está morto, não quero viver.” Sobrevivi, mas aqueles três dias tornaram-se uma experiência da morte. Morri de uma forma, e vim a perceber – agora posso falar sobre isso, embora naquele momento fosse apenas uma experiência vaga – senti que a morte é impossível. Esse foi o sentimento.

Então na idade de catorze anos a minha família ficou perturbada que eu poderia morrer. Sobrevivi novamente, mas então de novo tentei conscientemente. Eu lhes disse, “Se a morte ocorrerá como o astrólogo disse, então é melhor estar preparado. E por que dar uma chance à morte? Por que não vou e a encontro no meio do caminho? Se vou morrer, então é melhor morrer conscientemente.”

Então deixei de ir para a minha escola por sete dias. Fui até o meu diretor e lhe disse, “Vou morrer.”

Ele disse, “Que bobagem você está falando! Você vai cometer suicídio? O que você quer dizer com vou morrer?”

Eu lhe disse sobre a previsão do astrólogo que a possibilidade da morte me confrontaria a cada sete anos. Disse-lhe, “Estou indo para um retiro por sete dias para esperar a morte. Se ela vier, é bom encontrá-la conscientemente para que ela se torne uma experiência.”

Fui para um templo bem do lado de fora da minha vila. Cheguei a um acordo com o sacerdote, que ele não deveria me perturbar. Era um templo muito solitário, sem visitantes – velho, em ruínas. Ninguém nunca ia até lá. Então eu lhe disse, “Permanecerei no templo. Dê-me apenas algo para comer e beber uma vez por dia, e o dia todo ficarei deitado aqui esperando pela morte.”

Esperei por sete dias. Esses sete dias se tornaram uma bela experiência. A morte nunca veio, mas da minha parte eu tentei de todas as formas morrer. Coisas

estranhas, bizarras, ocorreram. Muitas coisas ocorreram, mas a nota básica foi – se vocês sentirem que estão morrendo vocês se tornam calmos e silenciosos. Nada cria qualquer preocupação então, porque todas as preocupações dizem respeito à vida. A vida é a base de todas as preocupações. Quando você vai morrer, de qualquer forma, algum dia, por que preocupar-se?

Eu estava deitado lá. No terceiro ou quarto dia uma cobra entrou no templo. Ela estava à vista; eu estava vendo a cobra, mas não havia medo. De repente senti-me muito estranho. A cobra estava chegando cada vez mais próxima, e eu senti-me muito estranho. Não havia medo. Então pensei, “Quando a morte está chegando, ela pode chegar através dessa cobra, então por que temer? Espere!”

A cobra cruzou sobre mim e foi embora. O medo desapareceu. Se vocês aceitam a morte, não há medo. Se vocês se apegam à vida, então todos os medos estão presentes.

Muitas vezes as moscas vinham em torno de mim. Elas voavam em volta, pousavam em mim, na minha face. Às vezes eu me sentia irritado e queria retirá-las, mas então pensava, “Qual é o sentido? Mais cedo ou mais tarde morrerei, e então ninguém estará aqui para proteger o meu corpo. Deixe-as fazer o que quiserem.”

No momento em que decidi as deixar fazer o que quisessem, a irritação desapareceu. Elas ainda estavam no meu corpo, mas era como se eu não estivesse preocupado. Parecia que elas estavam movendo-se e pousando sobre o corpo de outra pessoa. Imediatamente houve uma distância. Se você aceita a morte, uma distância é criada. A vida move-se para longe, com todas as suas preocupações, irritações, tudo.

Morri de uma forma, mas descobri que algo imortal está ali. Uma vez que vocês aceitam a morte totalmente, vocês se tornam consciente dela.

Então, de novo, na idade de vinte e um anos, a minha família estava esperando. Disse-lhes, “Por que vocês seguem esperando? Não esperem. Agora não vou morrer.”

Fisicamente, algum dia morrerei, é claro. Entretanto, essa previsão do astrólogo ajudou-me muito, porque ele tornou-me consciente da morte desde muito cedo. Continuamente eu podia meditar e aceitar que ela estava chegando.

Um dia meu pai colocou todos os meus *salwars*, minhas *kurtas* e meus três bonés turcos em uma trouxa no porão, lá onde muitos tipos de coisas estavam – quebradas, inúteis. Eu não podia encontrar nada, então quando saí do banheiro fui simplesmente nu, com os meus olhos fechados, e cruzei a loja. Quando eu estava saindo o meu pai disse, “Espere! Entre. Tome suas roupas.”

Eu disse, “Você as traga, onde quer que elas estejam.”

Ele disse, “Nunca pensei que você faria isso. Pensei que você olharia em volta, procuraria pelas roupas, e não as encontraria – porque as coloquei em um lugar tal que você não as encontraria. Então naturalmente você usaria roupas normais, as roupas que você deveria usar. Nunca pensei que essa poderia ser sua ação.”

Eu disse, “Ajo diretamente. Não acredito em conversa desnecessária; Eu nem perguntei a ninguém onde as minhas roupas estão. Por que deveria? A minha nudez servirá ao mesmo propósito.”

Ele disse, “Você tem as suas roupas, e ninguém o aborrecerá em relação às suas roupas, mas, por favor, não comece a andar nu porque isso criará mais problema – que um filho de um vendedor de roupas não tem roupas para vestir. Você é conhecido e nos tornará conhecidos também: ‘Olhe para aquela pobre criança!’ Todo mundo vai pensar que nós não estamos lhe dando roupas.”

Porque eles pararam de reclamar, no momento em que passei na universidade abandonei aquelas vestes. Quando deixei a vila alterei minhas vestes para que fossem mais adequadas à minha vida universitária. Descobri que na primeira universidade que frequentei o boné era compulsório – vocês não poderiam ir sem um boné. Essa era uma grande ideia! Vocês teriam que ir vestidos muito corretamente: sapatos, botões fechados e com um boné. Fui sem botões, sem boné e com as minhas sandálias de madeira – e imediatamente tornei-me uma celebridade.

O diretor imediatamente chamou-me. Ele disse, “O que é isso?”

Eu disse, “Essa é a forma de apresentar-me a você, caso contrário poderia levar anos. Quem liga para um estudante do primeiro ano?”

Ele disse, “Você teve alguma ideia por trás disso, mas não é permitido; você terá que usar o boné, e os botões devem estar fechados.”

Eu disse, “Você terá que provar-me quais são os motivos científicos de usar um boné. Ajuda de alguma maneira no aumento da sua inteligência? Então posso usar um turbante – por que um boné? – se isso melhora o poder do cérebro. Mas o fato é que a maioria dos idiotas da Índia estão no Punjabi, e eles usam um turbante, fortemente apertado. Talvez eles são as únicas pessoas em todo o mundo que usam o turbante tão apertado; a mente deles está completamente aprisionada, arruinada. E as pessoas mais inteligentes da Índia são os bengalis, que não usam bonés.” Eu disse, “Você me diz apenas quais são os fundamentos, as razões científicas pelas quais eu tenho que usar um boné.”

Ele disse, “Isso é estranho – ninguém nunca perguntou pelos fundamentos, as razões científicas dos bonés. Esta é simplesmente a nossa convenção nesta universidade.”

Eu disse, “Não ligo para convenções. Se a convenção é não-científica e destrói a inteligência das pessoas, sou o primeiro a rebelar-me contra ela. E em

breve você verá os bonés desaparecendo do colégio porque direi às pessoas, ‘Olhe – os bengalis são os mais inteligentes e eles não usam boné.’

“Na Índia, os bengalis ganharam dois Prêmios Nobel. Acho que os punjabis nunca ganharão um único Prêmio Nobel. Vou espalhar esse movimento, mas se você ficar quieto e permitir-me ser da forma que sou, então não vou criar incômodo algum; caso contrário haverá um movimento. Você verá fogueiras, queimas de bonés, na frente do seu escritório.”

Ele olhou para mim e disse, “Ok, não crie qualquer incômodo, siga da forma que você é. Mas terei problemas porque mais cedo ou mais tarde outros perguntarão, ‘Por que você o permitiu?’”

Eu disse, “O fato é que se você é um homem honesto, você mesmo deveria parar de usar o boné, porque você não tem nenhuma base científica para isso. Caso contrário, a qualquer um que vier, peça para que ele encontre razões e fundamentos científicos – que de alguma forma o boné ajuda a inteligência. A universidade serve para ajudar a inteligência das pessoas; a inteligência deve ser aguçada. De que forma o boné ajuda? Ele aprisiona.”

Mas ele disse, “Pelo menos botões...”

Eu disse, “Não gosto de botões. Gosto do ar batendo diretamente no meu peito, aprecio isso; não gosto de botões. E em nenhum lugar do código da universidade um boné é mencionado, então para o boné eu preciso de razões científicas. Em nenhum lugar é mencionado que você tem que ter botões.”

Mas ninguém ali nunca pensou que as pessoas viriam para a universidade sem botões.

A minha mãe estava me dizendo ontem... e Vivek ouviu-a tão animada pela primeira vez em tanto tempo; caso contrário qualquer coisa que Vivek pergunta é respondido em uma ou duas sentenças; sim ou não, e a conversa termina. Mas ontem ela falou por muito tempo e estava muito animada, então Vivek perguntou-me, “O que a sua mãe estava lhe falando?”

Disse-lhe que ela estava lembrando-se de algumas coisas. Ainda não lhe disse o que ela estava me contando, porque foi uma longa história. Ela estava me dizendo que, quando eu tinha cinco meses em seu útero, um milagre ocorreu.

Ela estava indo da casa do meu pai para a casa do pai dela; e era a estação das chuvas. É costumeiro na Índia que o primeiro filho nasça na casa do pai materno, então, embora fosse a estação das chuvas, e muito difícil – não havia estradas, e ela tinha que ir a cavalo – quanto mais rápido ela fosse, melhor; se ela esperasse mais, então ficaria mais difícil, então ela foi com um dos seus primos.

No meio da jornada existia um grande rio, o Narmada. Ele estava cheio. Quando eles chegaram no barco, o barqueiro viu que a minha mãe estava grávida, e ele perguntou ao primo da minha mãe, “Qual é o seu relacionamento?”

Ele não estava consciente que isso traria problemas, então simplesmente disse, “Somos irmã e irmão.”

O barqueiro recusou; ele disse, “Não posso levá-los porque a sua irmã está grávida – isso significa que vocês não são dois, são três.”

Na Índia, esse é um costume, um costume antigo – talvez começou nos dias de Krishna – que não se poderia viajar pela água, particularmente em um barco, com o filho da irmã. Havia perigo do barco afundar.

O barqueiro disse, “O que garante que a criança no útero da sua irmã é uma menina e não um menino? Se é um menino eu não quero assumir o risco – porque não é apenas a minha vida, sessenta outras pessoas estão no barco. Ou você ou sua irmã podem vir; os dois juntos eu não levarei.”

Dos dois lados haviam colinas e florestas e o barco só cruzava uma vez por dia. De manhã ele zarpava – e o rio era realmente vasto naquele ponto – e então ele voltava à noite. Na manhã seguinte ele ia novamente, o mesmo barco. Então ou a minha mãe tinha que permanecer de um lado, o que era perigoso, ou cruzar para o outro sozinha, o que era da mesma forma perigoso. Então por três dias eles continuaram pedindo para o barqueiro, implorando, dizendo que ela estava grávida e que ele deveria ser gentil.

Ele disse, “Não posso ajudar – não posso fazer. Se vocês puderem dar-me uma garantia de que não é um menino então posso levá-los; mas como vocês podem me dar uma garantia?”

Então por três dias eles tiveram que ficar em um templo ali. Naquele templo vivia um santo, muito famoso na região naqueles dias. Agora, em volta daquele templo surgiu uma cidade à memória daquele santo, Saikheda. Saikheda significa “a vila do santo.” *Sai* significa santo; ele era conhecido como Sai Baba. Não é o mesmo Sai Baba que tornou-se mundialmente famoso – Sai Baba de Shirdi – mas eles foram contemporâneos.

Sai Baba de Shirdi tornou-se mundialmente famoso por causa da simples coincidência que Shirdi é próxima de Mumbai, e todas as celebridades e as pessoas ricas de Mumbai começaram a ir até Sai Baba de Shirdi. E porque Mumbai é um centro mundial, logo o nome de Sai Baba de Shirdi começou a alcançar outros países fora da Índia, e muitos milagres foram criados em torno dele.

A situação desse Sai Baba que vivia nesse templo era a mesma. Finalmente a minha mãe teve que pedir a Sai Baba, “Você pode fazer alguma coisa? Estamos aqui há três dias. Estou grávida e meu primo disse ao barqueiro que é meu irmão, e ele não quer nos levar no barco. Agora, a menos que você faça alguma coisa, ou diga algo ao barqueiro, estamos em uma situação difícil. O que fazer? O meu primo não pode me deixar aqui sozinha; eu não posso ir sozinha para o outro lado.

Em ambos os lados existem florestas selvagens, e por pelo menos vinte e quatro horas terei que esperar sozinha.”

Nunca encontrei com Sai Baba, mas de uma maneira encontrei-o; eu tinha cinco meses de idade. Ele tocou o ventre da minha mãe. Minha mãe disse, “O que você está fazendo?”

Ele disse, “Estou tocando os pés da sua criança.”

O barqueiro viu isso e disse, “O que você está fazendo, Baba? Você nunca tocou os pés de alguém.”

E Baba disse, “Essa criança não é *alguém*; e você é um tolo – você deve levá-los para o outro lado. Não se preocupe. A alma que está dentro desse útero é capaz de salvar milhares de pessoas, então não se preocupe com as suas sessenta pessoas – leve-as.”

Então a minha mãe disse, “Naquele momento tornei-me consciente de que estava carregando alguém especial.”

Eu disse, “Até onde entendo, Sai Baba era um homem sábio: ele realmente enganou o barqueiro! Não há milagre, não há nada. E os barcos não afundam apenas porque alguém está viajando com o filho da sua irmã. Não há racionalidade na ideia, ela é apenas absurda. Talvez em algum momento pode ter ocorrido, acidentalmente, e então tornou-se uma ideia costumeira.”

Meu próprio entendimento é que porque na vida de Krishna os astrólogos disseram para o irmão de sua mãe que, “um dos filhos da sua irmã irá te matar,” ele manteve sua irmã e seu cunhado na prisão. Ela deu à luz a sete filhos, sete meninos, e seu irmão matou todos. O oitavo era Krishna, e, é claro, quando o próprio Deus nasce as fechaduras da prisão se abrem, os guardas caem totalmente adormecidos e o pai de Krishna o leva para fora.

O rio Yamuna era o limite do reinado Kansa. Kansa era a pessoa que estava matando os filhos de sua irmã temendo que um dos seus filhos o matasse. O Yamuna estava cheio – e ele é um dos maiores rios da Índia. O pai de Krishna estava com muito medo, mas de alguma forma a criança precisava ser levada para o outro lado, para a casa de um amigo cuja esposa havia dado à luz a uma menina – então ele poderia trocá-los. Ele poderia trazer a menina de volta consigo porque na manhã seguinte Kansa perguntaria, “Onde está a criança?” e estaria planejando matá-la. Uma garota ele não mataria – tinha que ser um garoto.

Mas como cruzar o rio? Não havia barcos à noite, mas ele tinha que ser cruzado. Mas quando Deus pode abrir as fechaduras sem chaves, sem ninguém para abri-las – elas simplesmente abriram-se, as portas abriram-se, os guardas caíram no sono – Deus faria alguma coisa.

Então o pai colocou a criança em um balde em sua cabeça e atravessou o rio – algo parecido com o que aconteceu com Moisés quando o oceano abriu-se. Desta vez aconteceu da maneira indiana. Não pôde ocorrer com Moisés, porque aquele oceano não era indiano, mas esse rio era.

Conforme entra no rio, o rio começa a subir cada vez mais. Ele estava com muito medo: o que estava acontecendo? Ele estava esperando que o rio abaixasse, mas este começou a subir. O rio foi até o ponto em que tocou os pés de Krishna, então recuou. Esta é a maneira indiana; não pode ocorrer em nenhum outro lugar. Como o rio poderia perder aquilo? Quando Deus nasce e está passando através de si, apenas abrir passagem não é suficiente, não é educado.

Desde aquele dia existe essa ideia que há um certo antagonismo entre uma pessoa e o filho da sua irmã, porque Krishna matou Kansa. O rio foi cruzado, ele recuara; o rio auxiliou a criança. Desde então os rios estão zangados contra os tios maternos – todos os rios da Índia. E esta superstição existe até hoje.

Eu disse a minha mãe, “Uma coisa é certa – que Sai Baba deve ter sido um homem sábio e tinha algum senso de humor.” Mas ela não ouviria. E a vila ficou sabendo o que ocorreu, e para dar suporte a isso, depois de um mês outra coisa aconteceu... Na vida existem muitas coincidências que vocês podem transformar em milagres. Uma vez que alguém está inclinado a criar um milagre, então qualquer coincidência pode tornar-se um milagre.

Depois de um mês ocorreu uma grande cheia, e, na frente da casa da minha mãe, na estação chuvosa, era quase como um rio. Havia um lago e uma pequena rua entre o lago e a casa, mas na estação chuvosa havia tanta água que a rua parecia um rio, o lago e a rua fundiram-se. Era quase oceânico; tudo era água, até onde podia-se ver. E naquele ano, talvez, a Índia teve as maiores enchentes de todos os tempos.

As enchentes ordinariamente ocorrem todo ano na Índia, mas naquele ano uma coisa estranha foi notada, que as cheias começaram a reverter o fluxo da água dos rios. As chuvas eram tão fortes que o oceano não era capaz de receber a água tão rápido quanto ela estava chegando, então a água à beira-mar estava presa; ela começou a fluir para trás. Onde os rios menores desaguavam nos rios maiores, os rios maiores recusavam receber as águas, porque eles não eram capazes de conter nem as suas próprias águas. Os rios menores começaram a se mover no sentido contrário.

Nunca vi isso – também perdi aquela ocasião – mas minha mãe diz que era um fenômeno estranho ver a água se movendo ao contrário. E ela começou a entrar nas casas; a água entrou na casa da minha mãe. Era uma casa de dois andares, e o térreo ficou completamente cheio de água. Então começou a entrar no segundo andar. Ora, não havia para onde ir, então estavam todos sentados em suas camas, o lugar mais alto possível ali. Mas a minha mãe disse, “Se Sai Baba está certo, então algo acontecerá.” E deve ser uma coincidência que a água foi até o estômago da minha mãe e então recuou!

Estes dois milagres ocorreram antes de eu nascer, então não tenho nada a ver com eles. Mas eles ficaram conhecidos; quando nasci eu era quase um santo na vila! Todo mundo era tão respeitoso; as pessoas tocavam o meu pé, até mesmo os idosos. Contaram-me depois que “toda a vila aceitou-o como um santo.”

Quando eu tinha por volta de quatro anos, eu era a única criança da casa – nada para fazer, nenhuma escola, nenhum lugar para ir. O meu avô materno tinha uma mercearia, com todos os tipos de coisas. Aquela era a única loja da vila, então havia todo o tipo de coisa... era um mercado em miniatura, em vez de uma loja. Então comecei a brincar com doces e outras coisas, e não sei como ocorreu... mas logo as pessoas doentes continuamente chegavam; e não havia doutor, médico, nenhum hospital, nem mesmo em centenas de quilômetros, nenhum hospital.

De alguma forma me veio que, se as pessoas pensavam que eu era um santo, e elas tocavam os meus pés, eu começaria a lhes dar remédios. E os remédios não eram nada além de misturas de alguns doces, moídos bem, transformados em pó, e envasados em garrafas de diferentes cores. E, é claro, as pessoas que tinham febre ou dor de cabeça não morrem. E elas curavam-se. Elas curariam-se de qualquer forma – aquilo não era um milagre, mas se tornava um milagre.

O meu Nana começou a dizer, “Você vai arruinar a minha loja – agora ela é um hospital! O dia todo as pessoas vêm, e às vezes até eu tenho que dar os seus remédios, e não tenho ideia do que são esses remédios! Você está destruindo os meus doces e a minha loja. Mas as pessoas estão se curando, então não tem problema, continue.”

Quando me mudei, depois de sete anos, para a casa do meu pai, abandonei aquele negócio de dar remédios, mas as pessoas daquela vila, sempre que vinham lembravam-se de mim. Elas já me chamavam de Doutor Sahib, e eu diria, “Por favor não usem essa palavra aqui, porque parei com aquela profissão completamente. Em primeiro lugar não existem doces aqui; o meu pai tem uma loja de roupas, não posso fazer remédios a partir de roupas. E aqui ninguém sabe que posso fazer milagres. Primeiro as pessoas têm que saber, então você pode fazê-los, caso contrário não pode.”

Um dia eu estava brincando; eu devia ter quatro ou cinco anos de idade, não mais que isso. O meu pai estava fazendo a sua barba, quando alguém bateu na porta; o meu pai disse-me, “Vá até lá e lhe diga, ‘Meu pai não está em casa.’”

Eu saí e disse, “O meu pai está fazendo a barba e ele disse para falar-lhe, ‘Meu pai não está em casa.’”

O homem disse, “O quê? Ele está aí?”

Eu disse, “Sim, mas foi isso o que ele me disse. Eu lhe disse toda a verdade.”

O homem entrou e meu pai olhou para mim: O que aconteceu? E o homem estava muito bravo, ele disse, “Isso é engraçado! Você me chamou para vir nesse horário, e você envia uma mensagem pelo menino de que você saiu.”

Meu pai perguntou-lhe, “Mas como você descobriu que eu estava aqui?”

Ele disse, “Esse menino contou tudo, que ‘Meu pai está. Ele está fazendo a barba, e ele me disse para dizer-lhe que ele não está.’”

Meu pai olhou para mim. Eu pude entender; ele estava falando, “Espera! Deixa esse homem ir embora, e eu vou te mostrar.”

E eu lhe disse, “Estou saindo antes desse homem.”

Ele disse, “Mas eu não disse nada para você.”

Eu disse, “Entendi tudo!”

Eu disse para o homem, “Fique por aqui. Primeiro deixe-me sair, porque haverá problemas para mim.” Mas ao sair eu disse para o meu pai, “Você insiste comigo, ‘Seja verdadeiro...’ Então,” eu disse, “esta é uma chance de ser verdadeiro e checar se você realmente pretende que eu seja verdadeiro – ou você está apenas tentando ensinar-me a esperteza?”

É claro que ele entendeu que era melhor ficar quieto, não discutir comigo naquele momento, porque quando o homem fosse embora eu teria que vir para casa. Voltei depois de duas ou três horas, esperando que ele estivesse mais calmo ou que estivesse alguém ali, e nenhum problema surgiria. Ele estava sozinho. Entrei e ele disse, “Não se preocupe – eu nunca vou lhe dizer qualquer outra coisa como aquela de novo. Perdoe-me.” Ele era um homem justo, caso contrário quem se preocupa com uma criança de quatro ou cinco anos e pede – sendo um pai – “Perdoe-me”?

E ele nunca disse nada como aquilo de novo em toda a sua vida. Ele sabia que, comigo, ele tinha que ser diferente do que era com as outras crianças.

O meu avô me amava muito, somente por causa das minhas travessuras. Mesmo idoso ele era arteiro. Ele nunca gostou do meu pai ou dos meus tios porque todos eles eram contra as peraltices desse velho homem. Todos diziam-no, “Você tem agora setenta anos e deve comportar-se. Agora os seus filhos têm cinquenta anos, cinquenta e cinco, os filhos deles estão casados, os seus netos estão aqui – e você segue fazendo tais coisas, que nos sentimos envergonhados.”

Eu era o único que lhe era íntimo, porque eu amava o velho pela simples razão que ele não havia perdido a sua infância, mesmo na idade de setenta anos. Ele era tão travesso quanto qualquer criança. E ele fazia suas travessuras mesmo com seus próprios filhos e filhas, genros, e eles ficavam simplesmente chocados.

Eu era o seu único confidente, porque nós conspirávamos juntos. É claro que muitas coisas ele não podia fazer – eu tinha que fazê-las. Por exemplo, o seu genro estava dormindo no quarto e meu avô não podia ir até o telhado, mas eu podia. Então conspiramos juntos; ele me ajudaria, ele seria uma escada para que eu fosse até o teto e removesse uma telha. E apenas com um bambu e uma escova anexa a ele, à noite, tocando a face do genro... Ele gritaria, e toda a casa corria para lá... “O que aconteceu?” Mas nós já teríamos desaparecido, e ele diria, “Havia algum fantasma ou alguém tocando a minha face. Tentei pegá-lo mas não consegui; estava escuro.”

O meu avô permaneceu totalmente inocente, e eu vi a grande liberdade que ele tinha. Ele era o mais velho de toda a minha família. Ele deveria ser o mais sério e o mais sobrecarregado com tantos problemas e ansiedades, mas nada o afetava. Todo mundo ficava sério e preocupado quando havia problemas; apenas ele não se preocupava. Mas uma coisa eu nunca gostei – foi por isso que lembrei dele nesse momento – dormir com ele. Ele tinha o hábito de dormir com sua face coberta e eu tinha que dormir com a minha face coberta também, e aquilo era sufocante.

Disse-lhe claramente, “Concordo com tudo, mas isso não posso tolerar. Você não pode dormir sem cobrir a sua face; eu não posso dormir com a minha face coberta – isso me sufoca. Você faz por amor” – ele me manteria próximo do seu coração e me cobriria completamente – “isso está perfeitamente bem, mas de manhã o meu coração não estará batendo. A sua intenção é boa, mas você estará vivo de manhã e eu terei morrido. Então a nossa amizade fica fora da cama.”

Ele queria que eu ficasse ali porque ele me amava e disse, “Por que você não vem dormir comigo?”

Eu disse, “Você sabe perfeitamente bem que não quero ser sufocado por ninguém, mesmo se a sua intenção for boa. Você me ama e queria que eu ficasse perto do seu coração mesmo à noite.” Além disso, costumávamos fazer longas caminhadas de manhã e, às vezes, quando havia lua, à noite. Mas nunca permiti que ele segurasse a minha mão. E ele diria, “Mas por quê? Você pode cair, você pode tropeçar em uma pedra ou qualquer coisa.”

Eu disse, “Isso é melhor. Deixe-me tropeçar, isso não vai me matar. Isso vai ensinar-me a não tropeçar, a estar alerta, a lembrar-me de onde as pedras estão. Mas você segurando a minha mão – por quanto tempo você poderá segurá-la? Quanto tempo você estará comigo? Se você puder garantir que sempre estará comigo, então estou disposto.”

Ele era um homem muito sincero; ele disse, “Isso eu não posso garantir. Não posso dizer nada nem sobre o amanhã. E uma coisa é certa, você viverá muito, e eu estarei morto, então eu não estarei aqui para sempre para segurar a sua mão.”

“Então,” eu disse, “é melhor que eu aprenda desde já, porque um dia você me deixará no meio, desamparado. E se você tiver me treinado para segurar a sua mão... então haverá apenas dois caminhos: ou eu começo a viver em uma ficção:

Deus o pai – que é invisível é claro – está segurando a sua mão e ele está te guiando...”

Eu disse a meu avô, “Não quero ser deixado em uma situação tal que eu tenha que criar uma ficção para viver. Quero viver uma vida real, não uma vida fictícia. Não sou um personagem de um romance. Então deixe-me sozinho, deixe-me cair. Vou tentar levantar-me. Você espera; apenas observe e isso será mais compassivo comigo do que segurar a minha mão.”

E ele entendeu; ele disse, “Você está certo – um dia não estarei aqui,”

Meu avô era sempre favorável a mim em relação a qualquer coisa. Ele estava pronto para participar se pudesse; é claro que ele nunca me punia, ele sempre me recompensava. Eu costumava chegar em casa toda noite e a primeira coisa que meu avô perguntava era, “O que você fez hoje? Como foram as coisas? Houve algum problema?” Nós sempre tínhamos um bom encontro à noite em sua cama, sentados juntos, e ele apreciava tudo. Eu costumava dizer-lhe tudo o que havia acontecido de dia, e ele diria, “Foi realmente um bom dia!”

Meu pai só me puniu uma vez porque fui a uma feira que acontecia todos os anos a algumas milhas da cidade. Ali cruzava um dos rios sagrados dos hindus, o Narmada, e na ribanceira do Narmada acontecia uma grande feira por um mês. Então simplesmente fui até lá sem pedir para ele.

Havia muita coisa acontecendo na feira... fui apenas por um dia e eu pensava voltar à noite, mas haviam tantas coisas: mágicos, um circo, drama. Não era possível voltar em um dia, então três dias... Toda a família estava em pânico: onde eu estava?

Nunca havia acontecido antes. No máximo eu havia voltado tarde da noite, mas eu nunca estive fora por três dias continuamente... e sem nenhuma mensagem. Eles perguntaram na casa de todos os amigos; ninguém sabia de mim. E no quarto dia, quando voltei para casa, meu pai estava realmente bravo. Antes de perguntar qualquer coisa, ele me deu um tapa. Eu não disse nada.

Eu disse, “Você quer dar-me mais tapas? Você pode, porque desfrutei o suficiente nesses três dias. Você não pode dar-me mais tapas do que desfrutei, então você pode dar-me mais alguns tapas. Isso vai esfriá-lo, e para mim será apenas uma compensação. Eu aproveitei.”

Ele disse, “Você é realmente impossível. Bater-lhe é insignificante. Não lhe dói; você está até pedindo mais. Você não consegue distinguir entre punição e recompensa?”

Eu disse, “Não, para mim tudo é uma recompensa de algum tipo. Existem diferentes níveis de recompensa, mas tudo é uma recompensa de algum tipo.”

Ele perguntou, “Onde você esteve nesses três dias?”

Eu disse, “Isso você deveria ter perguntado antes de dar-me um tapa. Agora você perdeu o direito de perguntar-me. Tomei um tapa sem ser nem mesmo perguntado. É um ponto final – fecha o capítulo. Se você queria saber, você deveria ter perguntado antes, mas você não tem nenhuma paciência. Apenas um minuto seria suficiente. Mas não vou o manter continuamente preocupado com isso, então lhe direi que fui à feira.”

Ele perguntou, “Por que você não me pediu?”

Eu disse, “Porque eu queria ir. Seja honesto: se eu tivesse pedido, você teria me dado permissão? Seja honesto.”

Ele disse, “Não.”

Eu disse, “Isso explica tudo, porque não lhe pedi – porque eu queria ir, e então seria mais difícil para você. Se eu tivesse lhe pedido e você falasse não, eu ainda assim teria ido, e isso seria mais difícil para você. Apenas para torná-lo mais fácil para você eu não pedi, e sou recompensado por isso. E estou pronto para mais recompensas que você quiser me dar. Mas desfrutei tanto da feira que vou até lá todo ano. Então você pode... sempre que eu desaparecer, você sabe que estou lá. Não se preocupe.”

Ele disse, “Esta é a última vez que lhe puno; a primeira e a última. Talvez você esteja certo: se você realmente queria ir então essa era a única forma, porque eu não iria permitir. Naquela feira todo o tipo de coisa ocorre: as prostitutas estão lá, intoxicantes estão disponíveis, drogas são vendidas” – e naquele tempo na Índia não havia ilegalidade em relação às drogas, todas as drogas estavam disponíveis livremente. E em uma feira todos os tipos de monges se reúnem, e todos os monges hindus usam drogas – “eu não iria permitir que você fosse. E se você realmente queria ir, então, talvez você fez o certo em não pedir.”

Eu lhe disse, “Mas não liguei para as prostitutas, nem para os monges, nem para as drogas. Você me conhece: se estou interessado em drogas, então nessa própria cidade...” Do lado da minha casa havia uma loja onde todas as drogas estavam disponíveis, “E o homem é tão amigável em relação a mim que ele não pegaria nenhum dinheiro se eu quisesse qualquer droga. Então não há problema. Prostitutas estão disponíveis na vila; se eu estiver interessado em ver as suas danças, posso ir até lá. Quem pode me impedir? Os monges chegam continuamente na cidade. Mas eu estava interessado nos mágicos.”

E meu interesse na mágica está relacionado com meu interesse em milagres. Na Índia, antes da divisão, vi todo o tipo de milagre sendo feito nas ruas pelos mágicos, pobres mágicos. Talvez depois de todo o show eles ganhavam somente uma rúpia. Como eu poderia crer que essas pessoas eram messias? Por uma rúpia, por três horas eles faziam coisas quase impossíveis. É claro que tudo tinha um truque, mas se vocês não conhecem o truque então é um milagre.

Vocês apenas ouviram dizer – eu os vi jogar uma corda para cima, e a corda permanecer por si só. Eles tinham um garoto que chamavam de *jamura*; todo

mágico tem um jamura. Não sei como traduzi-lo... apenas “meu garoto.” E ele segue falando com o jamura, “Jamura, você vai subir na corda?”

E ele diria, “Sim, vou.” E essa conversação contínua tem a ver com o truque; ela mantém a mente das pessoas na conversação, e esta é engraçada de várias maneiras. Eu vi aquele garoto subir pela corda e desaparecer!

E o homem chama de baixo, “Jamura?”

E lá de cima vem a voz, “Sim, mestre.”

E ele diz, “Agora vou trazê-lo para baixo, parte por parte.” Então ele jogava uma faca para cima, e a cabeça do garoto vinha para baixo! Ele jogava uma faca para cima e as pernas vinham para baixo! Parte por parte o garoto descia, e o mágico seguia juntando as partes, cobrindo-as com um lençol de cama e dizendo, “Jamura, junte-se agora.”

E o jamura diria, “Sim, mestre.” O mágico removia o lençol e o garoto ficava de pé! Ele puxava a corda para baixo, terminava o número, colocava-a na sacola, e começava a pedir dinheiro.

No máximo ele ganhava uma rúpia – porque naqueles dias sessenta *paise* era equivalente a uma rúpia, e ninguém lhe dava mais de um paise, dois paise no máximo; uma pessoa muito rica lhe daria quatro paise. Se ele pudesse recolher uma rúpia por esse milagre ele era afortunado.

Vi todos os tipos de coisas, e as pessoas que faziam essas coisas eram apenas pedintes.

Na minha infância – porque a partir dela eu posso falar para vocês com mais autoridade; não sei sobre a infância de vocês, sei apenas da minha infância – era um tema diário. Todos pediam para que eu fosse verdadeiro. E eu disse para o meu pai, “Sempre que você me diz para ser verdadeiro, você tem que lembrar de uma coisa, que a verdade tem que ser recompensada; caso contrário *você* estará me forçando a não ser verdadeiro. Estou disposto a ser verdadeiro.”

Muito facilmente eu descobri que a verdade não compensa: você é punido. As mentiras compensam: você é recompensado. Ora, essa era uma questão muito decisiva, muito importante. Então deixei claro para os meus pais que isso deveria ser entendido claramente: “Se vocês querem que eu seja verdadeiro então a verdade tem que ser recompensada, e não em uma vida futura, mas aqui e agora, porque estou sendo verdadeiro aqui e agora. E se a verdade não é recompensada, se sou punido por ela, então vocês estão me forçando a mentir. Permitam que isso seja claramente entendido; então não há problema para mim, serei sempre verdadeiro.”

O que aconteceu era que, vivendo a uns dois ou três blocos da minha família existia uma família brâmane, brâmanes muito ortodoxos. Os brâmanes cortam todo o seu cabelo e deixam apenas uma pequena parte no sétimo chacra na cabeça sem cortar, para que essa parte continue crescendo. Eles seguem tentando mantê-la dentro da sua boina ou dentro do turbante. E o que fiz foi o seguinte, eu cortei o cabelo do pai. No verão na Índia, as pessoas dormem fora da casa, na rua. Elas trazem as suas camas, seus leitos, para a rua. Toda a cidade dormia na rua à noite, era tão quente dentro de casa.

Então esse brâmane estava dormindo – e a culpa não é minha... ele tinha um *choti* tão longo; chama-se *choti*, aquele punhado de cabelo. Eu nunca o tinha visto porque ele estava sempre escondido em seu turbante. Enquanto ele dormia, o *choti* estava pendurado e tocando o chão. Ele saía do leito e era tão longo que fiquei tentado, não pude resistir; corri para casa, trouxe tesouras, cortei-o completamente, levei-o e mantive-o no meu quarto.

Pela manhã ele descobriu que o *choti* sumira. Ele não podia acreditar porque toda a sua pureza estava nele, toda a sua religião estava nele – toda a sua espiritualidade fora destruída. Mas todo mundo na vizinhança sabia que se algo de errado ocorria... primeiramente eles corriam até mim. E ele veio imediatamente. Eu estava sentado para fora sabendo com certeza que ele viria de manhã. Ele olhou para mim. Também olhei para ele. Ele me disse, “O que você está olhando?”

Eu disse, “O que *você* está olhando? A mesma coisa.”

Ele disse, “A mesma coisa?”

Eu disse, “Sim. A mesma coisa. Dê-lhe um nome.”

Ele perguntou, “Onde está seu pai? Não quero falar com você de jeito nenhum.”

Ele entrou. Ele trouxe o meu pai e este disse, “Você fez algo para com esse homem?”

Eu disse, “Não fiz nada para com esse *homem*, mas cortei um *choti* que certamente não pode pertencer a esse homem, porque quando eu estava cortando-o, o que ele estava fazendo? Ele poderia ter impedido.”

O homem disse, “Eu estava dormindo.”

Eu disse, “Se eu tivesse cortado o seu dedo enquanto você dormia, você permaneceria dormindo?”

Ele disse, “Como eu poderia permanecer dormindo se alguém estivesse cortando o meu dedo?”

Eu disse, “Isso certamente mostra que os cabelos estão mortos. Você pode cortá-los, mas uma pessoa não se machuca, não sai nenhum sangue. Então para que o rebuliço? Uma coisa morta estava pendurada lá... e pensei que você estava carregando essa coisa morta desnecessária dentro do seu turbante pela vida toda

– por que não o aliviar? Ele está no meu quarto. E com o meu pai eu tenho o contrato de ser verdadeiro.”

Então eu trouxe o seu *choti* e disse, “Se você está tão interessado nele, você pode pegá-lo de volta. Se é a sua espiritualidade, o seu *bramanismo*, você pode mantê-lo amarrado e colocá-lo dentro do seu turbante. Ele está morto de qualquer forma; ele estava morto quando estava conectado com você, estava morto quando o cortei de você. Você pode mantê-lo dentro do seu turbante.”

E perguntei ao meu pai, “Minha recompensa?” – na frente do homem.

Aquele homem disse, “Que recompensa ele está pedindo?”

O meu pai disse, “Esse é o problema. Ontem ele propôs um contrato que, se ele fala a verdade... e sinceramente; ele não apenas está falando a verdade, ele está até dando a prova. Ele contou toda a história – e até há lógica por trás dela – que o *choti* é uma coisa morta, então por que se preocupar com uma coisa morta? E ele não está escondendo nada.”

Ele me recompensou com cinco rúpias. Naqueles dias, naquela pequena vila, cinco rúpias era uma grande recompensa. O homem ficou bravo com meu pai. Ele disse, “Você vai estragar essa criança. Você devia bater nele em vez de dar cinco rúpias. Agora ele vai cortar o *choti* de outras pessoas. Se ele ganhar cinco rúpias por *choti*, todos os brâmanes da cidade estarão liquidados, porque todos eles estão dormindo fora à noite; e quando você está dormindo não pode continuamente segurar o seu *choti* na mão. E o que você está fazendo? – isso vai se tornar um precedente.”

O meu pai disse, “Mas esse é o meu contrato. Se você quiser puni-lo, isso é da sua conta; não interferirei. Não o estou recompensando por sua travessura; estou recompensando-o pela sua verdade – e ao longo de toda a minha vida vou recompensá-lo por sua verdade. No que diz respeito à travessura, você está livre para fazer qualquer coisa com ele.”

Aquele homem disse ao meu pai, “Você está me levando a mais problemas. Se eu fizer algo a esse garoto, você acha que as coisas vão terminar por aqui? Sou um homem de família: tenho esposa, meus filhos, minha casa – amanhã a minha casa será queimada.” Ele estava muito bravo, e disse, “Especialmente agora é um problema, porque amanhã vou realizar uma cerimônia na vila vizinha, e as pessoas ver-me-ão sem o meu *choti*...”

Eu disse, “Não é preciso se preocupar – estou lhe dando o *choti* de volta. Você também pode me recompensar por lhe dar o *choti* de volta. É só nunca retirar o seu turbante na outra vila; até mesmo à noite continue usando o turbante. Isso é tudo. Não é um grande problema, é somente uma noite. E à noite quem vai olhar para o seu *choti*? Todo mundo estará dormindo.”

Ele disse, “Não me dê conselhos. Eu gostaria de te bater mas sei que isso criaria toda uma cadeia de eventos.”

Eu disse, “Ela já foi criada. Você veio para reclamar; você não está me recompensando por eu ser tão absolutamente honesto e sincero ao dizer que não pude resistir à tentação. E não fiz nenhum dano a ninguém; nenhuma violência ocorreu – nem uma única gota de sangue saiu do seu choti. Apenas por reclamar ao meu pai você já criou uma cadeia de reação.”

Ele disse ao meu pai, “Olhe...!”

Meu pai disse, “Não é da minha conta.”

E eu disse para o meu pai, “É isso o que todo o bramanismo ensina – a cadeia de reações.”

Meu pai disse, “Mantenha a sua filosofia para si mesmo. E pare de ir a essas palestras de sadhus, monges e mahatmas, porque qualquer coisa que você adquire deles você conclui, de alguma forma, coisas tão estranhas.”

Eu disse, “Mas isso é o que estou falando, e não é estranho. Isso é exatamente a teoria do carma: você faz um ato, a reação segue-se. Ele fez um ato de reclamar contra mim, agora a reação seguir-se-á.”

E a reação seguiu, porque ele havia me dito que ia para a outra vila... Ele estava muito bravo comigo, mas quando você está bravo, você está bravo – e ele estava realmente surtado. Então ele estava bravo com a sua esposa, com os filhos... Assisti tudo e ele de alguma forma conseguiu reunir suas coisas e partir em uma carroça a cavalo.

No momento em que ele se foi eu disse para sua esposa, “Você entende onde ele está indo? Ele está indo para sempre – e você não sabe! Ele veio para falar isso para meu pai, que ele iria para sempre e nunca mais voltaria.”

A esposa de repente começou a chorar e gritar, “Pare-o!” Outras pessoas correram e pararam a sua carroça.

Ele disse, “Por que vocês estão me parando? Tenho que pegar o trem!”

Elas disseram, “Não hoje. A sua esposa está chorando e debatendo-se – ela vai morrer!”

Ele disse, “Mas isso é estranho. Por que ela estaria se debatendo, e por que ela choraria?”

Mas as pessoas não o deixavam ir, e elas estavam retirando a sua mala e maleta.

O homem que estava dirigindo a carroça disse, “Não vou te levar. Se essa é a situação, que você está deixando a sua esposa e seus filhos pequenos para sempre, não farei tal ato.”

O brâmane disse, “Não estou partindo. Voltarei, mas não tenho tempo para convencê-lo. Vou perder o trem – a estação é duas milhas da minha casa.”

Mas ninguém o ouvia, e eu estava provocando as pessoas: “Parem-no, caso contrário a sua esposa, os seus filhos... vocês terão que cuidar deles – quem irá alimentá-los?”

As pessoas o trouxeram de volta com as suas malas, e é claro ele estava bravo e jogou as suas malas na sua esposa. Esta perguntou, “O que você fez? Por que... ?” E eu estava lá fora com a multidão.

Ele disse, “Ninguém fez nada. Aquele garoto me disse que haveria uma reação. A razão é que há três dias, no templo, eu estava ensinando a filosofia da ação e da reação e esse garoto estava presente lá. Agora ele está me ensinando.”

Ele me disse, “Desculpe-me, e eu nunca falarei uma única palavra sobre essa ação e reação. E você pode cortar o choti de qualquer pessoa que você quiser, não reclamarei. Você pode cortar a minha cabeça fora e não reclamarei – porque quero parar essa cadeia completamente. O meu trem se foi.”

Então todo mundo perguntou, “O que aconteceu? Não entendemos. Quem cortou o seu choti?”

Eu disse, “Olhe! É impossível parar a cadeia. Essas pessoas estão perguntando, ‘Choti de quem? Quem o cortou? Onde está o choti?’” Eu disse, “Olhem dentro do turbante dele, em sua cabeça!” E um homem que era considerado um pugilista na vila foi e tirou o turbante dele e o choti caiu.

Meu pai também estava lá e viu. Quando estávamos retornando para casa ele me disse, “Vou te recompensar, mas não tire vantagem do nosso contrato.”

Eu disse, “Não estou tirando vantagem. Não é um contrato entre você e eu. Meu contrato é que eu sempre falarei a verdade para você, e você vai me recompensar por isso.” E ele permaneceu consistente. Qualquer coisa que eu fazia, não importando quão errado perante seus olhos, ele continuamente recompensava-me. Mas é difícil encontrar um pai como esse – o pai tem que impor forçosamente os seus ideais nos filhos.

O meu pai foi condenado por toda a minha cidade: “Você está mimando a criança.”

Ele disse, “Se esse é o destino dele, ser mimado, deixem-no ser mimado. Não serei responsável por interferir no seu destino; ele nunca será capaz de falar, ‘Meu pai mimou-me.’ E se ele está feliz sendo mimado, então o que há de errado em ser mimado? Nunca, não importa o que aconteça na vida dele, não quero interferir. Meu pai interferiu na minha vida e sei que eu seria uma pessoa diferente se ele não tivesse interferido.

“E sei que ele está certo, que todo pai transforma a criança em um hipócrita, porque transformei-me em um hipócrita. Quando quero rir, sou sério. Quando quero ser sério tenho que rir. Pelo menos deixe uma pessoa rir quando ela quiser rir. E deixe-a ser séria quando ela quer ser séria.”

Ele disse, “Tenho onze filhos, mas pensarei como se tivesse apenas dez.” E ele sempre pensou como se tivesse apenas dez. Ele nunca me contou entre os

seus filhos porque, ele disse, “Dei-lhe total liberdade de ser ele próprio. Por que ele deve carregar qualquer imagem minha?”

Quando eu estava no meu primário, a minha casa era muito próxima da escola. Então quando o sino da escola tocava, esse era o momento que eu ia ao banheiro. Toda a minha família batia na porta, e eu permanecia em silêncio – sem responder nada.

Era uma rotina diária o diretor vir buscar-me, porque eu não iria sozinho. Então ele vinha, e meu pai dizia, “O que fazer? Pare de tocar o sino, porque no momento que você o toca, ele vai para o banheiro e tranca a porta! E então é absolutamente inútil, porque qualquer coisa que você fala ele não responde.”

Finalmente a escola decidiu não tocar o sino, e o diretor costumava vir – primeiro para buscar-me – e então o sino tocava para todas as outras crianças.

Toda criança é forçada a fazer muitas coisas para o seu próprio bem. Sou grato ao diretor. Ele foi realmente generoso – somente por causa de um único estudante ele mudou toda a rotina da escola!

Sou grato aos meus pais – a paciência deles para comigo. Toda a família estava do lado de fora do banheiro persuadindo-me, “Saia! Se você não quer ir para a escola, não há necessidade. Vamos pedir para o diretor te liberar hoje.” Mas eu permanecia quieto.

E também sou grato porque aqueles momentos de silêncio me deram muito. E todo mundo gritando e correndo em torno – no meio daquele ciclone eu era o centro, simplesmente sentado debaixo do chuveiro e desfrutando.

Na minha vila, quando nasci, havia uma colônia de oleiros. E os oleiros na Índia carregam os seus potes em jumentos. Essa é a única coisa na Índia que os jumentos são utilizados. A colônia era próxima da minha casa, e haviam muitos jumentos belos, mas o dia todo eles estavam comprometidos em carregar coisas. Apenas à noite eles ficavam livres, e eu também estava livre, então eu ia capturar um jumento.

Ninguém monta um jumento na Índia, porque pensa-se que o jumento é algo intocável. Montar em um jumento... Toda a minha família ficava envergonhada, porque os vizinhos estavam falando para eles, “Vimos o seu filho a caminho do mercado, sentado em um jumento. Não o deixe entrar até que ele vá ao rio e tome um banho.”

Meu pai costumava persuadir-me, “Podemos arranjar e comprar um cavalo para você, se você está tão interessado.”

Eu disse, “Não estou interessado em cavalo de maneira alguma. O meu interesse está nos jumentos. Eles são pessoas muito filosóficas, imprevisíveis. Um jumento pode parar a qualquer momento, e, faça você o que quiser, ele não se moverá. Você não pode entender porque ele parou – e contra o senso comum de que os jumentos são idiotas, a minha experiência é que eles são muito sagazes, políticos espertos.”

Meu pai disse, “Você quer escrever uma tese sobre jumentos, ou o quê?”

Eu disse, “Posso escrever uma, porque a minha experiência com jumentos talvez seja maior do que qualquer outra pessoa.”

Cavalgar em um jumento é uma tarefa difícil; cavalgar em um cavalo não é. Os jumentos são tão espertos, eles nunca vão no meio da estrada. Eles sempre vão esfregar as suas pernas em um muro. Naturalmente vocês saltarão!

Era tão difícil mantê-los no meio da estrada. Eles iam pela esquerda ou pela direita, mas nunca ficavam no meio. Então eu disse ao meu pai, “Jumentos são direitistas ou esquerdistas, mas eles não são budistas.”

Buda costumava ensinar a seus discípulos, “Sigam o caminho do meio.” Os jumentos são as únicas pessoas que Buda não foi capaz de convencer. E não acho que eles são estúpidos, porque quando ninguém os está cavalgando, eles andam no meio. Eles são espertos. E em um dia quente, vocês podem vê-los debaixo das árvores.

E a própria face de um jumento é filosófica, como se eles estivessem pensando em grandes coisas. Apenas olhe para a face de um jumento e vocês sempre sentirão que ele está pensando muito.

Finalmente a minha família decidiu que eu não podia entrar na cozinha – “porque não sabemos exatamente se você esteve cavalgando em um jumento ou não.” Então eu estava sempre sentado fora da cozinha. Eu não tinha permissão de entrar na cozinha; particularmente a minha avó não... Eu era um pária!

Ouvindo os pássaros eu me lembro... Fora da minha classe do ensino médio havia belas mangueiras. E é nas mangueiras que os cucos fazem os seus ninhos. Esse é o cuco que está chamando, e não há nada mais doce do que o som de um cuco.

Então eu costumava sentar-me perto da janela, olhando para os pássaros, para as árvores, e os meus professores ficavam muito irritados. Eles diziam, “Você tem que olhar para o quadro negro.”

Eu disse, “É a minha vida, e tenho todo o direito de escolher onde olhar. Lá fora é tão belo – os pássaros cantando, as flores, as árvores, e o sol passando pelas árvores – não acho que o seu quadro negro pode ser um competidor.”

O professor ficou tão bravo que disse-me, “Então você pode sair e ficar lá fora da janela, a menos que você esteja pronto para olhar para o quadro negro – porque estou ensinando-lhe matemática, e você está olhando para as árvores e os pássaros.”

Eu disse, “Esta é uma grande recompensa que você está me dando, não uma punição.” E eu lhe disse adeus.

Ele disse, “O que você quer dizer?”

Eu disse, “Nunca vou entrar, ficarei todo dia do lado de fora da janela.”

Ele disse, “Você deve estar louco. Vou contar para o seu pai, para a sua família: ‘Vocês estão gastando dinheiro e ele está ficando do lado de fora.’”

Eu disse, “Você pode fazer qualquer coisa que quiser. Sei como lidar com o meu pai. E ele sabe perfeitamente bem que, se me decidi, então permanecerei do lado de fora da janela – nada pode mudar isso.”

O diretor costumava ver-me do lado de fora da janela todo dia quando ele vinha para a ronda. Ele ficou intrigado com o que eu estava fazendo lá todo dia. No terceiro ou quarto dia ele veio até mim, e disse, “O que você está fazendo? Por que você segue sentado aqui?”

Eu disse, “Fui recompensado.”

Ele disse, “Recompensado? Por quê?”

Eu disse, “Fique apenas do meu lado e ouça as músicas dos pássaros. E a beleza das árvores... E olhar para aquele quadro negro e aquele professor estúpido... porque apenas pessoas estúpidas tornam-se professores; elas não podem encontrar nenhum outro trabalho. A maioria são graduados de terceira categoria. Então nem quero olhar para aquele professor, nem quero olhar para o quadro negro. No que diz respeito à matemática, você não precisa se preocupar – vou lidar com isso. Mas não posso perder essa beleza.”

Ele ficou do meu lado, e disse, “Certamente é belo. Fui diretor por vinte anos nessa escola e nunca vim até aqui. Concordo com você que isso é uma recompensa. Em relação à matemática, tenho mestrado na área. Você pode vir à minha casa a qualquer hora, e eu te ensinarei matemática – mas você continua ficando aqui fora.”

Então eu ganhei um professor melhor, o diretor da escola, que era também um matemático melhor. E meu professor de matemática ficou muito intrigado. Ele pensou que eu iria cansar depois de alguns dias, mas o mês todo passou. Então ele saiu e disse, “Desculpe-me, porque dói-me o tempo todo estar na aula que forcei você a ficar de fora. E você não fez nenhum dano. Você pode sentar-se aqui dentro e olhar para qualquer lugar que você quiser.”

Eu disse, “Agora é muito tarde.”

Ele disse, “O que você quer dizer?”

Eu disse, “Quero dizer que agora eu aprecio estar do lado de fora. Sentando-se atrás da janela apenas uma pequena porção das árvores e dos pássaros estão disponíveis; aqui todas as milhares de mangueiras estão disponíveis. E, no que diz respeito à matemática, o diretor está me ensinando ele próprio; toda noite vou até ele.”

Ele disse, “O quê?”

Eu disse, “Sim, porque ele concordou comigo que isso é uma recompensa.”

Ele foi diretamente até o diretor e disse, “Isso não é bom. Eu o puni e você está encorajando-o.”

O diretor disse, “Esqueça a punição e o encorajamento – você também precisa ficar lá fora às vezes. Agora não posso esperar; caso contrário eu sairia fazendo a ronda como era rotina, mas agora não posso esperar... A primeira coisa que tenho que fazer é a ronda, ficar com aquele garoto e olhar para as árvores.

“Pela primeira vez aprendi que existem coisas melhores do que a matemática – os sons dos pássaros, as flores, as árvores verdejantes, os raios de sol atravessando as árvores, o vento soprando, cantando a sua música. De vez em quando você também deveria acompanhá-lo.”

Ele voltou muito arrependido e disse, “O diretor me contou o que aconteceu, então o que devo fazer?” Ele perguntou-me, “Devo trazer toda a classe para fora?”

Eu disse, “Isso seria ótimo. Podemos nos sentar sob essas árvores e você pode ensinar a sua matemática. Mas não vou entrar na classe, mesmo se você me reprovar – o que você não pode fazer, porque agora eu sei mais matemática do que qualquer estudante da classe. E eu tenho um professor melhor. Você é um bacharel de terceira classe, e ele é um mestre, medalhista de ouro, primeiro lugar da classe.”

Por alguns dias ele pensou sobre aquilo e em uma manhã, quando fui até lá vi que toda a classe estava sentada sob as árvores. Eu disse, “O seu coração ainda está vivo; a matemática não o matou.”

Um dos meus professores da escola primária, quando eu estava na quarta série... Era meu primeiro dia em sua aula, e eu não tinha feito nada muito errado, eu estava fazendo apenas o que vocês fazem na meditação: “Om, Om...” mas dentro, com a boca fechada. Eu havia combinado com alguns dos meus amigos, e eu disse para eles sentarem-se em lugares diferentes para que ele não descobrisse de onde o som estava vindo. Uma vez o som vinha daqui, outra vez de lá; ele seguia procurando de onde o som estava vindo. Então eu disse para eles, “Mantenham as suas bocas fechadas e façam o ‘Om’ lá dentro.”

Por um momento ele não pôde descobrir. Eu estava sentado bem ao fundo. Todos os professores queriam que eu me sentasse na frente para que pudesse manter os seus olhos em mim, e eu sempre queria sentar-me nos fundos de onde você pode fazer muito mais coisas; é mais viável. Ele veio diretamente até mim. Ele deve ter ouvido do professor da terceira série, “Mantenha os olhos nesse garoto!” Então ele disse, “Embora eu não possa descobrir quem são as pessoas que estão fazendo isso, você deve estar fazendo.”

Eu disse, “O quê? O que estou fazendo? Você terá que dizer-me. Apenas dizer, ‘Você deve estar fazendo-o’ não faz sentido. O quê... ?”

Ora, era difícil para ele fazer o que eu estava fazendo, porque aquilo pareceria tolice, e todo mundo começaria a rir. Ele disse, “Qualquer coisa que seja, tape ambos os seus ouvidos com suas mãos e sente-se, levante, sente-se, levante – cinco vezes.”

Eu disse, “Perfeitamente ok.” Perguntei-lhe, “Posso fazê-lo cinquenta vezes?”

Ele disse, “Isso não é uma recompensa, é uma punição.”

Eu disse, “Hoje pela manhã não fiz nenhum exercício, então pensei que essa seria uma grande chance e você ficaria muito feliz. Em vez de cinco vou fazer cinquenta. E lembre-se sempre, quando você me der qualquer tipo de recompensa” – esta foi exatamente a palavra que usei – “sempre que você me der qualquer tipo de recompensa, seja generoso.” E comecei a fazer cinquenta.

Ele disse, “Pare! Isso é suficiente. Nunca vi um garoto assim. Você deveria estar envergonhado por ter sido punido.”

Eu disse, “Não, estou fazendo meu exercício matinal. Você me ajudou, você me recompensou; este é um bom exercício. Na verdade, você deveria fazê-lo também.”

No meu colegial havia dois edifícios, e entre os dois edifícios havia uma distância de pelo menos seis metros. Encontrei um pedaço de madeira com seis metros de comprimento. Primeiramente coloquei-o no chão e perguntei para meus amigos, “Vocês podem andar sobre ele?” E todo mundo era capaz de andar sobre a madeira sem cair. Então coloquei o mesmo pedaço de madeira no alto entre os dois edifícios e, exceto eu, ninguém estava pronto para tentar.

Eu disse, “Isso é estranho, porque vocês andaram sobre a mesma madeira e não caíram.”

Eles disseram, “Era uma situação diferente. Agora é tão perigoso que se um pouco de medo vier, se apenas um passo for errado, cairemos cerca de nove metros.”

Persuadi-os dizendo, “Vocês podem assistir-me; é só não olhar para um lado ou para o outro. Vocês andaram na madeira... e essa é a minha estratégia; não olhar para lugar algum, apenas manter-me totalmente concentrado na madeira e ir. Posso seguir por milhas.”

Quando um dia eu estava persuadindo alguns estudantes, um professor novo chegou, um professor de química, que costumava gabar-se de ser um homem corajoso. Eu disse, “Você é um homem muito corajoso, talvez você possa tentar.”

Ele disse, “Posso tentar.” Mas então olhou para baixo, havia mais de nove metros. Ele andou sessenta centímetros no máximo, caiu e teve fraturas múltiplas.

Fui vê-lo no hospital. Ele me disse, “Nunca vi um sujeito tão perigoso. Qual era a ideia?”

Eu disse, “Você estava se gabando tanto... Quando você melhorar vamos tentar mais algumas ideias.”

Ele disse, “O que você quer dizer?”

Eu disse, “Você só tem que dizer que estava se gabando porque basicamente é um homem que tem muito medo. Para encobrir isso, você se gaba: ‘No meio da noite, na floresta mais escura, posso ir sozinho. Não tenho medo de nenhum fantasma, ladrões, ou assassinos.’”

“Foi você que provocou-me a encontrar algo. E andei antes de você, então eu estava assumindo o risco. Você pensou que porque eu andei, você também seria capaz de andar. Foi aí que você errou.

“Você começou a tremer dos pés à cabeça, mas não podia voltar. Houve um tempo, você poderia ter pulado de volta, você só tinha dado dois passos, mas era contra o seu ego, então você seguiu e caiu. Não é uma fratura múltipla para o seu corpo, é uma fratura múltipla para o seu ego. O seu corpo vai melhorar dentro de duas ou três semanas, mas em relação a seu ego... nunca mencione nada sobre a sua bravura de novo; caso contrário... encontrarei outras coisas.”

Ele disse, “Vou demitir-me dessa escola. Isso é o suficiente. Não quero!”

Eu disse, “Isso é da sua conta. Você pode demitir-se, mas ainda assim vamos tentar alguma coisa.”

E conseguimos tentar. Ele demitiu-se, e levou a sua bagagem – ele não tinha esposa, nenhuma criança, nada. Ele havia acabado de sair da universidade... um homem jovem. Eu e alguns dos meus amigos seguramos ele e fizemos muito barulho; uma grande multidão reuniu-se.

Nós dissemos, “Ele está deixando a sua esposa.”

E ele estava tentando persuadir a multidão, “Não tenho nenhuma esposa. Essas crianças estão todas mentindo, estou simplesmente me demitindo e saindo.”

Eu disse à multidão, “Leve-o para a casa dele. Ele tem esposa e três filhos.”

O homem disse, “Soltem-me, porque vou perder o meu trem. Não posso voltar.”

Mas então a multidão assumiu e disse, “Você não pode ir. Primeiro volte para casa. Por que essas crianças estariam mentindo?” E nós não éramos somente um, eu tinha pelo menos dez garotos alinhados dizendo, “A sua esposa está chorando, os seus filhos estão chorando, e você está deixando-os. Isso não é bom.”

A multidão o segurou – todos nós desaparecemos. Ele estava gritando e falando, “Não sou casado, não tenho filhos, não tenho esposa.”

A multidão disse, “Primeiro você volta para casa.”

Ele disse, “Mas meu trem partirá.”

Eles disseram, “Não nos preocupamos com o trem. Você pode pegá-lo amanhã” – porque havia um único trem por dia. “Então é uma questão de apenas vinte e quatro horas. Primeiro você vai para casa.”

E nós conseguimos encontrar uma mulher muito pobre, que tinha três crianças, e nós dissemos a ela, “Vamos lhe dar cinco rúpias apenas por uma pequena atuação.”

Ela disse, “Mas essa não é uma boa atuação.”

Eu disse, “Qual é o prejuízo? Você cobre a sua face para que ninguém saiba...” E na Índia, com o *ghoonghat* você cobre a sua cabeça; e você chora. E eu disse para as crianças, “Vocês dizem, ‘Papai, por que você está nos deixando?’”

Ele não podia acreditar em seus olhos: havia uma mulher que estava chorando e segurando os seus pés, dizendo, “Não me deixe, você casou-se comigo!” E as três crianças choravam, “Papai!”

E a multidão disse, “O que você diz agora?”

Ele disse, “Ora, o que posso dizer? Nunca vi essas crianças, nunca vi essa mulher, e eles estão sentados na minha casa.”

Estávamos todos presentes ali atrás da multidão. Finalmente eu lhe disse, “O trem está atrasado, não se preocupe.” Levei-o para fora e lhe disse para ele: “Esse é somente um dos truques. Você terá que dar cinco rúpias para a mulher, então você pode ir. Então eu vou tomar conta.”

Ele teve que dar cinco rúpias para a mulher. A multidão perguntou, “O que está acontecendo?”

Eu disse, “Eles chegaram a um acordo. Ele vai embora por apenas dois dias, e ele deu o dinheiro para as despesas dos dois dias; então voltará.”

Então eles deixaram que ele fosse embora. E a mulher me disse depois, “Se você tiver mais desse tipo de atuação... por uma atuação de cinco minutos, cinco

rúpias!” E naqueles dias cinco rúpias era bastante dinheiro. Era possível viver por um mês com cinco rúpias.

Fomos com o professor, e ele estava tão bravo, ele não falava conosco. E eu disse, “Não fique bravo, porque ainda podemos tentar outros truques.”

Ele disse, “Sem mais truques; estou todo fraturado, minhas cinco rúpias se foram e não acho que vou pegar o trem.”

Eu disse, “Não se preocupe, o trem já foi. Você terá que esperar na sala de espera, mas nós fizemos todos os preparativos... você ficará confortável lá. À noite fique um pouco alerta, esteja vigilante.” Eu disse, “Não temos muito tempo, apenas uma noite. Tentamos muitos fantasmas... apenas um fantasma está pronto.”

Ele disse, “Meu Deus!”

Então à noite, na sala de espera... porque à noite não havia trem, o chefe da estação ia embora, a sala de espera e toda a plataforma estariam vazias. Ele disse, “Então não vou à estação. Vou deitar-me em qualquer lugar na rua, no mercado, mas não vou à estação, àquele lugar vazio à noite.”

Eu disse, “Você costumava dizer que não acreditava em fantasmas.”

Ele disse, “Eu costumava dizê-lo, mas vendo os seus truques... quer os fantasmas existam ou não, algum fantasma vai aparecer, e não quero ter mais problemas.”

Aquele homem me encontrou depois de vinte ou vinte e cinco anos. Perguntei-lhe, “Como você está?”

Ele disse, “Como estou? Você me deixou com tanto medo que decidi não me casar, nunca ter filhos, e nunca trabalhar em nenhuma escola; é perigoso. Todo o meu corpo foi destruído, e naquele dia você poderia ter causado muito mais dano, porque toda a multidão estava acreditando em você.”

Eu disse, “Aquela mulher estava pronta para ir contigo, aquelas crianças estavam prontas para segui-lo. Você mesmo as subornou.”

Ele disse, “Eu as subornei? Você sugeriu cinco rúpias, e você conseguiu encontrar aquelas pessoas. E eu conheço aquela mulher e aquelas três crianças; elas viviam no bairro.”

Mas eu disse, “Por que você tremia?”

Ele disse, “Por que eu estava tremendo? Eu estava tremendo porque aquela multidão poderia ter-me empurrado aquela mulher e aquelas crianças. O serviço havia acabado e eu teria uma família que não estava preocupada comigo de maneira alguma. Aquela mulher era tão feia e você foi muito traiçoeiro dizendo-lhe para manter a sua face escondida atrás do sari. Mas tornei-me muito medroso desde então, não trabalhei em nenhuma escola e eu nunca disse para ninguém, ‘Sou um homem corajoso.’ Aceitei que sou um covarde.”

Eu disse, “Se você tivesse aceitado antes essa tragédia teria sido evitada.”

Na minha vizinhança havia um templo, um templo de Krishna, distante apenas algumas casas da minha. O templo era do outro lado da rua, minha casa deste. Na frente do templo vivia o homem que fez o templo; ele era um grande devoto.

O templo era de Krishna em sua infância – porque quando Krishna tornou-se um jovem homem ele criou muito problemas e muitas questões, então existem muitas pessoas que adoram Krishna como uma criança – por isso o templo era chamado o templo de *Balaji*.

Este templo Balaji ficava em frente da casa do homem que o construiu. Por causa do templo e da devoção do homem, contínua devoção... Ele tomava um banho – bem em frente do templo havia um poço – ele primeiro tomava um banho ali. Então fazia as suas orações por horas; e ele era tido como sendo muito religioso. Com o tempo as pessoas começaram a chamá-lo de Balaji também. Tornou-se tão associado que eu mesmo não me lembro do seu nome real, porque desde que notei que ele existia eu só ouvi o seu nome como Balaji. Mas esse não pode ser seu nome; aquele nome deve ter sido porque ele construiu o templo.

Eu costumava ir ao templo porque este era muito belo e silencioso – exceto por esse Balaji que era uma perturbação ali. E por horas – ele era um homem rico, então não havia necessidade de ele preocupar-se com o tempo – três horas de manhã, três horas à noite, ele estava sempre torturando o deus do templo. Ninguém costumava ir até lá, embora o templo fosse tão belo que muitas pessoas gostariam de ir até ele; elas iam para um templo mais longe porque esse Balaji era demais. E o seu barulho – só pode ser chamado de barulho, não era música – o seu canto era tal que tornaria vocês inimigos do canto para sempre.

Mas eu costumava ir lá e nos tornamos amigos. Ele era um homem velho. Eu disse, “Balaji, três horas de manhã, três horas à noite – o que você está pedindo? E todo dia? – e ele não lhe deu?”

Ele disse, “Não estou pedindo nada de coisas materiais. Peço coisas espirituais. E não é uma questão de um dia; você tem que continuar por toda a sua vida e essas coisas serão dadas depois da morte. Mas certamente elas serão dadas: fiz esse templo, sirvo o Senhor, oro; você pode ver até no inverno, com as roupas molhadas...” É pensado como uma qualidade especial de devoção, estar tremendo com as roupas molhadas. A minha própria ideia é que tremendo o canto vem mais fácil. Você começa a gritar para esquecer o tremor.

Eu disse, “A minha ideia a respeito é diferente, mas não vou lhe contar. Só quero uma coisa, porque o meu avô segue dizendo, ‘São apenas covardes; esse Balaji é um covarde. Ele desperdiça seis horas por dia, e a vida é tão curta; e ele é um covarde.’”

Ele disse, “O seu avô disse que sou um covarde?”

Eu disse, “Posso trazê-lo.”

Ele disse, “Não, não o traga ao templo porque será um problema desnecessário – mas não sou um covarde.”

Eu disse, “Ok, veremos se você é um covarde ou não.”

Atrás do seu templo havia o que se chama na Índia de *akhara*, onde as pessoas aprendem luta, fazem exercícios e o tipo indiano de boxe. Eu costumava ir lá – era logo atrás do templo, colado ao templo – então eu era amigo de todos os lutadores de lá. Pedi para três deles, “Hoje à noite vocês terão que ajudar-me.”

Eles disseram, “O que tem que ser feito?”

Eu disse, “Temos que pegar a cama de Balaji – ele dorme para fora de sua casa – nós só temos que pegar a sua cama estreita e colocá-la sobre o poço.”

Eles disseram, “Se ele pular ou algo acontecer ele pode cair no poço.”

Eu disse, “Não se preocupem, o poço não é tão fundo. Eu pulei nele muitas vezes – não é fundo nem perigoso. E, até onde sei, Balaji não vai pular. Ele vai gritar da cama; sentado na cama ele vai chamar o seu Balaji, “Salve-me!”

Com dificuldade pude convencer três pessoas: “Vocês não têm nada a ver com isso realmente. Sozinho não posso carregar a sua cama, e estou pedindo porque vocês são todos fortes. Se ele acordar no meio do caminho será difícil alcançarmos o poço. Esperarei vocês. Ele vai dormir às nove da noite, às dez a rua está vazia e às onze é o momento certo, para não arriscarmos. Às onze podemos agir.”

Apenas duas pessoas apareceram; uma não apareceu, então éramos apenas três. Eu disse, “Isso é difícil. Um lado da cama... e se Balaji acordar...” Eu disse, “Esperem, terei que chamar o meu avô.”

E eu disse ao meu avô, “Isso é o que nós vamos fazer. Você tem que nos dar uma pequena ajuda.”

Ele disse, “Isso é um pouco demais. Você é muito ousado ao pedir para seu próprio avô fazer isso àquele pobre homem que não fez mal a ninguém, exceto que ele grita seis horas por dia... mas nós nos acostumamos.”

Eu disse, “Não vim para argumentar sobre. Apenas venha, e qualquer coisa que você quiser, a qualquer momento, eu vou ficar lhe devendo; você só diz e eu vou fazer. Mas você tem que vir nisso. E não é muito – apenas uma rua de quatro metros tem que ser cruzada sem acordar Balaji.”

Então ele foi. É por isso que eu digo que ele era um homem raro – ele tinha setenta e cinco anos! Ele foi. Ele disse, “Ok, vamos ter mais essa experiência e ver o que acontece.”

Os dois lutadores começaram a fugir ao verem o meu avô. Eu disse, “Esperem, onde vocês estão indo?”

Eles disseram, “O seu avô está vindo.”

Eu disse, “Estou trazendo-o. Ele é a quarta pessoa. Se vocês escaparem estarei perdido. Meu avô e eu não conseguiremos. Podemos carregá-lo, mas ele acordará. Vocês não precisam se preocupar.”

Eles disseram, “Você tem certeza em relação ao seu avô – porque eles são quase da mesma idade; eles podem ser amigos e algum problema pode surgir. Ele pode contar sobre nós.”

Eu disse, “Estou aqui, ele não pode me colocar em apuros. Então vocês não precisam ter medo; vocês não terão nenhum problema, e ele não sabe os nomes de vocês ou qualquer coisa.”

Carregamos Balaji e colocamos a sua cama sobre o pequeno poço. Apenas ele costumava banhar-se ali, e de vez em quando eu pulava no poço, coisa que ele era muito contra – mas o que posso fazer? Uma vez que eu tinha pulado, ele tinha que arranjar para me tirar. Eu disse, “O que você pode fazer agora? A única coisa é tirar-me. E se você me incomodar, vou pular todos os dias. E se você falar sobre isso para a minha família, então saiba que vou começar a trazer os meus amigos para pularem. Então mantenha-o como um segredo entre nós. Você toma o seu banho fora, eu tomo meu banho dentro; não há nenhum mal.”

Era um poço muito pequeno, então a cama coube completamente sobre ele. Eu disse ao meu avô, “Vá embora, porque se você for pego, então toda a cidade vai pensar que isso foi longe demais.”

E então, de longe nós começamos a jogar pedras para acordá-lo... porque se não o acordássemos a noite toda, ele poderia virar-se e cair no poço, e algo poderia dar errado. No momento em que ele acordou ele deu um baita grito! Ouvimos a sua voz, mas isso...! Toda a vizinhança reuniu-se. Ele estava sentado na sua cama e disse, “Quem fez isso?” Ele estava tremendo de medo.

As pessoas disseram, “Por favor saia da cama pelo menos. Então vamos descobrir o que aconteceu.”

Eu estava lá na multidão e disse, “Qual é o problema? Você poderia ter chamado o seu Balaji. Mas você não o chamou, você deu um grito e esqueceu completamente de Balaji. Seis horas de treinamento todo dia por toda a sua vida...”

Ele olhou para mim e disse, “Isso também é um segredo?”

Eu disse, “Agora você tem que manter dois segredos. Um você já manteve por muitos anos. Esse agora é o segundo.”

Mas a partir daquele dia ele parou de gritar seis horas no templo. Fiquei intrigado. Todo mundo ficou. Ele parou de tomar banho naquele poço, e simplesmente esqueceu daquelas três horas à noite e três horas de manhã. Ele arranjou um empregado sacerdote para vir toda manhã fazer uma pequena adoração e isso era tudo.

Perguntei-lhe, “Balaji, o que aconteceu?”

Ele disse, “Contei-lhe uma mentira que não tenho medo. Mas naquela noite, acordando em cima do poço – aquele grito não foi meu.” Vocês podem chamá-lo de grito primal. Não foi dele, isso certamente é verdade. Deve ter vindo do seu inconsciente mais profundo. Ele disse, “Aquele grito me tornou consciente de que realmente sou um homem medroso, e todas as minhas orações não são nada além de tentativas de persuadir Deus a me salvar, ajudar, proteger.

“Mas você destruiu tudo isso, e o que você fez foi bom para mim. Terminei com toda aquela bobagem. Torturei toda a vizinhança a minha vida inteira, e se você não tivesse feito aquilo, eu poderia ter continuado. Estou consciente agora que tenho medo. E sinto que é melhor aceitar o medo porque toda a minha vida foi sem sentido e o meu medo é o mesmo.”

Em 1970 fui pela última vez à minha cidade. Eu tinha uma promessa com a mãe da minha mãe que, quando ela morresse – ela tomou aquilo como uma promessa – eu iria. Então fui. Saí pela cidade para encontrar as pessoas e vi Balaji. Ele parecia um homem totalmente diferente. Perguntei-lhe, “O que aconteceu?”

Ele disse, “Aquele grito mudou-me completamente. Comecei a viver o medo. Ok, se sou um covarde, então sou um covarde: não sou responsável por isso. Se há medo, há medo; nasci com ele. Mas vagarosamente, conforme minha aceitação aprofundou-se, aquele medo desapareceu, aquela covardia desapareceu.

“Na verdade dispensei o servo do templo, porque se as minhas orações não foram ouvidas, então como as orações de um servo seriam ouvidas... um servo que vai a trinta templos por dia?” – porque ele ganha duas rúpias em cada templo. “Ele está orando por duas rúpias. Então o dispensei e estou perfeitamente tranquilo, não me preocupo nem um pouco se Deus existe ou não. Isso é problema dele, por que eu deveria preocupar-me?”

“Mas estou me sentindo muito revigorado e muito jovem na minha idade avançada. Eu queria vê-lo, mas não pude ir. Estou muito velho. Eu queria agradecer-lo porque você fez aquela travessura; caso contrário eu teria continuamente rezado e morrido, e tudo teria sido insignificante, inútil. Agora morrerei mais como um homem liberto, completamente liberto.” Ele me levou para a sua casa. Eu havia estado ali antes; todos os livros religiosos foram removidos. Ele disse, “Não estou mais interessado em tudo aquilo.”

Meu pai me levaria consigo se ele fosse para alguma cerimônia, casamento, festa de casamento, em qualquer lugar. Ele me levaria com a condição de que eu deveria permanecer absolutamente em silêncio, “Caso contrário, permaneça em casa.”

Eu diria, “Mas por quê? Todo mundo pode falar, exceto eu!”

Ele disse, “Você sabe, eu sei, e todo mundo sabe porque você não pode falar – porque você é uma perturbação.”

“Mas,” eu disse, “nas coisas que têm a ver comigo, você me promete que você não vai interferir e eu prometo para você que permanecerei em silêncio.”

E muitas vezes aconteceu de ele ter que interferir. Por exemplo, se algum idoso estava presente – um parente distante, mas na Índia isso não importa – o meu pai tocava os seus pés, e dizia, “Toque os pés dele.”

Eu disse, “Você está interferindo em mim, e nosso contrato terminou. Por que eu devo tocar os pés desse velho homem? Se você quer tocá-los, você pode tocá-los duas vezes, três; não vou interferir. Mas por que devo tocar os pés dele? Por que não a sua cabeça?”

E aquilo foi uma perturbação suficiente. Todo mundo me explicaria que ele era velho. Eu disse, “Tenho visto muitas pessoas velhas. Bem na frente da minha casa existe um elefante velho; eu nunca toquei os seus pés. Esse elefante pertence ao sacerdote; é um elefante muito velho. Nunca toquei os seus pés, e ele é muito sábio – penso que mais sábio que esse velho homem.”

“Apenas ser velho não lhe dá nenhuma qualidade. Um tolo permanece um tolo – talvez se torna mais tolo conforme fica mais velho. Um idiota torna-se mais idiota conforme fica velho, porque você não pode permanecer o mesmo, você crescerá. E o idiota, quando ele fica senil... então a sua idiotice é multiplicada. E esse é o momento em que ele se torna muito respeitável. Não vou tocar os pés desse velho homem a não ser que seja provado para mim porque eu deveria.”

Certa vez fui a um funeral; um dos meus professores havia morrido. Ele era meu professor de sânscrito – um homem muito gordo, com aparência engraçada, vestido estranhamente da maneira dos velhos brâmanes, dos antigos brâmanes, com um turbante muito grande. Ele era motivo de risos em toda a escola, mas ele era muito inocente também. A palavra hindi para inocente é *bhole*, então nós o chamávamos de Bhole. Quando ele entrava na classe, toda classe recitava em voz alta, “Jai Bhole” – vida longa ao Bhole. E, é claro, ele não podia punir todos os estudantes; caso contrário, como ele poderia ensinar, para quem ele ensinaria?”

Ele morreu. Então, naturalmente, pensando que porque ele era meu professor eu iria comportar-me, meu pai não pediu pelo contrato. Mas não pude me comportar, porque eu não esperava o que aconteceu lá – ninguém esperava. O seu corpo estava lá quando chegamos. A sua esposa veio correndo e caiu sobre ele e disse, “Ó meu Bhole!” Todo mundo permaneceu em silêncio, mas não pude. Tentei bastante, mas quanto mais eu tentava, mais difícil era. Eu explodi em risos e disse, “Isso é ótimo!”

Meu pai disse, “Não fiz um contrato com você pensando que, como ele era seu professor, você seria respeitoso.”

Eu disse, “Não sou desrespeitoso, mas estou surpreso pela coincidência. Bhole era seu apelido e ele costumava ficar bravo com ele. Agora o pobre sujeito

está morto e sua esposa está chamando-o de Bhole e ele não pode fazer nada. Estou somente sentindo dó por ele!”

Todo o lugar que eu costumava ir com o meu pai ele sempre fazia o contrato; mas ele era sempre o primeiro a quebrá-lo porque alguma coisa aconteceria e ele teria que dizer algo. E isso era o suficiente, porque aquela era a condição – que ele não interferiria em mim.

Um monge jaina estava na cidade. Os monges jainas sentam-se em um palanque muito alto, para que mesmo em pé vocês possam tocar os seus pés com a sua cabeça... um palanque de pelo menos um metro e meio, um metro e oitenta – e eles sentam-se nele. Os monges jainas movem-se em grupo, eles não têm permissão para viajarem sozinhos; cinco monges jainas devem viajar juntos. Esta é uma estratégia, para que os quatro fiquem de olho no quinto, para ver se ninguém tenta pegar uma Coca-Cola – a menos que todos conpirem. E vi eles conspirando e pegando uma Coca-Cola, por isso lembrei-me.

Eles não têm permissão nem para beber à noite, e os vi bebendo Coca-Cola à noite. Na verdade, de dia era perigoso beber Coca-Cola – e se alguém visse! – então, apenas à noite... Eu próprio forneci, então não havia problema. Quem mais forneceria para eles? Nenhum jaina estaria pronto para fazê-lo, mas eles me conheciam, e sabiam que eu estava pronto para fazer qualquer coisa ultrajante.

Então cinco palanques estavam lá, mas um monge estava doente, então quando fui lá com o meu pai, fui até o quinto palanque e sentei-me sobre ele. Ainda posso lembrar-me do meu pai e da forma que ele me olhava... ele não podia nem encontrar palavras: “O que dizer a você?” E ele não podia interferir, porque eu não havia feito nada errado para ninguém. Apenas sentado em um palanque, um palanque de madeira, eu não estava machucando ninguém. Ele chegou mais perto de mim e disse, “Parece que você fará qualquer coisa que tenha intenção de fazer, com contrato ou sem contrato; então de agora em diante não faremos o contrato, porque ele é absolutamente desnecessário.”

E aqueles quatro monges estavam em tamanho desconforto, e eles também não podiam falar nada – o que dizer? Um deles finalmente disse, “Isso não está certo. Ninguém que não é um monge deve sentar-se em um nível igual.” Então eles disseram para o meu pai, “Desça-o.”

Eu disse, “Pensem duas vezes. Lembrem-se da garrafa!” – porque eu tinha fornecido a Coca-Cola a eles.

Eles disseram, “Sim, está certo, lembramos da garrafa. Você fica sentado no palanque o quanto você quiser.”

Meu pai disse, “Que garrafa?”

Eles disseram, “Estamos perfeitamente satisfeitos. Você pode sentar-se aí, não há mal – mas por favor fique quieto em relação à garrafa.”

Ora, muitas pessoas estavam lá, e todas elas ficaram interessadas... que garrafa? Quando eu saí do templo todo mundo reuniu-se; todo mundo disse, “O que é essa garrafa?”

Eu disse, “Isso é um segredo. E esse é o meu poder sobre esses tolos cujos pés vocês seguem tocando. Se eu quiser, posso fazer com que eles toquem os meus pés; caso contrário – a garrafa...” Esses tolos!

O meu pai, no caminho de casa, perguntou-me, “Você pode falar apenas para mim. Não vou contar para ninguém: o que é esta garrafa? Eles beberam vinho?”

Eu disse, “Não. As coisas não foram tão longe, mas se eles ficarem aqui mais alguns dias, vou conseguir isso também. Posso forçá-los a beber vinho... caso contrário darei o nome da garrafa.”

Toda a cidade estava discutindo sobre a garrafa, do que era e por que eles ficaram com medo: “Nós sempre pensamos que eles eram grandiosos sábios espirituais, e esse garoto os deixou com medo. E todos eles permitiram que ele se sentasse no palanque, o que é contra as escrituras.” Todo mundo estava atrás de mim. As pessoas estavam prontas para subornar-me: “Peça qualquer coisa – você só precisa contar a nós qual o segredo da garrafa.”

Eu disse, “É um segredo muito grande, e não vou o contar para vocês. Por que vocês não perguntam aos seus monges qual é a garrafa? Eu posso estar lá, então eles não poderão mentir – e então saberão qual tipo de pessoas vocês estão adorando.”

Na minha infância eu costumava ir logo pela manhã ao rio. Era uma pequena vila. O rio era muito caudaloso, como se não corresse de maneira alguma. De manhã quando o sol ainda não havia surgido você não poderia ver que o rio estava fluindo; ele era tão caudaloso e silencioso. E de manhã quando não havia ninguém, os banhistas ainda não tinham vindo, era tremendamente silencioso. Até mesmo os pássaros ainda não cantavam na manhã – muito cedo, nenhum som, apenas o silêncio permeia. E o cheiro das mangueiras pairando por todo o rio.

Eu costumava ir até lá, até o canto mais longínquo do rio, apenas para sentar-me, somente para estar lá. Não havia necessidade de fazer nada, apenas estar lá era suficiente; era uma experiência bela estar lá. Eu tomava um banho, nadava, e quando o sol saía eu ia para a outra margem, até uma vasta área de areia, e secava-me ali sob o sol, deitava-me ali e, às vezes, até dormia.

Quando eu voltava a minha mãe perguntava, “O que você esteve fazendo a manhã toda?”

Eu diria, “Nada,” porque, de fato, eu não havia feito nada.

E ela diria, “Como é possível que você não esteve fazendo nada? Você deve ter feito alguma coisa.” E ela estava certa, mas eu também não estava errado.

Eu não estava fazendo nada. Eu estava apenas lá com o rio, sem fazer nada, permitindo que as coisas ocorressem. Se sentisse que devia nadar, se eu *sentisse*, eu nadaria, mas isso não era um fazer da minha parte, eu não estava forçando nada. Se sentisse sono, eu dormiria. As coisas estavam acontecendo, mas não havia um executor. E as minhas primeiras experiências de *satori* começaram nas proximidades daquele rio: sem fazer nada, apenas estando ali, milhões de coisas aconteceram.

Mas ela insistia que, “Você devia estar fazendo algo.”

Então eu diria, “Ok, tomei um banho e sequei-me ao sol,” e então ela ficava satisfeita. Mas não era isso – porque o que acontecia ali no rio não é expresso por palavras; “Tomei um banho” parece tão pobre e pálido. Brincando com o rio, flutuando no rio, nadando no rio, era uma experiência tão profunda; dizer simplesmente, “Tomei um banho,” não faz sentido. Dizer apenas “Fui até lá, andei na praia, sentei-me lá,” não expressa nada.

Na minha vila havia um homem muito belo, velho e bom. Todo mundo o amava; ele era tão simples e inocente, mesmo tendo mais de oitenta anos. E do lado da minha vila corria um rio. Ele havia feito um local próprio e especial no rio, onde costumava tomar o seu banho. Desde quando as pessoas se lembravam ele sempre esteve ali, entra dia, sai dia, entra ano, sai ano; quer fosse uma estação chuvosa, verão ou inverno, isso não fazia diferença; se ele estava doente ou saudável, isso não fazia diferença. Ele estaria ali exatamente às cinco horas da manhã, no seu local. E este ficava na parte mais profunda do rio, então ninguém ordinariamente costumava ir até lá – e ficava longe.

As pessoas costumavam ir ao rio; este ficava a cem metros da minha casa, mas aquele local ficava a quase três quilômetros de distância. E assim como as nossas colinas em torno do rio, vocês tinham que atravessar uma montanha, mais uma e ainda outra, então vocês chegariam naquele local. Mas era um local belo. Quando tornei-me consciente dele, comecei a ir até lá. E nós imediatamente nos tornamos amigos porque... vocês me conhecem, que tipo de pessoa eu sou. Se ele estaria lá às cinco, eu teria que estar lá às três. Um dia, dois dias, três dias... ele disse, “O que está acontecendo? Você decidiu derrotar-me?”

Eu disse, “Não. Esse não é o ponto, mas estarei aqui às três – assim como você decidiu estar aqui às cinco.”

Ele disse, “Você sabe nadar?”

Eu disse, “Não sei, mas você não precisa se preocupar. Se as outras pessoas podem nadar, então eu posso nadar. Se você pode nadar, então qual o problema? Uma coisa é certa: que é humanamente possível, isso é o suficiente. No máximo posso afogar-me – e daí? Um dia todo mundo tem que morrer. Não importa.”

Ele disse, “Você é perigoso. Vou ensinar-lhe a nadar.”

Eu disse, “Não. Você simplesmente se senta aí e eu vou pular. Não tente me salvar se eu estiver morrendo; mesmo se eu lhe chamar para salvar-me, não ouça.”

Ele disse, “Que tipo de criança você é? Você estará chorando, ‘Salve-me!’ e eu não devo salvá-lo?”

Eu disse, “Sim. Eu não vou estar chorando. Estou apenas deixando tudo absolutamente claro. Talvez quando eu estiver afogando, morrendo ou sufocando, ou quando a água estiver entrando pelo meu nariz e boca eu comece a gritar, ‘Salve-me!’ mas quero ser claro: não quero ser salvo por ninguém em nenhum caso. Ou vou sair sabendo o que é nadar, ou vou afundar, sabendo que o nadar não é para mim.”

E antes que ele pudesse parar-me, pulei. Certamente eu tive que afundar duas ou três vezes e emergir. E ele estava lá, esperando, para que se eu o chamasse... mas simplesmente acenei com a minha mão, que não, eu não iria o chamar. Três ou quatro vezes afundei, subi, joguei minhas mãos aleatoriamente, porque eu não tinha ideia de como nadar – mas o que você pode fazer? Quando você está se afogando tenta todas as formas possíveis. E dentro de cinco minutos eu havia pego o jeito.

Voltei e lhe disse, “Você estava me oferecendo ensinar-me isso – que pude aprender em cinco minutos? Eu só tive que arriscar, e aceitar o fato: no máximo poderia significar a morte.”

Nadar é jeito, não é uma arte que qualquer um tem que aprender. Você só tem que ser jogado na água. Você necessariamente vai começar a respingar e jogar as suas mãos e pernas, e logo você vai descobrir que se você jogar as suas mãos e pernas de uma forma harmoniosa, em sincronicidade, então a própria água lhe mantém flutuando.

Eu disse àquele velho homem, “Tenho visto corpos mortos passando pelo rio. Quando um homem morto pode nadar, você quer me dizer que estou vivo e não posso nadar? Até mesmo o homem morto conhece a arte.”

Nas chuvas, quando ocorrem as enchentes, muitas vezes acontecia de uma vila inteira ser levada pelo rio – muitas pessoas, corpos, animais mortos passavam. Então eu disse, “Mesmo as pessoas mortas são levadas, rapidamente. Estou vivo, então deixe-me ter a chance de aprender por mim mesmo, porque o meu sentimento é que é apenas jeito. Que arte pode existir ali? Não é artesanato, ou uma arte difícil a ser entendida. Tudo o que vejo é que as pessoas estão jogando as suas mãos – então eu posso jogar as minhas também.”

Desde o início não fiz nada nessa vida para ser corajoso, ou esperto e inteligente, e nunca pensei nisso como coragem, esperteza ou inteligência. Foi só depois que, aos poucos, tornei-me consciente de quão estúpidas as pessoas são. Foi apenas uma reflexão tardia; no começo eu não estava consciente que eu era corajoso. Eu estava pensando que todo mundo era igual. Só depois tornou-se claro para mim que todo mundo não é igual.

Essa era uma das minhas alegrias em minha infância – ir ao morro mais alto do lado do rio e pular! Muitos garotos vizinhos vinham comigo e eles tentavam. Mas eles iam até a margem e voltavam; vendo a altura eles diziam, “De repente algo aconteceu.” Eu costumava mostrá-los repetidas vezes que “Se eu posso pular – não tenho um corpo de aço – e se continuo controlando, sobrevivendo, por que você não poderia?”

Eles diziam, “Tentamos o máximo que pudemos” – e eles realmente tentavam. Havia um garoto brâmane vizinho que estava muito humilhado por causa disso, porque ele não podia pular. Então ele deve ter perguntado a seu pai, “O que fazer? ... porque é muito humilhante. Ele sobe no topo do morro e pula de lá, e nós só assistimos. Podemos ver que se ele pode pular, nós também podemos pular; não há problema nisso. Se a altura não pode o matar, por que ela nos mataria? Mas assim que juntamos coragem, fazendo todos os tipos de esforços e nos apressamos, de repente há um breque.

“De onde ele vem nós não sabemos, somente brecamos; algo dentro de nós diz, ‘Não, essas pedras e esse rio... se você cair em alguma pedra, ou... o rio é profundo. E quando você cai de uma altura, primeiro você vai até o fundo do rio, só então você volta; você não pode fazer mais nada.’”

O pai dele disse, “Isso não é bom” – porque o seu pai era um pugilista muito bom, um dos campeões do distrito. Ele costumava gerir um ginásio e ensinar as pessoas como lutar a luta livre indiana. Esta é uma luta mais humana, habilidosa e artística do que o boxe.

Se a criança fosse filha de outra pessoa ele teria dito para ela não ir até lá de jeito nenhum, mas esse homem não era desse tipo. Ele disse, “Se ele pode pular e você não, isso é uma desgraça para mim. Irei com você, ficarei lá. E não se preocupe: quando ele pular, você pula.”

Eu não tinha ideia de que o seu pai estaria lá. Quando fui até lá, vi o pai, o filho e alguns outros garotos que haviam se reunido para ver. Dei uma olhada e descobri o que estava acontecendo. Eu disse para o garoto, “Hoje você não precisa se preocupar – deixe o seu pai pular. Ele é um grande pugilista e não haverá problemas para ele.”

O pai olhou para mim, porque ele tinha vindo apenas para encorajar o garoto para que ele não se tornasse um covarde. Ele disse, “Então eu tenho que pular?”

Eu disse, “Sim. Prepare-se!”

Ele olhou para baixo e disse, “Sou um *pugilista*. Essas pedras e esse rio... e você encontrou o lugar! Você deve ter treinado aqui. Qualquer outra pessoa tentando pular quebrará o pescoço, perna ou qualquer coisa.”

Eu disse, “Você trouxe o seu filho.”

Ele disse, “Eu o trouxe sem saber da situação. Pensei que se você pudesse pular, ele também poderia; ele é da mesma idade. Mas aqui, vendo a situação, preocupei-me e pensei que se você não aparecesse hoje seria uma grande coisa, porque o meu garoto não ia sobreviver. Mas você é esperto: você simplesmente largou o meu garoto e me pegou. Vou tentar.”

E a mesma coisa aconteceu. Mesmo aquele pugilista que era tão corajoso – de toda forma ele esteve lutando a vida toda... Mas ao chegar à margem, a pausa repentina – porque a encosta era tal, pelo menos quinze metros de altura, e o rio tinha nove metros de profundidade, e as pedras eram tais que estava fora do seu controle onde você aterrissaria, o que lhe atingiria. E de pé no topo do morro... o vento era tão forte que você poderia simplesmente ser morto.

Ele apenas parou lá e disse, “Desculpe-me.” E ele disse para seu filho, “Filho, vamos para casa. Isso não é para você. Deixe-o fazer – talvez ele saiba de algo.”

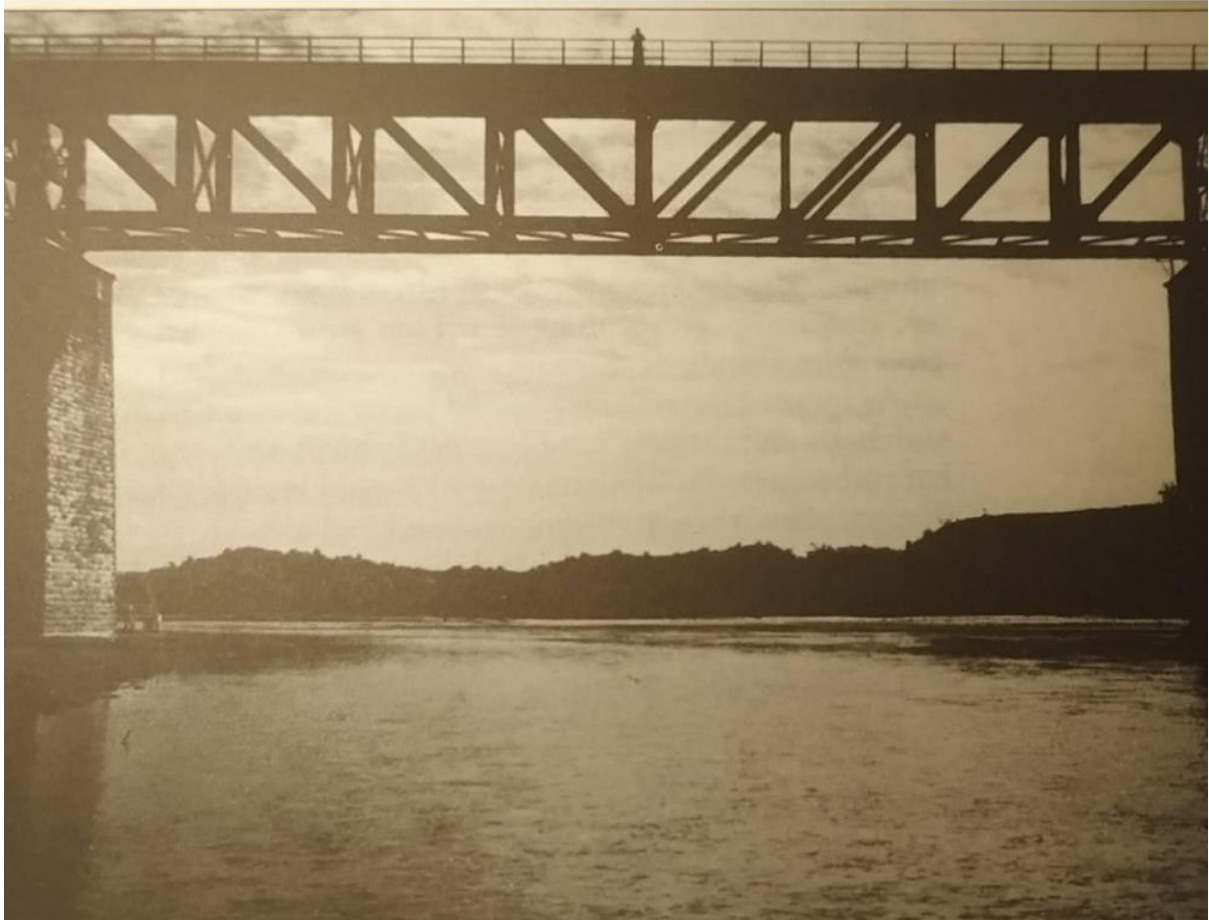
Aquele dia senti-me estranho: por que aquela pausa não acontecia comigo? – e tentei em locais muito estranhos.

A ponte do trem era o ponto mais alto sobre o rio, naturalmente, porque nas chuvas o rio enchia tanto que a ponte tinha sempre que permanecer acima dele, então ela foi feita no ponto mais alto. E havia sempre dois guardas perambulando na ponte, por duas razões: a primeira, para que ninguém cometesse suicídio, porque aquele era o lugar para as pessoas cometerem suicídio... Apenas cair de lá no rio era o suficiente. Você nunca alcançava o rio vivo, você perderia o seu ar no meio. Era tão alto que apenas olhar para baixo era suficiente para lhe dar um sentimento nauseante.

E em segundo lugar, havia um medo dos revolucionários que estavam plantando bombas, explodindo pontes, queimando trens. Derrubar uma ponte era muito significativo para os revolucionários porque aquelas pontes estavam unindo duas partes da província. Se a ponte fosse quebrada então o exército não poderia passar; então os revolucionários podiam fazer algo do outro lado onde não havia quartéis do exército. Então esses guardas estavam lá vinte e quatro horas por dia. Mas eles me aceitaram.

Expliquei para eles, “Não quero cometer suicídio, nem vim para explodir a sua ponte. De fato quero que a ponte seja guardada cuidadosamente porque esse

é o *meu* lugar. Se essa ponte se for então o meu ponto mais alto para pular não existirá mais.”



A PONTE FÉRREA QUE OSHO COSTUMAVA PULAR

Eles disseram, “Essa é a sua prática?”

Eu disse, “Esta é a minha prática. Vocês podem assistir, e uma vez que vocês vejam, ficarão convencidos de que não tenho nenhum outro desejo.”

Eles disseram, “Ok, vamos assistir.”

Eu pulei. Eles não podiam acreditar. Quando voltei perguntei para eles, “Querem tentar?” Eles disseram, “Não, mas para você está sempre livre – você pode vir a qualquer momento. Vimos você saltando tão facilmente, mas não podemos pular – sabemos de pessoas que morreram aqui.”

Aquela ponte era conhecida como Ponte da Morte e era a maneira mais fácil e barata de cometer suicídio. Mesmo se vocês comprassem veneno, algum dinheiro fora gasto, mas daquela ponte era muito simples. O rio era mais profundo ali e levava qualquer pessoa. Ninguém nem encontraria o seu corpo porque a apenas alguns poucos quilômetros ele encontrava um rio maior, um rio imenso – e você teria ido para sempre.

Vendo o medo nas faces daqueles guardas, vendo o medo naquele pugilista, eu simplesmente comecei a perguntar-me, “Talvez faltem as barreiras de proteção; talvez elas deviam estar aqui porque protegem.” Mas conforme comecei a crescer – e eu cresci em altura, não fiquei mais velho. Desde meu

nascimento eu estive crescendo em altura, cada vez mais alto. Nunca pensei que eu estava ficando mais velho. Apenas idiotas ficam mais velhos, o restante cresce para cima.

Conforme eu crescia comecei a tornar-me consciente da minha vida passada, e morte, e lembrei-me quão facilmente eu havia morrido – não apenas facilmente, mas entusiasticamente. O meu interesse era mais em conhecer o desconhecido que estava à frente, do que o conhecido que eu já tinha visto.

Nunca olhei para trás. Esse foi o modo de toda a minha vida – não olhar para trás. Não há motivo. Você não pode voltar, então por que perder tempo? Estou sempre olhando para frente. Mesmo no ponto da morte eu estava olhando para frente.

Um dos meus professores costumava começar a sua aula todo dia com esse ritual: “Primeiro ouçam as minhas condições. Não aceito dor de cabeça, não aceito dor de estômago. As coisas que não as posso encontrar, não as aceito. Sim, se vocês tiverem febre, aceito porque posso checar se a temperatura de vocês está alta. Então lembrem-se, ninguém deve pedir para sair por coisas que são improváveis. Até mesmo um doutor não pode provar se existe uma dor de cabeça ou não.” Ele prevenia quase tudo porque você teria que produzir uma doença visível, somente então poderia sair; mas tive que encontrar um jeito, porque isso era inaceitável.

Ele era um homem velho, então tudo o que precisei fazer foi, à noite... Ele era velho, mas muito forte e muito particular em relação aos exercícios, em relação à caminhada, então ele costumava levantar cedo, às cinco da manhã, e no escuro ele fazia uma longa caminhada. Então eu só tive que pôr algumas cascas de banana na frente da sua porta. De manhã ele caiu e teve dores nas costas. Eu estava imediatamente disponível porque sabia de tudo.

Ele disse, “As minhas costas estão doendo tanto.”

Eu disse, “Não mencione nada que você não pode provar.”

Ele disse, “Mas quer eu possa prová-la ou não, não poderei ir para a escola hoje.”

“Então,” eu disse, “você terá que parar com suas condições a partir de amanhã, porque espalharei a coisa por toda a escola, que se uma dor nas costas é aceita... Que prova você tem? Então por que não uma dor de cabeça? Por que não uma dor de estômago?”

Ele disse, “Acho que você tem algo a ver com essas cascas de banana aqui.”

Eu disse, “Talvez você está certo, mas não pode provar, e acredito apenas nas coisas que podem ser provadas.”

Ele disse, “Você pode me fazer pelo menos um favor: você pode levar o meu formulário para o diretor?”

Eu disse, “Levo o seu formulário, mas lembre-se, a partir de amanhã você para com aquelas condições, porque às vezes tenho dor de cabeça, às vezes tenho dor de estômago, porque estou acostumado a comer todos os tipos de frutas verdes – quando você está roubando do jardim das outras pessoas, você não pode pedir para que as frutas estejam maduras. E só antes delas estarem maduras é possível pegá-las; uma vez que elas estejam maduras as pessoas as pegam. Então sofro de dor de estômago.” E certamente, a partir daquele dia, ele parou com aquelas condições. Ele só olhou para mim, sorriu e começou a sua aula.

Os estudantes estavam simplesmente chocados, “O que aconteceu com ele? E as condições?” Levantei-me e disse, “Tenho muita dor no meu estômago.”

Ele disse, “Você pode ir.” Aquela era a primeira vez... Ele me disse à noite quando veio ver meu pai, “Essa foi a primeira vez que deixei alguém sair por causa de uma dor de estômago... porque essas pessoas são tão imaginativas e inventivas.” E ele disse ao meu pai, “O seu garoto é perigoso.”

Eu disse, “De novo você está tentando fazer algo que não pode provar, você está apenas assumindo. Eu estava apenas saindo para uma caminhada matinal e vi você cair, e fui até lá para ajudá-lo levantar-se. Você acha que é errado ajudar alguém?”

Ele disse, “Não, não é errado ajudar alguém; mas quem colocou aquelas cascas de banana lá?”

Eu disse, “Isso você terá que descobrir – é a *sua* casa. Foi apenas coincidência que eu estava passando para uma caminhada matinal; e meu pai sabe que todo dia saio para uma caminhada matinal.”

Meu pai disse, “Isso é verdade, ele vai todo dia. Mas é possível ter sido ele. Mas, a menos que você o prove, não funciona: temos que provar as coisas para ele. Se ele ganha argumentativamente, então mesmo que estejamos certos, ele é o ganhador e nós somos os perdedores. Ele me contou toda a história da sua dor nas costas, e que desde então você parou com suas duas condições.”

Meu pai também havia sido seu estudante. Ele disse, “Isso é estranho, porque você nunca começava sem aquelas duas condições.”

O meu professor disse, “Nunca antes eu tive esse tipo de estudante. Tive que alterar todo o meu plano porque é perigoso estar em conflito com ele; ele poderia ter me matado.”

Eu era muito jovem, talvez doze anos de idade quando um ser humano muito estranho visitou a nossa casa. Meu pai trouxe-o porque ele era culto – e não

apenas culto, ele tinha algumas experiências próprias autênticas. Talvez ele não era iluminado naquele momento, é impossível para mim lembrar-me exatamente. Não posso nem lembrar da sua face. Eu só sei que ele era um sufi, um místico islâmico, e meu pai estava ouvindo-o.

Ele pensou que o místico poderia fazer algo, sugerir algo, convencer-me de algo, porque todo mundo estava preocupado comigo. Embora eu estivesse vivendo na casa, todos eles sentiam que eu era um estranho. E eles não estavam errados. Enfim, a minha presença não era como se alguém estivesse presente.

O meu pai trouxe esse místico sufi, pensando talvez que ele pudesse ser útil. E meu pai estava intrigado, a minha família estava intrigada porque o que o homem fez... Eles me deram uma sala separada para que eu não fosse um incômodo constante para eles, porque estar apenas sentado ali, sem fazer nada, era o suficiente para irritá-los – eles todos estavam fazendo algo, todo mundo estava trabalhando, e eu estava sentado com os olhos fechados, meditando.

Então eles me deram um quarto separado com uma entrada independente. O Sufi veio com o meu pai e ele deu voltas cheirando as paredes, esse canto, aquele canto. O meu pai disse, “Meu Deus, eu trouxe-o para conscientizá-lo. Ele parece estar louco.”

O meu quarto era absolutamente vazio. Sempre amei o vazio, porque apenas o vazio pode ser absolutamente limpo. Qualquer coisa que você seguir coletando em seu quarto, mais cedo ou mais tarde se torna quinquilharia. Então eu não tinha nada no meu quarto.

O meu pai olhou para ele, olhou para mim e disse, “Convidei-o, então vamos ver o que ele faz.”

Então ele veio e começou a cheirar-me. Ora, isso era demais. Meu pai disse, “Expliquei-lhe que o meu garoto é um pouco excêntrico – e você está confirmando as suas excentricidades!”

“Não,” ele disse, “Posso sentir o cheiro do quarto e posso sentir o cheiro dele. É o cheiro do silêncio, a fragrância do silêncio. Você deve sentir-se abençoado por ter tal filho. Tive que cheirar os dois para ver se essa fragrância pertence à sua presença. Ela pertence à presença dele, este quarto está cheio da presença dele. Não o perturbe.” E ele pediu as minhas desculpas, dizendo, “Perdoe-me; perturbei-o vindo até o seu quarto.”

O meu pai o levou para fora, voltou e disse, “Eu pensava que só você fosse louco. Existem pessoas ainda mais loucas – cheirar o quarto!”

Mas eu lhe disse, “A sua casa é a sua extensão: de uma forma sutil, ela lhe representa. E o homem que você trouxe é certamente um grande ser humano, um homem de visão e entendimento.”

Na minha infância na minha vila... Todas as vezes que os islâmicos celebram os feriados de Muharram, algumas pessoas são “possuídas pelo espírito santo.” O espírito santo é chamado *wali*. Algumas pessoas eram consideradas santas – elas eram possuídas pelos *walis* – dançavam e gritavam, e era possível fazer perguntas.

E elas não deviam correr, então as suas mãos eram amarradas com cordas, e duas pessoas as mantinham sob controle. Havia muitos *walis*, e cada *wali* tinha sua própria multidão e as pessoas vinham com doces e frutas – alguém que havia recebido uma bênção no ano passado e teve um garoto, um filho; alguém que casou-se, ou alguém que veio para ganhar uma bênção para o futuro.

Apenas islâmicos participavam. Mas sempre gostei de todo tipo de entretenimento. Os meu pais me diziam frequentemente, “Ouça, esse é o festival dos islâmicos e você não deve ir até lá.”

Eu disse, “Não sou nem hindu, nem islâmico, nem jaina, nem alguém. O que vocês querem dizer – que não posso desfrutar nada? Todos os festivais pertencem à mesma religião. Na verdade, não pertencço a nenhuma religião, então posso participar de todos os festivais.” Então eu ia até lá.

Uma vez consegui segurar a corda para um *wali* que era apenas um homem ordinário e uma fraude. Eu havia dito-lhe antes, “Vou expô-lo se você não me deixar segurar a sua corda.”

Ele disse, “Você pode segurar a corda, e você pode pegar alguns doces também, mas não diga nada a ninguém.”

Nós dois costumávamos ir à mesma quadra esportiva – foi assim que nos tornamos amigos, e ele próprio me disse que aquilo era inteiramente falso. Então eu disse, “Isso significa que irei; se é falso, você tem que compartilhar isso.”

Fui até lá com uma agulha longa, para que eu pudesse fazê-lo pular. Ele tornou-se o *wali* mais famoso porque nenhum outro *wali* estava pulando tão alto!

Ele não podia dizer nada sobre o que estava acontecendo – porque ele estava possuído pelo *wali* e o *wali* não pode ter medo de uma agulha. Então ele não podia dizer nada, e segui perfurando-o com a agulha. Ele conseguiu ganhar quase quatro vezes mais doces, mais frutas, mais rúpias... mais pessoas vinham ganhar a sua bênção.

Ele disse, “Isso é ótimo, mas você me torturou muito!”

A partir daquele dia havia sempre uma demanda por mim – todo *wali* queria que sua corda fosse dada a mim, porque qualquer um que tinha a mim como assistente tornava-se o maior *wali* – imediatamente, no mesmo dia.

Por dez dias a função continuou, e nenhum *wali* me queria novamente no próximo dia! Eles me diziam, “Vou fugir da cidade se você vier de novo!”

Eu disse, “Não há necessidade. Todos os outros tolos que não sabem o que está acontecendo me querem... Dê-me apenas metade do que você ganhou – porque ainda assim você terá o dobro.”

E descobri que quase todo mundo era uma fraude – porque eu podia fazer todo mundo pular com minha agulha. Nem uma única pessoa em toda a cidade era uma pessoa autêntica que estava possuída ou algo do tipo. Elas estavam apenas fingindo – gritando, berrando, dizendo coisas que ninguém podia entender, mas as pessoas tinham que tentar compreender.

E os *maulvis*, os eruditos islâmicos, explicam qual é o significado daquilo: “Você foi abençoado, o seu desejo será realizado” – e quem se preocupa com qual desejo será realizado ou não? Se cem pessoas vinham, pelo menos os desejos de cinquenta pessoas seriam realizados. Essas cinquenta pessoas voltariam e espalhariam a ideia. As outras cinquenta também voltariam – não ao mesmo wali, mas a outros walis que estavam lá, porque o primeiro wali que elas foram aparentemente não funcionou: “Talvez ele não era suficientemente poderoso.”

E os meus walis eram os mais poderosos. O poder deles era decidido quanto mais alto eles pulavam, quanto gritavam e berravam.

E todo mundo me perguntava porque os meus walis faziam aqueles gestos para mim...

Eu disse, “Essa é uma linguagem espiritual – vocês não entenderão.”

Na minha infância havia um problema diário com os meus pais. Eu disse-lhes muitas vezes, “Uma coisa que vocês devem entender é que se vocês querem que eu faça algo, não falem para mim, porque se vocês me falam que tenho que fazer algo, então farei justamente o oposto – não importa o que aconteça.”

O meu pai disse, “Você fará justamente o oposto?”

Eu disse, “Exatamente, justamente o oposto. Estou pronto para qualquer punição, mas vocês são realmente responsáveis, não eu, porque deixei claro desde o início que se vocês querem que eu faça algo não falem para mim. Permitam-me encontrá-lo por mim mesmo.

“Uma vez que me ordenam, estou determinado a desobedecer, mesmo que eu saiba que o que vocês estão falando esteja correto; mas essa não é a questão. Essa pequena coisa, ou sua correção, não importam muito. É uma questão de toda a minha vida. Quem estará no controle? Essas pequenas coisas certas e erradas não me importam – o que importa?

“O que importa para mim – sendo uma questão de vida e morte – é quem estará no controle. Vocês estarão no controle ou eu estarei no controle? A vida é minha ou de vocês?”

Poucas vezes eles tentaram e descobriram que eu estava determinado. Eu simplesmente faria o oposto. É claro que não era o certo, o que eles queriam era o certo. E não havia uma negação da minha parte. Eu disse, “O que vocês queriam era o certo. Mas o fato de *vocês* o quererem não estava certo; vocês deveriam deixar-me querer. Vocês foram impacientes; vocês me forçaram a tomar a ação oposta. Agora que as coisas deram errado quem é o responsável?”

Por exemplo, meu avô estava doente. O meu pai estava saindo e me disse, “Você está aqui e você é um grande amigo do seu avô, então cuide pelo menos um pouco. Esse remédio tem que ser ministrado às três horas, e aquele remédio tem que ser ministrado às seis horas.”

Fiz exatamente o contrário – dei o remédio que era para ser dado às seis horas às três, e dei o remédio que era para ser dado às três às seis horas... alterei toda a ordem. É claro que meu avô ficou ainda mais doente. E quando meu pai veio ele disse, “Isso é demais. Nunca imaginei que você faria isso.”

Eu disse, “Você deveria ter imaginado. Você deve começar a imaginar, visualizar. Se eu disse, tenho que fazê-lo mesmo que isso signifique pôr meu avô em perigo. E eu lhe disse que inverti a ordem porque tive que fazer dessa maneira. E ele concordou comigo.”

O meu avô era uma joia de homem. Ele disse, “Você faz exatamente o que diz. Permaneça determinado. Minha vida eu vivi, sua vida está à frente. Não seja controlado por ninguém. Mesmo se eu morrer, nunca sinta-se culpado por isso.”

Ele não morreu, mas tive que tomar uma decisão arriscada. O meu pai parou de pedir-me para fazer as coisas a partir daquele dia. Eu disse, “Você pode sugerir, não pode ordenar. Você tem que aprender a ser respeitoso com seu próprio filho, porque, no que diz respeito aos nossos seres, quem é o pai e quem é o filho? Você não me possui, eu não lhe possuo; é apenas um encontro acidental entre dois estranhos. Você não tinha ideia de quem você iria conceber. Eu não tinha ideia de quem seria o meu pai, a minha mãe. Foi apenas um encontro acidental na estrada.

“Não tente explorar a situação. Não tire vantagem porque você é poderoso, porque você tem dinheiro, e eu não tenho nada. E não me force, porque isso é feio. Você sugere para mim. Você pode sempre me dar uma sugestão: ‘Esta é a minha sugestão – você pode pensar sobre ela. Se você sentir que é certo, você a faz; caso contrário não a faça.’”

E vagarosamente estabeleceu-se que a minha família me daria apenas sugestões. Mas eles tiveram uma surpresa, porque comecei a dar sugestões também. Meu pai disse, “Esse é um desenvolvimento novo. Você não nos falou sobre isso.”

Eu disse, “É simples. Se vocês podem me dar sugestões porque vocês são experientes, maduros, também posso lhes dar sugestões porque sou inexperiente. E esta não é exatamente uma desqualificação, porque todas as grandes invenções no mundo aconteceram através das pessoas inexperientes. As pessoas experientes

seguem repetindo a mesma coisa – por causa da experiência elas sabem o método ‘certo’; elas não podem inventar nada.”

Para inventar você tem que ser ignorante do método “certo” que sempre foi feito, somente então você pode abrir novos caminhos. Apenas uma pessoa inexperiente terá a coragem de ir até o desconhecido.

Então eu disse, “Vocês têm uma qualificação de experiência, eu tenho uma qualificação de inexperiência. Vocês são maduros, mas a maturidade também significa que o espelho de vocês não está tão limpo quanto o meu; muita poeira acumulou-se sobre ele. Sim, vocês viram muito sobre a vida – então essa é a sua qualificação.

“A minha qualificação é, eu não vi nada da vida. Nenhuma poeira acumulou-se sobre o meu espelho – o meu espelho reflete mais claramente, mais precisamente. O seu espelho pode simplesmente imaginar que está refletindo. Pode ser apenas uma velha memória flutuando, não uma reflexão real da realidade objetiva.

“Então isso tem que ser assim: se vocês puderem dar-me sugestões, também posso dar sugestões a vocês. Não estou dizendo para vocês segui-las. Não é uma ordem. Vocês podem pensar sobre elas assim como eu pensarei sobre as suas sugestões.”

Meu pai costumava ir pelo menos três ou quatro vezes por ano a Mumbai, e ele perguntaria para todas as crianças, “O que você gostaria de ganhar?” E também me perguntaria, “Se você quiser qualquer coisa posso anotar e trazer de Mumbai.”

Eu nunca pedi nada. Uma vez eu disse, “Só quero que você volte mais humano, menos paternal, mais amigável, menos ditatorial, mais democrático. Traga um pouco mais de liberdade para mim quando você voltar.”

Ele disse, “Mas essas coisas não estão disponíveis no mercado.”

Eu disse, “Eu sei que elas não estão disponíveis no mercado, mas essas são as coisas que eu gostaria: um pouco mais de liberdade, uma corda um pouco maior, menos ordens, menos mandamentos, e um pouco de respeito.”

Nenhuma criança pede respeito. Vocês pedem brinquedos, doces, roupas, uma bicicleta e coisas assim. Vocês conseguem-nas, mas essas não são as coisas que tornarão as suas vidas bem-aventuradas.

Eu lhe pedia dinheiro apenas quando queria comprar mais livros; nunca pedi dinheiro para mais nada. E eu lhe disse, “Quando peço dinheiro para livros é melhor você me dar.”

Ele disse, “O que você quer dizer?”

Eu disse, “Simplesmente quero dizer que se você não me der então terei que roubá-los. Não quero ser um ladrão, mas se você forçar-me então não haverá outro modo. Você sabe que não tenho dinheiro. Preciso desses livros e os terei, você sabe disso. Então se o dinheiro não me for dado, terei que pegá-los; e lembre-se na sua mente que foi você quem forçou-me a roubar.”

Ele disse, “Não há necessidade de roubar. Sempre que você precisar de dinheiro você simplesmente vem até aqui e pegue.”

E eu disse, “Garanto que é apenas para os livros,” mas não havia necessidade de garantia porque ele via minha biblioteca crescendo em casa.

Aos poucos não havia espaço na casa para nada além dos meus livros.

E meu pai disse, “Primeiro nós tínhamos uma biblioteca em nossa casa, agora na biblioteca temos uma casa! E todos nós temos que cuidar dos seus livros, porque se alguma coisa acontece com qualquer livro você faz tanto barulho, você cria tanto problema, que todo mundo tem medo dos seus livros. E eles estão em todos os lugares; não é possível evitar tropeçar neles. E existem crianças pequenas...”

Eu disse, “Crianças pequenas não são problemas para mim; os problemas são as crianças mais velhas. As crianças pequenas – respeito-as tanto, que elas protegem muito bem os meus livros.”

Era uma coisa estranha de se ver na minha casa. Os meus irmãos e irmãs mais jovens, todos protegiam os meus livros quando eu não estava em casa: ninguém podia tocar nos meus livros. E eles os limpavam e os mantinham nos lugares certos, em qualquer lugar em que eu os havia deixado, para que eu encontrasse qualquer livro quando precisasse. E era uma questão simples porque eu era tão respeitoso para com eles, e eles não podiam mostrar o seu respeito de nenhuma outra forma, além de serem respeitosos para com os meus livros.

Eu disse, “Os problemas reais são as crianças mais velhas – meus tios, tias, as irmãs do meu pai, os cunhados do meu pai – essas são as pessoas problemas. Não quero que mais ninguém marque os meus livros, sublinhe-os, e essas pessoas seguem fazendo isso.” Odiava a própria ideia de alguém sublinhando os meus livros.

Um dos cunhados do meu pai era professor, então ele devia ter o hábito de sublinhar. E ele encontrou tantos livros belos, que sempre que ele vinha ele escrevia notas nos *meus* livros. Tive que dizer-lhe, “Isso não é apenas rude, selvagem, isso mostra que tipo de mente você tem.

“Não quero livros de bibliotecas, não leio livros de bibliotecas, pela simples razão que eles estão sublinhados, marcados. Outra pessoa enfatizou algo. Não quero isso, porque sem que você saiba, aquela ênfase entra na sua mente. Se você está lendo um livro e algo está sublinhado em vermelho isso destaca-se. Você leu toda a página, mas aquilo destaca-se. Essa parte deixa um impacto diferente na sua mente.

“Tenho aversão ao livro de outrem, sublinhado, marcado. Para mim é como alguém indo a uma prostituta. Uma prostituta não é nada além de uma mulher sublinhada e marcada – notas em todo o seu corpo, de diferentes pessoas, em diferentes línguas. Você gostaria de uma mulher nova, não sublinhada por alguém.

“Para mim um livro não é um livro, é um caso de amor. Se você sublinhar qualquer livro, então você terá que pagar por ele e levá-lo. Então não vou querer esse livro aqui, um peixe sujo pode sujar todo o lago. Não quero nenhum livro prostituído – você o leva.”

Ele ficou muito bravo porque não pôde entender. Eu disse, “Você não me entende porque não me conhece muito. Apenas fale com meu pai.”

E meu pai disse-lhe, “Foi sua culpa. Por que você sublinhou o livro dele? Por que você escreveu uma nota no livro dele? A qual propósito isso lhe serviu? – porque o livro vai permanecer na biblioteca dele. Em primeiro lugar, você não lhe pediu permissão – que você queria ler o livro.

“Nada acontece aqui sem permissão, se a coisa é dele; porque, se você levar a coisa *dele* sem permissão, então ele começa a pegar as coisas de todo mundo sem permissão. E isso cria problema. No outro dia um dos meus amigos estava indo pegar o trem, e ele pegou a maleta dele...”

O amigo do meu pai estava ficando louco: “Onde está a maleta?”

Eu disse, “Eu sei onde ela está, mas na sua maleta está um dos meus livros. Não estou interessado na sua maleta, estou simplesmente tentando salvar o meu livro.” Eu a abri – eu havia falado, “Abra a maleta,” mas ele estava muito relutante, porque havia roubado o livro – e o livro foi encontrado. Eu disse, “Agora você paga a multa, porque isso é simplesmente bárbaro.

Você era um convidado aqui; nós o respeitamos, o servimos. Fizemos tudo por você – e você roubou um livro de um pobre garoto que não tem dinheiro; um garoto que tem ameaçado o seu pai que ‘Se você não me der dinheiro, então vou roubar. E então não pergunte, por que você o fez? – porque roubarei sempre que eu puder.’

“Esses livros não são baratos – e você o colocou na sua maleta. Você não pode enganar os meus olhos. Quando entro no meu quarto, eu sei se os meus livros estão todos lá ou não, se algo está faltando.”

Então o meu pai disse ao professor que sublinhou o meu livro, “Nunca faça isso a ele. Leve esse livro e substitua-o por um novo.”

Na minha cidade natal havia um monastério onde um seguidor muito famoso de Kabir, Sahibdas, viveu muito tempo antes de mim. Mas ele deixou um grande

monastério, um enorme templo e muitas cavernas para os meditadores. Elas eram cavernas muito belas, porque o seu monastério é muito próximo do rio. Nas pequenas colinas do lado do rio ele fez essas cavernas e dentro das cavernas havia pequenos lagos. Vocês podem entrar na caverna, andar de uma caverna para outra, embora algumas estejam bloqueadas; ou a água preencheu-as completamente, ou a terra desmoronou. Mas é algo belo de se ver.

Somente sentar-se naquelas cavernas... elas são tão silenciosas – nem mesmo uma brisa chega até lá. Eles as fizeram exatamente na proporção certa para que um ser humano possa viver ali sem ficar sem oxigênio, porque o fluxo de ar não vem de fora. Mas o tamanho da caverna é suficiente para prover oxigênio para alguém por pelo menos três meses. Então as pessoas eram enviadas para essas cavernas para meditar.

Eu era muito jovem; Sahibdas devia ter morrido vinte ou trinta anos antes de eu nascer. Mas o seu sucessor, Satyasahib, eu conhecia muito bem, e ele era um idiota. Como acontece, por alguma razão particular, os santos de alguma forma atraem os idiotas.

Não sou um santo, então vocês não precisam se preocupar! Mas os santos atraem os idiotas; talvez há um certo equilíbrio que a natureza precisa manter, que se houver um santo então um certo número de idiotas são necessários para manter o equilíbrio. A natureza acredita no equilíbrio; ela continuamente equilibra tudo.

Esse Satyasahib era um total idiota, mas era um grande amigo do meu pai. Então foi por causa do meu pai que comecei a ir lá, a andar e observar aquelas cavernas. Era um monastério realmente enorme, e o homem – seu mestre – deve ter tido grande influência.

Agora não havia mais ninguém, exceto Satyasahib, o seu sucessor; todo mundo foi embora. Havia grandes jardins, campos, e o monastério é em um local muito isolado, muito verde e com o rio bem ao lado. O mestre de Satyasahib estava enterrado nos campos do monastério.

Na Índia muitas religiões não cremam os seus santos; todas as outras pessoas são cremadas. Mas algumas religiões – por exemplo, os *kabirpanthis* – não cremam os seus santos, porque os seus corpos tiveram contato com uma grande alma. Eles associaram-se com algo tão grande, que destruí-los não é certo.

Então os seus corpos tinham que ser enterrados assim como os cristãos e os islâmicos os fazem: um *samadhi*, um túmulo, é feito. Não é chamado de túmulo, é chamado de *samadhi* – a mesma palavra utilizada para o estado último de consciência. Pois como o homem alcançou o *samadhi*, o seu túmulo não é um túmulo ordinário; é um símbolo do *samadhi*, da consciência última.

O monastério era enorme e apenas uma pessoa estava vivendo ali. E os *samadhis* dos *kabirpanthis* não são completamente fechados; eles têm um lado deslizante para que todo ano o corpo seja retirado e o santo adorado novamente.

Um dos meus professores era ateu. Eu lhe disse, “O seu ateísmo está perfeitamente certo, mas você acredita em fantasmas ou não?”

Ele disse, “Fantasmas? Não acredito nem em Deus, por que eu deveria acreditar em fantasmas? Eles não existem.”

Eu disse, “Antes de dizer isso, dê-me uma chance de provar que eles existem, porque tenho me encontrado com um fantasma – eu o vejo, falo com ele. E ele é o fantasma de um grande homem, Sahibdas.”

Ele disse, “Tudo bobagem! Você deve ter ouvido a ideia daquele idiota, Satyasahib. Ele segue falando sobre seu guru; ninguém ouve, mas ele continua falando. Vi que você tem ido até lá.

Eu disse, “Está certo que você tem me visto indo até lá, mas você não sabe que tenho me encontrado com o mestre dele, que ele próprio não conseguiu encontrar.”

O meu professor olhou com suspeitas, mas soei da forma como sempre sou – com muita certeza. Eu disse, “Não há problema, uma discussão não é necessária. A discussão virá depois; primeiro permita o encontro...”

Ele começou a ter um pouco de medo. Eu disse, “Não tenha medo, estarei com você e três ou quatro dos meus amigos estarão lá, porque temos que deslizar a porta, que é pesada; então temos que retirar o corpo.”

Ele disse, “Todas essas coisas terão que ser feitas?”

Eu disse, “Sim, elas terão que ser feitas. O corpo tem que ser retirado; somente então posso pedir para Sahibdas materializar-se. Apenas uma coisa você tem que ter consciência: de não fazer qualquer barulho, porque se o sucessor dele, Satyasahib, levantar, então haverá problemas, porque isso é muito contra a religião deles. Apenas em um dia no ano – o aniversário do dia que ele morreu – eles podem retirar o corpo. E isso é absolutamente contra a religião deles. Haverá um grande problema.

“Então fique muito quieto e em silêncio. E se surgir qualquer situação que você tenha que correr, então não espere por ninguém e não chame o nome de ninguém; simplesmente fuja. Tenha cuidado, porque esse é o problema: o fantasma às vezes lhe segura, particularmente as suas roupas. Então tenha cuidado.”

Esse professor era um bengali – vestindo uma *kurta* longa e o *dhoti* – e os bengalis usam roupas muito largas, então qualquer um que é inútil, que não consegue correr, que não consegue fazer qualquer tipo de trabalho pesado é chamado de “Bengali Babu.” Na Índia, ser chamado de “Bengali Babu” é um insulto. Esses são os dois extremos. Se alguém lhe chamar “Sardarji,” isso é um insulto. Isso significa que você não tem mente – não no sentido que você é um meditador, mas no sentido que você é um Aiatolá Khomeini. Ou se alguém lhe chamar de “Bengali Babu,” isso significa que você é apenas inútil.

E os bengalis têm hábitos estranhos: o dhoti deles é tão largo, que se eles correrem, necessariamente eles cairão. Eles carregam continuamente um guarda-chuva, doze meses por ano. Não importa se está chovendo, se está quente ou não. E na Índia as estações do ano são muito fixas; vocês não precisam carregar um guarda-chuva por todo o ano. Em toda a Índia ninguém carrega um guarda-chuva pelo ano inteiro, exceto os Bengalis Babus – de alguma maneira, tornou-se parte do seu estilo. Eles carregam o guarda-chuva continuamente, uma bagagem desnecessária, por nenhuma razão.

Então eu disse para o meu professor – Bhattacharya era seu sobrenome – eu disse, “Senhor, deixe o seu guarda-chuva, porque se ele agarrar o seu guarda-chuva – esses fantasmas *agarram* as coisas...”

Ele disse, “Não posso deixar o meu guarda-chuva. Sem o meu guarda-chuva sinto-me como se estivesse nu, ou como se algo continuamente faltasse.”

“E,” eu disse, “você tem que apertar o seu dhoti, porque se ele cair aberto então você terá que correr nu. E esses fantasmas são fantasmas: eles não acreditam em seus costumes, na sua etiqueta. Eles podem agarrar o seu dhoti e você terá que correr sem o seu dhoti.”

Ele disse, “Mas ele é um santo!”

Eu disse, “Ele é um santo, mas agora é um fantasma também. Mas depende de você: você pode vir da forma que quiser.”

Ele foi. O seu dhoti estava o mais apertado possível. O jeito que eles usavam... o dhoti pode ser utilizado de muitos jeitos. Os maharashtrianos usam-no da melhor maneira; então ele funciona quase como um pijama – dividido em dois. Você pode correr, você pode trabalhar com ele.

Os bengalis usam-no da pior maneira. A parte que eles dobram nas costas fica tão frouxa que ela segue tocando o chão, e a outra parte que eles dobram na frente dele, esta também segue tocando o chão. É uma trapalhada.

Fomos no meio da noite. Escolhemos uma noite escura, quando não havia lua, porque se o seu sucessor nos visse... E eu precisava de uma noite escura para os fantasmas – porque eu tinha um jovem pronto para ser o fantasma, para agarrar o dhoti de Bhattacharya se ele não viesse com o seu guarda-chuva.

O túmulo era grande porque os panthis tinham que retirar o corpo; era preciso retirar o caixão. Mas o túmulo era suficientemente grande para que do lado do caixão o *meu* fantasma pudesse ficar deitado. Então esse era o combinado, que nós retiraríamos o nosso homem e naquele exato momento um de nós derrubaríamos algo e alguém gritaria e a correria começaria. E antes que Bhattacharya pudesse ver quem o fantasma era, o fantasma agarraria algo dele. E foi isso o que aconteceu.

Deu tudo perfeitamente certo. O fantasma agarrou o seu dhoti e Bhattacharya... Vocês não acreditam no que um homem realmente com medo pode se transformar. Ele não esperou para que o dhoti caísse por si só; ele próprio

o abriu! Dhoti, guarda-chuva... O fantasma não pegou o guarda-chuva porque o fantasma estava deitado e o guarda-chuva estava debaixo do braço de Bhattacharya. Mas Bhattacharya pensou, “Quem sabe? – ele pode pular para pegar o guarda-chuva!” E quando ele começou a tirar a sua kurta eu disse, “O fantasma está satisfeito – por favor!”

Dois dias depois eu lhe perguntei, “E o seu ateísmo?”

Ele disse, “Era tudo um disparate; fui um tolo. Você está certo – Deus existe. Mas que noite estranha!”

Eu disse, “Você poderia pelo menos me agradecer – salvei a sua kurta.”

Ele disse, “Disso eu me lembro, eu estava a jogando fora porque se o fantasma começasse a segurar em algo então eu seria pego. Pensei, ‘Vou abandonar tudo, porque pelo menos posso alcançar a minha casa. No máximo as pessoas ririam e seria embaraçoso.’ E *foi* embaraçoso: quando cheguei lá com a minha kurta...”

Fizemos todos os arranjos para que as pessoas estivessem lá; caso contrário no meio da noite quem veria? Em uma cidade pequena todas as pessoas vão dormir por volta das nove, no máximo dez. Naqueles dias não havia filmes, “filmes com falas”, então por volta das nove a cidade estaria quase deserta. Então nós arranjamos, “Algo realmente grande acontecerá: apenas esperem. Por volta da meia noite vocês verão Bhattacharya chegando em casa nu.”

Eles disseram, “Nu?”

Dissemos, “Mas não contem para ninguém. Ele estará até sem o seu guarda-chuva!”

Então as pessoas estavam realmente excitadas e esperavam, todo mundo deitado em suas camas. No verão, na Índia, as pessoas dormem com as suas camas nas ruas. Todos estavam deitados, mas acordados, e conforme Bhattacharya chegou, havia uma grande multidão: tochas e lâmpadas e as pessoas.

Bhattacharya estava transpirando e tremendo, então tivemos que dizer às pessoas, “Isso não está certo – vocês devem ir. Ele encontrou um fantasma e agora vocês estão incomodando-o. Ele pode morrer, ele sofreu um grande choque.”

Levamos ele para dentro; demos um bom banho frio, e jogamos muitos baldes de água nele, até trazê-lo de volta aos seus sentidos. Foi muito difícil trazê-lo de volta, mas finalmente ele disse, “Sim, agora estou sentindo-me melhor, mas onde está aquele fantasma?”

Eu disse, “Ele se foi. Fechamos o caixão.”

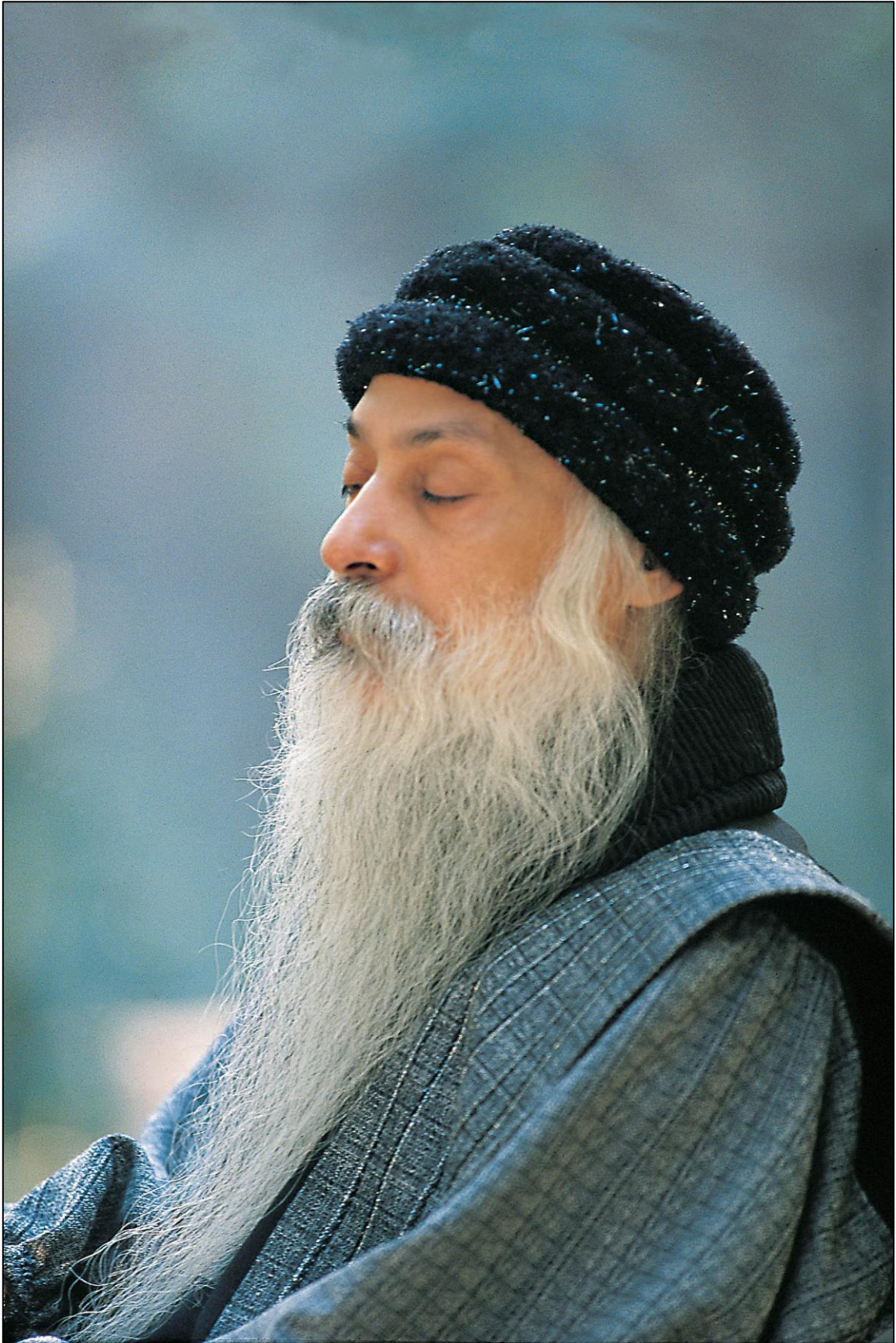
“E meu guarda-chuva e dhoti?”

Eu disse, “Trouxemos eles, porque nós oramos para o fantasma: ‘O pobre Bhattacharya é um homem muito pobre e você é um santo. É uma punição suficiente para o ateu; mais do que é necessário’ – então ele os deu de volta para você.”

A partir daquele dia vimos que Bhattacharya ia todo dia de manhã colocar flores naquele samadhi, orar e adorar ali.

Eu disse, “Você se tornou um kabirpanthi?”

Ele disse, “Tive que tornar-me um kabirpanthi. Estou lendo as escrituras dos kabirpanthis, os dizeres de Kabir, as músicas de Kabir – elas são realmente belas. Mas devo agradecê-lo,” ele me disse. “Se você não tivesse arranjado aquele encontro com o fantasma, eu teria morrido ateu.”



OSHO

Vislumbres de uma Infância Dourada

“A vida é sempre simples e complexa, ambas – simples como uma gota de orvalho, e também tão complexa como uma gota de orvalho, porque a gota de orvalho pode refletir o céu inteiro, e ela contém também todos os oceanos. E certamente ela não durará para sempre... talvez apenas alguns minutos, e então foi-se para sempre. Enfatizo o *para sempre*. Então não há como voltar com todas aquelas estrelas e oceanos.” – Osho

“Se vocês aproximarem-se desse livro esperando lógica, vocês não a encontrarão. Os mestres não são lógicos. O que vocês encontrarão é vida, em toda a sua loucura, todo o seu amor, todo o seu riso!

Se vocês lerem esse livro com um coração aberto, se puderem pôr de lado o “adulto” sério, vocês também poderão ter alguns vislumbres de suas crianças interiores. Vocês também poderão começar a brincar dentro.” – Deva Abhinandan